HE
355
.G3817
1873

Joaquim Pompeu de Campos
MACEIÓ

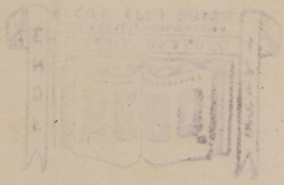
A FRANC-MAÇONARIA

E

A REVOLUÇÃO

"SEBO"
LIVRARIA BRANDÃO
RUA 7 DE SETEMBRO 195 - LOJA 4
RECIFE (PE) BRASIL
FONE 24171

18/6



I.EN333

A FRANC-MAÇONARIA

E

A REVOLUÇÃO

PELO

PADRE FRANCISCO XAVIER GAUTRELET

DA

COMPANHIA DE JESUS

COM APPROVAÇÃO DA AUTHORIDADE ECCLESIASTICA

TRADUZIDA DO ORIGINAL FRANCEZ

POR

FRANCISCO D'AZEREDO TEIXEIRA D'AGUILAR

CONDE DE SAMODÃES

MINISTRO E SECRETARIO D'ESTADO HONORARIO

PRECEDIDA

D'UM PROEMIO DO TRADUCTOR

A RESPEITO DA MAÇONARIA PORTUGUEZA

A Franc-Maçonaria é o instrumento geral da philosophia e laboratorio da revolução.

(Martin, *Historia de França*, t. XVI, p. 535).

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON
96, Largo dos Clerigos, 98
PORTO

EUGENIO CHARDRON
4, Largo de S. Francisco, 4-A
BRAGA

1873

The OLIVEIRA LIMA LIBRARY
The Catholic University of America

Purchased through the Lima Fund

50254
M.C.G 275f

PORTO
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
62, Rua da Cancella Velha, 62
—
1873

Ao Exc.mo e Rev.mo Snr.

D. FREI VITAL MARIA GONÇALVES D'OLIVEIRA

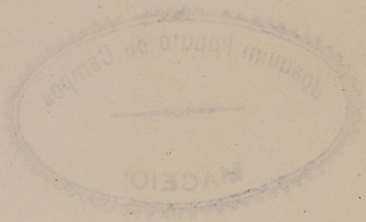
BISPO DE OLINDA

EM TESTEMUNHO DE RESPEITO E ADMIRAÇÃO

DEDICA

O traductor.

Binding repaired 6/94



Exc.mo e Rev.mo Snr.

Indo publicar a traducção da importantissima obra do padre Gautrelet, intitulada = a Franc-Maçonaria e a Revolução =, não podia eu esquecer o nome de V. Exc.a Rev.ma, que, seguindo o alto exemplo do Chefe Supremo da igreja, levantou um grande brado na abençoada terra de Santa Cruz contra a seita maçonica, que pelos violentos ataques, endereçados contra a religião catholica, apostolica romana, tão graves damnos ha causado á sociedade. O brado de V. Exc.a Rev.ma fez echo n esta velha nação portugueza, mãi da brazileira, como o fez em todo o mundo, e já das eminencias do Vaticano ouviu V. Exc.a Rev.ma as palavras de merecido louvor e alento, que lhe dirigiu o Doutor e Mestre infallivel da doutrina e da fé.

Acompanhando a V. Exc.a Rev.ma todos os preclaros membros do episcopado brazileiro, teceram elles devidos encomios á coragem, verdadeiramente evangelica, á firmeza e

DEC 8 '73
P.G. VIEIRA
$5.00

constancia, com que V. Exc.ª Rev.ma sustenta intemeratos os direitos da igreja, e promove o derramamento da doutrina da verdade entre os seus subditos espirituaes na vastissima diocese, que, por mercê de Deus, se acha confiada aos seus incessantes desvelos.

Consinta V. Exc.ª Rev.ma que um portuguez obscuro, mas sincero catholico, junte o seu nome ao de tantos varões illustres, a cuja frente vejo o Summo Pontifice, para o felicitar pelas provas, por que os infelizes sectarios do erro fizeram passar a V. Exc.ª Rev.ma e manifestar-lhe o meu respeito e admiração por meio d'esta humilde traducção para a nossa lingua de uma obra, em que a maçonaria é apresentada tal qual realmente é.

O nome illustre de V. Exc.ª Rev.ma á frente da obra será efficaz protecção para que ella chegue ás mãos de muitos, que precisam lêl-a para dissiparem quaesquer illusões, que

houvessem concebido em favor de uma associação secreta que ha tantos annos açouta as nações do velho e novo mundo, propagando as doutrinas mais obnoxias, os erros mais detestaveis.

Na pessoa de V. Exc.ª Rev.ma saudo o respeitavel corpo do episcopado brazileiro, que unido intimamente ao successor do principe dos apostolos, sem faltar ao que deve a Cesar, não consente comtudo, pelos respeitos humanos, em desobedecer a Deus e á voz do seu Vigario sobre a terra.

O procedimento de V. Exc.ª Rev.ma e de seus illustres collegas n'esse vasto imperio, não desmentido por todos os prelados do mundo inteiro, n'estes tempos tão difficeis quanto perigosos, é o signal mais evidente e providencial da vitalidade, energia e unidade da igreja, que resiste como sempre, mas hoje mais claramente do que nunca, á conspiração de homens e associações poderosas, discrepantes entre si, porém con-

formes no pensamento insensato de aniquilar a obra immorredoura de Jesus Christo.

Conserve o Todo Poderoso os preciosos dias de V. Exc.ª Rev.ma para bem dos seus diocesanos e gloria da igreja, e digne-se V. Exc.ª Rev.ma aceitar com benevolencia os protestos de elevada estima com que me prezo ser

Exc.mo e Rev.mo Snr. Bispo de Olinda.

De V. Exc.ª Rev.ma

admirador e respeitoso venerador

Porto 1.º d'agosto
de 1873.

Conde de Samodães.

PROEMIO

DO

TRADUCTOR

A Franc-Maçonaria é uma associação que aspira a uma alta origem, cuja antiguidade se perde na noite dos tempos. A despeito d'esta pretenção a sua manifestação publica é relativamente moderna, contando apenas seculo e meio de existencia. Não obstante comtudo esta data recente do seu apparecimento, a sua influencia nos successos politicos e religiosos é tão evidente, que não tem cessado de chamar a attenção dos homens em todas as nações. Por isso a seu respeito se tem escripto consideravel numero de obras, que formariam uma grande bibliotheca. Pró e contra ella os livros, que tem vindo á luz da imprensa, são tantos que se póde dizer — a Maçonaria é uma sciencia difficil e complexa.

Ultimamente foi publicado em Lyão um volumoso livro, cujo author é o padre Francisco Xavier Gautrelet, da companhia de Jesus, intitulado = A

Franc-Maçonaria e a Revolução, que apparecendo depois das obras de St. Albin, Neut, Gyr e outros escriptores, adversarios da seita maçonica, e fundando-se nos trabalhos mais estimados entre os franc-maçons, me pareceu o mais adaptado para esclarecer o publico ácerca da origem, tendencias e acção da famosa sociedade secreta.

O seculo, em que vivemos, principiou agitado pela revolução, mas quando ella já se achava refreada pela ambição de um grande homem. O excesso d'essa paixão arrastou aquelle, a quem dominára completamente, a uma ruina inevitavel e espantosa. A revolução pareceu então suspender a sua marcha e volverem os homens á antiga tranquillidade, porém o anno de 1830, quando o seculo havia percorrido a terça parte da sua carreira, tornou a manifestar os progressos da revolução. Seguiu-se um curto periodo de governos temperados e de apparente conciliação, mas quando o meio do seculo se avisinhava, a revolução tornou a adquirir toda a sua força; e a energia do sobrinho do primeiro sopeador da furia revolucionaria não conseguiu domar os seus impetos senão por curtos e interrompidos momentos. A revolução progrediu sempre e da politica passou para as questões sociaes.

Estamos presenceando constantemente o espectaculo melancolico de continuas e inesperadas catastrophes.

Derribam-se os thronos, destróem-se as monarchias, desapparecem as nacionalidades, succedem-se as guerras funestas, agitam-se as lutas intestinas, commettem-se os crimes mais horriveis, desmorona-se a

sociedade, transtorna-se a moral, negam-se todos os principios religiosos, dissolvem-se os laços da familia, divorceam-se os homens do Supremo Author de tudo quanto existe nos céos e na terra.

Não é o exterior das sociedades que a revolução procura transformar; é a sua constituição intima, os seus principios fundamentaes, a sua existencia mesma que pretende destruir, substituindo a desordem á ordem, a anarchia ao governo, o atheismo á religião, a corrupção á moral, o chaos á organisação.

No meio de todos os acontecimentos, que se succedem vertiginosamente, apparecem as sociedades secretas e as que d'ellas tiraram a regra e inspiração, tomando uma parte importante senão exclusiva nas diversas scenas em que os factos se verificam. É pois agora assumpto de grande interesse o estudo da Franc-Maçonaria e das sociedades, que lhe devem o ser, e d'ella auferiram doutrinas, incredulidade e inquietação.

A obra do padre Gautrelet sem se tornar minuciosa offerece em quadro, firmemente esboçado, o conjuncto das circumstancias, que convém considerar, para se poder apreciar imparcialmente a influencia das sociedades secretas na historia contemporanea, e prever as consequencias futuras, que se irão desenvolvendo, continuando a sociedade a ser minada e trabalhada pelos perniciosos e anarchicos principios, que formam o corpo doutrinal d'aquellas associações.

A argumentação do illustre escriptor não é no estylo declamatorio e pelo methodo moderno da calumnia; funda-se em documentos authenticos e factos incontroversos.

Não é uma diatribe ou um libello gratuito, é a compilação de muitas das confissões da Franc-Maçonaria, que apparecem por fóra do véo, que encobre os seus *segredos* incommunicaveis aos profanos.

Entendo que a divulgação d'este escripto não será inutil no paiz, a que pertenço, e não só aqui mas além-mar, n'essa nação, filha da portugueza, que floresce na America meridional, onde as funestas influencias maçonicas se principiam a provar por actos tão lamentaveis.

Houve tempo em que se procurava justificar a existencia da Franc-Maçonaria pela necessidade publica que se sentia de destruir o systema vicioso da velha monarchia, onde os cidadãos não eram livres e gemiam sob o peso da authoridade illimitada do soberano.

Não contestaria a necessidade de organisar a sociedade por modo que se evitassem os abusos da authoridade e se restabelecesse o homem na dignidade, com que foi creado pela mão poderosa de Deus. Quem duvída que nascemos livres, e que o systema politico, que nega essa liberdade é essencialmente vicioso, injusto e contrario ás leis eternas decretadas pelo Creador? Quem póde com a historia na mão combater a asseveração comprovada de que o poder durante muitos seculos foi intolerante, vexatorio, desconhecedor dos direitos communs a todos os homens e muitas vezes intoleravel e tyrannico? Se o unico meio de reformar o estado politico das sociedades era o trabalho das associações secretas, podem estas até certo ponto ser desculpadas no que fizessem para a consecução

das mudanças necessarias; mas ou ellas não deviam ter adoptado principios dissolventes e contrarios aos que Deus revelára, ou a sua creação havia necessariamente de arrastar a sociedade a calamidades muito mais violentas do que essas que se procuravam remediar por meios mais funestos do que o mal, que se combatia.

Porém, quaesquer que sejam os argumentos que se adduzam para justificar as sociedades secretas e os seus adeptos na época em que os governos rejeitavam a theoria dos principios chamados modernos, deixam elles de ter força e vigor desde que esses mesmos principios triumpharam e a sociedade se organisou politicamente pelo modo que se considerava preferivel, e se fizeram as conquistas que serviram de pretexto á luta.

A continuação das sociedades secretas nos paizes livres, onde á luz da publicidade se devem discutir todos os assumptos, é uma contradicção permanente com essa theoria mesma de governo, que aos seus trabalhos deve em parte a existencia.

Quando os factos contemporaneos e que todos os dias vêmos desenrolar ante nossos olhos não nos provassem que a Franc-Maçonaria é uma associação destruidora da sociedade em geral, a sua existencia, os seus mysterios, os segredos, os juramentos terriveis, todo o apparato de que se rodêa, tornal-a-hiam sem duvida suspeita. Interrogada sobre o motivo por que se esconde se realmente é util como pretende, responde ingenuamente = *o segredo é a alma do negocio.* = Se lhe perguntam qual é a razão porque apregoando ella tão alto as virtudes dos maçons apparecem tantos d'elles

desalmados, manchados por todos os vicios, e provando por mil maneiras a perversão do seu espirito, respondem que=não ha familia sem ladrão, nem formosa sem senão.=É o que nos diz o author da Bibliotheca Maçonica na historia maçonica que dedicou a Mahomed-Ali, em homenagem ao genio.

Estas respostas não satisfarão muito os exigentes, mas são as unicas que se conseguem.

Quaesquer que fossem as primitivas iniciações e as sociedades secretas existentes anteriormente ao seculo passado é certo que a reforma de 1717 na Grande Loja d'Inglaterra foi que deu á Franc-Maçonaria o verdadeiro principio, fundando-se o rito moderno inglez.

« Foi depois d'isto que ella passou o Estreito e veio plantar-se em França na época nefasta da regencia em 1725. Diz um author maçonico portuguez que no espaço de pouco mais de um seculo o ramo da *Acacia* e o *Pelicano* foram introduzidos em 79 estados do globo, e se é licito ajuizar do futuro pelo passado os iniciados não devem desesperar, porque cedo ou tarde a Acacia juncará a terra, e tomando a força do carvalho os seus ramos poderão dar um asylo seguro aos povos opprimidos. »

É certo que a maçonaria não considera terminada a sua missão, porque apesar de se declarar sempre estranha á politica e ás questões religiosas a sua influencia manifesta-se a cada passo em todos os acontecimentos do mundo, que tem referencia á politica ou á religião.

Na historia da Franc-Maçonaria, impressa em Lisboa em 1843, lê-se o seguinte:

« Não se diga que a Maç.·. tem terminado a sua carreira, só porque certos povos gozam de mais ou menos instrucção, e de mais ou menos liberdade, ganhada á força de sangue! Não imitemos a antiga Grecia, nem a orgulhosa Roma que embaladas na liberdade e fartas d'ella deixaram perder a iniciação e tomaram em troco ferros vergonhosos, que *ainda duram!* O jesuitismo no seculo XVI e a Santa Alliança no seculo XIX arvoraram o estandarte da rebellião para *fazer retrogradar os povos:* é preciso não nos escondermos *para os fazer avançar.*

« Soccorrer os miseraveis: recompensar a virtude e o amor da patria: espalhar a instrucção em todas as classes da sociedade; e manter as instituições nacionaes: tal é a nobre e grande missão que a Maç.·. e seus iniciados teem a preencher.

« Tempo virá em que os homens, formando um só *corpo de cosmopolitas* elevarão no centro do mundo um *templo universal, d'onde possa partir a direcção ao progresso.*

« O templo de Salomão (diz um velho Maç.·.) só será definitivamente acabado quando a *Verdade* fôr a soberana de todos os povos da terra. »

Ha em Portugal e houve-os sempre, desde que a seita maçonica se transplantou para aqui, muitos individuos que por moda, interesses, ou illusão foram procurar a iniciação ás lojas maçonicas, e comtudo não commungaram nas doutrinas de que a Franc-Maçonaria se faz propagadora. É indubitavel que existem muitos maçons, que consideram acção innocente a sua iniciação, se riem dos seus confrades e pensam

poder ser bons cidadãos e fervorosos catholicos não havendo antinomia entre esta qualidade e a de membros mais ou menos activos das sociedades secretas.

A grande maioria dos franc-maçons nada sabem da historia, dogmas, mysterios e trabalhos da sociedade, a que pertencem, e consideram como susceptibilidade injustificavel os anathemas repetidos, com que a Santa Sé tem fulminado as sociedades secretas e os seus adeptos.

É indesculpavel este procedimento, porque ninguem deve pertencer a uma associação, ou companhia de qualquer ordem, sem se fazer instruir previamente em todos os seus intentos, doutrinas e trabalhos.

O exame superficial, que se faz geralmente de todas as cousas, é o mesmo que adoptam muitos dos individuos que vão procurar a iniciação maçonica, annuindo a convites, que lhe fazem amigos, ou cedendo á perspectiva de vantagens futuras, de adquirir importancia, relações e influencia.

Um estudo minucioso dos diversos livros dos adeptos, pondo mesmo de lado os dos impugnadores da seita, bastaria para desviar muitos do precipicio em que se despenham, adoptando principios antinomicos com os da sua educação e com os verdadeiros interesses da sociedade e de cada um de seus membros.

Nos periodos, que deixo transcriptos se vê que o author maçonico, sem duvida o mais importante entre os que tem escripto sobre esta materia na lingua portugueza não treme de levantar a mascara e de dizer no meio de todas as contradicções o que realmente sente.

A humanidade retrogradou depois do seculo XVI porque o protestantismo do falso apostolo de Wittemberg não continuou a progredir como nos primeiros annos da sua invasão, e a Maç.·. desejava.

O amor da patria desapparece ante o *cosmopolitismo* que tem de elevar o templo, d'onde deve partir a direcção do progresso.

O verdadeiro templo de Salomão só será acabado quando a *Verdade* fôr a soberana de todos os povos da terra. Esta *Verdade* não é de certo a que se prégа com o Evangelho, porque *essa Verdade* já é conhecida de todos os povos da terra; é pois uma verdade que se abriga no templo ainda por concluir, e tem por sacerdotes e adeptos os membros da sociedade secreta, que se chama Franc-Maçonaria.

A ultima palavra da Franc-Maçonaria é a destruição da religião christã e a formação de uma nova religião, como os authores maçonicos chamam á seita, procurando derramar entre os profanos e os proprios irmãos o *espirito mysterioso* dos seus dogmas.

Todos elles confessam que os mysterios maçonicos são extrahidos dos mysterios egypcios, da historia dos israelitas, de Moysés, de Jesus, dos primeiros christãos do oriente, dos gnosticos, dos cavalleiros cruzados e finalmente dos templarios: isto é que as doutrinas maçonicas derivam do paganismo, misturado com tradições hebraicas e christãs, retemperado pela heresia e pelos erros que a igreja catholica condemnou ha mais de cinco seculos. É pois a maçonaria um monstro politico e religioso, que Horacio hoje descreveria em termos mais energicos e pittorescos do que

os assás conhecidos por onde principia a sua epistola aos pisões sobre a arte poetica.

Não foi Portugal a ultima das nações onde se depoz a *Acacia* depois que ella deixou as ilhas britannicas para vir florescer no continente, protegida pelas mais elevadas influencias politicas, que não conhecendo o veneno, que recommendavam, desdenharam escutar a voz do Supremo Pastor, que pela bocca de Clemente XII e de Benedicto XIV desde o primeiro dia da invasão bradaram contra o inimigo, que se erguia.

É no anno de 1733 que se fixa a introducção da Franc-Maçonaria em terras de Portugal, segundo vêmos na Revista Maçonica de 1830. Dous annos antes apenas transpozera os Pyreneus vinda de França para a peninsula hispanica. A sua fortuna em Portugal não foi grande nos primeiros tempos, porque em 1738 appareceram as cartas apostolicas do Summo Pontifice Clemente XII que principiam = In Eminenti = e já em 1742 o governo portuguez mostrava a sua severidade contra os adeptos fazendo-os prender, não respeitando sequer os subditos britannicos, que fomentavam esta desordem: e no anno seguinte reinando ainda D. João V a proscripção póde dizer-se completa.

Succedera porém a este principe seu augusto filho que foi o rei D. José nascido a 6 de junho de 1714, e subiu ao throno a 31 de julho de 1750, sendo já então casado com a princeza D. Marianna Victoria, filha do rei d'Hespanha, Filippe V, e da rainha, sua esposa, D. Isabel Farnesi, da casa de Parma.

O primeiro ministro d'este monarcha foi o celebre Sebastião José de Carvalho, marquez de Pombal,

conde de Oeiras. Este homem de estado, inspirado pelas idéas que dominavam em França e preparavam a catastrophe do anno de 1793, adoptou uma politica, que em tudo se afastava dos principios das cartas apostolicas In Eminenti e das corroborativas das mesmas de 18 de maio de 1751, que principiam = Providas. = A perseguição á companhia de Jesus, a sua extincção e expulsão dos seus membros, e a prosperidade da maçonaria, que o ministro tornou em instrumento docil do seu absolutismo, foram as consequencias necessarias de uma politica em que o principio catholico era quasi olvidado.

Os vinte e sete annos do reinado de D. José foram succedidos pelos da rainha D. Maria I, cujo filho o principe D. João assumiu em breve o governo do reino com o titulo de regente. Os horrores da revolução franceza e a indignação geral que elles suscitaram por toda a parte fizeram recuar a Franc-Maçonaria, que era execrada pelo povo, desapparecendo completamente tudo quanto podesse considerar-se filiado em tal associação.

Seguiram-se as lutas com a Hespanha, a invasão franceza, a emigração da familia real e a guerra da independencia contra os exercitos de Napoleão I.

Foi durante a luta e nas linhas de Lisboa, quando o marechal Massena ameaçava a capital que o exercito alliado inglez importou novamente a ordem maçonica para Portugal.

No anno de 1809 principiaram as primeiras iniciações entre os officiaes do exercito portuguez, e das sociedades secretas nasceu a tentativa mallograda de

grito á liberdade em 1817 e a vencedora de 1820, succumbindo a causa constitucional perante a reacção de 1823, 1824 e 1828, capitaneada pelo infante D. Miguel, filho d'el-rei D. João VI, que assumiu o titulo e dignidade de rei em junho de 1828, depois da reunião dos tres-estados do reino.

Publicaram-se então as cartas apostolicas de 13 de março de 1825 = quo graviora. =

A Franc-Maçonaria, tanto mais violenta era a reacção politica, quanto mais energica emprehendeu a resistencia, mas não se limitou á questão politica, que, embora estranha aos seus chamados estatutos, era a unica que podia explicar a razão dos seus trabalhos: continuou declamando contra a religião e especialmente contra o catholicismo. Este era o alvo principal.

Viu pelo anno de 1829 a luz da publicidade um escripto maçonico, intitulado Ensaio em fórma de carta.

N'esse documento se lê, entre outras muitas cousas, o seguinte ácerca de Jesus Christo:

« Filho da mulher de um vil artista bem depressa foi preso pelos seus discursos e praticas sediciosas: e querendo só conduzir os homens ao céo, d'onde se jactava de ter baixado, começava por destruir e esmigalhar os mais gratos e preciosos vinculos da sociedade.

« Condemnado a morrer em uma cruz, expira n'este tormento ignominioso e com elle as estereis esperanças de um povo vergonhosamente vilipendiado e illudido. Um jardineiro escondeu seu corpo, seus

apostolos exclamaram que Jesus resuscitou: elles pregam seu mestre á multidão admirada. Estende-se a superstição, os christãos tornam-se uma seita numerosa e formidavel. Um culto nascido nas infimas classes do povo, propagado por escravos, escondido logo em lugares obscuros, se carregou pouco a pouco das abominações, que o segredo, e os costumes ferozes devem naturalmente produzir.»

Este escripto era a sequencia de outro tambem publicado pela seita intitulado o *Rival Antagonista,* rapsodia indigesta de todos os lugares communs que antes do ultimo seculo, mas especialmente em elle se escreveram contra a religião christã, o papado e tudo o que diz respeito áquella e a este.

O author do Ensaio dominado pelas mesmas doutrinas apesar de ter sido catholico e padre, mas esquecendo os votos que fizera no baptismo e os que proferira aos pés do bispo, que lhe conferiu o sacramento da ordem, desvaira-se em invectivas contra Jesus Christo, a religião por Elle prégada e revelada, e o Papado, que é a pedra fundamental da igreja, manifestando claramente o que é e quer a maçonaria, cujos juramentos sacrilegos unicamente observa.

Foi inspirado por estas impiedades que fallando dos christãos elle disse:

«Estes monstros abominaveis, por uma fatalidade jámais imaginada, poderam collocar, a despeito de todos os obstaculos, o seu throno de ferro na rainha das nações, na cidade por excellencia.»

Os christãos são monstros abominaveis na opinião da Franc-Maçonaria, unicamente porque creem em

Deus e nos dogmas ensinados por Elle, e não porque fossem verdadeiros os crimes que lhes imputaram os Hierocles, os Celsos, os Julianos, porque a respeito d'elles o author maçonico, fundado no silencio, que guardaram os mestres da seita Bayle, Rousseau, Volney, Voltaire, Diderot, d'Alembert, o barão de Holbach, e o *immortal* Frederico II, não lhes presta credito algum. Por isso elle affirma o seguinte:

« Imitando fielmente o exemplo de tão conspicuos mestres, com que tão gloriosamente se ennobrece a nossa *sociedade* e de cujas obras immortaes brilha e resplendece sobre *nossos luminosos ajuntamentos* o luminoso clarão de seus principios venerandos, insistirei nos mesmos argumentos, ampliando todavia e roborando estes assumptos com argumentos, que tenho bebido na applicação á *Rival-Antagonista.* »

Os evangelistas da maçonaria portugueza são como se vê os mesmos da maçonaria franceza: se os fructos produzidos em solo portuguez tem sido menos abundantes do que no das Gallias não é culpa da proficuidade da semente, mas só da differente fertilidade dos terrenos. A doutrina é porém a mesma. A maçonaria portugueza não é menos impia do que a franceza. O caracter dos maçons é porém menos feroz, e por isso as scenas são menos tetricas.

Hoje pensamos que a sanha revolucionaria contra a Roma papal, o programma italianissimo da Roma capital, a gritaria contra o Papa, são cousas modernas e em parte devidas ao dogma definido da antiga e constante verdade da infallibilidade pontificia, e comtudo ha mais de quarenta annos que a maçonaria por-

tugueza cheia de enthusiasmo pela Roma pagã, tão exageradamente encomiada, esbravejava contra a Roma christã com a seguinte apostrophe:

« Roma, ó Roma! Teu simples nome basta para fazer nascer uma infinidade de idéas grandes e magestosas. Todos os pensamentos sublimes, que a imaginação póde crear, todas as serias reflexões, que póde suscitar a razão, todas as memorias augustas, que a virtude e a humanidade podem fazer nascer, occorrem e borbulham associadamente na alma do homem pensador com a simples idéa de Roma. O esforço dos Horacios, a castidade das Lucrecias, a integridade dos Brutos e Catões, o patriotismo dos Fabios e Scevolas, a magnanimidade e valor dos Scipiões, a eloquencia dos Ciceros, o saber dos Plinios, a liberalidade dos Augustos, a grandeza dos Trajanos, a humanidade dos Titos, tudo, tudo se recommenda com a memoria illustre da Legisladora do Universo.

« Imagine-se um homem possuido de toda a magnificencia d'estas idéas, cheio de respeito e veneração ao entrar em Roma: ruinas, sepulchros, templos derrocados, estradas solitarias, ruas desertas, são os miseraveis objectos, que lhe ferem os olhos, mui de longe preparados para admirar a Senhora do Universo. De espaço a espaço descobre, é verdade, um templo magnifico, um grande palacio, mas breve se desvanece este vislumbre de grandeza e subitamente se esvae a nascente esperança de encontrar a Roma de Augusto.

« Estes palacios, estes templos, que se elevam do meio de choupanas, habitação da fome, e da indigna-

ção, carregados de ornato e de sobejo embellezamento, serão acaso aquelles esmeros de architectura grande e magestosa, soberba e varonil dos edificios Latinos? Poderá algum d'elles semelhar-se ao Foro, ao Palacio, ao Amphitheatro? Descobrir-se-ha em alguma d'estas modernas praças o menor vestigio dos antigos Rostros? O Capitolio, o terrivel, o venerando Capitolio, aonde se julgava dos destinos das nações, onde os reis curvavam os sceptros e depunham os diademas, d'onde sahiam os irrevogaveis e tremendos decretos, que dispunham da sorte dos povos, e legislavam ao universo, que é feito d'elle? Onde existe? O solicito viajante ainda o descobre, o seu guia lhe mostra o lugar d'elle. E será este? Differente estrada conduz ao cimo do monte: o palacio do Senador, alguns restos de quebradas estatuas, de relevos desfigurados são todas as riquezas, todos os tropheus, todos os despojos, que ornam o antigo alcaçar do mundo.

« Confuso e humilhado o viajante, não se atreve a encarar nenhum edificio. Os habitantes ao menos, dirá elle, talvez conservem ainda alguma cousa de romanos.

« Tantas virtudes, tanta grandeza não podiam de todo extinguir-se. Mas ai! Um bando de miseraveis, uma plebe indigente, vil e sem costumes são os successores do povo-rei: uma côrte effeminada e entregue aos deleites do ocio e da impureza, occupa o lugar dos Brutos, e dos Catões. Declamadores sem gosto, com affectadas phrases (que ou não entendem, ou não crêem) fazem retinir aquelle mesmo ar, que ouviu os eloquentes, os numerosos sons de Cicero e Marco Antonio: as-

sucarados trovadores infestam com seus ridiculos versos as degradadas lyras de Virgilio e de Horacio.

« Os Scipiões, os Emilios, os grandes generaes, as invenciveis tropas da republica triumphante, são substituidas por um bando de assoldadados suissos, cujas grandes proezas e valor, cujos guerreiros esforços se limitam *a fazer a guarda do Papa.*

« Em vez do augusto e tremendo senado, um ajuntamento de homens ambiciosos, insaciaveis de ouro, regem despoticamente, não os direitos das nações, e deveres dos reis, e povos pelas invariaveis leis da justiça e da equidade, como os antigos conscriptos, mas *o corpo invalido da igreja,* levando simplesmente o fito em pescar para a barca de Pedro as riquezas das nações *com o sagrado anzol* das reliquias, breves e indulgencias. Roma, ó Roma! (exclamará o contristado viajante) tu já não existes: tua liberdade expirou logo que *franqueaste tuas portas ao christianismo* e tu com ella. A liberdade te conservava as virtudes, que mais que tuas façanhas te conservaram no imperio do orbe. Perdeste-a e desde então caminhaste sempre com passos gigantescos ao abysmo da miseria, em que jazes mergulhada para eterno exemplo do universo.

« E com effeito, tal é a sorte de quasi todas as nações! Florecem, reinam em quanto a liberdade ou a larva d'ella subsiste: apenas se eleva a tyrannia, cahe de rojo com a liberdade o amor das virtudes: a servidão embrutece o homem, a sociedade se muda em um bando d'escravos e a miseria succede á opulencia. Assim cahiu Roma, assim Sparta, assim Hollanda, assim muitas outras. Que exemplos para os tyrannos

e que terrivel escarmento para os povos! Nefandos despotas, em breve estendereis vossos sceptros de ferro sobre montões de ruinas. Os vandalos, os godos, os arabes não se acabaram ainda e vós os chamaes a grandes brados.

« *Eis as grandes vantagens da religião christã.* O imperio romano, o mais consistente do universo, desapparece logo que admitte em seu gremio *este monstruoso culto:* o seu nome se apaga da lista das nações livres, os grilhões da escravidão roxeam seus pulsos tyrannisados e opprimidos: o seu commercio fica para sempre attenuado e suspendido, a sua marinha, que transportava os incalculaveis tributos das nações confederadas suspende suas navegações e apodrece sobre as margens do Tibre: suas armas victoriosas que espalharam outr'ora o terror nos confins do universo ficam immoveis nas mãos dos mais denodados generaes: finalmente todas as fontes da prosperidade nacional ficam perpetuamente paralysadas sem esperança de se restabelecerem e instaurarem. »

Este elogio pomposo á Roma pagã, desmentido pela historia em cada uma das suas paginas; este desprezo pela Roma christã, cuja injustiça reconhece o menos versado em factos historicos: a causalidade attribuida á introducção do christianismo; tem por deducção e conclusão logica a necessidade de volver ao paganismo e á abolição do christianismo, ou pelo menos á adopção universal da religião maçonica, religião sem Deus, sem moral, sem doutrina definida, mas rodeada de um culto ridiculo, de mysterios e dogmas secretos e absurdos.

A conclusão é obvia, e como a logica é inflexivel, a maçonaria não se descuida de deduzil-a.

A maçonaria já conseguiu destruir a Roma papal e restituir-lhe os fóros de Roma pagã. Pela porta Pia entrou a maçonaria, que restabeleceu o capitolio e o senado dos conscriptos. A côrte effeminada desappareceu e foi substituida pela côrte moralisada do rei do Piemonte, que, com vontade ou sem ella, se tornou o ultimo dos instrumentos de que a seita maçonica se serviu.

Á maçonaria universal, e com ella a maçonaria lusitana e brazileira cumpre resolver o problema se convém abolir a religião christã. Ouçamos o que ella nos diz a respeito da questão da proscripção do christianismo, pela bocca d'um maçon portuguez.

« Ponderados attentamente os principios é de facil conclusão a opinião affirmativa (isto é a proscripção).

« Pois se a religião do *infame* é como fica demonstrado a funesta causa de todos os males, que inundam as nações mais florecentes, onde chegou a estabelecer-se: se tem constantemente opprimido os povos com o nervoso jugo de suas *maximas detestaveis:* se ella põe barreiras inseparaveis ao progresso das artes, do commercio, da agricultura e da industria, que são outras tantas fontes de prosperidade nacional; se ella choca directamente o adiantamento da civilisação e liberdade; se ella encontra o desenvolvimento das sciencias uteis, ou deleitaveis, desdobrando especialmente sobre o horisonte europeu o tenebroso manto da ignorancia: se ella sobre tudo é uma religião prestigiosa, falsa e

absurda, o que tenho provado de sobejo, persuado-me que não haverá um só homem sensato, que não diga de todo o seu coração: esta religião deve ser eliminada. Deve ella ser considerada ou em quanto á substancia intrinseca de sua doutrina ou em quanto ás relações externas da sua disciplina.

« Não só na theoria, mas muito especialmente na pratica devemos ter muito em vista estes dous differentes modos de consideral-a. Porque, sendo innegavel que os males, que occasiona, tiram a sua maxima origem já dos dogmas, já dos ritos externos do seu culto, fica claro que deve pela pratica ser mais vivamente atacada n'aquella parte, que reflue maiores e mais consideraveis prejuizos aos povos, que domina e embrutece. D'onde eu tiro uma consequencia e vem a ser: se podessemos figurar uma hypothese, em que a religião christã, longe de offerecer obstaculos á propagação das nossas doutrinas, promovesse e coadjuvasse de algum modo o complemento de nossos projectos: nós deviamos, longe de destruir, patrocinar a sua conservação. »

Nada ha mais explicito: a religião christã, na opinião da maçonaria, tem sido a causa de todos os males, é ainda a causa impeditiva de todo o progresso e melhoramentos, é incompativel com a civilisação. A sua proscripção é pois uma necessidade social, não só para não se repetirem os males que ella causou, mas para se poderem desenvolver as faculdades, de que o homem dispõe.

Tal era a opinião da maçonaria portugueza n'uma época em que parecia, dever só occupar-se da questão

politica, procurando destruir o poder despotico, que se levantava, e defender a liberdade que se abafava. — Apesar da gravidade das circumstancias politicas, a seita não podia reprimir as expansões, que mostravam qual era o alvo a que atirava.

Sei que nem todos os maçons pensavam do mesmo modo, mas pela sua filiação na Ordem protegiam doutrinas, que sem duvida lhes eram repugnantes, como não podem deixar de ser a quem tiver senso commum e souber lêr os numerosos volumes que servem de subsidio á historia do mundo.

Vimos porém que a despeito da crença catholica de muitos dos portuguezes, que mais trabalhavam para o restabelecimento da liberdade, a acção maçonica preponderou por modo tal que a religião catholica e seus institutos foram, apenas o triumpho se consummou, o fito principal a que tenderam todos os golpes do governo.

As lojas maçonicas funccionaram sempre durante todo o tempo da guerra civil, que se travou entre os dous partidos que representavam principios diametralmente oppostos.

O grito de victoria que soou nos arraiaes constitucionaes por um pouco fez arrefecer os trabalhos maçonicos. Os vencedores dividiram-se entre si, e a fraternidade maçonica teve de romper-se, porque os odios politicos não permittiam a sua continuação. Pouco depois os partidos em que se fraccionou o grupo vencedor julgaram acertado recorrer á reorganisação maçonica para formar o seu poderio, resultando d'ahi a organisação dos orientes com fins manifestamente politicos.

O imperio do Brazil, que se havia separado da nação portugueza, constituiu a sua maçonaria sob o rito escocez recebendo a direcção suprema o Sob.·. Gr.·. Commendador 33.º Francisco Gé Acayaba de Montesuma, e sendo Gr.·. Sec.·. Ger.·. Adj.·. do S.·. Imp.·. 33.º Candido Ladislau Iapi Assic. A loja Independencia situada em Heredon, ao oriente do Rio de Janeiro, correspondente ao zenith 23.º lat.·. meridional foi a mais notavel da obediencia do Sup.·. Cons.·. do rito escocez, antigo e aceito.

Os seus regulamentos, que tenho á vista, são datados do dia 10 do terceiro mez, e 19 do mesmo mez do anno da verdadeira luz de 5833, o que corresponde a 30 de maio e 8 de junho de 1833.

A maçonaria não fôra conhecida no Brazil antes do anno de 1823. A revolução importou logo a Ordem essencialmente revolucionaria, e hoje, depois de cincoenta annos decorridos ella é omnipotente n'aquelle imperio, sendo defendida publicamente nas côrtes como uma instituição reconhecida e atacando por todos os modos e maneiras a religião catholica e seus ministros, como de perto temos visto scenas em demasia significativas.

Ahi as letras apostolicas que condemnam esta seita não são reconhecidas pelo imperio civil, porque não foram promulgadas com o beneplacito imperial: não se reconhece tambem na igreja o direito de estatuir regras segundo as quaes se póde pertencer ou deixar de pertencer ao seu gremio. Por isso se cahe no absurdo repugnante de serem por força admittidos á participação de sacramentos homens que declaram por actos publicos não acreditarem n'elles.

Que o governo brazileiro apesar da disposição terminante da constituição do imperio, que é analoga á da carta constitucional portugueza, não se importe com a profissão ou não profissão maçonica para a admissão dos cidadãos ás funcções publicas, comprehende-se: mas o que não é possivel entender-se é como elle quer compellir os bispos a considerarem como ovelhas submissas os individuos que se rebellam contra as leis da igreja, constrangendo-os a desprezarem essas mesmas leis, os canones e todos os principios fundamentaes da igreja catholica.

A igreja declara terminantemente que todo o maçon deixa de pertencer á igreja: é o que significa o anathema. Ella é o unico juiz competente n'estas materias. Se o governo o consente o maçon póde continuar a ser cidadão, e gozar de todas as suas vantagens, regalias e preeminencias. O que o governo não póde é considerar como catholico o que pratíca actos que o excluem da igreja. A insistencia póde ser um escandalo, um abuso; mas nada aproveita a quem o ordena e a quem se serve da authoridade civil para semelhante fim. Os effeitos de pertencer á igreja catholica são meramente espirituaes, e todos os governos do mundo não tem poder de fazer aproveitar d'elles aos individuos a quem a mesma igreja declara expulsos do seu gremio.

Desde que a igreja formula a incompatibilidade entre a qualidade de catholico e a de maçon, não ha que tergiversar. Ou ser catholico e abandonar a seita, ou persistir n'esta e renunciar á qualificação de catholico. A opção é indispensavel e não ha decretos dos

poderes seculares que a possam dispensar. A violencia póde dar lugar á pratica de um ou muitos sacrilegios, mas por este modo só se consegue reunir o escandalo á dissidencia, aggravar uma situação já de si gravissima.

Os bispos brazileiros fazem o seu dever excluindo dos sacramentos os maçons, porque no Brazil a profissão maçonica é publica: não succederia o mesmo em Portugal, onde, embora toda a gente saiba quem é ou deixa de ser maçon, a profissão está occulta e os iniciados nunca usam dos seus nomes proprios nos actos maçonicos. Aqui seria um escandalo levantar semelhante questão, porque só no tribunal inviolavel da penitencia é que ella se póde e deve tratar, pois a incompatibilidade não existe menos entre o maçon e o catholico por aquelle não praticar actos publicos da sua adhesão á seita justamente condemnada. No Brazil a questão é outra. A maçonaria, embora sempre secreta, apresenta-se ostensivamente, e os seus membros, incursos evidentemente nas censuras ecclesiasticas, não podem ser considerados no gremio da igreja em quanto não renunciam á seita, que os expulsa d'aquella. A faculdade que a lei ou o costume confere de professar publicamente a maçonaria não deroga as leis da igreja, que castigam com a separação as pessoas, que, em menoscabo das suas prescripções, se filiam e persistem na Ordem. Os bispos tem obrigação de obedecer e dar execução ao que a igreja prescreve, e com isto não se tornam rebeldes contra o poder civil, porque não se oppõem a que seja maçon quem o quizer ser: o que elles não querem nem podem querer é receber na igre-

ja de Deus quem deixou de pertencer-lhe pelas leis da mesma igreja.

Em Portugal a lei prohibe as associações secretas e castiga os associados. É letra morta embora o codigo penal seja uma lei que apenas conta vinte annos de existencia e se acha ainda em todo o seu vigor, mas o que é certo é que não ha um unico exemplo de applicação effectiva das suas disposições, o que indicaria ou que não existem maçons em Portugal e por isso não se commette o crime maçonico, ou os agentes da sociedade, policiaes e judiciaes, não fazem caso de semelhantes prescripções. Infelizmente é esta a hypothese realisada, porque ninguem ignora que o ramo da *Acacia* floresce em Portugal, e debaixo d'ella e á sua sombra se abrigam muitos funccionarios publicos desde os mais modestos lugares até aos mais elevados nos conselhos da corôa, onde os temos visto e vêmos.

Não é todavia publica a profissão maçonica e tanto basta para que os prelados portuguezes devam evitar as questões, que agitam hoje o imperio brazileiro: questões em que necessariamente se veriam envolvidos se os factos occorridos além se repetissem aqui.

Quaes são porém as peripecias por que passou a maçonaria portugueza desde o restabelecimento da constituição em 1834 e a consolidação da dynastia actualmente reinante?

Divididos os seus membros em dous partidos antagonistas o laço maçonico não os conservou unidos, e a seita tornou-se essencialmente politica. Procurou-se a iniciação como meio de obter posição e influen-

cia, e todos os homens que aspiravam ás altas dignidades do estado e até aos simples empregos publicos foram alli buscar o apoio, protecção e auxilio.

Assim a maçonaria portugueza que depois de 1834 funccionára em lojas isoladas filiadas na Grande Loja d'Inglaterra (Londres) que tem na sua dependencia muitas officinas maçonicas no continente, especialmente na Grecia e Hespanha; e bem assim na Australia, além do consideravel numero d'ellas que trabalham nas ilhas britannicas: julgou dever emancipar-se em 1835, organisando um Gr.·. Or.·. com o seu supremo conselho, servindo-lhe de guia e norma a constituição maçonica do anno da verdadeira luz de 5806. Um anno antes d'este em 1834 um cavalleiro Rosa Cruz imprimiu em Paris uma bibliotheca maçonica ou instrucção completa do franc-maçon obra em quatro volumes, cujo fim era illustrar nos principios da Arte-Real os franc-maçons portuguezes, que apesar das suas viagens durante o periodo da emigração não dispensavam um guia na lingua materna. Esta obra teve voga e afervorou o espirito maçonico em Portugal.

Constituido o Gr.·. Or.·. Lusitano recebeu o malhete de Grão-Mestre o I.·. Hydaspe (profanamente José da Silva Carvalho, que foi ministro e conselheiro d'estado, vice-presidente da camara dos pares e estadista muito celebre): porém os acontecimentos politicos de setembro de 1836 por tal modo perturbaram os grupos politicos e maçonicos que a Arte-Real cahiu em desuso e o Gr.·. Or.·. morreu de inanição. Foi só em 1839, tres annos depois, que os maçons dispersos e todos irregulares pela ausencia das officinas procu-

raram restaurar a maçonaria portugueza e reformar a constituição de 5806. Tomou a iniciativa n'este movimento a loja Vinte e quatro de julho, que era presidida pelo I.·. Mirabeau, Francisco Xavier Ferreira, que por muitos annos commandou a terceira divisão militar. Para o fim da restauração maçonica reuniu-se em Lisboa uma especie de congresso, com representantes das diversas lojas, que ou não tinham interrompido os trabalhos ou se consideravam apenas dormentes, e o malhete do Grão-Mestre foi conferido em eleição ao I.·. Senacherib, Manoel Gonçalves de Miranda, que foi ministro d'estado, par do reino e representou importante papel nos nossos negocios politicos. Para esta reconstituição concorreram além das lojas estabelecidas em Lisboa Vinte e quatro de julho, Vinte e oito de julho, Firmeza, União e Perseverança, a loja do mesmo nome de Pombal, a Pedro IV de Coimbra, e as do Amor da Liberdade, da Horta, Valor e Constancia de Angra do Heroismo, União Açoriana ao Or.·. de Ponta Delgada, que tinham representantes em Lisboa, o juiz da relação José Joaquim d'Almeida Moura Coutinho, D. Januario, bispo eleito de Castello-Branco, que depois foi par do reino, e J. B. dos Santos (na Ordem conhecido pelo nome de Cicero). O congresso progredindo em seus trabalhos organisou a constituição do anno de 5840 que principiou a cumprir-se no dia 9 do mez de Thebeth d'esse anno (29 de dezembro de 1840) nomeando-se os altos dignitarios, que deviam funccionar durante tres annos.

Esta constituição e os respectivos regulamentos, catecismos e outros documentos relativos foram pu-

blicados em diversas datas do anno de 5841, sendo o ultimo, que tenho presente, datado de 20 de Thamour d'esse mesmo anno. O fallecimento do Grão-Mestre n'essa época a 5 d'abril de 1841, sendo ministro d'estado effectivo, trouxe a necessidade de se preencher a vacatura, recahindo a eleição no I.·. Fenelon, Antonio Bernardo da Costa Cabral, depois conde de Thomar, e já então ministro dos negocios ecclesiasticos e da justiça. Seguiu-se a revolução de 1842, em que a nova posição maçonica do chefe do movimento não deixou de influir poderosamente, e o seu grão-mestrado se prolongou por muitos annos apesar do seu abandono aos trabalhos, e das graves dissidencias politicas e maçonicas, que esse movimento trouxe comsigo, resultando d'ahi a retirada de muitos irmãos importantes e a formação de lojas, que seguindo a Arte-Real estavam comtudo em manifesto antagonismo com o Gr.·. Or.·. Lus.·., unico que parecia representar a legitimidade do poder maçonico. A primeira dissidencia pareceu dimanar de ter sido retirado o malhete de Grão-Mestre ao I.·. Hydaspe, em 1839, porque embora elle fosse eleito Gr.·. Administrador nunca compareceu em trabalhos, e em breve se apresentou á frente d'outro circulo de maçons e depois de alguns annos adoptando o rito escocez antigo e aceito publicou uma constituição. Este importante documento maçonico acha-se publicado com a data do 1.º dia da lua de Nisan do anno da G.·. de 5843 ao Or.·. do Gr.·. Valle de Lisboa debaixo da Ab.·. Cel.·. do ponto central e vertical correspondente aos 38º.·. 42′.·. lat.·. N.·. e 8º.·. e 32′.·. long.·. Não sei qual é o meridiano d'onde se conta esta longitude,

nem se ella é oriental ou occidental, porque não é este o angulo horario do meridiano de Lisboa com qualquer dos conhecidos d'onde se contam longitudes, isto é o meridiano de Paris, Greenwich, Coimbra, ou ilha do Ferro.

Esta constituição do rito escocez antigo e aceito foi firmada por José da Silva Carvalho, S.·. G.·. Commendador, Antonio dos Santos Monteiro 33.º.·. Gr.·. Sec.·. Ger.·. do Sup.·. Imp.·. e José Marcellino de Sá Vargas 33.º.·. Gr.·. Chanc.·. do Sup.·. Imp.·.

Tambem o Sup.·. Cons.·. adheriu ao acto federativo de Paris. Este acto é um tratado de união e confederação entre as potencias maçonicas do rito escocez antigo e aceito, celebrado em Paris a 15 da lua de Adar *anno lucis* 5833, correspondente a 23 de fevereiro de 1834. A confederação é entre as altas potencias maçonicas que reconhecem as grandes constituições do rito escocez antigo e aceito e os estatutos e regulamentos decretados pelos nove commissarios dos Subl.·. Prin.·. do Real Segredo de 21 de setembro de 1762 e 1.º de maio de 1768. Estas altas potencias pertencem ao imperio do Brazil, á França e aos Estados-Unidos da America e Nova Hespanha, America meridional.

Foram plenipotenciarios n'este tratado maçonico pelo Brazil, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, gentil-homem brazileiro, grão-cruz da ordem imperial do Cruzeiro, cavalleiro da ordem de Christo, ex-desembargador da relação da Bahia, ex-deputado ás côrtes constituintes de Portugal e á assembléa constituinte do Brazil, Sob.·. Gr.·. Insp.·. Ger.·.

grau 33.°, lugar-tenente, grande commendador do supremo conselho para o imperio do Brazil, estabelecido no Valle do Rio de Janeiro: e Luiz de Menezes Vasconcellos de Drummond, gentil-homem brazileiro, cavalleiro da ordem de Christo, ex-administrador da alfandega do Rio de Janeiro, Sob.·. Gr.·. Imp.·. Ger.·. grau 33.°, grande thesoureiro do Santo Imperio para o Brazil. Pela America septentrional e meriodional, Maria Antonio Nicolau Alexandre Roberto de Jachim de Santa Rosa de Roume de Santo Lourenço, marquez de Santa Rosa, conde de S. Lourenço, ex-capitão e chefe de divisão da marinha mexicana, Sub-Gr.·. Insp.·. Ger.·. 33.°.·. M.·. P.·. Sober.·. Gr.·. Commendador adjuncto *ad vitam* do Sup.·. Cons.·. Unido para o hemispherio occidental, solemne e legalmente formado dos antigos supremos conselhos da Nova Hespanha, da Terra Firme e America meridional de ambos os mares, ilhas Canarias etc., e do antigo supremo conselho dos Estados-Unidos da America septentrional, estabelecido em New-York, grande representante ordinario e extraordinario, grande deputado geral e especial d'esta potencia, junto de todas as potencias maçonicas legalmente estabelecidas e reconhecidas nos dous hemispherios.

Pelo lado da França foi plenipotenciario Gilbert Moitié, marquez de Lafayette, tenente-general do exercito francez, membro da representação nacional, M.·. P.·. Sob.·. Gr.·. I.·. Ger.·. 33.° grande dignitario honorario, e Gr.·. representante ordinario do mesmo Sup.·. Cons.·. Unido para o hemispherio occidental junto do Sup.·. Cons.·. de França.

Representavam a commissão administrativa do Sup.·. Cons.·. para a França dos Sob.·. e Pod.·. Gr.·. I.·. Ger.·. 33.º.·. chefes, conservadores, e verdadeiros protectores da Ordem 33.º e ultimo grau do rito escocez; o M.·. Ill.·. I.·. Manoel João Baptista, barão Fréteau de Peny, membro do tribunal de cassação e da Legião de Honra, Gr.·. Insp.·. Ger.·. 33.º lugar-tenente grande commendador *ad vitam* do Sup.·. Cons.·. e o M.·. Ill.·. Ir.·. e P.·. Sob.·. Gr.·. commendador Antonio Gabriel, duque de Choiseul Staïnville, par de França, tenente-general do exercito francez, ajudante de campo do rei, governador do Louvre, e grande official da Legião de Honra.

E todos elles assistidos do M.·. Ill.·. Ir.·. Carlos Nicolau Jubé, marechal de campo reformado, official da Legião de Honra, M.·. P.·. Sob.·. Gr.·. I.·. Ger.·. 33.º.·. membro do Sup.·. Cons.·. para a França e Gr.·. Secr.·. chefe da secretaria geral do rito, e grande secretario *pro tempora*.

Além da adhesão explicita a este tratado federativo celebrado em Paris por tão altas potencias e tão distinctos plenipotenciarios o Sup.·. Cons.·. lusitano mandou encorporar na constituição decretada os novos institutos secretos e fundamentaes da muita antiga e veneravel sociedade dos antigos maçons livres associados ou ordem real e militar da Franc-Maçonaria, decretados no 1.º de maio de 1786 em Berlin por Frederico, pela graça de Deus, rei da Prussia, margrave de Brandeburgo, Soberano grande protector, grande commendador, grão-mestre universal e conservador da muito antiga e veneravel sociedade dos antigos

maçons livres, associados, ou ordem real e militar da Franc-Maçonaria. Pelo decreto d'este soberano *politico e maçonico* em virtude dos seus poderes soberanos e conservadores foram unidos e associados em uma só ordem os institutos que professando o dogma e as doutrinas puras da Franc-Maçonaria primitiva, abrange todos os systemas do escocismo a saber = o antigo de Heredon ou Heredon de Killwening = o oriente de Santo André = os imperadores do oriente e occidente = os principes do real segredo e os da perfeição philosophica e o rito muito moderno chamado primitivo.

Esta dissidencia originada do despeito do I.·. Hydaspe foi acompanhada de outras, que procediam da politica opposta de outros Ir.·. que não pertenciam ao partido do Grão-Mestre Ir.·. Fenelon que dirigira o movimento de 27 de janeiro de 1842, auxiliado pelas lojas militares, que se haviam organisado durante o seu grão-mestrado, e pelas lojas de paisanos, que crearam um jornal intitulado a *Restauração,* que apoiou a nova ordem de cousas. Nas sessões legislativas que se seguiram ao movimento de janeiro de 1842 se discutiu largamente em ambas as camaras e especialmente na dos pares, dirigindo o debate o duque de Palmella, D. Pedro de Sousa e Holstein, a influencia que tomára a maçonaria nos negocios publicos, da qual comtudo o Gr.·. M.·. procurava emancipar-se, porque não era bem vista nas altas regiões a preponderancia maçonica na administração do estado.

A revolução porém de 1844, chamada de Torres Novas tornou necessaria a sua reeleição como Gr.·. M.·. por isso que a significação politica que então ti-

nha a maçonaria, se elle perdesse a eleição, daria a este acto uma immensa importancia.

As potencias maçonicas trabalharam activamente, dirigidas pelo Ir.·. Catão 2.º depois conde de Cabral, e obtiveram o triumpho do Ir.·. Fenelon, que continuou a escudar o seu valimento com a força maçonica, para assim lutar com mais vantagem contra a violenta colligação politica, que o combatia por todos os meios legaes e extra-legaes, como a historia da época comprova.

Os acontecimentos de 1846 e 1847 não modificaram sensivelmente a situação da maçonaria, mas deram occasião a não se fazerem eleições geraes, que de adiamento em adiamento só se verificaram em julho de 1849, quando o Ir.·. Fenelon já havia renunciado o grão-mestrado: e como n'essa eleição os maçons se dividissem em dous grupos, um que patrocinava a eleição do Ir.·. Viriato da loja 10 de fevereiro, João Rebello da Costa Cabral, então presidente da camara dos deputados, e outro o Ir.·. Fabio, visconde de Oliveira, ex-ministro d'estado, arrebentou uma grande revolução maçonica, cujas peripecias se podem lêr no manifesto do Ir.·. Lycurgo, Gr.·. Insp.·. geral, o qual se publicou por esse tempo, e no protesto contra esse manifesto de 71 C.·. R.·. ✠.·. assignado em lugar occulto, forte e muito illuminado ao O.·. de Lisboa em assembléa geral capitular dos Cav.·. da ✠.·. OObr.·. RRep.·. das LL.·. RReg.·. do Circulo do Gr.·. Or.·. Lus.·. aos 12 do mez de Ab do anno da V.·. L.·. 5850, que corresponde a 1 d'agosto de 1850 era vulgar.

O resultado d'esta dissidencia foi a separação, elegendo-se Gr.·.-M.·. o Ir.·. Fabio, tendo sido previamente subtrahidos do poder dos maçons rebeldes reunidos na travessa da Queimada a bandeira da R.·. L.·. Vinte e oito de julho, e os tres malhetes de honra, que como symbolos do poder voltaram para o Gr.·. Or.·. que se dizia orthodoxo.

Os acontecimentos politicos de 1851 tiveram notavel influencia na maçonaria, que perdeu o caracter exclusivamente pessoal que tivera nos annos anteriores; soffreu a transformação que affectou os partidos politicos, em que se dividia o grupo militante do paiz, e principiou a funccionar com membros de todos elles. O malhete de grão-mestre continuou a ser cubiçado pelos homens que ambicionam a ter maior influencia politica e assim passou pelas mãos de José Estevão Coelho de Magalhães, duque de Loulé, Mendes Leal, Lobo d'Avila, achando-se actualmente nas do conde de Paraty, que não é notabilidade politica.

No anno de 1871 a reforma constitucional que houve em Lisboa suscitou dissidencias nas LL.·. de Coimbra e Porto, chegando n'esta ultima cidade a publicar-se uma nova constituição intitulada da Maç.·. Port.·. do Norte, que foi traçada em sessão plena da assembléa legislativa aos 19 do mez de Nizan de 5872 (8 d'abril de 1872 era vulgar). Acha-se assignada por 27 Cav.·. R.·. ✠.·. representantes das RR.·. LL.·. União, Legalidade, Harmonia, Filha da Harmonia e Progredior, figurando como Gr.·. Ven.·. o Ir.·. Gama, e relator o Ir.·. Platão.

Estas dissidencias que a imprensa de Coimbra

tem discutido ultimamente são bastante conhecidas para que d'ellas faça especial menção n'este lugar.

No estado dos espiritos, pelas tendencias da época e em presença dos factos, tendo a Maç.·. deixado de dedicar-se apaixonadamente ás questões politicas, que durante muitos annos foram o assumpto exclusivo dos seus trabalhos, como todos os maçons confessam: pela mudança dos tempos, satisfação das ambições individuaes e transacções reciprocas a sua missão é nenhuma, o seu fim não existe.

Para os maçons que queriam manter os principios conservadores da sociedade, entre os quaes é a religião o mais essencial, a maçonaria não tinha razão de ser. Tal era por exemplo a opinião do Ir.·. Hyperion, o doutor Agostinho Albano da Silveira Pinto, antigo ministro d'estado e homem importante como financeiro e politico. Dizia elle que a Maç.·. era uma instituição anachronica, porque a sociedade civil no mundo inteiro tinha já passado além dos fins que ella procurava, e que só lhe restava a dissolução, dando por finda a sua missão: *consummatum est* terminava elle a este respeito. O mesmo se deduz da carta que ha menos de um anno publicou o marechal duque de Saldanha declarando a sua cumplicidade maçonica, mas a sua formal retirada da Ordem desde que se conseguiu o fim politico a que mirava. N'essa mesma carta se vê que alguns dos homens mais importantes nas lutas entre os partidos liberal e absolutista e pertencentes ao primeiro d'elles não faziam parte das sociedades secretas.

A *maçonaria* portugueza nunca chegou a ter uma

direcção politica completamente radical. A prova d'isto está em que o carbonarismo nunca fez fortuna aqui.

Algumas *barracas* se erigiram e por algum tempo trabalharam, mas a sua duração foi curta; indo os Primos que as formavam incorporar-se na maçonaria na qualidade de Ir.·., onde a iniciação lhes era dispensada, reconhecendo-se como boa e valida a que receberam na Carbonaria.

Desde muitos annos a *maçonaria* portugueza passou a ser uma instituição sobre que uns lançam *o ridiculo,* e outros a suspeita de tramar para o fim geral de todas as sociedades secretas, a destruição da religião catholica apostolica romana, o ataque a todos os seus institutos e ministros. É este em verdade o unico objecto de todos os seus trabalhos e propagação.

As suas ligações com a Maç.·. brazileira, e os factos occorridos em Portugal nos ultimos dez annos, desde a celebre, caprichosa e acintosa questão das Irmãs da Caridade até as ultimas assuadas ás portas das igrejas, os actos de alguns ministros da corôa, a linguagem dos jornaes da seita, as funestas tendencias da educação publica, especialmente da superior, o espirito das discussões parlamentares, tudo nos revela que as sociedades secretas, embora prohibidas pelas leis civis, a despeito das suas dissidencias, da desunião dos seus membros e até da sua decadencia politica, empregam a sua actividade e tem como laço commum a guerra incessante ao principio religioso, e especialmente ao catholico.

É por isto que se em todos os tempos as duas qualidades de catholico e maçon nunca poderam co-

existir no mesmo individuo, porque elle ou ha-de ser mau catholico ou peor maçon, conforme quizer cumprir os deveres maçonicos ou os catholicos, hoje essa incompatibilidade é mais evidente, quando intenções meramente politicas não podem justificar a adhesão maçonica.

Essa incompatibilidade sobe de ponto depois das repetidas advertencias do chefe da igreja, que não cessa de attribuir ás sociedades secretas a culpa de todas as calamidades de que o mundo tem sido theatro nos ultimos annos, e de repetir as censuras ecclesiasticas, que seus predecessores decretaram contra os cumplices no crime de maçonaria.

Na carta datada de Roma a 29 de maio do corrente anno, dirigida pelo Summo Pontifice Pio IX ao exc.^{mo} snr. bispo de Pernambuco, suscitando-se as disposições das encyclicas contra as sociedades secretas de Clemente XII, *in eminenti,* de Benedicto XIV, *providas,* de Pio VII, *ecclesiam*, de Leão XII, *quo graviora,* e de Sua Santidade mesmo, *qui pluribus,* de 9 de novembro de 1846, declara este que pelos catecismos, constituições e obras da maçonaria se vê que o seu proposito é acabar com a religião catholica, e por isso mover guerra á cadeira apostolica, centro de unidade, derrubar toda a authoridade humana, constituir o homem automato, independente de qualquer lei, desligado de todo o vinculo de familia e unicamente escravo de suas paixões.

O Summo Pontifice resolvendo suspender por tempo de um anno a reservação das censuras á Santa Sé, como está decretado, podendo os incursos nas

mesmas ser absolvidos por qualquer confessor, approvado pelo Ordinario do lugar, onde se achem, determina comtudo por maneira explicita que « passado o referido praso de um anno, immediatamente reviva a reservação das censuras que por authoridade apostolica novamente confirma: e formalmente declara que nenhum, absolutamente, dos adeptos d'essa sociedade fique immune d'essas penas espirituaes sob qualquer pretexto, quer da sua boa fé, quer da extrinseca apparencia de probidade que as referidas seitas soem ostentar, e por conseguinte ficam todos no mesmo perigo de eterna condemnação, em quanto a ellas adherirem. »

Taes são as ultimas palavras proferidas pelo mestre infallivel em materia da sua incontestavel competencia. Depois d'ellas a insistencia de qualquer pessoa em continuar na maçonaria é indesculpavel.

Poderá alguem allegar que o Papa não está bem informado e por isso ha erro de facto. O livro que traduzi e se vai lêr é a prova cabal de que não é precipitado o juizo do Supremo Pastor. Nem o póde ser para qualquer que tenha meditado um pouco na historia deploravel dos ultimos cem annos.

Se a maçonaria é uma associação de beneficencia e soccorros mutuos tem nas leis de todos os paizes o modêlo da sua organisação, podendo apparecer á luz do sol sem o menor receio de ser censurada ou condemnada.

Se é uma associação politica tambem póde e deve ser publica afim de ser vigiada e cohibida quando ameace perturbar a sociedade.

Se é uma associação anti-religiosa confessa a accusação unanime, que de toda a parte lhe é endereçada, e de que infelizmente se não póde justificar, porque dominando ella ha muitos annos pelos seus principaes dignitarios sobre os povos, a quem governam, os ataques á religião são incessantes, a desmoralisação publica augmenta, e a sociedade estremece nos seus alicerces.

Muitos dos seus adeptos horrorisam-se dos funestos principios e terriveis effeitos da internacional, do carbonarismo e de outras associações dissolventes. Muitos d'elles são conservadores e desejariam manter a sociedade nas suas bases e salval-a de um cataclysmo inevitavel.

Os meios, que empregam são palliativos ineffazes. Quando os homens se divorceam de Deus: Deus os abandona a todos os desvarios tresloucados da sua razão enferma.

É o que estamos observando atemorisados. Os horrores de maio de 1871 em Paris, o espectaculo, que nos offerece a Hespanha, todos os crimes politicos e sociaes, que entenebrecem a gloria d'este seculo são a consequencia necessaria dos principios estabelecidos pela impiedade, que impera desenfreada nos governos dos estados e em todas as suas medidas.

A igreja soffre, mas não morre: a sociedade é a verdadeira victima dos seus erros. Os homens, que a formam, são arrastados na torrente e com ella se precipitam no golfão. Acima das aguas irruptoras do diluvio sobrenadará a arca santa, dirigida pelo piloto, illuminado pelo espirito de Deus.

Felizes os homens, que no meio das difficuldades escabrosas da vida, não perdem de vista o pharol luminoso do Vaticano, unico guia seguro, que Deus nos quiz deixar através da caliginosa escuridão das tempestades.

É com a historia na mão: é com as palavras solemnes do Supremo Doutor, que não podemos deixar de reprovar as associações secretas e entre estas a maçonaria, cuja união á revolução este livro vai explicar por fórma irrespondivel.

Esperamos que venha um dia em que a existencia da maçonaria seja um mero facto historico do passado, eliminado absolutamente dos factos contemporaneos.

Em quanto ella subsistir permanecerá o foco da rebellião, que não deixará de perturbar a sociedade, conduzindo além d'isto a perda irremediavel os seus membros, que desprezam as advertencias, conselhos e preceitos do Chefe Supremo da igreja.

A luta entre o bem e o mal não cessará nunca, porque o seu termo possivel é tão sómente o do mundo: mas as leis eternas da verdade e da justiça triumpharão.

A maçonaria que se declarou inimiga do catholicismo em nome da *liberdade,* que é uma palavra vã desde que se escravisam os adversarios que tem opiniões contrarias aos que governam, perderá a sua importancia, desde que os homens se compenetrarem da aridez da falsa sciencia dos livres pensadores, que tudo póde destruir, mas nada reedificar.

Não ha senão dous principios segundo os quaes

póde governar-se a sociedade: o exclusivismo ou a liberdade. O catholicismo foi exclusivista durante muitos seculos e governou intransigentemente na esphera politica, procurando a igreja desviar-se sempre da intolerancia dos governos. Hoje o catholicismo em toda a parte é esmagado pela intransigencia dos livres pensadores e portanto da maçonaria. Portugal, a Hespanha, a Italia, a Suissa, a Allemanha, o Brazil e muitas outras nações são exemplos patentes d'este systema deploravel.

A verdadeira liberdade ainda não appareceu, ou se apparece é em pequena escala, em tentativas timidas. A liberdade, como ella realmente é e deve ser ainda é desconhecida e em Portugal nem se sabe o que isso seja. Todos os dias estamos vendo a prova incontestavel d'esta asseveração, que não duvido sustentar contra quem fôr.

O espirito do seculo repelle o exclusivismo catholico. Em breve elle repellirá o exclusivismo acatholico, impio, maçonico. A liberdade virá então, e com ella desapparecerá a maçonaria, e em luta aberta os dous antagonistas a verdade e o erro, vingará aquella, salvando a sociedade e restabelecendo-se a tranquillidade ás consciencias opprimidas.

A igreja nada terá a recear d'essa transformação. A unidade, que cada vez, se cimenta mais, tornar-se-ha solida. A internacional, o socialismo, o communismo e todas as utopias a que o maçonismo deu origem, força e vida, tornar-se-hão impossiveis, porque as nações voltarão para Deus, e Deus voltará para ellas.

Quando Deus as quer castigar não precisa ma-

nifestar signaes tremendos da sua colera. Abandona-as, e isso lhes basta para seu exemplar castigo.

A verdadeira, a sincera e efficaz liberdade fará volver para Deus os povos transviados, e os grandes castigos cessarão immediatamente.

Porto 1 d'agosto de 1873.

Conde de Samodães.

INTRODUCÇÃO

« Parece-me que a publicação d'uma obra verdadeiramente scientifica sobre a *Franc-Maçonaria,* satisfaria a uma das mais elevadas necessidades da nossa época. Um livro, que, preenchendo todas as condições da sciencia e da critica, fizesse conhecer a origem, historia, natureza, praticas, symbolos, situação da *Franc-Maçonaria,* e a sua influencia nos estados modernos, teria um merito inestimavel. Elle dissiparia em fim as sombras que envolvem esta sociedade mysteriosa e permittiria aprecial-a com verdadeiro conhecimento de causa. Possa algum dos nossos sabios emprehender este importante trabalho! »

É com estas notaveis palavras que o illustre bispo de Mayence, monsenhor Ketteler, terminava uma interessante dissertação, por elle composta, ha alguns annos, sobre esta questão: *Póde um catholico ser Franc-Maçon?*

De certo que não tenho a pretenção d'emprehender a obra, cujo plano foi dado pelo sabio bispo. Está muito superior ás minhas forças: porém abrigo a mesma opinião do veneravel prelado ácerca da opportunidade do trabalho, que elle indica, e é por isto que offereço ao publico o que exactamente poderia chamar: *Os meus estudos sobre a Franc-Maçonaria.*

Posto que restricto em limites muito mais apertados do que a importancia do assumpto exigia, creio que este livro não será sem utilidade para muitos leitores, que não tem vagar de lêr grandes obras: e talvez abra áquelles, que tiverem tempo e meios, a opportunidade de realisar o desejo tão legitimo de Monsenhor Ketteler.

O titulo collocado á frente da obra mostra bastante o fim que me propuz. Atrevo-me a prometter ao leitor que justificarei plenamente este titulo e demonstrarei até á evidencia a ligação intima, que existe entre estas duas cousas: *A Franc-Maçonaria* e a *Revolução.*

Tem o leitor direito para conhecer o valor e a authenticidade dos documentos, sobre que se firmam as accusações que esta obra faz á Fr.·.-Maç.·.: vou satisfazel-o.

Um livro publicado ha alguns annos na Belgica, com este titulo: *A Franc-Maçonaria submettida á luz clara da publicidade* (Gand 1866, 2.ª edição) e que comprehende grande numero de titulos authenticos, extrahidos textualmente dos *livros, revistas* e outras publicações maçonicas, cahiu-nos providencialmente entre mãos. É uma mina abundante, que não conse-

guimos esgotar. O estimavel author d'este resumo, Amant Neut, por esta erudita e laboriosa compilação, prestou á igreja um serviço immenso. Por isso foi elle altamente louvado e felicitado pelo Soberano Pontifice, por um breve de 6 de dezembro de 1865. Tal é a fonte principal onde fomos beber.

Muito nos auxiliou tambem a obra do senhor de Saint-Albin: *A Franc-Maçonaria ou as sociedades secretas.* O corajoso e infatigavel escriptor, que parece haver recebido uma missão particular para combater a *seita,* mostra no seu livro rara intelligencia das praticas das sociedades secretas e do *espirito maçonico.*

Citamos como fazendo authoridade o I.·. Clavel (Historia pittoresca da Franc-Maçonaria). Esta obra, que sahiu á luz em 1843, fez arruido entre os Franc-Maçons. O Grande Oriente de França proferiu contra o I.·. Clavel sentença d'exclusão perpetua *por haver* divulgado na sua historia *parte dos segredos da Ordem.*

Nenhuma outra accusação se fez contra ella. Não se contestou nem a verdade da narração nem a fidelidade do quadro traçado da Fr.·.-Maç.·. Assim esta condemnação, longe de debilitar o seu testemunho, corrobora-o. O I.·. Clavel só foi criminoso por haver revelado o que os regulamentos da Fr.·.-Maç.·. lhe ordenavam que não divulgasse.

Muitas citações são tambem extrahidas da historia das tres grandes lojas da Fr.·.-Maç.·. do I.·. Rebold; e de um grande numero tambem das revistas e jornaes da Maç.·. em differentes paizes. A obra estimavel do snr. Testu nos habilitou com todos os es-

clarecimentos necessarios sobre a *Internacional:* d'ella muito aproveitamos. Mas a authoridade que citamos de preferencia é o *Ritual* da Fr.·.-Maç.·. que é o seu *livro sagrado* e contém o ceremonial usado na collação dos graus. É ahi onde se póde estar certo de encontrar a verdadeira doutrina da Fr.·.-Maç.·. Ao lado do *Ritual* e quasi no mesmo nivel, devem collocar-se as obras do I.·. Ragon: a que se intitula *Orthodoxia maçonica* e o *Curso philosophico e interpretativo das iniciações,* assim como os *Rituaes* por elle redigidos, gozam na Ordem d'uma authoridade excepcional, como fazem prova as approvações que se deram a esses livros, que se encontrarão nas notas.

A conveniencia de não interromper estes estudos, para não sermos prolixo, nem os assumptos, impelliu-nos a collocar sob a fórma de notas os documentos que apesar da sua incontestavel utilidade não nos pareceram absolutamente necessarios para a intelligencia da obra. No fim do volume achar-se-ha o vocabulario maçonico, que o leitor deverá percorrer. A Fr.·.-Maç.·. tem effectivamente uma lingua especial, que deve saber-se, se se deseja comprehender o sentido de certas expressões extravagantes e desusadas. Tiramol-o quasi todo da obra de Saint-Albin, resumindo-o.

Será necessario precaver nossos leitores, dizendo-lhes que se detestamos os erros, não odiamos os homens, e combatendo as doutrinas sabemos amar as pessoas? Filho da igreja, a nossa opinião sobre a Fr.·.-Maç.·. estava formada antes de pegar da penna para patentear-lhe os projectos e o perigo. Mas apren-

demos da nossa Mãi e do seu divino Chefe a amar até os nossos inimigos. Sabemos que entre os II.·. MM.·. ha muitos illudidos. Lamentamol-os sinceramente. Quanto aos que conhecem a fundo a sociedade, a que pertencem, e continuam a pertencer-lhe, lamentamol-os ainda mais: são tanto mais infelizes quanto mais criminosos.

Reduzir á verdade esses espiritos que, de caso pensado, se apaixonam pelo erro, é cousa difficil: seria presumpção esperal-o. Endereçamo-nos a outra classe de leitores.

A sociedade actual contém um grande numero de individuos, que, apesar de certas virtudes e incontestavel honestidade, não tem principios fixos em religião, nem em philosophia nem em politica. Christãos por nascimento e pela educação da infancia, mas vivendo n'um meio, onde reina completa indifferença, e se pensa ter sufficientemente justificado as crenças mais absurdas desde que se proferir a palavra *liberdade de cultos,* o desvairamento do espirito, fazendo appello ao que hoje se chama conciliação: estes individuos não tem convicções sérias. Para elles o erro e a verdade, as religiões mais diversas estão ao mesmo nivel.

Não podem comprehender que no XIX seculo a igreja possa condemnar certas doutrinas. Os anathemas com que ella fulminou as sociedades secretas parecem-lhes pelo menos um anachronismo: tem dó e escandalisam-se. Cegos, que não vêem que são as *doutrinas que governam o mundo,* e que os falsos principios desvairam as multidões! Entre os espiritos

embora esclarecidos, poucos sabem remontar dos effeitos ás causas e dar razão do mal que ameaça as sociedades modernas e do unico remedio efficaz que póde salval-as.

É em particular para esta classe de leitores, infelizmente muito numerosa, que este livro se destina. Um tratado pareceria arido e enfadaria muitas pessoas: preferi a fórma epistolar. É a um dos homens, como acabo de definil-os, que dirijo a minha correspondencia. Possa esta obra rectificar certas idéas e despertar em grande numero de almas honestas, mas fracas na fé, o sentimento catholico e a santa paixão da verdade!

Conformando-nos com os habitos da Maçonaria e para brevidade, usaremos das abreviaturas abaixo mencionadas:

M.·.	quer dizer	Maçon.
Fr.·.-Maç.·.		Franc-Maçonaria.
M°.·.		Maçonico.
M^{a}.·.		Maçonica ou Maçonaria.
Fr.·.-M.·.		Franc-Maçon.
L.·. M.·.		Loja Maçonica.
Fr.·.-MM.·.		Franc-Maçons.
I.·.		Irmão.

NOTA I

O snr. de Saint-Albin faz resaltar a authoridade M.·. das obras do I.·. Ragon.

Os rituaes do I.·. Ragon, diz elle, o seu Curso philosophico e interpretativo das instituições antigas e modernas, e o seu livro da Orthodoxia maçonica foram-me de grande auxilio. O I.·. Ragon é o author *sagrado* da Fr.·.-Maç.·. Não é só o I.·. Luiz Blanc, que lhe dá este nome, é toda a Fr.·.-Maç.·. Elle reviu, corrigiu, segundo as necessidades dos tempos novos, toda a lithurgia, como só o Soberano Pontifice poderia fazel-o na igreja. Fez receber pelo Grande Oriente a sua *Orthodoxia maçonica*. Antes de fazer imprimir o seu Curso philosophico obteve o assentimento do Grande Oriente, que authorisando a impressão, disse: « A presente authorisação é concedida sem approvar nem rejeitar o systema interpretativo seguido pelo author para explicar os graus e symbolos maçonicos [1]: mas quem poderia ser logrado por esta precaução? » Diz-se d'um livro sem approval-o, sobretudo em taes materias « que elle é escripto com profundeza e sabedoria [2] ? » Mas alguns mezes depois o Grande Oriente eliminava, adoptando um novo relatorio, essa palavra excessivamente prudente que podia atemorisar a confiança dos MM.·. na obra do I.·. Ragon. « O Gr.·. Or.·. não tendo que julgar dos systemas particulares avançados pelos authores, houve de conformar-se com um exame consciencioso da obra com respeito á moral: tambem teve de certificar-se se ella não continha preceito, maxima ou contradicção com os principios, que dirigem a associação maçonica. Foi só após madura e reflectida deliberação, que se reconheceu ser a obra do I.·. Ragon escripta com fim louvavel e eminentemente philosophico: que era o trabalho d'um irmão profundamente instruido, digno a todos os respeitos dos suffragios unanimes que obtivera pelo facto mesmo da vossa decisão [3]. »

Um anno depois, havendo recebido o livro impresso, escreveu o Gr.·. Or.·. pelo seu secretario geral ao I.·. Ragon.

« Carissimo I.·.

« O Gr.·. Or.·. de França recebeu o exemplar que V. lhe enviou da sua obra intitulada: *Curso interpretativo das iniciações antigas e modernas*, e convencido da utilidade e merito d'esta obra, aceitou a offerta, deliberando que fosse collocada na sua bibliotheca.

« Já, carissimo I.·., quando V. se endereçou ao Gr.·. Or.·. pedindo-lhe a authorisação necessaria segundo os seus estatutos, para imprimir esta obra philosophica, elle pôde avaliar, ouvindo o relatorio, que a tal respeito lhe foi presente, quanto este trabalho continha pensamentos profundos, investigações eruditas e sciencia: igualmente não hesitou em reconhecer a sua alta moralidade, as preciosas

[1] Processo verbal do Gr.·. O.·. em commissão central a 25 do 12.° mez (5839) (25 de fevereiro de 1840, era vulgar).

[2] Relatorio dirigido ao Gr.·. Or.·. e por elle adoptado.

[3] Festa da Ordem do Gr.·. Or.·. de França de 24 de junho de 1840.

lições que d'ella adviriam para os maçons, e por consequencia, dar a V. a authorisação, que solicitava.

« Hoje, carissimo I.·., elle nos incumbe de reiterar a V. a satisfação que teve de vêr um trabalho tão honroso, e de testemunhar-lhe, com as suas felicitações, a expressão da sua gratidão pelo novo serviço que V. acaba de fazer á maçonaria: e, em verdade, iniciar nossos irmãos nas luzes, que nós possuimos, é, carissimo I.·., cumprir a parte mais bella da missão, que nos é devolvida; e com este titulo, como por outros muitos, V. adquiriu sem duvida direitos incontroversos á gratidão de todos os maçons. »

A cortezia só não inspiraria taes palavras mesmo em uma carta particular. Mas é o Grande Oriente que escreve ao author do *Curso philosophico e interpretativo das iniciações antigas e modernas!* Parece que uma obra maçonica não póde receber uma approvação mais pomposa. Todavia, uma loja capitular, quer dizer, uma alta loja, fez mais pela obra do I.·. Ragon do que o Grande Oriente mesmo: fez d'ella um *livro sagrado.*

Deixarei aqui de narrar: o documento fallará por si aos leitores.

« Á Gl.·. do Gr.·. Arch.·. do Un.·. O.·. de Nancy (Meurthe) 1.º d'agosto de 1842 (era vulgar).

A L.·. CENTRAL

REGULARMENTE CONSTITUIDA COM O TITULO DISTINCTIVO

DE

S. JOÃO DE JERUSALEM

ÁS RR.·. LL.·. DOS DOUS HEMISPHERIOS

S.·. S.·. S.·.

M.·. RR.·. II.·.

« O successo que produziu nos II.·. da Ord.·. e em todos os Maç.·. o *Curso philosophico e interpretativo das iniciações antigas e modernas* do I.·. Ragon, gr.·. 33, Ven.·. fundador das tres officinas dos *Trinosophos* ao Or.·. de Paris, evidenciando a bondade, moralidade e utilidade d'esta obra, levou-nos com annuencia do author a tomar a iniciativa e recommendar aos nossos II.·. uma reimpressão toda Maç.·. chamada *Edição Sagrada* das LL.·. e dos Maç.·. sómente, confiada aos cuidados do I.·. Dard, impressor da L.·.

« Muitos Ven.·. de LL.·. e outros II.·. que tem apreciado o merito d'esta obra philosophica, tem lamentado não a vêr exclusivamente consagrada aos adeptos da Ord.·. Era no entanto necessario que uma edição prévia, em que nem *tudo se podia dizer*, apresentasse a obra ao assentimento Maç.·. e ao mesmo tempo provasse aos prof.·. e Maç.·. pouco illustrados, que a maçonaria é uma sciencia que só se adquire pela reflexão e estudo, e que se em algumas Off.·. os trabalhos tem a futilidade que os prof.·. e mesmo alguns II.·. censuram á Ord.·. é porque não se tem meditado nos principios e symbolos, e porque ahi a luz ficou debaixo do alqueive.

« Mas hoje que a approvação da obra é unanime, porque ella contém em cada grau tudo quanto um Maç.·. póde desejar conhecer, o author animado por votos

esclarecidos, aperfeiçoou e completou seu trabalho, augmentado ainda de notas curiosas e instructivas. Alguns II.·. tem dito: Este livro será o livro de toda a minha vida. Outros lhe disseram: « Todas as interpretações e especialmente todas as explicações estão tocadas com mão de mestre. Este livro é o melhor que se póde fazer no assumpto de que trata. O vosso intento, que alcançastes, é de chamar a attenção de todos os Maç.·. sobre a parte moral e scientifica da maçonaria, e de *reconstituir a unidade de idéas e pensamentos d'onde advirá mais tarde a unidade de poder e de acção.* »

Em fim, depois de haver citado a passagem lisonjeira da prancha do secretario geral, traçada por ordem do Gr.·. Or.·., endereçada ao author a 4 de junho de 1841, continúa assim:

« Adoptando com convicção os sentimentos do Gr.·. Or.·. sobre os serviços que póde prestar ás LL.·. a propagação d'esta obra, principalmente quanto á unidade de idéas e instrucção d'ahi emergente para o mundo maçonico, não hesitamos em subscrever este *Curso* com a intenção de substituir por elle os nossos cadernos, á maneira que forem acabando, para as *recepções* e *filiações*, e vos convidamos com confiança, carissimos II.·., no interesse da Ordem e no vosso, a subscrever da mesma sorte esta obra d'*iniciativa*, mas, que só por intermedio das LL.·. deve ser espalhada.

« A fim que os cadernos ou volumes não caiam em mãos que não devam possuil-os, o nosso carissimo I.·. Guérard, nosso thesoureiro, foi encarregado de ser o exclusivo distribuidor, sob a inspecção da loja. É a elle, a quem devem dirigir-se, francas de correio, as pranchas e os metaes [1].

« Somos com a mais terna fraternidade

« M.·. RR.·. II.·.

« Dedicados e affeiçoados II.·.

« O presidente honorario vitalicio dos Maç.·. de Nancy, Ven.·. em exercicio da loja symbolica, com malhete d'honra, etc.

« Ch. MARDEL, advogado, Cav.·. R.·. ✠.

« O 1.º Vig.·. O 2.º Vig.·.

« CHARON, Cav.·. R.·. ✠. GASTALDY, Cav.·. R.·. ✠.

« O Orad.·.

« Eug. LORENTZ, R.·.

« Sellado e rubricado por nós,

« Archivista da R.·. L.·.

« BARTHELEMY, pai.

« O 1.º Expert.·.

« J. B. TOUSSAINT, Cav.·. R.·. ✠.

« Por ordem:

« O secretario geral,

« A. DUMAS, M.·. »

[1] É M. Guérard, thesoureiro da caixa economica e caixa de piedade, em Nancy (Meurthe). É mister provar que se tem o grau de mestre para poder adquirir a obra reunida, ou os cadernos separados.

A FRANC-MAÇONARIA

E

A REVOLUÇÃO

CARTA PRIMEIRA

Estado da França. — Causa principal dos seus males no trabalho das *sociedades secretas*

Senhor.

Porque motivo adoptou este titulo, me interrogará V. Eil-o.

Quando os fogos sinistros d'um immenso incendio devoraram numerosos e vastos edificios, sepultando nas ruinas fumegantes a fortuna e o futuro das familias afflictas, faz-se um inquerito: procura saber-se se esta desgraça é devida a uma causa involuntaria, ou se teve origem na malevolencia e no crime: espera-se assim, senão reparar o mal, ao menos prevenir novos desastres.

Ha pouco mais d'um anno, a França estava na opinião

de muita gente á frente das nações civilisadas. Mostrava-se prazenteiramente ao mundo, orgulhosa com a bravura de seus soldados e a incontestada gloria dos seus exercitos, a prosperidade sempre crescente do seu commercio, o rapido desenvolvimento da industria e das artes. Temida pelos visinhos, ella parecia poder dar a lei ao universo e impôr-lhe as suas vontades. Como mudaram os tempos! A guerra acaba de percorrer o paiz com suas tochas incendiarias: fez correr rios de sangue, assolou as nossas provincias mais formosas, saqueou cidades, devastou as campinas. Levou o luto a todas as familias, derribou ou abalou todas as fortunas, aniquilou o commercio, paralysou a industria, ceifou gerações inteiras: e tendo esgotado os recursos do paiz, faz pesar sobre elle uma divida que o esmaga.

Não é esta porém senão a parte menor de nossos males. Entre os partidos politicos que desde muito tempo dividem a França, ha alguns, que pouco zelosos da sua honra, e antepondó seus interesses particulares aos da patria, depois de haverem tornado impotentes todos os esforços dos verdadeiros francezes para repellir a invasão estrangeira, voltaram contra seus irmãos as armas que não tiveram a coragem de brandir contra os estrangeiros.

Uma guerra civil á surdina preparada e geralmente organisada, collocou a França a dous dedos da sua ruina: e quem é que ousaria affirmar que o mal está esconjurado e que o perigo desappareceu? A hedionda communa, proclamada em Paris, renovou os horrores de 93; excedeu-os. O sangue das victimas degoladas por malvados, em que não se encontram os vestigios do homem, as ruinas ainda fumegantes dos numerosos edificios incendiados por elles, e mais ainda, seus planos sinistros, cuja execução teria feito de todas as nossas grandes cidades um montão de cinzas accumuladas sobre um lago de sangue, disseram á Europa e ao mundo inteiro o que póde esperar-se d'uma geração sem Deus nem consciencia, desvairada pelas paixões, nutrida de odios e saturada de impiedade.

Em presença d'estas ruinas amontoadas, d'esta desolação universal, não será um dever de todos os francezes a investigação das causas fataes, que produziram uma catastrophe, de que a historia dos povos christãos não offerece exemplo?

Parece-nos que o é: seriamos nós desculpaveis, em verdade, se preoccupados com o rebaixamento material, que é o effeito, não suspendessemos nossas vistas na degradação moral, que é a verdadeira causa?...

Não, não o dissimulemos, lamentando nossos desastres, é nosso dever accusar-nos de nossas faltas; se somos desgraçados, tenhamos a coragem de dizel-o, primeiro que tudo somos culpados. Se a mão de Deus nos ferir em nossos interesses, honra, familia e pessoas, é porque o sopro envenenado da impiedade nos atacou mais perigosamente ainda na nossa fé, costumes, consciencia e nas nossas almas: e n'este momento colhemos os fructos amargos da guerra insensata feita a Deus principalmente ha um seculo na nossa desgraçada patria. Não, não foi em tão poucos mezes que a França cahiu de tão alto e desceu tão baixo.

Escute V., senhor, uma palavra divina: ella nos explica o enigma. «É a justiça, diz o Espirito Santo, que faz grandes as nações, é o passado que torna desgraçados os povos»... Pense e diga o homem o que lhe aprouver, esta é a verdade. *Justitia elevat gentes, populos autem miseros facit peccatum.* (Prov. 14. 34).

Dir-me-ha V. e com razão que sempre houve peccado na terra, e que nenhuma nação d'elle está isento. Sei-o, mas V. convirá commigo que o mal no nosso seculo tem dous caracteres privativos que o aggravam extraordinariamente. E o que distingue sobre tudo o nosso seculo de todos os outros na historia do mundo christão, é o enfraquecimento progressivo da fé.

Este facto produz em uns a indifferença, em outros impiedade hostil, em quasi todos, uma ignorancia deploravel: taes são as causas fataes d'este depauperamento de forças,

precursor da morte. A fé, V. o sabe, é o principio da nossa justificação e a primeira e unica fibra por onde a nossa alma se liga a Deus: arrancada ella, acontece-lhe como á arvore a que se cortaram as raizes: morre. O segundo caracter, que distingue a nossa época, é que o mal está hoje organisado: faz-se official, regular e fatalmente, até em virtude das instituições do paiz. Elle penetra nas massas por modo que póde chamar-se necessario, infallivel, inexoravel. Para fazer comprehender o meu pensamento, basta indicar por um lado o *ensino* imposto pelo Estado e dado pela *Universidade:* pelo outro, a propagação de más doutrinas por uma *imprensa irreligiosa e immoral.* Comtudo convém subir mais acima para encontrar a origem primitiva e abundante dos males que nos opprimem. Vai V. taxar-me d'exagerado; já o espero e estou resignado: não peço que me acreditem antes de haver exhibido as provas da minha asserção. Pela sua parte leia antes de julgar.

A grande culpada, porque não só ella é a cumplice de todos os nossos inimigos, mas a instigadora de todos os nossos males é a Fr.·.-Maç.·. Sim, é ella a causa primitiva e principal de todas as nossas desgraças e aviltamentos. Ella os quiz, preparou-os e tanto quanto podia, cumpriu-os. A accusação é grave e a prova deve ser peremptoria. Atrevo-me a prometter que o será. Esta prova é tanto mais irrecusavel quanto será a Fr.·.-Maç.·. mesmo que m'a fornecerá.

Não julgue emfim que a opinião, que emitto, me seja exclusivamente pessoal.

«São as sociedades secretas, diz monsenhor Ketteler, bispo de Mayence, que produzem essas reuniões clandestinas; que perturbam a sociedade europêa. A força da revolução exerce-se inteira nas reuniões secretas, e é ahi que a acção funesta dos partidos patentêa a sua energia destruidora...

«Desde que as sociedades secretas tomaram o grau de desenvolvimento que ellas tem, e receberam a organisação que lhes é propria, os paizes que se chamam civilisados es-

tão n'uma agitação febril e continua. » (Extracto da obra: *Póde um catholico ser Franc-Maçon*).

« Pense-se da Fr.·.-Maç.·. o que se quizer, diz elle em outra parte, não póde negar-se que haja um interesse immenso em conhecel-a e avaliar a sua importancia moral e intellectual... Se a Fr.·.-Maç.·. é erroneamente apreciada pelos seus adversarios, não póde ella senão lucrar vendo a sua historia e as suas obras tiradas da sua mysteriosa obscuridade. Se elles tem razão em atacal-a, toda a humanidade é interessada em conhecer seus vicios. » (Da obra—*Liberdade e Authoridade,* do mesmo author).

« Não se vê claro nos negocios d'este mundo, diz o *Monde* (14 de julho de 1867) senão lançando algumas vezes os olhos por baixo das cartas. Quem não metter em linha de conta as *sociedades secretas* não poderá apreciar os factos, que se passam á nossa vista. Com esta organisação, em que tudo está preparado e tramado com antecipação, sabe só o publico o que os directores julgam conveniente deixar-lhe conhecer. A constituição, as instituições modernas, as discussões dos altos corpos do Estado serão apenas meros embustes em quanto houver associações secretas poderosas. »

«Nenhum homem d'estado, diz o senhor Eckert, conhece a sua época, nenhum sabe as causas dos successos que se verificam nas regiões da alta politica, nenhum explica o que se faz na administração; na igreja, na escóla, em toda a vida politica e moral dos povos: não comprehende mesmo o sentido, que hoje tem certos vocabulos: em resumo, elle não tem a intelligencia dos factos em presença dos quaes não sabe o que ha de fazer, se não estuda a fundo a Ordem da maçonaria, comprehendendo-lhe a natureza e a acção. » (*De Freismaure Orden.* 1859, pag. 13). E' por isso que um escriptor, cujo testemunho a Fr.·.-Maç.·. mesma não recusa, não recuou em chamal-a o *Laboratorio das revoluções.*

Seria superfluo acrescentar aqui os testemunhos, que encontram convenientemente o seu lugar na parte d'esta

obra onde diremos o que pensaram da Fr.·.-Maç.·. os governos e principalmente a igreja.

Contentar-me-hei de repetir aqui algumas palavras de Pio IX sobre este importante assumpto: são tiradas da sua allocução de 25 de setembro de 1863.

«Aprouvesse ao céo, exclamava então o venerando Pontifice, que os soberanos catholicos, que nossos predecessores tinham exhortado a reprimir esta seita profundamente perversa, e a defender a sociedade contra o perigo commum, houvessem prestado attenção a palavras tão graves! Aprouvesse ao céo que em negocio tão importante elles tivessem obrado com menos tibieza! De certo, que não teriamos nós tido nem nossos paes para lamentar *tantos movimentos sediciosos, tantas guerras incendiarias que tem abrazado a Europa e tantos males amargos* que tem affligido e affligem ainda hoje a igreja.»

Esta apreciação é para V. como para mim do maior peso, e dispensar-me-ha por agora outras explicações. Bastará ella para desviar da minha asserção o que á primeira vista poderia parecer arriscado e temerario a pessoas que não conhecessem a Fr.·.-Maç.·.

Rogo a estas pessoas que se deem ao trabalho de lêr uma obra, que se poderia dizer composta pela Fr.·.-Maç.·. mesma, pois que seus proprios escriptores serão constantemente, n'este livro, os seus accusadores e testemunhas. Instruir-se-ha pois o processo, não por mim, mas pela Fr.·.-Maç.·.; ao leitor cabe pronunciar a sentença. Vamos entrar em materia.

CARTA SEGUNDA

Definição da Franc-Maçonaria — por ella — por nós. A Maçonaria é cosmopolita e universal

Senhor.

Que é a Fr.·.-Maç.·.? Tal é a primeira pergunta que V. me faz. Se fosse mister dar-lhe uma resposta satisfactoria, envial-o-hia ao termo da nossa correspondencia, ultima pagina d'esta obra. Conhecel-a-ha V. em chegando ahi, eu o espero. Mas V. me pede agora só uma definição geral, que fixe e determine o fim do nosso estudo. Vou tentar satisfazel-o.

Eis em primeiro lugar como ella se define a si [1].

Nas constituições da Ordem, redigidas e votadas pela assembléa geral do G.·. O.·. de França em 1865, e reproduzidas no Annuario Maçonico, lêem-se estas palavras:

« A Fr.·.-Maç.·., instituição essencialmente philanthropica, philosophica e progressiva, tem por objecto a investigação da verdade, o estudo da moral universal, das sciencias e das artes, e o exercicio da beneficencia. » (Art. 1.)

« Tem por divisa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade. » (Id.)

« A Fr.·.-Maç.·., dizia o I.·. Grisar ao Oriente d'Anvers, em 1845, representa aos meus olhos, a *reunião de todas as tendencias religiosas, de todas as aspirações nobres para o*

[1] Vide nota no fim d'esta carta.

aperfeiçoamento e melhoramento da sorte moral, intellectual e physica da grande familia humana.» (A. Neut. 1 vol. 290).

«Na esphera elevada, em que ella se colloca, dizem ainda as constituições, a Fr.·.-Maç.·. *respeita a fé religiosa e as opiniões politicas de cada um de seus membros.*» (Art. 2). O que não obsta a que o Jornal Maç.·. de Vienna diga que a Fr.·.-Maç.·. é uma sociedade, que, para constituir-se, *houve de fazer desapparecer todos os prejuizos tão inuteis, mas tão funestos nas suas consequencias, das nacionalidades, classes e religiões.*

Não chegou ainda o momento de rasgar o véo que occulta o verdadeiro espirito, objecto final e tendencias da Fr.·.-Maç.·. Observemos só de passagem que ella não possue um só dos caracteres que inculca ter pelas suas constituições.

Não, ella não é *philosophica,* porque confessa não ter systema de doutrina, nem querer impôr algum aos seus membros: mais adiante proval-o-hemos com o seu proprio testemunho.

Não respeita a *fé religiosa* dos seus membros, porque procura minar os fundamentos de todas as religiões, e substituir-lhe a mesma maçonaria.

Não respeita as *opiniões politicas* porque vota odio implacavel a todas as monarchias, cuja ruina trama. Não me demoro agora em provar estas asserções: os numerosos testemunhos, que nos presta a Fr.·.-Maç.·. e os seus escriptores, me dispensarão de fazel-o: previno só os leitores que os caracteres, que ella inculca nas suas constituições, são apenas falsidades, que toma tanto ao serio como nós, mas servem para illudir os profanos.

Qual é pois a sua verdadeira definição? Que é a Fr.·.-Maç.·.?

Eis a que se mostrará ser verdadeira em cada uma das paginas d'este livro.

«É uma sociedade de homens *sem religião,* associados por meio de uma organisação *mysteriosa e juramentos hor-*

riveis, sob a direcção occulta de *chefes invisiveis,* para fazer a *guerra á igreja e á sociedade,* e resuscitar o paganismo, sob o especioso pretexto de estabelecer em todo o universo a liberdade, a igualdade e a fraternidade.»

Quando affirmo que seus membros *não tem religião,* não procuro negar que não comprehenda um certo numero de individuos, especialmente nos graus inferiores, que pensam, ainda que mal, poderem conciliar com a sua profissão maçonica os deveres do christianismo e as obrigações de sua consciencia.

Quando digo que o seu *objecto* é fazer a guerra á igreja e aos governos, quero fallar do objecto da *sociedade* e não do que tem em mira qualquer de seus membros. Mas, quer o queiram, quer não, todos os membros da maçonaria concorrem para o resultado que procura a sociedade. Soldados do grande exercito, combatem efficazmente para o triumpho da sua causa, ainda que por meios diversos e com medida desigual.

Definindo a Fr.·.-Maç.·. ao mesmo tempo defini todas as *sociedades secretas* e a razão é simples. Não ha duvida que estas sociedades se distinguem umas das outras pelo nome, que tem: a sua organisação e regulamentos podem variar conforme a condição das pessoas, e os differentes paizes onde se estabelecem e funccionam: podem adoptar ou rejeitar certas praticas accidentaes: mas tem a mesma *natureza* e identico espirito.

Tiram a sua origem d'uma fonte commum: tendem *finalmente* para o mesmo *objecto* e por *meios* identicos. Se ha algumas que não saudam a Maç.·. com o nome de *mãi* não ha uma só que não deva reconhecel-a como *ama,* e honral-a como senhora e rainha. As suas doutrinas são as mesmas, e todas se acham animadas de odio igual contra a igreja, e contra o Christo. A Fr.·.-Maç.·. póde pois ser considerada como a formula geral e o typo verdadeiro das sociedades secretas, a sua personificação mais exacta e universal.

Pela definição acima dada, a sociedade maçonica é for-

mada de dous elementos combinados entre si, a *independencia individual* e a *união social*. Campeões da liberdade, os Fr.·.-Maç.·. se unem em toda a parte para fazer triumphar o seu principio. A sua *divisa pessoal* é a de Satanaz: *non serviam*, não obedecerei; o seu *fim commum* é arrastar todos os homens, se fosse possivel, á sua sacrilega revolta, como Lucifer arrastou uma parte dos anjos á sua rebellião e queda. A sua *independencia* é a dos demonios, e o *concerto* que existe entre elles para o mal é o resultado d'um odio commum contra tudo o que embaraça a sua liberdade e contraría as suas paixões: assemelha-se muito á subordinação forçada, que, por justo juizo de Deus, existe entre os demonios das diversas hierarchias.

Disse eu que a Maç.·. abrange o mundo inteiro na sua obra de propaganda: é ella, que nol-o ensina.

«*O numero dos Fr.·.-Maç.·. é illimitado.* Reunem-se em assembléa que toma o nome generico de loja ou officina.

«Estas assembléas dirigem-se segundo os estatutos e regulamentos geraes e particulares.» (Art. 7.)

«A Fr.·.-Maç.·. aspirando a estender a todos *os membros da humanidade* os laços fraternos que unem os Fr.·.-Maç.·. sobre toda a superficie do globo, a propaganda Maç.·. pela palavra, pela escripta, e pelo bom exemplo é recommendada a todos os MM.·.» (Art. 5.)

A estatistica da maçonaria que daremos mais adiante provar-nos-ha até á evidencia que este trabalho de propagação se fez, e foi coroado de bom resultado. Mas este caracter de *universalidade*, que indicamos aqui não deve ser encarado só como um facto: é para a Maç.·. um principio, e eis porque elle devia entrar na sua definição.

«A Fr.·.-Maç.·., diz o I.·. Ragon, não é de paiz nenhum: não é franceza, escoceza ou americana. Ella não póde ser sueca em Stockolmo, prussiana em Berlim, turca em Constantinopla, se lá a ha. É *uma* e *universal:* tem muitos centros d'acção, mas só *um centro d'unidade*. Se a Maç.·. per-

desse este caracter *d'unidade* e *universalidade* deixaria d'existir.» (Curso philosophico.)

«A Maç.·. é *universal e uma* só», dizia do seu lado o I.·. Stevens ao G.·. Or.·. da Belgica em 1856.

«Não ha maçons belgas, francezes, allemães, catholicos, protestantes ou israelitas. A Maç.·. não reconhece taes distincções, porque é *cosmopolita*. Esta instituição pertence a todos os paizes, e cultos, tem regras, principios e estatutos universaes.»

Este caracter de universalidade é igualmente reconhecido e ensinado no ritual. «D'onde vem a palavra loja? pergunta-se ao candidato e *companheiro*. Elle responde: do vocabulo sanscrit *Loza* que significa o *mundo*. É por isso que a loja é coberta com um panno azul recamado d'estrellas, como a abobada dos templos egypcios, e as suas dimensões são incalculaveis.» (Rit. do Comp.)

«A caverna de Mythra, onde os magos celebravam seus mysterios, e o antro d'Athys tambem significam o mundo.» (Ib.)

Eis aqui, me parece, o que basta sobre este assumpto. Tem V. já uma idéa geral sobre a Fr.·.-Maç.·. e é o que eu me propunha.

Cada uma das minhas cartas virá esclarecer successivamente a questão, e desenhar mais nitidamente os membros e as partes d'este grande corpo.

Assim estudada, por todos os lados, esta mysteriosa sociedade, ficar-nos-ha sufficientemente conhecida para que possamos apreciar-lhe a natureza e as tendencias, e formar uma idéa exacta do seu valor moral e dos funestos resultados da sua acção. Para todo o homem, que reflecte, a definição, que acabo de formular e me atrevo a prometter, que hei-de justificar completamente, a diffusão extraordinaria de seus membros, e o sello *d'universalidade* que imprime nos seus actos, tendencias e projectos, dão já materia para pensar e prever quanto ella é formidavel e qual é o poder terrivel, de que dispõe.

Antes d'entrar em materia, temos, que estudar, algumas questões preliminares.

Primeiro que tudo perguntar-lhe-hemos pelo seu *nome* e certidão de nascimento.

Este nome, se foi dado com conhecimento de causa, deve exprimir a cousa que o tomou. Chamam-na *Franc-Maçonaria* e tambem *sociedade secreta*.

Não é desprovido d'interesse o exame do sentido e valor d'esta dupla denominação: mas ficará para a carta immediata.

NOTA II

Regulamento extrahido da Carta Maç.·. de Colonia

«I. Os authores da nossa associação foram chamados *irmãos consagrados a João*, seguindo o exemplo de *João Baptista*, precursor da *luz* que ia apparecer, de que elle foi o primeiro apostolo e martyr: os seus doutores e escriptores foram depois chamados *Mestres* segundo o costume do tempo: procuraram depois collaboradores entre os seus discipulos mais habeis e os congregaram: d'aqui se originou o nome de *Companheiro:* ao passo que os irmãos *reunidos* mas não *escolhidos* ou eleitos eram designados, segundo o uso dos philosophos hebreus, gregos e romanos pelo nome de Aprendizes (discipulos).

«II. A nossa associação compõe-se ainda hoje, como outr'ora, d'estes tres graus symbolicos, chamados *Aprendizes*, *Companheiros e Mestres*, e além do ultimo grau, de *Mestres eleitos*, e *Supremos Mestres eleitos*. Qualquer associação ou confraria assim denominada, que admitte outros titulos ou subdivisões, reclama outra origem, procura envolver-se em negocios politicos ou ecclesiasticos, dedica-se ao odio ou inveja contra quem quer que seja, e sustenta com a sua força taes reuniões de homens, embora se arrogue o nome de Fr.·.-Maç.·. e de II.·. admittidos na Ordem de *João* ou qualquer semelhante, não pertence á nossa Ordem, mas pelo contrario será rejeitada e expulsa d'ella como *Scismatica*.

«III. Estabeleceu-se entre os doutores e mestres d'esta Ordem, que professavam as mathematicas, a astronomia e as outras sciencias, depois de dispersos por toda a terra, uma communicação reciproca de doutrina e de luzes; proveio d'aqui o costume d'escolher entre os mestres eleitos um, como mais perfeito do que os outros, e venerado como *Grão-Mestre eleito ou Patriarcha* e só conhecido dos *Mestres eleitos*, visivel e invisivel ao mesmo tempo, que fosse o principe e chefe de toda a associação: e é assim que o *Grão-Mestre* ou *Patriarcha*, ainda que conhe-

cido de mui poucos irmãos existe ainda hoje realmente. E estes principios, extrahidos dos mais antigos manuscriptos e cartas da Ordem, comparados attentamente, pela authoridade do Patriarcha, com os documentos sagrados e confiados ao presidente e seus successores, achando-se fixados, nós, authorisados pelo nosso mesmo illustre Patriarcha, estatuimos e estabelecemos os preceitos que se seguem.

« IV. O regimen da nossa sociedade, o modo e meios, pelos quaes os raios da luz ignea chegam aos II.·. esclarecidos, e se estendem no mundo profano, pertencem ao poder dos *Mestres eleitos:* cumpre-lhes velar para que nada se faça ou trame contra os verdadeiros principios da nossa sociedade ou estado de qualquer membro: são tambem estes *Mestres supremos* da Ordem que estão incumbidos de defendêl-a, conservar e proteger os direitos e as liberdades do seu estado, e mantêl-os, quando necessario, com risco de fortuna e perigo de vida, em qualquer lugar e tempo, que possa ser, contra todos os que quizessem atacal-a.

« V. Nada nos revela que a nossa associação fosse conhecida antes do anno 1440, depois do nascimento do Christo, sob qualquer denominação diversa da de *irmãos de João:* foi então, segundo nos parece, que ella principiou a tomar o nome de *confraternidade* dos *Francs-Maçons*, especialmente em Valenciennes na Flandres, porque n'essa época principiou-se, pelos cuidados e soccorros dos II.·. da Ordem, e construiu em alguns lugares do Hainaut hospicios para curar os pobres, que então eram acommettidos da epidemia d'empigens, denominada *doença de Santo Antonio.*

« VI. Ainda que prestando nossos beneficios não deviamos de modo algum preoccupar-nos de religião nem de patria, pareceu-nos no entretanto necessario e prudente não receber até ao presente na nossa Ordem senão os que, no mundo profano ou não illuminado, professam a religião christã. Não devem empregar-se, para experimentar e sondar os que se offerecem á iniciação do primeiro grau, que é o de Aprendiz, tormentos alguns corporeos, mas sómente as provas que podem auxiliar para descobrir o espirito e vontades do noviço.

« VII. Entre os deveres prescriptos e cuja pratica deve ser affirmada por juramento solemne, são a fidelidade e obediencia aos principes seculares e a todos que se acham legitimamente revestidos de poder.

« VIII. Os principios que regulam todas as nossas acções e o fim para que tendem todos os nossos esforços estão enunciados n'estes dous preceitos: Ama e preza todos os homens como teus irmãos e parentes: Dá a Deus o que é de Deus, e ao imperador o que pertence ao imperador.

« IX. O segredo e mysterios que occultam nossos trabalhos só nos servem para podermos derramar nossos beneficios sem ostentação e para conduzir sem torpeços até á perfeição a obra que emprehendemos.

« X. Celebramos todos os annos a memoria de S. João, precursor do Christo e patrono da nossa communidade.

« XI. Este costume e todas as outras *ceremonias do mesmo genero*, quando se realisam, quer effectivamente, quer por meio de discursos, quer por qualquer outro modo na reunião dos II.·. *não tem relação alguma com os ritos da igreja.*

« XII. Não é reputado irmão da sociedade de João ou Franc-Maçon senão aquelle que legitimamente iniciado nos nossos mysterios, por um *Mestre eleito*, assistido por sete II.·. pelo menos, está no caso de poder dar a prova da sua recepção pelos signaes e palavras de que se servem os outros II.·.: entre estes signaes e palavras admittem-se as que se usam na loja d'Edimburgo e de Veneza, e nas

que lhe são filiadas, e cujos trab.·. embora regulamentados á maneira dos escocezes, não se desviam comtudo dos nossos pelo que respeita á *origem*, *fim* e *instituição*.

« XIII. A nossa sociedade sendo governada por um chefe unico e universal, e os differentes magisterios, que lhe competem, por muitos G.·. M.·. segundo a posição e necessidade dos diversos reinos, nada é tão necessario como a perfeita uniformidade entre todos os que, espalhados por toda a terra, são os membros dispersos d'um mesmo corpo: nada é mais util além d'isso como uma correspondencia de deputados e cartas, conforme á doutrina commum: e para este fim, as presentes attestando qual é a natureza e caracter da nossa sociedade, serão remettidas a todos e cada um dos collegios da nossa Ordem que existem actualmente.

« Por estas causas, subscrevemos e confirmamos pelas nossas assignaturas dezenove exemplares originaes inteiramente conformes ao presente e do seu theor, redigidos e dados em Colonia sobre o Rheno a 24 de junho de 1535, era chamada de Christo.

« Hermanus. — Carlton. — Jo. Bruce.
« Fr. V. Upna. — Cornelis Banning.
« De Coligni. — Virieux. — Johan.
« Schroder. — Hosman. — Jacobus
« Praepositus. — A. Nobel. — Ignatius
« de la Torre. — Doria. — Jacob Uttenhove.
« Falck. — Niclaes Vn Noot. — Philippus
« Melanthon. — Huyssen.
« Wormer Abel.
« *Ne Varietur.*
« G Wosmaer. — W. Van Vredenburch. »

CARTA TERCEIRA

Nomes d'esta Instituição — Chama-se Franc-Maçonaria, e *Sociedade secreta*

Senhor.

Vou agora occupal-o sobre os *nomes* usados para designar a instituição, que é o objecto dos nossos estudos: chamam-lhe e ella mesma se chama *Franc-Maçonaria.*

D'onde provém este nome? O que ha de mais *provavel* é que nos primeiros tempos da sua existencia os membros d'esta sociedade, para disfarçarem melhor as suas conspirações, filiaram-se em corporações de pedreiros, não lhe desdenharam o nome, tomaram-lhe as insignias e adoptaram a sua linguagem, conservando ainda a mascara, bastantemente ridicula, com que se afivelaram ao principio por prudencia.

O que temos como *certo* é que tudo na sua linguagem, como nas suas insignias, está d'accordo com esta denominação. O avental, o compasso, a trolha, o esquadro, o nivel, o fio de prumo, os nomes de aprendiz, companheiro, mestre e até a formula por que designam a Deus, o *Grande Architecto do Universo,* tudo, recorda a mesma idéa e parece derivar do nome adoptado pela sociedade.

O seu celebre Adoniram, objecto da *legenda* que serve de thema á iniciação do *mestre* é o architecto do templo que Salomão mandou construir. A Fr.·.-Maç.·. não olvidou tambem os obreiros MM.·. que edificaram a torre de Babel, e conta-os entre os seus antepassados e avós.

Deveremos suppôr por ventura que este nome tenha na

idéa dos Fr.·.-Maç.·. outro alcance ou significação mais importante? Não posso affirmal-o, mas sou tentado a crêl-o. O genio do mal assignalou com o seu sello esta singular instituição e em toda a parte lhe encontramos a estampa. Nada querendo avançar, sem prova, limitar-me-hei a dizer que elles nem são *livres* nem *pedreiros*. Não são *livres*, como elles nol-o confessarão: e não são *pedreiros* como nós o provaremos á evidencia. Todo o seu trabalho é de *demolição*. Não nos demoraremos em vêl-os em trabalhos e então comprehenderemos quanto ha de infernal no seu duplo nome, e porque a Fr.·.-Maç.·. tambem se chama *sociedade secreta*. Estes dous termos concordam perfeitamente e dão-nos da instituição uma idéa exacta.

Mas para evitar equivocos, digamos primeiramente o que se entende por *sociedade secreta*.

Todo o corpo moral, além dos *elementos*, que o compõem, possue uma *organisação* que regula as funcções dos seus membros e a acção de cada um d'elles: elle tem *um fim* para que tende e este é para a sociedade a sua razão de ser: para alcançar o *fim*, emprega os *meios* proprios á sua consecução.

Não são puros espiritos, mas homens, os elementos de que lança mão a Fr.·.-Maç.·.: não poderia pois sob este aspecto ser *invisivel ou secreta*.

Demais, estes homens reunem-se para um fim commum, e formam uma *sociedade*. Então de duas succede uma: ou o governo do paiz, onde a sociedade se estabelece, tem proscripta a Fr.·.-Maç.·. e não lhe permitte a existencia, ou tolera-a senão a approva. No primeiro caso esta sociedade não poderá formar-se senão clandestinamente. Rodear-se-ha de trevas, e occultará a sua existencia e a sua acção ao governo que a prohibiu: então será *secreta* como *sociedade*. No segundo caso, não receará de manifestar-se á luz do dia, annunciar-se-ha publicamente: a sua existencia, como sociedade, é então um facto patente tão evidente como o sol; e por isso não tem razão d'esconder-se como sociedade.

Póde ella ainda n'este caso chamar-se *secreta?* Á primeira vista parece que não: mas um momento de reflexão basta para convencer do contrario. Em verdade, todos conhecem a *existencia* d'esta sociedade: mas qual é o *fim* que ella se propõe, quaes são as suas *tendencias* e sua *organisação intima?* De que *meios* se serve para attingir aquelle? Tudo isto, sem fallar de muitas outras cousas, é incognito, permanece *secreto,* fica cuidadosamente occulto: não é pois evidente que n'este sentido e por esta razão, esta sociedade, a Fr.·.-Maç.·. fica sempre *sociedade secreta,* mesmo nos paizes onde é tolerada?

Esta distincção nos explica os sentimentos apparentemente tão oppostos dos escriptores MM.·. Conforme o *ritual do grau d'aprendiz,* a *Fr.·.-Maç.·. não é uma sociedade secreta,* mas uma sociedade que *tem um segredo.*

«A associação Maç.·., diz outro, é uma *sociedade secreta* só nos lugares, onde é perseguida e proscripta, em todas as outras partes ella é só *fechada.*»

«Em quanto a Maç.·. foi perseguida, diz um terceiro (F. Favre, Ensaio historico, Introducção, pag. CII) os inimigos das nossas constituições, que a forçavam a permanecer na sombra, diziam hypocritamente: *Os MM.·. occultam-se, é porque querem fazer mal.* Hoje, graças aos progressos das idéas de tolerancia, nós podemos apparecer á luz do dia, e derramar ás mãos cheias, sobre o mundo profano as sementes da moral *independente.*» (Mundo M.·., fevereiro 1867).

Embora: mas a esse mundo profano patenteastes vós os vossos fins, os perfidos designios, os meios d'acção? Atrevidamente podemos dizer, *não.* É o que os MM.·. mesmos nos asseveram. Ouçamol-os:

«O fim da Ordem *deve ser o seu primeiro segredo:* o mundo não está ainda *bastante forte para supportar a sua revelação.*»

Estas palavras foram proferidas em uma grande L.·. d'Allemanha poucos annos antes da revolução de 1789.

«A duração da nossa existencia maçonica, dizia o I.·.

Dufresne em 1840, depende da *conservação rigorosa dos nossos segredos.*» (Loja do trabalho em Bruxellas).

«Nenhum grau conhecido ensina ou patentêa a *verdade:* elle só *rarefaz o véo.* Os graus conferidos até hoje tem feito MM.·. mas não iniciados.» (Rito do gr.·. de M.·. p. 29.)

«Em toda a parte, diz o I.·. Ragon, se encontram emblemas, offerecendo um sentido physico, mas tendo *dupla interpretação,* uma natural ou *material,* outra *sublime* e *philosophica*; transmittindo-se esta só aos *homens de genio* que durante o exercicio de companheiros penetraram o *sentido occulto* das allegorias.» (Curso phil. pag. 212.)

Na Maç.·. *Symbolica,* que comprehende os graus d'Aprendiz, Companheiro e Mestre, e que é como o *noviciado* da Ordem, trata-se especialmente de formar estes noviços á *vida mysteriosa* da Maç.·. capitular ou *secreta.* O *Mundo Maç.·.* nos dizia em 1867 que na loja de *Gramby,* no condado de *Durham,* se achavam escriptas estas tres palavras=*Áudi, vide, tace: escuta, vê, cala.*

N'uma circular que os chefes da Maç.·. allemã, sob o grão mestrado do *duque de Brunswich,* dirigiram em 1794, ás lojas subalternas da sua obediencia, lêmos estas palavras significativas: «Vossos mestres deviam dizer-vos, como nossos paes nos ensinaram, que os *segredos da associação só podem ser conhecidos por alguns mestres,* pois que seria dos *segredos* que fossem do conhecimento d'um grande numero? *A pedra de toque particular e infallivel da aptidão d'um candidato* á nossa ordem, foi sempre de prender a sua curiosidade sob a prudente direcção dos seus superiores.» (Santo Alb. p. 406.)

Ouçamos ainda as palavras que profere o iniciador na recepção do Grã-Mestre escocez e cavalleiro de Santo André, na alta loja escoceza, onde são só admittidos os II.·. destinados a chegar ás funcções mais elevadas e aos conhecimentos mais reconditos: mostrando-lhe todo o adorno da loja, diz-lhe o seguinte: «No alto vêde o laço d'amizade, emblema sagrado da Ordem e de nossos irmãos. Ainda que

dispersos pela superficie da terra nossos II.·. formam apenas uma communidade. Todos iniciados nos mesmos segredos seguem o mesmo caminho.... Taes são, meu I.·., as noções, que deveis ter dos nossos *segredos* e dos *hieroglyphos*, que encontrareis nos nossos templos. Feliz sereis quando todos os véos desapparecerem diante de vossos olhos, e virdes na *realidade* o que se vos mostra agora debaixo *d'imagens* e *figuras!* Aproximai-vos d'esse momento: já não vos resta senão um *passo* a dar.» (F. Favre. *Docum. Maç.·.*, p. 500.)

Quer outra prova ainda mais evidente? Qual é o primeiro e principal objecto do juramento impio, que, como um circulo de ferro, liga todos os Maç.·. n'um só mólho, e faz curvar todas as cabeças sob uma tyrannia infernal?

Não revelar os segredos da Ordem. Este juramento é repetido á recepção de todos os graus, e sanccionado sempre por horriveis imprecações.

Todavia poderia accumular indefinidamente as citações e multiplicar os testemunhos. Seria superfluo: as provas apparecerão quasi em cada uma das paginas d'esta obra.

As precauções tomadas para não deixar penetrar nas lojas profano algum, e subtrahir as assembléas ás vistas indiscretas ou importuna curiosidade do temerario que não fôr M.·., o vocabulario especial da Ord.·., as palavras de ordem e symbolos empregados na Maç.·. tudo demonstra, que o segredo é cousa capital para a seita, e que ella o considera como condição essencial da sua conservação.

Este segredo não existe só para os *profanos:* applica-se tambem aos proprios Fr.·.-Maç.·. Só se lhes communica por graus, segundo a importancia que vão tendo na Ord.·. e á medida das iniciações. Muitos d'elles nunca o conhecerão inteiramente: não poderiam supportal-o, e a M.·. não tem em elles sufficiente confiança para lhes dizer a sua ultima palavra.

Compendiemos: 1.° A Fr.·.-Maç.·. é uma sociedade *visivel* em *seus membros:* ella está em quasi toda a parte, se não approvada, ao menos tolerada como sociedade.

N'este sentido goza d'uma existencia publica. Mas esta sociedade caminha para um fim, que o mundo ignora e ella occulta com o maior desvelo: a sua acção mysteriosa exerce-se na sombra: suas doutrinas, envoltas em symbolos e escondidas sob o véo d'emblemas e o vago de affirmações contradictorias, são apenas conhecidas inteiramente por um diminuto numero de adeptos: seus verdadeiros chefes são invisiveis: em uma palavra, ella é um *mysterio,* mesmo para a maioria dos seus membros. É pois uma *sociedade secreta.*

«Mas uma sociedade secreta, diz o snr. bispo de Mayence, é incompativel em um Estado regularmente constituido: é affectada d'um caracter d'immoralidade.» E demais basta que a Maç.·. seja secreta para ser condemnavel: em quanto ella subsistir, todas as demais sociedades secretas se acharão legitimadas.

Quando se supprimiam todas as corporações publicas, deixaram organisar uma *sociedade subterranea,* que mina e transtorna tudo. A Fr.·.-Maç.·. foi a principal escóla preparatoria de todas estas intrigas tenebrosas.

Antigamente a sociedade christã compunha-se d'uma multidão de associações *particulares e publicas,* com uma organisação externa. A sociedade moderna compõe-se d'uma multidão *d'associações secretas* organisadas internamente.

A primeira edificava em cima, *do lado* da luz, a segunda construe em baixo, do *lado das trévas.* Os homens cavam debaixo da terra á maneira de rapozas, e os architectos dos novos templos receiam a luz do sol. *(Póde um catholico ser Fr.·.-Maç.·.?)*

Comprehende-o V., que esse inviolavel segredo, com que a M.·. se cerca a torna altamente *suspeitosa.* Não é possivel deixar de temer que essas trévas não encubram maus designios: e applicam-se-lhe naturalmente as palavras da verdade infallivel. *Quem faz o mal, receia a luz.*

2.° *Visivel e invisivel* ao mesmo tempo, *publica* como sociedade, e *secreta* no seu fim intimo e tendencias supremas, resulta que a Fr.·.-Maç.·. tem duas caras e outras tan-

tas linguas. Sua acção é dupla: tem uma acção *confessada* e outra *occulta*, uma doutrina *publica* e outra *escondida*. Ha n'ella lojas e depositos. Tem um governo *visivel* e outro *invisivel* assim tem ella um fim *apparente* mui diverso do fim *real* e verdadeiro. A sua organisação *exterior* mascára outra *intima* que desapparece debaixo da primeira. Tem regulamentos e constituições destinadas a passar ante os olhos dos *profanos:* e tem outras que são só conhecidas da parte selecta dos MM.·.

Não poderia eu deixar de chamar especial attenção sobre esta propriedade caracteristica da Fr.·.-Maç.·. e o seu nome de sociedade secreta, que justifica tão cabalmente. A distincção que de accordo com ella, acabo de estabelecer, é absolutamente necessaria para comprehender a linguagem da seita e sahir do labyrintho, em que ella procura encerrar-nos pelos seus equivocos e contradicções nos pontos de doutrina mais graves e essenciaes. Concluamos: a Fr.·.-Maç.·. é uma *sociedade secreta*.

O mysterio que a rodeia, é condição indispensavel da sua existencia.

O mysterio, com que cobre seus designios e a sua acção, é o segredo da sua força.

Este mysterio, cuidadosamente guardado, é a sua carta de seguro para com os governos.

Mas se o véo que a occulta aos olhos dos profanos lhe serve de justificação para os simples, é aos olhos dos prudentes a condemnação d'ella.

Se a Fr.·.-Maç.·. fosse perfeitamente conhecida não causaria tantos logros, e muitos dos que dão o primeiro passo no caminho maçonico, se soubessem o de que se trata, não se enredariam ahi e teriam horror de tal associação.

D'aqui resulta pois a alta importancia do estudo, que nos occupa, e não se me levará a mal de haver dado a esta these que é capital no assumpto algum desenvolvimento.

CARTA QUARTA

Origem da Fr.·.-Maç.·. — Quanto a uns antiga, quanto a outros moderna — Quanto a nós ella é antiga e moderna

Senhor.

O assumpto, que vou tratar n'esta carta, não é sem interesse nem difficuldades: trata-se da origem da Fr.·.-Maç.·. Esta questão tem occupado os escriptores mais distinctos da seita: o homem procura naturalmente adornar-se com a corôa de gloria de seus paes, e encontrar na nobreza e grandeza de seus antepassados o merito que em si não existe talvez! Um rio adquire importancia pelo seu longo curso e remota origem; uma familia parece-nos mais respeitavel quando ella póde provar a sua descendencia em linha recta d'algum antigo personagem celebre na historia.

A Fr.·.-Maç.·. não está ao abrigo d'este pequeno amor proprio; mas, como já expuz a questão da sua origem não é isenta de difficuldades, e as opiniões não são accordes.

« A origem da Maç.·., diz o I.·. Branville, jaz envolta n'um véo espesso, através do qual, até hoje, os diversos oradores que tem tratado o assumpto, em vão se tem esforçado a entrever alguns debeis clarões de luz.» (Vide a nota no fim.)

« A origem da Fr.·.-Maç.·. depois de mais d'um seculo de existencia positiva em França, diz o I.·. Bazot, é ainda um segredo para nós, como o foi para os nossos predecessores.» (Resumo historico da Ordem, t. 1.)

A Maç.·. parece dividir-se em duas opiniões. Assignam-lhe uns uma origem antiquissima: segundo outros ella não remontaria senão poucos seculos áquem do actual.

Examinemol-as successivamente.

I.— «Se a *antiguidade* estabelece a ordem nas sociedades, diz o I.·. de la Tierce, nenhuma das existentes hoje póde disputar a precedencia á *veneravel confraria* da Fr.·.-M.·.» (Hist. e estat. da Fr.·.-Maç.·. Francfort sobre o Meno, 1792).

O I.·. Juge participa da opinião dos que prendem a Maç.·. aos gnosticos, mas não pára ahi. «Entre as numerosas seitas gnosticas, diz elle, que differiam entre si conforme conservavam mais do judaismo ou se avisinharam mais do christianismo, os Basilios, os Marcionitas, os Valentinianos, os Ophitas, os Sethios, os Cainitas, os Carpocrasios, os Agapetas, os Ebionitas, os Manicheos, procedendo mais ou menos da sciencia dos antigos mysterios d'Isis e Ceres, das doutrinas de Zoroastro, Pythagoras, e Platão, formavam a velha escóla philosophica da Grecia e do Egypto, as doutrinas judaicas ou a lei nova desenvolvida pelo Christo.»

O I.·. Laffon de Ladébat vai direito a Jesus Christo e a Salomão. «Jesus de Nazareth, judeu de nascimento, nosso grão-mestre é o fundador da Maç.·. escoceza, e podemos tão justamente ensoberbecer-nos com o nosso fundador, e como os nossos II.·. da Maç.·. d'Iork podem jactar-se de ter por fundador do seu rito o rei Salomão.» (Codigo da F.·.-Maç.·. Rito de Rosa Cruz, p. 62, Nova Orleans).

O I.·. dr. Jorge Kloss encontra a origem da Maç.·. na construcção da torre de Babel: «então, diz elle, principiou a adquirir importancia a Maç.·. O rei Nemrod era Maç.·.: o rei Salomão confirmou os regulamentos e instrucções, que seu pai havia introduzido entre os Maç.·. de modo que a Maç.·. estava consolidada em Jerusalem e em outros muitos reinos. Ninus Gracus veio a França, onde estabeleceu a Maç.·. Santo Albano em Inglaterra dictou as leis aos Maç.·. e deu auxilio para se admittirem outros de novo.» (A Fr.·.-Maç.·. na sua *verdadeira accepção*. 2.ª edição, Berlim, 1855).

«Os descendentes de Cham, consoante o I.·. Enoch, temendo segundo diluvio principiaram a edificar a torre de Babel: eram maus pedreiros. — Os verdadeiros MM.·. de Deus ficaram-lhe fieis e tomaram o nome de MM.·. por allusão aos trabalhos da torre de Babel. Acrescentaram o epitheto de livres, *francos,* para se distinguirem dos maus MM.·.» (O verdadeiro Fr.·.-Maç.·. p. 57).

Não nos espantará agora de ouvir dizer ao mesmo I.·. «Eu não rebaixaria a gloria do grande S. Miguel, se dissesse em honra dos FF.·.-Maç.·. que este principe da milicia celeste merece pela fidelidade ao seu Deus o titulo de = *Sublime grão-mestre da primeira loja dos FF.·.-MM.·.*» (Ib.)

Parecia-nos impossivel remontar mais longe. Enganavamo-nos.

«Segundo alguns, a F.·.-Maç.·. provém de Deus mesmo, e começa na época do cháos. *Deus creou a luz:* Deus é o primeiro Fr.·.-M.·. consequencia: (Cod. da Fr.·.-Maç.·. p. 151). — O I.·. Bazot, que refere estas cousas maravilhosas, acrescenta (fallará serio?) «Deus não podendo ter loja, por ser só, deixou esse cuidado a Adão.»

Formou Adão loja com sua mulher ou sem ella? Se elle teve loja com sua mulher, eis uma bella e antiga origem das lojas *d'adopção,* que se crearam em França em 1774. Formou loja com seus filhos? Caim teria sido muito mau irmão... O bom Noé tambem tem boa parte na honra da creação das lojas.» (Ibid.)

Perguntar-me-ha V., se os authores acabados de citar, ligam importancia á sua opinião, e n'este caso se devemos lançar á conta da Maç.·. as opiniões pelo menos singulares, que elles emittem? A melhor resposta, que posso dar, é citando o testemunho do *livro sagrado* da Maç.·. no seu Ritual. Eis o que ahi lêmos:

«Os mysterios da sabedoria vieram-nos dos povos orientaes.» (Rito d'aprendiz, p. 68).

«O costume de abrir os trabalhos ao meio dia e fechal-os á meia noite é uma homenagem prestada a um dos

primeiros instituidores de mysterios, o illustre Zoroastro, que, nos dias das suas sessões, reunia secretamente os seus discipulos ao meio dia e terminava seus trabalhos philosophicos á meia noite por uma agape fraternal.» (Ibid. p. 69). Que devoção pelo segredo e pelas trevas!

Ouçamos ainda: «A Maç.·. fundada sobre mysterios bem *anteriores* aos do *Christianismo* não podia adoptar a era christã.» (Rit. do comp. p. 48).

«Os Magos, nossos antepassados, deixaram o Egypto em 3095 e vieram estabelecer-se em Jerusalem, trazendo comsigo os annaes da Ordem: ahi viveram pacificamente até ao anno 4074, em que Jerusalem foi tomada d'assalto por Tito Vespasiano, que expulsou grande parte dos habitantes, em cujo numero entraram os Magos, mais conhecidos então com o nome de *Kadosch, Paulkal, Pharaxsal,* etc.» (Rito do real segredo, p. 57).

Vê-se que longe de repudiar a alta antiguidade que lhes assignam os escriptores, a Fr.·.-M.·. nos seus livros mais authorisados, approva-a, adopta-a e consagra-a. Convenhamos no entanto que os authores mais serios da Ordem não se mostram tão confiados na sua antiguidade e fixam em geral a sua origem em época muito mais recente.

II.—De todos os systemas enumerados pelo I.·. Bazot sobre a origem da Maç.·. (diz Santo Alb. p. 28) nenhum reunia tantos suffragios sinceros entre os MM.·. e os profanos como o que faz a Maç.·. uma continuação da Ord.·. do Templo, proscripta pelo rei Philippe o Bello e condemnada por Clemente v [1].

O I.·. Ragon a respeito de Hiram que elle considera pessoa insignificante, não teme de lançar o ridiculo sobre cer-

[1] A Ordem dos Cavalleiros do Templo, fundada em 1118 pelos cruzados, era militar e religiosa. Seu fim principal era proteger os peregrinos á Terra Santa. No principio foi digna do seu instituto, deu grandes exemplos de dedicação christã e coragem militar, fazendo eminentes serviços á igreja. Degenerou depois, não sabendo evitar os vicios, que geram as grandes riquezas, e n'elles desenvolveram o contacto com os sectarios do islamismo á vista de seus costumes dissolutos e pela influencia d'um clima debilitante.

tas legendas. «Todas estas fabulas, diz elle, que servem de base ao terceiro grau, em que o neophyto se apresenta com todo o espanto que produz um velho conto posto em acção rapidamente, sem preparação nem logica, podem chamar-se grosseiras, porque se lhes reconhece a falsidade na Biblia cujas narrações nada tem de commum com a doutrina de iniciação, quer antiga, quer moderna.» (Orthod. M.·. p. 105).

O I.·. de Branville que parece ter estudado a questão a fundo, sustenta que a Maç.·. provém dos templarios. «Ouso affirmar, diz elle, que a Ordem foi estabelecida no seculo XIV pelos membros da Ordem do Templo, sujeitos ao grão priorato d'Escocia, e que esta instituição d'ahi se propagou facilmente nos paizes europeus então cobertos de nossos predecessores proscriptos.»

O I.·. Juge, não menos versado na historia da Maç.·. é do mesmo sentimento.

Isto prova a fraternidade que existe entre os templarios e os MM.·. Os cavalleiros do Templo, diz o I.·. Wuillaume, fraternisando, como o fizeram seus antepassados, com os FF.·.-MM.·. visitam-os debaixo do titulo de maçons da *Ordem do Oriente* mas não tem Rito algum Maç.·.

As differentes ordens maçonicas, diz o Manual dos Cav. do Templo (p. 12, nota) são sem duvida, imitações dos templarios, que se verificariam nos diversos paizes para onde se retiraram os primeiros cavalleiros.

Assim d'ambos os lados, affirmando a distincção confessa-se o parentesco. E' na verdade o que resulta da identidade de doutrinas communs ás duas sociedades, e da analogia ou antes da semelhança das suas praticas, como demonstraremos adiante.

Mas temos aqui uma prova clara, derivada dos livros sagrados da propria Maç.·.

Na formula de recepção ao grau de cavalleiro Kadosch, quando se pergunta ao candidato: Quem sois? Elle responde: O meu nome é Kadosch, descendente d'uma ordem injustamente proscripta ha mais de cinco seculos. — Quem conheceis?

— Dous abominaveis. — Nomeai-os. — Philippe o Bello e Bertrand de Goth (Clemente v). Depois conta um resumo historico dos antepassados da Fr.·.-Maç.·. entre os quaes figuram os templarios. (Rito do real segredo, p. 56).

Devemos comtudo observar, para sermos rigorosos, que o I.·. Rebold, admittindo a fraternidade existente entre as duas Ordens, suppõe na sua Hist. geral da Maç.·. que foi a Fr.·.-Maç.·. que conservou a vida aos templarios em vez de recebel-a d'elles. Um pequeno numero de templarios, diz elle, escapos ás perseguições de Philippe o Bello, rei de França, auxiliado pelo Papa Clemente v refugiaram-se na Escocia, onde encontraram abrigo nos II.·. Maç.·. A ordem pareceu reproduzir-se no meio das montanhas, que lhe deram abrigo; ahi foi a patria de muitos cavalleiros do Templo, até ao momento, em que os Fr.·.-Maç.·. se separaram das antigas sociedades MM.·.

Não conheço outro M.·. que defenda esta doutrina. Mas o que é incontestavel é que as duas sociedades foram estreitamente ligadas durante muitos seculos. Se estes dous rios tem hoje leitos separados, houve tempo em que suas aguas lodosas confundidas, só formavam uma corrente: e se agora se discriminam um do outro, conhece-se que tiveram origem commum.

Concluamos: A Fr.·.-Maç.·. se ajuizamos bem, é ao mesmo tempo *antiga* e *moderna*. O que á primeira vista parece excluir-se concorda, e eu acho-me disposto em dar razão aos authores das duas opiniões, conciliando-os entre si.

Para isto distinguimos entre a existencia da Fr.·.-Maç.·. como sociedade organisada, tendo graus, estatutos, regulamentos, doutrina fixa, fim e meios determinados tal como ella se nos mostra agora: e a existencia, no mundo, de certos espiritos que tem os principios da Fr.·.-Maç.·. e se conduzem segundo elles animados dos mesmos sentimentos, procurando o mesmo fim, embora de modo mais vago. Entendida no primeiro sentido a Fr.·.-Maç.·. é nova, nasceu dos *templarios*.

No segundo sentido ella é tão *antiga como o mundo:* porque sempre houve homens inimigos de qualquer dependencia, dispostos a sacudir o jugo da authoridade, e, para justificarem a sua revolta insensata, procurando ter cumplices.

Fica para resolver uma objecção: como se ha-de formar a cadêa, que, de seculo para seculo, por meio d'anneis successivos, ligou a actual Maç.·. aos mysterios sagrados do Egypto e das Indias? Os authores citados formularam esta difficuldade, que é grande aos seus olhos; mas que não desesperaram de resolver.

«Se a alguns MM.·. é custoso datarem apenas de 1313 a existencia da maçonaria, diz o I.·. Branville, saibam esses que a religião dos primeiros christãos do Oriente, que foi secretamente praticada na Ordem do Templo pelos seus Grãos-Mestres e por certo numero *d'iniciados intimos,* ella mesma veio do Egypto, onde primeiro Moysés e depois Jesus Christo, receberam os santos dogmas e a moral divina, que ambos trouxeram e propagaram na Judéa. Este facto historico immenso, cuja prova possue a Ordem do Templo, não explicará a tradição Maç.·. que arrisca timidamente a pretenção de descender em linha collateral das antigas iniciações nos mysterios da boa Deusa? Com effeito, admittir-se-ha que nos templarios da lingua d'Escocia, que, quanto a mim, instituiram a Fr.·.-Maç.·., houve muitos que foram revestidos com o caracter *de Levitas* e da *alta iniciação d'esta ordem.*»

O I.·. Juge desenvolve ainda mais a these que o I.·. Branville apenas indicou. «Talvez, diz elle, se esteja proximo da verdade, se pelas ultimas seitas judaicas e primeiras christãs, se abrisse o caminho que seguiu a iniciação egypcia, tyria e hebrêa para passar do paiz dos judeus á nossa época regenerada pelo christianismo: se igualmente se fizessem apparecer em scena os gnosticos, e se attendesse de passagem á circumstancia de que estes se conservaram até á época das cruzadas, que fizeram despenhar sobre o

Oriente a velha intolerancia do Occidente, pelos seculos onze, doze e treze, na época contemporanea da *Ordem do Templo,* unica instituição christã, que a historia nos descreve, como tendo desde o começo systema d'iniciação, que recebeu do Oriente, introduzindo na sua doutrina muitas das opiniões religiosas mais *ousadas* dos *gnosticos.*

«Sabe-se, que, grande numero de seitas gnosticas existiam ainda n'essa época remota, na Syria, Phenicia, Egypto, Palestina e até na Asia-Menor, onde tinham escólas celebres, ceremonias analogas ás dos mysterios e verdadeiras iniciações, que em algumas se chamavam o *baptismo de sangue.*» Para não ser fastidioso envio o leitor para a nota final d'esta carta, onde se lê o documento em que este I.·. muito considerado na seita, fundador e redactor principal do jornal Maç.·. o *Globo,* expõe o seu systema e o desenvolve.

Seja como fôr, estamos concordes, graças á Maç.·., sobre a sua origem. Como sociedade organisada não é mais antiga do que a suppressão dos *templarios:* mas o seu espirito, tendencias e principios são tão antigos como o mundo. Os principios, maximas e doutrinas formularam-se mais ou menos publicamente em todos os seculos, e foram especialmente professados pelos *gnosticos, manicheos, carpocraticos* e *outros hereticos* dos primeiros seculos do christianismo, e na antiguidade pelos discipulos de *Zoroastro, Pythagoras* e *Platão,* e se encontram nos antigos *Mysterios d'Isis* e *Ceres.* Em fim, segundo M. Matter (Historia do *Gnosticismo*) são *as mais elevadas especulações da Asia, Egypto e Grecia, atacadas e derribadas pelo christianismo,* as doutrinas resuscitadas do paganismo, em luta com o seu vencedor com todas as suas forças, e *ligando-se até com elle* a fim de melhor conseguir prostral-o.

Basta: já ficamos sabendo sufficiente dos antepassados da Fr.·.-Maç.·., por mercê dos dous illustres irmãos que se incumbiram de nos exibir a sua genealogia e titulos de nobreza.

Mas antes de concluir esta carta, um pouco extensa,

permitta-se-me a exposição d'um sentimento, que abrigo a este respeito.

Como succede que a Fr.·.-Maç.·. não tendo nada mais honroso a contar-nos sobre a sua origem, tenha a coragem de reconhecer por seus antepassados homens cujo nome é uma affronta; e que uma instituição, que se diz missionada para derramar a luz entre os homens, nascesse d'um lodo tão infecto e repugnante! Quanto se lhe deve agradecer a franqueza. Agora indubitavelmente é verdadeira.

Assim, ó FF.·.-MM.·., que não conheceis bastante a vossa historia, sabei que vossos paes foram os *templarios*. Quem são esses illustres irmãos, de que descendeis em linha recta? Não invocarei o testemunho dos escriptores catholicos, cuja imparcialidade vos é suspeita. Não quero para que aprecieis os homens propôr-vos as suas doutrinas. Appello aos vossos proprios authores.

«Sobre a culpabilidade dos templarios, diz o I.·. Clavel: a singularidade das expressões disputa preferencias com a singularidade da doutrina. Entramos em pleno paganismo, mas eu só invoco o testemunho d'este author para o ponto de que nos occupamos.» (*Hist. pittoresca da F.·.-Maç.·.*, 2.ª parte, c. 2, p. 355).

«No seculo passado, buscou-se provar a innocencia da Ordem dos Templarios, e em honra da sua memoria, contestar a verdade das accusações de que se tratou no processo contra ella: porém recentes descobertas provam que a grande maioria dos factos allegados eram exactissimos. Está hoje provado que os templarios eram um ramo do gnosticismo, e que elles haviam adoptado em grande parte as doutrinas e allegorias da seita dos ophitas. Foi grande questão, no seu processo, d'uma cabeça barbada á qual elles attribuiam o poder de fazer crescer as flôres e as searas. Esta figura era o symbolo por onde os gnosticos representavam o Deus eterno, o Creador.

«Em todos os tempos, os orientaes consideraram a barba como o symbolo da magestade, paternidade e facul-

dade geradora. Com razão tambem diziam os templarios que o ser, cuja imagem era esta cabeça barbada, era a origem da fertilidade dos campos. Tinha esta cabeça o nome de *baphometus* (baptismo de sabedoria), palavra derivada do grego. Ella devia presidir á iniciação, que era na verdade para o postulante um novo baptismo, o principio d'uma vida nova. Na collecção de João o Feliz encontra-se esta figura gravada em duas pedras, de origem gnostica. Nos fins do seculo XVII encontrou-se em Allemanha no tumulo d'um templario, fallecido antes da perseguição da Ordem, uma especie de talisman, onde se acham traçados symbolos gnosticos: o esquadro e o compasso, a esphera celeste, uma estrella com cinco pontas (chamada *pentagono de Pythagoras,* que os ophitas tambem tinham adoptado): e finalmente as oito estrellas do ogdoado gnostico.

«Em muitas memorias relativas ás doutrinas secretas dos templarios, o senhor de Flammer demonstra que estas doutrinas eram as dos ophitas. Entre outros monumentos, em que se funda, encontram-se dous cofresinhos que pertenceram á Ordem do Templo, descobertos um em Borgonha, outro na Toscana.

«Na tampa de um d'elles vê-se uma imagem da Natureza com a figura de Cybele em estado de nudez completa. Em uma das mãos sustenta o disco do sol, e na outra o crescente da lua, aos quaes está suspensa a cadêa dos eons, a mesma que figura nas lojas maçonicas e se chama *cadêa dentada.* Aos pés da deusa está uma caveira entre o pentagono dos ophitas e uma estrella de sete pontas, allusiva ao systema planetario e ás purificações successivas das almas através das sete espheras. Em redor do quadro estão traçadas muitas inscripções em caracteres arabicos. Nas quatro faces lateraes estão varios grupos de individuos, que parecem indicar as ceremonias da iniciação, taes como a prova do fogo e da agua, a adoração do Phallo, o sacrificio do touro. No outro cofre vêem-se indicações analo-

gas relativas ás provas: o Phallo, o Cteis, o bezerro da iniciação dos druzos e a cruz de aza dos egypcios.

«Os historiadores orientaes nos mostram, em diversas épocas, a Ordem dos Templarios travando relações intimas com a dos Assassinos, e insistem sobre a affinidade existente entre as duas associações. Observam que adoptaram as mesmas côres, branco e encarnado, tinham a mesma organisação, identica hierarchia nos gráus (os graus de *fedavi, refik* e *daï,* de uma correspondiam aos de noviço, professo e cavalleiro da outra): que ambas conspiravam para destruir as religiões, que professavam em publico; e ambas possuiam numerosos castellos, a primeira na Asia, a segunda na Europa. E' ao menos constante que ellas estavam ligadas por transacções secretas, e que reciprocamente se prestavam serviços. Foi por intermedio dos templarios que Balduino II, rei de Jerusalem, concluiu com os Assassinos um tratado secreto, pelo qual estes se obrigavam a entregar-lhe a cidade de Damasco em troca da de Tyro, que devia ser abandonada á Ordem.»

Assim discorre o I.·. Clavel. Taes são vossos antepassados, ó FF.·.-Maç.·.

Mas d'onde provém os templarios? Os vossos escriptores nol-o dizem: dos *gnosticos* e das numerosas seitas, que d'ahi nasceram. Os Basilidianos, Marcionitas, Valentinianos, Ophitas, Sethianos, Cainitas, Carpocracios, Agapetas, Ebionitas, Manicheos, são vossos avós, segundo o illustre I.·. Juge.

Estes descendentes impuros d'um vergonhoso paganismo, d'onde provém? Tem as suas raizes, tiraram a seiva nos mysterios de Isis e Ceres, nas doutrinas dos discipulos de Zoroastro e Pythagoras. E' tambem Juge quem o diz. «É d'uma origem commum, os *Mysterios Egypcios,* nos diz o I.·. Clavel, outro luminar da Fr.·.-Maç.·., que derivam todas as *associações secretas,* que se tem manifestado desde os tempos mais remotos até aos nossos dias.» (Hist. pict. da Fr.·.-Maç.·.)

Poderia a Fr.·.-Maç.·. proferir com maior solemnidade

a sua sentença condemnatoria? Não é consolador vêl-a julgando-se a si propria; colligindo tudo quanto existe de mais abjecto e desprezivel na historia do mundo para tecer a sua corôa, e reconhecendo que recebeu a vida n'essa escuma immunda que a heresia e a corrupção expelliram para fóra do christianismo, e nos mysterios infames, sob que o paganismo mais dissoluto occultou as suas abominações?

Não lhe disputemos semelhantes antepassados: revendical-os é merecel-os, e a seita desaforada que saúda como seus paes o vicio e a heresia, prova por isso mesmo que d'elles deriva e não tem experimentado degeneração.

Admirar-se-ha V. que a Fr.·.-Maç.·. que não póde revendicar senão estes avós, se prenda tanto á sua antiguidade: tambem eu me admiro, mas regosijo-me que assim seja.

Que ella fraternise pois com os insensatos, que levantaram a torre de Babel, que remonte até Caim, e até aos Anjos rebeldes, que Deus precipitou no abysmo: mas que um resto de pudor lhe vede a blasphemia, dando o nome de maçon ao divino Salvador, e que não tenha a inepcia de invocar S. Miguel como seu primeiro patrono. Cada um lhe responderia: enganais-vos, não foi *S. Miguel,* mas sim *Lucifer, o primeiro Franc-Maçon:* foi elle o primeiro que arvorou o estandarte da *liberdade* e fez echoar nas abobadas celestes o grito audaz da *independencia.*

Foi elle, que deu á Fr.·.-Maç.·. a sua *divisa* n'estas palavras, que serão o eterno estribilho de tudo o que a terra haja produzido de impios: *Non serviam:* não obedecerei. Foi elle o verdadeiro *grão-mestre da maçonaria;* e desde este momento consultando os seus titulos e origens poderemos dizer aos FF.·.-MM.·. *Vos ex patre diaboli estis;* o diabo é vosso pai.

Fui um pouco extenso agora: mas espero desculpa, attenta a importancia do assumpto.

NOTA III

Origem pagã da maçonaria

Reflexões do I.·. Juge, redactor do *Globo* a respeito de uma dissertação inserta na Revista trimensal dos Franc-Maçons (The Free-Masons quaterly Review) sob o titulo de *Provas que a origem da Franc-Maçonaria não deve ser procurada senão nos mysterios da antiguidade* pelo I.·. Nasch. (Extracto do *Globo*, T. III, p. 307 e 310).

§. I. «A these que o I.·. Nasch defende, foi quanto a nós perfeitamente desenvolvida. Não ha duvida alguma que a Franc-Maçonaria, tal como ella existe no nosso tempo, não remonta, pelos judeus e tyrios até aos mysterios tão celebres d'Isis e Osiris no Egypto. E' um ponto d'historia sobre que, eu creio, a immensa maioria dos Franc-Maçons tem só uma opinião, se comtudo não comprehendemos sob este nome senão os tres graus fundamentaes da nossa instituição, como faz o I.·. Nasch e com fundado motivo.

«Uma questão immensa fica ainda para resolver, e é esta:

«Sendo aceite que os antigos mysterios foram transportados para a India pelos tyrios, constructores do templo, e modificados n'este paiz para serem apropriados ao genio particular do povo hebreu, como se modificaram de novo estes mesmos mysterios para se apropriarem ao genio dos povos modernos? Quando se adoptou o nome de Franc-Maçonaria? Qual foi a marcha seguida por ella na sua migração até nós? Emfim, que homens, que seitas ou que sociedades nos transmittiram os seus principios e as ceremonias? Quando, como e porque soffreu ella addições que ahi encontramos hoje e chamamos altos graus? Este assumpto é vasto, sem duvida, e merece em elevado grau fixar a attenção dos maçons instruidos dos paizes, onde floresce a nossa instituição. Se até agora ainda se não encontrou o fio conductor que deve seguir-se para subir á origem, é talvez, porque se não tem encarado a questão do alto, e não tem sido sufficientemente estudada: porque, descurando, por motivo de não os ter aprofundado ou de ter aproveitado os seus subsidios, os documentos que se deparam, cada qual se concentrou em si proprio, deixando de ir investigar na origem os elementos da sua convicção. Illudido pelo nome modestissimo que acompanha a iniciação nos tempos modernos, procurou-se encontrar nos canteiros e moldadores em gesso uma ascendencia, honrosa indubitavelmente, porque seus paes eram uteis, mas que com algum trabalho e exame minucioso, se iria achar muito mais longe e muito mais elevada.

§. II. «Publicamos, ha dous annos, (*Globo*, 1839, p. 294) um discurso que dá occasião a profundas reflexões.

«O I.·. de Branville intenta justificar a allegação que a origem da maçonaria só deve procurar-se na Ordem do Templo: e estriba-se em certos factos, que seria conveniente submetter a um exame tanto mais serio e profundo, quanto sendo orgão, quando não declarado, pelo menos approvado d'esta Ordem, o irmão de Branville deve justificar, com as provas na mão, o que, no estado, em que o debate ainda se acha, se devem apenas considerar allegações, não osbtante nós estarmos em perfeito accordo com elle no que ellas contém.

«A origem da maçonaria, diz elle, está envolta n'um véo espesso, através de que, até hoje, os diversos oradores que tem tratado esta questão, debalde se esforçam para entrever alguns debeis clarões de luz, sem que lhes haja occorrido de erguer um pouco a ponta do véo, a fim de saberem por este meio o que devem acreditar sobre as verdades, que elle occulta aos seus olhos. Comtudo todos estão d'accordo que esta origem perde-se na noite dos tempos, e que os mysterios d'Isis podiam muito bem ter dado origem aos mysterios da maçonaria, que seriam a successão natural dos primeiros, só desbotados pelo perpassar dos seculos. Creio que elles acertaram e em verdade apontaram para o verdadeiro foco de luz d'onde sahiram estes brilhantes raios... Mas o fio da transmissão fugiu-lhes das mãos.»

«E' tambem o que diremos aos que se dedicam a este genero d'investigações. O irmão de Branville affirmou que a maçonaria nasceu na Escocia, no principio do decimo quarto seculo, e que nos seus começos foi apenas uma formula prudente e habilmente combinada, que os cavalleiros do Templo d'este paiz imaginaram para occultar a continuação da sua Ordem ás vistas perscrutadoras dos seus perseguidores.

«Não o acompanharemos nas reflexões comprovativas que adduz, mas o que lamentaremos é que se elle tem, quanto a nós, indicado excellentemente a origem e andamento da nossa associação partindo da funesta catastrophe do Templo, não haja, levando mais longe suas doutas investigações, ligado os tempos modernos aos antigos, e concertado a cadêa quebrada que une a Ordem do Templo ás mysteriosas praticas dos subterraneos de Memphis.

«Não lhe falleciam analogias, e ao mesmo tempo que instruia os templarios seus irmãos, não teria deixado, estamos d'isso certos, de dar muito que reflectir áquelles que, contra todos, querem encontrar em toda a parte a origem das instituições e praticas mysteriosas da Franc-Maçonaria.

§. III. «Talvez que (pelo menos assim o crêmos) não se fosse muito longe da verdade se pelas seitas judaicas e primeiras seitas christãs, se rompesse a estrada que seguiu a iniciação egypcia [1], tyria e hebraica, para passar da Judéa á nossa Europa regenerada pelo christianismo; se se fizessem apparecer em scena os gnosticos, e se de passagem procurassem tornar saliente a circumstancia de que elles se mantiveram até ao tempo das cruzadas, viram despenhar-se sobre o Oriente a velha intolerancia do Occidente, do undecimo, duodecimo e decimo terceiro seculos, na época contemporanea dos templarios, unica instituição, que a historia nos offerece como tendo desde então um systema de iniciações, e nos mostra como extrahira do Oriente introduzindo muitas das opiniões mais *ousadas* do gnosticismo.

«Sabe-se com effeito que numerosas seitas gnosticas existiam ainda n'essa época remota na Syria, Phenicia, Egypto, Palestina e até na Asia Menor, ahi tinham erectas celebres ceremonias analogas ás dos mysterios e verdadeiras iniciações, que em algumas se chamavam mesmo o *baptismo da sabedoria*. Umas se afastaram mais do christianismo que do judaismo; outras mais da doutrina de Moysés do que da de Jesus: entre umas e outras os basilidianos, marcionitas, valentinianos, ophitas, sethios, cainitas, carpocra-

[1] O I.·. Clavel, na sua historia pittoresca da Fr.·. Maç.·. (fim da 2.ª parte) enuncia, por modo positivo, o seu sentimento sobre a origem das sociedades secretas. «Todas as associações secretas e mysteriosas, diz elle, que se tem manifestado por actos publicos desde os tempos mais remotos até hoje, quaesquer que hajam sido suas denominações ou assumptos, derivavam todas, como o indicam seus mythos e fórmas d'uma origem commum e unica, os mysterios egypcios.»

cios, agapetas, ebionitas, manicheos, procedendo mais ou menos da sciencia dos antigos mysterios d'Isis e Ceres, das doutrinas de Zoroastro, Pythagoras e Platão, formaram o verdadeiro ponto de juncção entre a velha escóla philosophica da Grecia e do Egypto, as doutrinas judaicas e a lei nova desenvolvida pelo Christo.

§. IV. «E' sobre esta elevada scena que nos devemos collocar se quizermos remontar á origem das instituições que mais tarde formaram o que denominamos Franc-Maçonaria; é d'ahi que devemos contemplar o espectaculo mais imponente que póde abraçar o espirito humano.

«Ahi estão em presença uns dos outros os seculos e as instituições: ahi o *antigo Oriente* e o *antigo Occidente* d'um lado, e o christianismo do outro, vão disputar o terreno. Ahi, como diz Matter na historia critica do gnosticismo (Paris 1821. 2.º vol.) ahi nos apparecem as mais elevadas especulações da Asia, Egypto e Grecia, atacadas e derribadas pelo christianismo: estas doutrinas resuscitadas, lutando contra o seu vencedor com todas as suas forças, ligando-se mesmo com elle para melhor conseguir vencel-o, eis o espectaculo. E' o zoroastrismo, que o prepara, communicando-se ao judaismo... este associando-se ás doutrinas platonicas e produzindo a philosophia gregophiloniana: finalmente, os discipulos d'este systema, entrando no christianismo e levando-lhe uma parte da sua linguagem.

«Em breve, seguindo este caminho, não tardaria a reconhecer-se que se assiste tambem á ultima manifestação do mundo antigo, vindo lutar ainda mais uma vez com o seu successor antes de ceder-lhe o futuro.

§. V. «Desde então se comprehenderia, quando se conseguisse descobrir, que, a despeito d'esta luta encarniçada, as velhas instituições, ou ao menos os principios, que os dirigiam, em seus mysterios, se mantiveram no Oriente até ao decimo terceiro seculo da era christã, e quando se adquirisse especialmente a prova que as idéas gnosticas ahi se mantinham honrosamente na época das primeiras cruzadas, comprehender-se-hia, dizemos, que em contacto com estes christãos gnosticos, ou do Oriente, os christãos do Occidente, ou os cavalleiros cruzados, teriam tido occasião d'adoptar alguns dos seus dogmas e praticas secretas, e no numero d'estas as iniciações progressivas.

«Mas se fosse possivel descobrir todas estas cousas, que seria da nossa hypothese, se instantaneamente surgisse, no meio d'estes soldados do Occidente, uma associação que se atrevesse a admittir, contra tudo o que constituia a crença de Roma e da Europa n'essa época, *a existencia d'um só Deus, coeterno do que existe, não podendo dividir-se em pessoas, não sujeito ás miserias humanas, e como consequencia não tendo morrido nem podendo morrer?* Que seria ainda da nossa hypothese, se vissemos acrescentar á primeira crença a segunda, que o Christo não poderia ser Deus, mas só um ente de genio superior, um philosopho, sabio e bemfeitor da humanidade: se a vissemos rejeitar os milagres como violação impossivel das leis eternas e immutaveis, e sustentar que Deus não carece de semelhantes meios para fazer-se obedecer?

«Ora, estes dogmas colhidos no gnosticismo, são ou não são os fundamentaes da maçonaria? Divide acaso o maçon o Ser incomprehensivel que elle chama *Grande Architecto do Universo?*

Pensará que elle tenha morrido ou possa morrer, e que a sua vontade não seja lei suprema para todos os homens?... Ora pois o que não é menos notavel, e proprio para reflexões, e desde muito tempo deveria collocar-nos no caminho da sua verdadeira origem, a Ordem do Templo é n'esses tempos remotos a unica instituição christã, que nos

apparece, reunindo ás iniciações progressivas esta crença que, no entanto, se afastava consideravelmente dos dogmas admittidos então pelo resto da christandade.

§. VI. «Nem se pense que nos divertimos em construir sobre areia edificio, que o mais ligeiro sopro derribará: os factos que allegamos, e o processo que no principio do seculo quatorze se fez a esta Ordem, demonstra a sua exactidão; e se o processo se calasse teriamos outro documento para exhibir, porque n'esta discussão:

Habemus confitentem reum!!!

«Existe um manuscripto nas mãos dos templarios de Paris, cuja authenticidade não é problematica: foi verificado pelo celebre padre Gregorio, antigo bispo de Blois, pelo sabio Dupuis, pelo profundo bispo de Copenhague, M. de Münter: foi visto, examinado e compulsado pelos paleologos mais experimentados. Este manuscripto é da época do martyrio (supplicio de Jacques Molay): as suas indicações provam que foi feito pela Ordem do Templo, cuja doutrina secreta religiosa encerra: pois esse manuscripto não offerece outra philosophia senão a que acabamos d'analysar e indicar como sendo tambem a da Franc-Maçonaria.

«Se não é pois ahi que nasceu a instituição, de que nos occupamos, se pondo constantemente o effeito acima da causa occasional, se pretende á força achar o nosso ponto de partida n'uma associação d'artifices, diremos aos maçons, que não querem comprehender o erro, em que insistem; dizei-nos onde fostes buscar uma doutrina tão contraria ás que reinavam em toda a Europa na época em que collocaes o vosso nascimento? Dizei-me porque admittis a vossos mysterios outros adeptos, que não são catholicos romanos [1]? Porque e desde quando vos tornastes tão tolerantes em materia religiosa? Porque, não nos parece, que tenhaes recebido esta doutrina das corporações d'architectos, que floresciam na meia idade, mesmo antes da catastrophe da Ordem do Templo, e onde, ou sob o seu manto *sómente* veio occultar-se esta Ordem proscripta.

§. VII. «Resumindo em poucas palavras a nossa opinião, crêmos que as iniciações modernas nos mysterios derivam, pelos judeus e tyrios, não só dos egypcios, mas tambem dos gymnosophistas da India, ou, se quizerem, do zoroastrismo: depois diremos que está provado que os mysterios dos judeus passaram aos templarios pelos christãos do Oriente, imbuidos nos principios do gnosticismo: que á época do processo dos templarios, a iniciação e seus adeptos vieram refugiar-se em uma sociedade d'artifices, então mais ou menos antiga, mas que nada tinha de commum com os velhos mysterios, e especialmente não professava doutrina particular: que o fizeram assim porque perseguidos de todos os lados como animaes ferozes pela avidez real e rancor ultramontano, foi-lhes mister occultarem-se a fim de escapar á furia dos seus oppres-

[1] Dir-se-me-ha que a Ordem do Templo ainda hoje não admitte senão christãos, e exclue os judeus e mahometanos. Direi que isto me parece uma anomalia: acrescentaria que a alta iniciação n'esta Ordem não é só christã; mas é o puro deismo, e se nos graus equestres são só admittidos os christãos, nada encontro nem n'estes graus, nem nos leviticos e mesmo no emblema sagrado do Templo *a Cruz*, cousa que possa impedir o ingresso a qualquer homem de bem, que não pertença a uma communhão christã. Todos sabem que a cruz não é emblema por tal modo privativo da fé de Christo, que não se encontre até nas mãos da Esphynge das Pyramides, não fosse um dos attributos d'Anubis, e entre os egypcios primitivos não fosse tambem o instrumento destinado a verificar a elevação das innundações periodicas do Nilo.

(*Nota do I.·. Juge*).

sores, ao anathema dos bispos orthodoxos, e é exactamente por causa d'estas circumstancias e doutrinas, que importaram do Oriente, que este espirito de tolerancia propagou-se no que, apesar de hoje sem inconveniente se poderem chamar as cousas pelos seus nomes, nos occultamos ainda sob o titulo modesto de Franc-Maçonaria e Ordem do Templo, e seria muito mais justo e racional denominar sob o termo collectivo de *Iniciação nos mysterios*.

§. VIII. «Novas probabilidades em apoio d'esta opinião adviriam ainda se quizessemos estudar profundamente a questão dos ensinamentos da grande maioria dos graus da alta maçonaria.

«A maior parte d'elles commemora o fim tragico dos templarios. Dir-nos-hão que isto nada prova, porque os maçons só quizeram recordar e honrar um grande infortunio? Mas n'este caso responderiamos pondo a seguinte questão: a catastrophe que derribou o Templo no seculo quatorze é a unica que fulminou as instituições e os homens n'esses tempos de obscurantismo e servidão? E logo que nos hajam respondido pela negativa, continuariamos: mas se não foi a unica, por que consideração poderosa, se nenhum laço nos prende ás suas victimas, serão estas as unicas, cuja memoria conservamos, e as suas doutrinas, completamente gnosticas, são as que adoptamos sómente?

«Este assumpto é grave: deve merecer a attenção de nossos irmãos. Quem quizer estudal-o, consultará com proveito o *Levitikon*, que contém a doutrina religiosa dos templarios, e a obra de Nicolai intitulada = *Estudo sobre os crimes que foram imputados aos templarios e seus mysterios, com um appendice sobre a origem da Franc-Maçonaria.*

«Áquelles, porém, que quizerem lêr o *Levitikon*, devemos prevenil-os de que quem ordenou a sua impressão, o ex-grão-mestre do Templo, Bernardo Raymundo, Fabré Palapret (Paris 1831, 1 vol. in-8.º), foi illudido nas suas elucubrações, e inseriu n'elle uma doutrina falsa e mentirosa que o Templo repelle. Uma nova edição apparecerá brevemente, conforme ao original grego, e por isso diversa do livro de que acabamos de fallar. Até então, a Ordem do Templo e o principal redactor do *Globo* prestam-se a mostrar a quem quizer conhecel-o, mas sem a confiar, a traducção d'este precioso documento.

« ✠ *O Ballio da Ordem,*
« L. Th. Juge [1]. »

[1] Está pois demonstrado pelas confissões mais explicitas que a Franc-Maçonaria deriva do paganismo e que o seu alvo é restabelecel-o sobre as ruinas da religião christã. O *documento*, que acabamos de transcrever, além das provas, que contém, aufere grande authoridade dos conhecimentos, que possue, e da estima, que goza seu author. O I.·. Juge, fundador e redactor principal do jornal o *Globo* durante tres annos, foi investido das mais altas dignidades da Ordem. Elle enumera algumas na cabeça do terceiro volume do seu jornal, cujo titulo transcrevemos — *O Globo, archivos das iniciações antigas e modernas, publicados por uma sociedade de Franc-Maçons e Templarios, sob a redacção principal do I.·. Juge, grande inspector geral, grau 33, official do Grande Oriente de França no seu conselho dos ritos, Grão-Mestre do conselho philosophico dos Kadosch da Clemente Amizade, Valle de Paris, Ballio Grão Cruz da Ordem do Templo etc. etc. etc.* O I.·. Juge nos declara que em 1836 elle era conhecido na Ordem dos *Cavalleiros do Templo* com os titulos e nomes de *Commendador Grão-Cruz*

Luiz Theodoro de Tulle, veneravel decano da grande casa metropolitana d'iniciação, ministro Gran-Chanceller da Ordem. (*Globo*, t. 1.°, p. 431).

Além d'isto, a maçonaria concedia ao jornal do I.·. Juge a approvação mais elevada e universal. Apenas appareceu o primeiro fasciculo, o I.·. Bouilly, representante particular do Grão-Mestre da Ordem Maçonica em França, escrevia ao redactor do jornal: «Li com vivo interesse o primeiro numero do *Globo*. Nada conheço que possa dar uma idéa mais exacta do laço maçonico que nos une. Receba as minhas felicitações sinceras, e queira inscrever-me entre os subscriptores, cujo numero, eu espero, corresponderá á sua nobre e util empresa. Não ha um só Franc-Maçon, conscio da alta dignidade da sua iniciação, que não accorra em auxilio d'uma obra philanthropica, cuja estreia offerece tão grande interesse e utilidade. Continue pois com zelo e perseverança a honrosa tarefa, que V. tomou sobre si, e creia que ella lhe dará direitos á elevada estima de trinta e cinco mil irmãos, que ha em França, e d'um maior numero ainda, que se acham dispersos na superficie da terra.

«Paris 7 de março de 1839. «BOUILLY».

O I.·. Bouilly, que era então o mais alto dignitario, que havia no Grande Oriente de França, fallava aqui só em seu nome. Mas depois da publicação do quinto numero do *Globo*, os seus administradores receberam do Grande Oriente a seguinte *prancha:*

«Carissimos Irmãos.

«O Grande Oriente via com pesar que a maçonaria não tinha uma publicação recommendavel, que só póde emprehender-se com gloria para a instituição, e bem da humanidade, quando á prudencia se reune a sabedoria dos principios, e á discrição o bom gosto. A maçonaria tem o direito de ser conhecida, mas sómente na sua moral: porque tudo o que é mysterio, usos e fórmas deve ficar no segredo do Templo. São estas as condições da sua fundação e a garantia da sua existencia.

«Não se póde duvidar que perseverando na via que seus authores e administradores lhe assignalaram, velando sem cessar para que nada se desvie, esta excellente publicação obterá a confiança de todos, como já a conseguiu d'um grande numero, e alcançará um successo que o tempo ha-de consolidar e augmentar cada vez mais.

«A offerta da vossa publicação foi agradavel ao Grande Oriente, e recebida com a expressão da mais calorosa satisfação.

«A repartição da correspondencia e finanças recebeu os cinco primeiros fasciculos, que foram depositados na bibliotheca da Ordem; fomos incumbidos de fazer menção honrosa d'este trabalho no relatorio dos trabalhos semestraes e de vos endereçar agradecimentos fraternos.

«Por ordem do Grande Oriente. «VASSAL».

Não foi só o Grande Oriente de França, que prestou a sua alta approvação ao *Globo:* a Grande Loja nacional Suissa, no *relatorio de 1839*, que em 15 de junho de 1848 dirigiu ás officinas da Associação, falla d'este jornal nos termos mais lisongeiros e excita vivamente as lojas, que ainda o não assignassem a que o fizessem. (*Globo*, t. 2.°, p. 389). Finalmente o I.·. Juge affirmava em dezembro de 1839, que os principios do seu jornal eram explicitamente approvados pelas lojas de França e do estrangeiro. (Ibid., t. 2.°, p. 53). E effectivamente no estrangeiro, dava-se ao *Globo* a qualificação de *Jornal official da maçonaria franceza.*

A. NEUT.

CARTA QUINTA

A Fr.·.-Maç.·. *multiplice* nas fórmas que adopta é *uma* no seu espirito e fim

Senhor.

Já deve ter pressa de considerar de perto a grande instituição da Maç.·. Antes porém de penetrar no interior, é justo que lhe conheçamos a parte externa e nos demoremos um momento no vestibulo.

Uma cousa nos impressiona e admira, primeiro que tudo; é a falta d'unidade que offerece á primeira vista este vasto edificio: seriamos tentados a chamar-lhe irregular: não se procura se as regras da arte estão ahi bem observadas. Não nos arrisquemos a condemnar os architectos. Disse o poeta: *muitas vezes uma bella desordem é o effeito da arte.* Poderia bem applicar-se á Maç.·.

Seja como fôr, a primeira impressão, que se sente ao estudar este corpo, é a *multiplicidade dos seus ritos e fórmas,* e a extrema variedade dos elementos que o constituem.

«Os MM.·. podem seguir *ritos differentes* em seus trabalhos, *mas o fim é sempre o mesmo.*» (Art. 5. Regul. da Ord. Maç.·. em França, 1826).

«A Ord.·. Maç.·., diz o supremo conselho, divide-se em *differentes ritos* reconhecidos e approvados, mas estes, embora *diversos,* são todos oriundos da mesma nascente e ten-

dem ao mesmo *fim.*» (Art. 1 do *Reg. da Maç.·. Escoceza,* Paris, 1846).

«O numero das MM^as.·. que differem de rito, diz o I.·. Ragon, eleva-se a 60. Esta massa de ritos não é devida, quanto a este escriptor, senão á fabricação especulativa dos altos graus.» (Orth. Maç.·. p. 14).

Distinguem-se os MM.·. *antigos* dos *modernos.* Ha o rito *symbolico, o philosophico escocez: o d'Heredom ou da perfeição: o da Ordem da Estrella coruscante: o rito dos Philalethos* ou investigadores da verdade: *o Egypcio de Misraim: o Persa philosophico: os ritos da Ordem dos Noachitas, da de Memphis, e da sagrada dos Sophisios, etc. etc.* (St. Alb. 84).

Na França como na Belgica existe o rito *Francez* representado pelo *Grande Oriente:* o *Escocez,* representado pelo supremo conselho, e o *Egypcio de Misraim.* No Annuario Maç.·. de 1866 vêem-se indicadas na França 318 lojas dependentes do *G.·. Or.·.:* 81 do *supremo conselho* e apenas 4 sujeitas ao *Misraim.*

Na Prussia a Maç.·. está dividida em dous *ritos:* a Fr.·.-Maç.·. chamada *geral* e a Fr.·.-Maç.·. chamada *christã.*

A unica differença notavel, que existe entre estes ritos prussianos consiste em que no primeiro são admittidos individuos de todas as religiões, e todos os desenvolvimentos da idéa Maç.·. tal como é entendida em França e Inglaterra: no segundo, ao contrario, é só reconhecido um culto, e procura-se depôr a *luz debaixo do alqueive,* diz o I.·. Beyzé. (Jornal da Fr.·.-Maç.·., janeiro, 1869, p. 230).

E' mister todavia notar que para fazer parte da M.·. estes ritos devem ser approvados e reconhecidos. «Pelo respeito aos principios da Maç.·. que ella sempre conservou e conservará, o *rito Escocez antigo* e aceito, admitte a *existencia dos outros ritos legalmente estabelecidos e reconhecidos* e trabalhando, como elle, para a realisação da *grande obra.*» (*Reg. ger. para a França.* Art. 11. 12).

O Gr.·. Or.·., pela sua parte, declara que «a Fr.·.-

Maç.·., apesar da diversidade de seus ritos, sendo *unica quanto ao fim e principios,* as officinas podem indistinctamente seguir, nos seus trabalhos, qualquer rito que satisfaça melhor aos seus desejos, uma vez que *esse rito haja sido regularmente reconhecido.*» (Const. Art. 18).

«Qualquer que seja o rito a que pertença um M.·., elle é reconhecido irmão de todos os MM.·. do globo. Como succede que esta grande diversidade de ritos não seja para a Maç.·. germen fatal de divisão e morte? E' porque esta diversidade está só nas fórmas accidentaes e é mais apparente do que real. Finalmente, na multiplicidade existe a *unidade.*

«Estudando as variedades que offerece a Maç.·., diz o I.·. Ragon, fica-se surprehendido de encontrar no amago de todos estes ritos, graus, symbolos e formulas, *uma só doutrina, um só fim.*» (Orth. M.·. p. 14).

Embora dispersos sobre toda a superficie da terra, os FF.·.-Maç.·. formam uma unica *communidade:* tem os mesmos *segredos,* seguem a *mesma vereda,* são formados pelas *mesmas regras* e com a *mesma medida,* são finalmente animados do *mesmo espirito.* (Compendio da Fr.·.-Maç.·. Adoniramite). Provém da *mesma origem,* tem os *mesmos principios,* collaboram para a *mesma obra* e tem o *mesmo fim.*

Vê-se como a *unidade* se conserva na *multiplicidade,* e que laço intimo prende os membros ao corpo, quando mesmo elles parecem separados entre si. Esta diversidade de ritos, e fraccionamento apparente da Maç.·. tem de resto grande vantagem para ella: parece por este modo menos forte e ameaçadora, sendo-lhe mais facil cobrir a sua acção e negar perante os governos o que poderia compromettel-a.

Além d'este principio de unidade que aufere do seu espirito, a Maç.·. tem para assegurar todos os ritos o laço commum do *juramento,* que é imposto a todos os seus membros, e conserva pela força, na vereda aberta, os que se não manteriam ahi efficazmente pela unidade de principio e fim.

Tem tambem laços, que embora sejam puramente exteriores na apparencia; não contribuem pouco a manter a unidade no grande corpo maçonico. Estes laços são de diversas naturezas: é uma *lingua especial* que só os MM.·. fallam e comprehendem. O *vocabulario* M.·. que escrevemos e irá no fim d'esta obra, dará uma idéa d'esta linguagem, observando que só inserimos os termos mais essenciaes. São, em segundo lugar, as palavras de *ordem:* são estas as palavras que é mister saber quando se quer entrar nas *lojas.* A palavra de *semestre* é a que o Gr.·. Or.·. remette todos os *seis mezes* ás *lojas* estabelecidas sob a *sua obediencia,* para que se reconheçam entre si, e se distingam das *lojas não constituidas.* E' em terceiro lugar o *toque,* que é um signal manual para que os FF.·.-Maç.·. sejam reconhecidos de seus irmãos. Cada grau tem para se distinguir um toque particular. São em quarto lugar as *joias,* o que na lingua da Ordem significa um ornato especial, que serve para distinguir os graus.

Ha ainda certos *signaes mysteriosos,* proprios a cada grau e outros hieroglyphicos empregados na decoração das lojas, e algumas vezes se encontram nos sinetes dos mercadores.

Taes são os tres pontos que formam o *delta.·.,* um esquadro e um compasso entrelaçados, um ramo *d'acacia:* uma *estrella radiante,* tendo no centro a letra G.

Por estes meios os MM.·. podem reconhecer-se em todo o universo, sem se atraiçoarem aos olhos dos *profanos:* são assim chamados na giria da Ordem os que lhe não pertencem.

«Estes signaes e emblemas, diz a constituição Maç.·., além da sua significação symbolica, tem a vantagem de garantir a cada um dos membros uma *associação universalmente espalhada,* habilitando os FF.·.-Maç.·. para se reconhecerem.» (Art. 6).

«Ninguem póde ser admittido a tomar parte nos trabalhos Maç.·. (isto é encontrar-se nas reuniões, festas, delibe-

rações) senão justificando a sua qualidade de Fr.·.-Maç.·. (Art. 10).

«É prescripto ao Maç.·. *em todos os casos auxiliar, esclarecer, proteger* seu irmão, até com *risco de vida* e *defendel-o contra a injustiça.*» (Art. 5).

Não sei se me engano, mas parece-me que a Maç.·. mostrou na sua organisação uma habilidade e conhecimento profundo do coração humano: a maneira como resolveu o problema difficil da *unidade* na *multiplicidade* parece-me verdadeiramente habil. Era necessario contar com os seus membros, que entrando na Ordem não renunciaram á sua liberdade nem fizeram abnegação de seus gostos e opiniões: devia pois conceder-lhes uma certa latitude, contando com elles no interesse do fim commum.

Ella soube prover a tudo, e póde-se dizer que se, n'este assumpto, é indulgente e abandona o *accessorio,* não esquece a força e o vigor, e resalva com cuidado o que é *essencial.*

Este caracter *d'unidade* entendido como a Fr.·.-Maç.·. nol-o explica, caracter que fórma a condição da sua existencia e *universalidade,* é para nós do mais elevado interesse no trabalho que emprehendemos. Elle nos permitte de attribuir á Maç.·. as doutrinas dos seus membros, em qualquer parte que elles se achem, uma vez que ella as não conteste. Torna todos os MM.·. solidarios e responsaveis uns para os outros e para com os corpos, a que pertencem, e isto em virtude do principio estabelecido pela Fr.·.-Maç.·. mesma.

Qualquer que seja o seu rito podemos sempre dizer-lhe: vós sahistes da *mesma origem,* tendes as *mesmas doutrinas,* tendeis ao *mesmo fim,* haveis sido formados segundo *as mesmas regras e a mesma medida,* caminhaes na mesma via para chegardes ao *mesmo termo.* Tendes os mesmos *segredos* e estaes ligados pelos mesmos *juramentos,* fostes lançados no mesmo *molde* e sois animados do mesmo *espirito.* Esta observação se applica ainda mais estrictamente a toda a doutrina expressa nos *rituaes* da Ordem.

Acabamos de vêr como a *unidade* se combinava na Maç.·.

com a *multiplicidade* e *diversidade:* vamos vêr como ella sabe conciliar uma *dependencia* absoluta e completa com uma *liberdade* que parece, á primeira vista, sem freio nem limites.

É o que vou examinar.

CARTA SEXTA

Organisação da Fr.·.-Maç.·. — Subordinação dos membros aos dignitarios. — Dos differentes graus entre si. — Das officinas no Grande Oriente

Senhor.

Liberdade, tal é a divisa da Maç.·. Ella gloria-se de ter elevado este estandarte sobre a terra. Veremos em breve que ella dá a esta palavra a accepção mais lata, e, sem embargo, com esta liberdade de que se jacta, soube reunir uma dependencia e subordinação, que se assemelham muito á servidão e avisinha-se notavelmente da escravidão.

Não *exclue pessoa alguma por causa das suas crenças. Respeita a fé religiosa e opiniões politicas de cada um de seus membros. Todo o M.·. tem direito de publicar as suas opiniões sobre as questões MM.·. No seio das reuniões, todos os MM.·. são collocados no nivel da mais perfeita igualdade.* (Const.)

Eis o principio.

Mas a despeito do principio tão solemnemente proclamado os FF.·.-MMaç.·. são forçados na pratica a imitar a natureza que em um corpo organisado e vivo, subordina as partes inferiores ás superiores, assignala a cada membro as funcções, que deve desempenhar, e colloca cada cousa no seu lugar, cada individuo na sua classe. Assim, apesar

das palavras campanudas de *Liberdade, Igualdade e Fraternidade* os FF.·.-Maç.·. consagram entre si a subordinação e dependencia mais absoluta.

Cada loja nos fornece a prova do que acabamos de affirmar. «As assembléas MM.·. que tomam a denominação generica de lojas ou officinas dizem as constituições, são *dirigidas por estatutos e regulamentos* geraes e particulares. As officinas tem *direito de disciplina absoluta sobre todos os seus membros e todos os MM.·.* que assistem ás suas deliberações.» (Art. 7, 10).

Além d'isto, ao passo que no ultimo grau da escala Maç.·. se acham os *II.·. serventes,* que são incumbidos da guarda, serviço da mesa, limpeza da officina e dos outros trabalhos proprios da domesticidade, mediante um salario, vêmos apparecer nos graus superiores uma serie de *Dignitarios.*

Eis aqui a lista: 1.º O *Veneravel* é o que se acha á testa da *loja* e preside á reunião.

Seguem-se depois:

—O 1.º Vigilante.

—O 2.º Vigilante.

—O Orador.

—O Secretario.

—O Thesoureiro.

—O Grande Experto. Este é o I.·. incumbido d'examinar se todos os que se apresentam para visitar a loja, são maçons.

—O Hospitaleiro.

—O Guarda dos sellos.

—O 1.º Mestre de ceremonias.

—O 2.º Mestre de ceremonias.

—O 2.º Experto.

—O Porta Estandarte.

—O Director dos banquetes.

—O Cobridor ou o I.·. Terrivel. É encarregado de guardar as portas exteriores e as avenidas da loja para desviar os *profanos.*

Tal é a primeira origem da desigualdade existente entre os MM.·. e o primeiro fundamento da sua subordinação e dependencia, na ordem de *dignidade, officio ou authoridade.*

Ha outra origem de distincção não menos fecunda e mais importante ainda, é a que resulta da variedade dos graus.

Fallava eu na minha carta antecedente da diversidade de *ritos* que dividem o grande exercito maçonico em muitos corpos diversos. Cada *rito* contém um certo numero de *graus.*

Entre o *aprendiz* que faz a sua entrada na loja, e o *cavalleiro Kadosch,* ha a distancia que vai do joven recruta e o veterano, que vinte vezes recebeu o baptismo de fogo, a quem já não affecta perigo algum.

Sei que alguns escriptores MM.·. tem procurado lançar um véo sobre esta distincção dos graus, diminuindo-lhe a importancia. Segundo o I.·. Ragon a multiplicação dos graus é o fructo d'uma lamentavel especulação e só propria para produzir scismas e divisões na Maç.·. «Os tres graus symbolicos, diz este escriptor Maç.·., nunca produziram nem podem produzir scisma algum. Os altos graus são falsos e perigosos porque dão lugar a scismas, inimizades, processos, *aos libellos desculpaveis dos Barruel e de outros, e ás perseguições da authoridade.*» (Orth. M.·. p. 99, 110).

Isto quer dizer, observa judiciosamente o senhor de Santo Albin, que os tres primeiros graus constituem a Fr.·.-Maç.·. *exterior* ou *symbolica,* cuja existencia é um facto publico e confessado: e os outros graus formam a Fr.·.-Maç.·. interior que procura ficar invisivel para obrar mais livremente na sombra. Como poderia o I.·. Ragon persuadir que estes graus são falsos e perigosos, quando elles são consagrados pelas constituições da Ordem (art. 366 e 367, anno de 1826) que os considera como os *mais importantes* e muitos dos quaes, segundo as constituições, não podem ser conferidos por communicação?

É verdade que esta multiplicação é excessiva e não deixaremos d'admittir com o I.·. Ragon, que a especulação e amor-proprio tenham uma parte n'este excesso ridiculo: assim nos ritos francez e escocez contam-se nada menos de 33 graus. O rito egypcio conta até 90. Na Prussia a Maç.·. *geral* só tem 4 e a Maç.·. *christã* 7.

Mas conferindo estes 4 ou 7, communica-se tudo o que comprehendem os 33 graus francezes ou escocezes e os 90 do rito egypcio. Quem quizer ter uma idéa dos titulos extravagantes e ridiculamente pretenciosos d'estes diversos graus só tem que consultar a nota IV no fim d'esta carta.

A grande variedade dos elementos, que compõem as lojas e a multidão dos adeptos de differentes condições, cujas disposições não são as mesmas, entraram, segundo L. Blanc, entre as razões de tal multiplicidade. (*Hist. da Revolução*. Cap. Revol. mystica). Segundo o I.·. Juge foram inventados como novo meio de seducção para attrahir ás lojas; meio tanto mais poderoso quanto põe em jogo a vaidade e o orgulho, e especula sobre o amor-proprio. (*Exame critico dos ritos*. Globo, tomo 2.º, p. 251).

Mas se estes graus se recommendam pelos seus titulos pomposos, pelas joias e ornatos que os distinguem, differem entre si pelos graus *d'iniciação*, que lhes é propria e não é a mesma para todos. Ella se torna cada vez mais intima á maneira que o candidato se mostra mais compenetrado do espirito da Ordem: faz-se sempre da parte d'este uma prudente reserva: tanto mais graves e importantes são os segredos, tanto mais se reconhece a necessidade de não os confiar senão a homens seguros e perfeitamente experimentados. É n'isto que consiste o verdadeiro adiantamento do Maç.·.

Não receamos dizer que não se comprehende bem a Fr.·.-Maç.·. em quanto se não penetra um pouco no mysterio de seus graus. São elles principalmente que constituem a verdadeira organisação interior da sociedade, e es-

tabelecem a ordem e subordinação entre os diversos membros, que a compõem.

Estes differentes *graus* dão com effeito a medida do *merito* relativo dos FF.·.-MM.·., do *conhecimento* mais ou menos completo, que possuem das suas *doutrinas,* da iniciação mais ou menos intima nos seus *segredos,* dos *compromissos* mais ou menos sagrados, que tomaram, e da *determinação* mais ou menos completa, em que se encontram de dedicar-se á realisação de seus designios e do seu fim, da maior ou menor *confiança* que lhes é concedida e da *formação* mais ou menos perfeita de cada um dos membros.

Em resumo os graus constituem a *escala mystica* por onde o M.·. deve elevar-se successivamente ao vertice *da perfeição da Ordem, á plenitude do seu espirito:* ou para fallar mais exactamente, no meu pensamento, são os degraus que o adepto deve descer um após outro para chegar ao fundo do abysmo: entranhar-se gradualmente na noite do erro, e pelo desprezo e negação de toda a verdade dogmatica e moral, chegar á cegueira de espirito e á extincção do sentimento moral na sua alma. Que multipliquem ou reduzam os graus, é cousa indifferente. O fim, a que é mister chegar é determinado, o numero das marchas póde variar, mas o termo é o mesmo. O que adiante diremos das *iniciações maçonicas,* esclarecerá esta materia.

As *dignidades* não suppõem necessariamente nos que d'ellas se acham revestidos maior merito maçonico, e não dão direito a iniciações mais intimas. Póde succeder até que o Gr.·. Or.·. se ache fóra dos segredos da Ordem, como provaremos adiante. O nascimento, nome, posição no mundo, influencia, que se exerce, o bem que se deseja fazer á Ordem cobrindo-a com a sua protecção, são razões sufficientes para conferir a um membro algumas dignidades sem que por isto se lhe confiem os segredos mais intimos.

Os *graus,* pelo contrario, só se concedem ao merito pessoal do M.·., isto é, ao seu merito *maçonico,* com respeito á sociedade a que elle pertence.

Mas para ter uma idéa exacta e completa da *organisação* da F.·.-Maç.·. depois de ter visto 1.º a *dependencia,* em que cada membro da Ordem se acha para com a loja e seus dignitarios; 2.º a *subordinação* que resulta, em todos os membros, da diversidade dos graus, resta-nos ainda a considerar; 3.º a *dependencia* que liga ao Gr.·. Or.·. todas as lojas da sua obediencia; 4.º os laços que unem todos os Gr.·. Or.·.; 5.º finalmente a subordinação de toda a Maç.·. a um só e mesmo chefe.

Dependencia das lojas particulares do Grande Oriente

Abramos as constituições da Ordem e ahi lêmos:

1.º Todas as officinas maçonicas na obediencia ao Gr.·. Or.·. de França estão ligadas entre si por uma authoridade central. A authoridade central maçonica collocada sob a alta direcção do Grão-Mestre da Maç.·. franceza tem o nome de *Gr.·. Or.·. de França.* O Gr.·. Or.·. de França é composto do *Gr.·.-Mestre,* eleito pela assembléa geral, por cinco annos; do *Conselho da Ordem* com 33 membros igualmente eleitos em assembléa geral, e de todos os presidentes das officinas da correspondencia. (Art. 20 e 21).

O *Gr.·. Or.·. de França* que segue o rito francez não deve confundir-se com o *Supremo Conselho,* que adopta o rito escocez. O chefe do *Supremo Conselho* é eleito e vitalicio e tem o titulo de muito poderoso soberano, Grande Commendador Grão-Mestre.

2.º O Grão-Mestre do Gr.·. Or.·. tem o poder executivo e director, e administra com o *Conselho da Ordem.* Tem o direito de presidir a todas as reuniões maçonicas: promulga os decretos e decisões do Gr.·. Or.·. e convoca as assembléas ordinarias e extraordinarias.

Tem o direito de suspender provisoriamente todas as

officinas e os maçons, que se hajam desviado do respeito ás leis do paiz, ou faltado aos estatutos conservadores da instituição. (Art. 24 e 25).

O Conselho da Ordem administra com o Grão-Mestre da Ordem, e estatue sobre a validade das eleições, regulamentos particulares, e as questões maçonicas que lhe são submettidas pelas officinas. (Art. 31 e 32).

3.º *A assembléa geral* reune-se todos os annos na segunda feira de Pentecostes. Compõe-se *de todos os presidentes* ou delegados das officinas da correspondencia, do Grão-Mestre e de todos os membros do Conselho e da Ordem. (Art. 37).

Recebe o relatorio da administração apresentado pelo *Conselho da Ordem.* Apura as contas do anno; fixa os orçamentos, modifica, se ha necessidade, os estatutos e regulamentos geraes e decide soberanamente todas as questões que interessam á Maç.·. (Art. 41).

União de todos os Gr. Orientes

«A fraternidade que liga todos os Fr.·.-Maç.·. envolve a solidariedade de todos os Orientes: porque, se é verdade que podem haver muitas administrações maçonicas, só póde existir uma Franc-Maçonaria, como só póde haver uma humanidade.» (*Docum. maç.* p. 241).

Depois de ter dito que a Fr.·.-Maç.·. é *uma* e *universal,* o I.·. Stevens, em um discurso pronunciado na festa solsticial do G.·. Or.·. da Belgica (1856) acrescentava:

«*A maçonaria tem tratados.* O brinde feito a todos os Gr. Or.·. é o reconhecimento d'um facto que é para nós um principio. Ha tratados entre os M.·. Os M.·. belgas tem tratados com a França, America, Inglaterra, etc., etc., etc.»

«As relações do Gr.·. Or.·., lêmos nós em outra parte,

com os corpos reguladores estrangeiros, principalmente com o Gr.·. Or.·. de França, do Brasil, as grandes lojas da Inglaterra e Allemanha, são mantidas por troca de communicações mais ou menos importantes para a Ordem, mas que não são proprias para uma publicação da natureza d'esta.» (*Annaes Maç.·. do Gr.·. Or.·. da Belgica, 1846, capitulo das relações externas*).

Dependencia d'um chefe supremo

Acima porém dos G.·. Or.·. ha um *chefe supremo e universal?* Eis o que se lê na carta maçonica de Colonia (Art. 13):

«A nossa Ordem sendo governada por um chefe *unico e universal* e os differentes magisterios, que a compõem, por muitos grãos-mestres, segundo a posição e necessidades dos paizes, nada se torna mais necessario do que uma perfeita conformidade entre todos os que, espalhados na superficie da terra, são como os membros dispersos d'um *só corpo:* nada é mais util do que uma correspondencia de deputados e cartas, em harmonia com a doutrina commum.»

Ha muitos *centros d'acção,* nos dizia o I.·. Ragon, mas só um *centro d'unidade.* (*Curso philosophico, p. 40*).

Qual é este centro d'unidade, esse chefe supremo, universal, que constitue a maçonaria *unica?* Seria *Mazzini,* como muitos indicios nos levam a crêl-o? Deverá procurar-se em Inglaterra? Muitos o pensam.

«A grande loja de Londres, *nossa mãi commum,* é o poder maçonico mais importante e diffundido nos dous hemispherios.» (*Projecto d'uma confed. maç. universal. V. Am. Neut. t.* 2.º, *p. 210*).

Confessamos que não possuimos sobre esta questão esclarecimento algum seguro. Devemos não obstante mencio-

nar a opinião que *Gouguenot des Mousseaux* expende em um sabio artigo de que deu um extracto o *Univers*. E' d'ahi que extractamos o seguinte:

«No principio a Fr.·.-Maç.·. excluia os judeus das suas lojas. Hoje elles são admittidos em toda a parte com empenho. Além d'isto os judeus tem *lojas privativas, onde nenhum christão é admittido. Tem-nas em Londres e Leipzig. Tem uma em Roma, onde se reunem todos os fios das tramas revolucionarias urdidas nas lojas christãs. É o Supremo Tribunal da Revolução. D'ahi se dirigem ás outras lojas como por meio de chefes secretos, de modo que a grande maioria dos revolucionarios christãos são apenas bonecos cegos, postos em movimento pelos judeus, pelo meio do mysterio.* Na *America* mesmo, na *livre America,* os judeus sentiram a necessidade de se organisarem em sociedade secreta, sob o nome de *Beni-Berith,* os filhos da Alliança.»

«As lojas maçonicas, que a igreja amaldiçôa são para *Israel* as adjuntas indispensaveis da *Synagoga*. Ahi os malvados, como *Piccolo Tigre,* repletos de desprezo para com os seus estupidos adeptos, sabem como empregal-os na grande obra da maçonaria, a reconstrucção do templo de Salomão, a *judeisação da christandade.*» (*Univers*. 3 d'agosto de 1870. Extracto da obra do snr. Gouguenot des Mousseaux: os *Judeus, o Judaismo, e a Judeisação do povo christão*).

Esta opinião, recommendada pela sciencia e erudição do author, nos explicaria mais naturalmente a horrivel profanação, que se faz em certas reuniões maçonicas da *Santa Eucharistia,* segundo diz monsenhor Ségur, no seu opusculo sobre a Fr.·.-Maç.·., mas quando mesmo apenas fosse possivel, bastaria para separar da seita os maçons que ainda conservam um resto da sua dignidade: porque é pouco lisonjeiro até para os revolucionarios de serem meros *automatos,* movidos pelos *judeus.*

Termino esta carta por uma reflexão, que resalta immediatamente.

A *organisação* Maç.·. não póde estabelecer-se regularmente, nem manter-se senão em prejuizo do *sagrado principio da liberdade.*

Por isso tem havido tentativas de revolta. *No Mundo Maçonico* (out. 1864, p. 345) lê-se o seguinte:

«A proposito da eleição do Gr.·. M.·. da G.·. L.·. do reino de Saxonia nossos caros confrades de Leipzig, a *Gazeta da Fr.·.-Maç.·.* e a *Bauhutte* contém alguns artigos notaveis, cuja leitura recommendamos a nossos II.·. d'Italia, como ás nossas LL.·. do Gr.·. Or.·. occupadas agora na revisão da constituição maçonica.

«A gazeta da Fr.·.-Maç.·. propõe a abolição de todas as G.·. LL^as.·. e Grandes Dignitarios da Ordem, que ella considera como uma introducção do feudalismo da meia idade, só propria para manter abusos, e como sendo contraria aos principios maçonicos. A união das LL.·. saxonias é uma communidade estabelecida sobre o principio de igualdade dos direitos e direcção independente das LL.·.; em quanto os grandes officiaes e altos dignitarios estiverem em manifesta opposição com estes principios supremos, melhor ficariam no seu lugar nas salas de honra dos castellos feudaes, do que nas simples officinas e lojas da Fr.·.-Maç.·. livres.

«Somos oppostos á fundação d'uma G.·. L.·. para toda a Allemanha, porque por este meio não seremos conduzidos ao fim, que temos em mira. A reorganisação da Maç.·. não deve vir de cima, mas debaixo, das mesmas LL.·. Cada L.·. deve reconhecer seu proprio valor e dignidade: deve estar sobre si como já algumas fazem com vantagem. Sobre esta independencia das LL.·. individuaes, fóra da tutela e direcção superior, buscar-se-ha, se se quizer, uma união livre das LL.·. iguaes em direitos. E' por isso que devemos começar pela abolição completa de nossas machinas enferrujadas d'administração, d'interferencia e direcção superfluas, como a exercem as nossas GG.·. LL.·. existentes. Só, abolidas estas, poderão as diversas LL.·. renascer para a vida nova, livre e consciente.»

Estes MM.·. são consequentes e logicos mas não no todo: porque se a igualdade se oppõe a que uma L.·. dependa d'outra, tambem ella se oppõe a que haja na L.·. um Veneravel, Vigilantes, etc.

Seja o que fôr com referencia a estas tentativas ou velleidades de independencia, o que temos por averiguado é: 1.º que todos os MM.·. do universo tem entre si laços intimos, as mesmas tendencias, fim identico e professam todos os mesmos principios fundamentaes: 2.º que as lojas estão organisadas umas com as outras; e por meio dos GG.·. Or.·. com as sociedades Maç.·. estrangeiras, com o fim de obedecerem a uma direcção commum, conforme aos estatutos da Ordem e aos tratados: 3.º que não é permittido ao M.·. discutir estes estatutos e tratados, que formam a lei suprema: 4.º finalmente, que, segundo o I.·. Murat, Gr.·. M.·. da Maç.·. franceza «um maçon não é só *membro d'uma loja, ou mesmo da Maç.·. franceza, mas pertence á grande familia* e tem por irmãos todos os maçons do universo.» (*Docum. maç.·.*, p. 304).

E' o sentido das palavras mais energicas ainda que o Veneravel dirige ao iniciado aprendiz:

«Senhor, todo o profano que se torna Maç.·. *deixa de pertencer a si proprio: elle pertence d'ahi ávante só á Ordem que se acha derramada* sobre toda a superficie do globo.» (Rit. do grau d'Aprendiz, p. 51).

Bastaria esta organisação da Fr.·.-Maç.·. para patentear todo o seu perigo. Comprehender-se-ha d'aqui a verdade e alcance d'estas palavras proferidas no banquete da festa da Ordem em 1845 pelo I.·. Grisar: «Fundada para estreitar os laços, que ligam os homens entre si, a Maç.·. *possue pelas suas adopções recursos immensos.*

«Tel-os-ha ella aproveitado efficazmente? *Será este corpo robusto, colosso de mil cabeças, e com mil braços,* um grande instrumento de progresso, reforma e melhoramentos sociaes? *É um laboratorio d'idéas novas?* Dá vida ás idéas *liberaes* pela emissão *de idéas liberaes?* É o precursor

d'este espirito democratico, que caminha, e estende-se, e vai *vivificar* todos os *povos,* que o chamam e esperam desde seculos?» (V. Am. Neut. I. 690).

O I.·. Grisar não o julga affirmativamente: queixa-se da divisão que enfraquece, das pequenas idéas que param em resultados sem importancia.

Pensamos que elle se engana e que a Maç.·. não está tão atrazada como imagina. Graças á sua acção, a democracia progride. *Adianta-se,* é uma torrente que augmenta, sobe, trasborda. Será para fecundar ou assolar os campos? *Estende-se.* Será para vivificar ou para destruir os povos?

Ahi está a questão: para mim não é duvidosa. Tambem julgo que o não é para V. Mas se ainda o é, as suas hesitações não tardarão em dissipar-se ao sol da evidencia.

NOTA IV

Variedades infinitas e nomes extravagantes adoptados pela maçonaria

«Foi n'esta época, em 1756, sob o grão-mestrado do conde de Clermont, que a mania dos cordões, joias, distincções ociosas, graus e titulos desconhecidos, se apossou da maioria dos espiritos... Tudo se explorou para tirar partido da credulidade e fraquezas humanas: os mais elevados em sciencia foram arrastados como os outros, tantas são as disposições do homem para a cegueira, quando as suas inclinações para o predominio, privilegios e sciencia infusa se põem em movimento.

«Os dogmas mais divergentes, as origens mais arriscadas, as mentiras mais flagrantes encontraram um credito, cuja facilidade póde entorpecer um espirito são. Todos desdenharam o modesto avental, emblema do obreiro productor, para se pavonearem debaixo dos ouropeis mais extravagantes, adoptar os titulos mais pomposos, fazer gala da aristocracia mais repugnante em uma Ordem de fraternidade universal.

«Appareceu então uma maçonaria das mais variadas, incoherentes e incomprehensiveis. Appareceu a maçonaria alchimica, cabalistica, cruzadica, druidica, egypcia,

eclectica, hermetica, hiramica, stratica, misraimica, memphistica, gantheistica, philosophica, pythagorica, theosophica e mil outras concepções heterogeneas que seria inutil enumerar aqui.

«Houve maçons d'Heredon, que, se dizia, ser uma montanha da Escocia, cuja descoberta ainda resta para fazer: maçons de Killwinning, d'Escocia, Irlanda, Asia, Africa, America, Prussia, que em nada se assemelhavam aos que se poderiam encontrar nos diversos paizes, d'onde tiravam os nomes. A cavallaria contou numerosos adeptos: *Cavalleiros* do Oriente, do Occidente, do Sol, do Crescente, do Sepulcro, do Elephante, do Dragão derribado, de Santo Estevão, de Nossa Senhora do Loretto, do Precioso Sangue, de S. Miguel, da Alampada inextinguivel, do Carvão, do Lyrio, dos Sete Sabios, da Mesa redonda, dos Hajids, dos Haraims, dos Perfumes dos atrios, de Paracelso, do Minotauro, da Lança d'ouro, do Triplice periodo, da Serpente de bronze. Os *favoritos* tambem ahi encontraram lugar: favoritos de Salomão, de Santo André de Clermont. Não faltavam os principes: *Principes* dos Levitas, dos Sete Planetas, do Tabernaculo, de Jerusalem, do Real segredo, de Maria, d'Osiris, dos adeptos. Os illuminados tiveram a sua successão: *illuminados* menores, maiores, do Zodiaco, da Palestina, Theosophos, das sete Espadas, de Baviera, de Stockolmo, de Avinhão, de Montpellier. Os escocezes eram os mais multiplicados, apesar de nenhum provir da Escocia: *escocezes* d'Heredon, Killwinning, Edimburgo, Albion, Inglaterra, Copenhagne, Valachia, Messina, Napoles, Paris, Lyão, Marselha, Toulouse, Avinhão, Montpellier, Dunkerque, Angers, Lille, Prussia, Alcidonia, Triangulo, os tres II.·., Purificação, Paixão, Santissima Trindade, S. Januario, Santo André da Russia, Aguia Negra, Aguia Branca, Aguia Vermelha, Throno, Altar, Abobada Sagrada, Hiram, S. Jorge, S. João d'Escocia, os Grandes Repartimentos, os Pequenos Repartimentos, a Estrella-Polar, as Cruzadas, os Martyres da Paixão.

«Finalmente crearam-se Soberanos maçons, Soberanos dos Soberanos, Reis do Mundo, Imperadores de todos os maçons!!»

(Cadeia d'União, 15 de maio de 1857. Londres).

CARTA SETIMA

Principio gerador da Fr.·.-Maç.·. — Independencia inteira e absoluta

Senhor.

Até aqui occupamo-nos em examinar o edificio pelo seu lado exterior, ainda não penetramos na sua parte intima. Vimos o corpo da Maç.·., mas não o espirito que a anima e vivifica.

É occasião de introduzir a V. n'este sanctuario intimo onde a sociedade se vai revelar tal qual é. Quizera hoje fazer-lhe conhecer a idéa primitiva, que presidiu á sua instituição, a sua razão de ser e verdadeiro espirito. Qual é o principio fundamental em que assenta a Fr.·.-Maç.·. ? D'onde tira a força este grande corpo? Onde se fórma e elabora o sangue que lhe circula nas veias? Qual é, finalmente, a sua *essencia?* De todos os assumptos, que trataremos n'estes *estudos,* nenhum é mais importante do que este.

O maçon chama-se *franco,* isto é, *livre.* A *liberdade* é pois a primeira palavra da sua divisa: é todo o seu *symbolo,* o seu *codigo* o unico *principio* que adopta, a unica *regra* que impõe a si. É esta a sua religião, a sua lei; a sua moral. *Liberdade,* é a grande palavra, que resume a idéa maçonica; é o encanto enganador de que a Fr.·.-Maç.·. se serve para seduzir os homens, é a arma poderosa com que conseguiu perturbar o mundo.

A Fr.·.-Maç.·. entende *esta liberdade* no sentido mais

largo e absoluto. É a *independencia* sem limites nem restricção.

É a *inviolabilidade da pessoa humana* subtrahida a toda a casta d'authoridade.

É a *independencia do espirito,* que não supportaria qualquer revelação, ou ser limitada por algum dogma.

É a *independencia da vontade* que se não submette a poder algum, e não reconhece rei, nem sacerdote, nem papa, nem Deus.

É a *alforria completa do homem* que rompeu todos os laços do seu captiveiro, e soltou-se das *cadeias physicas, das cadeias moraes,* das *da terra* e *do céo.*

É a *emancipação completa da humanidade,* livre para o futuro e caminhando a passos largos na vereda da felicidade.

Eis a *liberdade* Maç.·.: tal é a essencia da Fr.·.-Maç.·.

Quer V. convencer-se d'isto? Digne-se ouvir.

«*O livre pensamento é o principio fundamental* da maçonaria.» (A. N. 1. p. 408. Cadêa d'União, 1865). «Qualquer homem é para si mesmo padre, rei, papa e imperador.» (Ch. Potrin). «Nós só respondemos pelos nossos *actos a nós proprios:* somos os *nossos padres* e *deuses proprios.*» I.·. Lacroix, ibid.)

«*A liberdade de consciencia* é superior a todas as crenças religiosas, dizia o I.·. Parrot na assembléa do Gr.·. Or.·.» (Junho de 1865).

«A Fr.·.-Maç.·., diz a constituição, considerà a *liberdade de consciencia como direito proprio de cada homem* e por causa de suas crenças não exclue pessoa alguma.» (Art. 1).

«Ha um meio simples, diz o *Mundo Maçonico* (p. 586) de fazer cessar a causa das divergencias entre os FFr.·.-Maç.·.; e consiste em substituir a base da *crença em Deus e da immortalidade da pessoa humana.*»

«Quanto a nós, *quem diz Fr.·.-Maç.·.* quer dizer *livre pensador.* Assim se exprime um Fr.·.-Maç.·. belga. A Maç.·. é a *tolerancia universal,* a mãi acolhendo com o mesmo amor todos os filhos da mesma familia humana.» (Loja de Constancia, em Luvaina. Cadeia d'União, 15 d'outubro, 1866).

«*A liberdade d'exame* é o attributo essencial da Maç.·.; diz o I.·. Stevens. Não comprehendo um Maç.·., que se não colloque acima dos prejuizos. O *livre exame é portanto a essencia da Maç.·.*» (Gr. Or. da Belgica, 1854).

«*A independencia da razão do homem, a liberdade de exame* exigem que nenhum dogma, texto ou poder nos suspendam em nossas investigações. Por isso não podemos aceitar que algum limite se imponha á acção do pensamento.» (I.·. Van Humbeck. A. N. I, 224).

«A Maç.·. é o refugio dos *livres pensadores,* o lugar em que se *retemperam.* Aqui politica, além social, acolá simplesmente economica, sempre moral, a Maç.·. só *procura um fim: libertar os individuos das pêas physicas* e *moraes, que se oppõem ao seu desenvolvimento.*» (I.·. Hayman, Gr.·. Or.·. de França. *Mundo Maçonico,* tom. V, p. 362).

«*O dominio d'uma authoridade* qualquer *é um crime tão enorme* para o espirito dos tempos modernos, que este no seu furor cego espedaça tudo o que lhe recorda *a idéa da authoridade.*» Assim se expressava o Pastor Zille no jornal clandestino das lojas de Leipzig.

No banquete dos homens de letras, o I.·. *W. Jordan de Koenigsberg,* levantou este brinde:

«Ao espirito livre, que ainda não existe senão no futuro, *mas que se libertará em breve do captiveiro da força, das cadeias reaes sobre a terra e das dos phantasmas imaginarios no céo.*» (N. de 15 de dezembro de 1866).

«A nossa Ordem constituindo uma aggregação de homens que exercem o seu *livre arbitrio,* não nos pertence formular, em materia de religião e philosophia, um *corpo de doutrinas,* a que nossos II.·. sejam obrigados a conformar-se.»

Assim escrevia ás lojas da sua obediencia o Gr.·. Or.·. belga. (9.º mez do anno de 1865).

«Em Constantinopla como em França, sustenta-se nas lojas que um *dogma qualquer* seria violação da *liberdade de consciencia,* negação *do principio de tolerancia.*» (*Mundo Maç.·.,* p. 392).

Acaba de vêr-se a França, a Allemanha, a Belgica, a Inglaterra, ou antes a Maç.·. inteira proclamar que a independencia do individuo é o seu dogma fundamental, e não reconhece outro. *Liberdade de pensamento, liberdade d'exame, liberdade de consciencia, independencia absoluta da razão, isenção de todos os estorvos physicos e moraes, negação de toda a authoridade, inviolabilidade da pessoa humana:* eis a essencia da Fr.·.-Maç.·.

Nada de *reis,* nada de *padres,* nada de *Papa,* nada de *Deus:* cada um é o *seu rei,* o *seu padre,* o *seu Papa,* o *seu Deus.* Comprehende-se agora o sentido que a Maç.·. liga á palavra = *liberdade* =: e não temo dizel-o, que ella se acha completa na palavra, que lhe serve de divisa.

Toda a sua doutrina religiosa, philosophica e social se resume n'esta palavra. Não tem outra lei, nem outra moral senão a independencia. Este direito é o *direito de todos* e está superior *a todas as crenças.* Perguntar-me-ha V. se este principio é verdadeiro e sufficientemente demonstrado: se este fundamento é solido e pura esta moral. Não tardarei em explicar-me sobre estes pontos: por agora limitar-me-hei a fazer algumas reflexões tendentes a esclarecer a materia.

Não ha palavra que tenha representado papel mais importante no mundo do que é a *liberdade* e talvez não haja alguma, que seja menos comprehendida. Não ha, como ella, outra palavra que sorria mais ao homem, exerça sobre elle seducção mais suave e irresistivel, e tenha feito mais illudidos e desgraçados.

Que se entende, ou antes, que deve entender-se pela palavra *liberdade?* Distingamos no homem, o *membro da sociedade e o individuo.* Póde o membro da sociedade ou da familia ser livre no sentido de que esteja desembaraçado das obrigações impostas pelas leis, que regulam a sociedade ou a familia? Ninguem sensato o sustentará, e a Maç.·. mesma proclama o dever da sujeição ás leis do paiz. É só satisfazendo os *deveres* que a sociedade lhe impõe, que o homem adquire os *direitos* de gozar dos favores e da protecção,

que ella lhe garante. Quanto ao *individuo,* em que consiste precisamente a *liberdade* que elle reclama? Seria a *liberdade* de *pensar?* Mas poderá esta ser a liberdade de abjurar a verdade para abraçar o erro? Não é a verdade o objecto essencial da intelligencia e o seu alimento? Não é no conhecimento da verdade que consiste a perfeição do nosso entendimento? Se assim é (e quem o negaria?) a luz, o ensino, a regra que tender a guiar a intelligencia no conhecimento das verdades religiosas, philosophicas, sociaes e a precavêl-a contra seus desvios, poderão ser olhados como contrarios á *liberdade?*

Deve o homem considerar como estorvos, que o impeçam, e revindicar como direito, privilegio e bem, o mais precioso de todos, a alforria d'esta regra, a ausencia d'esta luz, a suppressão d'este ensino, que encaminham a sua intelligencia no conhecimento da verdade e a afastam das aberrações do erro?

Não paro aqui para provar que a razão humana, entregue a si, arremessa-se em todos os precipicios, abalrôa com todos os erros, enreda-se e desvaira-se a cada passo em suas proprias concepções.

A historia antiga e moderna é demasiadas vezes a historia das contradicções, loucuras, desvarios do espirito humano.

Conforme a estes principios, perguntarei eu, *que é a liberdade de pensar tão loucamente exagerada pela Fr.·.-Maç.·.?*

—Seria a liberdade de *querer?*

Mas póde a liberdade de querer ser a liberdade de *querer o mal,* de calcar aos pés a virtude para se entregar a todos os vicios? Não é o bem moral, a virtude, o justo, honesto, conveniente, o objecto essencial da vontade, o seu alimento? Não é no amor do que é bom, bello, grande e santo que consiste a perfeição da nossa vontade? Mas se assim é, e esta *vontade* não é *impeccavel,* como o nosso espirito não é *infallivel,* a lei, a regra, a authoridade, tudo quanto contribue a dirigir a vontade, e a sustental-a no amor do

bem moral, preserval-a dos vicios, protegel-a contra a embriaguez das paixões, deverá ser considerado como uma brecha aberta na sua liberdade? E revindicar como um *direito* a suppressão de toda a lei, a ausencia de toda a regra, o aniquilamento de toda a authoridade, a independencia da moral, não seria uma insensatez, uma injustiça, um crime?

Conclúa V. d'aqui o que devemos pensar da liberdade *de querer e de obrar,* como a entende a Fr.·.-Maç.·.

Para usar da liberdade de *pensar* e *de querer,* não é mister consagral-a como um *direito.* Eu conservo, passando por sobre uma ponte, a *faculdade* de precipitar-me no rio; chamarei a isto um *direito?* Posso sempre que quizer, abusar do meu espirito e do meu coração: será isto o mesmo que ter esse *direito?* A luz da revelação, que me é dada, para dirigir o trabalho do meu espirito, e o curso dos meus pensamentos, não é um attentado maior á minha liberdade, do que é um parapeito collocado á beira d'um precipicio para preservar a imprudencia ou a temeridade. *Posso* fazer uma infinidade de cousas que não *devo* e me são justa e utilmente defesas, sem detrimento algum da minha liberdade. Consagrar como *direito* tudo o que está no *poder* do homem; *legitimar* no tribunal da consciencia tudo o de que Deus lhe não vedar o poder de fazer, é o erro mais fatal, mais crasso, e infelizmente mais espalhado nos nossos dias, e é, atrevo-me a dizel-o, o maior erro e o crime mais nefasto commettido pela Fr.·.-Maç.·. Ser-nos-ha facil provar isto no decurso d'esta obra. Veremos que este principio não é mais do que a negação de todo o principio e de toda a verdade, que este pretendido fundamento não é senão a repudiação de todo o fundamento e destruição de todo o edificio. Quer consideremos a Fr.·.-Maç.·. em si, quer no seu trabalho e obras, encontral-a-hemos resumida na *liberdade* que proclama e na independencia que invoca: e descobriremos no seu principio fundamental o elemento dissolvente, que ameaça todas as sociedades, e a arma mais perigosa que jámais se haja empregado contra o genero humano.

CARTA OITAVA

A Fr.·.-Maç.·. rejeita o sobrenaturalismo e a religião catholica

Senhor.

Indicando-lhe o principio fundamental da Fr.·.-Maç.·. fiz conhecer a arma mortifera que esta sociedade emprega para alcançar o seu fim.

Eil-a prestes para o combate e disposta para dar o assalto a tudo o que ella chama *superstição e fanatismo.*

Mas que verdade acommetterá ella primeiro de todas? Em nome da liberdade e independencia, nega a *revelação e rejeita a fé.* E' o primeiro choque do martello demolidor.

Citarei uma disposição da constituição Maç.·. «A Fr.·.-Maç.·. *respeita a fé religiosa de cada um de seus membros.*» Quer V. saber como ella observa este artigo, e o que pensa e diz da religião christã? Escutemos o historiador sagrado, Ragon:

«*Crêr é o opposto de saber.* O homem credulo muitas vezes não é senão um miseravel, que depende de qualquer que não tem compaixão d'um ente sem defesa.» (Curso phil., p. 179).

«O nascimento e os progressos da religião christã, diz elle tambem, *mostram a sua humanidade:* o exame dos seus

dogmas e da moral que ella ensina manifesta sufficientemente o seu author, porque o que ella tem de bom foi *roubado aos authores pagãos,* e no que é exclusivo do seu instituidor, *nada vale.* »

«Podemos sustentar em Maç.·. que *toda a revelação é inutil,* diz o I.·. Humbeck.» (Neut. 2, p. 224).

«Hoje que o espirito d'analyse, tão poderosamente combatido nas heresias da idade media, é permittido, e a verdade luz para os homens de boa vontade, é preciso ter a força de dar de barato a *todo esse montão de fabulas,* inventado pelas necessidades d'outras épocas: é indispensavel ter a força de levar a toda a parte o facho da razão, embora a sua chamma haja de reduzir a cinzas o que ainda resta de pé d'esses vestigios da ignorancia e obscurantismo... Se o povo credulo tivesse ousado atravessar com olhar investigador as chammas, que cercaram o Sinai, no dia da pretendida revelação, teria comprehendido o que se lhe queria occultar. Se atravessando o tempo e o espaço, escondido no meio d'essa multidão que se prostrava com a frente no pó, um philosopho do nosso seculo tivesse podido erguer o véo mysterioso que encobria aos olhos dos profanos as taboas da lei, elle vos diria, meus irmãos, que este povo, fulminado de terror, era o *cumplice estupido d'uma mentira.* Dir-vos-hia o que eu vos digo: *que o Deus revelador não existe, e é impossivel:* que é rebaixar a divindade conferir-lhe um papel humano, e que o mesmo Deus condemna em vós, homem do seculo, esta crença ignorante e cega.» (I.·. Lacomblé, citado por N. I, p. 144).

Em lugar d'esta sublime religião do Evangelho, diz o mesmo author, os padres ensinam hoje o *catholicismo, formula gasta, repudiada por todo o homem, que pensa em sociedade. Desembaracemos primeiro que tudo a imponente magestade de Deus de todas as frivolidades do culto exterior,* de todos os erros, por meio dos quaes se ligam os ignorantes e fracos.» (Ibid.)

«A Maç.·. rejeita essas *phantasmagorias idolatras:* ella di-

rige-se á razão, como *base de convicções* e de *certeza*. Endereça-se á razão como *fundamento da moral universal:* liga o homem a Deus, não pelo intermedio de uma theocracia usurpadora, mas pelos sentimentos e idéas que Deus mesmo collocou no coração do homem.» (I.·. Frantz Faider, A. N. 1, p. 281).

Mais. «A religião do *Christo,* essa religião da *natureza* e do *bom senso* por excellencia foi estabelecida para *substituir as theocracias judaicas e pagãs,* e ella mesma cahiu no abysmo que veio arrazar. Tanto é difficil reduzir o homem ao culto do *verdadeiro Deus* (a natureza, sem duvida), tanto elle é inclinado á superstição e credulidade! Singular destino d'estes povos, curvando a cabeça em todas as épocas debaixo do jugo dos padres!... (Ibid.)

«A *felicidade de todos* (é assim que se exprime outro M.·., citado pelo snr. Gyr) impõe-nos a obrigação sagrada de combater o *flagello da especie humana, a superstição,* e de substituir-lhe *o codigo da moral e da natureza.*»

«Antes de provar a divindade da religião, seria mister *provar a existencia de Deus,* d'esse Deus, que fallou aos homens: seria necessario demonstrar que elle lhes disse exactamente as mesmas cousas que se nos propõem como artigos de fé, referindo as suas palavras textuaes: se a revelação foi feita por escripto, apresentar os originaes, reproduzil-os com caracteres indeleveis, intelligiveis para todos e acompanhados com o sello da divindade, d'onde se houveram.» (Ibid.)

Não nos espantaremos de ouvir a Maç.·. dizer-nos no seu ritual:

«O deismo *é a religião da razão,* a dos *grandes espiritos de todos os tempos e lugares:* o que professarão *todos os povos da terra, quando não formarem senão uma nação e uma familia. E' a religião do futuro, destinada a substituir os cultos tão numerosos, que desfiguram a divindade em todos os pontos do* globo.» (Grau d'aprendiz, 45).

Assim, segundo os FF.·.-Maç.·. *a revelação é inutil.* Antes de provar a divindade da religião christã *seria mister pro-*

var primeiro a existencia de Deus. O Deus revelador não existe. Elle é impossivel. O ensino da religião tem por objecto as *fabulas inventadas pelas necessidades d'outras épocas. A fé é a antithese da sciencia. O livre exame oppõe-se a que nenhum dogma suspenda o vôo do pensamento. Os cultos desfiguram a Divindade.* São *phantasmagorias idolatras.* O que a religião christã tem de bom foi *pilhado aos pagãos.* O que ella tem de privativo *é falso.*

Só ha uma *religião,* a da *razão,* a da *natureza etc., etc.:* eis a linguagem e pensamento da M.·. A revelação, a fé, o sobrenaturalismo, o Evangelho, a doutrina da igreja, tudo é reduzido ao nada. Eis aqui, para me servir da sua expressão, a primeira camartellada que a Fr.·.-Maç.·. dá para principiar a sua obra de destruição. O cume e coroamento do edificio são os primeiros, que deviam cahir com estes golpes: ella executa a sua obra.

Será necessario chamar sobre este facto a attenção de todos os membros da Fr.·.-Maç.·. que julgassem possivel concilial-a com o christianismo? Se os homens ainda concebessem illusões, satisfar-me-hia citando-lhe estas palavras, proferidas por um Fr.·.-Maç.·.:

«Um homem que acredita no *Symbolo dos Apostolos,* como poderá *edificar-se* n'uma loja onde ouve dizer que é *livre* e não é obrigado a crença alguma: que é igual a todos os homens, que, sem distincção de religião e culto, não tem outras relações com Deus senão as *primitivas. Quem respeita sinceramente a sua loja* não *póde ser fiel adherente ao catholicismo.*» (Escripto nos funeraes do I.·. Fontana, 1863, na Belgica).

Meditem elles estas palavras ainda mais claras do I.·. Salomão «*Uma Maç.·. christã seria uma flagrante contradicção, um circulo quadrado, um esquadro redondo.*» (*V. M. Eckert, da Fr.·.-Maç.·., t.* I, *p. 215*).

Deveria agora occupar-me do modo como a Fr.·.-M.·. trata o divino Salvador do mundo, e os sacramentos por elle instituidos. Este assumpto fica reservado para outra carta.

CARTA NONA

A Fr.·.-Maç.·. blasphema de Jesus Christo, da sua doutrina e sacramentos

Senhor.

Negando a *revelação* e a ordem sobrenatural, não podia a Maç.·. deixar de negar a divindade de Jesus Christo e a sua missão.

E' a Jesus Christo principalmente que o demonio faz a guerra, e se a Maç.·. é a obra do inferno, como não se póde duvidar, devia ella dirigir seus golpes principaes contra Deus feito homem, representante natural de toda a authoridade e santidade.

Entre os seus graus ha pois alguns, e em particular o de *Rosa Cruz,* que parecem ter por especial objecto insultar e blasphemar o divino Salvador do mundo. Trataremos d'isto quando fallarmos das *iniciações*.

A Fr.·.-Maç.·. costuma envolver o seu pensamento em expressões vagas e ambiguas, proprias para fazer-lhe attingir o seu fim junto dos que tem idéas mais adiantadas, sem no entretanto compromettel-a para com os profanos e aquelles de seus membros, que não estivessem em circumstancias de supportar toda a verdade. Ella não julgou necessario guardar

estas attenções e reservas na exposição da sua doutrina sobre Jesus Christo.

Aqui a blasphemia mostra-se á luz com toda a insolencia, absurdo e grosseria. Pelo delirio e extravagancia se traduz o odio ao divino Salvador do mundo.

O que vou dizer é extrahido *da historia geral* da Fr.·.-Maç.·. pelo I.·. Rebold, do *curso philosophico,* das iniciações do I.·. Ragon e ritual maçonico. Compendiarei a exposição repellente d'esses delirios sacrilegos que só pela necessidade do assumpto, que me occupa, me vejo forçado a reproduzir. Jesus Christo, a sua doutrina, os sacramentos, os seus discipulos e milagres, o calvario, a cruz, o christianismo e seus dogmas, a fé, a esperança, a caridade, a adoravel Trindade: tudo é entregue ás interpretações mais extravagantes e arremessado á lama.

«Educado pelos *essenios,* diz o I.·. Rebold, *Jesus Christo appareceu na scena do mundo* e prégou a sua doutrina: depois da sua morte, *seus discipulos e partidarios privados do chefe por um incidente,* sem duvida veridico, occasionaram pelas suas narrações um rumor *gradualmente organisado em historia,* e em breve todas as circumstancias das *tradições mythologicas* vieram collocar-se ahi, resultando um systema *authentico e completo* de que não foi permittido duvidar.

«Os discipulos de Jesus Christo *rodearam o seu nascimento, vida e morte de milagres, que nunca existiram e os desfiguraram sob* apparencias *solares.* A doutrina do Christo que formulou e resumiu todas as verdades adquiridas na sua época, é a mesma dos israelitas e *gymnosophistas* da India. A religião christã sahiu dos *mysterios da iniciação:* e a *creação,* os *deuses,* os *anjos,* os *successos, dogmas* e *ceremonias* taes como nol-as mencionam os livros santos, são apenas *reminiscencias mais ou menos felizes dos deuses, dogmas e ceremonias dos antigos brahmas, magos e egypcios.*» (Hist. geral da Fr.·.-Maç.·., p. 300 e 304). Mas o que não é menos curioso e provocaria o riso é o que se vai seguir, se a blasphemia podesse excitar a hilaridade.

«A *cruz*, em que expira o Salvador do mundo é a grande cruz que fórma no céo o *meridiano*, que no momento da passagem do sol nos signos inferiores, corta o equador em angulos rectos. Ao lado d'esta intersecção acha-se o *homem das constellações*. O homem diz-se em grego *andros:* d'este vocabulo se fez André, que, sendo canonisado, produziu Santo André. Em vez de *deixarem o homem ao lado da cruz*, pozeram-no por cima d'ella, d'onde se originou o *Calvario*.»

No ritual do antigo Rosa Cruz, um quadro representa tres cruzes: a do meio tem uma rosa mystica no centro d'uma corôa d'espinhos.

«A cruz do meio, diz o I.·. Ragon, é recta e symbolisa o *presente*. As outras duas são *inclinadas:* a que pende para a esquerda representa o tempo do anno decorrido: a *primavera e o estio, reinado do bem*. A que declina para a *direita* indica a aproximação dos lugares inferiores, o *outono e inverno, reinado do mal, Malum,* fruto do outono.» (*Rit. do gr. Rosa Cruz,* p. 31).

«Ao oriente eleva-se o *Calvario*. Este nome indica a velhice do anno, a decadencia do sol, a época da esterilidade, a tristeza da natureza. Os *dous ladrões,* que acompanhavam a Jesus, são aqui as duas estações que tocam no equinoxio. Todos os personagens que a narração da Paixão colloca n'esta scena de dôres são outras tantas *constellações*.» (Curso phil. das iniciações, p. 289, Ragon).

«*Quatro letras* compõem a palavra sagrada do grau de Rosa Cruz: exprimem-se geralmente pela inscripção apposta no alto da cruz: *Jesus Nazarenus, Rex Judæorum:* mas nem sempre se adoptaram por este emblema.

«A sua reunião fazia um sentido mysterioso muito tempo antes do christianismo, e os sabios da antiguidade ligavam-lhe um dos maiores segredos da natureza, o da regeneração universal: a sua interpretação era a seguinte: *Igne Natura renovatur integra,* ou *Ignem Natura regenerando integrat:* ou tambem, *Igne Nitrum Roris Invenitur*.»

Estas interpretações sacrilegas eram ainda em demasia

innocentes para a Maç.·. Ouvi o que é Jesus Christo para o cavalleiro *Rosa Cruz:* «A inscripção collocada no alto da cruz do Salvador não significa para a Fr.·.-Maç.·.: *Jesus Nazarenus, Rex Judœorum,* mas sim *Jesus, judeu de Nazareth foi conduzido pelo judeu Raphael para a Judeia, para ahi ser justamente punido pelos seus crimes.* E' a interpretação que dá ao Ven.·. o Fr.·.-Maç.·., que solicíta o grau de Rosa Cruz.

«A cruz é o symbolo da juncção crucial que fórma a ecliptica com o equador.

«A cruz que se tornou objecto d'adoração, para os iniciados não era mais de que a imagem dos equinoxios. É pois esta figura celeste, conforme designa a primavera ou o outono, um symbolo de vida ou de morte, destruição ou reparação.

«O christianismo é a conversão da crença secreta dos antigos em culto publico.

«O culto da natureza é o alvo da Maç.·. e do christão: póde pois haver nas suas praticas respectivas apparencias de parentesco... mas o culto christão em algumas cousas se tem desnaturado, ao passo que a Maç.·. se conserva intacta e legitima... *Tres columnas* se elevam no recinto da loja: collocaram-se ahi os nomes das tres virtudes, que formam a base do christianismo: a *Fé,* a *Esperança, a Caridade.* Será ousadia dizer que estas columnas dispostas nos templos da natureza significavam outr'ora os principios que regem o universo, indicados pelos antigos com os nomes de *agente, paciente e producto: creação, destruição e regeneração:* e que todos os cultos são caracterisados pelas suas numerosas *Trindades?* Na India é *Brahma, Wishnou, Iswara:* no Egypto *Isis, Osiris e Orus:* para os christãos *Padre, Filho e Espirito Santo:* para os philosophos hermeticos finalmente, o *sal, o enxofre e o mercurio.*» (Curso phil. I.·. Ragon).

As duas principaes festas da Maç.·. são as de S. João Evangelista e S. João Baptista: mas quer-se saber o que é João na Maç.·.? E' *Janus,* o sol dos solsticios, e por isso as festas se fazem na época dos dous solsticios, no verão e no

inverno. «S. João, quanto ao irmão Rebold, é apenas o que os romanos chamavam *Janua inferi e Janua cœli,* a porta dos lugares inferiores e dos superiores, isto é, o ponto por onde o sol passa dos signos superiores para os inferiores e d'estes regressa aos primeiros.» (Ritual do Mestre, I.·. Rebold).

O nome de *João* é para os maçons o mesmo que *Janus,* que, na Roma pagã, presidia ao começo do anno e era um symbolo da natureza. O Veneravel, que admitte um *companheiro* ao grau de Mestre, dirige ao postulante as palavras seguintes: «Em todas as ceremonias, que se fazem na loja, vós reconhecereis constantemente o mesmo pensamento (a mesma allegoria solar). Por isso *a nossa associação collocou-se debaixo da invocação de São João,* isto é, de *Janus, o sol dos solsticios.* E' n'essas duas épocas do anno, que nós celebramos a festa do nosso patrono com um ceremonial astronomico: a mesa, em torno de que nos assentamos, tem a fórma de ferradura e representa figurativamente a ametade do zodiaco; nos trabalhos da mesa, fazemos sete saudes, porque são outros tantos os planetas.» (Clavel, Hist. pictor. da Fr.·.-Maç.·.)

Concluimos, que segundo a Maç.·., *a existencia de Jesus Christo é um mytho, o mysterio da Redempção uma fabula, os discipulos e os apostolos criminosos por mentira e impostura; quizeram firmar a divindade do seu mestre sobre milagres, que nunca existiram.* Por este modo se devermos acreditar a Fr.·.-Maç.·., *o nascimento, vida e morte de Jesus Christo estão desfigurados sob as apparencias solares, rodeadas de milagres suppostos: a sua doutrina é a dos hiérophantes do Egypto, dos gymnosophistas da India.* As principaes verdades da *religião christã são apenas reminiscencias mais ou menos felizes dos antigos deuses, dogmas, e ceremonias dos brahmas.*

As tres pessoas da Santissima Trindade *são collocadas em parallelo com Brahma, Wishnou e Iswara,* ou com *Isis, Osiris e Orus:* e tambem com *o sal, o enxofre e o mercurio. O Calvario* e a *Cruz,* a *fé,* a *esperança* e *caridade* são apenas symbolos.

As pessoas, que figuram na paixão do Filho de Deus, *são constellações,* etc.

O resto está em proporção. Os sacramentos, instituidos por Jesus Christo, não são mais poupados.

«O *baptismo christão,* que deriva do antigo uso das abluções, é um *reconhecimento publico* do menino, ao qual dá um *caracter* de *legitimidade.*

«A *Confirmação* foi estabelecida para confirmar o *estado baptismal* dos meninos e confortal-os na via christã. *Segundo reconhecimento publico.* Por esta ceremonia e pela do baptismo chegava-se a conhecer, sem despezas publicas, o *recenseamento da população.*

«*A Extrema-Unção* teve por fim *conhecer o numero das pessoas, que morrem* e certificar a *identidade* do fallecido, com receio de que *houvesse substituição para as heranças na ausencia dos herdeiros legitimos e assegurar seus direitos de successão.*»

«*A confissão é uma invenção dos padres da antiguidade,* que não olvidaram este meio de poderem governar.» (I.·. Ragon, *Curso phil.* p. 123).

E como se não fosse bastante para estes impios, o Ritual Maç.·. não teme ligar ás quatro letras inscriptas no alto da cruz, a justa punição de Jesus de Nazareth.

É necessario ter bem pouco respeito por si para escrever taes enormidades: é mister desprezar ainda mais os leitores. Pretender, depois d'isto, que a Maç.·. respeite a fé religiosa dos seus membros, é zombar d'elles e mentir com impudencia ao universo.

E' assim, que depois de ter negado e rejeitado a *revelação,* a Fr.·.-Maç.·. nega audazmente o *Deus revelador* e o Evangelho.

E' a segunda camartellada. Mas o *trabalho não está findo:* vamos examinar ainda mais ruinas. Depois de rejeitar a *religião revelada,* a Maç.·. repelle a *religião natural:* é o que vou provar na proxima carta.

CARTA DECIMA

A Fr.·.-Maç.·. abjura até a religião natural

Senhor.

Tendo ouvido a Maç.·. annunciar aos seus adeptos que o *deïsmo é a religião de todos os grandes espiritos, a religião do futuro, a que professarão um dia todos os homens*, V. se persuadiria, que abjurando a revelação, ella conservaria ao menos a *religião natural*. Desilluda-se d'isto: quando o sol da revelação se occultou para uma alma, a pobre razão acha-se em breve submersa nas trevas mais densas; cambaleia e vacilla a cada passo, caminha de negação em negação, cahe de precipicio em precipicio. «O deïsmo, disse Proudhon, *é um apoio necessario para quantos abandonam a religião de seus paes.*» E', porém, um apoio, que se dispensa em breve. E' um descanço no caminho que conduz ao scepticismo e incredulidade. A Fr.·.-Maç.·. incumbiu-se de confirmar este pensamento de um de seus discipulos, que apenas deduziu uma das consequencias dos principios estabelecidos pela seita. Escutemos seus oraculos:

«1.º Pensamos que devemos lembrar, diz um Fr.·.-Maç.·., que a Maç.·. professou sempre a *tolerancia mais completa* em todos os assumptos, e *principalmente* em materia religiosa.

Algumas praticas d'uma religião positiva, que um I.·. julga dever observar, não o privam de ser Fr.·.-Maç.·. se este observa e é fiel ao principio da *liberdade d'exame,* e repudia a doutrina absurda que *fóra da igreja não ha salvação.*» (Relatorio dos funeraes do I.·. Fontana, 1863. V. A. Neut.)

«2.° *Tolerando* todas as religiões como igualmente boas, a Fr.·.-Maç.·. *despreza-as e condemna-as* todas como igualmente falsas.»

«Todas as religiões *tem tido suas lutas,* porque todas tem tido a *pretenção de doutrinar a justiça,* a despeito da *tortura que lhe fazem soffrer.* E' por isso *que a justiça é independente d'esta ou d'aquella religião.*» (*Rit. do Protect. Maç.·.*, p. 501).

A *Alliança* de Genebra, secção da *Internacional,* explica-se com pouca differença n'estes termos:

«A tendencia geral, diz á sua vez a *Igualdade,* é a *destruição moral de toda a authoridade* e de todas as leis. *Os cultos desfazem-se, já não ha respeito nem pelos deuses, nem pelos reis,* ou *poderosos.*» (27 de maio de 1869. — *Genebra*).

«3.° A Maç.·. destróe e derriba o fundamento essencial de todas as religiões.» Eis o que escrevia a loja de Liège á dos Philadelphos de Londres em 1866.

«*Subtrahir a humanidade ao jugo dos padres;*

«*Substituir a fé pela sciencia;*

«*Crear as austeras satisfações da consciencia, pelo bem, que se haja feito, em lugar das pomposas esperanças de recompensas celestes;*

«*Desviar do espirito a vã preoccupação d'uma vida futura, e o fetichismo d'uma providencia prompta a soccorrer todas as miserias;*

«*Realisar a justiça em vez de promettel-a n'um mundo incognito.*

«Taes são as nossas tendencias.» (*Neut. 206*).

Não é possivel fallar mais claro.

«*Não queremos religião,* diz a Internacional, *porque as religiões suffocam a intelligencia.*»

4.º A Fr.·.-Maç.·. faz taboa razá nas intelligencias e nos corações: ella procura destruir todas as crenças. «Quando a Maç.·. concede o ingresso no seu templo a um judeu, mahometano, catholico ou protestante, é sob condição que se tornará um *homem novo: abjurará seus erros, deporá a superstição e os prejuizos, com que foi embalada a sua mocidade: sem isso, que vem elle fazer ás nossas assembléas maçonicas?* (Hist. popul. da Maç.·., p. 517).

«Devemos reunir todos os nossos esforços, observam os II.·. da loja denominada os *Philadelphos* de Londres, para fazer comprehender bem ás nossas lojas e ao mundo profano, que não é mister trazer o *sello d'uma seita, igreja ou philosophia, ou a silha mestra d'um governo* qualquer para trabalhar pela felicidade de todos. Quanto a nós, e n'isto consiste a nossa força, *um theïsta, positivista, atheu, materialista, espiritualista,* ou eclectico, podem ter sem embargo das suas *dissidencias phisolophicas* a mesma noção dos *numeros e da extensão e concorrer* com seus irmãos á grande obra de *libertação material e intellectual da humanidade.* (A. N. I., p. 407).

5.º A F.·.-Maç.·. substitue todas as religiões e crenças pelo seu principio fundamental da *liberdade absoluta de pensar:* ella é uma philosophia, religião, um Deus. «*Nada de dogmas, nada de jugo, nem tyrannos, nada de Messias*» dissenos o I.·. Potwin, já citado.

«A Maç.·., diz o I.·. Franz-Faider, *acha-se acima das religiões e das constituições, quaesquer que sejam as suas formulas. Seja a Maç.·. para nós a religião verdadeira e sublime* que nosso coração ambiciona: iniciemos nos seus mysterios todos quantos tem aspirações de instruir-se e saber, exclama o I.·. Lacomblé.» (*V. Neut.*, p. 142).

N'estas palavras está a chave do enigma, a profissão de fé da Maç.·., a definição mais exacta e veridica da sua religião. E' ella *superior ás religiões e ás constituições,* pela liberdade absoluta de pensar e julgar. E' a religião *verdadeira e sublime,* que se resume na liberdade: o que não obsta a que ella diga

que não é uma religião, e não queira mesmo a *religião natural,* porque a *lei maçonica não tem culto, nem mysterios, nem victima sacrificada.* Ella não tem com effeito outra lei além da liberdade e independencia de toda a lei: outro culto senão o da liberdade: outra moral senão a ausencia d'ella: outra religião finalmente, senão a negação de toda a religião. De mais, que é a *religião* senão o conjuncto dos deveres, que ligam o homem a Deus, seu creador, senhor e fim derradeiro? Que deveres poderiam ser esses se por um lado se supprime a *alma espiritual* e immortal, e pelo outro se não confessa a *existencia d'um Deus,* remunerador justo da virtude e recto vingador do crime? Mas estas duas verdades fundamentaes, bases essenciaes da moral, condições primitivas de todos os cultos, elementos necessarios de qualquer religião, não fazem parte do symbolo Maç.·. como acabamos de vêr. A M.·. não póde pois professar logicamente qualquer religião, mesmo a natural.

E' o que eu havia affirmado e que a Maç.·. se incumbiu de provar e explicar. Vamos agora esclarecer ainda mais este ponto, expondo a sua doutrina ácerca da immortalidade da alma. Será o assumpto da carta immediata.

CARTA DECIMA-PRIMEIRA

A Fr.·.-Maç.·. nem reconhece a espiritualidade nem a immortalidade da alma

Senhor.

O *livre pensamento* não affirma; nega: não estabelece; destróe: accumula ruinas sobre ruinas. Depois de haver negado a religião, o livre pensador concentrando-se em si, nega a *espiritualidade e immortalidade* da sua alma.

E' verdade, e eu o disse, que o artigo 1.º das constituições contém estas expressões: «A Fr.·.-Maç.·. tem por principio a *immortalidade da alma:*» mas V. não esqueceu as palavras immediatas. «*Ella considera a liberdade de consciencia como um direito proprio de cada individuo, e não exclúe pessoa alguma por motivo de suas crenças:*» e V. se recorda que estas palavras foram additadas precisamente como *correctivo* ao que as precedentes continham de absoluto para muitos II.·. Finalmente não deve ignorar-se que as palavras da Fr.·.-Maç.·. não devem tomar-se á letra: porque, segundo o I.·. Hayman «os primeiros MM.·. presentindo as difficuldades que poderiam nascer no futuro, adoptaram formulas geraes, cujo sentido é elastico. *Assim pela palavra immortalidade da alma, póde entender-se a perpetuidade do ser, senão*

individual, ao menos collectivo.» (Mundo Maç.·., t. IV, p. 457). E' sempre a mesma tactica. Na bocca da Fr.·.-Maç.·. *as palavras dizem tudo e não dizem nada,* como observa um dos seus escriptores.

Quer V. saber qual é o pensamento da seita a este respeito? Ouçamos o I.·. Ragon: «Consideramos como chimerica, diz elle, a existencia *dos puros espiritos: um puro espirito e o nada são para nós a mesma cousa, e não concebemos a materia sem o espirito, nem o espirito sem a materia.*»

A' pergunta, que é a alma? responde o mesmo I.·. «*perguntai-o á electricidade.*» (Globo, t. 2.º, p. 279. Veja-se a nota no fim d'esta carta).

«Que é a morte? interroga ainda o I.·. Ragon. A morte do homem, responde elle com gravidade, é a *privação da personalidade do individuo,* cujos elementos materiaes se decompõem, unem-se a elementos analogos e concorrem ás transformações infinitas da *materia sempre animada.*» (Curso phil., t. II, p. 627).

«E'-me impossivel, dizia o I.·. Bancel no funeral do I.·. Fontana, fallar á beira d'uma sepultura sem distinguir claramente a immortalidade que irrompe victoriosa.» Quereis saber como? Ouvi: *A idéa que o finado servia não morre com elle:* ella passa ao espirito dos que ficam, sem que perca cousa alguma. O corpo dissolve-se e volta aos diversos elementos da natureza, que o formaram.

«*A alma, scintilla inextinguivel, reanima com sua chamma eterna as almas suas herdeiras.* Lei consoladora! que proclama a *solidariedade e responsabilidade do genero* humano.» (V. A. Neut., t. I, p. 159).

Não é clara e satisfactoria esta explicação?

Em 1866 abalou-se a Maç.·. belga por causa de um debate solemne entre a loja *Constancia* de Lovaina e o Gr.·. Or.·. de Bruxellas a respeito da immortalidade da alma. Eis como o caso se passou:

Por occasião da ceremonia funebre celebrada no Gr.·. Or.·. belga em memoria do I.·. Leopoldo, rei dos belgas,

Cav.·. K.·. D.·. todos os II.·. MM.·. leram a maxima seguinte no alto da tribuna:

A alma emanada de Deus é immortal.

Os MM.·. de Lovaina escandalisaram-se com esta affirmação e protestaram nos termos seguintes:

«Considerando que o livre pensamento foi admittido pelas lojas belgas em 1864 como principio fundamental;

«Considerando que a adopção d'este principio exige a maxima tolerancia pelas opiniões dos MM.·.;

«Considerando que o Gr.·. Or.·. inscrevendo como divisa e maxima: *a alma emanada de Deus é immortal,* violou formalmente o respeito devido á convicção dos irmãos, que não admittem o espiritualismo;

«A loja *Constancia,* Oriente de Lovaina, protesta energicamente contra o ataque, feito pelo Gr.·. Or.·. aos principios do livre exame e tolerancia que são as bases da Maç.·. belga.» — Seguem-se as assignaturas.

A *Cadeia d'União* acompanha este documento com as reflexões seguintes:

«Quem poderia affirmar que *a alma emanada de Deus é immortal? Quem tem a prova?*

«Ha seculos que os concilios e os papas a *procuram e não a encontraram ainda.* Nunca a encontrarão *no céo,* porque a alma humana *cria-se a si propria e por si mesma na humanidade.*

«Irmãos de Lovaina, tivestes razão de protestar. Vossos antepassados vos auxiliaram a conquistar a liberdade de consciencia, esse beneficio inestimavel. Mostrai-vos sempre e em toda a parte seus dignos herdeiros, etc.» (V. A. Neut., t. I, p. 204).

No entretanto o Gr.·. Or.·. considerou este procedimento pouco respeitoso e censurou a loja de Lovaina. Mas replicou-se ao Gr.·. Or.·. e em vez de retractação a loja renovou e confirmou o seu protesto em nome do livre exame. «Quanto a nós,

dizem os II.·. da *Constancia, quem diz Fr.·.-Maç.·. quer dizer livre pensador.* Todas as doutrinas se podem *sustentar em loja* com tanto que não sejam oppostas á *ordem publica e aos bons costumes.* Admittimos na Maç.·. o *atheu,* o *espiritualista,* o *positivista e até o catholico,* se tanto se quizer. E na verdade, não é a Maç.·. a *tolerancia* universal?» (A. N., t. II, p. 414).

Não é porém a palavra que elles rejeitam. Ha alguns que não só nos concedem a immortalidade mas até a *eternidade.* Ouvi o I.·. Lacroix perorando nos funeraes do I.·. Verhaegen. «Sim, nós somos *eternos, immortaes,* não material, mas espiritualmente. Onde começamos nós, onde acabamos? *Em parte alguma.* Somos *immortaes por duplo titulo,* não *só pelo rasto que deixamos depois de nós* abrindo o vallado *que nos recebe, mas pela obra que completamos,* assim como por *nossos filhos, continuação de nós mesmos.* O segredo que procurava Prometheo, encontramol-o: *Arrebatamos o fogo ao céo, e o barro amassou-se por nossas mãos, e recebeu o sopro e transformação da vida. Somos omnipotentes: não attingimos, é verdade, os ultimos limites do horisonte infindo, que nos pertence: rasgamos vagarosamente o caminho do infinito...* A morte é apenas *a transformação da vida.*

«Significará isto que a nossa vida futura seja uma *bem-aventurança sem termo ou um supplicio infindo?... Repillo com todas as minhas forças essa theoria que tende á immobilidade e nos faz depender d'um senhor.*» (A. N., t. II, p. 201).

Perguntar-se-me-ha se o I.·. Lacroix falla serio. Se ha duvida eis aqui o que póde desenganar.

Ouvi o ritual do grau de *Mestre,* p. 33:

«*P.* — E' a crença na *immortalidade da alma* dogma *fundamental da Fr.·.-Maç.·.?*

«*R.* — Sem duvida: os antigos philosophos não concebendo que a alma, este quinto elemento, segundo os indios e os egypcios, podesse transformar-se, *declararam-na immortal.*

«*P.* — Conserva ella a sua *individualidade?*

«*R.* — Ignora-se, porque é privada d'orgãos, mas *espera-se.*

«*P.* — Que é a morte?

«*R.* — A privação da *personalidade* do individuo.

«*P.* — Que é feito do individuo depois da morte?

«*R.* — *De effeito,* que era, torna-se causa: quer dizer, que pela decomposição, os elementos que formavam o seu ser corporeo tornando-se livres, regressam aos elementos analogos para produzir novas transformações, porque só as fórmas morrem.

«Quanto ao ser intellectual conforme a opinião da antiguidade, a sua *alma, que é apenas uma parcella da alma universal, volta a essa immensa origem de vida.* »

Na recepção do cavalleiro Kadosch, o Gr.·.-M.·. lhe diz: «*A vida anterior* é a de nossos *antepassados,* dos que nos precederam sobre o globo. Assim, a vida de nossos *descendentes,* que se aproveitarem das nossas descobertas, nos representa a *nossa vida futura.* » (Rit. Cav. Kad., p. 89 e 90).

Não é isto bastante claro?

Não me farei cargo de combater esta doutrina tão absurda quanto desconsoladora, repellida pelos pagãos mesmos. Descer abaixo de Robespierre é descer de mais. Ora eis aqui as palavras, que este famoso revolucionario, digno de ser Fr.·.-Maç.·. pronunciava endereçando-se aos que negavam a immortalidade da alma na festa celebrada a 29 *prairial,* anno II, em *honra do Ente Supremo.*

«Desgraçado sophista, exclamou elle, com que direito vens tu arrancar á innocencia o sceptro da razão para collocal-o nas mãos do crime: lançar um véo funebre sobre a natureza, fazer desesperar o desgraçado, magoar o virtuoso, degradar a humanidade?... Que vantagem encontras tu em fazer persuadir ao homem que uma força cega preside aos seus destinos, e fere ao acaso o crime e a virtude, que a sua alma não é mais do que um sopro ligeiro que se extingue ás portas do tumulo? »

Terá a Fr.·.-Maç.·. feito sufficientes ruinas e pôr-se-ha a *dormir?* Ainda não: como se verá na carta seguinte.

NOTA V

Opinião d'um Fr.·.-Maç.·. sobre a espiritualidade e immortalidade da alma

Eis como se exprime um Fr.·.-Maç.·. sobre a espiritualidade e immortalidade da alma:

«Um grande philosopho, Voltaire, disse: *Como somos nós assás ousados para affirmarmos o que é a alma; como temos nós a louca vaidade de disputar se esta alma, de que não temos a menor idéa, é feita antes de nós ou comnosco, se é caduca ou immortal?* Exigiram de mim que eu transgredisse esta quasi prohibição: obedeço.

« A antiguidade sustenta por todos os escriptores que a alma é corporea. A alma soffre todas as modificações do corpo... esta substancia, esta parte do nosso ser experimenta a mesma revolução que o corpo.

« *Suppoz-se*, que sem embargo do corpo ser caduco, a alma não perece, e que esta porção do homem gozava do privilegio de ser immortal e isenta da dissolução e das mudanças de fórma que vêmos soffrer a todos os corpos que a natureza compõz. Esta immortalidade da alma parece principalmente indubitavel aos que a *suppunham espiritual*, e tal foi a opinião dos chaldeus, hebreus, e sobretudo dos ultimos.

« Não obstante o legislador dos hebreus ter dito no Genesis: « *Deus formou o homem e bafejou sobre o seu rosto um sopro de vida*,» nenhum outro dos livros, que se lhe attribue falla do dogma da immortalidade da alma: parece ao contrario, que foi durante o captiveiro de Babylonia que os judeus aprenderam esta theoria das penas e recompensas, ensinada já por Zoroastro aos persas, mas deixada ignorar aos judeus por Moysés.

« Se, livres de prejuizos, quizermos encarar a nossa alma ou o mobil que actua em nós, ficaremos convencidos que faz parte do nosso corpo, que não é senão corpo, considerado relativamente a algumas das faculdades e funcções de que a natureza o torna susceptivel.

« Se consideramos as causas do estabelecimento da doutrina da espiritualidade, veremos que ellas são só um effeito da politica muito interesseira dos padres.

« Imaginaram este meio para subtrahir uma porção do homem á dissolução, afim de sujeital-a ás recompensas e castigos da vida futura. Este dogma era-lhes muito util para intimidar e governar os ignorantes.» (Citado por Gyr).

CARTA DUODECIMA

A Fr.·.-Maç.·. nega a existencia de Deus, ou o que equivale ao mesmo, destróe-lhe a verdadeira idéa e a sua natureza intima

Senhor.

Os *atheus,* dizia Cuvier, a 15 *Messidor,* anno VIII, em plena academia, *são loucos ou velhacos.*

A palavra *que nega a Deus, queima os labios por onde passa, e a bocca, que se abre para blasphemar é um respiradouro do inferno,* disse Vauvenargues. (Meditações sobre a fé).

Póde a Maç.·. ser accusada d'ensinar o atheismo? Convenho que a formula, que tem sempre na bocca, se tornou tão celebre, que ella se mostra tão reverente a respeito de quem ella chama o *Gr.·. Architecto do universo,* e que sob esta rubrica menciona no alto de todas as suas pranchas, que eu serei havido por calumniador suspeitando das suas convicções com relação á existencia de Deus. Mas ainda a este respeito, peço-lhe que lêa os documentos e não me condemne antes d'esse exame. Note V. que na bocca da Maç.·. a formula empregada não é a expressão d'uma crença.

1.º « Se no ritual apparece a idéa de Deus com o nome de *Gr.·. Arch.·. do Universo* é porque *são as tradições da Ordem:* mas nunca o Gr.·. Or.·. *impoz ou proclamou um dogma a este respeito.*» (Gr.·. Or.·. da Belgica).

2.º Esta formula é singularmente elastica. «Nossos antecessores tinham a presciencia das discussões que surgiriam entre nós: adoptaram duas formulas, com que podem conformar-se todos os homens de boa vontade: *Deus, o grande architecto do universo, denominação generica,* que desde Platão, *toda a gente póde aceitar pelo Deus que reverenceia, até quem não acredita em Deus.*» (*Mundo Maç.·.*, t. IV, p. 657).

3.º Esta palavra, no entretanto, incommoda-os, elles convem n'isso. Eis como se exprime uma revista Maç.·.:

«A idéa de Deus é a que mais nos divide. Ao passo que uns admittem o Deus *pessoal* do catecismo, outros representam todas as variedades do *pantheismo,* ligando-se, segundo as tendencias ou affinidades do seu espirito, ás *theorias hermeticas, á theologia indiana, á philosophia de Espinosa, ou aos mysterios anodinos e vaporosos de Renan.*» (Mundo Maç.·., 1864, p. 385). «Ha, diz a mesma revista, na Maç.·. uma incrivel confusão d'idéas sobre Deus e a immortalidade da alma.» (Ibid.)

Como resolver a difficuldade? Até estes ultimos annos a formula geralmente adoptada na Maç.·. conservava apparentemente a crença em Deus: mas o grande principio da liberdade absoluta das opiniões produziu os seus fructos.

Entre os 161 projectos, que foram dirigidos ao Gr.·. Or.·. de França em 1865, para a organisação da Constituição Maç.·. sessenta repelliam a *affirmação de Deus e da immortalidade da alma,* e não se pôde manter a antiga formula, á gloria do *Gr.·. Arch.·. do Universo* senão por meio d'um artigo supplementar, tirando-lhe o seu caracter primitivo, e subordinando este principio, admittido até então, ao livre pensamento de cada um. (Mundo maç.·. 1865).

Conservou-se a formula a fim de tranquillisar as *mulheres* dos Maç.·., que se aterrariam, como diz o snr. Garison, de verem seus maridos professar o atheismo; e tambem porque, segundo o snr. Ducarre, a Maç.·. póde agrupar sob a sua bandeira as 2.800 maneiras de comprehender a Deus. Mas fizeram-lhe seguir estes correctivos. «Ella considera a

liberdade de consciencia como um direito proprio a cada homem, e não exclue pessoa alguma por motivo das suas crenças.»

Isto é logico: rejeitar o nome de Deus ou conserval-o, destruindo-lhe a natureza, é tudo o mesmo.

É realmente curioso como o ritual da Ordem se livra d'embaraços e acha o modo de contentar o sincero adepto que é recebido como aprendiz. «A *unica divisão, dizem-lhe, que existe entre os homens de boa fé,* está na questão de saber se a causa de toda a existencia é *espiritual ou material,* quer dizer, isolada, independente da *materia* ou *inherente* á materia, ou fazendo parte integrante d'ella: mas *um materialista não é um atheu.* Veremos mais adiante que *nada existe, que seja absolutamente immaterial.*» (Gr. de aprendiz, p. 45).

4.º D'aqui á negação positiva e directa da *existencia de Deus* vai só um passo. A Fr.·.-Maç.·. em corpo ainda não deu esse passo: ella é assás prudente para comprometter-se a este ponto, e é o caso de repetir aqui o que um Fr.·.-Maç.·. nos revelou já ácerca da razão do seu segredo e do silencio: «*o mundo não poderia ainda supportar estas verdades.*» Mas os membros não estão obrigados á mesma reserva, e a Maç.·. como mãi indulgente não se considera obrigada a reprehendel-os.

«Eu repillo com todas as forças da minha consciencia, diz o I.·. Lacroix, e da minha razão, esta theoria que tende á *immobilidade* e nos tornaria dependentes do capricho d'um *senhor.* Digo que nós só *respondemos pelos nossos actos para comnosco mesmos:* que *cada um de nós é para si um padre e um Deus.*» (Ib. N. II, 202. Discurso proferido nos funeraes do I.·. Verhaeghen, em Bruxellas).

«Direi que o *nome de Deus é uma palavra ôca de sentido.* Não é fóra da *natureza que se deve procurar a divindade: digamos que a natureza é Deus.*» (Loja de Liège, 1865. A. N. II, p. 287).

«Segundo o I.·. Destrivaux, a intelligencia suprema está

espalhada no universo; reside em uma planta como em um astro, sempre dividida e sempre inteira, existindo sob todas as fórmas e não tendo alguma, tantas vezes definida e sempre indefinivel.» (A. N. I, p. 104). Isto parece-se bastante com o pantheismo.

Em uma leitura sobre o elemento religioso da Fr.·.-Maç.·. (28 de junho de 1866) na reunião dos FFr.·.-Maç.·. allemães e americanos, o I.·. Ch. de Gagern fez as declarações seguintes:

«Estou firmemente convencido que virá tempo e deve vir em que *o atheismo será a opinião geral da humanidade inteira,* e em que a ultima considerará o *deismo* como uma *phase passada,* sendo desde já os *deistas* muito superiores a todas as *divisões religiosas.* É mister collocar-nos não só acima de *todas as religiões,* mas além d'isto acima de *toda a crença em um Deus qualquer.*» (Citado por A. N. II, 223). Só os *imbecis, ignorantes e fracos de espirito,* diz o Pastor Zille, fallam e sonham ainda *em um Deus e na immortalidade da alma.*» (Ibid).

«É assim, conclue o Pastor Zille, que o *ultimo fundamento do homem intellectual vacilla: todo o edificio parece esboroar-se e um transtorno universal parece ameaçar-nos:* comtudo nós *caminhamos para um rejuvenescimento geral.* Os castellos fortes do despotismo espiritual cahem em ruinas, decompõem-se em cinzas, mas em breve se porá a mão na construcção de grandes edificios cheios de luz, onde habitarão a paz e a liberdade do mundo.» (Ibid.)

5.º «Quando a Maç.·. conserva ainda o nome de Deus sabeis quem é o que ella adora? Do conjuncto dos factos naturaes, deduz-se que o homem *adorou a natureza* e seguiu-lhe as leis. É ainda um *culto,* uma *religião,* porque a violação das regras que os impõem attrahe um castigo e a sua fiel observancia alcança toda a felicidade possivel para o homem.» (Santo Albin. 277).

Segundo o I.·. Chevreau. «*A natureza renova-se no seu proprio lar:* o trabalho da sua organisação *depende sem*

cessar do grande Scheva, alma e materia universal. Tal foi em todos os tempos a doutrina dos maçons: tal é, com pouca differença, a doutrina dos actuaes maçons.» (Explicação da cruz philosophica, p. 13).

«O *Deus dos Maç.·.*, diz Proudhon, *não é substancia, nem corpo, nem alma, nem creador, nem pai, nem verbo, nem paracleto, nem amor, nem redemptor ou Satanaz.* Os Maç.·. não tem altares, simulacros, sacrificios, orações, sacramentos, graça, mysterios, sacerdocio, profissão de fé, ou culto.» (Da justiça na revolução e a igreja).

Seria difficil reunir em tão poucas palavras tantas negações, erros e blasphemias. O symbolo não podia ser mais curto; equivale a zero em todo o sentido e em todas as linhas.

«Era natural aos homens, diz tambem um Maç.·., parar onde os effeitos pareciam terminar, e o *ser* tomar um caracter diverso d'aquelle que tem todos os que lhe são subordinados. *Este ser era* a natureza.»

«Tudo nos prova pois que *não é fóra da natureza, que devemos procurar a divindade. Quando quizermos d'ella formar idéa, diremos a natureza é Deus; ella comprehende tudo quanto podemos conhecer.*» (Santo Albin. 268).

Ser-me-hia facil multiplicar as citações; mas sahiria do plano, que me impuz, sem acrescentar á evidencia da verdade. Concluamos:

A Maç.·. diz-nos: 1.º que nunca fez *um dogma da existencia de Deus, e nunca o impoz aos seus membros* como doutrina: 2.º que o *Grande Architecto do Universo,* como ella o entende, póde ser aceite por todos, *mesmo por quem não crê em Deus:* 3.º *é o Deus dos pantheistas,* dos discipulos *d'Hermes e dos Indous.* É o Deus de *Spinosa* e de *Renan;* não ha senão a escolher entre os 2,800 *modos de comprehender a Deus,* de que falla Ducarre, e que provavelmente elle teria difficuldade d'enumerar: póde-se mesmo subordinar esta verdade ao *livre pensamento de cada um,* segundo o artigo supplementar e explicativo da constituição. Este

Deus será *espiritual ou material,* como se queira, e no entretanto vêr-se-ha que *nada existe que seja absolutamente immaterial:* isto é, Deus é materia... 4.° *o atheismo positivo,* com toda a sua crueza, ganha raizes e estende-se pelas fileiras maçonicas. Muitos dos seus membros já não receiam chamar-se atheus e jactar-se d'isso: e os que conservam a idéa de Deus vão procural-a á *natureza* ou ao fogo. (Nota no fim da carta, que tem grande interesse por causa do que acaba de passar-se sobre a entrada do snr. Littré para a academia e a nobre conducta do senhor bispo d'Orleans).

Que o insensato, cego pelas suas paixões, diga *no seu coração,* como expõem os livros sagrados, *não ha Deus:* é um crime espantoso: mas que uma instituição inteira, e sociedade tão numerosa faça profissão d'um atheismo, que por ser disfarçado em alguns dos seus membros, não é menos real: que essa sociedade se chame a *luz* e se gabe de conferil-a a seus membros: que considere como envoltos nas *trevas* e appellide de *profanos* os que não professam suas doutrinas: que se attribua a missão d'esclarecer o universo e se esforce d'iniciar todos os homens nos seus iniquos mysterios, é cousa tão horrivel, projecto tão monstruoso, que me faltam palavras para exprimir o que sinto, e o meu espirito recusar-se-hia a acredital-o se fossem menos evidentes as provas. A malicia do homem entregue a si não iria tão longe: é indispensavel para explicar e comprehender isto recorrer ao espirito das trevas: é do poço do abysmo que sahem estas exhalações fetidas que occultam a tantos infelizes a luz tão brilhante do sol da divindade, e transformam o dia mais bello em noite sombria e tenebrosa. É o ultimo esforço da furia de Satanaz, querendo fazer de todos os homens um povo d'atheus insurgidos contra Deus e dizendo-lhe com audacia:

Não te reconhecemos, não te amamos: tu não existes: ou antes com Proudhon, que interrogado na loja de Besançon a *respeito do que o homem deve a Deus,* respondeu = *guerra a Deus.*

Quaes são, e devem ser as consequencias de semelhante doutrina para os individuos, familias, governos e sociedades? É facil de comprehendel-o. Quando a columna, que sustenta o edificio, se derriba, este alue-se e faz-se em ruinas: quando se faz desapparecer o astro beneficente, cujos raios illuminam, alegram e fecundam a terra, volta-se ao chaos, ás trevas da morte. Destruidas as raizes, disseca-se e morre a arvore toda. «Aquelle, disse Robespierre, que podesse *substituir a divindade no systema da vida social*, seria para mim um *prodigio de genio. Aquelle que, sem havel-o substituido, só cuida alienal-o do espirito dos homens, parece-me um prodigio de estupidez ou perversidade.*» (Discurso na festa do Ente Supremo. Anno 12. 29 prairial).

Depois d'esta ultima martellada póde a Fr.·.-Maç.·. lisongear-se de haver consummado a sua obra e completado a sua tarefa diabolica. Poderemos verificar ainda novas ruinas, mas não serão mais do que o resultado do choque profundo que abala o mundo pelo alicerce, atacando no seu throno de gloria o *Creador do céo e da terra*. O Nada disse ao Ser: *Tu não existes. Quem é nosso soberano?* Nós mesmos somos os nossos *senhores* e *nossos deuses*.

Basta sobre este triste assumpto.

NOTA VI

Carta de Napoleão I ao snr. de Champagny, contra o atheismo do I.·. Jeronymo Lalande [1]

«Schoenbrunn 22 frimario anno XIV (13 de dezembro de 1805).

«E' com sentimento de dôr que soube que um membro do Instituto, celebre pelos seus conhecimentos, mas cahido agora na infancia, não tem a prudencia de calar-se e forceja para que se falle a seu respeito, umas vezes por noticias indignas da sua antiga reputação e do corpo a que pertence, outras professando abertamente o atheismo, principio destruidor de toda a organisação social, que tira ao homem todas as consolações e esperanças.

«E' minha intenção que V. chame todos os presidentes e secretarios do Instituto, e que os incumba de fazer saber a esse corpo illustre, a que me honro de pertencer, que elle deve ordenar ao snr. de Lalande, intimando-o em nome do corpo, que não mande imprimir cousa alguma, e não destrua na sua idade provecta a estima que na da força alcançou dos homens sabios: e se estes meios amigaveis fossem inefficazes, vêr-me-hia constrangido a lembrar-me que o meu principal dever é impedir que se envenene a moral do meu povo, porque o atheismo é o destruidor da moral, quando não nos individuos, sem duvida nas nações.

«NAPOLEÃO.»

As ordens de Napoleão foram cumpridas sem demora, e o seguinte bilhete, datado de Munich, endereçado ao snr. de Champagny, faz conhecer o resultado dos passos dados para com o sabio atheu:

«Munich, 3 de janeiro de 1806.

«Vi com prazer a promessa que fez o snr. de Lalande e o que houve por tal occasião.

«NAPOLEÃO.»

O *Monitor Universal* de Paris, reproduzindo estes documentos, observa que na época em que Napoleão escreveu a sua carta para suspender o atheismo de Lalande, encetavam-se graves negociações.

«Era, diz o *Monitor*, o tratado de Presburgo, que se elaborava, quer dizer, o alargamento do reino d'Italia, e a erecção dos reinos de Baviera e Wurtemberg, o augmento do grão-ducado de Baden, e a formação da Confederação do Rheno, reconstrucção completa da Europa central.

«E' n'este momento que Napoleão sabe que acaba de apparecer em Paris um supplemento ao *Diccionario dos Atheus*, de Silvano Marchal, e que este supplemento dando a authoridade do escandalo a um livro desde muito tempo cahido no ridiculo,

[1] Lalande era já Veneravel da loja das Nove-Irmãs, quando Voltaire ahi cingiu o avental maçonico a 7 d'abril de 1778. Elle era depois o primeiro malhete quando falleceu em 1807. Este alto dignitario da loja foi o inventor do systema das decadas, e forcejava pela propagação do atheismo pelos seus escriptos e discursos.

tem por author um astronomo, membro do Instituto. Este facto, quasi desapercebido em Paris, toma para o imperador em Schoenbrunn, as proporções d'uma calamidade publica, d'onde resultou a carta escripta ao ministro do interior, carta de tão elevada importancia.»

Conta-se que Protagoras tendo tido a ousadia d'escrever no frontispicio de um dos seus livros que=*duvidava da existencia de Deus*, os athenienses o desterraram, queimando todos os seus escriptos na praça publica.

Em 1858 foi *Proudhon* condemnado a tres mezes de prisão por causa d'uma blasphemia contra a religião, e seus ultrajes á moral, e á sociedade: foi elle que proferiu esta palavra satanica: *Deus é o mal. Esse tal* (assim chama o desaforado blasphemo a Deus) *deve,* diz elle, *desapparecer: quero expulsal-o dos negocios do mundo. Nos Estados-Unidos* observa a este respeito Granier de Cassagnac, *não se levantaram escriptores contra os Mormões, mandaram-se soldados. Um individuo que ataca a sociedade não se submette ao Instituto, mas sim á guarda de policia.* Ah! nós somos muito mais tolerantes! Seremos por isso mais illustrados e razoaveis?

CARTA DECIMA TERCEIRA

A Fr.·.-Maç.·. destróe as bases essenciaes de toda a moral

Senhor.

Tendo mostrado a Fr.·.-Maç.·. derribando o edificio religioso da cupula até á base, e rejeitando uma após outra a *religião sobrenatural* e a *religião natural,* negando a immortalidade da alma, e esforçando-se por aniquilar até a idéa de Deus, cujo nome só admitte, destruindo-lhe a natureza, será mister dizer que n'esta ruina universal, fallece a *moral* como o *dogma,* e que a emancipação da intelligencia arrasta a da vontade?

Como se poderá estabelecer um systema de *moral* e impôl-o ao homem, quando se hajam feito desapparecer as duas verdades, que são o seu fundamento necessario: a *existencia de Deus e a immortalidade da alma?*

Se não ha *legislador,* como haverá *lei?* que força poderia ter uma lei cuja execução não é garantida por *sancção* alguma?

Evidentemente um systema *de moral* em taes condições seria um edificio no ar. Seria um sonho da imaginação, que o capricho destróe, como o capricho o phantasiou. É o que dizia o I.·. Marchal, oppondo-se no congresso Maç.·. de 1865 ás pretenções dos que opinaram pela suppressão da fórmula pela qual se pensava reconhecer a *existencia de*

Deus. «Sei que os nossos contradictores fallam muito da moralidade, de que procuram fazer a base das suas doutrinas: mas evidentemente para elles e no seu systema a *moralidade é só uma palavra que elles fazem correr e tornar a correr ante os olhos,* como essas quinquilharias, de que se servem certos industriaes. Por fim de contas, *ella acaba por ser empalmada.*» (Extracto de diversos jornaes Maç.·. Neut. I. p. 192).

Comprehende V. uma moral que assenta só no interesse pessoal do individuo? A moral maçonica é assim. «O nosso espirito deve investigar em *considerações puramente humanas fóra das especulações religiosas, o fundamento da moral, a base dos direitos e dos deveres.*» (Rit. Maç.·. Allocução do Ven.·. ás mães).

Que sancção póde garantir o cumprimento dos deveres, quando nada ha que esperar ou recear além do tumulo? «Os nossos pezares á morte de nossos amigos, diz o Fr.·.-Maç.·. Destriveaux, não são perturbados por vãos terrores, e nossas *esperanças* não assentam sobre as idéas d'uma *credulidade vulgar.* Não temos a insolente pretenção de *eliminar o mal por uma palavra magica;* purificações emblematicas nos advertem que o *fogo* CREADOR *é o unico* PURIFICADOR na natureza. Desembaraçada do nosso *envoltorio material, a intelligencia vai reunir-se á suprema intelligencia derramada em todo o universo, intelligencia que reside em toda a parte, n'uma planta como em uma arvore.*» (I.·. Destriveaux, professor da Universidade de Liège).

Que força póde ter uma lei, de que qualquer é interprete e sentinella? Se o homem tem direito de fabricar a moral, póde compôl-a como julgar. É isto que pretende a Fr.·.-Maç.·. «*A moral é puramente humana;* honra aos promotores da *moral independente.*» (I.·. Lenoir, Mundo Maç.·., 1867, p. 598).

«Atrevo-me a affirmar que a Maç.·. procura o mesmo fim que a *moral independente.*» (E. Houchet, ib. 569). Devia ser assim. «Supprimido Deus, dizia o I.·. Marchal, acima ci-

tado, não julgueis que se póde parar em caminho tão commodo. Um dia a argumentação negativa *combaterá a idéa de virtude,* como fez *á idéa de Deus* e então exclamarei: *Já que a idéa de virtude é quem nos divide hoje, e a tolerancia é especialmente o que distingue os Maç.·. dos outros homens, supprimamos a virtude e por tanto toda a moral.* »

Eu não disse porém tudo, affirmando que a Maç.·. destróe e aniquila a moral: devo acrescentar que ella prégа a *immoralidade,* a que é impellida fatalmente pelos seus proprios principios. Com effeito, toda a doutrina que nega a *justiça de Deus* e até a *sua existencia, a immortalidade da alma, as penas e recompensas da vida futura,* abre necessariamente a porta a *todas as desordens e crimes.* Derriba a unica barreira bastante poderosa para suspender o excesso das paixões: abafa no seu germen a emulação para o bem, e torna impraticavel a virtude, ou antes aniquila-lhe a idéa. Não ha mais *deveres* nem *justiça,* nem *bem* nem *mal moral:* é no que se acham accordes todos os philosophos, que tem escripto sobre o assumpto. Póde por ventura imaginar-se doutrina mais *funesta* á humanidade? não será reduzil-a com pouca differença á condição dos animaes?

Nem se pense que a Maç.·. recue ante esta consequencia. «Quando o homem, diz um Fr.·.-Maç.·., considera que é elle a unica creatura *dotada de intelligencia,* duvída por ventura que esta *intelligencia lhe foi concedida para entregar-se todo aos prazeres que lhe são communs com o animal?* (Não se esperava talvez esta conclusão). *Deixe o homem de procurar fóra do mundo, que habita, entes que lhe proporcionem a felicidade que na terra a natureza lhe recusa! Ame-se o homem a si proprio e procure a sua conservação.* » (Correio do Escalda, junho de 1865).

«Se quizesse mostrar aqui como a Fr.·.-Maç.·. une a pratica á theoria, não me faltariam provas. Trataria da Maç.·. d'adopção, e vêr-se-hiam as irmãs Maç.·. acompanhadas nas suas reuniões, pelos II.·. Maç.·., sem duvida para gloria e proveito da moralidade.» (Santo Albin. p. 307).

Bastar-me-hia para completar a demonstração, recordar os principios consignados no livro sagrado da Ordem: «Conforme á Fr.·.-Maç.·. *o menino veio ao mundo innocente; não tem pois pena que expie,* d'onde resulta que o peccado original é uma fabula e o baptismo uma farça.» (Rit. d'adopção, p. 13). O que não obsta a que ella tambem tenha um baptismo.

Mas eis aqui cousa mais vigorosa: ouça-se a lição que se faz ao *aprendiz,* primeiro grau Maç.·. «A *natureza ensina-nos que todas as paixões são necessarias ao homem:* que não ha uma só que não possa concorrer ao bem social: que *nada é mais deslocado do que declamar contra as paixões:* que *a violencia das paixões as desculpa* e que dizer a *um homem colerico* que *não se enfureça* é o mesmo que dizer ao *enfermo que não tenha febre.*» (Rit. do gr. d'aprendiz, p. 37 e 38).

Esta moral dá largas ás consciencias timoratas. Resta saber se a virtude ganha com estas theorias impudentes.

Creio ter provado, que se a Fr.·.-Maç.·. em virtude da *liberdade* d'exame, que proclama, e da *independencia individual,* que consagra, destruiu um após outro os dogmas mais essenciaes da religião, não respeitou mais a moral. N'este naufragio universal a verdade e a virtude desappareceram igualmente, e sobre estas ruinas amontoadas só permanece intacto o martello demolidor, prestes a fazer ainda outras ruinas.

Independencia absoluta da intelligencia e da vontade: nada de *Senhor,* eis a sua ultima palavra.

Conhecemos agora as suas doutrinas religiosas: não as tem. Vimos negar desapiedadamente tudo o que a humanidade tinha admittido e respeitado até hoje. Vamos estudar agora as suas *doutrinas sociaes,* e ainda aqui contemplaremos com terror o trabalho de demolição que prosegue a Maç.·.

Sinto porém a necessidade de constatar previamente um facto importante. E' verdade que a Maç.·. se occupa de *politica?* Em que sentido e com que medida? E' o que direi na proxima carta.

CARTA DECIMA QUARTA

Diga o que disser, a Maç.·. é essencialmente politica no seu fim e acção

Senhor.

Occupa-se de politica a Fr.·.-Maç.·.? É a questão que proponho e procuro resolver. A dar-lhe credito, é a Fr.·.-Maç.·. completamente innocente a tal respeito. Ella não se occupa do que se refere aos governos. Nada mais solemne e absoluto do que a sua profissão de fé em tal assumpto.

Ouvi. «Na esphera em que ella se colloca, respeita as opiniões politicas de cada um de seus membros, véda formalmente toda a discussão em materia politica, que tenha por objecto a critica dos actos da authoridade civil e das diversas fórmas do governo.» (Consta. art. 2).

«Lembra a cada um dos seus adeptos que um dos seus primeiros deveres, como maçons e cidadãos, é respeitar as leis dos paizes, que habitam.» (Ibid.)

«A Maç.·., na sua sabedoria, dizia o I.·. Luciano Murat em 1855, excluiu todas as discussões politicas.»

«Todos se compromettem a não fallar nem tratar assumptos politicos nas lojas e nas commissões.» (Estat. da L.·. nacional Suissa).

«Em caso nenhum podem as lojas occupar-se de questões politicas.» (Art. 135 dos regul. dos Gr.·. Or.·. da Belgica).

«As constituições Maç.·. de todos os paizes vedam aos II.·. de occuparem-se no seio das LL.·. de questões politicas: quer dizer que os MM.·. não devem discutir os actos politicos e administrativos dos governos, sob que existem: prohibição, que não poderia censurar-se, por que tem por fim collocar as lojas em estado d'evitar qualquer conflicto com os poderes profanos, que os toleram ou authorisam, ou qualquer sizania entre os proprios irmãos a quem a tolerancia Maç.·. obriga a respeitar as opiniões de cada um em assumpto de religião e de politica, e sabe-se até que ponto as discussões d'esta natureza podem irritar os espiritos.» (Hist. das 3 gr. lojas, p. 147; I.·. Rebold).

Como se poderiam imaginar duvidas depois de affirmações tão positivas? A prohibição é formal, e consignada nas *constituições: é geral e em todos os paizes motivada por excellentes razões,* é completa e applica-se a *todas as questões politicas.* Não ha aqui motivo para tranquillisar as consciencias mais timidas? Mas deve observar-se que a Maç.·. tem duas caras, uma *visivel,* outra *invisivel,* que ella diz *sim* e *não,* sem quasi se contradizer. Ha loja e loja, como ha *politica* e *politica.*

Ouço em primeiro lugar o I.·. Rebold, citado ha pouco, fazendo uma restricção ao principio estabelecido. «Mas, diz elle, quando se trata da *liberdade,* da *vida intellectual* d'um povo inteiro, cujos *direitos são calcados aos pés pelo poder, então o dever do Maç.·. está demarcado: a sua consciencia de cidadão e a pratica dos principios Maç.·. devem prevalecer sobre as restricções regulamentares.*»

Note-se devidamente a restricção entre os PRINCIPIOS DA MAÇ.·. E AS RESTRICÇÕES REGULAMENTARES. Assim o dominio da politica está sempre franco á Maç.·. *segundo os seus principios:* e se a prudencia obriga alguma vez á reserva, *estas restricções* não são applicaveis nas questões *mais importantes da politica.*

E' com pouca differença o que o I.·. Bertrand dizia em 1848, quando na qualidade de representante do Gr.·. Or.·. de França felicitava o governo provisorio: « Posto que esteja collocada pelos seus regulamentos fóra das discussões e *lutas politicas*, a Maç.·. franceza não pôde conter *o impulso de sympathia pelo grande movimento nacional e social*, que acaba de operar-se. Em todos os tempos os FF.·.-Maç.·. inscreveram no seu pendão: *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*. Encontrando-as agora no estandarte da França, saudam o *triumpho dos seus principios*, e se felicitam dizendo que a *patria toda recebeu a consagração Maç.·.* »

O I.·. Crémieux, respondendo em nome do governo provisorio, confirma a mesma doutrina. « E' verdade, disse elle, que a Maç.·. não tem *a politica* por objecto, mas *a alta politica, a politica humanitaria sempre achou accesso no seio das lojas Maç.·. A Republica* está na Maç.·. e é por isso que em todos os tempos a Maç.·. encontrou adherentes no globo. A *Republica fará o que faz a Maç.·.* Tornar-se-ha o signal brilhante da união dos povos em todos os pontos do globo, em todos os lados do nosso triangulo. »

«Nas reuniões Maç.·. *ordinarias*, diz o I.·. Ragon, não se falla, é exacto, em *religião* nem *politica:* mas é tal a admiravel organisação d'esta instituição protectora das altas sciencias, que os seus *graus religiosos fallam á intelligencia, da unidade, como as fórmas e administração d'esta Ordem fallam ao espirito politico de todos os II.·.* As reflexões que ellas lhes suggerem são relatadas ao mundo como um *typo seguro e sagrado*, por meio do qual procuram *melhorar ou destruir o que na ordem religiosa ou politica* é inferior comparado com o que offerece a Ord.·. Maç.·. » (Curso phil. p. 377).

«*Pelo facto das bases constitutivas da sua existencia*, diz pela sua parte L. Blanc, a *Fr.·.-Maç.·. tendia a diffamar as instituições e idéas do mundo exterior*, em que estava envolvida. E' verdade que *as instituições Maç.·. determinavam a submissão ás leis, respeito aos soberanos*. E' exacto que reunidos em torno da mesa os Maç.·. bebiam á saude do rei,

nos *estados monarchicos,* e do magistrado supremo, nas *republicas:* mas *semelhantes reservas, determinadas pela prudencia d'uma associação* que tantos governos sombrios ameaçavam, não eram sufficientes *para annullar as influencias* NATURALMENTE REVOLUCIONARIAS, posto que pacificas em geral, da Fr.·.-Maç.·.» (L. Blanc. Historia da revolução).

Quer-se cousa mais clara e decisiva ainda sobre a questão, ouça-se o I.·. Veraeghen, Grão-Mestre da sua cadeira, endereçando-se ao Gr.·. Or.·. da Belgica (1854).

«Dir-se-ha que os nossos estatutos nos vedam as discussões politicas e religiosas. Mas, meus II.·., isto deve ser, uma vez por todas, seriamente examinado. Assentemos primeiro que em *muitas circumstancias a Maç.·. tem unanimemente negado esta restricção. Tem-se envolvido activamente nas* LUTAS POLITICAS, e quando *o triumpho da sua causa,* saudado pela nação inteira, demonstrava quanto *ella é sympathica ao paiz, quem ousaria censural-a? Seria calumniar a historia, negar um immenso serviço feito ao paiz.* Por isso nos consideramos authorisados a dizer que ella fará bem em PERSEVERAR N'ESTA VEREDA. Permitti-me tambem que vos diga que a prohibição, de que se trata, *não resulta de modo algum dos estatutos geraes da Ordem,* que são *mudos a tal respeito.* Se os Maç.·. que redigiram a nossa carta pensassem que a prohibição devia ser absoluta *havel-a-hiam escripto como principio positivo nos estatutos.* Mas é no *regulamento particular do Gr.·. Or.·.* (Art. 137) que se *acha inscripta a restricção* e por isso não tem senão *uma importancia relativa, porque o regulamento póde ser alterado sob petição, firmada por cinco membros.* Eis aqui a *unica barreira para vencer,* e já que o *Gr.·. Cons.·. e o Gr.·. Or.·. são unanimes no seu desejo de remover este torpeço,* seria pueril sustentar que elle tenha ainda o *minimo valor.* Por este modo *de facto e de direito,* estamos authorisados para *remover definitivamente a prohibição que a letra nos impõe.*

«De resto se a Maç.·. persiste em concentrar-se no apertado circulo que lhe quizessem traçar, perguntaria eu de que

lhe serviria a vasta organisação e immenso desenvolvimento, que tem tomado? Se fosse mister circumscrevel-a assim, *encerremos de preferencia nossos templos, nós encontraremos fóra d'elles vasto campo para satisfazermos a debil tarefa, que nos resta.* O que eu digo aqui, *cem vezes o tenho ouvido repetir pelos melhores maçons, pelos mais distinctos e illustrados entre todos. Eu não sou mais de que um echo, digo alto o que toda a gente pensa baixo.*

«Soceguem pois os que pensassem vêr transgredida a lei Maç.·. pela declaração que acabo de fazer. Quando interrogo o *passado da nossa instituição não vejo eu que a Maç.·. foi sempre a sentinella attenta que vigia a marcha da nau politica?* Não é ella que accende nas trevas das tempestades o pharol libertador que deixa vêr os escolhos? Ella que solta o grito d'alarme nos dias de perigo? Não se desenrola a sua historia para responder? Sempre que foi preciso não formou a Maç.·. o centro, o ponto de apoio da resistencia ás invasões do erro e da mentira, de qualquer lado que estes viessem? E o que já fez não terá de repetil-o em circumstancias analogas?» (A. N. I. p. 300 e 301). «Na vespera das lutas decisivas occultar-se-hia o Maç.·. no seu templo e diria: *calemos-nos, a politica nos é vedada!*» Esta mãi generosa de tantos filhos espalhados e que diz como o Christo a quantos tem uma alma pura e honesta: *Paz aos homens de boa vontade. Aquella que só póde resolver o grande problema dos tempos modernos,* esconjurando as tempestades que o futuro accumula talvez no seu seio, vós o adivinhastes, meus II.·., e reconhecestes na *sublimidade da sua essencia, a omnipotencia da sua força, é a Maçonaria!!!*»

D'estes diversos documentos Maç.·. resulta: 1.° *a alta politica, a politica da humanidade,* a que se occupa da *liberdade e da vida intellectual d'um povo, cujos direitos são calcados aos pés pelo poder,* não só não é vedada, mas *para os Maç.·. é um dever.* (I.·. Rebold e Crémieux). Não é mais do *que a pratica dos principios Maç.·.* que devem prevalecer sobre as retricções regulamentares. Que, consultando o

passado da Maç.·. vê-se que sempre se envolveu nas *questões politicas* e deve persistir n'esse caminho. (I.·. Veraeghen).

Que a prohibição de que se trata não resulta de modo algum dos estatutos geraes da Ordem: que não fôra exigida em principio positivo nos estatutos, e só se acha nos regulamentos particulares do Gr.·. Or.·. (Ibid). Que se se devesse respeitar esta prohibição e circumscrever a Maç.·. prohibindo-lhe a politica, mais valeria fechar os templos Maç.·. E' o pensamento unanime de todos os Maç.·.

E' igualmente certo que as bases constitutivas da Maç.·. tendem a diffamar as instituições e as idéas do mundo exterior. As influencias da Maç.·. são naturalmente revolucionarias. (L. Blanc). As fórmas e a administração d'esta Ordem fallam ao espirito politico de todos os Maç.·. (I.·. Ragon). São bastantes modificações introduzidas nos principios. E' tão sómente nas reuniões *ordinarias* da Maç.·. que não se falla de politica. Só a *presidencia* aconselha a observancia *d'esta reserva.* (I.·. Rebold). Que é o que se passa nas trazeiras das lojas? Ha ahi a mesma reserva? E' licito duvidal-o. *Os regulamentos que restringem* esta liberdade são applicaveis aos II.·. noviços na arte, que não entram nas lojas vedadas. Vê-se que não estamos reduzidos a simples conjecturas sobre os sentimentos da Maç.·. relativos á politica.

Escutemos ainda o I.·. Dufresne: «É mister que os Maç.·. fóra das Off.·. *apontem os abusos,* contribuam para que se façam *boas eleições,* reclamem as *reformas necessarias* e procurem esclarecer a religião, tantas vezes surprehendida do soberano (o rei I.·. Leopoldo) a respeito do caracter e dos projectos audazes de alguns fanaticos titulares que desgraçadamente o rodeam.» (Jornal hist. Carta de M. Kersten. T. VII, p. 533).

Ouçamos o I.·. Verhaeghen: «Alcançamos o nosso fim, porque se *a opinião liberal triumphou na Belgica, deve-o á M.·. Eu me felicito do coração pelos resultados que haveis obtido.*» (1848. S. N. E. p. 146).

Parece-me que tenho confirmado assás a minha proposi-

ção. Não duvidará V., nem pessoa alguma póde duvidar, da intervenção da Fr.·.-Maç.·. na politica. Talvez V. deseje connhecer por miudo em que essa intervenção consiste, e até que ponto a Maç.·. a quer exercer. Vou procurar satisfazel-o e será esse importante assumpto o objecto da carta seguinte. E' conveniente esclarecer sobre esta questão os governantes e até os governados.

CARTA DECIMA QUINTA

Em que sentido e até que ponto se occupa de politica a Fr.·.-Maç.·.

Senhor.

Prometti expôr-lhe algumas miudezas do modo como a Fr.·.-Maç.·. procura intervir na politica. Terei apenas o embaraço da escolha dos numerosos testemunhos que se offerecem. Conforme o I.·. *Van Humberk,* em um relatorio feito sobre a questão, que nos occupa, o artigo 135 do regulamento: «*Em materia politica, tudo o que interressa ao* HOMEM *suas necessidades, seus direitos e deveres;* tudo quanto *diz respeito á* SOCIEDADE para a qual o homem foi feito, *as qualidades e vicios da organisação social,* no passado como no presente, *em principio* como *na applicação ás sociedades existentes, é da alçada da Maç.·.* e de cada um de *seus membros.* Constitue até um dever que lhes é imposto.» (A. N. I, p. 220).

Eis aqui o principio e a applicação: trata-se d'eleições. Vai vêr-se agora como a Maç.·. entende a liberdade.

«Um candidato Maç.·. será proposto pela loja no circulo onde se faz a eleição para depois de adoptado pelo G.·. Or.·. ser imposto aos II.·. da sua obediencia. Na *eleição,* quer ella seja nacional, quer provincial ou municipal, pouco im-

porta, *é sempre necessaria a aceitação pelo Gr.·. Or.·. que lhe é expressamente reservada.* Todos os Maç.·. *jurarão* empregar *toda a sua influencia para fazer triumphar a candidatura adoptada.* O eleito da Maç ·. *fará em loja uma profissão de fé, de que se lavrará termo.* Elle será convidado a *recorrer ás luzes d'esta loja, ou do Gr.·. Or.·.* nas occorrencias graves, que podem sobrevir durante o seu mandato. *A falta de observancia dos seus compromissos, o expõe a penas severas* e até á *exclusão da Ordem.* A applicação d'estas medidas de rigor é deixada á discrição do Gr.·. Or.·. Cada loja podendo julgar util o auxilio da imprensa, deverá abster-se de fazer *inserções nos jornaes, que não mereçam a confiança do Gr.·. Or.·.*, os quaes serão indicados por este.» (A. N. p. 266).

Não é facil dizer o que mais se admira aqui, se a semceremonia, deveria dizer a impudencia, com que a M.·. se envolve na politica, sem embargo dos seus suppostos regulamentos, se a tyrannia exercida sobre os seus membros em taes occasiões. Não nos espantamos em demasia: o maçon não é livre, entregou-se inteiramente: faria mal queixar-se. «As lojas tem não só o *direito* mas o *dever de vigiar os actos da vida publica* d'aquelles de seus membros que ellas *fizeram entrar nas funcções publicas, o dever de pedir explicações* quando parece que *um ou muitos dos seus* actos *não tendem a esclarecer a sociedade com o facho da verdade.*»

«As lojas são escólas onde se devem formar os homens de convicções razoaveis, de modo que *lutem depois com vigor no mundo profano,* e principalmente na *vida publica* em pró do melhoramento moral e material, por consequencia, da humanidade.» (I.·. Veraeghen ao Gr.·. Or.·. da Belgica, 1856).

Ouçamos ainda o I.·. Grisar no banquete da festa da Ordem em 1845. «Eu não penso rebocar o partido liberal: mas *nós seremos o liberalismo,* o seu pensamento, a sua alma, sua vida, *seremos* ELLE proprio.... Não se vê que elle espera um *espirito novo e democratico,* o verdadeiro *espirito do Evangelho,* para proseguir nos seus triumphos e conquistas:

não se *vê que elle nos espera?* Apressemo-nos em *ir para elle...* Ao lado da questão eminente e viva do *trabalho,* encontrariamos a das *prisões,* do *pauperismo,* da *protecção aos condemnados depois de soltos, das associações de beneficencia, dos hospicios, montes de piedade* e tantas outras questões que se referem á hygiene publica e á boa *constituição da sociedade.* Todos estes *problemas democraticos* deviam ser tratados *em loja e resolvidos em congresso...* A Maç.·. só póde continuar a ser *poderosa* protegendo todas as *iniciativas* do espirito humano. A Maç.·. não cessará de *comprehender as cousas novas;* será sempre esse pharol luminoso, symbolo *d'appello e união* que, desde tantos seculos, *abala os homens e as cousas,* e apossar-se-ha da idéa democratica que guindará a humanidade aos seus maravilhosos e sublimes destinos.» (A. N. I, p. 200 e 202).

O Oriente d'Anvers applaudindo o discurso e as proposições do I.·. Grisar addiciona-lhe o seguinte como manifesto:

«E' tempo que a Maç.·. se occupe das grandes questões, que agitam a sociedade moderna. Na *França,* a despeito da apparencia de torpor em que a nação parece submersa, vêmos o operario erguer a cabeça, pedir uma garantia d'este direito soberano do trabalho que Deus lhe deu, quando o creou. A democracia *ingleza,* escolhendo para campo de batalha as leis dos cereaes, isto é, o imposto lançado sobre a fome, arremessa a luva ao direito feudal e faz tremer pelo seu protesto energico e seu appello ao povo toda a alta nobreza ingleza. A *Irlanda* está longe de achar-se tranquilla. A Suissa encetou a luta, regando-a com o seu sangue mais puro: o liberalismo e o ultramontanismo provocaram-se a um duello de morte. A *Italia* conspira: ahi tambem a causa da liberdade é santificada pelo sangue dos martyres: ahi tambem o poder temporal, o despotismo sob a figura d'um Papa só encontra o algoz para firmar o seu throno vacillante. A *Allemanha* impacienta-se sob o jugo dos seus pequenos potentados, que macaqueiam os reis. Na *Prussia* o governo abso-

luto combate em vão o espirito constitucional, os principios retrogrados do seu governo naufragam contra a vontade forte e inabalavel dos rhenanos... Em toda a parte encontramos vestigios do *grande movimento democratico que arrasta a humanidade* para o seu destino. Não fiquemos *inactivos na presença* d'estes factos: *não nos deixemos ultrapassar pelo futuro. Identifiquemo-nos com as idéas democraticas que triumpharão* sempre; comprehendamol-as de modo que possamos dirigil-as, contêl-as quando arrebentarem e evitar os excessos e os abusos.»

Outro orador, fallando n'uma reunião Maç.·. em nome do Gr.·. Or.·. da Belgica confirma e explica d'este modo a doutrina que o I.·. Veraeghen nos expunha ha pouco.

«Querem reconhecer que somos serios e animados das melhores intenções, mas dizem-nos: ficareis fechados dentro d'este repartimento, e acautelar-vos-heis de ir derramar ao longe o fructo de vossos estudos e meditações. Indicar-vos esta situação, meus II.·., é não só affirmar-vos que é não só *direito* mas tambem *dever da Maç.·. occupar-se de materias politicas e religiosas,* porque é ahi que *acharemos a realisação de todas as theorias de que nos occupamos.*»

Descendo depois á applicação pratica d'esta doutrina o orador addiciona: «Todas as *grandes questões de principios politicos,* tudo quanto diz respeito á *organisação, existencia e vida d'uma nação,* isso... isso nos *compete em primeira linha.* Tudo isso é do nosso dominio para dissecal-o e fazel-o passar pelo cadinho da razão e da intelligencia. A nós a organisação do ensino: a nós a organisação da caridade... a nós o conhecer e julgar das offensas feitas ao grande principio da fraternidade... á hospitalidade belga... A nós o estudo e declaração do que deve fazer a nossa patria para permanecer á testa do progresso europeu. *Retirem-se pois os Maç.·. que vierem dizer-me que eu não posso occupar-me de materias politicas.*»

Alguns annos adiante outro Maç.·. formulava por maneira precisa e mais completa ainda a tarefa da Maç.·. e como elle entendia o dever de occupar-se de politica.

«Não seriamos nós já os filhos de nossos paes? exclamava o I.·. Goffin. Não seremos os descendentes dos homens de 89? E' chegado o tempo de oppôr uma barreira poderosa ás invasões do clero, de organisar uma opposição formidavel contra os homens e as idéas do passado, de reanimar o zelo e a fé Maç.·. e provocar a união solidaria de todos os que preconisam o progresso da humanidade. Permitti, meus II.·., que vos enumere alguns principios essenciaes, sobre que devo chamar a vossa attenção, quando se tratar d'elaborar uma profissão de fé:

Principios reservados para o futuro

Suffragio universal directo.

Abolição dos exercitos permanentes, causa de ruina e oppressão dos povos.

Suppressão da magistratura inamovivel, origem d'injustiças e processos escandalosos.

Abolição dos ordenados do clero, que deve ser sustentado pelos crentes de cada um dos cultos.

Principios d'applicação immediata

Suffragio universal para as eleições provinciaes e municipaes, como meio de habituar pouco a pouco a nação ao exercicio do seu poder soberano.

Instrucção primaria, gratuita e obrigatoria.

Abolição dos direitos de barreira e consummo, substituido por um imposto unico de seguros.

Suppressão do *banco nacional* e estabelecimento d'um vasto systema de *credito territorial,* commercial e agricola.

Direito ao trabalho, consequencia do direito d'existencia.

Organisação do trabalho pela creação de grandes associações operarias.

Recompensas nacionaes conferidas aos operarios laboriosos e intelligentes.

Reducção de todos os orçamentos e especialmente do da guerra.

Associação para tributar aos mortos as ultimas honras sem auxilio do clero.

Instituição de créches, escólas vigias, salas d'asylo, banhos, lavanderias e casas de fogões publicas, açougues e padarias economicas.

Abolição da pena de morte em materia politica e criminal.

Tal deve ser, quanto a mim, a ordem do dia da grande reunião Maç.·. que breve terá lugar. *Queremos nós esmagar a infame ou soffrer-lhe o jugo?*»

(Discurso pronunciado na festa solsticial da R.·. Loja Liége).

E' verdade que este discurso pareceu imprudente a alguns caros II.·. Foi condemnado como tal pelo I.·. Veraeghen, G.·. M.·. *ad interim:* mas acclamado calorosamente pelos que o ouviram, impresso por virtude d'uma decisão unanime da assembléa onde se achavam os deputados de oito lojas, reproduzido e distribuido por cincoenta mil exemplares, não podendo assim duvidar-se que elle era a expressão da maioria dos M.·. senão de todos. O seu defeito consistia em dizer *alto e bom som* o que a Maç.·. diz *em tom baixo.* E' inutil insistir mais n'este ponto, porque em presença d'estes documentos estamos scientes do que pensa a Maç.·. sobre o *direito e dever* que lhe assiste de tratar de *politica,* e bem assim do que ella entende por isto, e das questões que são da sua alçada.

Encontrar-se-ha, além d'isto, uma nova confirmação d'esta verdade no que em breve diremos dos seus sentimentos para com os *principes* e das suas *obras* nas differentes partes da Europa.

Quer V. ouvir agora o *Internacional?* (V. Osc. Test., p. 242). Não usará linguagem diversa:

«Condemnamos a *abstenção politica* como funesta pelas suas consequencias para a nossa obra.

«Quando professamos a intervenção politica e as candidaturas operarias, é escusado dizer que não pensamos chegar á nossa emancipação pelo caminho da representação operaria nos *conselhos legislativos e executivos*. Sabemos perfeitamente que os *regimens actuaes devem ser supprimidos necessariamente*. Queremos apenas servir-nos d'esta representação como de um *meio de agitação* que não deve desprezar-se pela tactica que temos que seguir n'esta luta.»

«Sendo a intervenção na politica um meio de que usamos para agitação, é evidente que o nosso fim principal é a transformação integral das relações sociaes, e que para nós toda a agitação é subordinada ao movimento socialista e lhe serve de meio.» (Congr. de *Chaux-de-Fonds*. Igualdade 16 de abril de 1870).

«A conquista do poder politico é o primeiro dever da classe operaria. *Os trabalhadores devem pôr-se ao corrente dos mysterios da politica internacional, vigiar a linha de proceder dos seus respectivos governos, e combatel-os, quando seja necessario, por todos os modos ao seu alcance:* e quando emfim sejam impotentes para os embaraçar, entenderem-se entre si para um *protesto commum*....

«Segundo o congresso de Lausanna (1867) a emancipação social dos operarios sendo inseparavel da sua emancipação politica, e o estabelecimento das liberdades publicas sendo medida de absoluta necessidade, o ramo francez da internacional em Londres declara que a associação internacional dos operarios deve ser considerada como uma *associação essencialmente politica*, que deve occupar-se das questões politicas a par com as questões economicas.»

(Discurso lido em um *meeting* em Londres, pelos membros francezes da internacional, 26 d'outubro de 1868).

Que a Fr.·.-Maç.·. franceza teve parte na revolução de

1870-1871, que os seus principios em assumptos politicos são os mesmos da Maç.·. belga, provam-no os documentos reproduzidos no principio d'esta carta e mais cabalmente se demonstrará quando considerarmos as *obras* da seita e como desde cem annos estes principios tem tido applicação para ruina das sociedades. O corajoso e infatigavel athleta, que combate com tanto talento as sociedades secretas, M. de St. Albin prometteu provar até á evidencia a parte que ellas tiveram na horrivel insurreição da Communa de Paris: é uma pagina de historia, que produzirá o maior interesse, patenteando-nos a causa primaria mas secreta de nossos males. Mas não se olvide, a luz que esclarecer este ponto deve levar-nos de 1871 a 1848, d'ahi a 1830, e de 1830 a 1789. São irmãs todas estas revoluções: procedem do mesmo espirito; tem as mesmas tendencias: são os mesmos effeitos, com pouca differença com causas identicas. Ainda o mundo se acha aturdido com o acto monstruoso pelo qual a Communa desesperada quiz assignalar a sua queda e vingar a sua derrota. Pois o pensamento de incendiar Paris não é novo, e o snr. *Martial Delpit,* deputado da Dordogne, no relatorio redigido em nome da commissão, encarregada pela assembléa de proceder a um inquerito ácerca da insurreição de 18 de março, citou as palavras seguintes proferidas em 3 d'abril de 1848 pelo famoso Caussidière:

« Dizei aos vossos estupidos burguezes e guardas nacionaes, que se tem o infortunio de deixar-se arrastar pela *menor reacção, 400,000 operarios esperam o signal para fazer de Paris taboa raza:* não deixarão pedra sobre pedra, e para isso não *necessitarão espingardas;* BASTAR-LHES-HÃO MECHAS CHIMICAS. » Estes clarões sinistros, estes relampagos que de longe a longe rasgam a nuvem, offuscam-nos e aterram-nos: o raio cahindo sobre as eminencias sociaes depois de haver derribado a cupula, ameaça deseccar a arvore até ás suas raizes mais profundas; e isto deve desvendar os olhos. *Erudimini qui judicatis terram.* Penso ter sufficientemente provado a minha these, e creio que V. terá adqui-

rido a convicção que a Fr.·.-Maç.·. não só não é estranha á politica, mas d'ella se occupa muito activamente: que o fim principal das sociedades secretas, occulto sob o especioso pretexto d'estabelecer a liberdade, é confundir na mesma ruina a igreja e o estado. Vamos vêr agora como ella procede á demolição do edificio social. Será o assumpto das cartas immediatas.

CARTA DECIMA SEXTA

A Fr.·.-Maç.·. rejeita toda a authoridade. — Ella detesta a realeza

Senhor.

Antes d'estudar o trabalho infernal da Fr.·.-Maç.·. sobre as sociedades, que ella decompõe e dissolve até aos seus primitivos elementos, é importante mencionar o instrumento fatal, que lhe serve para accumular ruinas sobre ruinas nos estados, no mundo inteiro.

Esta alavanca terrivel é a mesma que vimos empregar para alienar nas almas a crença, a religião e a verdade. O apostolo S. Judas me parece resumir admiravelmente em tres palavras o programma das sociedades secretas. «Estes homens, diz elle, mancham a sua carne, desprezam o poder, blasphemam da magestade.» (Ep. 8).

Vimos a Fr.·.-Maç.·. invocar a *liberdade* para se isentar de toda a regra de costumes e consagrar a *independencia da moral*. Ouvimol-a desculpar e justificar as paixões mais abjectas: *Carnem maculant*. Vimol-a em *nome da liberdade* sacudir o jugo da religião, rejeitar todos os dogmas: ouvimol-a blasphemar o que ha de mais sagrado, e respeitavel sem poupar a Deus mesmo: *Majestatem blasphemant*.

É tambem *em nome da liberdade* que ella despreza e arruina todo o poder e sacode o jugo da authoridade: *Dominationem spernunt.* Como se a *authoridade* não podesse e devesse conciliar-se com a *liberdade!* Como se a idéa de *sociedade* não envolvesse essencialmente a idéa de *authoridade!*

Poderá conceber-se o corpo humano sem a subordinação, que estabelece e mantém cada membro com suas aptidões especiaes unido aos outros membros, sob a dependencia da cabeça? E estes insensatos quereriam uma sociedade sem authoridade, um corpo moral sem subordinação entre os membros: elles insurgem-se contra o poder, negam-lhe a indispensavel necessidade, trabalham para destruir, e derribar esta condição essencial de toda a sociedade.

Leem-se, sabemol-o, na constituição da Fr.·.-Maç.·. estas palavras tranquillisadoras. «*A Fr.·.-Maç.·. véda formalmente toda a discussão em materia politica, que tenha por objecto a critica dos actos da authoridade civil e das differentes fórmas de governo.*» (Art. 2).

Mas qual é o valor d'esta affirmação? A Maç.·. nol-a explica. «*É verdade,* diz o I.·. L. Blanc, *que as instituições Maç.·. impunham submissão ás leis e respeito aos soberanos:* mas *taes reservas, determinadas pela prudencia, não bastam para annullar as influencias naturalmente revolucionarias.*» (Hist. da Revol.)

É verdade tambem que a Ordem, quando póde, solicíta aos reis e principes para presidirem aos Gr.·. Or.·., mas a Fr.·.-Maç.·. disse como lhes occulta seus segredos: e nos revelou a razão, que lhe faz ambicionar semelhante honra.

«A entrada dos soberanos na Ordem, diz o I.·. Valenti, é de muito bom agouro. Ainda que ELLES NÃO PODEM CONCORRER PARA A CONSTRUCÇÃO DO TEMPLO MAÇ.·. *e posto que tenhamos de soffrer o espectaculo de brilhantes condecorações na sua farda, elles são muito preciosos para a Ordem,* ou seja pelas suas *riquezas,* ou por causa da sua immensa *influencia. Por livres que pareçam as associações secretas estão ainda muito dependentes das disposições da classe supe-*

rior: não podem desenvolver-se senão aos raios do sol, n'um céo sem nuvens. Onde o *principe desconfia,* haveria perigo em elevar-se demasiado, ao passo que póde-se singrar a *velas cheias desde que brisa favoravel sopra da côrte.*

«Possam os nossos *augustos hospedes* ser sempre dispensados de trabalhar com o suor do seu rosto e continuar a *permanecer mudos e inactivos como a boneca de Martin!* A sua presença produz effeitos felizes principalmente sobre os que lhes peza fazer qualquer cousa util na sombra e no silencio. Onde elles desapparecem, o edificio ameaça ruina, como a colmeia sem a abelha rainha.» (A Fr.·.-Maç.·. fevereiro de 1852, p. 117).

Ouçamos ainda.

«O burguez é util, mas o principe é mais. A Venda Alta quer que sob qualquer pretexto se admittam nas LL.·. Maç.·. *o maior numero de principes e ricos que fôr possivel.* Ha muitos na Italia e fóra d'ella *que aspiram ás honras assás modestas do avental e da trolha symbolicos. Lisonjeai estes ambiciosos de popularidade e arrebanhai-os* para as lojas Maç.·.

«A Venda Alta verá depois o que póde fazer d'elles para a *causa do progresso. Um principe que não tem reino a esperar é uma boa acquisição para nós.* Ha muitos n'este caso. *Fazei d'elles FF.·.-Maç.·. Servirão de visco aos imbecis, intrigantes, cidadãos e necessitados. Estes pobres principes serão um instrumento nosso, pensando que nós o somos d'elles. É uma magnifica taboleta.*» (Cartas á Venda Piem. — V. Monsenhor Ségur).

Em reforço do que acabamos de lêr, poderemos citar o que aconteceu ao rei da Prussia, Frederico II. «Não se póde hoje duvidar que este principe havendo descoberto pouco tempo antes da sua morte que os *illuminados* de Munich, que só lhe haviam revelado a parte do seu segredo, que se refere aos padres, tinham tambem um contra os reis, denunciou elle proprio ao eleitor de Baviera a seita atroz, que protegera.» (Proyart, Luiz XVI e suas virtudes, liv. X).

É inutil a observação, a Fr.·.-Maç.·. não se esconde: ella recorre a esta protecção só para seu interesse, e serve-se da mesma em quanto precisa. «A Fr.·.-Maç.·. deve buscar a força em si mesma, e quando tem a desgraça de ter protectores coroados, não deveria dar-lhes mais importancia do que elles tem pela sua posição profana. São elles frequentes vezes a causa principal dos abusos e intolerancia que ainda reinam no seio mesmo da Ordem.» (Mundo Maç.·., tom. VI, novembro de 1863, p. 411).

«Na realidade a Fr.·.-Maç.·. desconfia dos soberanos: tem-nos por suspeitos, não se fia n'elles e façamos-lhe justiça, a Maç.·. tem razão. A sua consciencia não está tranquilla.

«Não temos nós a receiar, diziam as lojas directoras de Francfort e de Wetzlar, em uma circular dirigida ás lojas da sua obediencia, que emfim *os governos* não olhem por mais tempo com vistas indifferentes uma sociedade em que uma parte consideravel de seus subditos reconhecem, como chefes, principes e até pessoas particulares d'outros paizes e cobram sommas consideraveis para manter lojas estrangeiras? Que succederia se estes governos tivessem conhecimento dos assumptos de que tratam alguns systemas maçonicos?» (Annaes Maç.·. dos Paizes-Baixos, t. V, p. 226).

«Nós que quasi todos conhecemos os altos graus, dizia um M.·. belga (o I.·. Schuerman) perante uma assembléa Maç.·. sabemos que alguns contém principios que os governos não tolerariam, se fossem declarados publicamente.» (Hist. da revolução franceza, cap. Revol. myst.)

«Todos os governos, observa outro, suspeitaram as tendencias politicas da Maç.·. Todos adoptaram para com ella uma attitude de desconfiança.» (I.·. Dumesnil, redactor do jornal o *Fr.·.-Maç.·.* 1852).

A Maç.·. desconfia dos principes e tem razão; os principes desconfiam da Maç.·. e estão no seu direito: mas não desconfiam, quanto devem, porque a Maç.·. detesta-os: ella conspira contra o seu poder e jurou a sua perda. Querem a

prova? Ouçamos o que o Ven.·. da loja diz ao I.·. que vai receber grau de *Juiz Philosopho, Grande Commendador incognito.* «Os graus, por onde haveis passado, não vos levam a fazer uma justa applicação da morte de Adoniram ao fim tragico e funesto de Jaques Molay, *Juiz Philosopho, Grande Commendador da Ordem?* Não se preparou o vosso coração para a vingança e não resentis vós o *odio implacavel* que havemos jurado aos tres traidores sobre que devemos vingar a morte de Jacques Molay? Eis, meu irmão, a verdadeira maçonaria, tal como nos foi transmittida.» (I.·. Ragon. Orth. maçon).

Em conclusão o Juiz Philosopho, Grande Commendador incognito recebe a insignia do seu alto grau, é um *punhal:* e a indicação do seu trabalho especial, a *vingança.* (Ibid.)

A formula de recepção do cavalleiro Kadosch ensina-nos a mesma cousa e por modo mais explicito ainda.

«O Grão-Mestre, tendo ajoelhado com o candidato, que vai receber o grau, diz-lhe: «Até aqui não viste na Maç.·. senão *emblemas:* é mister que vejas agora as *realidades.* Estás tu decidido a *calcar aos pés os prejuizos* a que te sujeitaste, e obedecer sem reserva a tudo o que te foi prescripto para a felicidade da humanidade?» O candidato havendo-o promettido, levanta-se o Gr.·. M.·. e continua: «Se é assim vou dar-te o meio de provar a pureza das tuas intenções e fazer-nos conhecer a extensão das tuas luzes. Prostra-te em terra diante d'estes restos illustres e repete o juramento que vou dictar-te.» O Gr.·. M.·. dicta o juramento, que o candidato repete. «Em presença de Deus, nosso pai, e d'esta augusta victima, eu F... juro e prometto solemnemente sobre a minha palavra d'honra de nunca revelar os mysterios do cavalleiro Kadosch, e de obedecer a tudo o que me fôr prescripto pelos regulamentos da Ordem. Juro, outro sim, punir o *crime e proteger a innocencia.*» Então o Gr.·. M.·. diz-lhe: «Levanta-te e imita-me.»

Uma cabeça está alli coroada com uma tiara: o Gr.·. M.·. apunhala-a dizendo: «Odio á impostura, morte ao crime.»

O candidato faz o mesmo e repete as palavras. Proximo acha-se outra cabeça coroada de louros: o Gr.·. M.·., e o candidato ajoelham ante ella e o Gr.·. M.·. diz: «Gloria eterna ao martyr da virtude! Sirva-nos de lição o seu supplicio! Unamo-nos para esmagar a tyrannia e a impostura.»

Levantam-se outra vez e aproximam-se d'outra cabeça, que tem a corôa real. O Gr.·. M.·. apunhala-a, dizendo: «Odio á tyrannia, morte ao crime.» O candidato faz o mesmo e repete as palavras. (Rit. do I.·. Laffont de Laudebat). Os commentarios seriam inuteis.

Acredital-o-ha V., a mesma doutrina se ensina na Maç.·. d'adopção e aqui estão as palavras que o Gr.·. M.·. dirige á *Perfeita Mestra* quando ella é admittida a este grau: «A principal das vossas obrigações será irritar o povo contra os reis e os padres: no botequim, no theatro, nos bailes trabalhai com esta *sacrosanta* intenção.

«Só me resta um segredo para revelar-vos, e fallaremos em voz baixa, porque não chegou ainda a occasião de manifestal-o ao mundo profano. A authoridade monarchica, com que parecemos preoccupar-nos, deve cahir um dia sob nossos golpes e esse dia está proximo. No entrementes afagamol-a para chegarmos sem estorvo ao complemento final da nossa missão sagrada, que é o *aniquilamento de todas as monarchias.*» (M. de St. Albin, p. 382).

Ouçamos tambem o juramento prestado pelos membros da sociedade das Quatro Estações, oriunda da Carbonaria.

«Em nome da republica, juro odio eterno a todos os reis, aristocracias e oppressores da humanidade: juro dedicação absoluta ao povo, fraternidade a todos os homens, exceptuados os aristocratas; juro punir os traidores, prometto dar a minha vida, subir ao cadafalso, se tal sacrificio é necessario, para trazer o *reinado da soberania do povo e da igualdade.* Seja eu castigado com a morte dos cobardes e traspassado com este punhal, se violar o meu juramento.» (M. de St. Albin).

Compare-se este juramento do ceremonial usado na re-

cepção do *juiz philosopho, grande commendador incognito,* e da formula de recepção do *cavalleiro Kadosch,* encontrar-se-ha o mesmo espirito, as mesmas tendencias, igual odio á realeza.

A Internacional não tem mais reserva a este respeito.

«De Pœpe, de Bruxellas, dizia-nos hontem (é Eugenio Dupont que falla assim no congresso de Bruxellas a 15 de setembro de 1868) que os imperadores e os reis são meros accidentes. Elle dizia bem: todos os governos actuaes encontram-se no estado de transição: o que nós queremos destruir não é só o tyranno, mas a tyrannia.»

«A realeza, diz a sociedade das Estações aos seus filiados, é execravel. Os reis são tão funestos para a especie humana como os tigres para os outros animaes. Os reis não se julgam, matam-se.» (Citado por St. Albin, p. 456).

«Se o poder se obstina em conservar uma cousa repellida pelo espirito da época e gasta pelo tempo, é necessario, conforme ás leis da dynamica, que se eleve um poder mais forte e faça cumprir as leis da fatalidade...

«Se a humanidade deve progredir conforme a vontade do grande Senhor, é mister que os velhos madeiramentos se despedacem ainda quando todos os poderes da terra se esforçassem para salval-os da ruina. É pela violencia que são então derribados.» (Astréa, p. 84).

«Levantai-vos, exclama outro maçon, arrancai a corôa da cabeça do conquistador, e ponde-a sobre a da innocencia: quebrai os grilhões da escravidão que manietam os homens, que nasceram livres; ensinai a humanidade aos nossos bonzos, reprimi o orgulho dos grandes: restitui á liberdade os direitos que lhe roubaram: erguei a humanidade do pó onde a prostraram o despotismo e o fanatismo.» (Jorn. Maç.·. de Vienna, 11.º anno, 1.º livro, p. 88).

«Os principes, os devotos, a nobreza, estes inimigos implacaveis do genero humano, devem ser aniquilados e seus bens entregues áquelles que pelos seus talentos, sciencia e virtudes tem só o direito e poder de *governar os ou-*

tros. Tudo é permittido para aniquilal-os, a violencia e a astucia, o fogo e o ferro; o veneno e o punhal; o fim santifica os meios.» Assim discorre o I.·. Fichte. (Beitrage zur Bericktigang, p. 45).

A obra prima da astucia e impostura é atrelar os reis ao carro da revolução, e constrangel-os a arrastar a machina formidavel que deve sepultal-os nas ruinas dos seus estados. Comprehende-o a seita e jacta-se de havel-o conseguido.

«Graças ao habil machinismo da Instituição, diz o I.·. L. Blanc, a Fr.·.-Maç.·. encontrou nos principes e nobres menos inimigos do que protectores.

«Aprouve aos soberanos, ao grande Frederico de tomar a trolha e cingir o avental. E porque não? Sendo-lhes occultados cuidadosamente os altos graus, elles sabiam da Maç.·. sómente o que se lhes podia mostrar sem risco. Não tinham de que se preoccupassem, retidos nos graus inferiores, onde só viam banquetes alegres, principios deixados e retomados á entrada das lojas, formulas sem applicação á vida commum, finalmente, uma comedia da Igualdade. Mas n'estas materias a comedia toca no drama: e os principes e nobres foram arrastados a cobrir com os seus nomes e a servir cegamente com a sua influencia as emprezas latentes dirigidas contra elles proprios.» (Hist. da Rev. franceza, t. II, p. 82-83).

Eis aqui um grave thema de meditações para quem se achar collocado á testa dos povos. É porém raro que estes meditem, e eu não tenho a vaidade de me aproximar d'elles. Seja como fôr, a Fr.·.-Maç.·. já tem dado bastantes martelladas: ella estabeleceu a minha these pelas suas palavras: confirmal-a-ha pelos factos, como veremos a seu tempo. Comprehendemos o que são para ella os reis e os povos. Fiquemos aqui por hoje.

CARTA DECIMA SETIMA

A Fr.·.-Maç.·. não quer *exercito permanente* e detesta a *magistratura*

Senhor.

Ha outro inimigo para a Fr.·.-Maç.·.: o seu odio inveterado á realeza estende-se ao exercito, por que o exercito é a defeza da authoridade, o apoio da lei, a muralha da realeza. Debalde se procuraria acabar com os principes, se elles tem entre mãos a força, se um exercito poderoso e fiel está ahi para sustentar a sua causa e vingar-lhe as injurias, a Maç.·. não conseguirá o seu fim. Ella sabe-o: comprehendeu toda a grandeza da difficuldade, e ahi mais do que em qualquer outra parte, precisa dissimular o seu odio e mascarar as suas manobras. Que se faz para isto?

1.º Alistam-se na Maç.·. todos os officiaes que se podem embelecar, porque os officiaes formam a opinião dos seus soldados: procuram-se os meios de desligal-os insensivelmente do poder reinante, e preparam-se, para dias criticos, cobardes defecções que dividem o partido da ordem, vergonhosas traições que o enfraquecem e paralysam muitas vezes a sua acção, tornando-a impotente. 2.º Procura-se desconsiderar os officiaes superiores que offereciam mais

garantias; semeiam-se, na occasião, boatos vagos de traição para levantar contra elles a indignação dos soldados, e a opinião publica sempre prompta a aceitar as imputações mais temerarias sem exigir provas: uma certa imprensa incumbe-se de apregoar estes boatos calumniosos. Falla-se de destituição ou ao menos de procedimento accusatorio. Lança-se assim a confusão nas fileiras do exercito: relaxa-se por este modo a disciplina, desapparece o espirito de corpo, penetra a desconfiança em toda a parte: e se o exercito existe ainda nos seus elementos, póde dizer-se que deixa de ter o vigor, o enthusiasmo, a unidade e a força: está apto para derrotas solemnes e vergonhas militares. 3.º Para cortar o mal na raiz quereriam supprimir os exercitos permanentes, e entregar assim sem defensores o paiz á mercê de aventureiros avidos de latrocinio e impacientes d'enriquecer-se com os despojos dos outros. A seita experimenta a necessidade de ser prudente e reservada sobre este artigo: porque se podessemos suspeitar o artificio que emprega e o alvo occulto que prosegue, tomar-se-hia cautela.

Não estamos comtudo reduzidos a simples conjecturas.

Ouçamos o I.·. Ragon na explicação do grau de Grande eleito, cavalleiro Kadosch, ou cavalleiro da aguia branca e negra (30.º grau).

Observemos em primeiro lugar que, segundo este escriptor, cuja obra foi approvada pelo Gr.·. Or.·. de França, as doutrinas professadas no grau de Kadosch formam o *complemento essencial da verdadeira Maç.·.* « Chegado ao quarto repartimento, onde se faz a iniciação, o candidato tem ante si uma *cruz e uma serpente com tres cabeças*. Ora, diz o I.·. Ragon, a serpente designa o mau principio: as suas tres cabeças são o emblema dos abusos ou do mal que se introduz nas tres altas classes da sociedade: a cabeça da serpente que representa uma *corôa* indica os *soberanos:* a que tem uma tiara ou uma chave significa os papas: a que tem a *espada* representa o *exercito*. O grande iniciado que occupa posições civis deve velar no interesse da sua patria e da philosophia

para a repressão d'estes abusos. Como penhor dos seus compromissos, o postulante decepa com o punhal as tres cabeças da serpente. » (Curso interpretativo, p. 30 e seg.)

Herdeira das doutrinas de sua mãi a Internacional não pensa diversamente. Eis como se exprimia a *Igualdade* de Genebra a 27 de maio de 1869. Não perguntemos historia a estes escriptores; não a conhecem mas sabem calumniar e isso lhes basta.

« Os exercitos permanentes são filhos do despotismo mais abjecto.

« Devem a sua fundação a esse rei de França que se revolvia nas orgias de Bourges em quanto que os Dunois, os Xantrailles e outros representantes do patriotismo francez, combatiam heroicamente contra os inimigos da independencia nacional: e que ostentava galas em suas festas sumptuosas: em quanto Joanna d'Arc expiava sobre a fogueira, preparada pela nobreza ingleza e pelo clero francez, o crime de haver libertado a patria dos seus invasores. »

« O principio dos exercitos permanentes não se discute; é a pedra angular do despotismo: é a escóla do servilismo e depravação: é a origem primordial da prostituição: é o espantalho do progresso: é o punhal apontado contra o peito da humanidade: é o machado suspenso permanentemente sobre a cabeça da liberdade: é o principio do parasitismo e da miseria, é o eterno obstaculo á fraternidade dos povos. Abaixo com os exercitos permanentes! »

« O exercito, diz o Progresso de Locle (15 de maio de 1869) quer se chame milicia nacional quer guarda imperial é incompativel com a liberdade: da mesma fórma como o Estado, ou elle se chame monarchia ou republica tambem é incompativel com a liberdade. »

A Fr.-Maçonaria na Belgica professa as mesmas doutrinas.

A abolição dos exercitos permanentes, causa de ruina e oppressão para os povos, e, como consequencia, a reducção do orçamento da guerra são parte do programma traçado á Maç.·. pelo I.·. Goffin, e foi adoptado por algumas lo-

jas da Belgica. *Destruir as forças cegas* (admire-se a periphrase) é da mesma sorte um dos artigos do programma dirigido em 1856 pela loja de Liége á de Londres. (V. Patria de Bruges de 30 de dezembro de 1866).

A *Alliança do povo,* jornal de Neuchatel, que, como seu titulo indica, proseguia o mesmo fim que a *Alliança universal* de Worms, expendia em 1850 o meio de chegar ao resultado pretendido, e contava seis pragas, de que era mister que os povos se libertassem: os reis, os nobres, a aristocracia pecuniaria, os empregados, os padres e os exercitos permanentes.

Os ultimos acontecimentos de Paris e a guerra desastrosa que os precedeu vieram lançar sobre a questão uma claridade brilhante: nós sabemos agora se a França tem ou não necessidade d'um exercito forte, aguerrido, numeroso e disciplinado.—Causa terror a lembrança do abysmo em que a nossa cara patria se precipitaria, se a communa de Paris não tivesse encontrado para suspender seus monstruosos excessos nossos valentes e corajosos soldados—Lyão, Marselha, todas as grandes cidades, diremos antes, toda a França teria cahido debaixo da tyrannia d'essas hordas selvagens, que, em nome da *liberdade,* prendiam os padres, saqueavam e roubavam as igrejas, perseguiam todas as pessoas honradas: em nome da *igualdade* queriam fazer de Paris um vasto montão de cinzas e ruinas, e sob o estandarte da *fraternidade* fusilavam e massacravam todos os que tinham a desgraça de não pensar como elles.

Esta reflexão já V. a fez de certo. Quanto a mim eu precisava d'esta demonstração para comprehender todo o alcance d'esta parte do programma maçonico.

«Nada d'exercitos permanentes» e estas palavras d'um dos oradores da Internacional no congresso de Bruxellas. «Não queremos exercitos porque os exercitos nos massacram.»

Comprehendo agora melhor a ligação intima que no pensamento da Maç.·. confunde no mesmo odio estas tres entidades: «*religião, governo, exercito.*»

Elles não querem a religião, porque a religião suffoca as intelligencias: não querem governos, porque estes esmagam as nações com impostos: não querem exercitos, porque estes as massacram.

E' sem duvida triste estudar ao clarão do incendio; possam ao menos estes fogos sinistros dissipar as illusões que ainda conservam alguns espiritos superficiaes! Possam os governos comprehender que se precisam um exercito poderoso, é mister que este seja primeiro que tudo fiel, seguro e disciplinado.

Não esqueçam elles que no periodo, que vamos atravessar, a sorte da Europa está nas mãos do exercito. Triumphará a ordem e as sociedades serão libertadas dos maiores riscos que ellas hajam corrido, se o exercito fôr em toda a parte o que elle deve ser. Mas, para isso, é necessario que se afastem do soldado os elementos variados de corrupção, que o rodeam: que se colloque ao abrigo dos laços que lhe arma a anarchia: que se melhore a sua sorte, principalmente quanto á moral: que se eleve em credito o estado militar, e o exercito francez retemperando a sua coragem nos sentimentos elevados da religião e do verdadeiro patriotismo, não desça das eminencias sublimes, em que o collocou a sua reputação secular de bravura e heroismo.

Mais uma palavra e vou terminar. A Fr.·.-Maç.·. e a Internacional especialmente, que professam tanto horror pelo exercito, não tem mais sympathia pela *magistratura.*

A *magistratura,* expressão natural do direito e da justiça, não achou favor perante a Internacional. Ouça-se o que ella pensa (desculpe-se-me a citação textual): « Sabe-se o valor que tem a moralidade da *magistratura,* cuja inviolabilidade não impede mais a sua corrupção do que uma tampa de crystal preserva o nosso nariz contra as emanações do queijo. A *magistratura franceza* está corrupta na sua totalidade. A *magistratura belga* está por tal modo adiantada que caminha só. A *magistratura allemã* está á altura das suas duas irmãs: e um trio de *Eumenides* substitue n'estas tres nações

a divina Astrea que os antigos diziam ter subido ao céo... Os juizes são *inamoviveis e inviolaveis,* é exacto: não obstante elles podem um dia ser suspensos... a uma corda.» (N. 12. dez. 1869 da Internacional).

Eis aqui o que basta para fixar a sua attenção n'esta questão: vamos contemplar novas ruinas. Depois da realeza e do exercito cabe a sua vez á familia. Tratarei esta parte interessante na carta seguinte.

CARTA DECIMA OITAVA

A Fr.·.-Maç.·. é inimiga declarada da familia.

Senhor.

Tendo provado que a Fr.·.-Maç.·. abriga odio entranhado contra a realeza e os seus auxiliares naturaes o exercito e a magistratura, vou tentar a demonstração de que ella é a inimiga mais perigosa da *familia*.

Eis o que um dos principaes membros da Alta Venda Italiana escrevia a 18 de janeiro de 1822 aos agentes superiores da *Venda Piemonteza*. As instrucções contidas n'este documento tem um tal caracter de perfidia, que se lhe negaria o credito se não sahissem da bocca d'um Maç.·.

«O essencial é isolar o homem da sua familia e fazer-lhe perder os costumes. Elle é assás disposto pelas tendencias do seu caracter a escapar-se aos cuidados do lar domestico, e ir em demanda de prazeres faceis e satisfações defezas. Aprecia as longas conversações do botequim e os ocios dos espectaculos. Arrastai-o, seduzi-o, dai-lhe uma importancia qualquer, ensinai-lhe discretamente a aborrecer-se dos seus trabalhos diarios, e por esta manobra, depois de se ha-

ver separado o homem de sua mulher e de seus filhos e de lhe haver mostrado quanto são penosos todos os deveres, inculcai-lhe o desejo d'outra existencia. O homem nasceu rebelde, ateai esse desejo de rebellião até ao incendio, mas de modo que este não arrebente. É uma preparação á grande obra, que ides encetar. Quando tiverdes insinuado em alguns espiritos o desgosto pela familia e religião (um vai quasi sempre após do outro) deixai cahir algumas palavras que provocarão o desejo de ser filiado na loja mais proxima. Esta vaidade do cidadão ou burguez de se enfeudar á Fr.·.-Maç.·. tem um certo quê de banal e tão geral que sempre me espanto perante a estupidez humana. Admiro-me de não encontrar toda a gente a bater á porta de todos os Veneraveis e pedir a estes senhores a honra de ser um dos obreiros escolhidos para a construcção do templo de Salomão. O prestigio do desconhecido exerce sobre os homens tal poder, que elles se preparam com terror para as phantasmagoricas provas da iniciação e do banquete fraterno.

« Vêr-se *membro d'uma loja, sentir-se fóra da familia e de seus filhos,* ser chamado a guardar um segredo que nunca se vos confia, é para certas naturezas um prazer e uma ambição.»

(Crétineau Joly, A igreja romana em presença da revolução, tomo 2.º)

Póde agora perguntar-se, se é possivel levar mais longe o desprezo do homem, a sciencia profunda e organisada da corrupção, o cynismo desaforado e systematico, que quer o mal pelo mal e o organisa com a habilidade dos proprios demonios?

Será possivel professar odio mais profundo pelas familias, e trabalhar mais efficazmente para semear a divisão entre ellas, envenenar existencias que só eram unidas para felicidade mutua? Não, esta malicia não é do homem; ella tem a sua verdadeira origem no inferno e só podia ser inspirada á Fr.·.-Maç.·. por aquelle que depois da sua queda e reprovação se tornou em inimigo natural de Deus, que o castiga,

e do homem feito á imagem de Deus e destinado o occupar o lugar dos anjos rebeldes. Estas instrucções por si sós, que parecem ter sido dictadas por Satanaz em pessoa são sufficientes para darem uma idéa do que é a Maç.·.

A Fr.·.-Maç.·. não se contenta comtudo d'introduzir nas familias a divisão, a desordem e a desgraça que lhe é consequencia, desmoralisando-lhe a cabeça: ella não quer fazer as cousas a meio.

D'aqui nasceu a Fr.·.-Maç.·. das mulheres que lhe serve de complemento para a destruição.

N'esta escóla a esposa aprenderá que o divorcio está nos nossos costumes, e funda-se na natureza mesma do casamento. Ahi no dia da sua admissão ella receberá um par de luvas brancas destinadas para o homem que mais amar. Tambem ahi aprenderá a desligar-se de seu marido.

Não ha lisonjas, que não se empreguem, para seduzil-a e adquiril-a ao partido, que não obstante isso a despreza.

Não se deixe pois embair a mulher pelas palavras sonoras de *emancipação* que se fazem echoar aos seus ouvidos, e pelas promessas de regeneração social para que pretendem trabalhar as sociedades secretas.

Tal é o papel que os architectos da sociedade lhe reservam: é um secretario da Internacional (Bebel) que vai fallar (Descentralisação de 1 de julho, 1871).

«Quanto á mulher, com raras, rarissimas excepções, de nada póde servir para a reconstrucção da sociedade.

«Escrava de todos os prejuizos, affectada por todas as especies de hysterismos moraes e physicos, ella será o tropeço do progresso.

«Ensinará a seus filhos um catecismo reaccionario, leval-os-ha ao sermão ou á missa, e talvez nunca as mais energicas lições das sãs doutrinas poderão desarraigar seus prejuizos seculares.

«Ente inferior, nunca a mulher quererá comprehender tudo o que a sua emancipação tem de bello e grandioso para ella.

«A' *liberdade* que a torna *cidadã*, preferirá a escravidão que a deixará *mulher*.

«A sociedade deverá fazer um esforço energico para arrancar a mulher da rodeira, em que se compraz.

«Para com ella será mister empregar *no moral certamente* e no physico talvez, a razão preremptoria para com os escravos da velha raça: o *pau* do advento do socialismo.» Um pau!!

Ouvi, ó mulheres, aqui tendes o que vos promettem em vez da virtude, que vos honra, da religião, que vos eleva e ennobrece, da oração, que vos fortifica e consola, da decencia e modestia que fazem vossa gloria e assegura vossa dignidade.

As lagrimas, a escravidão, a oppressão, a violencia e o rebaixamento, eis o que vos fica. Meditai n'estas verdades, ficai advertidas. Vós, que a religião póde tornar tão grandes, e tendes um papel tão interessante e sublime a preencher na sociedade, considerai de que elevação se trabalha para despenhar-vos, e o atoleiro onde querem precipitar-vos!

E' o segundo passo para chegar á decomposição da familia. A M.·. faz o terceiro.

Ella considera-se como a matriz do genero humano. É no seu molde que os homens se devem fundir para se tornarem *homens intelligentes, maçons perfeitos*. Para conseguir isto não lhe podia escapar a criança. Toma conta d'ella para o baptismo Maç.·. de que breve trataremos: procura communicar-lhe o seu espirito. Ouvi as recommendações feitas ás mães depois do *baptismo dos jovens Lowtons*.

«Cada templo, dizem-lhes, reune os fieis da sua communhão: aqui reunem-se os homens de todas as religiões e seitas: aqui vivem em paz aquelles cujas crenças os forçam a maldizerem-se e a condemnarem-se n'outra parte. D'esta distincção entre os templos Maç.·. e os religiosos resulta uma differença no ensino, sobre que devemos chamar a vossa attenção. Além a moral é baseada sobre a fé, aqui sobre a ra-

[1] Lowton é o filho de um maçon.

zão. Forçados pela tolerancia mesma, de que fazemos profissão, a desembaraçal-a de todos os obstaculos, nosso espirito deve investigar em considerações meramente humanas, fóra de especulações religiosas, o fundamento da moral, base dos direitos e dos deveres. Vós o sabeis; *as crenças são variaveis:* modificam-se não só conforme os *tempos* e os *climas,* mas tambem conforme as *idades*. Ellas não são aos quarenta annos o que eram aos vinte. *A moral é immutavel.* E' hoje o que foi hontem e o que será ámanhã. Porque razão pois dar uma base incerta ao que é certo, uma base variavel ao que não póde mudar? Porque fazer da fé a base da moral?

«Ah! a experiencia demonstra todos os dias, mas sem resultado, os vicios d'este ensino: e quantos temos nós visto educados piedosamente, como se costuma dizer, que tem perdido todo o sentimento do justo e do bem, no dia em que a sua fé desappareceu perante um clarão da sua razão?» (Que clarão será este da razão que faz perder o sentimento do justo e do bem?)

«Eis porque nós os maçons procuramos tornar a moral independente de toda a idéa religiosa, e vimos dizer-vos: no vosso ensino como mãi de familia, separai cuidadosamente a moral da religião... *Todas as religiões tem tido os seus justos,* porque todas tem a pretenção de ensinar a justiça, apesar das torturas, que ellas lhe tem causado; e é por isso que a justiça é independente d'esta ou d'aquella religião. Não só é *independente mas superior:* porque as religiões não existem sem a idéa de justiça, e a idéa de justiça comprehende-se perfeitamente sem que a fórma ou a idéa religiosa se lhe liguem. Principiai pois pelo começo, isto é, pelo ensino da *justiça,* ou, se antes o preferis, *da virtude.* E fazendo-o assim, creareis homens intelligentes e fortes, maçons perfeitos.» (Rit. Escocez do Protect. Maç.·. Docum. Maç.·., p. 501).

Ha n'este aranzel (seja-me permittida a palavra) uma tal confusão d'idéas, uma ausencia tão completa de logica, tantos erros e contradicções condemnadas que eu lamento de

todo o meu coração as pobres mães que são condemnadas a escutar estas phrases ôcas e esta philosophia nebulosa.

Felizmente ellas não são obrigadas a comprehendel-as. O que ha de mais claro é que se lhes recommenda de pôr de lado *a fé* se ellas conservarem ainda alguma scintilla: desviar do ensino que dão a seus filhos toda a *idéa religiosa,* porque as religiões são todas falsas e fazem experimentar torturas á *justiça,* isto é, *á virtude:* estabelecer a base da moral sobre considerações meramente humanas, separadas das especulações religiosas: desviar a moral de qualquer religião, porque a justiça (ou a virtude) não só é independente d'ella, mas é-lhe *superior.* Pensava-se até aqui que a moral primeiro que tudo regulava os nossos deveres para com Deus: depois para com o proximo e para comnosco mesmos. A Fr.·.-Maç.·. nos mostra que estavamos enganados. Todos os povos, até os pagãos, crêram na existencia d'outra vida em que a virtude será recompensada e o vicio punido: mas segundo a Fr.·.-Maç.·. não tem outros fundamentos senão considerações humanas. —A existencia de Deus é posta de lado e supprime-se a immortalidade da alma. Eis o que resulta da instrucção dada pelo Veneravel e o que deve singularmente edificar as mães Fr.·.-Maç.·. Será util tambem esta doutrina a seus filhos? *Sim, para fazêl-os perfeitos maçons.*

Diremos adiante que a Fr.·.-Maç.·. não descança completamente nas mães para formar o caracter de seus filhos e tornal-os homens *intelligentes e fortes;* ella quer dirigir isto por si e preparar estes pobres meninos á sua imagem e semelhança. É por isto que ella acaba a sua obra demolidora na familia: é assim que ella acha o meio de corromper as gerações nos seus primeiros germens e comprometter o futuro, fazendo caminhar a *morte na sua frente.*

É mister confessal-o, nada patentêa mais evidentemente a mão perfida do *inimigo* do que esta decomposição da familia, o elemento constitutivo da sociedade. Perturba-se o espirito e aperta-se o coração em presença d'este systema diabolico tão fatalmente executado.

CARTA DECIMA NONA

A Fr.·.-Maç.·. nega o direito de propriedade e de herança

Senhor.

Temos já tido occasião de apreciar quanto se enganava a Fr.·.-Maç.·. sobre a condição da sociedade, a natureza da familia e as necessidades do individuo. Ella vai dar-nos uma nova prova rejeitando o *direito de propriedade e de herança.*

Em primeiro lugar para destruir a propriedade funda-se sobre uma igualdade chimerica e impossivel, que deveria, conforme á sua doutrina, existir entre todos os homens... Como se Deus não houvera em todas as cousas estabelecido a desigualdade, a diversidade e distincção! Como se a desigualdade não fôra uma condição essencial ao corpo moral que se chama sociedade, como a todo o corpo physico! Como se esta desigualdade não fosse o resultado necessario da liberdade do homem, que Deus deixou senhor da sua sorte, e que em todas as cousas pela fortuna, sciencia, e virtude, deve nos designios de Deus obrar, trabalhar e por assim dizer educar-se a si mesmo!...

Quanto á *propriedade* é o laço da sociedade, o fundamento sobre que a familia se apoia, o grande mobil das

acções do homem, a razão do seu trabalho, e o fim legitimo das suas tendencias: é o sonho mais suave que tem um pai pela sua familia: trabalha para garantir-lhe uma fortuna honesta, um futuro honroso. Destruir a propriedade seria romper todas as carreiras, que não teriam mais fim nem objecto: extinguir a emulação sem a qual tudo esmorece e definha: seria seccar a fonte de todas as iniciativas. Pois esta verdade elementar finge a Fr.·.-Maç.·. não comprehendel-a: é assim que prosegue na sua obra de destruição: porque supprimindo a propriedade, isola o individuo, extirpa a familia e decompõe a sociedade.

Mas para condemnal-a com conhecimento de causa deixemos que ella nos revele o seu pensamento sobre este ponto importante.

«A primeira das disposições fundamentaes da Ordem, diz o Jornal Maç.·. de Vienna, é de não conceder valor ao homem, senão em harmonia com as disposições da natureza, que nos fez seres da mesma especie, cidadãos d'um só e mesmo mundo, possuidores do mesmo solo, filhos d'uma só mãi.» (P. 130). «Entretanto esta *igualdade* soffre muitas excepções na terra, e é debalde que ella foi proclamada pela Fr.·.-Maç.·. como divisa propria: ficou no estado de letra morta, e até os FFr.·.-Maç.·., pelo menos os que são proprietarios, tratam muito pouco de chegarem á divisão dos bens. Tal é comtudo a logica dos principios, que cedo ou tarde se lhes tiram as consequencias derradeiras. É o que tem acontecido n'esta materia.

«Toda a terra, diz o I.·. Fichte, é um bem commum. O direito de propriedade constituiu-se e firmou-se pela astucia, e o poder arbitrario é a origem de toda a tyrannia e dos males publicos. Só desapparecerão estas pela repartição igual de todos os bens.» (Beitrage zur Berichtigung, p. 45). «Os direitos do homem sobre a terra commum são mais antigos e sagrados do que todos os contractos e costumes. É necessario restabelecer estes direitos: é mister romper estes contractos: é indispensavel derogar estes costumes. Na so-

ciedade humana quem não trabalha perde o direito á alimentação. Esta regra tem tanta applicação aos ricos como a todos os homens.» Estes principios da Fr.·.-Maç.·. allemã foram adoptados pela loja de Liège. Eis aqui como em um programma enviado á loja dos Philadelphos de Londres ella formulava o seu pensamento: «Para chegar ao fim, que nos propomos, é necessario abaixar o orgulho do dinheiro e dos privilegios—igualar as fortunas pelo equilibrio proporcionado dos salarios—transformar a caridade para os pobres, que humilha, pelo direito dos pobres, que exalta.» (V. Patria de Bruges, 30 de dezembro de 1866).

Tal é o fim mais ou menos claramente expresso d'estas differentes sociedades fundadas com os nomes de Alliança universal, Alliança dos povos, Alliança republicana universal, Confederação maçonica universal, etc. etc.

Entre os flagellos que affligem a humanidade, a Alliança dos povos de Neuchatel (1850) menciona em primeiro lugar, os reis, os nobres e os ricos. Sobre estas tres classes, segundo o seu calculo, a humanidade poderia fazer uma economia de sete milhares (9:260.000.000.000 réis): um milhar sobre os reis, dous sobre os nobres, quatro sobre a aristocracia do dinheiro ou finanças. Mas para isso, diz o redactor, «é mister que o exterminio se estenda do Tejo ao Oural, do Oceano ao mar Negro, e que seja bastante completo para aniquilar não só estes flagellos mas até os elementos de que elles se compõem.»

Entretanto estava reservado a um filho perdido da Maç.·. e uma das seitas, que ella gerou da sua substancia e nutriu com o seu leite, dar ao grande principio da *igualdade* todo o seu desenvolvimento logico, e fazer entrar na região dos factos e da pratica estas theorias um pouco vagas. Encarregou-se d'isto a *Internacional*. Talvez fosse mais longe do que não quereria sua mãi, mas elle só procurou explicar os principios tão solemnemente proclamados pela Fr.·.-Maç.·.

«Nós pedimos, diz a Internacional, orgão das secções belgas, a legislação directa do povo para o povo, a entrada

do solo na propriedade collectiva, a abolição do direito de herança individual para os capitaes e os instrumentos do trabalho.» (27 de março de 1869).

«A propriedade individual, paralysando o desenvolvimento da sociedade e consagrando a injustiça e desigualdade, o congresso de Basiléa pela maioria de 54 votos contra 44, declarou: 1.º que a sociedade tinha o direito de abolir a propriedade individual do solo e de fazel-o entrar na communidade: 2.º que havia *necessidade* de fazer entrar a propriedade do solo na propriedade collectiva.»

«Eu requeiro, disse Bakounine ao congresso, a *liquidação social,* e por liquidação social entendo a *expropriação de todos os actuaes proprietarios.*» (Testa, p. 11).

No programma enviado na occasião das eleições de 1869, a Igualdade, jornal da Internacional em Paris, pedia a *expropriação de todas as companhias financeiras e apropriação pela nação para transformal-os em serviços publicos, o banco, os canaes, caminhos de ferro, os transportes, seguros, minas.*»

A instituição da herança foi classificada pelo congresso de Basiléa como *anti-igualitaria e anti-fraternal.* «A herança, diz a Igualdade de Genebra, quando mesmo não tivesse senão *o vicio de perpetuar as aristocracias,* de que é o ponto de partida, entregando a *uma minoria ociosa, parasita* o producto do trabalho collectivo, seria já sufficiente para devermos eliminal-a da nossa organisação futura: mas não é tudo. A herança *são os grilhões da escravidão dos povos;* é origem de questões e pleitos: é a California da magistratura, a ruina das familias e individuos: se olharmos attentamente vêr-se-ha que a herança é que produziu esse monstro, que se chama egoismo.» (Igualdade, 12 de junho de 1869).

«Se alguns paes mais activos e intelligentes que outros, diz tambem outro jornal do partido, e que houvessem reunido alguns bens de fortuna, podessem, legando-os a seus filhos constituir para estes um privilegio especial, a solidariedade

seria ferida no coração. Seria o mesmo que declaral-a inefficaz, insufficiente, e por tanto *negar a justiça* cuja consequencia é. *Ou a solidariedade é um direito,* uma necessidade: ou é uma chimera: no primeiro caso é necessario abraçal-a com confiança: no segundo é mister sujeitar-se ao que se tem querido chamar a *liberdade individual,* isto é, o egoismo, o exclusivismo, a divisão dos interesses, os sentimentos acanhados e absolutos da familia e do patriotismo.» (Progés do Locle, 29 de janeiro de 1870).

«Igualitarios convictos, queremos chegar á igualdade, não pela liberdade politica, liberdade ridicula que deixaria subsistir esta escravatura civilisada, que se denomina *proletariado,* mas pela abolição do direito de *herança,* meio seguro e decisivo.» (Igualdade, 13 de março de 1839).

Os diversos motivos, sobre que, segundo a Internacional, se funda a abolição da propriedade e herança são expressos nas conclusões ao relatorio feito no congresso de Basiléa pela commissão incumbida d'examinar a questão do direito de herança, conclusões admittidas unanimemente pela commissão. (19 de setembro de 1869).

« Considerando que o direito de herança, que é elemento inseparavel da propriedade individual, contribue para alienar a propriedade territorial e a riqueza social em proveito de alguns e detrimento do maior numero, que, por consequencia, o direito de herança é um obstaculo a que o solo e a riqueza social entrem na propriedade collectiva:

«Que, por outro lado, o direito de herança, embora seja restricta a sua acção, constitue um privilegio cuja maior ou menor importancia não destróe a *iniquidade* quanto ao direito e é uma *ameaça incessante* ao direito social; e que, demais, o direito de herança, em todas as suas manifestações, na *ordem politica* como na *economica* é elemento essencial de todas as desigualdades, porque obsta a que os individuos tenham os mesmos meios de desenvolvimento moral e material:

«Considerando emfim que o congresso se pronunciou

pela *propriedade territorial collectiva* e que esta deliberação seria illogica se não fosse seguida da sua correlativa:

«O congresso reconhece que o direito de herança deve ser completo e radicalmente abolido, e que esta abolição é uma das condições mais indispensaveis para se attingir a independencia do trabalho.»

As conclusões da commissão, submettidas á votação, apenas obtiveram em seu favor no congresso 32 votos, 27 foram-lhe adversos e houve 17 abstenções. (V. Internac. 19 de setembro de 1869. Mirabeau 7 de novembro de 1869).

É assim que estes ousados e temerarios utopistas gastam o seu espirito (e sem duvida muitos o possuem) a construir, como se costuma dizer, *castellos* em Hespanha ou antes no ar. Pensam poder constituir a familia, a nação, as sociedades sem alicerce: levantar os muros do edificio sem cimento: assegurar-lhe a solidez supprimindo os angulos destinados a ligar as diversas partes do edificio e as pilastras que sustentam as abobadas. Sua obra terá a sorte da torre de Babel: serão confundidos e humilhados: mas se não tem o poder d'edificar, podem comtudo fazer ruinas. A sociedade dividida, trazendo em seu seio dous meninos que se guerream, soffrerá por muito tempo ainda as dilacerações d'esta luta fratricida.

Se o proletario conseguisse destruir a propriedade morreria em breve ás suas proprias mãos: a sua victoria terminaria no suicidio. Se o proprietario vence, sahir-lhe-ha caro o triumpho: pagal-o-ha por um deploravel enfraquecimento do corpo social de que é membro, pelo sacrificio d'uma porção maior ou menor das forças vivas do paiz. Mas o que é mais triste ainda é o odio e a rivalidade que vão dividir os corações e armar uns contra os outros os que deviam amar-se e auxiliar-se reciprocamente. «Podem os olhos dizer á mão: não careço dos teus serviços? Póde a cabeça dizer aos pés; não me sois necessarios? Póde o pé dizer: visto que não sou a mão, não pertenço ao corpo? Se todo o corpo fosse olhos, onde estaria o ouvido? Se todo ouvidos onde o olfa-

to? Mas Deus estabeleceu muitos membros e demarcou a cada um d'elles o seu lugar no corpo.» (L. Cor. 12).

Aqui está como falla S. Paulo apresentando-nos, sob a imagem do corpo humano, todo o plano providencial de Deus na composição do corpo moral a que se chama *sociedade*. Nada mais simples, veridico e conveniente.

Como é que idéas tão sublimes e luminosas na sua simplicidade não sejam comprehendidas?

Aonde nos tem conduzido o supposto progresso de luz, senão ás trevas e á noite? Que civilisação nova é esta, que na sua insensatez faz esquecer a dos povos sepultados na idolatria, e cujas enormidades insurgiriam os selvagens mesmos? E no entanto V. ouve o que se diz nos nossos dias; o programma d'estes homens consiste em reconstruir a sociedade depois de seis mil annos d'existencia, porque, segundo elles dizem, a constituição d'ella tem sido anormal até hoje, assentando na injustiça!

Antes de concluir, não será sem interesse vêr estes homens a estudar minuciosamente o seu programma, preoccupando-se da sorte que espera os ricos e os burguezes n'este novo estado de cousas.

«Que será dos burguezes, quando a revolução social os haja expropriado por motivo d'utilidade publica como elles fizeram em outro tempo á nobreza e ao clero?

«Não podemos responder de certo, mas é crivel que a nova ordem de cousas lhes dê, segundo a expressão de um dos nossos amigos, um bem infinitamente mais precioso, o trabalho bem pago á discrição de fórma que não sejam mais obrigados a viver do trabalho dos outros, como tem acontecido até ao presente. No caso d'incapacidade de trabalho de sua banda, o que acontecerá pela maior parte, visto que elles nunca aprenderam a servir-se dos seus dez dedos, muito bem?

«E então?... dar-se-lhes-hão vales de sopa.

«Mas é muito pouco, gritarão elles.

«Muito pouco, responderão os operarios, muito pouco,

trabalho bem pago á discrição, e sopa para os invalidos!... Sois difficeis: pois no vosso tempo com isso estariamos contentes.» (Igualdade — 27 de novembro de 1867).

Façamos comtudo justiça á Internacional: n'esta ainda ella foi precedida pela Fr.·.-Maç.·. Já ouvimos o I.·. Fichte enunciando sobre a propriedade idéas que os nossos socialistas se esforçam para realisar. Tambem elle se preoccupou da sorte futura do burguez no reinado do *socialismo* ou *communismo*. Ouvi o que em favor d'esta classe lhe suggere a terna solicitude. O escriptor allemão não é de tão facil composição como a Internacional.

«Na sociedade humana, diz elle, quem não trabalha não tem direito á alimentação... É necessario pois que o rico trabalhe: a ninguem é permittido deixar inertes as suas forças para viver do producto das forças dos outros... Fixar-se-ha aproximadamente o tempo que é necessario a um homem que tem vivido na ociosidade para chegar a prover-se do necessario; até esse tempo deve dar-se-lhe o preciso uma vez que seja constante e se dedique seriamente á tarefa... Pouco a pouco, se irão reduzindo as suas necessidades e se lhe deduzirá todos os dias alguma cousa da congrua, que se lhe concedeu, até que as suas precisões se igualem com as de todos, e que o equilibrio se restabeleça entre todos os membros da communidade.» (Obra supracitada).

Concluamos. Uma sociedade sem alicerce nem base, porque supprime-se Deus e a immortalidade da alma: *sem regras nem leis* porque exclue-se a religião: *sem chefe nem poder* porque proclama-se a independencia pessoal e só subsiste o *principio de liberdade individual:* sem familia porque destroe-se: sem cohesão, laços, emulação, interesse e vida porque supprime-se a *propriedade* e o direito hereditario: eis o sonho da Fr.·.-Maç.·. e a obra prima que forceja para realisar.

Ha outra cousa que ella aniquila, fenecendo com todo o resto, é o amor da patria, o verdadeiro patriotismo.

Remetto este assumpto para a outra carta.

CARTA VIGESIMA

A Fr.·.-Maç.·. é anti-patriotica e anti-nacional

Senhor.

Ainda que todos os homens tem a mesma origem e descendem d'um pai commum, segundo a carne: posto que todos, na ordem sobrenatural, tenham só um salvador e sejam chamados a formar um corpo unico em Jesus Christo, mediador e chefe, não quiz Deus que na terra elles constituissem um só reino, e fossem subditos d'um imperio unico. A *centralisação* completa só no céo póde existir sem inconveniente; e a Providencia teve cuidado de refutar com antecedencia todas estas utopias modernas e projectos extravagantes dos nossos idealistas politicos. A pluralidade dos continentes separados entre si por mares immensos: a diversidade dos climas e portanto das constituições: a variedade das producções da terra: a differença das linguas: a configuração do solo que levanta barreiras, ou abre uma linha de separação entre um e outro povo: todas estas cousas concorrem para multiplicar os estados, e estreital-os em certos limites. O governo torna-se mais facil: o laço dos interesses communs, que une os subditos entre si é mais apertado, as relações mutuas

mais faceis e frequentes, as ligações d'amizade, affinidade, parentesco, mais numerosas: a circulação do sangue em todos os membros faz-se mais regularmente, em uma palavra, a unidade da vida é mais completa: a nação é como uma grande familia. Nasce d'aqui o amor da patria: este amor entra no plano da Providencia, funda-se na razão e natureza das cousas: é uma virtude, porque a caridade deve ser ordenada, e devemos amar mais a nação, o povo, o paiz a que pertencemos, aquelles com quem temos relações mais intimas, e cuja sorte é de alguma maneira confundida com a nossa propria.

Pois, acreditar-se-ha? A Fr.·.-Maç.·. não comprehendeu esta verdade tão antiga como o mundo, baseada na natureza humana.

Gloria-se de não ser *nacional* mas *cosmopolita*. A *patria* desappareceu diante da grande *figura* de Maç.·. e no seu pensamento, a qualidade de M.·. deve dominar todo o resto e absorver qualquer outra qualidade.

A Fr.·.-Maç.·. fórma um *estado* no *estado*. Pela sua constituição é um *estado acima do estado*, e eu digo que é um estado contra o estado. A Maç.·. se incumbirá da demonstração.

Sim, a Fr.·.-Maç.·. é estado no estado. É uma sociedade que tem seus designios e fim, meios e acção, organisação e funcções *fóra do estado*. Tem politica, principios, religião e leis independentes do estado, e o que mais grave se torna, desconhecidos para o estado, mysteriosos para o governo. Foge aos olhos dos principes mais esclarecidos pelas suas lojas trazeiras e doutrinas com dupla interpretação. Foge-lhe pelo segredo que a rodeia, consagrado e garantido por juramentos terriveis e pela sancção não menos temerosa, que se lhe addiciona.

Uma sociedade n'estas condições não fórma um estado no estado?

Em quanto todas as demais sociedades, a familia, a igreja, o estado se manifestam á vista de todos, funccionam pu-

blicamente, são sujeitas ao exame de todas as vistas, a Maç.·. esconde-se na sombra: obra no mysterio: como as aves nocturnas, que não podem soffrer os raios do sol, só na obscuridade está á sua vontade, só nas trevas profundas tem vida: e por isso toda a inspecção séria e efficaz é impossivel. Não é anormal e perigosa semelhante situação? Não será um perigo para o estado uma sociedade *secreta* composta de homens influentes numerosos, audazes, que trabalham ás occultas e se rodeiam do mysterio? Poderá um governo prudente vêr sem apprehensão alargar-se no seu seio tal sociedade, que professa principios suspeitos pelo menos, mantem-se em independencia completa e exercita um poder tanto mais formidavel quanto é occulto?

Disse em segundo lugar que a Fr.·.-Maç.·. pela sua *constituição* era um *estado acima do estado*. Em verdade ella mesma o diz, que apesar da diversidade dos ritos, é uma só no seu fim, espirito, principios e segredos. Ella é *universal* nas suas tendencias. «A Fr.·.-Maç.·., dizem as constituições, aspirando a estender a todos os membros da *humanidade* os laços fraternos que unem os FFr.·.-Maç.·. sobre toda a superficie do globo, a propaganda Maç.·. pela palavra, pelos escriptos e pelo bom exemplo é recommendada a todos os membros, cujo numero é illimitado.»

«Conforme ao seu testemunho ella é uma instituição cosmopolita, pertence a todos os cultos e paizes.» Mas seus planos nol-a revelam ainda melhor. «Eu creio na solidariedade da humanidade, nos deveres d'um para outro povo, e nos de cada individuo, não só com relação ao seu paiz mas ao mundo inteiro.»

Assim falla a *Alliança republicana* (New-York, 1867).

«A idéa Maç.·., diz pela sua vez a Maç.·. italiana, sempre esclareceu a humanidade no caminho do progresso: é esta idéa, que se pronunciou pela unidade do genero humano, pela unidade da fé no principio da liberdade democratica e da mutualidade fraterna.» (O Gr.·.-M.·. de Luca. Turim 1.º d'agosto de 1865. Discurso a todos os fieis derramados na

superficie do globo). «O fim da Maç.·., dizem os Maç.·. francezes, é fazer de todo o genero humano uma só e mesma familia de irmãos.» (I.·. Rebold).

Os differentes nomes sob que se alistam os adeptos nos confirmam esta verdade: Confederação Maç.·. *universal*, Alliança christã, Alliança republicana universal. É o que a internacional expõe com evidencia. «A questão social não podendo ter solução definitiva e real, senão na base da solidariedade universal e internacional dos operarios de todo o mundo, a Alliança repelle toda a politica, que se funda no chamado patriotismo e na rivalidade das nações.» (Alliança, julho de 1849).

É em virtude d'este principio que o Maç.·. para qualquer parte que vá, encontrando-se com FF.·.-Maç.·. póde usar do seu titulo e contar sobre o seu sympathico auxilio.

«É prescripto ao M.·. em todas as circumstancias, auxiliar, esclarecer e proteger seu irmão, até com risco da sua vida, e defendel-o contra a injustiça.» (Const. Art. 6).

Estas expressões são tão geraes, formaes e claras como se podem desejar. E' facil comprehender agora o que eu entendo por *estado acima do estado*. Não é a Fr.·.-Maç.·. que está no estado, é o estado que está na Fr.·.-Maç.·. porque esta sociedade, mais extensa do que todas as outras, é *universal* e *cosmopolita*. Estabelecida para combater a *Igreja catholica* ella quer ser catholica.

Os outros homens estão unidos pelos laços de parentesco, nacionalidade e profissão da mesma religião. Para o Fr.·.-Maç.·. ha um laço mais forte do que todos os laços. É membro da Fr.·.-Maç.·., esta é a sua familia, sua patria, e religião: esta qualidade prima sobre todas as demais.

Não nos será difficil provar que a Fr.·.-Maç.·. constitue um *estado contra o estado*. Com effeito quer V. saber quaes são as consequencias praticas do grande principio Maç.·.? Ouça: «Entre os maçons, diz o I.·. Bouilly, a força dos laços fraternos é tão energica que ella se exerce até entre os que se acham divididos pelos interesses da patria.» E endereçan-

do-se aos maçons, que, em tempo de guerra estão nos exercitos, acrescenta. «Não distingaes nação nem uniformes; vêde só irmãos, pensai nos vossos juramentos.» (V. O Globo, t. IV, p. 4. I.·. Bouilly, Gr.·. M.·. immediato da Ord.·. Maç.·. em França. Minhas recapitulações).

«A maçonaria une todos os homens entre si. Tem-se visto combatentes sobre o campo de batalha prestes a degolarem-se, fazerem um signal e suspenderem-se: porque as proprias leis inexoraveis da guerra tem vergado sob o poder maçonico: e é talvez a prova palpavel da sua immensa força. A guerra arrasa as cidades e os estados, é a destruição geral; e o que nem os reis, nem as cidadellas, nem os grandes capitães podem fazer, para suster seus estragos, um signal, um emblema os faz parar, uma só palavra suspende a matança. Mas, cousa mais maravilhosa ainda, a este signal veneravel se tem visto os combatentes depôr as armas, dar o beijo d'união, e de inimigos que eram tornarem-se no mesmo momento amigos e irmãos, como lhes prescreviam os seus juramentos.» (Globo, t. III, p. 440. I.·. Lefebvre d'Aumale, Oração no Gr.·. Or.·. de França).

O que o o I.·. Lefebvre d'Aumale dizia na festa de 24 de junho de 1841 da força dos juramentos maçonicos nos combates sobre a terra, vêmol-o formalmente applicado, sob a fórma de regulamento, pelo supremo conselho do 33.º e ultimo grau (18 d'abril de 1842) aos combatentes maritimos. Eis aqui os termos d'este regulamento:

«Art. 3.º Todo o capitão maçon é authorisado para arvorar, em caso de perigo, um pavilhão maçonico nos seus mastros: este pavilhão deve ser quadrado, tendo desenhadas em azul sobre fundo branco: duas mãos levantadas e estreitadas em signal d'afflicção, tendo a cruz por cima.

«Art. 4.º O pavilhão assim descripto cobre toda a equipagem e reclama soccorro de qualquer irmão que possa descobril-o. Não acudir a este signal é faltar ao dever da fraternidade e da honra maçonica.

«Art. 7.º A parte d'este decreto que determina o estabe-

lecimento e disposição do pavilhão será annunciada ás nossas officinas e irmãos de todos os ritos e obediencias.» (Extr. da deliber. do Supr.·. Cons.·. de França. Rito escocez, 18 d'abril de 1842).

«O Mundo maçonico (fasciculo de 7 de setembro de 1862) menciona que a Grande Loja de Hanover promulgára um decreto pelo theor d'este a respeito do pavilhão d'afflicção. Acrescenta que se o regulamento supracitado não teve em França todo o seu effeito, deve attribuir-se á cruz que ahi se encontra e não é signal maçonico.

«Aos que quizessem dizer que este regulamento não tem referencia aos combates navaes, M. Eckert responde que só n'este caso elle tem sentido: e com effeito fóra dos combates ha signaes convencionaes, que sendo reconhecidos pelo direito das gentes obrigam quem quer que os descobre a soccorrer os desgraçados e a que todo o homem de bem se apressa a obedecer.» (A Fr.·.-Maç.·. na sua verdadeira significação, t. I, p. 139). Não é necessario ser maçon para este fim, e o Mundo maçonico, que citamos, não o entende por outro modo. (V. Nota VII no fim da carta).

Eis aqui o que se passou na guerra da Prussia contra a Austria.

Lêmos no *Monde* de 22 de julho de 1866.

«Os prussianos foram principalmente auxiliados pela traição. O rei de Hanover foi trahido. Os bavaros infamemente abandonaram os hanoverianos quando facilmente teriam podido dar-lhes a mão. A attitude dos badenses mais do que o resto contribuiu para paralysar o oitavo corpo d'exercito.

«Todos estes factos são indiscutiveis e merecedores de severo reparo quando os aproximamos d'outro facto não menos evidente: quer dizer o enthusiasmo, boa vontade e bravura d'estes pequenos exercitos, que foram entregues um após outro a um inimigo superior em numero.

«Quem são estes traidores e onde estão elles? No Hanover foram pouco numerosos, mas infelizmente muito po-

derosos, porque dispunham das munições e antes do rompimento das hostilidades da alta direcção dos negocios militares.—Na Baviera e em Baden foram os governos que atraiçoaram ou os seus agentes mais importantes, o que vem a dar na mesma cousa. Ora deve observar-se que onde estas traições appareceram havia franc-maçons, e o numero e importancia d'essas traições foi sempre na razão directa do numero de filiados no Grande Oriente.—Nada é mais natural porque quem fazia a guerra na Allemanha era o Grão-Mestre da Ordem.

«Tem-se disputado muito ácerca dos perigos da seita maçonica, mas era difficil deparar com argumento mais terrivel em favor dos que professam as crenças da igreja catholica. Sim, quem quer que tenha podido ou querido vêr de perto o que acaba de passar-se na Allemanha, tem devido adquirir a convicção que todos os pobres soldados do exercito federal foram entregues ás execuções militares da Prussia pelos altos franc-maçons dos paizes que a Prussia atacava.

«Estes franc-maçons como taes estavam sujeitos ás ordens do principe que procurava derribar os seus soberanos legitimos, e entre o juramento do seu emprego e o da sua conjuração não hesitaram. Elles eram além d'isto irmãos e cumplices dos italianos, e nenhum d'elles foi retido pela idéa de que um allemão não podia sem vergonha ligar-se a estrangeiros contra esta patria allemã de que fallam com tanto enthusiasmo.»

Para que o fio das tradições se não perca e saibamos que o espirito e as regras da Maç.·. não tem mudado, lêmos no *Univers* de 13 de junho de 1871 o seguinte:

«O que não se tem ainda observado é que os FF.·. Maç.·. ás ordens da Internacional e da Communa de Paris, encontravam em alguns dos chefes do exercito de Versailles, II.·. que os auxiliaram no cumprimento da sua missão. É sempre o mesmo em todas as occasiões.

«Os *communosos* aprisionados na defeza das *barricadas* ou no incendio das casas e monumentos de Paris, os di-

versos dignitarios do *Hotel de Ville* e os da commissão federal, conduzidos a Versailles, encontram em todas as nossas administrações e até na magistratura II.·. na Maç.·. que se desvelam em protegel-os.»

«O que referimos por extenso com relação ao exercito, reproduz-se em certos termos no exercicio da justiça pela *magistratura*. Seria licito duvidar d'isto razoavelmente.»

«Os Annaes da Ordem maçonica, diz o jornal de Bruxellas (18 de novembro de 1866) revelam-nos a este respeito factos singulares. Homens culpados de crimes averiguados, de conspirações contra a segurança do estado, cahem nas mãos da justiça e são declarados innocentes, ou mãos invisiveis quebram suas algemas e os restituem á liberdade. Encontram amigos e cumplices em toda a parte, entre os seus juizes, altos funccionarios, ministros, generaes, governadores: e até entre os seus carcereiros no fundo das prisões: toda a gente lhes presta auxilio ao nome temido da Fr.·.-Maç.·.: é o que resalta da vida de João Wil, escripta por elle mesmo, cuja analyse se acha na obra do abbade Gyr.» (A Fr.·.-Maç.·. tal como é, p. 167).

Parece isto bastante para provar o que affirmei. A Fr.·.-Maç.·. mesma nos assevera que não é *patriotica*. Para ella a religião, a nação e familia desapparecem perante a grande figura da Maç.·., todos os laços estão subordinados aos Maç.·., todas as obrigações e deveres se riscam ante os juramentos sacrilegos, a que se sujeitaram.

Não só ella não é patriotica mas é essencialmente antinacional, porque em virtude da sua constituição fórma *uma sociedade na sociedade, um estado no estado:* porque em virtude dos seus principios ella é superior ao estado, está acima d'elle: emfim em virtude das suas leis e regulamentos, *calca aos pés os interesses do estado* e obriga os seus membros a atraiçoal-o.

Termino esta materia pela profissão de fé d'um jornal de Nova-York (O Libertario) que expõe uma doutrina infernal em estylo digno de Lucifer.

«O *Libertario* não tem patria, senão a patria universal: é inimigo das fronteiras: inimigo das fronteiras nacionaes (propriedade do estado): das fronteiras dos campos, das casas e officinas (propriedade particular): das fronteiras da familia (propriedade marital e paternal). Para elle a humanidade é um só e mesmo corpo cujos membros tem um mesmo e igual direito ao seu livre e inteiro desenvolvimento, quer sejam filhos d'um continente ou do outro, que pertençam a este ou áquelle sexo, a esta ou áquella raça.

«O Libertario não tem religião alguma: é protestante contra todas: professa a negação de Deus e da alma; é atheu e materialista, visto que affirma a unidade universal e o progresso infinito, e que a unidade não póde existir nem individual nem universalmente com a materia escrava do espirito e o espirito oppressor da materia, como o progresso não póde ser infinitamente perfectivel se elle fôr limitado por essa barreira onde os *humanicidas* traçaram com sangue e lama o nome de Deus.»

Ha ainda outra consideração que me parece muito grave e que penso dever submetter a V., porque no meu pensamento ella completará a minha demonstração. É o assumpto *que vou tratar*.

NOTA VII

A fraternidade maçonica e as leis da guerra

Eis como se explica outro Fr.·.-Maç.·. o l.·. Duplaix. (Globo, t. IV, p. 216). «Entre os nossos irmãos que seguem a bandeira de Marte vejo dous guerreiros, que se arrastam impellidos pelo seu furor cego, ameaçam-se de longe, agitam na mão um gladio mortifero. A sanha está no seu auge; a raiva presta-se nos olhares ferozes; estão a ponto de chocarem-se. Um sentimento secreto porém os suspende: um signal, um grito, que partiu de um dos combatentes, aniquilam o furor que os animava: elles voam um para o outro, mas é para trocarem o beijo fraterno.»

É porém a pratica conforme á theoria, me perguntaes vós? Não pretendo aqui

que os regulamentos Maç.·. obtenham sempre pleno e perfeito cumprimento, mas tambem não são letra morta. «As ultimas guerras europêas contra a França (é um Maç.·. que assim falla) são ricas de exemplos em que o aggressor abateu as armas, e o official suspendeu a tropa para salvar um irmão que descobriu sob o uniforme.»

Não quero tratar esta questão a fundo, mas a accusação intentada aqui contra a Fr.·.-Maç.·. é por tal modo grave, revolta tão energicamente o sentimento patriotico, semelhante crime introduziria taes transtornos no systema do direito das nações e das leis da guerra, que me parece necessario depôr aqui provas sufficientes d'uma asserção que pareceria incrivel: extrahimos estas provas dos proprios escriptores Maç.·.

Lê-se o seguinte nos Annaes Maç.·. dos Paizes-Baixos (t. II, p. 52-54):

«Na batalha de Waterloo, a 18 de junho, no meio d'uma carga furiosa de cavallaria, um official belga reconheceu diante de si um dos seus irmãos d'armas com quem elle se tinha encontrado outr'ora na loja. Felicitava-se de achar-se longe d'elle para não dever acommettel-o, quando o viu cercado e ferido. Então esquece tudo. Precipita-se para elle e liberta-o com risco de passar por traidor. No mesmo dia dous officiaes inglezes commandavam uma escolta, que conduzia muitos centenares de prisioneiros francezes, cujos officiaes se fizeram reconhecer por maçons. Para serem fieis á sua palavra Maç.·. os officiaes inglezes prepararam-se para defendel-os contra os prussianos: e custará a crêr, que é verdade que o combate se travára entre os vencedores (inglezes e prussianos) quando um general prussiano o fez cessar.»

A revista M.·. Latomia (t. II, p. 180) narra igualmente o facto seguinte, do tempo da guerra que teve lugar em Hespanha pelos francezes sob Napoleão I.

«Os dous exercitos (francez e hespanhol) achavam-se em frente de Salamanca. Um regimento francez havia formado um quadrado: mas apenas esta manobra se concluiu, as balas de fusilaria e d'artilheria começaram a batel-o. O chefe Dupuy foi ferido mortalmente, mas para salvar o regimento fez o signal de afflicção. O chefe inimigo vê-o, e logo cessa a carnificina. Os que podem fazer-se reconhecer como Maç.·. são internados na cidade visinha sob sua palavra de honra: fornecem-lhes vestidos, dinheiro, todas as provisões necessarias: e estes bravos devem tudo isto á generosidade d'um homem, que não tinha com elles outra ligação senão a do juramento maçonico.»

Mas que necessidade temos nós, observa M. Neut (t. I, p. 250) de recorrer a factos d'uma data tão remota? Não vimos nós na ultima guerra do Piemonte, com as Duas Sicilias uma serie de acontecimentos, que só podem explicar-se pela traição e perjurio de homens, que, para serem fieis a outros juramentos, violam os prestados ao seu soberano e á patria? Que vimos na Italia? dizia M. Rogier, ministro dos negocios estrangeiros na Belgica. «Um punhado de homens audazes declaram um dia que dentro de algumas semanas se apossariam da Italia, e o quê dizem, fazem-no. Em parte nenhuma encontram resistencia seria: as muralhas cahem, abrem-se as cidades, aluem-se os thronos diante d'elles.» (Annaes parlam. 21 de dezembro de 1861).

Nunziante entrega os seus regimentos ao Piemonte: *Persano* a esquadra e *Liborio Romano* a capital. Ah! é porque, como o diz M. Barruel fallando dos francezes diante de Malta, em 1798: «elles não tinham ahi senão irmãos para abraçar e não inimigos para vencer.» Aconteceu o mesmo entre os garibaldinos e piemontezes, na occasião da sua facil conquista do reino das Duas Sicilias. A *fraternidade* que reinava entre os membros das sociedades secretas dos dous campos tinha regulado tudo d'antemão, de modo que um dia por descuido annunciou-se a victoria antes do combate.

Assim um despacho telegraphico datado de Turim a 3 de novembro de 1860 an-

nunciava a entrada dos piemontezes em Mola-di-Gaeta, a qual só se verificou no dia immediato, por causa d'um impedimento imprevisto, de que não havia noticia em Turim. «Eu quiz, dizia ao senado a 4 de maio de 1861 o tenente-general Chazal, ministro da guerra na Belgica, quiz saber o que se havia passado em Gaeta: mandei alli officiaes e soube que a praça se tinha rendido por uma serie de desastres, originados na *infamia e na traição*. Parece averiguado, que o official, que tinha construido o principal paiol da fortaleza, tolerára fraudes e defeitos na execução da cantaria. Durante o assedio, o official passou-se para o inimigo, e foi sobre as suas indicações e as de outros transfugas, que os sitiadores dirigiram o fogo sobre o paiol e o fizeram voar.» (Ibid.)

O Freemason's Magazine citado pelo Mundo Maçonico do mez de dezembro de 1865 (p. 495) cita o seguinte facto: «Na ultima guerra d'America, um Franc-Maçon, alistado no exercito do Norte foi aprisionado pelos do Sul, e, depois de ser despojado do que trazia, ia ter a sorte dos seus companheiros de armas, que acabavam de ser fusilados, quando os symbolos maçonicos gravados sobre o seu relogio o fizeram reconhecer como pertencente á loja, por um official do Sul, tambem Franc-Maçon. Logo este armando-se com um rewolver, declarou que se não attentaria contra a vida do prisioneiro senão depois de lhe haverem arrancado a propria. Depois de me ter desveladamente recommendado, diz o prisioneiro, a uma escolta que incumbiu de conduzir-me são e salvo ao quartel general, onde ia annunciar-me, partiu ao galope.

«Apenas elle estava fóra de vista appareceu um commandante e deu ordem a um official, que o acompanhava, de mandar-me conduzir ao bosque visinho afim de ser ahi fusilado.

«Por felicidade o official a quem se dirigiu reconheceu no annel que eu tinha no dedo certos emblemas maçonicos. Dirigiu-me varias perguntas, a que respondi exactamente. Como elle proprio era maçon não se resolvia a cumprir a missão fratricida, de que estava encarregado, sem ao menos empregar os meios para salvar-me. Após alguns instantes de conferencia com o commandante, a quem declarou que eu pertencia á grande familia, ambos voltaram para mim: não só me vi salvo mas fui cheio d'attenções e cuidados.

«Em breve, graças á influencia d'estes nobres irmãos fui reenviado para as nossas linhas e nas cidades e aldeias onde nos demoramos sempre ahi estavam alguns irmãos, indagando se entre os prisioneiros se não encontravam alguns dos seus. Eu era o unico, e fui realmente o objecto dos desvelos mais fraternaes e favores mais insignes.»

«É pena, diz Mirabeau (na sua historia da monarchia prussiana publicada em 1788) que Frederico II não levasse o seu fervor até tornar-se Grão-Mestre de todas as lojas allemãs ou pelo menos das prussianas: o seu poder teria augmentado consideravelmente e muitas emprezas militares tomariam outra direcção se elle não se houvera indisposto com alguns dos chefes d'esta associação.» (A. Neut.)

Os signaes d'afflicção da Maç.·. nada tem perdido da sua importancia para salvar a vida aos II.·. que a guerra póde armar uns contra os outros.

Na ultima campanha do Mexico o I.·. Perin, membro da loja Boa Fé Or.·. de St. Germain-en-Laye, capitão commandante do 12.° regimento de caçadores teve a felicidade de salvar um I.·. mexicano, que sem a sua intervenção seria passado pelas armas: suspendeu os braços levantados para ferir o inimigo vencido em quem havia reconhecido um Fr.·.-Maç.·. (Boletim do Gr.·. Or.·. janeiro de 1867—25.° anno, p. 501).

CARTA VIGESIMA PRIMEIRA

Diga o que disser a Fr.·.-Maç.·. não tem por fim a beneficencia

Senhor.

É uma opinião tão generalisada que a Fr.·.-Maç.·. é uma instituição de beneficencia e que faz do allivio aos desgraçados a sua principal occupação, que penso dever restabelecer a verdade a este respeito. Sei que ella se cobre com este véo proprio para illudir os simples, e faz muito arruido com os soccorros que presta ás familias dos pobres MM.·. No artigo primeiro das suas constituições lêem-se as seguintes palavras solemnes: «A Fr.·.-Maç.·. é uma instituição essencialmente philanthropica.» E tambem: «A Ord.·. dos Fr.·.-Maç.·. tem por objecto a pratica da beneficencia, o estudo da moral universal, o exercicio de todas as virtudes.»

«Acautelemo-nos, dizia o I.·. Murat no dia da sua installação como Grão-Mestre; acautelemo-nos de perder de vista o fim a que tendemos: dar ouvidos a todos os gemidos de qualquer parte que venham, offerecer auxilio a todos os infortunios, alliviar todas as miserias, n'uma palavra, derramar beneficios sobre a humanidade inteira, eis a nossa missão.» (A Fr.·.-Maç.·., 7.º anno, p. 99).

E' um programma magnifico. Como é que a Fr.·.-Maç.·. o cumpre?

Affirmo solemnemente com a Fr.·.-Maç.·. mesma que a beneficencia não é o seu fim. Ella vai adiante e confessa que a não pratica. Ouçamos e instruamo-nos.

«A beneficencia não é o seu fim, mas apenas um dos seus caracteres menos essenciaes» disse o I.·. Favre. (Documentos maçonicos, p. 267, nota).

«Antes de entrar na Maç.·., escrevia outro, não lhe conhecia o fim *philanthropico*. As minhas idéas eram muito incompletas. Foi por isso grande o meu prazer, quando o veneravel me fez comprehender o fim essencialmente *progressista e moral* da nossa associação: quando me explicou que o seu campo d'acção era o universo inteiro: que a sua base era a *verdade*, a sua divisa a *liberdade*, a *fraternidade*, os seus inimigos o *fanatismo*, a *mentira*, a *ignorancia*. D'este modo a Maç.·. não póde rebaixar-se á classe de simples sociedade de soccorros mutuos.» (O Mundo Maç.·., fev. 1867, p. 664).

Em 1861 um membro do governo francez, Mr. de Persigny, pensou reconhecer na Fr.·.-Maç.·. uma instituição de caridade e contou-a no numero das associações de beneficencia que merecem toda a sympathia do governo pelos beneficios que derramam no paiz (Nota VIII): a Maç.·. repelliu esta qualificação, sem duvida benevola, mas que dava uma idéa falsa do verdadeiro espirito da Ordem. «*Nossos paes*, escreveram elles ao ministro, para ratificar as suas idéas, reuniram-se, ha bastantes seculos, sob antigos ritos, *não para exercer a caridade, porém para procurar a luz verdadeira*.

«Estamos certos que v. exc.ª não nos censurará por demandar este fim: ha pois grande distancia d'aqui a uma sociedade de *beneficencia*. A caridade é a consequencia de nossas doutrinas e não o *fim* das nossas reuniões.» (Documentos maç.·., p. 318).

O Gr.·.-M.·. da Fr.·.-Maç.·. com não menor energia repelle este titulo de sociedade de beneficencia. «As sociedades de beneficencia, diz elle, são numerosas: os seus es-

tatutos são differentes, e ao governo pertence o direito de nomear os seus presidentes. A Maç.·. fazendo actos de beneficencia, exige dos seus membros meritos maiores e garantias mais solidas: porque um Maç.·. não é só membro da sua loja, ou da maçonaria franceza: elle pertence á grande familia maçonica e tem por irmãos todos os MM.·. (Doc. maç., p. 304-305).

O direito é este: mas corresponde a pratica á definição que a constituição nos dava ha pouco da maçonaria?

É facil de dizer que a beneficencia é ahi exercida em sentido lato, que a sua missão é alliviar todas as miserias, derramar seus beneficios sobre a humanidade inteira. É facil para provar a generosidade da Fr.·.-Maç.·. appellar pelos *infelizes de todos os paizes da terra,* avançar que seria impossivel enumerar todos os dons collectivos ou particulares das lojas; que póde a Maç.·. chamar-se uma *irmã da caridade:* que a *beneficencia* é a alma da Maç.·.: são estas as flôres com que os MM.·. se comprazem em adornar as suas instituições. Mas se deixamos as phrases para examinar os factos, que encontramos?

Conforme a regra adoptada, deixaremos que os escriptores maçons nos digam quaes elles sejam, e o que devemos pensar a seu respeito.

A beneficencia é só a mascara destinada a cobrir o fim real, mas secreto, da Ordem. «Se esta vasta associação de philanthropos, não tivesse outro fim senão derramar sobre a humanidade soffredora a consolação e as esmolas da caridade, diz o I.·. de Branville, como se explicariam estas prohibições de nada dizer, escrever, ou imprimir sobre o seu fim tão louvavel d'esta sociedade secreta, sem incorrer nos effeitos certos d'uma vingança atroz, e expôr-se a ser degolado, arrancar-se-lhe o coração e as entranhas, ser-lhe o corpo queimado e reduzido a cinzas, e deixar uma memoria execravel para todos os MM.·.? Esta hedionda penalidade, este luxo de supplicios impostos ao indiscreto que houvesse revelado aos profanos esta innocente conjuração de philoso-

phos tolerantes, conspirando na sombra contra os infortunios particulares dos desgraçados ou do pobre, e o juramento pelo qual o neophyto se submette a estes horrores, tudo isto não iria além d'uma phantasmagoria extravagante, e tomaria o caracter d'um absurdo repugnante.» (Globo).

Mas encobre essa mascara alguma apparencia de beneficencia? «Dizei-me, exclama o I.·. Buros, o que o instituto maçonico tem feito desde um seculo a esta parte? Onde estão os resultados d'estas grandes lições philanthropicas? É uma instituição que gastou esta palavra philanthropia, e a collocou em tal opposição com a sua significação primitiva, que os homens que d'ella se servem hoje verdadeiramente no mundo, não se atrevem a olhar-se cara a cara, com receio de se intimidarem, como em outro tempo os augures romanos.» (A Fr.·.-Maç.·., 3.º anno, p. 2).

Em 1840 o Gr.·. Or.·. de França propoz a fundação de uma *casa de soccorros,* e appellou para todas as officinas de Paris e seus suburbios e dos departamentos. Dous annos adiante, a deficiencia dos fundos obrigou-o a pedir novos auxilios: tratava-se de sustentar alli oito a dez pessoas. Passaram-se alguns annos e na sessão de 5 de setembro de 1851 o I.·. Acary fallando ao Gr.·. Or.·. de França exprimia-se d'este modo:

«A Fr.·.-Maç.·. segundo o artigo 1.º da constituição, tem por *objecto o exercicio da beneficencia:* porém exceptuada a nossa casa de soccorros, cujos recursos são tão exiguos que me espanto como elles são mencionados nas festas do solsticio, nada vejo que prove o exercicio da beneficencia pela Fr.·.-Maç.·. Tem esta tambem por fim a pratica de todas as virtudes, e ainda aqui pergunto que tem feito a nossa instituição? Que actos offerecemos aos profanos? Que fundação se deve á Maç.·.? Que virtudes publicas ou particulares tem recompensado o nosso instituto?» (O Globo, revista Maç.·., t. III, p. 153).

Esta *casa de soccorros,* conforme o relatorio de 1858 apresentava estes resultados: Pelo aluguel, impostos e or-

denado do gerente, a despeza foi de 1:720 francos: pelo sustento e lume para os asylados 542 francos.

O I.·. Pontallier, presidente da casa, demittiu-se em 1854 do seu cargo, sem embargo das instancias que se lhe fizeram, e motivou o seu requerimento em um folheto, cuja epigraphe é a seguinte: «Não é com palavras que se minoram as angustias da fome: não é com ellas que se mitigam os soffrimentos: é necessario mais alguma cousa: coração e sentimento.» Em 1866 tres pessoas foram alli soccorridas e com ellas se despenderam 451 francos.» (A Fr.·.-Maç.·., 8.º anno, out. 1860, p. 272).

Outras duas tentativas igualmente estereis foram feitas pelo Gr.·. Or.·.: estabeleceu-se um *orphanato e um forno economico*. O primeiro depois de seis annos d'existencia contava em 1864 *seis meninos*. Quanto ao forno economico, lê-se o seguinte na historia das tres grandes lojas (p. 332): «Estes fornos, que motivaram tão grande despeza paga pelo Gr.·. Or.·. não funccionaram senão algumas semanas, *por causa da má organisação que preside em geral a tudo quanto dimana do poder maçonico.*»

«Filhos da grande familia maçonica, exclama dolorosamente o I.·. Lamoureux, onde estão os abrigos que construistes? Onde os asylos de vossos velhos desgraçados, os estabelecimentos destinados ao allivio de vossos doentes e afflictos? Nada, nada. O solo maçonico da França está por desbravar: os velhos soffrem e as viuvas estão na indigencia, e os orphãos de vossos irmãos são forçados a ir bater á porta do Instituto dos Ignorantinos para aprender a lêr, e solicitar da caridade publica um obolo de algum valor.» (Assento mensal da loja. A Fr.·.-Maç.·., 21 de junho de 1862).

Poderiamos multiplicar indefinidamente as provas da esterilidade vergonhosa que caracterisa a philanthropia Maç.·. consoante os seus proprios escriptores. Mas se não prodigalisa o seu ouro, se é avara quando se trata de abrir a bolsa, abre ella sequer o coração aos infelizes e dá palavras de conforto aos que soffrem? Deixemos ainda a palavra aos ade-

ptos da seita: digam-nos elles o caso que na Fr.·.-Maç.·. se faz do pobre e como é praticada a *fraternidade* inscripta no seu estandarte.

«Recordemo-nos, diz o I.·. Ragon, que a Maç.·. não constitue um corpo de individuos que vivem á custa dos outros. Ousariam confessar o motivo, que os impelle a fazer-se receber, esses mendigos que se *associam para* dar espectaculo de miseria? Com audacia vem impôr-vos o peso da *sua indigencia e dos seus vicios,* sem terem sido uteis á Ordem por algum *talento ou virtude. Esta lepra hedionda da Maç.·. em França* prova a negligencia criminosa das lojas, especialmente das de Paris.» (Curso phil., p. 368).

«Não apresenteis nunca na Ordem, diz o I.·. Beurnonville, senão homens que podem apertar-vos a mão e nunca que vol-a estendam.» (Ibid.)

«Não podemos dissimulal-o, diz o I.·. Melchior Pottier, ha na Ordem individuos abjectos que fazem da Maç.·. officio e mercancia. Vergonha e maldição sobre estes seres despreziveis, que introduziram a desconfiança entre nós e estancaram as fontes da beneficencia.» (Globo, t. III, p. 26).

O I.·. Bazot ainda vai adiante dos II.·. Pottier e Ragon: «O maçon mendigo está sempre em vossa casa, segue-vos os passos, e vai ás vossas lojas: é um genio malefico que vos persegue em todos os lugares e a todas as horas. Nada póde subtrahir-vos á sua importunidade *e a sua insolencia nem conhece* limites nem obstaculos: apparece quando vos levantaes, trataes de vossos negocios e vos deitaes: o seu pedaço de pergaminho é a sentença de morte da vossa humanidade. Seria preferivel encontrardes a sua mão armada com um punhal, porque n'esse caso poderieis oppôr vossa coragem ao ferro do assassino. Com o seu titulo *de maçon,* elle vos diz; *sou maçon:* dai-me, porque sou vosso irmão, e a nossa lei obriga-vos á caridade: dai-me, aliás publicarei por toda a parte que sois um perverso e mau irmão. Dai, mas preparai-vos para dar sem descanço: *a cilada é permanente.*» (Cod. da Fr.·.-Maç.·., p. 176).

Este assumpto acha-se amplamente tratado na obra notavel de M. A. N. (2.º vol., p. 146 e seg.) Terminemos pelas palavras do I.·. Rebold: « Não é nas bandeiras que se devia inscrever o preceito de se auxiliarem os Fr.·.-Maç.·. uns aos outros, é no coração dos Maç.·. que elle se devia gravar, de modo que se manifestasse em todas as suas acções e todos os momentos da sua vida. Mas é penoso dizel-o: este dever é na grande maioria dos casos calcado aos pés.» (Hist. das tres Gr.·. Lojas, p. 491).

Concluamos com os Maç.·.; a beneficencia não é o fim *real da Maç.·.;* é só uma *mascara*. A beneficencia é muito mal praticada na Maç.·.: seus filhos mesmos o deploram: este dever na maioria dos casos é calcado aos pés. A beneficencia não se *comprehende mesmo n'ella:* e o Fr.·.-Maç.·. só tem desprezo e quasi horror pelo *pobre*. A maçonaria não sabe amar, *não tem coração:* são seus proprios filhos que lh'o lançam em rosto. O *mundo profano* a excede n'esta materia a todos os respeitos (I.·. Rebold) e se ella não tivesse outro fim não *haveria razão da sua existencia*. Este pendão é pois falso e é uma mentira para additar ás outras mentiras.

Não quero dar a esta questão proporções que a natureza d'esta obra não comporta, nem os limites em que me propuz circumscrevel-a: mas se alguem pelo que deixo escripto não formou a sua convicção leia a obra de Mr. Neut. (2.º volume). Atrevo-me a affirmar-lhe que não lhe restará duvida alguma sobre a verdade das conclusões que acabamos de tirar. Os testemunhos que acabo de citar me parecem sufficientes para a maioria dos meus leitores.

Levantada a *mascara* é mister estudar a cara em toda a sua disformidade. Na carta seguinte descreverei o que constitue a feição caracteristica da Fr.·.-Maç.·. e a impressão n'ella existente do sello do inferno.

Estamos chegados ao amago da questão. Ouso esperar que dos estudos precedentes sahirão como tantos raios de luz, que nos auxiliarão a conhecer o *monstro* apesar do *mysterio* em que se envolve, que lhe serve de divisa e de nome.

CARTA VIGESIMA SEGUNDA

A Fr.·.-Maç.·. tem por fim destruir a religião christã

Senhor.

É tempo de penetrar no que com tanta razão se chamou o *laboratorio da Revolução* até ao mais recondito santuario da Maç.·. Só ahi nos será revelado o segredo mysterioso que entre os adeptos poucos são considerados dignos de conhecer.

Ahi colligiremos da bocca dos principaes chefes da seita as instrucções confidenciaes, que devem dirigir os trabalhos dos obreiros: ahi poderemos apreciar o fim supremo da Maç.·., objecto constante dos seus esforços, e razão até da sua existencia.

Qual é pois o fim da Fr.·.-Maç.·.? Eil-o em duas palavras: *Ella quer o aniquilamento da igreja e da religião catholica, e a destruição dos thronos*. Sobre as ruinas da religião e dos thronos quer estabelecer a *independencia absoluta universal* de toda a authoridade divina e humana. Limitar-me-hei n'esta carta a mostrar-lhe como a Maç.·. é a inimiga declarada da religião e da igreja, que é a sua formula viva e verdadeira personificação. Sua divisa, eu o sei, parece

impôr-lhe como dever uma tolerancia geral: a *liberdade de consciencia, o livre exame,* que proclama tão solemnemente, não tranquillisarão todos os cultos, crenças e religiões? Não faz ella em suas constituições profissão de *respeitar a fé religiosa de cada um de seus membros?* Que succede no entretanto? Não só não tolera, mas combate a religião christã: esforça-se para derribar a igreja de Jesus Christo, persegue-a com o seu odio, calumnia e insulta seus ministros, faz de tudo isto o seu fim principal, o objecto de suas tendencias infernaes e termo final de sua acção diabolica. Sim: a Maç.·. tolerante para com todas as religiões falsas, é intolerante para com a religião catholica.

Não consentirá que se diga mal de Mahomet e se censure o islamismo: não tratará de zombar dos hereticos, calvinistas e lutheranos. O *deista,* o *materialista,* o *fatalista* e até o atheu acharão favor a seus olhos e lugar no seu seio: o marabuto turco, o rabbino judeu, e o ministro protestante merecerão testemunhos de respeito da sua parte: mas succede tudo por outra fórma quanto á igreja e seus sacerdotes. A liberdade, que se concede a todos, recusa-se ao catholico. Não existe para elle o direito commum: está fóra da lei. A Maç.·. combate a todo o transe a religião e a igreja de Jesus Christo. Será necessario proval-o? Quando eu a mostrei negando a revelação, rejeitando o sobrenatural, blasphemando de Jesus Christo, desfigurando indignamente a sua doutrina, zombando dos seus mysterios: quando a ouvimos abjurar toda a moral, desconhecer a immortalidade da alma: quando pela bocca sacrilega disse que Deus não existe, que não ha providencia, nem justiça, nem virtudes, nem vicios, nem recompensas, nem penas, nem bem ou mal, que fazia ella mais do que derribar os fundamentos de toda a religião e aniquilar por uma vez o dogma, o culto e a moral?

Comprehendo comtudo, que em questão tão grave como esta, V. desejará alguma prova mais especial. Não me será difficil satisfazel-o. A igreja devia participar com o seu fundador e o seu chefe do odio do inferno e das perseguições

da impiedade, que ella condemna e obriga a córar: esta gloria não lhe faltou. Poderia levar-se mais longe a injustiça e a insolencia? Escriptores, cuja penna vilipendiada só distillava a blasphemia e immundicie, tiveram a imprudencia de dar á igreja de Jesus Christo o nome de infame e declarar-lhe uma guerra de morte.

Voltaire, Diderot, Helvetius chamaram *infame* á igreja!! Pois o que o philosopho impio de Ferney e seus dignos acolytos disseram, e o que fizeram, approva-o e exalta-o a Fr.·.-Maç.·. Gloria-se de caminhar nas suas pisadas; a santa maçonaria (já expozemos a sua moral) chama *infame* á igreja.

«A igreja, dizia um d'elles ha alguns annos, tendo á sua frente Roma e os braços por toda a parte, tão formidavel pela sua disciplina e riquezas, a *infame* renasce mais *vigogorosa, intolerante,* avida e esfaimada que nunca.» (I.·. Frantz-Faider, V. A. N. I, p. 281).

Assim: 1.º nada se omitte para resistir á sua acção regeneradora. «É já muito, escrevem os Fr.·.-Maç.·. de Londres aos livres pensadores belgas, é muito ter conseguido em proporção notavel subtrahir os mortos á igreja: mas não é senão o principio d'uma grande obra que só se completará quando se chegar igualmente a arrancar todos os vivos das mãos dos padres. Nossos Ir.·. cujos esforços tem obtido tão grande exito para a organisação das sociedades, para os *enterros civis,* não pensarão que será chegado o tempo para elles, valendo-se da latitude que lhes deixa uma constituição livre, de dar um passo mais na estrada que traçaram.» (Cadeia d'União, Londres. Patria de Bruges, 15 de setembro de 1865).

2.º A sua doutrina é odiosamente desfigurada. A Maç.·. que nega a divindade de Jesus Christo, ensina que o seu nascimento, vida e morte são figuras, apparencias solares: que a sua doutrina é a dos hierophantes do Egypto, etc. (Carta 10). Chama ao culto catholico e aos sacramentos phantasmagorias idolatras.

3.º Ella professa profundo desprezo por seus ministros.

Tem por elles um odio que se avisinha do furor: nunca tem injurias sufficientes e calumnias para vomitar contra o padre e os religiosos. E na verdade o padre é a igreja docente, santificante e salvadora do mundo. Ouçamos:

«*O maior obstaculo* para a liberdade physica, intellectual e moral do homem é sem *contradicção o padre*. O padre tal como a igreja o faz, é o artista, propagador mais poderoso, e formidavel dos prejuizos, da ignorancia e superstição. Mas com a ignorancia, prejuizos e superstição não é *possivel a liberdade*. Sob pretexto de ensinar ao homem o caminho que deve conduzil-o á felicidade em uma vida futura e problematica, apodera-se d'elle desde que nasce, e inocula-lhe, sob a fórma d'ensino, um veneno intellectual, que o dispõe para a escravidão e oppressão, para a tyrannia e a subjeição.

«É obvio, á sombra do sacramento do baptismo o padre recebe o menino ao nascer: mais adiante em nome da *communhão,* faz com os paes uma especie de contracto, pelo qual fortifica o exercicio d'um poder cujos effeitos perniciosos são o mais das vezes indestructiveis. Quem ignora que das primeiras impressões sentidas pelo homem na idade tenra, depende quasi sempre o seu destino? O padre, experto, astucioso na arte de dominar, conhece todo o alcance d'esta verdade: é o motivo porque elle forceja por assenhorear-se do homem desde a sua infancia, exercendo sobre o seu espirito as primeiras impressões.» (Cadeia d'União, supracitada).

Não precisam commentarios estas palavras. Revelam-nos com clareza, se as não conhecessemos já, as intenções da Maç.·. e seu plano infernal: estas loucas e odiosas accusações comprehendem, segundo me parece, um dos mais pomposos elogios que se póde fazer ao clero catholico, e bastariam para justificar a terna solicitude da igreja no que respeita á educação da juventude.

Continuemos. «A hydra monacal, tantas vezes esmagada, ameaça-nos novamente com a cabeça hedionda, diz o

I.·. Frantz-Faider já citado. O padre é para a Fr.·.-Maç.·. uma odiosa personificação de superstição e fanatismo: são os padres que inventaram o céo e o inferno, o temor das penas futuras e a esperança das recompensas, e que imaginaram a confissão para estabelecer o seu governo, etc.»

«Quanto aos ministros da religião, diz um Fr.·.-Maç.·., a má conducta do clero em geral, a malvadez d'um grande numero de particulares, que o compõem, degradam a magestade do primeiro Ser que se imagina, e aniquilam o respeito que o prejuizo lhe dedica.» (M. de St. Alb., p. 275).

«Os padres e os tyrannos ligados para a destruição do genero humano são muitas vezes forçados a implorar o auxilio da razão, que desprezam, ou da natureza aviltada, que esmagam sob o peso de suas divindades mentirosas.» (Ibid. 280). É n'estes termos que a Fr.·.-Maç.·. falla dos padres.

N'um dos jornaes da *Internacional* lê-se tambem uma amostra do estylo d'estes possessos.

«Aqui está o bobo que em um pulpito se agita como o diabo n'uma pia de agua benta, para insinuar ao amavel rebanho reunido que a sua algaravia é da moral mais pura e sã, dimanando d'um poder sobrenatural. Este bobo com andar lugubre retumba no seu pulpito como o trovão, gesticula e faz contorsões como um epileptico, estrebucha de furor e levanta-se como um actor tragico, prompto para saltar a pés juntos sobre seus ouvintes turbados, que escutam, sem pestanejar, as semsaborias e tiradas enfadonhas do seu repertorio tragi-comico.... Taes velhacos enchem vossa alma de indignação. Todos os seus actos são arbitrarios, demarcados pela perfidia e malvadez, etc.» Dispensamos nossos leitores de outras amabilidades mais notaveis ainda, em demasia notaveis para encontrar lugar em uma obra que é séria. (Mirabeau, n.º de 17 d'abril de 1870, Verviers).

Não é difficil comprehender o resultado produzido nas massas populares por estas odiosas diatribes. Se o leitor judicioso repelle com indignação estas folhas asquerosas d'impiedade, o artista credulo devora-as e nutre-se n'ellas.

É na leitura d'estes escriptos d'onde a injuria e a calumnia transbordam que se accendem os odios cegos e ferozes, que, no dia de rebellião, transformam o operario, e algumas vezes a mulher e até as crianças em outros tantos sicarios e assassinos. O desprezo e odio pelo padre conduzem directamente ao desprezo e odio da religião: a Fr.·.-Maç.·. conhece-o, e assim prosegue na sua obra de destruição. Injustas desconfianças, accusações falsas e ridiculas, semeadas por ella, dividem a sociedade em dous campos inimigos: e os furores revolucionarios longo tempo excitados pelos jornaes dedicados ao partido, só esperam um signal para se entregarem aos excessos extremos e derramar em torrentes o sangue innocente.

Tem V. ainda algumas duvidas sobre o plano da Fr.·.-Maç.·. e o fim a que ella mira? Posso dissipal-as, ou antes é a Fr.·.-Maç.·. que se incumbe de fazel-o, estabelecendo completamente a questão: e aqui está o que ella nos diz pela bocca dos seus primeiros chefes: « O nosso fim ultimo é o de Voltaire e da revolução franceza: o aniquilamento completo e para sempre do catholicismo e até da idéa christã, que, ficando de pé sobre as ruinas de Roma, a perpetuaria para mais tarde.» (Instrucção da Alta Venda... Achar-se-ha reproduzida mais adiante. Carta 40).

Concluamos: a Fr.·.-Maç.·. quer mal á *religião catholica,* é sua inimiga declarada, e faz-lhe guerra de morte: dos fundamentos do edificio até ao cume, não ha uma só pedra que não abale e forceje para derribar. Ataca a religião de Jesus Christo: chama com toda a insolencia impostor ao seu divino chefe: aggride os seus ministros, que se esforça para arrastar na lama, cobrindo-os com as mais grosseiras injurias: hostilisa a sua doutrina, mysterios e sacramentos: procura aniquilal-o para sempre, destruil-o totalmente: tal é o seu fim extremo, como foi o de Voltaire e da revolução.

Acrescento que ella faz isto logica e officialmente em vista dos seus principios. Que a Maç.·. seja tolerante para o erro, isto comprehende-se e deve ser, porque o erro é to-

lerante para com ella: mas que ella tolere a verdade, isso não póde ser, porque a verdade não a tolera: pelo contrario, condemna, verbera, e repelle-a. Comprehende-se que a Maç.·. que demole e destróe, dê a mão a todos os demolidores: trabalham em obra commum: mas que se ligue a uma instituição, que edifica e estabelece os fundamentos da verdade, da fé, da submissão a Deus, á authoridade, é o que ella não póde fazer sem se renegar a si propria, abjurar o seu principio constitutivo e calcar aos pés a sua divisa querida.

Entre a *Independencia maçonica* ou o *Non serviam* de Satanaz, e a submissão da *intelligencia e da vontade,* que é a lei fundamental da igreja catholica, não só não póde haver accordo, mas ha necessariamente uma opposição directa, inimizade irreconciliavel.

O primeiro grito da Maç.·. é guerra á igreja, o segundo *guerra á monarchia;* é o que exporei na carta seguinte.

NOTA VIII

Extracto da circular de Mr. de Persigny

A 16 d'outubro de 1861, Mr. de Persigny dirigiu aos prefeitos uma circular relativa ás sociedades religiosas de caridade e ás lojas maçonicas. Eis aqui algumas passagens.

«Estabelecida em França desde 1725 a Franc-Maçonaria não tem cessado de manter a sua reputação de beneficencia, e satisfazendo-a com zelo, mostra-se animada por um patriotismo, que nunca se desmentiu nas circumstancias graves [1]. Os

[1] O *Monitor Francez* fallando da dissolução da assembléa maçonica, determinada pelo principe Murat a 23 de maio, exprime-se do modo seguinte: «Por pouco que não assistimos a uma parodia do juramento do jogo da bolla. Tudo estava ahi: um rei que quer impôr a sua vontade, e uma assembléa que recusa submetter-se. Mais feliz do que Luiz XVI, o principe Murat dominou os facciosos e alguns agentes de policia restabeleceram a ordem no templo da rua Cadet. Não era mister mais para fazer reconduzir a seus lares respectivos os constituintes de 89, que pertenciam em grande parte ás lojas maçonicas. A arte de dirigir as assembléas es-

diversos grupos, que a compõem em numero de 470, funccionam tranquillamente no paiz e desde muito tempo não tem dado motivo a queixas sérias da parte da authoridade.

«É tal a ordem e o espirito, que reina n'esta associação, que tirada a sua organisação central, cujo methodo d'eleição, proprio para excitar rivalidades entre as diversas lojas e perturbar a sua boa harmonia, reclamaria algumas modificações, só póde ser vantajoso authorisar e reconhecer a sua existencia.

«Se existem no vosso departamento sociedades de beneficencia não authorisadas, qualquer que seja o titulo ou denominação que adoptem, conferencias de S. Vicente de Paulo, sociedades de S. Francisco Regis, de S. Francisco de Salles, e lojas da Franc-Maçonaria, convido-vos a authorisal-as sem demora, conforme as fórmas legaes, e a admittil-as, bem como todas as sociedades já reconhecidas, a participar dos favores do governo assim como da protecção do estado.

«Além d'isto, se os presidentes ou delegados, directamente nomeados pelas sociedades isoladas d'uma mesma cidade, julgam conveniente unir-se para os fins da sua missão, authorisal-os-heis a formarem uma commissão entre si.» (p. 367).

tava ainda na infancia, e a maçonaria estava em toda a sua gloria, quando os seus principaes membros, os Mirabeau, Sieyès, Talleyrand, formavam a França no molde maçonico. As escaramuças da rua Cadet são acontecimentos menos graves.»

Sem embargo do conhecimento geral d'estas verdades, é agradavel que a folha official do governo francez confesse e confirme que os constituintes de 89 pertenciam na sua grande maioria ás lojas maçonicas; que, n'esta época, a maçonaria estava em toda a sua gloria, e que os principaes membros da assembléa constituinte de 89 formavam a França no molde maçonico.

(*Nota de M. Neut.*)

CARTA VIGESIMA TERCEIRA

A Fr.·.-Maç.·. para conseguir o seu fim quer derribar as monarchias e substituir-lhes uma republica universal

Senhor.

A Fr.·.-Maç.·. tem por fim ultimo e supremo destruir a igreja catholica: provamol-o e penso que a minha ultima carta seria bastante para dar a esta proposição o caracter da evidencia. Tambem me não será penoso provar que o fim da Fr.·.-Maç.·. é derribar todas as monarchias para estabelecer em seu lugar uma especie de republica universal, por ella sonhada, a meu vêr a mais perigosa das illusões e a mais grosseira das utopias. Em uma das minhas cartas precedentes, a Fr.·.-Maç.·. revelou-nos o seu odio instinctivo e profundo pela authoridade e os reis, que são a sua personificação commum e mais natural. (Carta 16).

Na pessoa do rei é a realeza que se ataca. A Maç.·. teve a franqueza de nol-o dizer e seria inutil, de resto, que pretendesse dissimulal-o, como vamos demonstrar. Sim, o seu fim é a destruição de todas as monarchias. Ha seis mil annos que as sociedades assentam em bases ruinosas. A injustiça e impostura tem servido de fundamento ao edificio, que só tem subsistido para infelicidade dos homens. É tempo que a humanidade mude de direcção.

Escute-se a *Alliança republicana universal*. É uma associação formada em 1867 em Nova-York com o fim de reduzir todos os estados do mundo a uma republica unica, sob a direcção da Fr.·.-Maç.·.

O fim da associação é affirmar o direito de todos os paizes para governarem-se em republica, e por consequencia, o direito de todos os republicanos para se unirem e formarem uma solidariedade republicana.

«Para applicar as verdades supra enunciadas, propõem-se formar uma unica associação fraternal de todos os homens de principios livres, que desejem promover, na extensão das suas forças, o reconhecimento e desenvolvimento do verdadeiro republicanismo em todos os paizes e povos. Esta associação fraternal deve ser composta de secções distinctas, cada uma das quaes comprehenderá os membros da mesma nacionalidade, americanos e europeus, tanto quanto seja possivel.»

«Estas secções, conservando a sua individualidade respectiva, serão outras tantas representações das futuras republicas, ao passo que seus futuros delegados reunidos em um conselho central, representarão a solidariedade das republicas cuja realisação é o alvo supremo proposto aos trabalhos da *Alliança*.»

Eis a profissão *de fé da Alliança*.

«*Creio na republica*, que é a organisação de um povo livre sobre o fundamento da igualdade *dos direitos sociaes e politicos* como o unico meio que um povo tem de exprimir e traduzir em actos a sua vontade, para o cumprimento do seu proprio destino e dos seus deveres para com a humanidade... Assim como eu creio na necessidade d'uma organisação republicana para cada povo, a fim de poder attingir o seu pleno desenvolvimento moral, sou forçado a crêr na necessidade de uma organisação republicana para todas as nações da terra: creio, por conseguinte, na solidariedade da humanidade, nos deveres de um povo para com o outro, e nos de cada individuo, não só para com o seu proprio paiz,

mas para com o mundo inteiro.» «Creio pois que é um direito e dever sagrado para toda a nação e todo o homem auxiliar por todas as maneiras possiveis os esforços das outras nações e dos outros homens para a fundação d'uma *Alliança republicana universal.*» (Nova-York, janeiro de 1867. —Mundo, 14 de junho de 1867).

Eis aqui como no congresso Fr.·.-Maç.·. de Worms, a 22 de junho do mesmo anno, se punha em pratica o programma americano: «empregar-se-hão os meios para estabelecer *lojas nacionaes* assim como *uma grande loja geral que as abranja todas.*

«O principio da nossa Ordem, modelado conforme as exigencias da nossa época, consiste na communidade dos homens baseada no amor do proximo e no proseguimento sincero de tudo quanto seja nobre e verdadeiro: *communidade, união intima, que exclue toda a* indifferença, ou falta de caridade para com o proximo. Os filhos do mesmo pai que vivem agora separados, serão reunidos no terreno commum da humanidade e trabalharão reunidos em *busca da divindade.* Desejamos que seja coroada de feliz exito a grande obra d'estes homens emprehendedores, e se cumpra a prophecia do sabio Barthelemess, deputado ao congresso pela Maç.·. da America do Norte:

«A missão cosmopolita da nossa associação dará desenvolvimento á Alliança que estabelecemos e tanto honra o espirito allemão.

«Esta Alliança, a despeito de todos os obstaculos, dentro de dez annos será uma realidade.» (Correspondencia de Freimaurer Zeitung de Leipzig, 22 de junho de 1867).

Desde 25 de fevereiro de 1867 a *Unità italica* reproduzindo o programma da *Alliança republicana universal,* mostrava-a intimamente unida á Fr.·.-Maç.·. italiana e especialmente a Mazzini. N'esse programma lê-se o seguinte:

«*Meios d'acção.*—Trata-se de crear uma caixa para a *Alliança republicana universal,* por meio de contribuições dos seus membros, sob a fórma de taxas de fraternidade,

impostos fixados de antemão, e donativos voluntarios em favor da caixa.

«Este fundo é destinado para supprimento das despezas de impressão, agencias organisadoras, e outros meios necessarios para alcançar os fins da associação. Todo o dinheiro, recolhido pelo trabalho feito na Europa, será posto á disposição de Joseph Mazzini, como representante da commissão central europêa. [1]

«*Conselho central.*—Deverá ser composto d'um presidente, um secretario da fazenda, outro dos actos executivos, e de tantos secretarios mais quantas forem as nacionalidades representadas no conselho. Cada secretario representando assim uma republica, actual ou futura, será o ministro acreditado da sua propria secção e intermediario com a mesma: será responsavel pela filiação dos seus membros e pela sua adhesão ás ordens do conselho central. Estes secretarios, depois do primeiro anno, serão eleitos pelas diversas secções.

«Os actos do conselho central serão secretos.»

A Internacional não é menos formal e a sua linguagem ainda é mais explicita.

«Inimiga de todo o despotismo, não reconhecendo outra fórma politica senão a *republicana,* rejeitando absolutamente toda a alliança reaccionaria, repelle tambem toda a *acção politica que não tiver por fim immediato e directo o triumpho dos trabalhadores contra o capital.*

«Ella reconhece que todos os estados politicos e authoritarios actuaes, reduzindo-se cada vez mais ás simples funcções administrativas dos serviços publicos nos seus paizes

[1] Vimos, diz a *Perseveranza,* um titulo do novo emprestimo Mazzini, que tem o n.º 18,518.

Esta cedula é lithographada e de fórma oblonga. Á direita e á esquerda ha duas figuras allegoricas de mulher: a da esquerda representa a republica armada de uma espada: aos pés da primeira figura está escripto *Colombo,* aos pés da segunda *Washington.* No alto escreveu-se = Alliança republicana universal. No meio = Italia, subscripção, um franco. No lugar da subscripção: *Pela Alliança, Joseph Mazzini,* (assignatura authographa). No angulo superior á esquerda lê-se = Liberdade: em baixo = *Pensiero Azione:* no angulo da esquerda = *Associação.*

respectivos, *deverão desapparecer na união universal* das *associações livres* tanto agricolas como industriaes.

«A questão social não podendo encontrar a sua solução definitiva e real senão na base da solidariedade universal e internacional dos trabalhadores de todos os paizes, a Alliança repelle toda a politica fundada sobre o supposto *patriotismo* e a rivalidade das nações.

«Ella quer a *associação universal* de todas as associações locaes para a liberdade.» (Alliança, secção da Democracia socialista, M. Testu, p. 29).

O ramo francez da Internacional de Londres considerando:

«1.º Que a monarchia qualquer que seja, as aristocracias, theocracias e todos os despotismos são incompativeis com a verdade, justiça, moral, direitos do homem, do cidadão e alforria completa da classe operaria (cousas reconhecidas e proclamadas como base e fim da associação internacional dos trabalhadores):

«2.º Que a fórma republicana democratica e social é a unica que está em perfeita harmonia com os principios e fins da associação internacional dos trabalhadores:

«Por estes motivos declara que a associação internacional é uma sociedade republicana, democratica, social e universal, participando dos principios, fim e meios proclamados pela *communa revolucionaria de Paris.*» (M. Testu, 242).

O socialismo hespanhol faz côro com o socialismo francez.

«As classes privilegiadas, diz elle, estão agonisantes, e morrerão quando os operarios quizerem: quando as classes productoras se levantarem para consummar a revolução social, inevitavel consequencia da revolução politica; quando emfim, não contentes de dizer: Abaixo os Bourbons, abaixo os Bonaparte, os Mastaï, os Coburgos, os Lorenas, os Saboyas, dissermos: Abaixo a exploração do homem pelo homem... Tremei, tyrannos de todos os paizes; os operarios despertam já da funesta lethargia em que o vosso despotismo os havia adormentado.» (Testu, 288, 289).

Eis quanto basta para justificar a segunda parte da minha proposição: fica pois bem averiguado que a Fr.·.-Maç.·. tem por fim principal convulsar o mundo inteiro precipitando no mesmo abysmo a sociedade religiosa com a sociedade civil, para estabelecer sobre as ruinas dos estados derribados um systema de republica universal, que ella sonhou.

O plano está traçado.

«Nós crêmos, diz a Internacional (28 de fevereiro de 1869), ter mostrado que a associação contém em germen no seu seio todas as instituições do futuro. Fórma-se em cada conselho uma secção da Internacional, *constituir-se-ha a sociedade nova, esboroando-se com um sopro a antiga.* Assim quando uma ferida se cicatriza, vê-se formar por cima uma crusta, ao passo que a carne se reconstitue vagarosamente por baixo. Chega um dia em que a crusta cahe e a carne apparece fresca e córada.

«Constituiu-se secretamente um estado no estado e contra o estado: chegado o momento, como uma velha armação, elle despedaça-se e deixa vêr quem o minou lentamente até chegar ao ponto de poder substituil-o.

«Os operarios, que devem construir o edificio estão arregimentados. São numerosos, e louvores á organisação simples e fecunda que preside á obra, multiplicam-se por toda a parte por modo assustador.

«Estão ligados entre si pelos laços do interesse e a esperança d'um futuro feliz, e demais d'isso, nenhum d'elles é admittido na associação sem uma declaração formal de adhesão a todos os principios, assim como a todos os deveres da sociedade: e sem tomar sob a sua honra o compromisso solemne de se lhe conformar em todas as circumstancias da sua vida, propagando-os sempre e em toda a parte com toda a energia e perseverança de que é capaz.» (Testu, p. 60).

A associação é universal, estende-se e propaga-se rapidamente em todos os paizes: França, Belgica, Suissa, Italia, Austria, Hollanda, Allemanha, Russia, America, Inglaterra, Suecia todos estes paizes estão enlaçados na vasta rêde

d'esta sociedade, cuja força iguala a grandeza, ou antes cresce á medida que mais se estende. Os seus adherentes contam-se por milhões.

D'este modo, graças á Fr.·.-Maç.·. uma parte do genero humano está em insurreição permanente contra a outra.

Um odio implacavel é alimentado no coração do *operario* contra o *proprietario*. A collisão parece eminente e um dos dous partidos tem de succumbir na luta, segundo todas as apparencias.

E note-se bem, o antagonismo, que demarcamos, nada tem de commum com os dissentimentos accidentaes, que em épocas diversas, tem armado um grupo de cidadãos contra outro.

Nunca os fastos da humanidade registraram cousas semelhantes: nunca houve lutas parecidas ás que se preparam nos nossos dias; nunca a tempestade social ameaçou o universo com uma catastrophe mais espantosa.

Não é só o *numero* dos dous exercitos, em breve em frente um do outro, que dá a esta guerra fratricida um caracter extraordinario e monstruoso: não é só a organisação formidavel das forças operarias: o que a torna incomparavelmente mais perigosa, o que, á primeira vista, nol-a fazia considerar como a agonia das sociedades e preludio do fim dos tempos, é que a divisão dos interesses e antagonismo das tendencias assentam sobre principios, apoiam-se sobre doutrinas e d'ellas auferem uma força illimitada e constancia á prova dos desastres mesmos.

Como é que se formou e desenvolveu a internacional? Em que bases assenta? Ha vinte annos uma palavra, sahida da bocca do Maç.·. Proudhon, provocando o espanto do mundo pela sua audacia, suscitava o desprezo e repulsão pela sua opposição aberta com a justiça e o bom senso. A *propriedade,* disse este furibundo, *é o roubo.*

Pois esta palavra cujo cynismo só iguala o absurdo e seria só uma loucura se não fôra no espirito de quem a proferiu um attentado contra o direito, a propriedade e a socieda-

de, essa palavra tornou-se o principio fundamental e sagrado do communismo. E' sobre elle que assenta todo o systhema da Internacional. Para os proletarios tornou-se uma verdade, e a seus olhos é a justificação peremptoria e invulneravel de suas aspirações insensatas e insurreições sangrentas.

Quando o senso moral se acha pervertido ao ponto de receber como maximas incontestaveis erros grosseiros, quando o *bem* se tornou no *mal,* e o *mal* se chama *bem,* as trévas se tomam pela luz, e a luz recebe o nome de trévas, que recurso fica á verdade para se manifestar e restabelecer o seu imperio? Nenhum, me parece.

Quando n'estes espiritos desvairados se fizeram desapparecer todos os fundamentos da moral: quando n'estas intelligencias obcecadas e seduzidas, o sol divino se eclipsou e seus raios não penetram através da nuvem espessa das paixões que os cercam: quando Deus deixou d'existir para elles, e todos os diques, que poderiam oppôr-se á invasão dos vicios estão derribados: quando finalmente para o homem não ha mais futuro e no presente só vê e aprecia o prazer, quanto é para recear a torrente revolucionaria; e haverá alguma esperança de remedio?

Tal é a situação presente. Figure-se um d'esses planetas que na immensidade dos espaços tão regularmente descreve a sua orbita: se, subtrahindo-se ás influencias attractivas, que lhe serviam de leis, regulavam os seus movimentos com tanta precisão e obstavam aos menores desvios, o planeta se escapasse da orbita: onde pararia na carreira aventurosa e desregrada, e que choques horriveis não soffreriam os outros corpos celestes sobre que elle se precipitasse? Não menos terriveis serão os abalos d'estas duas metades da humanidade arrojando-se uma sobre a outra, com a certeza da destruição de alguma d'ellas, ou com o risco de succumbirem ambas.

Que formidavel responsabilidade para essa seita infernal que pelas suas doutrinas e principios, levantou no meio

das sociedades esse medonho incendio! Inutilmente desejaria a Maç.·. renegar n'este momento a sua responsabilidade na *Internacional:* foi ella que lhe deu origem: da sua substancia e espirito se formou a Internacional: nutriu-se nos seus principios. Terei occasião de proval-o mais adiante. Que quer dizer a palavra *igualdade* que a Maç.·. tomou por divisa?

Ou ella nada significa, ou é forçoso reconhecer ahi o principio d'onde a Internacional deduz as consequencias logicas, naturaes e rigorosas... E esta palavra, que comprehende em si o symbolo e codigo maçonico, *Liberdade, Independencia,* com que direito se opporão a que se lhes dê uma interpretação mais lata?

Não, a Internacional apenas applica vossos principios e lições: é digna a filha de sua mãi, e esta não póde renegar aquella.

Tal é a força do erro erigido em doutrina, quando ao mesmo tempo elle lisongêa as paixões.

O annel que ligava o homem a Deus, ao céo e á eternidade estando quebrado, precipita-se de queda em queda, de negação em negação, de estulticia em estulticia, negando, rejeitando uma após outra as verdades e não parando senão no fundo do abysmo sobre as ruinas das sociedades, sob o peso esmagador de seus crimes e em presença da justiça eterna de Deus que elle insultou e blasphemou.

Não se pense que eu exagero. Ouça V. estas palavras com que vou terminar: ellas foram pronunciadas por um certo *Venizier* n'uma reunião, que teve lugar em Charing Cross (Londres) em 1869:

«*Negar a Deus, é affirmar o homem,* unico e verdadeiro soberano de seus destinos: é matar o padre e a religião. A negação da divindade, é o homem affirmando-se na sua força e liberdade.

«Quanto á familia, repellimol-a com todas as nossas forças em nome da emancipação do genero humano.

«E' á familia que devemos a escravidão da mulher, o embrutecimento da criança.

«A criança pertence á sociedade e não a seus paes: cumpre á sociedade instruil-a, fazer d'ella o cidadão. Aos paes só compete a funcção de reproducção.

«Negar a familia é affirmar a independencia do homem desde o berço: é arrancar a mulher á escravidão, em que a arremessaram os padres e uma civilisação corrupta.

«Quanto *á patria,* repudiamol-a, porque não aceitamos que se possam degolar homens em nome das nacionalidades.

«Todos os trabalhadores, todos os proletarios são irmãos: o inimigo é a sociedade tal como ella se acha organisada.

«A sociedade é má e logo é mister mudal-a.

«Trabalhadores de todos os paizes, á obra! Guerra desapiedada ao capital, á propriedade, aos governos que a protegem!

«Direito ao trabalho para todos: officina para todos: eis o vosso fim.

«Para obtel-o, nada devemos poupar: combateremos, sendo necessario, á sombra do estandarte vermelho, pendão do socialismo e da communa.» (Descentralisação, 19 de junho de 1871).

Depois de ter ouvido estas enormidades, nada resta que se diga: só ha força para lamentar os infelizes em quem o sentimento moral desappareceu totalmente, e chorar sobre a sociedade que os formou.

Demorei-me sobre esta questão e peço desculpa. Agora póde V. dizer que conhece a Fr.·.-Maç.·. Todavia continuaremos nossos estudos.

FIM DO VOL. I.

A FRANC-MAÇONARIA

E

A REVOLUÇÃO

A FRANC-MAÇONARIA

E

A REVOLUÇÃO

A FRANC-MAÇONARIA

E

A REVOLUÇÃO

PELO

PADRE FRANCISCO XAVIER GAUTRELET

DA

COMPANHIA DE JESUS

COM APPROVAÇÃO DA AUTHORIDADE ECCLESIASTICA

TRADUZIDO DO ORIGINAL FRANCEZ

POR

FRANCISCO D'AZEREDO TEIXEIRA D'AGUILAR

CONDE DE SAMODÃES

MINISTRO E SECRETARIO D'ESTADO HONORARIO

PRECEDIDA

D'UM PROEMIO DO TRADUCTOR

A RESPEITO DA MAÇONARIA PORTUGUEZA

A Franc-Maçonaria é o instrumento geral da philosophia e laboratorio da revolução.

(Martin, *Historia de França*, t. XVI, p. 535).

VOL. II

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON
96, Largo dos Clerigos, 98
PORTO

EUGENIO CHARDRON
4, Largo de S. Francisco, 4-A
BRAGA

1874

PORTO

TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA

62, Rua da Cancella Velha, 62

1874

A FRANC-MAÇONARIA

E

A REVOLUÇÃO

CARTA VIGESIMA QUARTA

Iniciação maçonica. — Recepção do grau d'aprendiz

Senhor.

Antes que encete ó importante assumpto das *iniciações* Maç.·. parece-me necessario chamar a sua attenção sobre algumas observações preliminares.

Insisti na minha sexta carta ácerca do papel essencial dos graus na organisação da Fr.·.-Maç.·. e disse que era impossivel conhecer intimamente esta sociedade, sem penetrar no mysterio das suas iniciações. Estes graus, formam com effeito a escala mystica que o Maç.·. deve subir quando aspira á perfeição da Ordem. Esta escala póde conter maior ou menor numero de graus: mas que haja 4 ou 7 como na Prussia, 33 como em França, 90 ou mais como no

rito egypcio, a Maç.·. é uma só. O seu espirito e o fim a que mira são os mesmos. Parte-se do mesmo principio para chegar ao mesmo termo.

É evidente que tanto maior é o numero dos graus, tanto menor é a distancia entre elles, porque o total da altura da escala é o mesmo. Póde, pois, acontecer que entre os graus intermedios haja alguns, que diffiram muito pouco uns dos outros. Esta escala mystica que estabelece os graus de perfeição relativa dos maçons indica igualmente o caminho que tem a percorrer para chegar ao termo: traça-lhes o programma dos seus estudos moraes e do ensino que recebem. Conhecida ella, descobrimos a explicação dos symbolos e emblemas: e revela-se-nos melhor o espirito da sociedade, a marcha habil e prudente que ella segue na formação de seus membros, e a communicação, que lhe transmitte dos seus segredos. Mas é principalmente aqui que o véo, com que ella cobre as suas operações é mais denso. Forçado a restringir-me, penso comtudo dizer o que baste, para esclarecer o nosso juizo.

A Maç.·. divide-se geralmente em exterior ou symbolica e em interior, algumas vezes chamada *supermaçonaria*. Os tres primeiros graus de *aprendiz, companheiro* e *mestre*, que constituem a Maç.·. exterior ou symbolica, são considerados de importancia secundaria, e relativamente innocentes comparados aos outros. É antes o vestibulo e ante-camara da Maç.·. do que a Maç.·. mesma.

Estudando attentamente os seus primeiros graus, somos chamados para admirar a perfeição que se exige do candidato, ainda na estreia da sua nova carreira, o rigor das provas, a que o sujeitam, e a determinação energica que lhe é necessaria apenas entra no caminho maçonico. Póde dizer-se que logo o primeiro passo é de gigante. Convencer-se-ha V. d'isto examinando de perto as ceremonias da recepção do aprendiz. Principia-se por aqui. Reproduzimos quasi textualmente o formulario, que se acha na obra excellente do senhor St. Albin, extrahido do ritual da Ordem.

Primeiro que tudo não esqueça o candidato que é profano (nome dado a quem não é Maç.·. de certo, porque pela Maç.·. o candidato consagra-se, dedica-se ou é consagrado, a quem?). Não só é profano, mas está em situação de cegueira e de trevas, e se bate á porta da loja, e pede para ser Maç.·. é porque está ancioso de vêr a luz, e vem solicital-a *humildemente á respeitavel* loja.

Admire-se primeiro que tudo a *humildade exterior,* com que o candidato se apresenta. «Para a admissão o aspirante é conduzido á loja por um irmão, que elle não conhece, e introduzido em uma camara solitaria, onde entre dous tocheiros encontra a Biblia aberta no 1.º capitulo de S. João: passados alguns instantes dados á reflexão, tiram-se os vestidos ao candidato, descobre-se-lhe o lado esquerdo e o joelho direito: obrigam-no a pôr um sapato em fórma de chinella: tiram-lhe *o chapéo, a espada* (que deve ter) *e o seu metal,* ou dinheiro. *Vendam-lhe os olhos* e conduzem-no ao *gabinete das reflexões.* É-lhe prohibido tirar a venda antes de haver sentido bater tres pancadas. Deixam-no só. Finalmente ouve o signal, tira a venda e nos muros forrados de preto lê estas inscripções: Se uma vã curiosidade te trouxe aqui, retira-te. — Se temes ser esclarecido sobre os teus defeitos, nada tens que fazer aqui. — Se és capaz de dissimulação, treme, lêr-se-ha no fundo do teu coração. — Se estás ligado ás distincções humanas, sahe: ellas não são conhecidas aqui. — Se a tua alma sentiu o temor, não caminhes adiante. — Será preciso exigir de ti os maiores sacrificios, até o da vida: estás prompto a fazel-os? — Se perseveras, serás purificado pelos elementos, sahirás do abysmo das trevas, verás a luz.»

É n'este *gabinete das reflexões* que o candidato deve fazer o seu testamento e responder igualmente por escripto a estas tres perguntas: Quaes são os deveres do homem para com Deus — seus semelhantes — e comsigo mesmo?

Tudo o que escrever é transmittido ao Veneravel e á loja. Se esta o não recusa, o I.·. Terrivel vem encontrar-

se com elle, venda-lhe novamente os olhos e passando-lhe uma corda em volta do pescoço sustentando uma das pontas conduze-o á entrada do templo.

Estando tudo assim preparado, começa a ceremonia. Para melhor comprehender-lhe o andamento e o alcance, exporemos: 1.º os preliminares e introducção; 2.º a parte principal e substancial; 3.º a conclusão e resultado final.

Preliminares. — O I.·. Terrivel sustentando a extremidade da corda passada em volta do pescoço do candidato, condul-o com os olhos vendados e no vestuario que descrevemos á porta do templo onde o manda bater tres vezes com força. Na loja forrada de azul o 1.º Vigilante diz ao Veneravel: «Veneravel, batem á porta.» O Veneravel responde: «Vêde quem é o temerario que ousa perturbar nossos trabalhos.»

O Cobridor abre a meio a porta e pondo a ponta da espada sobre o peito nú do candidato diz-lhe: «Quem é este atrevido que procura forçar a entrada do templo?»

O I.·. Terrivel responde: «O homem, que bateu, é um profano desejoso de vêr a luz, que vem solicitar humildemente da nossa respeitavel loja.»

O Veneravel: «Perguntai-lhe como ousou conceber a esperança de alcançar tão alta mercê.»

O I.·. Terrivel: «É porque nasceu livre e tem bons costumes.»

O Veneravel: «Já que assim é perguntai-lhe seu nome, naturalidade, idade, religião, profissão e morada.»

Tendo satisfeito estas perguntas, o candidato é conduzido pelo I.·. Terrivel entre as duas columnas, isto é, ao centro da loja, e elle lhe aponta a espada sobre o peito esquerdo. Começa o interrogatorio.

Veneravel: «Que sentis, que vêdes?»

Candidato: «Nada vejo, mas sinto a ponta de uma arma.»

Veneravel: «Sabei que a arma, cuja ponta sentis, é a imagem do remorso que dilaceraria vosso coração, se algu-

ma vez fosseis assás infeliz para atraiçoar a sociedade onde pedis a admissão, e que o estado de cegueira, em que vos encontraes, representa as trevas em que está envolto qualquer homem, que não recebeu a iniciação maçonica. — Respondei: é livremente, sem coacção, sem suggestão que vos apresentaes aqui?»

O Candidato: «Sim, senhor.»

Veneravel: «Reflecti bem no pedido que fazeis: ides passar por provas terriveis. Tendes a coragem de arrostar com todos os perigos, a que podeis estar exposto?

Candidato: «Sim, senhor.»

Veneravel: «Então não respondo já por vós. I.·. Terrivel, conduzi este profano para fóra do templo e levai-o onde deve passar o mortal que aspira a conhecer nossos segredos...»

O candidato com os olhos sempre vendados é levado para fóra da loja. Tendo-o feito dar algumas voltas sobre si mesmo para desnorteal-o, dos *Passos perdidos* tornam a conduzil-o á Loja, cujas portas o Cobridor tem aberto de par em par para que o candidato não o conheça. Prepara-se um grande circulo, cujo vasio é fechado com papel, semelhante aos que se usam nos circos equestres para serem rotos pelas mulheres que fazem sortes. Os irmãos sustentam este quadro, que serve para a primeira prova.

O I.·. Terrivel pergunta ao Veneravel o que deve fazer-se do profano. E o Veneravel responde: «Introduzi-o na caverna.» Dous II.·. agarram no postulante e o arremessam com toda a força contra o quadro que se rompe dando-lhe passagem. Dous outros II.·. recebem o paciente nos braços. Fecham violentamente os dous batentes da porta. Por meio de um annel e de um ferrolho imita-se o som d'uma fechadura pesada e o candidato imagina-se precipitado na caverna. Decorrem alguns instantes de silencio, que parece ser o de um sepulchro.

Immediatamente o Veneravel dá uma grande pancada com o malhete e ordena que colloquem o postulante junto

do 2.º Vigilante e que ajoelhe. Depois endereça em nome do postulante e da loja uma oração ao Supremo Architecto do Universo. Interroga depois o candidato, que assentam sobre um banco cheio de asperezas e cujos pés são desiguaes.

O exame versa sobre algumas questões de metaphysica, e findo elle, pergunta-lhe o Veneravel se persiste na resolução de ser admittido como Fr.·.-Maç.·.: á sua resposta affirmativa o Veneravel diz-lhe o seguinte:

«Vou fazer-vos conhecer as condições, com que podereis ser admittido ao nosso gremio, se sahirdes victorioso das provas por onde ainda ides passar: o primeiro dever cuja obrigação contrahis é de conservar um silencio absoluto sobre os segredos da Fr.·.-Maç.·. O segundo é combater as paixões que degradam o homem e o fazem desgraçado, e praticar as virtudes dôces e beneficentes: soccorrer o vosso irmão em perigo, prover ás suas necessidades, amparal-o nas suas afflicções, esclarecêl-o com os vossos conselhos quando estiver em risco de delinquir, animal-o a fazer o bem quando se offerecer occasião: é esta a conducta que cumpre ter um Fr.·.-Maç.·. O terceiro dever é observar os estatutos geraes da Fr.·.-Maç.·., as leis particulares da loja, e executar tudo o que fôr prescripto em nome da maioria d'esta respeitavel assembléa.»

O Veneravel acrescenta: «Agora que conheceis os principaes deveres d'um Maç.·. sentis-vos com forças de pôl-os em pratica?»

O Candidato: «Sim, senhor.»

O Veneravel: «Antes de progredirmos, exigimos o vosso juramento de honra, mas este juramento deve fazer-se sobre uma taça sagrada. Se sois sincero, podeis beber com confiança; mas se no fundo de vosso coração existe a falsidade, não jureis, desviai antes esta taça, e temei o effeito prompto e terrivel do liquido que ella contém. Consentis em prestar o juramento?

O Candidato: «Sim, senhor.»

O Veneravel: «Aproximai o aspirante do altar. I.·. Sacrificador, offerecei ao aspirante a taça sagrada, tão fatal aos perjuros.»

O I.·. Terrivel tendo conduzido o candidato ante o altar, colloca-lhe nas mãos uma taça com duas divisões, que giram sobre um eixo. De um lado ha agua, do outro uma bebida amargosa.

O Veneravel diz ao postulante: «Profano, repeti commigo o vosso juramento. Obrigo-me a observar estricta e rigorosamente os deveres prescriptos aos Fr.·.-Maç.·. e se eu violar o meu juramento...»

O I.·. Terrivel faz beber ao postulante uma parte da agua contida em um dos repartimentos da taça: suspende e faz girar o vaso, vindo collocar-se em frente do candidato o licôr amargo.

O Veneravel continúa: «Consinto que a doçura d'esta bebida se transforme em amargor e que o seu effeito salutar se torne para mim em veneno activo.»

O I.·. Terrivel faz beber ao candidato o licôr amargo. O Veneravel dá uma forte pancada de malhete, e exclama: «Que vejo? que significa essa alteração subita das vossas feições? Desmentiria a consciencia os protestos da vossa bocca? Mudar-se-hia em azedume para vós a doçura d'este licôr? Afastem já o profano.»

O candidato é conduzido entre as duas columnas, e o Veneravel lhe diz:

«Se formaes tenção d'enganar-nos, não espereis conseguil-o: a sequencia de vossas provas nol-o manifestaria immediatamente. Melhor vos seria, acreditai-me, retirar-vos sem demora, em quanto sois livre: se esperaes um momento mais, já será tarde. A certeza que alcançarmos da vossa perfidia ser-vos-hia fatal, e terieis de renunciar a tornar a vêr a luz do dia. Vêde pois seriamente o que tendes que fazer. I.·. Terrivel, conduzi o profano ao mocho das reflexões.»

Uma grande pancada de malhete acompanha estas ulti-

mas palavras e em quanto se executa a ordem que o Veneravel deu, este acrescenta: «Entregue-se á sua consciencia e á obscuridade, que cobre seus olhos, addicione-se o horror d'uma solidão absoluta.»

Após alguns minutos passados no mais profundo silencio, o Veneravel responde: «Vamos, tendes reflectido maduramente na determinação que vos convém tomar? Retiraes-vos, ou, pelo contrario, persistis em arrostar com as provas?»

O que acaba de passar-se não é mais do que o preliminar da ceremonia, como introducção ao acto solemne, á iniciação do aprendiz.

Tendo o postulante manifestado a resolução de continuar as provas, o Veneravel lhe diz: «I.·. Terrivel, mandai fazer ao profano a sua primeira viagem, e tende cautela de evitar-lhe qualquer accidente.» Conduzido pelo I.·. Terrivel o candidato, com os olhos vendados, faz tres vezes a volta da loja. Passa successivamente sobre taboas moveis, que collocadas sobre rolos e cheias d'asperezas, lhe fogem debaixo dos pés, e sobre outras inclinadas e balouçando que vergam sob o seu peso e parecem deixal-o cahir em um abysmo. Depois sobe os degraus da *escada sem fim*, e isto durante muito tempo: se quer parar, dizem-lhe que suba mais até que havendo chegado a grande altura (pelo menos assim o pensa) se lhe dê ordem para precipitar-se para baixo... e cahe da altura de tres pés. Esta prova é acompanhada d'um zunido de vento, saraiva e trovões, e a esta tormenta formidavel ajuntam-se ainda vagidos de meninos e gritos horrorosos. Assim termina a primeira viagem.

Conduzido ao segundo Vigilante, este assenta o seu malhete sobre o coração do postulante e pergunta-lhe: «Quem vem lá?» O I.·. Terrivel responde: «E' um profano que pede para ser recebido como maçon.» «Como se atreveu a esperal-o?» «Porque nasceu livre e tem bons costumes.» «Se assim é, póde passar.»

O Veneravel pergunta-lhe então: «Creis na existencia

d'um Ente Supremo?» A resposta, diz o ritual, é ordinariamente affirmativa. O Veneravel louva o candidato pelos seus bons sentimentos. «Esta crença honra-vos o coração e a razão: tal é a opinião não só do philosopho e do Fr.·.-Maç.·. mas tambem do homem selvagem. Se admittimos entre nós o homem honrado de todos os cultos, é porque não nos pertence devassar as consciencias, e pensamos que o incenso da virtude é agradavel á Divindade, por qualquer maneira que lhe seja offerecido. A tolerancia, que professamos, não é a consequencia do atheismo ou da impiedade, mas só a da indulgencia e *philosophia.*»

Se o postulante se declara pelo atheismo o Veneravel lhe diz: «A unica divisão que existe entre as pessoas de boa fé está na questão de saber se a causa de toda a existencia é espiritual ou material, isto é, isolada, independente da materia: ou inherente e fazendo parte integrante d'ella. *Mas um materialista não é por isso atheu.* Veremos mais adiante que não existe cousa alguma que seja verdadeiramente immaterial.»

Pergunta depois o Veneravel ao candidato: «Que cousa é o deismo?» E elle lhe responde: «O deismo ou theismo é a crença na existencia de Deus sem revelação nem culto. É a religião da razão, a dos grandes espiritos de todos os tempos e lugares, a que hão-de professar todos os povos da terra, quando não formarem mais do que uma nação e uma familia: é a religião do futuro, destinada a substituir os cultos tão numerosos, que desfiguram a Divindade sobre todos os pontos do globo.»

O postulante fica logo esclarecido sobre as crenças e religião da Fr.·.-Maç.·. É espiritual ou material, independente de toda a materia a causa de toda a existencia? Não, veremos mais adiante que nada existe absolutamente immaterial.

Todos os cultos são indifferentes, ou antes não deve haver *culto:* porque o deismo, que é a religião da razão e dos grandes espiritos de todos os tempos, nem admitte re-

velação nem culto, e esta religião deve ser a de todos os povos, deve substituir os cultos tão numerosos que desfiguram a Divindade sobre todos os pontos do globo. É bastante claro? Querem melhor? Deus, o grande architecto *do universo* é uma denominação generica, que, desde Platão, toda a gente póde aceitar pelo Deus que *venera, até por aquelles que não crêem em Deus*. (Mundo Maç.·., t. IV, pag. 657).

Assim se termina a primeira viagem. Vai principiar a segunda. Assemelha-se muito á primeira, posto que os perigos simulados não sejam os mesmos. Após a segunda viagem, o postulante conduzido ao 1.º Vigilante é por elle interrogado da mesma maneira que o foi pelo 2.º depois de concluida a primeira viagem, e graças á mesma resposta, que pede a luz, nasceu livre e tem bons costumes, passa adiante.

Esta segunda viagem termina por uma instrucção do Veneravel sobre os deveres do homem para com Deus, os seus semelhantes e comsigo mesmo.

« Que deve o homem a Deus? Os termos d'esta interrogação são claros, mas quando se lhes quer dar precisão, encontra-se difficuldade. Procura-se definil-a? Procurando esta definição, é para recear que não se encontre com a idéa dos outros, e que não se faça para si um ideal sem applicação á sociedade, com quem no entanto é mister conservar-se em certa harmonia. *O dever do homem para com Deus variará conforme os individuos*. Será suave ou severo de temor ou de amor, de filho ou d'escravo. O culto será alegre ou triste, cruel ou humanó, de reconhecimento ou expiação: será todo *exterior* ou sobrecarregado de ceremonias, ou *interior* e de sentimento, consoante a idéa que se fizer do grande *Ser* a quem se presta o culto.

« Admiremos aqui a alta sabedoria e prudencia dos que conceberam o plano da Fr.·.-Maç.·. Elles conheciam todas as variedades de opiniões e doutrinas, chamaram-se Fr.·.-M.·. e disseram que edificavam moralmente um templo á *ver-*

dade e á virtude: chamaram a causa da existencia de todas as cousas: *Supremo Architecto do Universo.* Em verdade, considerando o universo como o seu templo, existirá architectura mais formosa? *A sabedoria e força* sustentam o edificio: ao mesmo tempo que a ordem e harmonia são a sua belleza e adorno.

« Por este modo, apresentando uma formula geral que de positivo só tem o ponto admittido em toda a parte e que sel-o-ha sempre, a Maç.·. deixa a cada um, como dominio inviolavel e sagrado, todos os artigos que este poder acrescentar para completar a sua crença. Se tal concepção é impotente para conservar a paz entre os homens, quem poderá encontrar outra que o consiga? »

Tiremos a conclusão d'este palavriado sufficientemente confuso. Que deve o homem a Deus? O dever do homem para com Deus varía conforme os individuos. O culto é diverso segundo a idéa que se faz da Divindade. Com excepção do ponto admittido geralmente, a existencia do Supremo Architecto do Universo, cuja significação nós conhecemos e póde convir até ao atheu, todos os artigos são deixados á apreciação de cada um como dominio seu, inviolavel e sagrado.

Por outras palavras, nada devo a Deus, se me apraz: não sou até obrigado a admittir a sua existencia.

« *Que deve o homem a si proprio? Nada.* Resposta justa, porque um individuo não póde ao mesmo tempo ser *seu credor e devedor.* O homem não deve deshonrar o seu ser, mas guiar-se pela honra, verdade, instrucção e estudo. Additemos que nunca elle deve dizer ou fazer cousa alguma imprudente, ou que lhe seja dictada pela paixão. »

O homem não deve nada a si. Deve porém a si. Não póde ser seu credor e devedor. Deve a si não se deshonrar... *nunca dizer cousas imprudentes.* Quem entenderá tudo isto?

« Que deve o homem aos seus semelhantes? O homem deve a seus semelhantes quanto elle crê que estes lhe devem: os direitos de um são os deveres do outro.

Cada um permanece ainda aqui o *juiz* dos seus deveres, que hão-de variar conforme as suas apreciações. O *rico,* que não tem necessidade de ser auxiliado, concluirá que tambem não precisa soccorrer o *pobre:* o *pobre* nada deverá a seus semelhantes e considerar-se-ha authorisado a partilhar no que pertence ao rico.

E qual é a origem d'este *dever,* d'esta obrigação moral? Quem a impõe? Quem garante e sancciona a observancia? Quem determina a amplitude? Se ella não tem o seu principio n'um Ente superior ao homem, se não é confirmada por uma sancção independente do homem, se, em uma palavra, tira a sua origem e a sua força da apreciação individual, se cada um é encarregado de interpretal-a a seu modo, e póde violal-a sem ter que recear algum castigo, não será verdade que se torna illusoria? Logo a unica resposta logica, que se póde fazer, é a mesma que se fez ás duas primeiras perguntas: *Que deve o homem aos seus semelhantes? Nada.* O homem só depende de si, nada tem com o Creador ou a creatura, pelos seus actos só tem que responder a si.

A segunda viagem está terminada, e como a primeira concluiu pela negação da religião, e revelação do culto; a segunda acaba pela negação de toda a moral.

Deveres para com Deus, para comsigo e para com seus semelhantes tudo se dissipa e desapparece. A intelligencia fica libertada do jugo da fé e de qualquer symbolo religioso: a vontade é independente de toda a lei e authoridade. A Maç.·. vai rapidamente em tarefa, e nas suas viagens, por curtas que pareçam, fez-se bastante caminho. Só as consequencias ficarão para se deduzirem. Chega a terceira viagem que se assemelha ás outras duas, offerecendo variedade nas provas.

Depois da terceira viagem o postulante é conduzido ao Veneravel, que lhe dirige as mesmas perguntas. Elle responde-lhe pelo mesmo modo, e o Veneravel, ouvindo que o profano nasceu livre e tem bons costumes, continúa:

«Já que assim é, passem-no pelas chammas purificatorias a fim que nada lhe reste de *profano.*» E em quanto o postulante desce os degraus do Oriente para entrar no meio das columnas o I.·. Terrivel o cerca de chammas [1].

O Veneravel adverte o postulante que estão acabadas as suas viagens: «Profano, fostes purificado pela terra, agua e pelo fogo: não saberia louvar competentemente a vossa coragem: não vos abandone ella, porque ainda ides passar por novas provas. A sociedade em que desejaes ser admittido, talvez exija que por ella derrameis até a ultima gota do vosso sangue. Estaes disposto a isto?» O candidato respondendo affirmativamente, o Veneravel prosegue: «Precisamos convencer-nos de que isso não é uma affirmação vã: *quereis que vos abram a vêa immediatamente?*»

Tendo o postulante consentido, abrem-lhe uma sangria superficial, mas por um artificio que é inutil explicar aqui, fazem-lhe crêr que o sangue corre em grande abundancia, e quando se suppõe que a operação está acabada, collocam-lhe o braço em suspensão.

O Veneravel diz-lhe então estas graves palavras:

«Senhor, o profano que é admittido como maçon, deixa de pertencer a si: já não dispõe de si, mas fica pertencendo a uma Ordem derramada por toda a superficie do globo; e para que a differença das linguas não empeça um Maç.·. de ser reconhecido como tal, existe, em todas as lojas do universo, um sello com signaes hieroglyphicos, conhecidos só dos verdadeiros maçons. Este sello posto em braza, e applicado no corpo, imprime um signal indelevel. Consentis vós

[1] Isto faz-se por meio da alampada com lycopodio, comprido tubo de metal que termina em uma extremidade por uma bocca, e na outra por uma alampada *d'espirito de vinho*, cercada d'um crivo em fórma de corôa, por cujos furos sahe um pó muito inflammavel, chamado lycopodio, contido no interior, puxado pelo assopro de quem sustenta o instrumento para a chamma da alampada. Este pó provem das capsulas de lycopodio, planta cryptogamica da familia dos musgos, que tem a figura de pé de lobo, d'onde lhe vem o nome.

em receber na parte do vosso corpo que indicardes, esta marca gloriosa, de modo que possaes dizer, mostrando-a aos II.·.: «*Tambem eu sou maçon.*»

O candidato responde: «Consinto.» I.·. Experto, diz o Veneravel, cumpri o vosso dever.» Sobre a parte indicada applica-se ou o morrão d'uma vela, que se acaba de apagar, ou um vidro que se aqueceu levemente com um papel inflammado: ou esfrega-se a pelle com um panno secco, e logo se lhe appõe um corpo frio. A farça está feita. Algumas vezes o Veneravel contenta-se com a boa vontade do candidato e dispensa-o d'esta ceremonia. Termina sempre dizendo-lhe: «A vossa resignação prova-nos que em todos os tempos e circumstancias, vos honrareis com o titulo de Maç.·. e o tornareis venerado.» Não deve perder-se de vista que durante todas estas ceremonias o postulante tem sempre os olhos vendados.

Excita-o depois a sacrificar para soccorro dos indigentes, que se auxiliam diariamente, o dinheiro e o producto das joias que lhe pertencem, e lhe começaram a tirar, como dissemos. O candidato diz em voz baixa ao I.·. Hospitaleiro o que deseja se faça em favor dos maçons necessitados. Então o Veneravel diz ao I.·. Mestre de Ceremonias: «Entregai o candidato ao I.·. 1.º Vigilante para que este o ensine a dar o *primeiro passo no angulo de um quadrado comprido:* vós lhe ensinareis os outros dous, e conduzil-o-heis depois ao altar dos juramentos.»

Estamos chegados ao momento solemne para o candidato, que vai ser admittido como Aprendiz Maç.·. Ajoelhado ante o altar dos juramentos, o I.·. Mestre de Ceremonias apoia-lhe sobre o peito esquerdo as pontas de um compasso, collocado d'antemão com um esquadro e uma espada scintillante sobre a Biblia aberta, que está no altar.

O Veneravel convida toda a Loja a tomar parte no acto, que vai cumprir-se: «De pé e á ordem, meus irmãos: o neophyto vai prestar o *juramento terrivel.*» Todos se levantam, tomam a espada e collocam-se na postura consagrada,

ao passo que o candidato presta o juramento que lhe é exigido.

«Juro, em nome do Supremo Architecto de todos os mundos, de nunca revelar os segredos, signaes, toques, palavras, doutrinas e usos dos Fr.·.-Maç.·. e de guardar a este respeito silencio inviolavel. Prometto e juro a Deus de nunca atraiçoal-os nem pela penna, nem por signaes ou gestos: de nunca os mandar escrever, lithographar, gravar ou imprimir: de nunca publicar o que se me ha confiado até este momento ou houver de transmittir-se-me no futuro. Obrigo-me e submetto-me á pena seguinte, se faltar á minha palavra: que me queimem os labios com um ferro em braza; que me cortem a mão, arranquem a lingua, degolem o pescoço; que meu cadaver seja dependurado em uma loja durante os trabalhos para a admissão de um novo irmão, para ser a ignominia da minha infidelidade e o terror dos outros; que o queimem depois e lancem as cinzas ao vento, de modo que não reste vestigio algum da memoria da minha traição. Assim Deus me ajude e o seu Santo Evangelho. Amen.»

O postulante collocado entre as duas columnas, todos os II.·. dispostos em circulo em torno d'elle dirigem-lhe sobre a cabeça as espadas nuas, de modo que elle seja um centro onde convirjam todos os raios. O I.·. Mestre de Ceremonias, situado detraz do candidato, desata sem deixal-a cahir a venda que lhe cobriu os olhos desde o principio da ceremonia. Um irmão, collocado na frente, sustenta a *alampada com lycopodio*. Então o Veneravel toma a palavra:

«Irmão 1.º Vigilante, agora que a coragem e perseverança d'este aspirante o fizeram sahir victorioso das suas longas provas, consideraes que elle é digno *de ser recebido no nosso gremio?*»

1.º Vigilante. «Sim, Veneravel.»

Veneravel. «Que pedis para elle?»

1.º Vigilante. «A luz.»

Veneravel. «Que a luz seja.»

Este bate então tres vezes com o malhete. Á terceira

pancada, cahe a venda do neophyto, ficando este deslumbrado por uma grande chamma que sahe da alampada de lycopodio, a que assopra o I.·. que a leva.

Ao mesmo tempo que vê esta luz brilhante e que todas as espadas estão com a ponta dirigidas para o seu peito, o neophyto ouve todos os II.·. exclamar: «Castigue Deus o traidor!» Mas o Veneravel socega-o. «Nao temaes, meu irmão, as espadas, que estão viradas para vós, são só terriveis para os perjuros: se fordes fiel á Maçonaria como devemos esperal-o, estas espadas estarão sempre promptas para a vossa defeza: mas, se ao contrario, algum dia a atraiçoardes, nenhum lugar da terra vos offereceria abrigo contra estas armas vingadoras.»

Todos os II.·. abaixam então a ponta das suas espadas, e á ordem do Veneravel, o Mestre de Ceremonias conduz o novo irmão ao altar, onde ajoelha. O Veneravel toma sobre o altar a espada reluzente, colloca a ponta sobre a cabeça do novo irmão, e consagra-o Aprendiz Maç.·. dizendo-lhe: «Em nome do Supremo Architecto do Universo, e em virtude dos poderes, que me foram confiados, crio-vos e constituo-vos Aprendiz Maçon e membro d'esta respeitavel loja.»

Então o Veneravel dando tres pancadas de malhete na lamina da espada, levanta o novo irmão, cinge-lhe um avental de pelle branca, dá-lhe um par de luvas brancas que o Maç.·. deve calçar na Loja como *emblema da sua innocencia*, e um par de luvas de mulher que elle deve offerecer áquella que mais estimar. Finalmente, revela-lhe os mysterios privativos do grau de Aprendiz Maçon e dá-lhe o triplice beijo fraterno.

O Aprendiz é tornado a conduzir entre as columnas para ahi ser proclamado na sua nova qualidade. Á ordem do Veneravel, todos os irmãos applaudem pelo signal, bateria de mãos e acclamação usual, a iniciação que acaba de verificar-se.

Em fim o novo irmão tendo-se vestido outra vez é conduzido pelo I.·. Mestre de Ceremonias á extremidade orien-

tal da columna do Norte, onde toma lugar na qualidade de candidato, em assento particular. O I.·. Orador, endereça-lhe um discurso solemne, que termina a ceremonia.

Teria que fazer algumas observações sobre este ceremonial bastante complicado, mas a carta vai longa, e reservo-me para outro lugar e occasião.

CARTA VIGESIMA QUINTA

O Fr.·.-Maç.·. desde o primeiro passo, sacrifica a sua dignidade, liberdade, e consciencia, e se é christão, a sua religião

Senhor.

As proporções, que fui obrigado a dar á minha ultima carta, não me consentiram que eu fizesse sobresahir, como merecem, as particularidades mais notaveis da ceremonia d'admissão ao grau d'*Aprendiz*. Este assumpto me parece tanto mais importante quanto nada direi da maior parte dos outros graus.

Confesso, considerando o modo como a Maç.·. trata o candidato que se apresenta para entrar nas suas fileiras, que estas provas são obra de mestre. De certo ella contou com uma vontade bem pronunciada da parte do aspirante, mas se elle estivesse ainda preso por um resto d'escrupulo, se não fosse disposto a vender a sua consciencia, não se demorará a receber o desengano, e a Maç.·. envolvel-o-ha tão firmemente em suas redes, desde o primeiro passo, que não lhe será possivel retrogradar.

O primeiro sacrificio, que lhe pede, é a sua *dignidade* e *independencia*.

Que um homem grave e serio se sujeite ás formalidades

humilhantes e ridiculas, que lhe exigem; que consinta lhe tirem os vestidos e vendem os olhos, conduzindo-o com a cabeça descoberta, com um vestuario extravagante e indecente, a provas ignoradas, cujo fim é mostrar a sua temeridade e independencia: que esse homem consinta em ter por mestres os que se gabam de não ter principio algum, cujo merito consiste em declarar todo o genero humano ignorante e louco, proclamando-se elles os unicos *videntes:* que se rebaixe diante d'elles e lhes peça a luz: que mude as suas crenças por um systema impio: que consinta em sellar com o seu sangue um compromisso illicito e promessas criminosas: que se humilhe até receber o estigma da Maç.·. a fim de trazer na sua carne o *signal glorioso;* declaro-o, é para mim um mysterio.

Este triumpho deve especialmente lisonjear a Maç.·. e Satanaz deve rir com vontade. Ah! se a igreja, para o fim da nossa salvação, se lembrasse de recorrer a meios semelhantes, quantas vozes se levantariam para condemnal-a! O que não se faria por Deus, faz-se pelo demonio: e o inimigo do genero humano, tão cheio d'orgulho, tem especial regosijo em rebaixar e degradar o christão, que traz na sua alma o sello da semelhança divina. Mas não basta. As provas diversas a que é sujeito o postulante, são todas mais degradantes umas que as outras, e impõem-lhe o sacrificio mais absoluto do seu amor proprio mais innocente, e do sentimento legitimo da sua dignidade de homem livre e racional. Ha n'este processo uma contradicção singular entre os actos da Maç.·. e as promessas emphaticas de liberdade absoluta com que embala seus adeptos.

Quer V. convencer-se que esse homem, que se diz ter nascido livre, e deseja entrar na Maç.·. para gozar ahi maior liberdade, é por ella tratado como o escravo mais vil? É sob a ponta de uma espada apoiada ao peito que elle deve responder ao Veneravel; é sob a ameaça d'uma bebida envenenada que deve contrahir seus primeiros compromissos e *libar a taça sagrada tão fatal aos perjuros.*

A desconfiança e as ameaças perseguem-no em toda a parte.

«Se tencionaes enganar-nos, diz-lhe o Veneravel, não espereis conseguil-o: a certeza, que teremos da vossa perfidia ser-vos-hia fatal, e deverieis renunciar a tornar a vêr a luz do dia.»

E, como se isto não fosse sufficiente, ainda antes d'elle proferir o juramento solemne tomam-se novas precauções. «Temos necessidade de nos convencer, diz o Veneravel ao postulante, que a certeza que nos daes das vossas disposições não é vã. Quereis que se vos abra a veia immediatamente?» E para cumulo de humilhação é preciso que receba e traga gravado na carne o vergonhoso estigma da Maç.·. É tambem sob o ferro ameaçador dos irmãos formando circulo em volta do candidato, que este profere o *juramento terrivel:* tranquillisam-no, é verdade, mas fazendo brilhar novamente a formidavel espada, suspensa sobre a cabeça: «Não temaes, meu irmão, as espadas que estão voltadas contra vós, são só terriveis para os perjuros. Se fordes fiel á Maç.·. estas espadas estarão sempre promptas para defender-vos; mas se, pelo contrario, alguma vez a atraiçoardes, não haverá lugar sobre a terra que vos offereça um abrigo contra estas armas *vingadoras.*» Finalmente, até no momento, em que o Veneravel pronuncía a formula de admissão, colloca ainda *sobre a cabeça do Aprendiz a ponta da espada reluzente.*

Ao sacrificio da sua *dignidade* e *liberdade* a Maç.·. reune o da consciencia. Para que servem as provas usadas na admissão aos graus da Fr.·.-Maç.·.? O I.·. Dufresne em um discurso pronunciado na abertura da Loja do Trabalho em Bruxellas em 1840 nol-o vai ensinar Recommenda aos noviços da Ordem duas cousas principalmente: discrição rigorosa e coragem a toda a prova.

«A coragem, diz elle, para zombar do diabo e do inferno, mas primeiro que tudo da sua consciencia e dos seus remorsos. Quantas vezes temos nós visto, continúa tristemente o orador, abjurar no leito da morte, pelo temor dos tormentos

do inferno, o titulo de maçon, mais efficaz, quanto a mim, ante o throno das misericordias, do que as orações assalariadas? A coragem é uma qualidade indispensavel para quem se apresenta á iniciação. Observa que é com este fim que os candidatos são submettidos a diversas provas physicas. É por isso que se lhe vendam os olhos, que os puxam, maltratam, empurram de um para outro lado como bolas no jogo, que os introduzem em subterraneos debilmente illuminados por algum clarão satanico, que apresentam a seus olhos aterrados cadaveres ou esqueletos, que se arremessam sobre elles com o punhal na mão, que os atormentam em fim por todas as sortes de phantasmagorias e artes diabolicas, tudo, para se certificarem se elles serão homens para se rirem mais tarde do diabo em pessoa.» (Jornal hist. e litt. de M. Rersten, t. 7, p. 533 e seguintes).

Que direi do juramento exigido ao candidato e dos compromissos tão solemnes que elle toma de observar fielmente os deveres prescriptos aos Fr.·.-MM.·. e das imprecações horrorosas, que sanccionam o juramento de nunca revelar os segredos da Ordem? Insensato, sabeis o que se poderá exigir de vós quando se vos declara que talvez seja necessario que derrameis pela Maç.·. até a ultima gota do vosso sangue? *Quando prometteis de executar tudo quanto fôr prescripto em nome da maioria da Loja,* cujos sentimentos e projectos ignoraes, e de que tendes mil razões para desconfiar? Ouvi a opinião que formava d'este juramento o principe Frederico d'Orange, grão-mestre nacional da Maç.·. nos Paizes Baixos em 1819. O I.·. de Wargny, grande Orador da Loja de Bruxellas, havia-lhe escripto em nome de muitos maçons distinctos pelo seu zelo e conhecimentos, que os «Aprendizes, Companheiros e Mestres ignoram tudo o que se passa em roda d'elles e que devem além d'isto, por principio e dever, submetter-se a todas as decisões dogmaticas dos graus superiores e obedecer sem poderem emittir opinião.» O principe rebellou-se com o procedimento que a Ordem tem para com os Maç.·. dos graus inferiores, ou para nos servirmos

das suas proprias expressões «de que ahi se obriga um irmão a prometter e jurar submissão e obediencia absoluta a outro irmão.»

«E como, exclamava elle, se exige do candidato a promessa de guardar um segredo a respeito de um objecto que lhe é desconhecido! Obrigam-no a jurar obedecer ao que lhe fôr communicado, e como se não fosse bastante, deve prometter protecção com perigo de vida... a quem? ignora-o, é talvez um bem: é talvez um mal: é uma conspiração contra o Estado: é o juramento de negar a Deus... e de antemão jurou de guardar o segredo, de obedecer-lhe, protegel-o e defendel-o.» (Annaes Maç.·., tom. IV, p. 138).

O iniciado assignará este juramento com o seu sangue. O manual do Fr.·.-M.·. do I.·. Barot diz expressamente que o Aprendiz, jurando de guardar os segredos da Ordem, sujeita-se, no caso de infracção, ás deliberações de seus irmãos, e sella com o seu sangue os compromissos que contrahiu. (Manual, t. 1, p. 19 e 21).

Perguntarei a qualquer individuo de boa fé, será possivel que os segredos da Maç.·. que sob juramento e pelas penas mais graves nos obrigamos a não revelar, tenham por objecto boas acções? Se fosse assim, para que se recorreria ao juramento, ao segredo e ás penas atrozes, em que se incorreria? É prudente e racional que nos compromettamos pelo juramento em cousas que não conhecemos, e podem ser más?

Póde-se, sem peccado, tomar Deus para testemunha d'um compromisso imprudente, temerario e criminoso?

A Maç.·. que permitte aos seus adeptos serem atheus, poderá exigir legitimamente o juramento e conformar-se-hia este com o respeito que ella professa pelas opiniões religiosas e politicas de cada um, pela liberdade absoluta de consciencia, que deixa a todos os seus membros?

É assim que a Maç.·. zomba dos seus adeptos: em nome da liberdade impõe-lhes a mais dura e odiosa tyrannia. V. o vê, o candidato ao entrar na Maç.·. é obrigado: 1.º a sacrificar a sua *dignidade de homem;* 2.º a renunciar á *sua li-*

berdade, porque tratam-no como escravo; 3.º a calcar aos pés a *sua consciencia,* porque faz juramentos criminosos, toma compromissos illicitos. A sua admissão, se elle é christão, custar-lhe-ha mais cara ainda: ser-lhe-ha mister calcar aos pés a sua religião. E na verdade as ceremonias da sua recepção são apenas uma sacrilega parodia das ceremonias do baptismo. Escute e veja se me adianto em demasia: vou pôr em parallelo o que se observa na igreja para o baptismo de um menino, e o que V. acaba de vêr prescripto no ritual Maç.·. e praticado para ser admittido como Aprendiz maçon.

O que se pratica no baptismo da criança	**O que se pratica na admissão do Aprendiz**
A criança, que deve ser baptisada, espera fóra da igreja; não é ainda filho de Deus.	O candidato é introduzido n'uma camara solitaria, e depois no gabinete das reflexões. É ainda *profano.*
O sacerdote pergunta aos que o apresentam, qual é o menino, d'onde é, quem são seus padrinhos.	Fazem-lhe declarar seu nome, lugar do nascimento, idade, religião, profissão.
Que pedes da igreja de Deus? — A fé, a vida eterna.	Quem é, diz o Veneravel, este temerario que ousa perturbar-nos? O homem, que acaba de bater, é um profano que deseja vêr a luz: diz o introductor.
O padre assopra tres vezes na cara do menino, dizendo: «Retira-te d'elle, espirito immundo.»	O Veneravel tendo dito: que passe pelas chammas purificantes, de modo que nada lhe reste de profano, o I.·. Terrivel o rodeia de chammas por tres vezes differentes.

Duas vezes o padre faz o signal da cruz na testa e peito do menino, pedindo para elle a pureza de costumes digna do christianismo.

O padre ora a Deus pela creança.

O padre pede para que o menino fique libertado da cegueira de coração em que se acha immerso.

Rompam-se os laços com que Satanaz o tem preso.

Liberte-se das exhalações fétidas das más paixões.

Dignai-vos, Senhor, illuminar este menino com a luz da vossa intelligencia.

O menino é introduzido na igreja.

Recita-se o Symbolo dos Apostolos e a oração dominical.

Tres vezes o padre ordena ao demonio que sáia do menino.

O I.·. Cobridor lhe põe ao peito a ponta da espada nua, e o I.·. Terrivel attesta que elle nasceu livre e é de bons costumes.

O Veneravel, em nome do postulante e da Loja, endereça uma oração ao Grande Architecto do Universo.

O postulante tem os olhos vendados, o que figura, diz o Veneravel, as trevas em que se acha envolto todo o homem que não tem recebido a iniciação maçonica.

Uma corda passada á roda do pescoço do postulante recorda-lhe que na qualidade de profano está em uma situação de escravo.

Recommenda-se ao postulante que combata as suas paixões.

Segunda e terceira vez se responde pelo postulante, que este vem pedir a luz.

O postulante reconduzido á Loja é levado ao altar.

Crêdes no Ente Supremo? Explicação da religião.

As tres viagens do candidato.

Renuncias a Satanaz, suas obras e pompas?

Promessas do baptismo.

O padre faz a uncção no peito do menino.

O padre pergunta ao menino, representado pelo padrinho: Credes?
Queres ser baptisado?

O padre: «Eu te baptiso em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo.»
O padre faz uma uncção sobre o alto da cabeça do menino com o Santo Chrisma.
O baptismo faz-nos filhos de Deus e da igreja.
O baptismo imprime um caracter.

Cobre-se o menino com a veste candida.

Pergunta-se ao postulante: Persistís em querer? Sentís-vos com forças? Tendes reflectido com madureza?
Juramentos, compromissos tomados pelo Aprendiz, que sella com o seu sangue.
O Mestre de Ceremonias applica a ponta de um compasso sobre o peito esquerdo do candidato.
O Veneravel: «Que deve o homem a Deus; a si e aos seus semelhantes?»
Estaes prompto a derramar o vosso sangue pela sociedade? Quereis que se vos abram as veias?
Em nome do Gr.·. Arch.·. do Universo eu vos crio e constituo Aprendiz maçon.
O Veneravel sustenta a ponta da espada reluzente sobre a cabeça nua do candidato.
O maçon não pertence a si, pertence á sociedade.
É tambem o supposto effeito da profissão Maç.·. e além d'isto marca-se o corpo do Aprendiz com o signal maçonico.
O Aprendiz é cingido com um avental de pelle branca, e dá-se-lhe um par de luvas brancas.

Vai em paz, e esteja o Senhor comtigo, diz o padre.	O Aprendiz recebe o triplice beijo fraterno e os applausos da assembléa.
O menino recebeu um nome no baptismo.	O Aprendiz chama-se d'ora avante irmão.
O menino pertence á igreja: é seu filho.	O Aprendiz faz d'ora avante parte da Loja Maç.·. e toma lugar entre seus irmãos.
O menino é representado pelo padrinho e pela madrinha que respondem por elle.	O postulante é apresentado pelos dous Vigilantes, que respondem por elle e se tornam seus fiadores.

Finalmente, nem a indelibilidade do caracter impresso pelo baptismo christão escapou á Maç.·. para o attribuir tambem á iniciação maçonica [1].

Parece-me que é escusado levar mais adiante esta comparação. Se cada uma das confrontações que acabamos de fazer não é o effeito d'um calculo impio, como nos persuadiremos que uma analogia tão frisante, e bem ligada, seja só o resultado do acaso? Mas se o Ritual Maç.·. deixa descobrir uma parodia sacrilega do que a religião catholica tem de mais sagrado, que devemos pensar d'estas iniciações? Não teremos razão para procurar nos mysterios e burlescas ceremonias dos differentes graus o infernal intento de

[1] A commissão nomeada para fazer um relatorio sobre o pedido do I.·. N. tendente a ser riscado da lista dos II.·. da Ordem pensa que se qualquer póde deixar de ser membro de uma Loja, nunca se póde, comtudo, perder a qualidade de Maç.·., porque a admissão de um profano na Ord.·. imprime-lhe um caracter sagrado e indelevel que lhe fica sempre, embora querendo negal-o, se torne por isso indigno. A Grande Loja de Bruxellas ratificou a 20 de junho seguinte, a decisão da Loja de Courtrai. O Grande Oriente da Belgica declarou de novo em 1856, que a obrigação pronunciada por um maçon, dá-lhe um caracter indelevel.

Veja-se a deliberação do Grande Oriente, fazendo sequencia á carta mandada aos membros das camaras legislativas. (Annaes Maç. dos Paizes Baixos, t. IV, p. 35 e seguintes).

ridicularisar as verdades mais augustas e calcar aos pés as praticas mais santas do christianismo?

Aqui está a chave, penso eu, dos segredos maçonicos e o meio unico de explicar as iniciações. Os symbolos, emblemas, legendas offerecem geralmente um pequeno interesse. A improbabilidade, as contradicções, o ridiculo até, tirar-lhes-hiam a authoridade, tornando-os insipidos, se a impiedade não lhes désse um sabor secreto, um certo cheiro do inferno. Um trabalho completo sobre este assumpto teria suas vantagens e tambem suas difficuldades: não pensamos emprehendel-o, e se tanto insistimos sobre a iniciação do Aprendiz é porque nos pareceu que o conhecimento exacto do primeiro passo dado na entrada da Maç.·. nos proporcionaria noticia completa do caminho seguido para os graus mais elevados: porque se a estreia é assim, qual será o termo? E se os graus que passam por innocentes e se dizem fóra da verdadeira Maç.·. exigem da parte dos adeptos uma renuncia tão completa ás suas crenças religiosas, e lhes faz contrahir compromissos tão solemnes, que deveremos pensar dos graus superiores da Ordem? Seja como fôr, repito-o, concluindo esta carta, o primeiro passo dado na carreira é para o Aprendiz Maç.·. um passo de gigante: assim a primeira pancada de malhete da Maç.·. para formar o noviço, revela o seu poder e força. Desenhei vagamente os contornos geraes do verdadeiro Maç.·., comtudo n'elles se reconhecem as feições d'um mestre habil: o esboço por imperfeito que seja, indica uma obra prima; sim, mas obra prima de malicia.

Não podendo entrar no exame minucioso das diversas iniciações, indicarei apenas de modo geral o caminho, que se segue na Maç.·. para chegar á perfeição, e levantarei o véo que encobre a impiedade de certos graus elevados. Tratarei este assumpto na carta immediata.

CARTA VIGESIMA SEXTA

Recepção ao grau de Companheiro. — De Mestre. — Eleito dos nove. — Rosa-Cruz. — Cavalleiro Kadosch.

Senhor.

Prometti designar ao menos os marcos da estrada que tem para seguir o adepto, aceito aprendiz, na sua carreira maçonica. Cada um d'estes graus deve ter um fim, realisar no Maç.·. uma nova perfeição, ligar-se ao grau precedente por um annel, e ao grau seguinte por outro. Vou cumprir a minha promessa sendo sempre pouco extenso.

1.º Uma palavra sobre o grau de companheiro.

Como na recepção ao grau de aprendiz ficavam minadas as duas verdades fundamentaes da religião, a *existencia de um Deus,* distincto da materia e soberanamente perfeito, e a *immortalidade da alma:* era importante encher o vacuo que no espirito deixa a ausencia d'estas duas verdades e familiarisar o homem a passar sem ellas. Por isso se dão ao companheiro certas explicações scientificas cujo fim é, senão dar razão das maravilhas da ordem natural que admiramos no universo, e dos factos não menos admiraveis de que o homem é pessoalmente principio e objecto, fazer suppôr ao menos que não ha necessidade para isto de recorrer a Deus, nem de suppôr a espiritualidade da alma.

É o que o veneravel pretende fazer, pensamos nós, pela descripção emphatica dos effeitos extraordinarios produzidos na natureza pela *electricidade*, e dos numerosos phenomenos que se lhe attribuem. (Veja nota IX).

Fazendo a leitura attenta do Ritual Maç.·. com esta idéa torna-se comprehensivel: apanha-se o sentido perfido, o seu alcance e a importancia, que tem, no ritual ou ceremonial d'um grau: aliás seria uma excrescencia ridicula sem razão nem fim: além do inconveniente de atordoar o *candidato* que nada comprehenderia n'isso, não poderia tambem ter alguma explicação pratica para a instrucção e formação do Maç.·. Sigamos esta idéa e vamos aproximal-a do que nos disse a Fr.·.-Maç.·. sobre a natureza de Deus, o *poder do fogo creador, purificador e renovador de todas as cousas*.

«Vêde estas luzes, este fogo multiplice, este signal ardente, o triangulo unico, adorado por tudo o que respira. Eis aqui a origem de todas as cousas, a fonte da vida, o typo da natureza operante. É o fogo eterno, que tudo anima, e a tudo dá existencia. É Deus no seu symbolo mais intelligivel, porque sem o fogo, sem a luz, não ha nada, o mundo nunca existiria, seria impossivel. «(I.·. des Étengs. O *verdadeiro laço* dos povos ou a Maç.·. restabelecida aos seus verdadeiros principios, p. 114. Paris 1848).

Confrontai esta idéa com as palavras do I.·. Ragon que á pergunta: o que é a alma? responde simplesmente: «perguntai-o á electricidade» (Globo, t. II, p. 279), e tereis o fio conductor que vos ha-de dirigir n'um labyrintho d'onde sem elle não podereis desembaraçar-vos. E' um passo andado na estrada Maç.·.

2.° A legenda d'Adoniram, architecto do rei Salomão na edificação do templo de Jerusalem e assassinado por não ter querido revelar o segredo da sua arte, é o assumpto principal das ceremonias para a recepção de Mestre. «Um crime commettido, uma ceremonia funebre, a commemoração da morte d'um personagem illustre, taes são os factos da legenda do terceiro grau symbolico. Se esta palavra symbolica

não lembrasse que em este grau como nos precedentes tudo é emblematico, a simples observação d'estas ceremonias bastaria para nos convencer plenamente... Esta morte é só uma allegoria.» E o respeitabilissimo veneravel, depois de ter dado curiosas explicações d'esta allegoria, recommenda ao candidato que nada acredite do que lhe contou!

Por meio d'este expediente, diz o snr. de St.-Albin (p. 146): «Se o Maç.·. houver de parar no grau de Mestre, a historia de Adoniram ficará sendo para elle apenas uma *allegoria,* em que se trata do sol e do curso das estações. Mas se deve subir mais acima, este Adoniram é a sabedoria e genio da architectura, d'esta architectura intellectual, que se chama Fr.·.-Maç.·. e deve reconstruir o mundo sobre um novo plano; os assassinos de Adoniram são os *profanos* de todos os tempos: são os *christãos* que defendem a sociedade christã contra os filhos d'Adoniram, ardentes para destruil-a a fim de levantarem em seu lugar a nova sociedade que sonharam.»

O signal de Mestre é chamado *o signal d'horror,* porque significa o horror que se apossou dos Mestres quando descobriram que Adoniram tinha sido assassinado.

Ha aqui tambem um passo importante na recepção d'este grau; o candidato descobre já, ainda que ao longe, o inimigo que se aponta ao seu odio e sobre que se chama a sua vingança. A prudencia Maç.·. por um momento deixa ainda envolto n'um véo esse personagem, mas mais tarde elle será levantado.

3.º Vejamos agora o que se faz na iniciação do nono grau Maç.·. *Eleito dos nove.* «A camara obscura deve ser forrada de preto e alumiada pela luz, que se vai descrever: é necessario que haja uma caverna, ao fundo da qual se ache entre ramos d'arvoredo um phantasma assentado, com a cabeça guarnecida de cabellos. Ao pé está uma mesa e um mocho e defronte um quadro transparente, que representa um braço com um punhal, e por baixo escripto «Vingança!» Sobre a mesa uma taça: e por baixo do mocho colloca-se

um punhal e uma alampada portatil que projecta uma fraca luz: no outro lado do quarto é precisa uma fonte d'onde deve dimanar agua clara.»

Quando tudo assim se acha disposto e que o I.·. Intimo com os olhos vendados haja conduzido o candidato a este quarto, fal-o assentar no mocho diante da mesa, com a cabeça encostada a uma das mãos, e diz-lhe: «Não vos movaes d'esta posição, meu amigo, até que não ouçaes tres pancadas que vos servirão de signal para abrirdes os olhos. Segui exactamente o que vos prescrevo, sem o que não podereis ser admittido na augusta Loja dos Mestres Eleitos.» Acabado este discurso, sahe o I.·. Intimo, fecha a porta com força e abandona o candidato durante algum tempo ás suas reflexões: depois bate tres pancadas, e deixa ao candidato o tempo d'examinar o que se passa em torno de si: decorrido este tempo entra e diz-lhe com ar serio: «Coragem, meu Irmão, vêdes vós esta fonte? Tomai esta taça, enchei-a de agua e bebei; porque vos falta ainda bastante obra para fazer.»

Apenas o candidato acabou de beber: «Tomai, lhe diz o I.·. Intimo, esta alampada, armai-vos com este punhal, entrai no fundo da caverna, e feri tudo o que encontrardes e vos fizer resistencia. Defendei-vos, vingai vosso Mestre, e tornai-vos digno de ser Eleito.»

O candidato entra com o punhal levantado, levando a alampada na mão esquerda. O I.·. Intimo segue-o, e mostrando-lhe o phantasma ou a cabeça, exclama-lhe: «Fere, vinga Adoniram, eis o seu assassino.» O candidato fere com o punhal. Depois diz-lhe o I.·. Intimo: «Deixa esta alampada, toma esta cabeça pelos cabellos, levanta o teu punhal e segue-me.» (Resumo da Fr.·.-Maç.·. Adoniramita).

Houve progresso, como se vê: desappareceram a duvida e o vago: e estamos já longe do grau de Mestre, a quem se não ousa dizer a verdade, desejando-se comtudo que elle a adivinhe. Ainda porém se não revela ao *Eleito dos nove* quem foi o malvado que assassinou Adoniram e

sobre quem é preciso vingar a sua morte. Mas lá se chegará, com paciencia.

4.º O 18.º grau, chamado de Rosa-Cruz manifesta-nos progresso não inferior no que se refere á impiedade da Maç.·.

É um grão-mestre nacional da Maç.·. dos Paizes Baixos, Frederico de Orange, que, sem embargo de ser protestante, se queixa amargamente de que nas ceremonias e emblemas do grau de Rosa-Cruz, se insulta sacrilegamente Jesus Christo, e demonstra que estes emblemas offerecidos não só a judeus e musulmanos, mas tambem a christãos, devem insurgir a sua consciencia. «Não podemos dissimular, diz o principe, que a legenda d'este grau *Sublime Principe Rosa-Cruz* não é mais do que a historia de Jesus Christo. Quem negará que não podemos assemelhar a ficções a vida e morte de Jesus Christo? Quanto nos indignamos, lendo a legenda d'este grau, encontrar ahi ceremonias tão diametralmente oppostas á doutrina e ao caracter do filho do homem: oppostas até aos diversos preceitos de Jesus? Não transcreveremos esta legenda; nem commetteremos o crime de *representar o Divino Jesus como um emblema...*

«Porque motivo exigis de mim, vos dirá o christão, que eu prometta de occultar aos meus semelhantes a doutrina do meu divino Mestre? Não disse elle: «Ide, instrui todos os povos?» Não deve ser repugnante a um christão de vêr n'este grau de Rosa-Cruz, Jesus Christo representado por...? e onde...? e como...? e quando?» Comprehende-se a energia e força que ha n'estas reticencias e o que diz uma reserva imposta pela prudencia. (Annaes Maç.·. dos P. B., t. IV, p. 88, 127).

5.º Concluamos esta materia das iniciações pela recepção do cavalleiro Kadosch. Eis como se explica o I.·. Ragon no seu *Curso philosophico,* a respeito do grau de Grande Eleito, cavalleiro Kadosch ou cavalleiro da Aguia branca e negra (30.º grau).

Observa em primeiro lugar que as doutrinas professadas no grau de Kadosch formam o complemento essencial da

verdadeira Maç.·. Com razão a este grau se deu o nome de *Nec plus ultra*. Os tres graus acima são só administrativos. Os cavalleiros Kadosch (30.º grau) formam um areopago conservador, depositario das tradições não alteradas e que deve ser composta da parte mais selecta dos Maç.·. (p. 398).

N'este grau ha quatro repartimentos, completando-se a iniciação no ultimo.

1.º *repartimento*. Está forrado de preto, illuminado por uma unica alampada triangular suspensa na abobada. Communica com um subterraneo, especie de *gabinete de reflexão*, onde se acham confundidos os symbolos da destruição e da morte.

Este lugar sepulchral e silencioso, esse apparato funebre, e as questões que emergem d'um tumulo, inspiram ao candidato serias reflexões. Esta triste allegoria suscita-lhe a lembrança dos perigos, a que se tem exposto os propagadores da philosophia, Socrates, Jesus, Galileu e muitos outros, e lhe recordará que talvez um dia elle se ache exposto aos mesmos perigos. É prevendo-o, que uma voz lhe brada: «Se te não sentes com a coragem necessaria para affrontar os maiores perigos, volta sobre teus passos» (p. 391). O candidato persiste.

2.º *repartimento*. Está forrado de branco: dous altares occupam o centro: uma urna cheia de espirito de vinho, que illumina a sala está sobre um d'elles: em cima do outro um rescaldo com lume e incenso ao lado. Uma aguia, com azas abertas, está suspensa sobre o Delta. Este repartimento é só occupado pelo I.·. Sacrificador que a pedido do aspirante foi introduzido no templo da virtude e lhe diz: Mortal, *prostra-te por terra*. O candidato obedece, lança incenso sobre o fogo, e ouve uma invocação dirigida pelo Sacrificador á sabedoria omnipotente. Levanta-te e segue teu caminho, diz depois o interlocutor ao candidato.

3.º *repartimento*. A armação é d'azul, a abobada está coberta: é alumiada por tres velas amarellas, symbolo da reunião dos sabios.

O introductor suscita ao candidato a lembrança de que aos ultimos mysterios só podem ser admittidos aquelles, cuja integridade, reputação intacta, e probidade comprovada apresentam acima do vulgo: aquelles que a fidelidade, zelo e firmeza collocam acima de todo o temor: os que, livres de todos os prejuizos, são susceptiveis de adoptar os principios philosophicos: finalmente aquelles, cujo genio, guiado pela razão, póde conseguir a descoberta da verdade, atravessando o sombrio véo que occulta aos mortaes os mysterios da natureza.

O introductor tendo respondido pelo aspirante como se fôra elle proprio, fal-o entrar com as formalidades requeridas no

4.º *repartimento,* onde está o conselho soberano dos grandes Eleitos, cavalleiros Kadosch. Este repartimento está forrado de vermelho: ao Oriente está um throno cimeado por uma dupla aguia coroada, azas abertas e uma espada entre as garras. N'este local alumiado por doze velas amarellas, o capitulo tem o titulo de *Senado,* isto é, assembléa dos *antigos.* Os II.·. chamam-se *cavalleiros.*

Chegado a este divino santuario, o candidato é instruido nos compromissos, que toma: fazem-lhe depois subir a escada mysteriosa que pela sua fórma faz lembrar o Delta (p. 395). Os emblemas d'este grau são uma cruz e uma serpente de tres cabeças.

A serpente designa o mau principio: as suas tres cabeças serão o emblema dos abusos ou do mal que se introduziu nas tres altas classes da sociedade. A cabeça da serpente que sustenta uma corôa, indica os soberanos: a que traz uma tiara ou uma chave, designa os Papas: a que tem a espada, symbolisa o exercito.

O grande iniciado que occupa as posições civis deve velar no seu interesse, no da patria e da philosophia para a repressão d'estes abusos. Como signal dos seus compromissos o candidato atravessa as tres cabeças da serpente com o seu punhal.

Eis como Montjoye (na sua historia da conspiração de Luiz Philippe José d'Orleans — Igualdade) conta a admissão d'este principe ao grau de cavalleiro Kadosch.

«Luiz Philippe José foi introduzido por cinco Fr.·.-Maç.·. em uma sala obscura. No fundo d'esta sala estava a representação d'uma gruta, que continha ossos, alumiada por uma alampada sepulchral. Em um dos cantos da sala havia-se collocado um manequim, ornado com todas as insignias da realeza, e no meio d'esta peça levantou-se uma escada dobrada.

«Quando Luiz Philippe José foi introduzido pelos cinco Irmãos, estenderam-no em terra como se estivesse morto. N'esta attitude teve ordem de repetir todos os graus que havia tomado e juramentos que havia prestado. Fizeram-lhe depois uma pintura emphatica do grau que ia receber e obrigaram-no a jurar que nunca o conferiria a nenhum *cavalleiro de Malta*. Acabadas estas primeiras ceremonias concederam-lhe que se erguesse: disseram-lhe que subisse até ao alto da escada, e quando chegou ao ultimo degrau que se deitasse abaixo. Obedeceu, e então bradaram-lhe que tinha attingido o — Nec plus ultra — da Maç.·. Immediatamente depois que cahiu, armaram-no com um punhal e mandaram-lhe que o enterrasse no manequim coroado, o que cumpriu. Um licôr côr de sangue aspergiu da ferida feita ao candidato e molhou o pavimento. Recebeu ordem depois de cortar a cabeça a esta figura, sustentando-a na mão direita e conservando o punhal ensanguentado na esquerda, o que fez. Então, disseram-lhe que os ossos que via na gruta eram de Janques Molay, grão-mestre dos Templarios, e que o homem cujo sangue acabava de verter e cuja cabeça ensanguentada sustinha na mão, era Philippe, o Bello, rei de França.»

Esta narração concorda com as passagens essenciaes da descrição feita pelo I.·. Ragon. A insignia do cavalleiro Kadosch é o punhal, e segundo o rito escocez, é uma cruz, que tem sobre um dos lados uma cabeça atravessada por um pu-

nhal. «Existem, diz o I.·. Ragon, muitos rituaes do Kadosch. Todos os primitivos exprimem o *odio á realeza franceza e ao papa,* e a intenção de vingar nos successores de Philippe o Bello e de Clemente v o assassinio horroroso dos cavalleiros do Templo e do seu grão-mestre.»

Os novos rituaes procuravam disfarçar mais uma verdade expressa com demasiada energia, e que devia exprimir-se por fórmas menos repulsivas.

O primeiro grito de vingança, diz o I.·. Ragon, solta-se no *grau d'Eleito.* Repete-se no grau 29 e reapparece no de cavalleiro Kadosch; *que é o executor da Ordem,* dil-o em outra parte.

Conforme o manual da Fr.·.-Maç.·. (Leipzig 1864) o grau de Kadosch resume em si a doutrina do systema escocez, e lembra aos que são promovidos a este grau o dever de combater a superstição, isto é, qualquer religião, que tenha por base a revelação (art. Kadosch).

Lançando olhar retrospectivo e dando-nos razão do espaço percorrido pelo iniciado, elevado ao grau de cavalleiro Kadosch, ou para conformar-me com a linguagem maçonica, aos degraus da escada mystica, que elle subiu successivamente, temos alguma idéa da marcha seguida pela seita para formar o Fr.·.-Maç.·. perfeito. O primeiro passo que dá é largo, e desde o começo o candidato, pelos principios que lhe inculcam, pelas provas, que se lhe impõem e compromissos absolutos que toma, liga-se e condemna-se a tudo. Cada grau vem trazer-lhe nova revelação, exigir-lhe novos sacrificios e fazer-lhe contemplar mais claramente os ultimos fins da Maç.·. e em cada grau recebido, a cada nova iniciação exige-se que renove os seus juramentos e aperte cada vez mais a corrente de ferro que lhe impõe o incompassivel mestre a quem se dedicou, e que póde a todos os momentos pedir-lhe a ultima gota do seu sangue. Novas provas humilhantes, duras, terriveis o dispõem para os ultimos extremos.

Endurece-se insensivelmente contra os remorsos da sua consciencia, e os terrores vagos, mas comprehensiveis, que

lhe inspiram ainda a sua fé moribunda, e o que elle chama prejuizos da sua primeira educação. Quando assim trabalhou para derribar na sua alma com desvelo tudo quanto o sentimento christão ahi havia implantado; quando se familiarisou com as perspectivas mais terriveis, as quedas mais irremediaveis, as catastrophes mais espantosas: quando subiu tantas vezes ao cume da escada para precipitar-se no abysmo, então, é facil de comprehender-se, o Fr.·.-Maç.·. está completo: nada, digamol-o lamentando-o, nada lhe falta para a sua formação, nada é capaz de sustel-o na via maldita em que se arremessou.

Mas, ao passo que o seu espirito penetra ávante no erro, cerra-se para o conhecimento da verdade. Á força de additar juramentos sobre juramentos, a consciencia, machucada e embotada, torna-se insensivel, e extingue-se, desapparecendo o sentimento moral. O homem, que se fez Fr.·.-Maç.·. para ser livre, encontra-se emfim o mais abjecto dos escravos: desgraçado! cada vez se lhe torna mais difficil sacudir o jugo a que voluntariamente se sujeitou: — não póde desembaraçar-se da bala, que arrasta aos pés, e a corrente de ferro que o mantem sob o poder do demonio cada vez se torna mais pesada.

Não é sem esforços nem combates que se chega a este extremo. Um certo I.·. Lacomblé, que parece haver feito a experiencia, descreve-nos assim as lutas intimas que o Fr.·.-Maç.·. deve experimentar:

«É preciso ter a força de dar de barato todo esse acervo de fabulas inventadas pelas necessidades d'outro tempo. *É preciso ter coragem para isto.* Quasi todos nós estamos ligados por meio de laços invisiveis a uma rotina fatal. As lembranças da mocidade, das crenças primitivas, tão energicas nas crianças e nas mulheres, vem perturbar por vagos clarões a acção da logica. O homem, tornando-se capaz de raciocinar, experimenta durante muito tempo, principalmente se a sua alma é sensivel, mysteriosas admoestações, secretos convites para submetter-se á cegueira dos seus primeiros annos.

«A força do habito é tal em elle que confunde muitas vezes este appello da paixão com a advertencia da sua consciencia.» (De que lado se acha a paixão? D'onde a consciencia?)

E' necessario ter energia para metter o cecalpello de analyse no santuario d'esta fé cega que recebemos no seio de nossas mães, que se conservou e desenvolveu em nós pela frequencia do culto, pelas exterioridades e pela fórma mais do que pela idéa... Estes sonhos mysticos são perigosos e devemos evital-os para vermos o que é exacto e são. Tenhamos pois força para abstrahir de todo este cortejo: penetremos no fundo do santuario, sem deixar-nos deslumbrar pelos exteriores visiveis d'estes espectaculos attractivos: não olhemos senão para a parte real das cousas e a verdade manifestar-se-ha aos nossos olhos.

Eis como se construe pouco a pouco o edificio maçonico. Cada grau está destinado a dar-lhe mais força e elevação. O fundamento lança-se no grau de aprendiz, e recebe o seu coroamento no grau supremo.

Diremos melhor, pois que a Maç.·. não edifica mas destroe: que no grau de aprendiz a demolição começa pelo tecto: em cada novo grau successivamente se derribam os differentes andares: os fundamentos mesmos devem ser demolidos e removidos; não deve ficar pedra sobre pedra. E' o fim para que tende o trabalho Maç.·. nos individuos, como nas sociedades e é nos graus superiores que se consumma esta destruição horrorosa. Contrista-se e angustia-se o coração considerando tal cegueira. Pergunto eu como póde o homem odiar-se a si mesmo e obstinar-se na tarefa ingrata da sua decadencia moral operada por e contra si mesmo. E' o mysterio de Satanaz: é a sua obra prima. Basta por hoje.

NOTA IX

Maravilhas da electricidade. A Maç.·. explica tudo por meio d'ella.

O veneravel pergunta: « Quaes são as vossa idéas sobre a electricidade ?» Ritual do grau de Companheiro). O candidato responde... Que póde responder o Aprendiz que quer passar a Companheiro e ouve fazer esta questão ? O Ritual não o diz, mas contém a resposta do veneravel, que fiel ao seu costume, até quando interroga, responde depois de interrogado. Deve ella ser conhecida : por aqui se póde apreciar a sciencia e doutrina d'estes sabios que mostram tanto desprezo pela sociedade profana.

«Esta palavra electricidade faz lembrar uma serie de phenomenos que offerecem certas substancias, como o alambre amarello, o ambar chamado *electron* em lingua grega, que tem a propriedade de attrahir os corpos ligeiros, propriedade descoberta no succino por um antigo iniciado Thales de Mileto. Estes phenomenos parecem devidos a um fluido (electricidade) derramado em toda a parte tendo grandes relações com a luz, calorico e magnetismo. Este agente, que parece privado de gravidade, não póde conter-se em um vaso, porque o atravessa : não é perceptivel á vista, não possue nenhuma das propriedades pelas quaes se reconhecem os corpos solidos, liquidos ou gazosos e só é apreciavel por seus effeitos physicos, chimicos e physiologicos. — As funcções que a electricidade desempenha na natureza são innumeras : ella é a unica causa d'attracção e gravitação : opéra combinações e decomposições chimicas : sobe com o vapor na atmosphera, fórma ahi o trovão, o relampago, o raio, a chuva, a neve, a saraiva : faz subir a seiva nas arvores e circular o sangue em nossas veias.—Accumulada em circumstancias particulares, transporta-se com rapidez de um para o outro lado, fere e destróe as arvores, edificios, torres e fulmina os animaes.—A sua velocidade não é menos prodigiosa do que a força: move-se com rapidez maior do que a luz, porque percorre cento e quinze mil leguas por segundo. A sua luz é comparavel á do sol pelo brilhantismo da irradiação, como pelo calor que emitte : é o calor mais consideravel, que o homem póde produzir : nada lhe resiste : sob a sua influencia devoradora os metaes volatilisam-se em um momento e as pedras fundem-se como a neve em um foco ardente.

Com a sua acção positiva e com a negativa a electricidade póde ter tambem os mundos afastados a distancia fixa uns dos outros distribuindo-lh'as desigualmente.

CARTA VIGESIMA SETIMA

Maçonaria d'adopção ou das mulheres, complemento da Franc-Maçonaria.

Senhor.

Parece-me ter chegado o momento de fallar-lhe na Maçonaria d'adopção, ou das mulheres, complemento da Fr.·.-Maç.·. Depois de estudarmos esta instituição maçonica no seu *principio e organisação* procuraremos apreciar-lhe exactamente o *caracter e o fim*.

O inimigo do genero humano no seu odio comprehende o homem e a mulher; devia pois trabalhar para perdel-os ambos. Elle busca sem duvida enredar nas veredas do erro e do vicio aquelle que é estabelecido como chefe de familia, convencido que por meio do marido conseguirá a perdição da mulher e dos filhos, que dependem naturalmente de seu pai. Não ignora com tudo quão grande é a influencia da mãi de familia e a acção suave e poderosa que esta exerce sobre seus filhos; tambem sabe com quanta efficacia póde uma esposa christã actuar sobre o espirito e coração de seu esposo quando é sinceramente affeiçoada á religião. Não ignora tambem que papel decisivo a mulher, na Europa principalmente, desempenha na sociedade para a sua perda e salvação: qual é o poder da virtude, e quanto é fatal o desregramento dos costumes. Não devemos pois surprehender-nos que tendo alistado debaixo de suas bandeiras, nas sociedades secretas, tão grande numero de adeptos, Satanaz haja estendido a sua acção ás pessoas do sexo feminino. Ouçamos o

Fr.·.-Maç.·. que nos patenteará as verdadeiras razões d'esta instituição.

«Não foi para lisonjear esperanças vãas ou fazer proselytos por todos os meios, que a Franc-Maçonaria instituiu mysterios e festas com rito particular sob os auspicios de senhoras. A sua missão, o seu fim é a associação, a associação por excellencia. Para desenvolver o seu espirito os horisontes são illimitados: indulgente com as fraquezas, e prejuizos, lutando com a persuasão, chama a si todas as boas vontades: e sua existencia não é ignorada por ninguem em paizes civilisados: numerosos em todos os tempos os seus adeptos estão espalhados na superficie do globo, e seu futuro, se o progresso é uma verdade, é absorver a sociedade completamente. Mas para assegurar a sua marcha, só procede por via de eleição: deixa entre si e a multidão a distancia que lhe permitte vêr os que se collocam á sua frente e não quer augmentar o seu cortejo senão por estas naturezas privilegiadas. Por este modo em quanto as suas doutrinas não houverem prevalecido, e ella não tiver elevado tudo ao seu nivel, uma especie de isolamento a rodeará. As relações da ordem civil, ao menos na parte secreta da vida do Franc-Maçon, poderão receber algum prejuizo e as familias terem de queixar-se por isso. D'aqui nasceu o pensamento da instituição maçonica das mulheres: é mister dizer a verdade tal e qual.» (Extracto do jornal Franc-Maçon, fasciculo de janeiro de 1854, p. 9, 17).

De resto por pouco que se conheça o coração humano e se dê explicação dos principios da Maç.·. não custa a comprehender que o membro das sociedades secretas haja procurado n'esta instituição um attractivo, que as reuniões ordinarias nem sempre lhe porporcionariam. Eis porque a Maç.·. de adopção se chamou primeiramente — *um divertimento mysterioso*. Mas o véo era em demasia transparente e por prudencia houve de ser substituido por outro, que o fosse menos.

«Esta amavel instituição, diz o I.·. Ragon, foi estabele-

cida com o fim de desculpar os *maçons* da censura que lhes faziam de repellir das suas reuniões as mulheres, ao modo dos antigos iniciados que faziam para si uma virtude da castidade.»

É digno de attenção vêr a Fr.·.-Maç.·. de adopção imaginada quasi pela mesma época em que os Illuminados fizeram tanto damno á Allemanha catholica no seculo ultimo. O que elles projectaram desde o principio, só mais adiante foi cumprido: mas é tal a logica do mal, taes são as tristes e inevitaveis consequencias das paixões, a que se não offerece barreira ou freio que cedo ou tarde o principio é applicado, e do germen, fatalmente desenvolvido, se vê sahir o fructo. (Nota x).

A Fr.·.-Maç.·. por adopção é regulada sobre a outra com maior ou menor fidelidade. Tem quasi os mesmos graus expressos pelo feminino dos nomes usados na Maç.·. masculina. Ha *Mestras perfeitas, Sublimes Escocezas Eleitas, Cavalleiras da Pomba, Cavalleiras da Beneficencia, Princezas da Corôa ou Soberanas maçonicas.*

A Maç.·. por adopção contém como a outra Maç.·. além da multiplicação dos graus, uma grande diversidade de ritos. Distinguem-se o rito de Cagliostro, o das Damas Escocezas, da collina do Monte Thabor, a ordem Palladio ou Soberano conselho da sabedoria, a ordem da Felicidade: este é androgyno, comprehende I.·. maçons e I.·. maçonicas.

Succede o mesmo á ordem dos Cavalleiros e Cavalleiras da Ancora, á ordem dos *rachadores e rachadoras,* e da Perseverança, á dos Cavalleiros e Damas *Philocoreitas* ou amantes do prazer.

Não me demorarei em fazer resaltar o que estes nomes apresentam de extravagante e equivoco. A multiplicação dos ritos tanto ou mais que a dos graus, far-nos-ha crêr que o numero das mulheres maçonicas é consideravel, mas não temos esclarecimentos a tal respeito.

Ser-nos-ha porém facil avaliar o caracter da Maç.·. por adopção. Parece-me, e creio, que muito razoavelmente, assás suspeita.

Observamos que as mulheres nunca se reunem sós, e é o I.·. Ragon que o diz: nos seus trabalhos auxiliam-nas os maçons: resulta d'aqui que os officios são duplos, estando ao lado d'uma irmã dignitaria maçonica um dignitario maçon de igual categoria: ao lado da Grã-Mestra o Veneravel: da Irmã Inspectora o 1.º Vigilante: da Irmã Depositaria o 2.º e assim por diante. A' excepção d'estes tres officios todas as outras I.·. dignitarias tem o mesmo titulo que nas Lojas ordinarias. (Manual completo da Maç.·. por adopção p. 16).

Chamando suspeita esta instituição, vem de accordo com a Fr.·.-Maç.·. mesma. Está ella tão convencida que as relações necessarias da coexistencia d'estas duas Maç.·. e funcções cumulativas são cousas delicadas, que d'ellas se faz um segredo para o Aprendiz. Dizem-lhe até expressamente, quando o recebem: Não admittimos mulheres nos nossos mysterios. (Ritual do Aprendiz, p. 56).

Mas este segredo já não existe para o Companheiro. « Vós tendes cinco annos, diz-lhe o Venevavel. A progressão que segue o grau indica as luzes e a experiencia que haveis adquirido: mas sabei, meu I.·., que a idade não as dá realmente senão a quem se associou aos homens e ás cousas. Esta idade vos torna apto para visitar as *lojas de adopção para as senhoras* onde tudo se conta por cinco. » (Rit. do Comp. p. 31).

Se o caso é delicado para o Maç.·. quanto mais para a mulher Maç.·.! Mas a mulher que consentir em fazer parte da Maç.·. não póde ser muito escrupulosa — e além d'isto deve proceder-se com methodo, medida e precaução nas iniciações. O discurso do G.·.-M.·. na recepção da *Aprendiz* é um modêlo na especie.

Tendo-lhe feito observar « a alta imprudencia, que ella commetteu expondo-se só e sem auxilio em uma sociedade cuja composição e costumes ignora, e onde o seu pudor poderia correr risco », acrescenta: « Queremos convencer-nos que a leviandade e até a curiosidade não tiveram parte no

vosso passo, e que a idéa vantajösa, que fizestes da Maç.·. é o unico movel que vos impelliu a pedirdes a admisão entre nós: mas apesar da confiança e estima, que nos inspiraes, antes de revelar-vos nossos mysterios, devo dizer-vos que o fim principal da Maç.·. é tornar a sociedade o mais perfeita possivel: que o caracter do Maç.·. é ser justo e caritativo, superior aos prejuizos, evitar o artificio e a mentira. Guiados sempre pela virtude, não devemos occupar-nos senão dos meios para adquirir a estima geral, e merecer a amizade de nossos irmãos e irmãs.

« Eis aqui, senhora, uma breve idéa dos deveres, que ides contrahir. Estamos convencidos que não experimentareis difficuldades no seu cumprimento. O compromisso que tomaes, ligando-vos estreitamente a nós, confirmar-vos-ha no que deveis á religião, ao estado e á humanidade.» (I.·. Ragon, Manual completo, p. 25, 26).

Não nos é difficil comprehender o que significam estas palavras sonoras na bocca do G.·.-M.·., verdadeira preparação oratoria, propria para lançar pó aos olhos e encobrir os mysterios que talvez ferissem pelo seu vivo esplendor as vistas ainda noveis da Aprendiz.

Tendo mostrado que a Fr.·.-Maç.·. por adopção é muito suspeita no seu principio e instituição, provaria que ella é ridicula nas suas ceremonias. Basta-me dar uma idéa succinta das puerilidades risiveis que se empregam nas ceremonias da admissão aos graus das mulheres Franc-maçonicas.

Os signaes, toque, senha e santo, palavras que servem aos iniciados para se reconhecerem e communicarem-se á Aprendiz, são as seguintes, copiadas do *Ritual:*

Signal de ordem. As duas mãos uma sobre a outra, a direita cobrindo a esquerda e cahindo sobre o avental.

Signal de caracter. Levar á bocca os primeiros dedos da mão esquerda, com o pollegar na barba para exprimir o silencio.

Em resposta. Tomar a orelha esquerda entre o polle-

gar e minimo da mão direita: o resto da mão alongada sobre a face.

Toque. Adiantar reciprocamente a mão direita aberta, os dedos aproximados e collocar as mãos uma sobre a outra pela parte de dentro.

Senha. Eva (em hebreu Havah, vida). Conforme a Biblia é o nome da mãi commum dos homens.

Palavra sagrada. Feix, Feax, assim interpretada: Academia ou Escóla de virtudes.

Não menos extravagantes são os signaes e palavras communicadas á *Companheira.*

A *Mestra* nada tem que invejar aos outros graus porque cada um d'elles tem os seus *signaes, toques* e *palavras.* Dispensemo-nos de entrar em minucias que nada adiantariam ao que já sabemos, e teriam o inconveniente de produzir grande enfado.

Se V. deseja formar alguma idéa do apparato das lojas d'adopção e dos seus banquetes, recorra ás notas. A Ir.·. Maçonica sabe beber, pelo que parece. Dir-me-ha V. que isso a que chamo ridiculo e extravagante deve ter uma explicação maçonica. Não estou longe de crêl-o: sem isto como se explicaria uma algaravia de tão mau gosto?

Cada palavra ou signal contém ou não uma allusão immoral ou impia? Não posso affirmal-o. Entre o ridiculo e o crime, a Ir.·. Maç.·. que opte.

Deixei cahir a palavra *immoralidade,* e espero não ser accusado de excessiva severidade. Até o Gr.·.-M.·. parece authorisar este juizo «considerando alta imprudencia o passo dado pela Aprendiz, que se expõe só e sem arrimo a entrar n'uma sociedade cuja composição e costumes ignora, e onde seu pudor poderia correr risco.» Esta censura, em taes circumstancias, me parece muito cousa de comedia. Tambem me espanto de ouvir o I.·. Findel (Hist. da Fr.·.-Maç.·., t. 1.º, p. 242) confessar que n'estas reuniões as *conveniencias e os costumes teriam muito que soffrer.*

A ceremonia da iniciação termina por tres beijos que

o Gr.·.-M.·. dá á Aprendiz, a quem fica chamando sua Irmã: são o beijo de paz na testa, o beijo de confiança na face direita, o beijo d'amizade na face esquerda. Estes beijos repetem-se na iniciação da Companheira e Mestra. Entrega-se á iniciada um par de *luvas de homem* com esta recommendação: *Recebei, cara irmã, este par de luvas para homem, dai-o só áquelle que fôr digno de vós e de nós.*

Quando a iniciada presta juramento está sentada no lugar do presidente, que durante esta formalidade, se conserva de joelhos diante d'ella. (Manual da Maç.·. de adopção, p. 129).

Basta sobre o assumpto: não fallemos nem da Hierophante ou grande Sacerdotisa, nem do I.·. *Sentimento,* nem da I.·. *Discrição,* nem das Nymphas, nem do *Templo do amor,* nem do altar dos mysterios onde se offerecem perfumes a Venus e a seu filho: nem das poesias ligeirissimas que sempre se recitam n'estas reuniões. Na obra de Saint-Albin se encontram outras minuciosidades, e se poderão apreciar estas palavras do I.·. Ragon.

«O nosso objecto na Maç.·. de adopção é servir uma causa que deve ser cara ás almas delicadas, *a protecção á innocencia e belleza,* e estreitar entre nós e as damas uma alliança eterna, *cimentada pela amizade mais pura.* Com estes motivos quaes serão os mortaes virtuosos que não ambicionem a honra de ser *Cavalleiros Philocoreitas?*

«Quando se quererá acabar de comprehender que para restituir á Ordem Maç.·. o seu antigo esplendor e attractivo irresistivel: aos costumes publicos *a pureza e a verdade purificada da hypocrisia: á educação domestica, repleta ainda de prejuizos, o seu luzimento humanitario, devem as mulheres ser admittidas aos trabalhos maçonicos?*» (Man. completo da Maç.·. d'adopção, p. 140).

Poderia levar-se mais longe a independencia e mentira? Só direi mais uma palavra sobre o fim a que a Ordem se propõe na instituição da Maç.·. de adopção e vou concluir.

De certo quizeram attrahir á Maç.·. e suas reuniões pelo

incentivo tão forte do prazer um grande numero de mações. Este meio é proprio para a propaganda. O I.·. Ragon nol-o declara:

«As sociedades androgynas, especialmente a dos Felicitarios, cavalleiros e nymphas da Rosa, apesar da sua apparencia tão frivola, tem sido um agente poderosissimo para propagar a Maç.·. de adopção e semear nos espiritos os *principios maçonicos* da Igualdade.

«Com effeito os individuos da alta aristocracia, que se não dignavam misturar de modo algum com a burguezia, deixaram-se arrastar a estas festas de prazer, gosto e galanteio pelo attractivo seductor da novidade, e a sua convivencia com os Fr.·.-Maç.·. tornou-se favoravel aos progressos da Ordem, e ao exito das festas de adopção.» (Manual completo da Maç.·. de adopção, ibid.)

Mas se quer saber qual é o termo objectivo a que a seita se propõe, lembre-se d'estas palavras do author sagrado: «E' ao que a mulher tem feito na Europa, que se deve estar a nossa civilisação infelizmente impedida pelo orgulho do homem.» E especialmente note o que o Gr.·.-M.·. diz á *Perfeita Mestra* conferindo-lhe o quarto grau da Maç.·.:

«Minha cara Irmã, os erros, superstições e prejuizos que conservaes ainda em algum recanto do vosso cerebro, dissipar-se-hão agora que vos iniciamos nos arcanos symbolicos da Maç.·. e que a luz da verdade brilhou sobre as vossas pupillas. Uma tarefa ardua, mas sublime, vos é imposta para o futuro. A primeira de vossas obrigações será azedar o povo contra os reis e os padres: no botequim, no theatro, nas reuniões e em toda a parte, trabalhai com esta santissima intenção.»

Esta allocução do Gr.·.-M.·. á *Perfeita Mestra* foi publicada pela *Vera buona novella* de Florença e reproduzida pela Correspondencia de Roma n.º 181, de 1 de fevereiro de 1862.

Estamos sufficientemente esclarecidos sobre este ponto. Estou preoccupado por uma impressão dolorosa, tratando

d'este assumpto. Vergonha para a Maç.·. que sabendo a parte que gloriosamente tem cabido á mulher na Europa para o desenvolvimento da nossa civilisação, quiz aproveitar-se d'ella para corromper e degradar a humanidade. Se nada eleva tanto a alma para Deus, e patenteia a virtude tão bella e attractiva como a mulher christã, em que se procura encontrar a imagem viva e a copia fiel da *augusta Maria*, não sei se ha cousa mais vil, abjecta e desprezivel do que a mulher impia: perdendo a fé quasi sempre perde o pudor; a sua fraqueza natural faz-lhe sobresahir ainda mais a sua malicia. Uma ultima observação encontrará lugar aqui. Na Maç.·. de adopção como na outra, principiam-se, continuam-se e concluem-se as iniciações pelo *juramento do segredo*. Eis aqui o da Aprendiz: «Em presença do Gr.·. Arch.·. do Universo, que é Deus, e perante esta augusta assembléa, prometto guardar fielmente no meu coração os segredos, que me confiardes, sob pena de ser deshonrada e desprezada: para que eu me desvie da falta de cumprimento d'esta promessa desça uma *parte do Espirito divino* sobre o meu coração, a esclarecel-o, purifical-o e guiar-me pelas veredas da virtude. Assim seja.»

Aqui está o que presta a *Mestra Perfeita:* «Juro guardar fielmente no meu peito os segredos dos Fr.·.-Maç.·. e da Fr.·.-Maç.·.: obrigo-me a isto sob pena de ser feita em postas pela espada do anjo exterminador.»

A Maç.·., como se vê, sabe apropriar-se á fraqueza dos seus membros: condul-os á perfeição do seu espirito. Desde a Aprendiz á Mestra Perfeita, a distancia é grande. E' o progresso Maç.·.

NOTA X

Primeiras idéas das lojas maçonicas de mulheres

Documentos que compromettem a seita dos illuminados cahiram em poder do governo bavaro, e indagações se fizeram por sua ordem para descobrir muitos escriptos de Weishaupt e dos seus principaes adeptos. Alguns mezes depois descobriram-se documentos da mesma especie. O Eleitor fez imprimir estes escriptos. O primeiro resumo intitula-se: *Einige originale schriften des Illuminatenordens*, etc. Elle enviou dous exemplares a todas as côrtes da Europa.

1.ª *Observação.* No extracto que damos aqui mencionam-se Minos, Philon, Catão, Hercules e Ptolomeu Lagus. Minos é o nome de guerra do barão Ditlfuhrth, conselheiro na camara imperial de Wetzlar: *Philon* é o do barão Knigge, e *Catão* o do conselheiro aulico Zwark. Ignora-se quem são os personagens occultos sob os nomes de *Hercules* e *Ptolomeu Lagus.*

2.ª *Observação.* Minos fazendo o officio de provincial, expõe ao corpo central da Ordem o estado da sua provincia e menciona, n'esta occasião, o projecto de Hercules nos termos seguintes:

«Hercules pensa em crear uma escóla *Minerval:* projecto que merece a mais seria attenção. Tenho por muitas vezes tido este projecto, e d'elle hei fallado a Philon. As mulheres exercem grande influencia sobre os homens, de modo que se quizermos reformar o mundo precisamos começar pela reforma das mulheres. Mas como se ha-de emprehender isto? Eis ahi toda a difficuldade. As mulheres adultas, as mães sobre tudo, que são imbuidas de prejuizos, soffrerão que outros se incumbam da educação de suas filhas? E' preciso pois começar pelas raparigas novas. *Hercules* propõe-se a empregar n'esta missão a mulher de Ptolomeu Lagus, e eu nada tenho que objectar a isto. Eu indico as minhas quatro enteadas: são bellas raparigas. A mais velha principalmente tem tudo o de que se precisa: tem vinte e quatro annos, leu muito e é superior a todos os prejuizos. Quanto á religião, pensa como eu [1].

Depois de ter feito o elogio das outras duas immediatas, *Minos* prosegue: «As minhas quatro enteadas tem muitos conhecimentos entre as raparigas da sua idade, e uma pequena sociedade, dirigida pela mulher de Ptolomeu Lagus, constituir-se-hia depressa. E' porém necessaria alguma cousa para dirigil-a: uma ordem, recepção, mysterios, etc. Isto convidaria adeptas havendo cinco ou seis graus. Os homens não deveriam ser admittidos nas suas reuniões. A esposa de *Ptolomeu Lagus* corresponder-se-hia com seu marido, sem que as outras o soubessem: a mais velha das minhas enteadas seria regente e se corresponderia commigo. Deveriamos nós vigiar a occultas qu

[1] Minos era totalmente incredulo. Os seus collegas não lhe conheciam outro defeito senão o de ser em demasia ardente e propenso a ostentar a sua incredulidade.

se não admittisse alguma mulher indigna: e tambem lhes suggeririamos algumas idéas. Mas quem arranjará estes graus para a Maçonaria das senhoras? Existe um resumo intitulado *Dames-maçonnerie:* poder-se-hia formular um ritual sobre elle... Se me pedirem um ritual para estes graus, em poucos dias o concluiria.

II. Outro projecto d'erigir uma ordem de mulheres illuminadas

«Esta ordem terá duas classes, formando cada uma sua sociedade com segredos á parte. A primeira classe será composta de mulheres virtuosas: a segunda de mulheres voluveis, leves, voluptuosas, (*asschweifenden*). Tanto umas como as outras devem ignorar que são dirigidas por homens.

«Os Irmãos, incumbidos de dirigil-as lhes farão chegar suas lições, sem se deixarem conhecer. Guiarão as primeiras por meio de leituras de bons livros, e as outras formando-as na arte de satisfazer secretamente as suas paixões (*durch Begnugung ihrer Leidenschaften im Verborgenen*). A este projecto está junto um preliminar designando com estes termos o objecto e a utilidade das Irmãs illuminadas.

«A vantagem, que se póde esperar d'esta Ordem, está em facultar á verdadeira Ordem, primeiro que tudo, o dinheiro que as Irmãs pagassem, e depois tudo quanto prometessem pagar pelos segredos, que se lhes confiassem. Este estabelecimento serviria ainda para se chegar ao conhecimento de certos segredos, achar protecções, e satisfazer aquelles de nossos Irmãos que tivessem propensão para os prazeres (den charakteren der wollustigen Freimauren Genugen zu leisten) [1].»

A este plano de Catão está appenso o retrato caracteristico de noventa e cinco raparigas e damas de Mannheim, entre as quaes sem duvida deviam escolher-se as fundadoras da dupla classe.

[1] A excessiva immoralidade de Weishaupt e de seus principaes adeptos apparece em varios lugares da sua correspondencia, que o eleitor da Baviera mandou imprimir em 1786 e 1787.

(Nota de M. A. Neut).

CARTA VIGESIMA OITAVA

Familia da Fr.·.-Maç.·. — Caracter essencial das seitas que ella produziu.

Senhor.

Para conhecer perfeitamente a Fr.·.-Maç.·. temos necessidade ainda de travar relações com a sua familia... e seus filhos. Estes são numerosos, e eu sahiria dos limites que me prescrevi, se procurasse escrever-lhe a historia: limitar-me-hei aos que me parecem ter representado papel mais importante e melhor reproduziram a physionomia de sua mãi. Direi qual é o laço que os une e por que differem na apparencia.

Observa-se de ordinario nos membros d'uma familia feições de semelhança que denunciam a communidade de sua origem: a fórma do rosto, a côr dos olhos, a physionomia em geral e muitas vezes um não sei quê indefinivel e comprehensivel no entanto, revelam em dous individuos muito diversos entre si, o mesmo sangue, a mesma origem, dous irmãos n'uma palavra, e fazem descobrir o pai e a mãi em seus filhos.

As relações de parecença são geralmente tanto mais salientes quanto o typo original offerece mais singularidade. Appliquemos isto á Maç.·. Qual é a propriedade caracteristica que a distingue? quaes são as feições principaes da sua physionomia?

Lembrando a sua divisa temos dito o que ella é: a sua essencia, espirito, acção, tudo n'ella vem resumir-se n'esta

palavra: *Liberdade;* d'onde por conclusões, dimanam a *Igualdade* e a *Fraternidade*. A natureza da Maç.·. está toda aqui.

Liberdade sem reserva nem restricção. Por consequencia, nada de authoridade, nem leis, nem obstaculos para a intelligencia ou para a vontade: nada de dogmas, nada de moral, nada de religião, nada de padres, senhores ou reis.

Igualdade. Porque ha-de haver nobres e principes? Ricos e pobres? Todos iguaes por natureza devemos ser iguaes por direitos. Não devem haver proprietarios d'um lado e proletarios do outro: homens que *desfrutam* e homens que *trabalham*. Tudo deve terminar, fundir-se e confundir-se no grande principio da *solidariedade*.

Fraternidade. Somos todos membros da grande familia humana. Todos somos irmãos. Adeus *nacionalidades*, adeus *patriotismo*, adeus *familia*. O que desseis á familia, roubal-o-hieis ao genero humano. Para que os exercitos, se todos somos irmãos? Para que a *propriedade*, a *herança?* Viva o *communismo*, viva o *socialismo!* Sei que nem todos os Fr.·.-Maç.·. entendem a sua divisa n'um sentido tão lato e absoluto: mas se elles admittem o principio, com que direito negariam as consequencias? Sobre que se fundariam para restringir o sentido que deve ligar-se a estas palavras *Igualdade, Fraternidade* já que o sol da *liberdade* que os esclarece, é olhado como a unica regra legitima das crenças e porte do homem racional, e que esta *liberdade de pensar*, julgar, negar ou admittir, é declarada o direito absoluto, inalienavel de cada individuo?

A Fr.·.-Maç.·. é estabelecida na triplice divisa da Liberdade, Igualdade, Fraternidade. São estas as tres raizes d'onde ella tira a seiva e a vida. E' d'estes tres regatos, confundindo suas aguas lodosas, que este grande rio se fórma e alimenta.

Não o olvidemos comtudo, é da *Liberdade* que, como primeiro principio, se gera a *Igualdade* e a *Fraternidade*. A *Liberdade* é a base principal sobre que repousam os dous outros principios constitutivos. Ella é o raio principal d'onde sahem como renovos a *Igualdade* e *Fraternidade*. E' a fonte

primitiva, d'onde nascem os dous outros regatos. Ora, esta liberdade no espirito e pensamento da Maç.·., *absoluta, inteira, completa,* é o attributo essencial, herança inalienavel, propriedade pessoal de cada um. Ella não soffre pois contradicção nem admitte restricção.

Tal é o principio que eu me proponho estabelecer e que deve servir-nos para reconhecer os numerosos ramos da Maç.·. Demos a cada um o que lhe pertence e não privemos esta mãi illustre da gloria de uma fecundidade com que se honra e felicita.

Um escriptor, que trabalha ha dez annos para reunir os materiaes destinados a completar os seus estudos historicos sobre as seitas e sociedades religiosas e politicas, o conde de Couteulx de Canteleux não teme affirmar no prefacio da sua obra, impressa em Paris em 1863, «que quasi todas as sociedades secretas se entrelaçam, dão nascimento umas ás outras, e podem ser consideradas como tirando do Oriente a sua origem, d'esse grande berço de todas as crenças humanas;... que ellas se recrutam quasi todas na Fr.·.-Maç.·., o maior viveiro dos adeptos.» Chega a desconfiar se terão existido sociedades secretas cujos membros não fossem Fr.·.-Maç.·. Segundo o seu parecer «ellas tem quasi sempre duas especies de regras e doutrinas, uma *vulgar e geral, outra particular e secreta,* só conhecida de certos iniciados, que raras vezes estão nos graus mais elevados (talvez quizesse dizer nas dignidades mais elevadas, o que faz bastante differença) mas por cujas mãos tudo passa e em realidade tudo se faz.» «Emfim, conforme diz o snr. Le Couteulx, o mais das vezes os chefes das sociedades secretas foram homens ambiciosos, que queriam lutar contra a ordem social, derribal-a para seu proveito e fazer da sua sociedade um degrau para a sua ambição.»

Apanhar os fios tradicionaes d'esta genealogia diabolica, sob as sombras do mysterio que os cobre e seguil-os através dos seculos, seria sem duvida cousa muito interessante, mas extremamente difficil. Devo limitar-me a projectar

alguns raios de luz sobre um assumpto essencialmente obscuro e tenebroso. Deixe-me dizer-lhe primeiro qual é, consoante o testemunho de um estimavel escriptor, a razão do fraccionamento e multiplicação das sociedades secretas.

« Todas as insurreições, diz o snr. Gyr, que ensanguentaram a França na época da restauração, tiveram por authora a Franc-Maçonaria, com o nome de Carbonaria, quer da *Joven França* ou da *Joven Europa*. Estas ultimas denominações não foram como a Carbonaria e o *Tugenbund*, senão novas formulas para encobrir as manobras subterraneas ; o fim de cada uma d'estas sociedades particulares não era senão a applicação immediata e local dos principios geraes da Ordem maçonica. Quem duvidar d'isto tem apenas que estudar os estatutos d'estas diversas associações. A Maçonaria não ousaria negar a sua liga com ella sem incorrer em inconsequencia e expôr-se a ser convencida de impostura. Em todas ellas se tem o cuidado de estipular privilegios em favor dos mações dispensando-os das provas ordinarias, tão profunda é a convicção dos conspiradores que a Maçonaria se presta a todos os planos subversivos da ordem politica e social.

« Porque razão adopta a Franc-Maçonaria ou faz adoptar nomes particulares para cada associação especial? Não é difficil dar razão d'este procedimento. E' para não compromettter o seu nome. Se os conjurados são bem succedidos, ella recebe secretamente todo o lucro e reclama para si toda a honra. No caso d'um contratempo resta-lhe o recurso de recusar a responsabilidade na empresa que abortára: lamentando em segredo a imprudencia de seus filhos, é ella a primeira a verberar em publico os seus projectos. Se a cumplicidade de algum Irmão das Lojas se prova judicialmente, repelle esse irmão isolado, pretextando que não póde ser responsavel pelas suas loucuras: chama-o filho perdido, traidor á Ordem, perjuro. Outra vantagem que a Maçonaria tem fundando associações particulares, consiste em que póde com maior facilidade illudir a vigilancia da policia. » (Extrahido da Franc-Maçonaria em si mesma. Liége, 1859, p. 352).

Assim, quer os adversarios da igreja escrevam no seu estandarde *Philosophia, Liberalismo, Democracia, Communismo, Socialismo, Internacional;* quer elles se chamem Carbonarios, Solidarios, Livres Pensadores, etc.; isso pouco importa. Uns e outros tem por fim principal destruir a igreja e derribar os governos. Todos querem ser livres e sacudir o jugo, e nos corações de todos se acham igualmente o odio á religião e o odio á authoridade.

Mas qual é a *Instituição* que, com o sopro poderoso, anima todas estas sociedades? E' a Maçonaria. E' ella que conserva em suas mãos todos os fios, faz trabalhar todas as molas, dá-lhes impulso e movimento. E se as sociedades secretas se multiplicam debaixo da sua influencia, é para assegurar á sua acção mais extensão, efficacia e poder. Não basta uma bocca para este volcão vomitar a lava ardente que ferve nas suas cavidades: ella trasborda por todos os lados, abre diversas passagens e a torrente destruidora ameaça o mundo com uma inundação geral. Entretanto o fóco onde se fórma esta torrente inflammada é o mesmo, e todas as boccas d'este volcão vomitam igualmente a morte.

É o triste phenomeno que vamos verificar. Aqui tambem encontraremos a *unidade* na diversidade: e se dos effeitos quizermos remontar ás causas, dos regatos á origem, iremos parar á Fr.·.-Maç.·. Vêl-o-hemos na carta seguinte.

CARTA VIGESIMA NONA

Parentesco da Fr.·.-Maç.·. com os Cavalleiros do Templo.— A philosophia do XVIII seculo.—O liberalismo.

Senhor.

Prometti indicar summariamente os laços que unem as differentes sociedades secretas á Fr.·.-Maç.·. Vou procurar cumprir a minha promessa. Principiarei este trabalho da comparação pelos Templarios.

Não terá V. esquecido que o I.·. Rebold, em contradicção a este respeito com os melhores escriptores da seita, em vez de fazer descender dos *Templarios* a Fr.·.-Maç.·., pretende que é esta que deu ou ao menos conservou a vida aos Templarios depois da destruição da Ordem.

E o I.·. Ragon, que breve citaremos, parece adoptar a mesma opinião. Talvez V. se tenha habituado a considerar como não existente a Ordem dos Cavalleiros do Templo: pois não é assim. «Esta Ordem religiosa e militar, diz o I.·. Willaume (no seu *Tuileur*) subsiste sempre, apesar da abolição decretada por Clemente V. Existe ainda hoje, diz o I.·. Clavel, uma Ordem do Templo que não é mais do que uma reforma da Maç.·. (Historia pittoresca, p. 219). Conforme outros Fr.·.-Maç.·. as duas Ordens são tão intimamente ligadas que formam só uma, e a differença que entre ellas existe está sómente *na diversidade dos ritos*. A Fr.·.-Maç.·., diz o I.·. Auvellos, combate sob duas bandeiras diversas: a da *Cruz* e a da *Estrella reluzente*. A que combate sob o *primeiro pendão*, pratica ceremonias religiosas e possue uma

ordem hierarchica, á maneira dos *Templarios*. A que peleja sob o *segundo*, separa-se de todas as religiões positivas e não reconhece a Deus o direito de intervir nas cousas d'este mundo.»

«A Maç.·., que segue o systema *Templario*, sub-divide o seu grau de Rosa-Cruz em nove graus, *seis classicos e tres leviticos*. Os membros d'estes tres ultimos graus chamam-se: Levitas diaconos, Levitas presbyteros, Levitas pontifices: é só aos adeptos d'estes tres ultimos graus que a Ordem patenteia os seus *segredos mais reconditos*. Os outros adeptos dos graus classicos, glorificam-se com o titulo de Rosa-Cruz, mas não estão iniciados em cousa alguma.» (A Fr.·.-Maç.·. em suas relações, t. II, p. 64).

Eis aqui as doutrinas *religiosas* dos Templarios modernos.

«Deus é tudo o que é. Cada parte ou divisão do que é, é uma parte de Deus, mas não é Deus mesmo.

«Deus é a mais alta intelligencia. Cada uma das partes, que constituem o grande todo ou Deus, é dotada d'uma porção da sua intelligencia, em razão do seu destino. A reunião de todas estas partes fórma o conjuncto dos mundos, o *Universo*, isto é, o grande todo ou Deus.

«Não ha outra religião senão a religião natural.

«Esta religião, unica verdadeira, conservou-se nos templos gregos e egypcios de iniciação. Depois foi communicada a Jesus.

«Jesus transmittiu-a ao seu discipulo João, a quem conferiu a iniciação bem como a supremacia sobre a igreja, que tinha estabelecido.

«Os mysterios da iniciação egypcia que tinham sidó transmittidos a Jesus e d'este a João foram conservados no Oriente até que no anno 1118 foram communicados a Theobaldo, grão-mestre da Ordem do Templo.

«Os successores de Theobaldo conservaram-nos, e transmittiram-nos de mão a mão até á nossa época [1].»

[1] Passagens extrahidas do Ritual dos Templarios modernos intitulado *Leviticon*, 1831.

Mas quaes são as suas tendencias politicas? Antes da revolução de 1789 a *fracção politica dos Templarios modernos* não tinha outro fim declarado senão o aniquilamento do catholicismo, tal como o desfiguravam os Pontifices romanos, que elles consideram como os mais uteis auxiliares do despotismo.

Sob o imperio, lamentavam os attentados liberticidas do chefe do Estado: mas comprimidos pela sua gloria, abrandava-se-lhes a indignação pela esperança de vêr um dia Napoleão restituir ao povo francez os direitos por elle usurpados. Na época em que as hordas estrangeiras nos vieram impôr os Bourbons, limitaram-se os Templarios a proseguir na expulsão da raça avassallada: e todos nós fomos fieis a este patriotico dever até 3 d'agosto.

«Satisfeitos com a Revolução para que tiveram a gloria de contribuir, a hostilidade violenta desappareceu agora das suas doutrinas e desejos. Não havendo nada que seja essencial para destruir, elles querem as consequencias mais numerosas e verdadeiras da liberdade: mas querem-nas sem abalo, rejeitando todas as theorias absolutas. Bastante esclarecidos para não serem instrumentos de fórmas politicas ou escravos de qualquer poder, sabem muito bem que ha monarchias, onde a liberdade é maior do que nas republicas, e quaesquer que sejam as suas aspirações, enfileiram-se debaixo da bandeira da patria. Só professam odio contra os *Bourbons* e os *Jesuitas:* este odio dormitou alguns annos, modificado pelo desprezo: mas no dia da oppressão arrebentou como o trovão. Depois d'isto a sua irritação acalmou-se e deu lugar á necessidade de trabalhar com perseverança para o fim a que se propõem todas as fracções do Templo: *alforria completa da especie humana: o triumpho dos direitos populares e da authoridade legal: o aniquilamento de todos os privilegios sem excepção alguma, e uma guerra de exterminio contra o despotismo religioso ou politico, qualquer que seja a côr que adopte.*» (Artigo sobre a Fr.·.-Maç.·. publicado em 1832 pelo I.·. d'Asveld).

Não é este exactamente o *programma* da Fr.·.-Maç.·.? Se V. quizer convencer-se ainda melhor da identidade da doutrina que professam as duas Ordens, recorde-se dos principaes artigos da accusação para a condemnação dos Templarios.

Segundo diz Duruy, eram accusados de preparar a ruina dos templos substituindo-lhes uma *Republica universal:* renegar a Jesus Christo, quando eram admittidos na Ordem: obrigar-se por juramento a obedecer sem excepção a todas as determinações do Grão-Mestre: não poupar o sagrado ou o profano, sendo tudo licito quando o bem da Ordem o reclama: e sobre tudo, nunca revelar os horriveis segredos de seus mysterios nocturnos, sob pena dos mais tremendos castigos. (Tratado sobre a condemnação dos Templarios).

Em ambas as Ordens ha signaes e palavras de reconhecimento e são só considerados como fazendo parte da milicia activa dos Templarios os que são depositarios d'estes signaes e palavras de *passe ou de orthodoxia.* (Manual dos Templarios).

Não insisto mais. Se esta perfeita semelhança d'espirito, praticas, tendencias não basta para confirmar a opinião que indicáramos ha pouco, e confunde em uma só as duas Ordens, ella prova ao menos e superabundantemente, que os laços da fraternidade são bem apertados e que ha parentesco em primeiro grau.

Vamos continuando e adiantemos um passo mais. Que tem feito a Maç.·. para a *felicidade da humanidade* desde a sua importação em França até ao fim do seculo XVIII? Em apparencia pouca cousa. Era obrigada a guardar bastantes reservas: fallava pouco e não se patenteava á luz: mas não se pense que dormia. Prendia as raizes e laborava debaixo da terra.

Não se descobre immediatamente a acção do fermento na farinha amassada, mas essa acção, embora vagarosa, não deixa de ser real: ella é até mais efficaz.

Exerceu a Fr.·.-Maç.·. influencia real e decisiva sobre a

seita philosophica que no seculo passado fez á igreja guerra tão encarniçada, e preparou tão efficazmente a revolução de 1789? Não se admire V. do nome de *seita* que dou a estes suppostos philosophos, que não eram mais do que verdadeiros impios, que se colligaram para atacar a religião catholica.

Se não estavam unidos entre si por laços exteriores, organisação regular, estatutos, regulamentos, estavam-n'o pela conformidade de pensamentos, e tendencias, e pelo espirito que os animava e fim que proseguiam: professavam os mesmos principios e tinham um unico systema doutrinal. Nos seus livros, como nas suas conversas, concordavam em prégar a impiedade, e todos á porfia vomitavam a blasphemia sobre o que a religião tem de mais sagrado. E' este um dos primeiros fructos da Maç.·., se me não engano: se ella não foi a mãi da philosophia, pelo menos foi a ama de leite.

Os principios professados por estes philosophos são exactamente os da Fr.·.-Maç.·. As blasphemias sahidas da sua bocca são as que encontramos nos labios dos Fr.·.-Maç.·. quando examinavamos suas doutrinas. O grito de reunião de uns e dos outros é o mesmo. «Esmagai a infame», dizia Voltaire: «Esmaguemos a infame», dizem os Fr.·.-Maç.·. Um d'estes philosophos resumia em poucas palavras o voto terrivel da philosophia: «Estrangular o ultimo dos padres com os intestinos do ultimo dos reis.» Não comprehende a Fr.·.-Maç.·. no mesmo odio a Igreja e o Estado?

E' em nome da *liberdade do pensamento* que a Fr.·.-Maç.·. rejeita a revelação. E' appellando para a *razão do homem* que ella ataca constantemente os mysterios da fé.

Se a Fr.·.-Maç.·. prefere trabalhar na sombra, a philosophia tambem sabe, quando o julga util, calar-se e dissimular: quando é preciso recorre á mentira e hypocrisia. Conhece-se o seu adagio: «Menti, menti sempre, ficará alguma cousa.» Se nas sociedades secretas o culto e a moral são aniquilados com o dogma, a philosophia como a Maç.·. não pára ante negação alguma. Nada quero exagerar nos

termos de comparação, que faremos entre estas duas inimigas da Egreja: mas a quem não quizesse reconhecer a existencia da affinidade que assignalamos, perguntaria como se explica que o apparecimento da Fr.·.-Maç.·. em França foi precisamente a época em que o espirito christão soffreu abalo tão funesto, e em que principiou a grande e deploravel degeneração dos costumes publicos, que foi crescendo continuamente até 1789?

Perguntaria como coincidem as circumstancias de ser o chefe da turba impia que pela philosophia se declarou inimiga da Egreja, ao mesmo tempo o corypheo dos incredulos, e um dos membros mais illustres da Maç.·., a mais completa personificação do philosophismo irreligioso e da Fr.·.-Maç.·.? Tal era Voltaire.

D'onde provém que esta sociedade manteve por este demonio encarnado uma veneração tão profunda e tão filial? Se não se admitte o parentesco entre o philosophismo e a Fr.·.-Maç.·. deve explicar-se como e porque os mais celebres incredulos d'esta época foram ao mesmo tempo membros das Lojas Maç.·. Não o duvidemos: foi ahi que estes espiritos fortes, que não eram mais do que espiritos soberbos, se formaram: ahi beberam esse odio cego e inveterado de que se achavam animados contra o christianismo: ahi vinham excitar e reanimar seu zelo, concertar novos ataques e combinar em companhia novos meios para *esmagar a infame*...

Não receiemos dizel-o, com o I.·. Ragon: «Refugio seguro da philosophia é a Fr.·.-Maç.·. que salvou o povo do jugo aviltante do fanatismo e da escravidão. (Sabemos o que este I.·. entende por estas palavras). E' aos conhecimentos que a Maç.·. derramou nas classes elevadas da sociedade ingleza que se attribue em grande parte a *emancipação* da Inglaterra e a sua reforma pacifica em 1668. Cem annos depois a philosophia moderna, esclarecida pelas luzes da iniciação, fez mais em França.» (Curso philosophico e interp. p. 377).

A Fr.·.-Maç.·., disse outro escriptor, com applauso dos maçons, não é o orgão d'uma seita excepcional. *E' o instrumento geral da philosophia.* (Henri Martin. Hist. de França, t. 16, p. 535).

A *philosophia* havia cumprido a sua tarefa e acabado o seu tempo. Este nome já não figura senão na historia: elle personificava uma seita anti-religiosa e anti-social. O nome desappareceu para dar entrada ao que se chama o *liberalismo.* Entre esta palavra e a de *liberdade* escripta no pendão maçonico ha grande analogia.

Pela palavra *Liberalismo* entendemos o systema doutrinal que em materia de religião e de politica, sob pretexto de estender a liberdade do homem favorece a licença. Diminuir a authoridade de quem governa e animar a independencia de quem obedece; abater o superior e se fosse possivel, emancipar o subdito; pelo temor da tyrannia, amesquinhar o poder, se não se destruir completamente: tal parece ser a grande preoccupação do *Liberalismo:* tal é a sua tendencia. Systema fatal, que sob pretexto de evitar a oppressão, fomenta a revolta, e pelo desejo de alliviar o jugo da obediencia e submissão ás leis, tende a supprimil-o totalmente. Este *Liberalismo* é formulado nos grandes principios de 89, que muita gente exalta sem conhecel-os e foram para a França e para a Europa origem fecunda de males incalculaveis.

A *liberdade de pensar,* o que quer dizer, não o *poder radical,* que se não póde arrancar ao homem, mas o direito de rejeitar a *revelação,* o direito de *nada crêr,* ou de não crêr senão o que se queira: de libertar-se da authoridade da Egreja, sem embargo de pertencer-lhe pelo baptismo. A liberdade do pensamento assim entendida, é o tumulo da fé e a negação da ordem sobrenatural.

«*A liberdade de cultos,* que tem por principio o *indifferentismo religioso,* faz profissão de estabelecer um mesmo nivel para todas as religiões: isto quer dizer, consideral-as todas como igualmente verdadeiras, e respeitaveis, ainda que

se repillam e condemnem mutuamente: ou pelo contrario, todas como igualmente falsas e despreziveis. A liberdade dos cultos é o desprezo de todos os cultos, a negação de todas as religiões.

A *liberdade de imprensa,* que assenta sobre as outras duas, é o direito concedido ao erro, á mentira, á impiedade, a todas as paixões de combater a verdade e a virtude, desvairar os espiritos, corromper os corações, combater a authoridade, minar os fundamentos da sociedade: é o direito de preparar, mercadejar, vender, distribuir, deveria até dizer, impôr o veneno sob todas as fórmas: é o direito de atacar e destruir nas almas todo o principio religioso, o sentimento moral, as idéas de ordem, justiça e honestidade. Não é este o lugar de demonstrar o que estas tres liberdades contém de falsidade e depravação: só quiz definil-as para se comprehender o que se entende por *Liberalismo.*

Resta-me provar que a doutrina da Fr.·.-Maç.·. é essencialmente liberal no sentido que acabo de explicar, e que o Liberalismo assim definido é verdadeiramente maçonico. Mas para quem tiver lido o que havemos dito das doutrinas religiosas e sociaes da Fr.·.-Maç.·. a demonstração existe já evidente, palpavel, comprehensivel.

Esta identidade de espirito, pensamentos e aspirações com o *Liberalismo,* não só não é repellido pela Fr.·.-Maç.·. mas é para ella um titulo de glorificação. Ella até se critica por não se apresentar resolutamente á frente d'um movimento que approva, tem missão d'imprimir e deveria dirigir. « A Maç.·., diz o I.·. Grisar, este corpo robusto, este colosso de mil cabeças, e cem mil braços é ou não um grande instrumento de progresso, reformas e melhoramentos sociaes? É um laboratorio de idéas novas, dá vida ás *idéas liberaes* pela emissão de idéas liberaes?...

Se nós elevassemos os nossos intentos, pensamentos e acções á altura das necessidades actuaes, não nos collocariamos immediatamente á frente dos partidos liberaes?... Não quero puxar pelo *partido liberal,* mas nós seremos o *Libe-*

ralismo, o seu pensamento, alma e vida, elle emfim... » (Disc. na Loja Perseverança, Anvers 1845).

O Liberalismo sahe d'esta palavra diabolica que, proferida por Satanaz, passou á bocca da Maç.·. e serve-lhe de divisa: *Liberdade*. É a Maç.·. que lançou ao mundo essa semente maldita de todas as revoluções e insurreições contra a authoridade.

Confiada a uma terra tão bem adubada, esta semente, cujo desenvolvimento todas as paixões do homem deviam favorecer, produziu seus fructos.

São elles bem amargosos? Felicite-se a Fr.·.-Maç.·. com o seu triumpho, glorifique-se de ter pegado o incendio que deve devorar a terra: não podemos obstar-lhe: mas um dia virá e não está longe, que o mundo a conhecerá, e n'esse dia o mundo a amaldiçoará.

Quiz indicar os vestigios da sua acção ainda no tempo em que ella laborava na sombra e em segredo. Vamos vêl-a erguer a cabeça com altivez e apresentar-se á luz do dia.

CARTA TRIGESIMA

Parentesco da Maç.·. com o Communismo, Socialismo, Carbonarismo, os Solidarios e Livres Pensadores

Senhor.

Do *liberalismo á democracia* não ha mais que um passo, ou antes, vai apenas a distancia do principio á consequencia. No liberalismo contém-se a *democracia*. Esta sahe d'aquella como o fructo do germen, o ramo do tronco, a consequencia do principio.

« *O liberalismo,* dizia o I.·. Marguet (24 de junho de 1854, Gr.·. Or.·. da Belgica), que repelle o elemento democratico, repudia injuriosamente o seu elemento mais vital, como se a *democracia* fosse incompativel com o *liberalismo!* Mas que seria o liberalismo se não tivesse por complemento a democracia? Seria uma palavra vazia de sentido, uma palavra para riscar do vocabulario politico. »

Fazei desapparecer a authoridade, deixa de haver subditos, e inferiores: fica só o povo: elle é soberano, porque é livre, e desde que se acha liberto do jugo da authoridade, é senhor de si mesmo e dos seus destinos.

Investido do poder, elle é democrata. E como o povo é a immensa maioria dos homens, o poder que lhe é confiado é o poder supremo: torna-se senhor absoluto; dominam os membros sobre a cabeça. Os ramos em lugar de receberem a seiva do tronco, transmittem-na a este. É o mundo invertido.

Que pensa a Fr.·.-Maç.·. sobre este problema, estas

doutrinas e tendencias? Quaes são os seus principios? Qual o seu proceder n'esta materia? A Loja Perseverança de Anvers escrevendo em março de 1846 á de Gand nol-o vai dizer:

«É tempo que a Maç.·. se occupe das grandes questões que agitam na actualidade a sociedade moderna: e estude os innumeros problemas economicos, que preoccupam todos os povos.

«Não nos illudamos: alguma cousa extraordinaria se passa na Europa: os espiritos estão inquietos, e as populações indecisas e descontentes.

«Na França, apesar da apparencia de torpôr em que a nação parece submersa, vemos o obreiro levantar a cabeça e pedir uma garantia ao direito soberano do trabalho, que Deus lhe deu ao creal-o. Vemos de todos os lados concertarem-se os interesses do trabalho, e prepararem-se para sustentar o desafio que tem já arremessado ao monopolio dos grandes industriaes, dos grandes proprietarios e á agiotagem sob todas as fórmas.

«A *democracia* ingleza escolhendo as leis dos cereaes para campo de batalha, isto é, o imposto lançado sobre a fome, atira uma luva ao direito feudal e faz tremer, pelo seu protesto energico e appello ao povo, toda essa alta nobreza ingleza. A Irlanda está longe de ser apaziguada.

«A Suissa começou a luta, regando-a com o seu melhor sangue. O *Liberalismo* e o *Ultramontanismo* tem provocado entre si um duello de morte.

«A Italia conspira: tambem alli é consagrada a liberdade com o sangue dos martyres: tambem alli o poder temporal, o despotismo sob as feições do Papa, só encontra o algoz para sustentar o seu poder vacillante.

«A Allemanha impacienta-se sob o jugo dos seus pequenos potentados, que macaqueam os reis.

«Na Prussia o governo absoluto combate debalde o espirito constitucional: os seus principios retrogrados quebram-se contra a vontade forte, inabalavel dos liberaes.

«Será necessario fallar dos graves symptomas que se manifestam entre nós (na Belgica)?

«Em toda a parte encontramos vestigios do grande movimento democratico que arrasta a humanidade para o seu destino.

«Não permaneçamos inactivos na presença d'estes factos: não nos deixemos vencer pelo futuro.

«Identifiquemo-nos com as idéas democraticas que triumpharão então. Estudemol-as, comprehendamol-as, de modo que possamos dirigil-as, contel-as quando ellas arrebentarem e evitar os excessos e abusos.

«O ascendente da Maç.·. não será immediato: é obra do tempo: sua influencia preparar-se-ha pelo seu trabalho e fixar-se-ha pelos seus actos... Estudemos as grandes questões sociaes, tornemo-nos senhores d'este terreno fertil, e será seguro o triumpho da nossa causa.»

O I.·. Grisar, cujas idéas são adoptadas pela Loja, que nomeamos, propõe a reunião de um congresso onde se tratem as questões sociaes. «*A organisação do trabalho* poderia ser uma das primeiras questões. Porque não teria a Maç.·. um orgão especial, um jornal ou uma revista no genero da *Revista democratica?* Todos os problemas democraticos deveriam ser tratados nas Lojas e resolvidos em congresso: assim cumpririamos a nossa missão, imprimiriamos força nova e consideravel ás forças vivas da sociedade...

«A Maç.·. só póde conservar a sua importancia protegendo todas as inciativas do espirito humano.» (1845, Loja Perseverança de Anvers). A democracia está pois em principio na Maç.·.: é um renovo d'esta planta.

Não nos demoraremos a fallar no communismo e no socialismo, de que tanto se trata ha alguns annos. É a applicação dos principios estabelecidos pela Fr.·.-Maç.·. *Igualdade* e *Fraternidade*. Estes principios popularisados nas classes operarias tem ganho ahi profundas raizes. Tem-se constituido como um direito novo. Formou-se um systema de doutrina, e da theoria desceu-se á pratica.

Mas remontando á origem encontra-se a divisa Maç.·.

A Internacional nol-o dirá em breve com maior clareza.

Carbonarismo italiano. Segundo Carlos Botta (Hist. de Italia, liv. 23, anno 1808), a seita dos Carbonarios italianos nasceu nas montanhas dos Abbruzos e da Calabria onde ha abundancia de carvão. Muitos dos seus membros eram realmente carvoeiros. Chamaram ás suas assembléas *vendas,* alludindo á venda que faziam de carvão, quando descendo das montanhas vinham para as planicies.

Semelhantes aos Fr.·.-Maç.·. tinham muitos graus, occultavam seus *ritos* no mais profundo *segredo,* e serviam-se de certos signaes para se reconhecerem. O Carbonarismo italiano na sua origem tomou uma especie de mascara religiosa destinada para ser recebida com maior facilidade por um povo cheio de fé. Elle invadiu em breve as Romanias e derramou-se em Napoles.

Um maçon exilado em Inglaterra assignou mais tarde em um papel que appareceu em Londres em 1848 outra origem á Fr.·.-Maç.·. napolitana.

«Apenas os exercitos francezes se apossaram d'este reino (1806) a Maç.·. estabeleceu-se e prosperou ahi. Em 1811 tinha tocado o apogeu da prosperidade.»

Qualquer que seja a sua origem, os *Carbonarios,* diz o snr. Ravitti, tem, como os Fr.·.-Maç.·. por fim supremo e ultimo a destruição da Igreja catholica pelo aniquilamento do throno.

Elles conservam parte dos ritos Maç.·. Em politica o seu fim especial é tornar a Italia independente do dominio estrangeiro, e estabelecer o governo representativo.

«Senhor, escrevia Vicente Dandolo, conselheiro de estado do reino de Napoles ao rei Joaquim Murat, o Carbonarismo espalha-se na Italia. Libertai d'ella, se podeis, o vosso reino, porque esta seita é inimiga dos thronos.» (Colitta, Storia del Reame de Napol. t. VIII, 1819. Arch. dell'Ecclesiastico, t. IV, p. 380).

Eis aqui, segundo Luiz Blanc (Hist. de dez annos, p. 99), a origem do Carbonarismo francez.

«As perturbações de junho de 1820 tinham tido por fim a conspiração militar de 10 de agosto, abafada na vespera mesmo do combate.

«O golpe recebido pelos conspiradores sentiu-se na Loja dos *Amigos da verdade,* cujos membros principaes se dispersaram. Joubert e Dugied partiram para a Italia. Dugied voltou a Paris, trazendo ao peito o laço tricolor, insignia do grau, que tinha no Carbonarismo italiano. Flotard ouvia do seu amigo todas as minuciosidades d'esta iniciação em praticas até então ignoradas em França. Fallou d'isto ao conselho Maç.·. dos *Amigos da verdade* e os sete membros que o compunham resolveram fundar a *Carbonaria franceza,* depois de jurarem guardar entre si o seu segredo terrivel. Os regulamentos importados d'Italia convinham maravilhosamente aos Italianos mas não podiam ser em França um codigo proprio para os conspiradores. Pensou-se em introduzir-lhes modificações. Buchez, Bazard e Flotard foram escolhidos para preparar as bases de uma organisação mais racional.»

A Carbonaria, diz L. Blanc, que era uma puerilidade como principio, foi uma organisação que tinha alguma cousa de poderoso e maravilhoso. (Ib.).

Mas d'onde sahiu essa organisação, pergunta St. Albin, senão da Loja dos *Amigos da verdade,* como confessa L. Blanc? É pois obra da Fr.·.-Maç.·. Tanto isto é assim que o ritual da Maç.·. *florestal* (*Carbonaria*) faz parte da liturgia Maç.·. e o author sagrado da Maç.·. reuniu ao ritual da Carbonaria uma analyse de quatorze associações politicas secretas, provenientes d'estas duas antigas instituições: é o que se lê no titulo do *Ritual.* A Maç.·. *florestal* comprehende os *Carbonarios, ou Bons companheiros rachadores, os Prodigos convertidos, os menos Diabos que nós, os Serradores, os Carpinteiros, os Amigos do povo, os Trabalhadores igualitarios, os Francos Juizes, os Invisiveis, os Vingadores d'Alibaud,* etc. (Vocabulario Maç.·. no fim d'esta obra).

A Joven França, a Joven Europa, a Joven Italia, o Tugenbund, os bons Primos não são senão fórmas diversas da mesma instituição. Traçar o esboço, embora rapido, de cada uma d'estas *sociedades* seria um trabalho que nos levaria longe, e consideramol-o desnecessario para o nosso intento.

O que nos cumpria demonstrar era que a Carbonaria franceza é oriunda da Maç.·. e acabamos de proval-o com a authoridade do I.·. L. Blanc.

O *Siècle* confirma este testemunho: aqui vão as suas palavras: « Para constituir a associação, que projectaram, Bazart e seus companheiros tinham precisão de uma authoridade impossivel de obter. A Fr.·.-Maç.·. facultou o meio de tornear a difficuldade: ella foi o pretexto e a capa da empresa. (*Siècle* citado pela *União* de Paris, 1.º de maio de 1866). A Loja dos *Amigos da verdade,* diz elle tambem, foi berço e viveiro do Carbonarismo francez. (Ibid.).

Os seus primeiros regulamentos foram os da Carbonaria italiana, que se considerava como a parte militante da Fr.·.-Maç.·. Adaptaram-na depois ao genio e caracter do paiz.

Seus *principios* e doutrinas não discrepavam dos principios e doutrinas maçonicas.

O seu fim era o mesmo. Todos, diz o *Seculo,* tinham a peito o amor da patria, o *culto da Revolução e da liberdade.* (Ibid.).

Eis aqui mais do que é preciso para estabelecer o incontestavel parentesco entre a Maç.·. e a Carbonaria franceza. Ha entre uma e outra relações de mãi para seu filho. Ser-me-hia facil acrescentar novas provas ás exhibidas: receio porém fatigar com transcripção de documentos.

Solidarios e Livres Pensadores.

Ninguem ignora a existencia da horrivel sociedade dos *Solidarios* e a dos *Livres Pensadores* que impõem aos seus

membros a obrigação rigorosa de não recorrer á hora da morte a padre algum, e de permittirem enterros com as orações da Igreja. Tem a Maç.·. affinidade com estas seitas monstruosas?

O ponto de partida e de chegada são os mesmos. Se a Maç.·. não deu a ultima fórma a estas sociedades, approva-as e anima-as comtudo. Os documentos, que vamos transcrever, proval-o-hão sem replica.

Na Inglaterra, França, Italia a Maçonaria applaudiu a fundação d'estas associações horriveis, que são a ignominia da civilisação moderna e impoz-se o dever de as auxiliar para avançarem mais, sendo necessario.

Encontramos a prova em um documento inserto no jornal maçonico de Londres, *A Cadêa de União,* assignado por muitos Maç.·. e intitulado:

Á Maçonaria e aos Livres Pensadores da Belgica.

«Soubemos com prazer os resultados obtidos na Belgica pelos Livres Pensadores na organisação de sociedades para os enterros civis. Felicitamos cordialmente os nossos Irmãos belgas pela magnifica idéa que tiveram. E' um grande exemplo que deram ao mundo e que produzirá, assim o esperamos, fructos salutares. Aceite pois a Maçonaria belga abundante copia de nossas felicitações, porque sabemos que ella não foi estranha á iniciativa d'este movimento racionalista.

«Mas ás nossas felicitações e applausos, consintam nossos Irmãos belgas que additemos algumas considerações, dictadas por um sentimento, que elles comprehenderão, e é a nossa affeição aos grandes principios, que servem de laço commum a todos os amigos da liberdade e da expansão da intelligencia humana. Sem duvida é já bastante ter subtrahido os mortos á Igreja: mas é apenas o começo de uma grande obra, que só se completará no dia em que chegarmos igualmente *a arrancar das mãos do padre os vivos.*

«Os nossos Irmãos, cujos esforços foram coroados de

tão felizes resultados na organisação das sociedades para o enterro civil, não pensarão, que esteja chegado o tempo, em que, aproveitando-se da latitude, que lhes deixa uma Constituição liberal, dêem mais um passo na vereda que abriram?

«Não temos a pretenção de lhes ensinar cousa alguma a este respeito; só quizemos perguntar-lhes se não julgariam opportuno, depois dos successos alcançados para o enterro civil, tentar o alargamento da sua obra para o *baptismo e casamento civil*.»

Formulando este voto brutal os Franc-Maç.·. inglezes de certo ignoravam que elle se achava desde já satisfeito pelos seus confrades na Belgica. Em verdade aqui está o preambulo e artigos principaes dos estatutos da sociedade dos *Livres Pensadores*, fundada em Bruxellas em 1864:

«Os fundadores da sociedade dos *Livres Pensadores* lançando a primeira pedra d'esta sociedade, saudam com veneração as suas duas irmãs mais velhas, a *Alforria* e os *Solidarios*.

«Elles tem a convicção, ao fundar esta sociedade, que vão trabalhar mais que nunca para libertar o homem dos prejuizos que fazem a força dos nossos inimigos, e ferir no coração o *charlatanismo do padre*.

«Esta convicção é tanto mais profunda, quanto não só nós devemos morrer sem padre, mas devemos dar o exemplo do casamento puramente civil, e do nascimento de nossos filhos sem baptismo.

«Seguros de que os principios do Livre Pensador são libertar o homem do padre, que, até agora, o tem mantido n'uma escravidão vergonhosa, indigna de quem é dotado de raciocinio, elles sabem que o principio é indivisivel, e que um circulo ou sociedade separada deve ter em vista uma propaganda que não póde fazer-se em um ponto só.

«Firmes em taes idéas, não recuaram ante o dever que lhes é imposto de abrir francamente os alicerces do edificio, sobre que guindamos nosso estandarte, onde toda a gente póde

lêr em caracteres que não são occultos nas suas dobras estas palavras que resumem o nosso mote:

« Livres Pensadores.
Nada de padres á nossa morte, ao nosso casamento e ao nascimento de nossos filhos!

«Certos de um exito que o direito e a justiça explicam melhor do que em vão se procuraria expôr por palavras, é com a convicção profunda do bem, e de encontrar adherentes em todos os homens honrados que entregamos á publicidade o nosso manifesto.

«Não temos odio nem rancor algum: do passado só conservamos a lembrança, que nos impelliu a combater abertamente os oppressores da razão humana para emancipar o homem da tutella de todos os seus prejuizos.

«Basta, para dizer o que somos e queremos.»

Seguem-se os artigos, de que citaremos só os que vão abaixo:

«Artigo 1.º A sociedade tem por fim libertar o homem de todos os seus prejuizos.

«Todos os membros se obrigam:

«1.º A não admittirem padre á hora da morte ou no seu funeral.

«2.º A não contrahir matrimonio senão perante a authoridade civil.

«3.º A não admittir padre no nascimento dos seus filhos, e não lhes administrar communhão ou confirmação.

«Artigo 2.º A' morte de um membro, encarrega-se a sociedade de fazer as despezas de convocação, caixão e enterro.

«Quem aceitar os auxilios de um padre deixa de ser membro da sociedade, e perde o direito a reclamar o que houver pago para ella.

«Artigo 5.º Podem ser admittidos como membros individuos de ambos os sexos, sendo apresentados por um mem-

bro; sendo menores devem sêl-o por seus paes ou pelos que ós representarem.

«A Belgica até agora, graças ás suas liberdades e ás vantagens d'ellas emergentes, nos parece destinada a ter a honra d'esta grande iniciativa.

« Sabemos que este trabalho de emancipação é immenso e precisa muita dedicação: por isso entendemos que nos deviamos dirigir não só á Maçonaria belga, mas a todos os Livres Pensadores, que são hoje em tão grande numero n'este paiz.»

«Está incluido na questão que propomos aos nossos Irmãos da Belgica, um *plano completo para ser conhecido e desenvolvido,* que julgamos não dever manifestar por agora em toda a sua amplidão, reservando-nos comtudo para em tempo e lugar opportuno o expôrmos consoante fôr a resposta que obtivermos ao nosso appello.» (Cadêa d'União de Londres, Mundo Maç.·., Patria de Bruges, 13 de setembro de 1865).

A Fr.·.-Maç.·. da Italia *unitaria* conforma-se com a Maç.·. ingleza. Eis aqui o artigo 37 dos novos estatutos geraes do Gr.·.-Or.·. italiano.

«Quando o presidente de uma officina fôr avisado do fallecimento d'um maçon regular nomeia uma commissão para acompanhar o defunto á sua morada derradeira.

«As honras funebres a que esta commissão participa devem ser puramente civis, com exclusão de qualquer intervenção do clero, e ceremonia ecclesiastica.»

Havemos affirmado que os *Solidarios* tinham encontrado echo na Maç.·. franceza. A Loja *Futuro* ao Oriente de Paris, presidida por Eugenio Pelletan em 1866, escreveu na ordem do dia o estudo dos meios mais proprios para propagar os enterramentos civis, e todos os II.·. de Paris foram solicitados de apresentar á Loja as suas observações a tal respeito.

E' bem verdade, que o Gr.·.-Mestre Mellinet, censurou officialmente o que se havia feito, e suspendeu até provisoriamente a Loja do Futuro, mas muitas Lojas se propozeram de appellar para o conselho.

Na Nota encontrar-se-ha uma dissertação curta e substancial do I.·. d'Hestal 30.·. que combate com muita logica o despotismo *anti-religioso dos Solidarios e Livres Pensadores*. Mas póde-se-lhe responder com outra tanta logica e força partindo dos grandes principios Maç.·.: quando se permitte rejeitar a existencia de Deus e a immortalidade da alma, quando se trata a religião catholica, os sacramentos e o seu culto, de ficções e phantasmagorias ridiculas, não são inconsequentes os que praticam o que este I.·. censura. (Nota XI).

Resta-me fallar da outra filha da Maç.·. que, joven ainda, adquiriu uma celebridade immensa. A *Internacional* precisa ser estudada com toda a seriedade. E' o assumpto da outra carta.

NOTA XI

Refutação dos Solidarios e Livres Pensadores pelo I.·. d'Hestal

«Pensamos que importa examinar esta nova manifestação dos solidarios francezes e julgal-a com rectidão.

«Ella foi condemnada pelo Grão-Mestre como ataque á liberdade individual e da consciencia, perigo para a Ordem, violação da constituição, leis e principios maçonicos. No entanto a suspensão pronunciada contra a Loja *Futuro* é só provisoria e limitada a seis mezes. Não tardarão a reproduzir-se as mesmas idéas, e por isso demoremo-nos um pouco sobre este assumpto.

«Primeiro de tudo os suppostos *livres pensadores* nem são livres nem pensadores. Não são livres, mas escravos de alguns homens cujas lições repetem servilmente sem comprehendel-as. Não são livres mesmo para morrer á sua vontade, porque se compromettem de ante-mão por uma triplice alliança. Nada são menos do que pensadores, porque as poucas linhas da sua profissão de fé são um tecido de absurdos e contradicções que presuppõem a mais profunda ignorancia.

«Assim declaram respeitar a liberdade de consciencia sobre todas as questões da Divindade e repellem ao mesmo tempo as religiões dogmaticas e reveladas como sendo *hoje* a negação da consciencia e da razão. Este *hoje* é precioso! Pois se as religiões dogmaticas e reveladas são *hoje* a negação da consciencia e da razão, tambem o foram sempre. Ora a humanidade que vive ha perto de dous mil annos do christianismo, religião dogmatica e revelada e tendo sempre acompanhado desde o seu nascimento religiões dogmaticas, resulta que o genero humano, desde dous mil annos, ou para melhor dizer desde o dia do seu nascimento, está sem consciencia nem razão e que não chegou a recuperar rapidamente uma e outra senão pela revelação dogmatica dos Solidarios da

Loja o Futuro. Será difficil atacar pois rudemente o bom senso, a consciencia e a razão da humanidade. Demais ninguem ignora que todas as religiões são necessariamente dogmaticas e reveladas. Fóra d'aqui póde haver uma philosophia, mas não uma religião. E tambem toda a crença ou idéa sobre a Divindade, embora seja racional e philosophica é necessariamente dogmatica. Finalmente se se respeita a liberdade de cada qual sobre todas as questões da Divindade, porque se não respeitará a religião dos homens, que pela consciencia ou pela razão, julgam dever professal-a, como o catholicismo por exemplo?

«Mas, ó suppostos Livres Pensadores, vós mesmos sois de um dogmatismo monstruosamente exclusivo. «Vós não admittis, dizeis, outras verdades além das que a razão demonstra, outra moral além da sanccionada pela consciencia.» Que pensaes vós que fazem os catholicos, os christãos, todos quantos seguem religiões reveladas? Adoptam-nas, porque lhes parece que a verdade d'estas religiões está demonstrada pela razão, e sua moral sanccionada pela consciencia. Entre elles e vós, quem vos estabeleceu juizos dogmaticos e intolerantes? porque vos arvoraes em unicos reveladores da razão e da moral? Que descobristes de novo? Não cessamos de perguntar-vol-o: não nos respondereis nunca? A revelação é fundada sobre uma sciencia positiva: a historia. Seus resultados são demonstrados por dezenove seculos de pratica experimental. Conheceis pois ao mesmo tempo a sciencia e a experiencia.

«Em todos os tempos e em todos os lugares, a humanidade acreditou nas religiões dogmaticas e reveladas. Collocaes-vos pois fóra do consenso universal do genero humano, como fóra da sciencia dos factos!

«Não ha moral, que obrigue, se na religião não tiver o seu principio e sancção. Estaes pois em opposição com a consciencia humana, o consenso universal da humanidade, a experiencia, assim como com a razão.

«E tudo isto para não saber morrer só, á vossa moda, sem ter necessidade de ligar-vos de ante-mão por um compromisso: tudo isto para evitar que uma oração não seja proferida sobre o vosso cadaver, que um raio d'esperança immortal não desça sobre o vosso sepulchro: tudo isto para que se lancem á terra os vossos restos, como os de um animal que não conhece Deus nem a eternidade.

«Para obter este resultado não vale, em verdade, a pena pagar doze francos por anno e crear uma direcção: bastaria manifestar a vossa vontade ao morrer.

«Temeis de ser influenciado e para o não ser não só vos deixaes influenciar de ante-mão, mas ligaes-vos com um compromisso, que vos priva da liberdade.

«Para que havemos de discutir semelhantes aberrações? Confesasmol-o, somos profundamente affligidos á vista de tal rebaixamento da consciencia e da razão humana. Ficamos confusos, cuidando que é possivel que em França, no seculo XIX, taes absurdos e monstruosidades possam ter curso, quando mais não seja ao menos entre alguns homens. Como muito bem disse o general Mellinet é um verdadeiro ataque á liberdade de consciencia e á liberdade individual e acto para perturbar a paz das familias.

«E' demais um transtorno completo dos principios sobre que assenta a ordem social: e por isso não cremos que semelhante deliberação se tomasse na presença d'um membro do corpo legislativo, que no parlamento representa não os solidarios, mas cidadãos catholicos e christãos, ou pelo menos cidadãos muito afastados das idéas d'esses empresarios de enterros civis.

J. d'Hestal, 30.'.»

CARTA TRIGESIMA PRIMEIRA

Parentesco da Fr.·.-Maç.·. com a Internacional. — Organisação, fins, meios de acção, doutrinas da Internacional.

Senhor.

Os ultimos acontecimentos de Paris revelaram ao mundo uma das feridas mais profundas que devoram as sociedades modernas e provavelmente o maior perigo, que jámais as haja ameaçado.

Viu-se a Internacional em acção: não temeu dizer o que queria: mostrou aquillo de que era capaz: ha nos seus actos e no programma monstruoso que ella arremessa insolentemente aos governos como desafio, um não sei quê de tão extraordinario, que não estamos menos espantados da sua audacia do que indignados dos seus formidaveis projectos.

Parece-me que ouço perguntar a razão por que eu a classifico na posteridade da Fr.·.-Maç.·. e em que fundamentos me apoio para estabelecer entre estas duas sociedades a relação intima que existe entre a filha e a mãi. Deve a Internacional a vida á Fr.·.-Maç.·. e podem-se com justiça attribuir a esta os excessos da outra?

Esta questão é tanto mais opportuna quanto entre os Fr.·.-Maç.·. ha um grande numero de membros que não admittem este parentesco, e que, tendo vergonha dos excessos da Internacional, quereriam fazer crêr ao mundo que a Fr.·.-Maç.·. nada tem de commum com ella.

Agora uma observação. Quando affirmo que a *Internacional* é um ramo da Fr.·.-Maç.·., não quero dizer que esta haja formalmente concebido o plano d'aquella, determinado o fim especial por que propugna, e seus meios de acção, formando a sua organisação e escrevendo os seus regulamentos especiaes. Não: quando a chamamos mãi dos *Livres Pensadores,* dos Solidarios, Carbonarios e das outras sociedades secretas que infestam o mundo, não quizemos dizer que ella lhes désse a fórma especial, que as distingue entre si, e da Maç.·. mesma. Mas isto não é indispensavel para estabelecer uma verdadeira filiação entre a Maç.·. e as suas diversas seitas. Basta que prove que estes ramos sahem originariamente da mesma raiz, nutrem-se da mesma seiva, e vivem da mesma vida. Ora qualquer que seja o mysterio que envolve a primeira germinação da Internacional, qual é o homem intelligente que á primeira vista não descobre n'essa sociedade formidavel, que se tornou o terror dos governos, o pensamento intimo da Fr.·.-Maç.·., o seu espirito e a sua vida?

A divisa para sempre celebre que contém e exprime a essencia da Maç.·. não é tambem a divisa da Internacional: e o seu codigo, o principio fundamental em que repousa o edificio, a unica justificação que possa dar á sua doutrina?

Não viu V. algumas vezes junto d'uma arvore velha crescer um numero de ramos que se desenvolvem á sua sombra? Tomar-se-hiam por outros tantos arbustos tendo raizes proprias e vida especial; mas cavando ligeiramente a terra, que os cerca, vêr-se-ha que estes suppostos arbustos não tem outra seiva senão a da velha arvore, que parece querer reproduzir-se e perpetuar-se nos seus novos ramusculos.

Eis-aqui uma imagem fiel do estreito parentesco que existe entre a *Internacional* e a Fr.·.-Maç.·. As mesmas raizes alimentam as duas arvores. Analyse-se a seiva que circula nos ramos, reduzam-se suas doutrinas á expressão mais simples, procure-se a razão final d'estes systemas des-

truidores de toda a ordem moral: achar-se-hão no fundo do cadinho as tres palavras sacramentaes da Fr.·.-Maç.·.: *Liberdade, Igualdade, Fraternidade:* só isto se encontrará ahi. Póde haver differenças na interpretação e applicação pratica d'estes tres grandes principios, mas é a base commum, em que se apoia a legislação da Maç.·. e da Internacional. O ponto de partida é o mesmo: o fim a que se tende identico: destruição da Igreja, aniquilação das monarchias: só o *caminho* é differente e os meios não são todos os mesmos. Será mister mais alguma cousa para affirmar um estreito parentesco entre as duas Instituições? Addite-se-lhe a protecção que n'estes ultimos tempos sempre tem dado a Fr.·.-Maç.·. á Internacional.

D'onde vieram com effeito os primeiros auxilios dados a esta sociedade? Da Fr.·.-Maç.·.

A nota XII convence d'isto: ahi se descubrirá o assento do nascimento da *Internacional* e as provas da *maternidade* da Fr.·.-Maç.·. De certo se ella não é a mãi é a ama que embalou o recem-nascido em seus joelhos. Ha outro documento não menos precioso para estabelecer esta filiação, mas demasiado comprido para ser inserto n'esta obra. Encontra-se na obra do I.·. Rebold (Historia das tres grandes lojas da Fr.·.-Maç.·. Paris, 1864, pag. 652). É difficil não vêr nos tres projectos, que o author desenvolve, a idéa e esboço da organisação da *Internacional.* Mas se ainda se póde duvidar do parentesco que liga a Maç.·. á Internacional, tenho só a lembrar a solemne manifestação que a Fr.·.-Maç.·. fez em Paris no anno passado (1871) e de que brevemente me occuparei. Não será verdade que a Fr.·.-Maç.·. estava então de accordo com a Communa, e que a Communa representava e personificava o espirito, os principios e tendencias da Internacional?

Concluo. No sentido que expliquei, a Fr.·.-Maç.·. é realmente a mãi da Internacional. Mas que sociedade é esta, cujo nome se tornou tão celebre? Qual é a sua organisação? Qual o seu fim e meios de acção? Quaes os seus principios? É o

que hoje me proponho estudar. Em outra carta procurarei determinar as *probabilidades* do seu futuro e a *sorte,* que conforme as apparencias, lhe está reservada.

Vejamos em que consiste a *sociedade,* chamada Internacional e a *sua organisação.* Imagine V. os differentes operarios d'uma mesma corporação, por exemplo, tecelões, carpinteiros, pedreiros, pintores, etc., que se associam para um interesse commum: ora se os operarios de cada corporação não forem bastante numerosos, muitas corporações se reunem para *formar uma associação operaria:* é isto que a Internacional chama uma secção.

Estas secções, mais ou menos numerosas em uma cidade, ou provincia, representadas em um *conselho,* constituem a *federação ou conselho federal.* Ha cidades como Paris e Lyão onde as secções são assás numerosas para constituirem uma *federação.* Nas cidades, onde só possa haver uma secção, esta se reune á *federação* existente na cidade mais proxima.

Estas *federações* estabelecidas no mesmo paiz, como a Belgica, a França etc., unem-se juntamente por um centro commum ou congresso geral que as liga umas ás outras, e aqui temos uma *confederação nacional.*

Estas diversas confederações são representadas por um conselho geral, ou *internacional* permanente, centro unico para onde convergem todas as *secções* por intermedio das *federações:* e aqui temos a *Internacional* considerada na sua organisação material. O *conselho internacional* é o centro para onde convergem todas as federações operarias do mundo inteiro. A séde actual está em Londres. Além do presidente, secretario geral ou thesoureiro ha no conselho geral tantos secretarios particulares quantos os paizes onde existem secções da Internacional. Estes correspondem-se com outros nomeados pela secção de cada paiz. Todos os annos o congresso indica a séde do conselho geral e procede á eleição dos seus membros: e o conselho geral é pela sua parte incumbido de organisar o congresso, discutir e dirigir o programma e fazel-o conhecer a todas as secções.

O conselho federal serve de intermediario entre as differentes secções e entre estas e o conselho geral. Elle compõe-se dos delegados das associações operarias já *federadas*. A sua composição varia segundo a importancia das localidades e o maior ou menor numero de grupos de operarios federados.

Está incumbido da defeza dos salarios, dos interesses diversos das corporações, e do estudo das questões economicas e sociaes. Deve esforçar-se para estabelecer a união entre todos os *operarios* na sua luta contra a *exploração do capital*.

É obrigado a fazer uma propaganda activa entre as massas operarias, expôr-lhes os principios e fins da Internacional, inicial-as na sua organisação. É elle que delibera sobre as requisições de emprestimo endereçadas á *federação*, a opportunidade de sustentar as *paredes* (greves), contrahir emprestimos em alguma sociedade adherente, ou do conselho geral, etc. etc. (Org. Intern. Oscar Testu, p. 146).

Onde a necessidade apparece, o conselho ou congresso nacional serve de intermediario entre as federações e o conselho internacional. A *secção* assemelha-se á *Communa*. Ella reune os operarios de todas as profissões, sem distincção e discute as questões que importam á localidade. As secções são ligadas entre si pelas federações, ou conselhos federaes, que comprehendem cada um certo numero de secções. Nas localidades, onde ha muitas secções, estabelece-se uma *commissão local*, que serve de *intermediaria* entre as *secções e o conselho federal*. A organisação é pois completa.

As questões relativas a um corpo de profissão tratam-se nas reuniões d'este corpo.

As que interessam a uma *localidade* completa, na secção.

As que importam a uma região, no *conselho federal*.

As que respeitam a um *paiz inteiro*, nos *congressos* e reuniões geraes dos delegados de todas as federações operarias.

Os negocios *internacionaes* são tratados pelo conselho geral e nos *congressos internacionaes*.

Mas perguntar-se-me-ha qual é o fim d'esta sociedade? Que quer ella? Qual é a sua razão social? Deixemos fallar a Internacional mesma.

«A associação estabeleceu-se para procurar um ponto central de communicação e cooperação entre os operarios dos differentes paizes, que aspiram ao mesmo fim: o concurso mutuo, o progresso e a completa alforria da classe operaria, e por isso se chama *Associação internacional dos trabalhadores*.» (Estatutos, art. 12. Testu, p. 108).

«Nós não somos socialistas systematicos, dizem elles: somos pura e simplesmente revolucionarios: fazemos appello *á massa* e estamos convencidos que só ella tem o segredo dos seus destinos e póde determinar o futuro. Os direitos dos trabalhadores, eis o nosso principio: a organisação dos trabalhadores, o nosso meio de acção: a revolução social, o nosso fim.» (Intern. de 27 de março de 1867).

«A Internacional, acrescenta uma das suas revistas, é o despertador, a moralisação, a força, o triumpho proximo dos trabalhadores, sobre as ruinas do capital monopolisado nas mãos da burguezia: é a moralisação forçada d'esta mesma pelo trabalho e a justa distribuição dos seus productos.» (Igualdade de 28 de junho de 1869).

Igualitarios convictos, queremos chegar á *Igualdade*, não pela liberdade politica, *liberdade ridicula*, que deixaria subsistir esta escravidão inveterada que se denomina proletariado, mas pela *abolição da herança*, etc.» (Igualdade de 10 d'abril de 1869).

«O povo, dizem tambem, nunca tomou parte nas revoluções politicas senão com a esperança vaga, que ellas trariam algum allivio á sua miseria e escravidão secular: sempre se illudiu. A revolução matou a *aristocracia militar* e collocou em seu lugar a *burguezia*. O povo não se chama já servo ou escravo, elle nasceu *livre*, em direito, mas na pratica a sua escravidão e miseria são as mesmas.

E ficarão sempre os mesmos em quanto as massas populares continuarem a servir de instrumento á politica burgueza, quer ella se denomine *conservadora, liberal-progressista, radical,* e quando mesmo tomasse as fórmas mais revolucionarias do mundo. Porque a politica burgueza, qualquer que seja o seu nome ou a sua côr, não póde ter senão um fim: a manutenção do dominio burguez, e este é a *escravidão* do proletariado.» (Intern. de 6 de setembro de 1869).

«Todas as politicas até hoje tem sido fundadas na exploração das classes operarias. A *Internacional* principiou pelo arroteamento do terreno: do seu gremio rejeitou todos os partidos politicos conhecidos afim de poder fundar *sobre as ruinas do mundo burguez* a verdadeira politica dos trabalhadores, a politica da associação internacional» (Ib.).

Quanto aos seus meios de acção o mais formidavel é a organisação de que démos um esboço. Ella comprehende isto.

«Por agora, diz o jornal que tem o seu nome, a missão da Internacional é só organisar, associar os operarios por *corporações e localidades:* depois federal-os de região para região, de nação para nação: e reunir em um só grupo todos os grupos menores *cooperativos e locaes.*»

Por este meio ella chega a sustentar uns e os outros no caso de parede (*grève*). (Sociedades de resistencia em Inglaterra. Sociedades de presidencia em França, e tambem camaras syndicas e *sociedades de credito mutuo*).

«Com vistas mais geraes, os meios de acção são os mesmos. Muitos milhões de operarios estão já reunidos na Europa e na America debaixo da sua protecção: e é facil de entender que quando estivermos todos organisados, e estendermos as nossas mãos de uma a outra extremidade do mundo, para conquistar nossos direitos só teremos que levantar-nos: então esboroar-se-ha o edificio da tyrannia.» (Intern. de 25 de março).

Resta-nos ainda examinar os principios da Internacional. Filha da Fr.·.-Maç.·. ella não olvidou as lições de sua mãi: esforça-se para caminhar vagarosamente por chegar com

segurança: sabe dissimular e esperar, mas é facil descobrir o seu pensamento intimo: e n'este ponto ella mostra franqueza, que nunca teve a Maç.·.

«Nós pensamos, diz a Internacional (5 de setembro de 1869) que os fundadores da associação obraram com grande prudencia dizimando do seu programma todas as *questões politicas e religiosas.* Sem duvida tem elles opiniões *politicas e anti-religiosas* bem pronunciadas; mas *abstiveram-se de emittil-as no seu programma,* porque o seu fim era unir, primeiro que tudo, as classes operarias do mundo civilisado para uma acção commum. Se elles houvessem arvorado a bandeira d'um systema politico ou anti-religioso, em vez de unir os operarios da Europa tel-os-hiam ainda dividido mais: porque por causa da ignorancia dos operarios, a propaganda interesseira e altamente corruptora dos padres, dos governos e partidos politicos burguezes, não exceptuando os mais vermelhos, tem derramado nas massas operarias uma multidão de idéas falsas. Apresentar como programma da Internacional um systema *politico e anti-religioso,* seria matal-a.»

Apesar porém d'estas reservas, que se referem só ao programma, ser-nos-ha difficil fixar-nos sobre as doutrinas e principios da associação.

Em verdade, quanto a *religião,* que pensam os membros da Internacional? «*Não queremos religião, porque as religiões abafam a intelligencia.*» (Testu, p. 16).

«*A alliança quer a abolição dos cultos, a substituição da fé pela sciencia, e da justiça divina pela humana.*» (P. 28.)

«*A alliança declara-se sem crenças em Deus.*

«*A tendencia geral é a destruição moral de toda a authoridade e lei: os cultos desapparecem. Não ha já respeito nem pelos deuses nem pelos reis.*» (Testu, p. 35).

«*Tres flagellos constantemente corroem as producções da humanidade: o padre, o soldado, o proprietario.*» (Testu, p. 36).

Já fizemos conhecer os principios da Internacional sobre a *propriedade, a herança, a familia, o exercito, a ma-*

gistratura. Sabemos que para ella todos os governos devem ser substituidos por uma *republica universal*. O seu nome basta para dizer-nos que ella é *anti-nacional*.

É inutil insistir sobre estas questões, que estão resolvidas para nós: não é menos evidente que os principios da Internacional e da Fr.·.-Maç.·. são identicos, assim como as suas doutrinas religiosas e sociaes. Em que differem estas duas sociedades, cujos principios são conformes? A Internacional parece-nos mais occupada dos seus interesses temporaes de que a Fr.·.-Maç.·., que promove mais directamente a destruição da religião catholica como fim supremo.

«O que nos separa mais radical e immediatamente, nós *socialistas* dos homens politicos mais radicaes é que para os ultimos a *liberdade* é tudo: dizem elles, primeiro a *liberdade*, depois a *solidariedade*, divisa profundamente illogica; nós dizemos e não nos cançaremos de repetil-o: primeiro a *solidariedade e depois a liberdade*.» (Progresso de Locle de 28 d'abril de 1870).

Os membros da Internacional preoccupam-se especialmente da partilha, a sonhada *igualdade*; é o *communismo*, o socialismo passando da theoria á pratica. Ha tanto tempo que se proclama em todos os tons a divisa que se tornou famosa: *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*, que os operarios, mais consequentes do que seus mestres, exigem a sua realisação. Gabaes-nos tanto a arvore, que desejamos colher-lhe os fructos: assim dizem os *socialistas* aos mestres, que acham exageradas as suas pretenções e se negam a fazer com elles causa commum.

Seja como fôr, ha no apparecimento da *Internacional* e na brilhante manifestação dos seus principios e tendencias, um perigo para a Fr.·.-Maç.·. Proteste esta quanto quizer, sempre a Internacional lhe poderá responder: Vós estabelecestes o principio, como podeis rejeitar as consequencias? Condemnada *pelos seus*, debalde procuraria desculpar-se ante os *profanos:* sempre se lhes dirá com razão: Sois vós que pozestes o fogo no edificio social: que accendestes o horrivel

incendio que ameaça devorar tudo. Esperaveis circumscrever as praias: inutil esperança! Poder-se-ha fazer um compromisso com as chammas, e raciocinar com as paixões a que se deram todas as largas? Cumpri eu a minha promessa? Dei da Internacional justa e completa idéa? Penso que sim: resta-me lançar as vistas sobre o futuro provavel d'esta sociedade cujo nome só se tornou uma ameaça para os governos. Tratarei este ponto na carta seguinte.

NOTA XII

Projecto de reunir um congresso de operarios maçonisados

Veja-se o *Mundo Maçonico*, tomo VIII, pag. 9, maio de 1863

Este congresso, dizia a Patria de Bruges a 29 de junho de 1865, reunir-se-hia em Bruxellas no mez d'agosto proximo, e se havia de compôr de operarios inglezes, francezes, allemães, italianos, belgas, etc.

A loja de Paris, denominada o *Templo das familias*, dirigida pelo I.·. Garnier, adoptou a proposição seguinte feita pelo I.·. Fribourg, membro do *Futuro* e correspondente em Paris da *Associação internacional dos trabalhadores*.

«A Franc-Maçonaria sendo uma confederação universal, philosophica e humanitaria deve essencialmente por estas causas animar, proteger e propagar as obras do bem, cujo fim é o melhoramento da sorte das familias dos trabalhadores. É para este fim, dignissimos II.·., que tenho a honra de solicitar o favor do vosso concurso moral e pecuniario para a grande obra da emancipação que vai verificar-se em breve tempo em Bruxellas. É n'esta cidade que o congresso internacional dos trabalhadores deve reunir-se e é para as despezas, que exigir a reunião de todos os operarios, nossos irmãos, que este obolo será util: são pobres, é preciso auxilial-os.

«As discussões e documentos que nascerem d'este congresso contribuirão sem duvida a dar um certo contingente de luz que deverá esclarecer a marcha do progresso social. Já que os ultimos tratados internacionaes tem aproximado os povos pelos estimulos da industria, as grandes assembléas de homens de todos os paizes deverão unil-os pelos grandes principios da fraternidade. Cumpre pois aos Maç.·. trabalhar para esta grande obra, porque é o primeiro passo dado para a solidariedade universal do trabalho.»

Muitas lojas imitaram a do *Templo das familias*, respondendo ao appello do L.·. Fribourg entre outras as do rito escocez — a Linha recta, os Hospitaleiros de Santo Ouen, a L.·. N.º 133, e do rito francez a Rosa do perfeito silencio, o Futuro e o Renascimento.

A Franc-Maçonaria não descança de desenvolver incriveis esforços para fazer penetrar em todas as classes da sociedade o espirito deleterio e subversivo que a anima. Ainda que se acha dlvidida sobre grande numero de questões, ella está accorde desde que se trata de fazer propaganda do mal, de que ella é o agente mais activo e ardente. Umas vezes procura apoderar-se da mocidade, outras da moral, inoculando a extraordinaria moral ou melhor ausencia de moral que preconisava o congresso de Gand: outras vezes apodera-se do menino no seu berço, como se quizesse imprimir o seu sello a uma geração inteira e lançal-a á força no seu molde. Nos ultimos tempos ella resolveu apossar-se do operario e inspirar-lhe principios hostis a todas às crenças, a todos os deveres e restricções.

É-lhe necessario um congresso de obreiros. Surgiu a idéa nas lojas maçonicas de Londres: alguns operarios inglezes, instigados pela Franc-Maçonaria, se reuniram e redigiram um regulamento provisorio.

CARTA TRIGESIMA SEGUNDA

Vicios intrinsecos da Internacional. — Sorte presumida e provavel d'esta associação.

Senhor.

Devo confessar que a existencia e o desenvolvimento da Internacional são um mysterio para mim.

Ha no facto que temos debaixo dos olhos uma tal monstruosidade que o espirito recusar-se-hia a admittil-o se o espectro medonho não se nos patenteasse na sua horrivel e verdadeira realidade.

Comprehendo na verdade, que alguns individuos isolados, cedendo á tyrannia das suas paixões ou aos desvarios do seu espirito, consigam justificar-se até certo ponto dos attentados, que a sua consciencia condemna, sem embargo de deixar-se arrastar contra os seus dictames.

Porém que milhões de individuos, cuja maxima parte o christianismo educou e esclareceu com suas luzes divinas, se alistem com os olhos fechados em uma sociedade, onde se faz profissão de rejeitar as verdades mais incontestaveis e os ensinamentos sagrados da revelação, calcar aos pés os mandamentos de Deus e os preceitos da lei natural: que elles erijam em dogmas os erros mais grosseiros: e desprezando as luzes da fé e as da razão, a experiencia de sessenta seculos, a sua consciencia, as convicções de todo o genero humano, já não digo só dos crentes, mas de todos os homens

racionaes e que tem senso commum, se mettam resolutamente ao caminho, onde o crime os acompanha a cada passo; que marchem por este modo, seduzidos por uma utopia criminosa, adiante de todos os perigos, excessos e desgraças para terminar finalmente n'uma eternidade, que se lhes apresenta ameaçadora e terrivel, quer o queiram, quer não queiram: não será isto uma enormidade, uma monstruosidade tal como nunca a viu o universo?

Milhões de homens, muitos dos quaes receberam uma educação acurada e não são privados de talentos, elevados pelo baptismo á sublime dignidade de filhos de Deus, abjuram por tal modo sua fé e esperanças e renegam o seu Salvador e o seu Deus: calcam aos pés a virtude e o dever, sacrificam sua consciencia, sua alma e a eternidade, sob o pretexto ridiculo e accusação nova no mundo, da *injustiça social*, que contém, segundo dizem, a desigualdade das condições, fortunas e posições!

É este, sem embargo, o espectaculo que estamos vendo. Ouçamol-os:

« A lei não é igual para os francezes, porque ella quer que o proletario *dê* do que *produziu*, e que o *proprietario tome* o que não *produziu*, e não em pequena dóse. » (*Defensor dos direitos do homem*, 17 de julho de 1871).

« O que não trabalha come o bem do outro. Aqui está o *verdadeiro ladrão*, a quem *a lei deveria castigar.*» Por trabalho estes senhores entendem as obras *manuaes*, as unicas que elles dizem fecundas.

É assim que estes homens, que tomam a fraternidade por divisa, inscrevem na cabeça do seu programma estas palavras: « A propriedade é um roubo. » Guerra aos ricos e proprietarios: e a primeira fiada do edificio, que desejam construir de novo, será formada dos cadaveres do terço do genero humano.

Na existencia e desenvolvimento da Internacional (tomando mesmo em linha de conta os illudidos que são muitos) não se manifesta um phenomeno unico, singular, mons-

truoso e de algum modo incrivel? Não: nunca se concebeu projecto mais audaz e grandioso, e tambem nunca o houve mais insensato, criminoso e impossivel.

Nada mais insensato. A Internacional suppõe como verdade incontestavel que ha seis mil annos, todas as sociedades tem existido em posição anormal e contraria á justiça, porque sempre houve em todos os paizes, estados e tempos grande desigualdade nas condições e fortunas. Ora, romper com todo o passado, imaginar outra ordem de cousas, censurar e condemnar tudo o que existiu, querer reformar o mundo e assental-o sobre outras bases, não será, quando menos, temerario?

E não bastará a novidade d'estas idéas para tornal-as suspeitas?

Este systema não attende á *subordinação* indispensavel na sociedade: como se esta podesse subsistir sem superiores por um lado e inferiores pelo outro.

Decretando a *igualdade* desconhece a natureza do corpo moral, que, á maneira do corpo physico, se compõe de membros muito diversos uns dos outros pelas suas aptidões e funcções.

Abolindo a *propriedade e a herança,* destróe a familia, decompõe e dissolve a sociedade.

Tirai a *propriedade* e acaba o interesse pessoal: deixa de existir a espontaneidade, a emulação e a iniciativa particular. Quer o queiram, quer não, é forçoso reconhecel-o, o *interesse pessoal* é quando não o mobil unico pelo menos o mais ordinario dos projectos e empresas do homem. Desappareça elle, e ficará apenas a estagnação dos espiritos e dos corações, o marasmo das intelligencias, uma especie de torpôr moral, sociedades adormecidas na indifferença e vergadas sob a tyrannia da materia e dos sentidos.

Supprimindo as *nacionalidades, o patriotismo e a familia,* abafam-se no homem os germens das affeições mais suaves, das virtudes mais bellas e generosas.

Este systema é contra a natureza, é um insulto feito

ao bom senso e á razão dos individuos e das sociedades: é a mais monstruos a loucura que haja produzido o *seculo* das luzes.

Este projecto não só é insensato mas criminoso: a loucura combina-se aqui como desregramento moral levado ao auge.

A *Internacional* comprehendeu perfeitamente que não podia justificar o seu plano, legitimar as suas tendencias aos olhos dos seus adeptos, senão fazendo desapparecer Deus do mundo: negando a sua existencia e desembaraçando-se da sua justiça, dos seus mandamentos, promessas e ameaças, juizos e de toda a responsabilidade moral.

Por uma sequencia necessaria ella devia negar a *immortalidade* da alma, a vida futura; não ha para ella recompensas para a virtude, castigos para o crime, freio para as paixões, barreira para suspender os desvarios do vicio.

Digamol-o antes assim: *não ha vicio nem virtude.* O bem e o mal moral, o justo e o injusto são palavras desprovidas de sentido. Fazendo assim desapparecer Deus, apaga-se o facho celeste que illumina o mundo dos espiritos, e entra-se na noite do cháos. Desconhecendo a dignidade da alma, não existem em torno de nós senão mysterios desoladores e contradicções inexplicaveis. D'onde vindes? Para onde ides? qual é a vossa origem? o vosso fim? quaes são os vossos deveres? A estas questões e a centos de outras não ha resposta possivel.

Doutrina aviltante para o homem que só do bruto se distingue pela *intelligencia* feita para a verdade e impotente para conhecel-a: por um *coração* que aspira á felicidade e é incapaz de possuil-o: por uma razão, finalmente, tocada de cegueira e volteando cá na terra em um circulo de contradicções d'onde não póde sahir.

Doutrina contristante para o desgraçado, a quem ella arranca toda a consolação, e condemna a soffrer sem esperança, lenitivo, razão e muitas vezes sem justiça.

Doutrina humilhante para o individuo e para a sociedade

cuja acção circumscreve nos limites estreitos do tempo, condemna-a a uma guerra intestina, a rivalidades irreconciliaveis, a eternas divisões cuja consequencia necessaria é a destruição e a morte. No futuro não ha, nem póde haver para o homem outra lei senão o seu capricho e prazer, outra vida senão a dos sentidos, outra felicidade senão as forças materiaes do animal, outro Deus senão o seu prazer. Acrescento finalmente que este projecto *insensato e criminoso* é:

Um projecto de *impossivel* realisação. Com effeito a *Internacional* querendo renovar as sociedades: 1.º Destróe, derriba, aniquila todas as bases da sociedade, elimina todos os elementos essenciaes, e dedica-se loucamente á tentativa ridicula de elevar o edificio sem alicerce, sem pedras e sem cimentos. Ella quer ordem sem subordinação, um corpo organisado sem a variedade e diversidade dos membros, a virtude sem motivo nem razão, leis desprovidas de sancção, um mundo sem Deus, a vida presente sem a futura, que é o seu complemento essencial e a sua unica explicação plausivel: a vida valeria tanto sem ella como a terra sem o sol. Ella quer pois o que é cem vezes *impossivel*.

2.º Para realisar este plano insensato, prepara uma immensa collisão entre as duas partes vitaes da sociedade. Sem duvida, todos os que possuem não consentirão facilmente o deixarem-se despojar do que tem adquirido á custa dos seus trabalhos e da sua industria: a luta será terrivel, sangrenta. Os governos ameaçados na sua existencia não poderiam ficar indifferentes. Advertidos preparam-se e acautelam-se. Os trabalhadores que tem contra si o crime de uma aggressão injusta, cantarão victoria? Póde duvidar-se d'isto com razão: e em todos os casos custar-lhes-hia cara.

3.º Supponhamos porém que triumpham, que succederá? Elles destruiram, desconcertaram as sociedades: construiram acaso alguma cousa, que seja estavel? Não. Unidos em quanto tiverem que destruir, dividir-se-hão quando tratarem de edificar. Diffundir-se-ha a confusão em suas filei-

ras. O ciume, o odio os armarão uns contra os outros: impotentes para se entenderem, empregarão a sua energia para destruirem-se mutuamente, e, como novos operarios de Babel, serão sepultados debaixo das ruinas da torre orgulhosa que se gabavam de erguer até ao céo.

Perguntar-me-ha em que me fundo eu para predizer este resultado final e vou dizel-o.

Quer o confesse, quer não, o homem tem em si, isto é, nas suas paixões, um principio de divisão, guerra interna e morte. A *Internacional* não *creará* o homem de novo: não destruirá n'elle esta causa fatal e fecunda de desordens, excessos, crimes de todo o genero; este germen poderoso de todos os vicios que se desenvolvem comnosco e constantemente conspiram contra o dever, a virtude, o bem, a justiça e caridade.

Os elementos, que a constituem e devem compôr a sociedade nova, não são isentos de paixões e de vicios, não estão ao abrigo das desordens, desvios e excessos.

Excluirá a Internacional do seu seio a ambição, a avareza, a immoralidade, a embriagez, a preguiça e a violencia? Lisongear-se-ha com a esperança de que todos os seus membros vivam honrada e convenientemente? Ha nos operarios homens laboriosos, regrados e temperados. Mas serei injusto se disser que os ha preguiçosos, dissolutos, devassos, etc.?

Sendo isto assim, não é evidente que as desordens de que tão amargamente se queixa a Internacional e de que accusa as sociedades actuaes se reproduzirão igualmente no seu gremio? Esperar a união dos espiritos e dos corações, a conformidade dos sentimentos e das vontades em uma sociedade assim composta, não seria uma illusão em demasia insensata? Estaes vós seguros de ter resolvido por modo satisfactorio todos os problemas que contém a vossa nova sociedade, sem antecedentes e contraria a tudo quanto tem existido até hoje? O systema, que fazeis prevalecer hoje e está distante de reunir todos os espiritos, não será substi-

tuido ámanhã por outro? Todos os operarios renegam a familia, rejeitam o direito de *propriedade e a herança?* Sabemos que não ha conformidade de sentimentos a semelhante respeito. Faz-se hoje a partilha: faz-se sobre bases, que se consideram de equidade: não as annullarão os que vierem ámanhã?

Estabelecer uma republica social, como vós a entendeis, e assegurar-lhe *estabilidade* é pois uma illusão, emprehendimento mil vezes impossivel. Pois supprimem-se todas as garantias de ordem, e póde esperar-se evitar a desordem? Derribam-se todas as barreiras, que poderiam oppôr-se aos desvios do vicio: o crime não tem que recear se é occulto: a virtude nada a esperar, a desgraça nenhuma consolação: a authoridade, o juiz, o pai deixam de existir: não ha Deus para ninguem: não ha bem nem mal moral, e semelhante sociedade poderia durar um mez? Sem duvida que não: prophetisando a *Internacional* que no dia immediato ao seu triumpho, o suicidio lhe será morte affrontosa: que se ella não acabar ás mãos dos que procura aniquilar, acabará ás suas proprias mãos, apenas annunciamos o cumprimento de uma lei invariavel. O veneno mais fatal ás sociedades é o erro erigido em principio, e quando uma sociedade só é fundada sobre os erros mais graves, em si contém a morte.

Seja o que fôr, acabamos de verificar um facto sem precedentes na historia. Se a Maç.·. medita a *ruina das sociedades,* como penso ter provado: póde ella felicitar-se de ter produzido, amamentado e educado a *Internacional:* é a sua obra prima como é a ultima consequencia dos seus principios. Consola-nos porém uma cousa, e é que a filha podia devorar a mãi. Dir-se-hia que a Maç.·. teme-a, e a Internacional pelo seu lado não parece recear esta perspectiva. O I.·. Arnoux (da Internacional) comparava ha pouco a Fr.·.-Maç.·. a uma gallinha que houvesse chocado o ôvo de uma aguia, e conhecesse que tinha tirado um ser destinado a destruil-a. Sem faltar á caridade podemos desejar que assim seja. Todos lucram com isto. E' tempo de terminar esta carta e a questão.

CARTA TRIGESIMA TERCEIRA

Força da Fr.·.-Maç.·. — Numero dos adeptos, modos de *recrutamento*. — *Unidade* de fins e acção. — *Juramentos* que ligam. — *Paixões* postas em acção. — *Segredo* que envolve tudo.

Senhor.

Depois de haver estudado a *organisação* da Maç.·., a sua *instituição* intima, e *doutrinas religiosas e sociaes:* determinamos o fim a que ella se propõe e indicamos a marcha seguida na formação de seus membros para se tornarem perfeitos maçons e tambem consideramos os *principaes ramos* que tomaram seiva e força n'este terreno amaldiçoado: poderemos agora, sem trabalho, avaliar a sua *força*. Seus designios perfidos são-nos conhecidos: sabemos o que ella quer: mas está a sua força á altura dos desejos? É uma questão que se apresenta naturalmente ao espirito e não deixa de ter importancia: eu não receio affirmal-o, a força da Maç.·. é como se dissesse illimitada, e para a sociedade é uma ameaça continua e o maior dos perigos. Será facil comprehendel-o.

O que dá á Fr.·.-Maç.·. uma *força incalculavel* e a torna terrivel não só para a Igreja mas para os governos é: 1.º que ella se acha derramada no universo: 2.º que em toda a parte procura o mesmo fim e satisfaz a sua missão infernal: 3.º que os juramentos impios que ligam á Maç.·. os seus membros não lhes deixam liberdade, sendo-lhes impossivel recuar: 4.º que a sua acção é tanto mais energica

quanto açula todas as *paixões humanas:* 5.º finalmente o segredo que cobre o seu intento e acção mysteriosa, torna-a ainda mais perigosa. Examinemos estes pontos e estabeleceremos a força formidavel da Fr.·.-Maç.·.

1.º Que a Maç.·. está derramada em toda a terra e ella se glorifica de ter o cunho da *universalidade* é o que nós provamos exuberantemente: 2.º não é tão facil determinar com exactidão o numero de seus membros. O Annuario Maç.·. de 1865 que temos á vista indica para esta época 8258 lojas nas differentes partes do mundo. (Veja-se a nota no fim). Suppondo que cada loja contém termo medio 70 membros teremos aproximadamente 578:060 maçons espalhados em todo o mundo.

Mas uma observação importante do I.·. Rebold parece-nos dever modificar o algarismo do numero real de Fr.·.-Maç.·. Segundo o escriptor maçonico é apenas sobre 16 membros que entram na Ordem, que um se conserva em trabalhos, como membro activo da Loja. Em 1850 avaliava elle o numero dos Maç.·. que não tomam parte activa nos trabalhos das lojas de 8 a 9 milhões. (Jornal da Fr.·.-Maç.·. p. 16). Entretanto o mesmo irmão na sua obra das *Tres grandes lojas* de França (p. 685) não levava este numero em 1864 além de dous a tres milhões. A differença entre estes dous algarismos é tal, que temos tentação de suppol-os ambos inexactos. O desejo de attribuir á sociedade maior numero de adeptos fez-lhe exagerar o algarismo adoptado em 1850. Diminuil-o-hia elle em 1864 com receio que este grande numero de defecções não produzisse um deploravel effeito? Não sei qual d'estas supposições será exacta. Se as defecções seguissem a proporção de 1 para 16, adoptando o algarismo 70 para termo medio do numero de irmãos em cada loja, chegariamos á primeira conclusão do I.·. Rebold, que nos indica de 8 a 9 milhões de Maç.·. inactivos.

Não será difficil dissipar as duvidas, que possam apparecer sobre a explicação de um numero tão consideravel de adeptos da Fr.·.-Maç.·. Bastará recordar algumas das *in-*

dustrias adoptadas para attrahir, e a reserva prudente de que se serve a Maç.·. para conservar nas suas fileiras os membros, que ahi entraram.

Não fallarei aqui nem do mysterio, que a rodeia, que tem encantos para muitos dos seus membros.

Não fallarei tambem do estandarte da beneficencia que a Maç.·. eleva tanto: esta bandeira, no sentir dos mais honrados, é o seu *Palladium* e basta para a sua justificação.

Tambem não tratarei das palavras campanudas — *Liberdade, igualdade e fraternidade* que se fazem soar aos ouvidos do operario e exercem sobre elle uma especie de prestigio; esse licôr traiçoeiro é tão dôce e forte ao mesmo tempo que só o cheiro embriaga e priva do uso da razão.

Não me demorarei sobre as festas de *adopção*, os *banquetes* e sobre tudo as reuniões ás quaes se admittem as *irmãs maçonicas:* será em estas reuniões que a Fran.·.-Maç.·. trabalha na sua *obra de moralisação?*

Ouçamos o I.·. Juge, fallando do rito de Misraim: o que elle diz a respeito d'elle póde applicar-se proporcionalmente a todos os outros ritos. «Este rito apresenta-se em scena ornado de tantas decorações de toda a especie, de tantas commendas de todas as fórmas, de tantos cordões e fitas de todas as côres: tem ao serviço de seus bemaventurados officiaes e gloriosos adeptos, denominações tão pomposas: desenvolve um tal luxo de instrumentos de musica; chama tantas vezes os seus proselytos ás festas de adopção, bailes e banquetes, que parece não ter sido instituido senão para alegrar os olhos do homem, deleitar os ouvidos, seduzir os sentidos, attrahir pelo brilhantismo das ceremonias, e o vivo incentivo do prazer, manifestando-se sob o apparato dos vinhos, da musica e das mulheres.» Que pensa a este respeito o I.·. Dufresne? (V. Nota XIV).

O *amor proprio* e o *prazer* explicam muitas cousas. Mas a Fr.·.-Maç.·. tem outros recursos ainda.

O *interesse* é outro mobil que não tem menor poder sobre o espirito de um grande numero.

«E' forçoso desgraçadamente reconhecel-o, diz o I.·. Verhaeghen, muitos profanos entram na Maç.·. porque são impellidos por interesses pessoaes, politicos ou materiaes que desejam satisfazer. Consistindo uma das obrigações no *apoio mutuo,* profanos ambiciosos vem fazer ás lojas declarações de principios para excitar uma officina inteira a entrar nas lutas da vida politica.» (Neut. I, p. 266).

Mas deixemos fallar a Maç.·. mesma a fim de esclarecermos este ponto.

Um escriptor da seita resume a materia n'estes termos: «Para attrahir homens de todas as especies de opiniões e condições, diz o I.·. Clavel, a Fr.·.-Maç.·. tem mais ainda do que a diversidade dos seus *ritos:* tem a variedade dos *seus incentivos.* Aos que se desejam alistar diz-se-lhes, é uma instituição *philanthropica, progressista,* vivendo seus irmãos no suave nivel da *igualdade.* O Fr.·.-Maç.·. é cidadão do *Universo:* não existe lugar algum da terra onde não encontre irmãos pressurosos de o acolherem, bastando para recommendação o seu titulo maçonico, fazendo-se conhecer d'elles pelos *signaes* e palavras *mysteriosas* adoptadas pela grande familia dos iniciados. Para resolver os *curiosos,* acrescenta-se que a sociedade conserva cuidadosamente um *segredo* que não é nem póde ser communicado aos profanos. Para influir nos *homens ávidos de prazeres,* temos os banquetes onde as iguarias e os vinhos generosos excitam a alegria, e estreitam os laços d'uma intimidade fraternal. Quanto aos artifices e commerciantes, diz-se-lhes que a Fr.·.-Maç.·. lhes será proveitosa, alargando o circulo das suas relações e principios. Ha pois argumentos para todas as propensões, vocações, intelligencias e classes. (Hist. pitt. da Fr.·.-Maç.·., p. 1-2).

Vejamos agora a prudente reserva da Maç.·. para com os seus adeptos.

Não terá V. esquecido as hypocritas declarações contidas nos primeiros artigos da Constituição Maç.·. com referencia á fé *religiosa e politica dos seus membros,* ao seu *respeito pela authoridade civil e ás leis dos paizes:* e sabeis o

que deveis concluir d'aqui. Quer V. vêr até que ponto ella póde levar a condescendencia, e como sabe apropriar-se aos tempos, lugares e pessoas, e contemporisar, como diz, com os prejuizos dos seus adeptos. Não receia entrar pela porta d'estes quando tem esperança de fazel-os sahir pela *d'ella*. Para se convencer d'isto basta que V. leia o regulamento da loja de Liége no momento da sua fundação em 1774. Os trinta e tres artigos estão assignalados por um espirito catholico, que hoje estaria fóra de moda: como se vê nos artigos 23.º e 30.º que mandam dizer missas para suffragar as almas dos finados maçons. A festa de S. João é solemnisada com *missa*. (Art. 29. Veja-se Neut. p. 90).

Na carta de Cologne acha-se este artigo: Ainda que tratando de beneficencia, não deveriamos preoccupar-nos nem *de patria nem de religião*, pareceu-nos no entanto prudente e necessario não admittir *até agora* na nossa Ordem senão aquelles individuos que no *mundo profano ou não illuminado* professam a religião christã. (Art. 6).

E' com o mesmo fim e para melhor occultar o que poderia arrastar muitos candidatos, que a Fr.·.-Maç.·. serve-se de *symbolos e emblemas*, que, como ella mesmo convem, *significam tudo e nada: tudo* para a Ordem que tem a chave: *nada* para o candidato que não é iniciado. As legendas servem para o mesmo intento: desempenham papel importante na Fr.·.-Maç.·.; é pois importante estar firme sobre o seu valor no pensamento da Ordem. Encontramos confissões preciosas sobre esta questão em uma *prancha* escripta por uma loja septentrional a uma loja meridional do reino dos Paizes-Baixos (3 de maio de 1820). Diz-se ahi que *estas legendas foram creadas quando era perigosa a declaraação pelo espirito da Ordem;* que se collocou atraz d'ellas o fim e intenção da Ordem, que continha e occultava ao mesmo tempo a *Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade:* que a propagação d'estes principios *era o segredo dos mestres das lojas:* que depois competiu exclusivamente aos presidentes dos capitulos: que estes sabiam como de viam proceder e

como os II.·. devem ser dirigidos para poderem saborear os principios que deviam ser-lhes inculcados por todos os symbolos possiveis: *que estas legendas não deviam pesar no espirito,* (visto serem ridiculas e terem poucas tendencias para o fim a que miram): que o seu mesmo ridiculo tem salvo muitos e muitos irmãos: que este ridiculo e pouca importancia sempre obstaram á destruição da Ordem: *que estas legendas servem precisamente para tornar impenetravel a barreira que separa o profano do verdadeiro irmão provado.* (An. maç.·. t. IV, p. 265). Já sabemos como a Maç.·. sabe illudir os soberanos mesmos.

«Aconteceu algumas vezes, diz o I.·. Ragon, que em um dia de solemnidade maçonica se apresentavam delegados do governo, que em nome do soberano iam prohibir a Maç.·. nos seus Estados: os officiaes da Loja recebiam-nos e diziam-lhes: *Vinde, escutai e julgai.* Iniciavam-nos nos graus de *Eleito,* Kadosch, principe Rosa-Cruz, ou Cavalleiro do Sol? por modo nenhum. Recebiam-nos no grau de Aprendiz, fraternisavam com os maçons; e sob o relatorio que remettiam ao governo, revogava-se a interdicção.»

Finalmente, Robinson observa que os Maç.·. empregam, conforme as circumstancias, *rituaes* diversos, entre os quaes ha alguns em que todas as cousas offensivas á religião e aos governos são supprimidas. (V. A. N. II, p. 38).

A Ordem pede, é verdade, aos soberanos que aceitem a presidencia do G.·.-Or.·. ou da Loja mãi, mas ainda assim elles ficam excluidos dos grandes segredos. Ao *lado do Gr.·.-Or.·.* ha o *Instituto dogmatico* estabelecido para professar o dogma e composto dos II.·. elevados aos graus 31, 32 e 33: e superior ao Instituto ha o grande Collegio dos Ritos ou supremo Conselho composto de 33 maçons, todos do grau 33, tirados do *Instituto dogmatico.* Graças a esta organisação, o Gr.·.-Or.·. mesmo póde ficar estranho ao segredo da Ordem. Aqui está quanto basta par explicar o problema.

E' conveniente que eu observe aqui, para honra da humanidade, que um grande numero dos que dão na estrada

maçonica os primeiros passos não vão adiante. Sem duvida as primeiras *provas e compromissos* que lhes são impostos tanto mais formidaveis quanto o objecto d'elles lhes fica escondido, assustam a muitos. Aquelles que imaginavam que a Fr.·.-Maç.·. era uma instituição *philanthropica,* poderam convencer-se que ella tinha outro fim: aquelles que se persuadiram que ella era estranha á politica e á religião, não se demoraram em adquirir a convicção que tinham sido illudidos. Não podendo recuar, adoptaram a resolução de não avançar.

Dil-o-hemos comtudo, que estes membros bastardos da Maç.·., embora fiquem na rectaguarda, não deixam de fazer parte do exercito: estão obrigados pelos seus juramentos. Se não trabalham com o mesmo zelo dos outros, contribuem não obstante á realisação do fim supremo, pelas suas quotas e influencia: e provavelmente muitos procuram pelos serviços, que podem prestar á Ordem no mundo profano, lavar a mancha da sua apparente defecção, sempre mais ou menos grave aos olhos de uma sociedade naturalmente desconfiada e suspeitosa, que não poupa as ameaças mais terriveis aos que seriam tentados de atraiçoal-a, e ás ameaças sabe quando é mister applicar os castigos. Este algarismo dos illudidos que todos são concordes em considerar numeroso na Fr.·.-Maç.·., e as defecções relativamente tão numerosas que acabamos de referir, esclarecem-nos sobre outro ponto e são adaptadas para fazer-nos apreciar no seu justo valor os Fr.·.-Maç.·. que, triumphando de todas as provas, se elevam aos graus superiores, sobem ao alto da escala, e tornam-se *verdadeiros professos* d'esta Ordem de nova especie, que segue a *religião de Satanaz.*

Depois de avaliarmos aproximativamente o numero dos II.· Maç.·. desejariamos tambem offerecer o calculo do numero de Irmãos, que tomavam parte no grande exercito, e a quem a Fr.·.-Maç.·. recommenda energicamente combater pela palavra. Mas a este respeito somos obrigados a confessar a nossa ignorancia: a historia da Maç.·. é muda e nós não podemos sequer fazer conjecturas provaveis.

Observemos antes de concluir esta indicação, por incompleta que seja, do numero dos Fr.·.-Maç.·. que não foi questão aqui senão dos membros da *sociedade secreta* que tem formalmente o nome de Fr.·.-Maç.·.: temos por isso visto uma multidão de outras associações, que sahiram do seu seio, originarias d'ella: nascer, crescer e desenvolver-se sob a sua sombra protectora, e cada dia crescer, multiplicar-se e reproduzir-se com fórmas e nomes diversos e variados, animados todos com o seu espirito, partilhando da sua existencia e do fim da sua instituição.

Estes differentes corpos de tropa fazem parte do grande exercito: combatem pela mesma causa: marcham sob o mesmo estandarte e recebem a senha da Maç.·. que foi sua mãi e persiste sua senhora. A força numerica da F.·.-Maç.·. augmenta com todos estes corpos de exercito, e todos, ao signal dado manobram como um só homem, accommettem a Igreja, a religião, a monarchia.

2.º Tal é a segunda consideração destinada a dar-nos alguma idéa da força da Maç.·. Derramada por toda a parte e contando nas suas fileiras estas tropas tão perfeitamente disciplinadas, reunidas para o interesse de fim identico, ella é verdadeiramente uma só ao passo que é universal: *uma* nos seus *estatutos* essenciaes e no *espirito: uma* nas suas *doutrinas* e *tendencias:* uma no fim, que se propôz e nos *meios* que emprega para alcançal-o. Se a *união* faz a força, é só quando de tão grande numero de combatentes ella só fórma um exercito compacto, e quando o interesse de cada um dos corpos componentes se confunde no interesse geral, a causa commum é tambem a causa particular de cada um.

3.º Entretanto a este poderoso motivo de um *mesmo fim,* proseguido pela Maç.·., esta acrescenta outro meio não menos efficaz: um circulo de ferro envolve todos os seus membros, fórma d'elles um só corpo, e obriga-os com ou sem vontade a correr a sua fortuna e partilhar a sua sorte. Quero fallar do *juramento terrivel* proferido pelo Fr.·.-Maç.·. e da sancção que garante os compromissos contrahidos. De que

não é capaz o soldado, quando sabe, que se recuar, é fusilado? O mesmo acontece aos Fr.·.-Maç.·. Ha no juramento exigido a todos os candidatos, que consentiram em dar o primeiro passo nas iniciações, um modêlo de astucia da parte d'esta sociedade. Póde-se, é verdade, parar na carreira: mas não é possivel recuar, e atraiçoar ainda menos. Em vista d'esta precaução o que se não podia esperar da conformidade de sentimentos e da união dos corações, obtem-se pelo temor e ameaças. Todos os membros d'esta associação são obrigados a vergar-se sob a lei rigorosa que sustenta desembainhada sobre as suas cabeças a espada fatal, sempre prompta a decepal-as, e a Maç.·. os atrella ao seu carro triumphante como estes vis rebanhos que se conduzem ao matadouro.

4.º Acrescentemos que a Fr.·.-Maç.·. para chegar com maior segurança aos seus fins, dirige-se a todas as *paixões* do homem.

As *paixões* são os grandes motores da humanidade. Bem dirigidas e postas ao serviço da razão e da graça, as paixões seriam de recursos immensos e se tornariam o instrumento das virtudes mais bellas e dos sacrificios mais heroicos: mas devemos confessal-o, estas paixões são cegas: impacientes do freio, na grande maioria dos casos arrastam, desvairam, subjugam quem deveria domal-as e dirigil-as. Precipitam-no de abysmo em abysmo em todos os excessos do vicio: tornam-se o supplicio do homem, a desgraça das familias, a vergonha da humanidade. Estas paixões são numerosas, são diversas e encontram-se mais ou menos desenvolvidas no coração de todos. Ha quasi sempre em cada um de nós materia prima para fazer um santo ou um malvado, dependendo tudo da direcção que o homem recebe e se lhe dá. Ora, repito, a Maç.·. não se peja de pôr em acção as *paixões* humanas, não só para attrahir, mas sobre tudo para a consecução do seu fim, penetrando os homens com o seu espirito e tornando-os instrumentos doceis. E' ahi que ella baseia as suas esperanças: e seria maravilha que o não confessasse. Vejamos.

«*Os alchimistas da idade media* perderam o seu tempo e o ouro dos seus credulos na procura da *pedra philosophal,* que era o seu *sonho.* Não nos *desanimemos* pois, nem pelos revezes, nem pelas contrariedades, nem pelos destroços. Preparemos nossas armas no silencio das *vendas:* preparemos todas as nossas baterias, lisongeemos *todas as paixões, tanto as pessimas como as generosas,* e tudo nos inclina a crêr que o plano terá bom exito um dia ultrapassando até os nossos planos mais improvaveis.» (Instrucções secretas da Venda Suprema. Cretineau-Joly. Tomo II, p. 82-90).

Que pensa V. d'esta linguagem? Lucifer não o diria melhor. Mas onde devemos terminar quando se tomam as paixões para directoras, e qual póde ser o fim, quando se adoptam taes meios? Parece-me superfluo dizel-o.

5.º Finalmente não é difficil comprehender que o *Segredo* de que a Fr.·.-Maç.·. se rodeia serve maravilhosamente a sua causa. Este segredo é para muitos dos seus adeptos o *encanto* que os attrahe: elle occulta com prudencia aos outros as verdades que não poderiam supportar: elle é principalmente necessario para subtrahir aos olhos dos *profanos* e dos principes, as manobras occultas da seita, o fim odioso a que se propõe, as tramas perfidas que vai urdindo. Procura a protecção na sombra. Se os seus projectos fossem conhecidos, sem duvida seriam combatidos e confundidos. E eis porque, digamol-o de passagem, uma *sociedade secreta* é uma ameaça continua para o poder e para a sociedade, e em seu nome se acha a razão sufficiente da sua condemnação.

Restrinjamo-nos: queremos ter uma idéa do poder da Fr.·.-Maç.·.? temos só a considerar o grande numero dos seus adeptos espalhados em toda a terra, a *unidade* de espirito e de acção que os torna um exercito compacto e perfeitamente disciplinado, os *compromissos terriveis* que ligam cada um dos seus membros forçando-os a servir a Maç.·., as *paixões* a que elles obedecem e são o principal motor das suas empresas, e o *segredo* que cobre os seus designios e manejos.

Comprehenderemos ainda melhor o poder illimitado da seita, se considerarmos as *armas* de que se serve para o combate: trataremos este assumpto nas cartas seguintes. Concluo a presente aqui.

NOTA XIII

Quadro geral das grandes Lojas maçonicas nos dous hemispherios com o numero de Lojas, que dirigiam em 1865 (segundo os documentos maçonicos).

PAIZES	NOMES DAS GRANDES LOJAS	NUMERO de lojas inferiores em 1865
Inglaterra	Gr. L. Unida d'Inglaterra (Londres) com 63 G. L. provinciaes [1]	983
Escocia	Gr. L. d'Escocia (Edimburgo) com 38 Gr. L. prov.	340
Irlanda	Gr. L. de Irlanda (Dublin) com 10 Gr. L. prov.	307
França	Gr. Or. de França (Paris).	418
»	Supremo Conselho.	81
»	Rito Misraim.	4
Suissa	Gr. L. Alpina.	27
Prussia	Gr. L. Tres Globos (Berlim).	99
»	Real York Amizade (Berlim) com uma G. L. prov.	27
»	Nacional Allemã (Berlim) com 3 G. L. prov.	67
Saxonia	Gr. L. Saxonia (Dresde).	15
Baviera	Gr L. (Bayreuth).	10
Hesse Darmstadt	Gr. L. (Darmstadt).	7
Hanover	Gr. L. (Hanover).	21
Francfort sobre o Meno	Gr. L. (Francfort).	10
Luxemburgo	Supremo Conselho.	2
Hamburgo	Gr. L. (Hamburgo) com 1 G L. prov.	21
Paizes Baixos	Gr. L. (Haya).	67
Suecia	Gr. L. (Stockolmo) com 3 G. L. prov.	24
Dinamarca	Gr. L. (Copenhagen).	5
Belgica	Gr. Or. (Bruxellas).	13

[1] Ha além d'isto algumas lojas dependentes do Supremo Conselho de Inglaterra, Escocia, e Irlanda, no Mexico, Brazil, Perú, Uruguay e Haiti, cujo numero não é conhecido.

NOMES	NOMES DAS GRANDES LOJAS	NUMERO de lojas inferiores em 1865
Portugal	Gr. Or. Lusitano (Lisboa) com 1 G. L. prov.	?
»	Gr. L. de Passos Manoel (Porto).	?
»	Gr. L. Irlandeza (Lisboa).	4
Grecia	Gr. L. Ingleza (Corfou).	3
Italia	Gr. Or. d'Italia (Turim.	67
»	Gr. L. Dante Alighieri (Turim).	3
»	Supremo Conselho (Palermo).	12
Turquia	Gr. L. prov. d'Inglaterra.	4
Hespanha	1 L. em Cadix e 4 em Gibraltar dependentes da G. L. d'Inglaterra.	5
Russia e Polonia	Prohibida.	?
Austria	Prohibida.	?
	AMERICA SEPTENTRIONAL	
Estados-Unidos	Gr. L. (New-York).	413
»	Gr. L. Luisiania (Nova Orleans).	113
»	Gr. L. Massachusetts (Boston).	99
»	Gr. L. Pensylvania (Philadelphia).	159
»	Gr. L. Virginia (Richmond).	162
»	Gr. L. Maryland (Baltimore).	37
»	Gr. L. Carolina do Norte (Raleigh).	127
»	Gr. L. Carolina do Sul (Charleston).	90
»	Gr. L. Kentucky (Louisville).	311
»	Gr. L. Columbia (Washington).	22
»	Gr. L. Missouri (S. Luiz).	180
»	Gr. L. Ohio (Lancastre).	298
»	Gr. L. Maine (Augusta).	93
»	Gr. L. Mississipi (Natchez).	239
»	Gr. L. Connecticut (New-Haven).	57
»	Gr. L. Georgia (Milledgeville).	226
»	Gr. L Florida (Tallahassee).	40
»	Gr. L. New Hampshire (Concordia).	39
»	Gr. L. Rhode Island (Providence).	16
»	Gr. L. New Jersey (Trenton).	52
»	Gr. L. Indiana (Indianopolis).	250
»	Gr. L. Tennessee (Nashville).	213
»	Gr. L. Delaware (Dover).	12
»	Gr. L. Alabama (Tuscaloosa).	235
»	Gr. L. Illinois (Rushville).	290

NOMES	NOMES DAS GRANDES LOJAS	NUMERO de lojas inferiores em 1865
Estados-Unidos	Gr. L. Iowa (Bloomington).	138
»	Gr. L. Vermont (Montpellier).	44
»	Gr. L. Arkansas (Littlerock).	128
»	Gr. L. Michigan (Détroit).	104
»	Gr. L. Wisconsin (Mineral-Point).	106
»	Gr. L. Texas (Austin).	215
»	Gr. L. California (S. Francisco).	134
»	Gr. L. Kansas (Leavenworth).	23
»	Gr. L. Minnesota (S. Paulo).	35
»	Gr. L. Nebraska Omaha).	6
»	Gr. L. Washington (Washington).	7
Colonias inglezas	Gr. L. Alto Canadá (Kingston).	118
»	Gr. L. Baixo Canadá (Quebec).	62
»	Gr. L. Nova Brunswick (Frederiktown).	22
»	Gr. L. Nova Escocia (Yarmouth).	27
Mexico	Gr. L. Mexico (Mexico).	10
Terra Nova	Loja dependente da G. L. de Londres (Vera Cruz).	?
Ilha do Principe Eduardo	Gr. L. (Charlottetown).	4
Cabo Bretão	L. (Syndney).	1
Vancouver	L. (Victoria).	2
	AMERICA MERIDIONAL	
Venezuela	Gr. L. (Caracas).	15
Nova Granada	Gr. L. (Carthagena).	254
Perú	Gr. L. (Lima).	7
Chili	Gr. L. (Valparaiso).	?
Republica Argentina	Gr. L. (Buenos-Ayres).	12
Uruguay	Gr. L. (Montevideo).	17
Brazil	Gr. L. (Rio de Janeiro).	95
	AMERICA (Antilhas)	
Haiti	Gr. L. (Porto do Principe).	18
Jamaica	Gr. L. prov. d'Inglaterra (Kingston).	13
Martinica	L. (Forte Real, S. Pedro).	5
Guadelupe	L. dependente do Gr. Or. de França (Pointe á Pitre).	3
Bermudas	L. dep. ad Gr. L. de Londres (S. Jorge).	3
Barbada	» » (Bridgetown).	3

NOMES	NOMES DAS GRANDES LOJAS	NUMERO de lojas inferiores em 1865
Berbice	L. dep. da Gr. L. de Londres (New Amsterdam).	1
Dominica	» » (Roseau).	1
Antique	» » (Saint Jean).	2
Trindade	» » (Porto Hespanha).	3
S. Vicente	» » (Kingston).	1
Santa Lucia	» » (Caret).	1
S. Thomaz	» » (S. Thomaz).	2
Curacao	» » (Willemstadt).	2
S. Christovão	» » (Terra Baixa).	2
Cuba	L. dep. da Gr. L. Americana (Havana).	2
Porto-Rico	» » (S. João).	1
Granada	» » (S. Jorge).	2
S. Bartholomeu	» » (Carenage).	1
Santa Cruz	» » (Christianstadt)	1
S. Martinho	Gr. L. dep. do G. O. de Hollanda (Philisbourg).	1
S. Eustachio	» » (Santo Eustachio).	1
Bahamas	L. dep. da Gr. L. de Londres (S. Salvador e New-Providence).	2
	ASIA	
India	Gr. L. d'Inglaterra para Bengala (Calcutta, Agra).	37
»	Gr. L. India occidental (Bombaim).	8
»	Gr. L. India oriental (Madrasta).	20
Singapore	Gr. L. dep da d'Inglaterra (Singapore).	2
Ceylão	Gr. L. (Candy, Colombo).	2
China	Gr. L. (Cantão, Shanghai, Hong-Kong).	3
Persia	Gr. L (Ispahan, Teheran).	3
	AFRICA	
Senegambia	L. dep. da Gr. L. d'Inglaterra (Bathurst).	2
Cabo da Boa Esperança	L. (Cabo e diversas cidades).	15
Santa Helena	L. (Jamestown).	1
Ilha do Principe de Galles	L. (Georgetown).	2
Ilha Mauricia	L dep. da G. L. d'Inglaterra e da França (Porto Luiz).	4
Ilha da Reunião	L. (S. Diniz, S. Pedro, Santo André).	4
Senegal	L. (S. Luiz).	4
Canarias	L. (Teneriffe).	3

NOMES	NOMES DAS GRANDES LOJAS	NUMERO de lojas inferiores em 1865
Argel	Gr. Or. de França (Argel, Bone, Constantina, Batna, Philippeville, Setif, Oran, Mostaganem, Tlemcen).	9
»	Supremo Conselho de França (Orleansville)	1
Estados barbarescos	L. dep. do Gr. Or. de França (Tunis).	1
Egypto	L. (Alexandria).	1
	OCEANIA	
Australia	Gr. L. d'Australia (Sydney).	87
» (meridional e occidental)	(Lojas diversas).	13
Nova Galles do Sul	(Idem).	20
Victoria	(Idem).	38
Nova Zelandia	(Idem).	9
Tasmania	(Idem).	7
Ilha de Java	L. dep. do Gr. Or. de Hol. (Batavia, Amarang).	4
Sumatra	» da Gr. L. de Hol. e Inglat. (Bencoul, Palemb).	3
Ilhas Marquezas	» » do Gr Or. da França (Papiiti).	1
Sandwich	» » do Sup. Conselho de França (Honolulu).	1

Recapitulação

79 Gr. Lojas com 119 Gr. L. provinciaes dirigem cerca de	7:900	Lojas
12 Supremos Conselhos dirigem....	350	»
8 Lojas isoladas, independentes.....	8	»
Total.....	8:258	»

O numero dos membros activos póde ser avaliado de 500 a 800:000: o dos membros não activos ou retirados, segundo o calculo do I.·. Rebold que conta um membro activo sobre 16 admittidos no corpo da Fr.·.-Maç.·. elevar-se-hia de 7 a 8 milhões.

Appendice ao quadro geral de todas as Lojas

QUADRO ESPECIAL DAS LOJAS ALLEMÃS CLASSIFICADAS SEGUNDO OS DIFFERENTES ESTADOS QUE ATÉ 1866 FORMAVAM A CONFEDERAÇÃO GERMANICA

Estes dados são tirados da Revista Latomia (t. XIV, p. 211 e seguintes) e da Historia das Tres Grandes Lojas de França pelo I.·. Rebold (Paris 1864, p. 640 a 683).

	Numero de lojas e maçons em 1852		*Lojas em 1864*
Reino da Prussia	148	13:130	193
Reino de Hanover	16	1:240	20
Reino de Saxonia	14	2:055	46
Hamburgo e dependencias	13	1:117	21
Mecklembourg Schwerin	10	975	9
Baviera	7	417	10
Grão ducado de Hesse	6	433	7
Francfort sobre o Meno	6	725	10
Mecklembourg Strelitz	4	206	2
Wurtemberg	3	267	6
Baden	3	122	5
Brunswick	3	282	3
Oldembourg	2	98	2
Saxe Meiningen	2	168	1
Saxe Coburgo Gotta	2	147	2
Lubeck	2	175	2
Eleitorado de Hesse	1	103	2
Luxemburgo	1	68	2
Saxe Weimar	1	138	2
Anhalt Dessau	1	39	2
Anhalt Bernburgo	1	108	1
Holstein	1	171	1
Saxe Altenbourg	1	179	1
Lippe Detmold	1	40	1
Beuss, ramo primogenito	1	97	1
Waldeck	1	30	1
Bremen	1	145	2
	252	21:675	323

Cresceu o numero das Lojas em Allemanha no espaço de 11 annos 71.

CARTA TRIGESIMA QUARTA

Meios empregados pela Fr.·.-Maç.·. para conseguir o seu fim.—1. *Educação.*— 2. Ella quer subtrahir a criança á Igreja, e educal-a nos seus principios, *a despeito de seus paes.*

Senhor.

Se um exercito é formidavel pelo numero dos combatentes, valor e disciplina das tropas, que o compõe, não deve elle menos os seus successos á qualidade das suas armas, precisão e alcance. Examinemos quaes são as da Fr.·.-Maç.·. na guerra encarniçada que faz á Igreja.

«Sabeis, dizia Salvandy (Discurso na distribuição dos premios em 1837), que se acontece a uma geração seguir caminho errado, pergunta-se que mestres a formaram.»

«Reformar-se-hia o mundo, dizia Leibnitz, se se reformasse a educação;» d'onde se póde concluir que o meio mais seguro de pervertel-o é perverter a educação. Segundo o snr. Thiers, os mestres são por assim dizer o molde, onde se fórma a mocidade. (Univ. de 17 de junho de 1844). A Maç.·. comprehendeu perfeitamente esta verdade: o ideal para que caminha, é formar todos os homens á sua imagem, como ella mesma é formada á imagem do demonio. Não devemos pois admirar-nos de que ella trabalha para se apoderar das crianças.

Subtrahil-as ao ensino do padre e da Igreja, excluir completamente a religião da sua educação, collocal-as na precisão de receber a instrucção Maç.·. e privar para isto os paes

do direito sagrado, que elles tem de educar seus filhos: tal é o caminho que ella segue com perseverança satanica. Vou provar esta proposição.

O primeiro passo da Fr.·.-Maç.·. n'este caminho é subtrahir o menino ao ensino do padre e arrancal-o dos braços da Igreja, sua verdadeira mãi. Ouçamos um dos seus oradores:

«Debalde nos lisongeamos com o seculo XVIII de ter esmagado a infame: esta renasce cada vez mais vigorosa, intolerante, rapace e esfaimada do que nunca. Para estabelecer com mais firmeza o seu imperio, *é da mocidade que deseja apoderar-se.* Tomar os meninos no berço, encarregar-se da sua educação até á idadade viril, tal é a sua pretenção.

«E' contra este dominio que devemos combater. Para alcançar este fim, é mister oppôr *altar a altar, ensino a ensino.*» (I.·. Franz-Faider. Installação da Loja *Fidelidade.* Gand, 1846). Um romancista francez, digno a todos os respeitos da Fr.·.-Maç.·., o infame Eugenio Sue, escrevia ao Nacional em 1859:

«O primeiro meio que deve empregar-se para combater a reacção clerical é subtrahir á sua influencia e ao ensino as gerações nascentes.» «Retirar ao clero a authorisação de abrir estabelecimentos de instrucção publica.»

«A intervenção do padre no ensino, com o titulo de authoridade, se se dér credito á Loja d'Anvers, annulla forçosamente a *acção dos mestres,* paralysa-a e priva os meninos de todo o ensino moral.» (A. N. t. I, p. 347).

«As leis, que regulam a instrucção em geral, são viciosas, diz a Loja de Liége, concedendo ellas uma influencia nefasta aos ministros de uma religião positiva que tem um fim diametralmente opposto ao do Liberalismo.» (Ib. 348).

Reproduzo aqui as palavras já citadas acima de uma Loja ingleza:

«Os maiores obstaculos ao libertamento physico, intellectual e moral do homem, são, sem contradicção, os padres. Em quanto o ensino da infancia fôr confiado ou abandonado á influencia do clero, não será livre a sociedade.» (Veja carta vigesima segunda).

«Propagar e derramar a instrucção em todos os graus, por todos os modos e fórmas; arrancar pedaço a pedaço aos nossos eternos adversarios o dominio absoluto, que elles exercem nas aldeias... é o ponto de partida, a base essencial da regeneração social a que se dedicou a nossa instituição, e a que deve continuar a dedicar-se acima de tudo.» (Assembléa geral de 1867. Gr.·. Or.·. 5.ª secção, 14 de junho. I.·. Beringer).

2. A Maç.·. quer excluir a todo o transe a religião da educação da mocidade, e banir do ensino, que se lhe dá, a *instrucção religiosa*.

«O ensino do catecismo, diz a Loja d'Anvers, é o maior *obstaculo ao desenvolvimento das faculdades das crianças.*»

O objecto principal do ensino obrigatorio, diz a Loja de Namur, é não tratar de religião nem mesmo de moral. (Neut. I, 348). «E' triste, diz a L.·. de Lovaina, ter que mencionar a influencia deleteria do catholicismo sobre o progresso intellectual das massas. O protestantismo comprehendeu melhor do que o catholicismo o que deve ser uma religião moral e humanitaria. *O pauperismo e a ignorancia tem por bases o Evangelho.*

«E' mister empregar, escreve Eugenio Sue ao Nacional, todos os recursos da imprensa e dos meios de agitação legal no paiz, para fazer penetrar na opinião publica esta verdade incontestavel, que a instrucção moral dos meninos poderia e deveria ser completamente fóra e distincta da instrucção religiosa: resumir a educação moral no que eu chamaria o *catecismo civico*. Esta educação seria muito superior á que dá o *cathecismo catholico*. Este, exceptuada a recommendação de respeitar seus paes, d'amar o proximo e de não roubar, só contém um apontoado de idolatrias, e mentiras, cháos d'impostura incomprehensivel a toda a gente.»

Suppressão de toda a instrucção religiosa é um dos artigos de um projecto de lei elaborado pelo Gr.·. Or.·. da Belgica. (Neut. I, 348).

3. Depois de haver expulso a religião da escóla, e fechado a sua porta ao padre, restava uma cousa a fazer á Maç.·.:

apossar-se ella propria da educação e assumir o monopolio, sem duvida em nome da *Liberdade*.

«Quando os ministros, dizia o I.·. Bourlard (na festa solsticial de 24 de junho de 1854 (Gr.·. Or.·. belga), vierem annunciar ao paiz como pensam organisar o ensino do povo, exclamarei: «A mim, maçon, a mim pertence a questão do ensino, a mim o seu exame, e solução.»

Tem base esta pretenção? E' realmente a Fr.·.-Maç.·. uma instituição progressiva, philosophica, scientifica? Edmundo About vai declarar-nos o que pensa a este respeito:

«Dou de barato, diz elle (Opinião nacion. 19 de novembro de 1865), os progressos realisados pela Maç.·. contemporanea, no dominio das *artes* e das *sciencias* e até das que são *philosophicas*. E' mais que evidente que a Maç.·. nunca fez um pintor, nem um musico, nem um esculptor, mathematico ou philosopho. Ella recebeu Voltaire, gloria-se d'elle, mas não o creou. Todas as Lojas da Europa ligadas não produziriam o quinto de um Rossini, de um Ingres ou Cousin. Em 1865, o Fr.·.-Maç.·. mais completo, embora se ache elevado ao grau 99 nas officinas de aperfeiçoamento, nada sabe que não se encontre impresso nos livros e jornaes. A iniciação apenas lhe pôde transmittir segredos vasios e formulas ôcas; digo mais que seria um mau maçon, pessimo cidadão, homem impio se mantivesse em seu poder um *átomo de verdade*.»

Mas se a Fr.·.-Maç.·. é incapaz de ensinar por si mesma, resta-lhe diligenciar para os mestres da sua escolha o monopolio do ensino.

«Deve decretar-se, diz E. Sue, que nenhum cidadão seja authorisado pelo Estado a abrir casa de educação, se não pertencer á *universidade secular*. O Estado tem o dever, por amor da *salvação social*, recusar peremptoriamente aos seus inimigos (o clero) a authorisação de educar a mocidade na aversão e desprezo pelas leis fundamentaes do paiz.»

Resta-lhe ainda auxiliar por todos os meios o ensino conforme ás suas doutrinas e tendencias.

«Os nossos deveres especiaes, como Maç.·. são, dizia o I.·. Dufresne na Loja de Bruxellas em 1841, auxiliar o ensino das sciencias e das bellas-artes: contribuir por todos os modos á erecção de escólas, onde se receba gratuitamente a educação *primaria* e até a *secundaria*: sustentar sem descanço para o ensino *superior* a universidade livre, com que dotamos a Belgica.»

E' um dever para o Estado, diz a Loja d'Alost, impôr ás populações, por meio da caixa commum, administrada pelo governo, um certo grau d'educação e instrucção.

«Que organisem o ensino livre os nossos irmãos da Belgica, e multipliquem os centros, diz a *Cadêa d'União* de Londres em 1865. Porque no dia em se exija aos paes que livrem seus filhos do virus do ensino clerical, será mister abrir-lhes as portas d'estabelecimentos, onde recebam uma *educação racionalista*.»

A França não está atrazada, e nos ultimos annos fundou-se uma associação que com o nome de *Liga de ensino* não tem outro fim senão fazer passar a educação da mocidade para as mãos da Maç.·. ou dos seus auxiliares.

Que é a liga para o ensino? pergunta o Mundo Maç.·. (fevereiro de 1867). Será, responde elle, uma guerra á ignorancia.

Começamos a comprehender o que na liguagem maçonica querem dizer as palavras *ignorancia, fanatismo, superstição*. A luz está na Maç.·. e só ahi. No seu gremio existe a sciencia: fóra d'ahi não ha senão trevas.

Eis o que diz o Mundo Maç.·. ácerca de uma sociedade de protecção para a instrucção primaria.

«Era impossivel encontrar obra mais sympathica á Maçonaria. Por isso o conselho da Ordem decidiu não só authorisal-a e patrocinal-a, mas tambem tomal-a sob a sua direcção, constituindo-a no gremio do Gr.·. Or.·. francez. É este um facto grave, que deve chamar a attenção de quantos se interessam pelas cousas da Maçonaria.

«Fazer servir a nossa instituição para derramar as luzes,

auxiliar os esforços dos homens dedicados a esta penosa tarefa, embora honrosa, de iniciar nos primeiros elementos da sciencia; combater a ignorancia e por consequencia os prejuizos, superstições e fanatismo: concorrer para augmentar continuamente o numero dos que participam dos beneficios da instrucção, até que todos recebam a parte legitima dos mesmos: são, para os homens dedicados á causa do progresso, louvaveis tentativas e nós as applaudimos do coração.» (Mundo Maç. de 1866, p. 340).

«A Franc-Maçonaria, observa a Esperança de Nancy, com o pretexto de facilitar o accesso ás escólas aos meninos das differentes religiões, quer que seja eliminada d'ellas a religião. Mas a razão, que allega é apenas um véo, com que encobre o seu intento de extinguir imperceptivelmente, começando na infancia, o facho da fé divina, para substituil-o pelo fogo fatuo do racionalismo humano. A Loja conhece perfeitamente que desviando a religião das escólas da mocidade, as transforma em viveiros de incredulidade: sabe tambem que o ensino sem catecismo e sem padres só é proprio para fazer mancebos sem fé, sem Deus nem religião, verdadeiros solidarios em principio. Deseja a Loja chegar ahi. Mas como o dizia ha pouco um jornalista, o mais terrivel castigo para esses desgraçados, a quem Deus serve de estorvo, seria conseguirem o seu intento. Se chegassem a organisar uma geração de atheus, ficariam horrorisados com a sua obra. Onde Deus não existe, vacilla a sociedade como um ebrio, e os homens, consternados da sua insensatez e vexados da sua impotencia são condemnados a caminhar ou no sangue ou na infamia!» Segundo o proverbio, quando Deus se retira Satanaz reina!

Não se poderia duvidar que fosse esta Liga a obra declarada da Maç.·. por ella sustentada e protegida. Ha de certo muitas e variadas opiniões entre os Maç.·. sobre o modo como se poderá obter a satisfação d'esta tarefa importante. Uns, pensando que esta obra seria uma gloria para a Maç.·. não teriam recuado diante de uma participação *official* pu-

blica e solemne da sociedade Maç.·. n'esta grande empresa: outros julgaram mais prudente dissimular a sua acção, para tornal-a mais efficaz e segura: temeram excitar, pelo apparato e publicidade, as justas desconfianças dos profanos: mas sobre o principio e a cousa estão de accordo.

«O Gr.·. Or.·. de França, dizia o I.·. Bremond (á L.·. 409. A Perfeita Sinceridade, Or.·. de Marselha) pensou na creação d'uma obra que tem por fim o estimulo e propagação da *instrucção primaria,* por meio *de recompensas pecuniarias,* e honorificas: e a fundação de escólas primarias e de adultos.» (Mundo Maç.·. fev. 1867, p. 614).

Se as lojas particulares preferiram fazer sem barulho o que o Gr.·. Or.·. queria fazer officialmente e com apparato, não é menos exacto que todas desde muito tempo tem na sua ordem do dia esta questão de ensino. (Ib. p. 740). Contrarias á idéa d'um ensino Maç.·. official, todas as Lojas são comtudo da opinião do I.·. Macé. Ellas mesmas nol-o affirmam. Temos a satisfação de confirmar que a liga do ensino do I.·. Macé e a *estatua do I.·. Voltaire* encontram nas nossas lojas as mais enthusiasticas sympathias. Não era possivel reunir duas subscripções mais harmonicas: Voltaire, quer dizer, a destruição das superstições e dos prejuizos: a liga do ensino, isto é, a edificação d'uma sociedade nova, baseada exclusivamente na sciencia e na instrucção. Todos os nossos II.·. o comprehendem assim. (Mundo Maç.·. abril 1867, p. 733). D'este modo Paris, o Havre, Marselha, Nantes, etc., n'uma palavra, todas as lojas se alistam na liga do ensino e fazem da obra do I.·. Macé a sua propria.

Não basta que a Maç.·. funde escólas: ella procura assenhorear-se das escólas publicas, conferindo premios aos professores mais benemeritos: mas fica já subentendido que os professores assim havidos são os que são independentes de toda a *crença religiosa.* (Mundo Maç.·. 1867, p. 133. S. Alb. 470).

Por este meio se preparam com antecedencia os recrutas da Fr.·.-Maç.·. Estas escólas são viveiros de maçons: ahi se

fazem á imagem de sua mãi, compenetrando-se do seu espirito, e lançando-os no seu molde. D'ahi sahirão formados, já maduros para os graus symbolicos, servindo-lhes estes de noviciado para a Maç.·. occulta.

Ainda havia um passo para dar, e a Maç.·. não recuou. Para subtrahir as crianças á authoridade paterna e privar estes de um direito que até agora ninguem lhes tinha contestado, como se procede? Obrigam-nos a mandar seus filhos ás escólas Maç.·. «Haverá por acaso, dizia um dia o insuspeito Ledru Rollin, na assembléa legislativa de França, haverá sacrificio maior para o individuo do que a oppressão da sua consciencia, a deportação de seus filhos, arrastados violentamente para as escólas, que elle considera como lugares de perdição? do que esse recrutamento da infancia para o campo inimigo?» (Correio de Bruxellas, 15 de dezembro de 1864). Que diria elle se essa obrigação de receber a instrucção e educação n'estes ou n'aquelles estabelecimentos fosse sanccionada com as *penas seguintes?* Permitta-se-me que eu exponha só como a Maçonaria entende a liberdade; seria penoso dar credito a semelhantes excessos, se a prova não estivesse patente.

Conforme o disposto pela *Loja d'Anvers* «a frequencia da escóla deve prolongar-se até á idade de 18 annos, com as penas *correctivas seguintes:* para os paes refractarios, *advertencia, censura* publica, privação da tutela, dos direitos de eleitor e elegivel, incapacidade de exercer cargos publicos, collocação dos meninos, arrancados ás familias, nas instituições creadas pelo Estado para este fim.»

A Loja de Verviers declara «que todos os seus membros veriam sem repugnancia inscriptas na lei as penas de multa e prisão contra os paes recalcitrantes.»

A de Bruxellas ainda exige mais: pede «*o alistamento forçado do analphabeto no quadro da milicia, multa e prisão para os paes.*» A de Lovaina faz côro e *considera injusta a liberdade de que até hoje tem gozado os paes quanto á educação de seus filhos.*»

Finalmente, em um projecto de lei elaborado pelo Gr.·. Or.·. onde se resumem as diversas propostas das lojas de obediencia, indicam-se as medidas seguintes:

1.º Obrigação para o pai ou mãi viuva de mandar á *força* seus filhos á escóla;

2.º Suppressão da instrucção religiosa;

3.º Inscripção dos nomes dos paes refractarios em um quadro, exposto publicamente defronte da casa municipal;

4.º Condemnação dos paes á multa do *maximum* de 100 francos, e no caso de insolvabilidade, trabalhos forçados de um a trinta dias para o municipio, e prisão até cinco dias;

5.º Como ultimo recurso, subtrahir o filho á direcção paterna.

Eis aqui como a Maç.·. entende e pratíca a liberdade! Mas na carta seguinte ainda insistirei sobre este assumpto, porque não está dito tudo.

CARTA TRIGESIMA QUINTA

A Fr.·.-Maç.·. quer apossar-se da educação das mulheres. Quer tornar *obrigatoria a instrucção.*

Senhor.

A obra da Maç.·. seria incompleta se não comprehendesse tambem a educação das mulheres, depois de se haver apoderado da dos homens. «A mulher exerce, dizia um dos principaes chefes das sociedades secretas allemãs, uma influencia excessivamente grande sobre os homens, que procurariamos reformar inutilmente sem primeiro reformarmos aquella. Mas como se ha-de emprehender isto? Eis aqui a difficuldade. Soffrerão as mulheres adultas, as mães principalmente, imbuidas de prejuizos, que outros se occupem da educação das suas filhas? É preciso pois principiar pelas que são noras e não são mães.»

O que sonhára a Allemanha, realisaram-no a Belgica, e a França. Bruxellas tem uma escóla fundada pelos soccorros municipaes, destinada á educação de meninas, sem dependencia de instrucção religiosa. Esta escóla é muito numerosa, graças á protecção de que é objecto. A Maç.·. creou tambem em Liége escólas dominicaes de meninas adultas. Reunidas desde pela manhã todos os domingos são exercitadas em trabalhos manuaes: já se entende que não assistem ao santo sacrificio da missa, e pelo contrario trata-se de extirpar do seu coração todo o sentimento religioso.

Quem não conhece os esforços empregados em França por um ministro da instrucção publica para conseguir o mesmo resultado? A opposição que o snr. Duruy encontrou na authoridade ecclesiastica e o sentimento popular embargaram a execução dos seus planos: mas os seus esforços não ficaram estereis e se alguma cousa não vier suspender o desenvolvimento d'estas instituições, a França, que deve em parte á educação das meninas o que ainda lhe resta de fé e de costumes, não se demorará em cahir no fundo do abysmo, onde ha mais de um seculo forcejam precipital-a os *livres pensadores* e as lojas Maç.·. A posteridade faria então a colheita dos fructos amargosos d'esta educação, que *degrada* aquelles que deveria *elevar,* e expulsa do lar domestico a religião e a innocencia, as alegrias puras e a verdadeira felicidade da virtude. Se o programma Duruy chegar a vigorar um dia, vêr-se-ha o que é uma esposa, uma mãi sem consciencia nem fé, e o que é feito d'uma familia condemnada a crescer e desenvolver-se na atmosphera viciada d'uma impiedade systematica. N'esse dia Duruy e a Maç.·., que o inspirou, serão amaldiçoados.

Para assegurar o exito d'esta grande empresa, e com vontade ou sem ella, lançar as gerações no molde, seria mister tornar obrigatoria esta educação Maç.·. e necessaria até. Permitta-se-me chamar a attenção sobre o grande principio *d'instrucção obrigatoria* que a Fr.·.-Maç.·. proclama tão alto, cuja applicação ella quereria fazer pelos meios tyrannicos que acabo de indicar.

Este principio é adoptado por certos homens bem intencionados, e por isso contestal-o póde correr o risco d'uma condemnação antes de o poder discutir. Poucas pessoas ha hoje que saibam reflectir e dar conta do valor dos principios mais em moda e das expressões mais claras na apparencia!

É inutil affirmar aqui que a religião catholica não é *inimiga da instrucção,* nem receia a *luz.* A Igreja recebeu do seu divino fundador a missão de *ensinar todos os homens,* e

ninguem duvída que a primeira e mais radical necessidade do homem é a *instrucção:* é a intelligencia que deve dirigir a vontade nas suas operações, e a condição indispensavel ao homem para preencher os seus *deveres* para com Deus, seus semelhantes e si proprio, é conhecel-os.

Que instrucção importa porém ao homem receber? Evidentemente não é qualquer *instrucção*. Importa em verdade pouco que um *jardineiro* seja excellente sapateiro, se não tiver de fazer sapatos: mas o que interessa é que saiba cultivar o jardim, podar as arvores, e o tempo proprio para plantar e semear.

Em cada um de nós ha dous homens, o cidadão do *tempo* e o da *eternidade*, o membro da sociedade civil e da sociedade religiosa. Saiba cada qual o que é necessario para ser um *christão excellente*, e tambem o que lhe convém para desempenhar a sua missão na sociedade: eis aqui, me parece, a materia e a verdadeira medida de instrucção que cada um deve possuir, e o sentido em que ella deve ser obrigatoria.

Esta regra, como é claro, não impõe a todos a obrigação de adquirir a mesma instrucção. São relativas as necessidades: cada condição, carreira, estado e cada membro tem funcções e deveres especiaes: cada qual deve adquirir os conhecimentos necessarios para cumpril-os convenientemente no sentido dos interesses da sociedade, cujo membro é. Mas como todos somos feitos *para o céo*, e *filhos de Deus* e como não podemos alcançar o céo, nem viver como filhos de Deus, sem conhecermos a religião e os deveres por ella impostos, primeiro que tudo devemos receber a *instrucção religiosa*.

Será isto o que se chama instrucção obrigatoria na Maç.·.? Não: ao contrario procura-se apagar todas as differenças de condição e de estado, havendo uma só regra e unico nivel. A *igualdade de natureza* deve, segundo os nossos modernos utopistas, produzir a igualdade na educação. Nada de *instrucção religiosa*, é o primeiro artigo do programma. De resto a instrucção deve ser a mesma *para to-*

dos. Seria difficil procurar por meios mais efficazes e ao mesmo tempo mais perfidos e fataes a ruina das almas e a desventura das sociedades.

Que resulta pois da execução da *instrucção obrigatoria* como a entende a Fr.·.-Maç.·.? Tanto são uteis a cada um os conhecimentos adaptados ao estado, profissão e condição, em que se encontra, quanto ordinariamente lhe são funestos e nocivos os que são estranhos aos seus deveres e á sua carreira: não só porque elles lhe tiram um tempo que cada um empregaria melhor aperfeiçoando-se no seu emprego, mas porque muitas vezes exaltam o amor proprio do individuo, fazem-lhe perder os gostos simples e bons habitos que lhe protegem a virtude. Um mancebo que fez os seus exames com alguma distincção, a senhora que tem algum conhecimento da arte das prendas consideram-se capazes de tudo.

O desprezo por seus paes e por quantos seriam privados dos conhecimentos, de que elles tem umas tinturas, o horror pela vida singela da familia e do campo, o gosto pelo luxo, o desejo de apparecer, uma confiança desmedida n'elles e nos seus talentos, verdadeiros ou suppostos, são estes os effeitos da sciencia que possuem ou suppõem possuir.

Resulta d'aqui outro mal cujas consequencias são incalculaveis, e que eu chamarei a *desclassificação da sociedade*. Os trabalhos do campo, o exercicio de uma profissão util, mas laboriosa, não estão já á altura do merito e capacidade d'este mancebo ou d'esta senhora. É mais facil e suave passar algumas horas em um escriptorio, n'um armazem, com a perspectiva de poder ir em procura dos prazeres do theatro, do jogo e das mil distracções de uma cidade. Adeus aos trabalhos do campo, e ás occupações caseiras. Uma vida livre e de dissipação, o amor dos prazeres, o gosto do aceio substituirão a vida séria, regrada, laboriosa, porém moral, util á alma e ao corpo, que se passaria no campo, e prepararão á mocidade perigos ainda maiores.

Attenda-se á população das nossas grandes cidades: não será difficil assignalar as desordens que menciono aqui, e que

attribuo em grande parte pelo menos, á mal entendida *instrucção*, a que me refiro.

Aqui está a origem fatal da *desclassificação* que impelle para tão longe do seu verdadeiro caminho grande numero de pessoas, arranca-as ás carreiras em que podiam ser uteis ao seu paiz, arremessando-as sem vocação, aptidão e qualidades requeridas em estados, para que não eram destinados, com damno da sua felicidade e do bem publico, e sobre tudo com perigo da sua salvação eterna.

E na verdade, qual é o effeito immediato d'esta instrucção obrigatoria? É a vulgarisação da *impiedade e do vicio:* ella colloca toda a gente em circumstancias de lêr os livros maus e os jornaes pessimos, e excita em todos o gosto funesto d'estas leituras perigosas, que lisongeam e exaltam as paixões. Tornar o veneno dôce e agradavel, apresentando-o rodeado dos encantos do estylo, e revestindo o vicio das côres e ornatos da virtude, é a tarefa de uma litteratura superficial e licenciosa: e ao passo que se animam os escriptores do seculo a multiplicar os romances mais immoraes, preparam-se-lhes massas de leitores, tanto mais dispostos a deixarem-se corromper e seduzir quanto não possuem a sciencia necessaria para evitarem o erro, e as suas paixões vivas e ardentes não experimentaram ainda estas decepções crueis, que ferindo a alma profundamente, principiam n'ella o trabalho do desencanto. Aqui está a obra prima do inferno.

Outro resultado igualmente funesto deriva da mesma causa. A imprensa tornou-se o grande instrumento da politica: é a arma terrivel collocada ao serviço das paixões. Nos nossos dias é o meio mais energico de agitação que a revolução emprega. Pela imprensa popularisam-se os principios mais adversos á ordem e á sociedade, estas doutrinas perniciosas que tendem a arruinar de cima a baixo todos os Estados, e derribar todos os governos. É por ella que se insinuam e infiltram nas massas as idéas falsas d'uma liberdade sem regra nem freio, que é apenas a negação de toda a *authoridade* e o aniquilamento do dever e da moral.

Assim se preparam recrutas numerosos para todas as revoluções, multiplicam-se indefinidamente os elementos de desordem, e formam-se as opposições formidaveis para os governos, quaesquer que sejam. É o meio infallivel para a Fr.·.-Maç.·. se engrandecer e preparar o seu triumpho.

Bastam estas reflexões para nos explicar o zelo da Maç.·. no que tem relação com a propagação da instrucção: nós sabemos qual é o *ensino* que ella deseja derramar, e se houveramos podido conservar a este respeito algumas duvidas, ella tomou a seu cargo dissipal-as, estipulando que o *ensino religioso* e até o da *moral* deviam ser banidos das suas *escólas*. Tudo isto é consequencia do seu principio sacramental da *liberdade*. A obrigação de aprender o que se não quer, e prohibição de *ensinar* o que se quereria e deveria saber, é como a Fr.·.-Maç.·. entende e realisa o seu programma: é a dupla tyrannia que ella impõe e a dupla mentira pela qual zomba desaforadamente da familia e da sociedade.

No entretanto a tarefa era superior ás forças da Maç.·.: ella comprehendeu-o, mas soube crear auxiliares dedicados, pelos quaes e com os quaes cumprirá os seus desastrosos projectos, como eu provarei nas cartas que se vão seguir.

CARTA TRIGESIMA SEXTA

A Fr.·.-Maç.·. e a *Universidade.* — Identidade de doutrinas e principios.

Senhor.

Já tive occasião de dizer que a Fr.·.-Maç.·. que deseja formar á sua imagem todos os homens e para conseguil-o mais firmemente se apodera da infancia, comprehendeu que era superior ás suas forças a tarefa da educação, devendo confiar esta a obreiros selectos, animados do seu espirito e doceis ás suas inspirações. Não desprezou as *escólas primarias:* protege-as para as conservar na mão e ahi onde não seja a senhora unica e exclusiva, procura firmar-se assumindo a direcção geral.

Que faz ella para a instrucção *secundaria* e para o ensino *superior?* Exerce a Fr.·.-Maç.·. influencia real no corpo docente? Existe entre a Fr.·.-Maç.·. e a *Universidade* algum parentesco ou affinidade? Seria a Universidade o local onde as gerações iriam buscar a effigie da Fr.·.-Maç.·., recebendo d'esta a vida e o espirito? Seria ella a ama intelligente encarregada de amamentar os filhos da seita e preparar-lhe homens taes como ella deseja? A questão é grave e merece attenção.

Não querendo affirmar a este respeito cousa alguma que não seja exacta, deixo a cada um a liberdade de julgar se a Universidade é mãi, filha ou irmã da Fr.·.-Maç.·.; mas pro-

curo demonstrar que entre estes tres titulos é forçoso escolher um. Não entra no meu plano verificar o maior ou menor numero de universitarios Fr.·.-Maç.·. que exista. Este trabalho ingrato seria extenso e desnecessario. Fiel ao principio que tenho estabelecido, é na unidade de espirito, tendencias e fim, e na *identidade de doutrinas* que procurarei descobrir a estreita alliança que liga estas duas instituições. Se nós encontramos n'estes dous corpos o mesmo *principio de vida,* se a mesma seiva nutre estes dous ramos, se o mesmo sangue circula nas vêas dos dous corpos, se seus sentimentos são identicos e se traduzem pela mesma linguagem e profissão exterior das mesmas crenças e dos mesmos erros, ficaremos sufficientemente authorisados para proclamar o seu parentesco. E isto é de facil demonstração.

E' escusado recordar o que das doutrinas religiosas e sociaes da Fr.·.-Maç.·. se tem dito n'estas cartas. A religião christã e a ordem sobrenatural, Jesus Christo, sua doutrina, e sacramentos, a religião natural nas suas prescripções mais essenciaes, a immortalidade da alma e da vida futura, a existencia de um Deus creador, a moral e os primeiros principios da lei natural, tudo foi blasphemado e destruido. A authoridade dos principes, os laços sagrados da familia e da nacionalidade, os direitos de propriedade e herança tudo a Maç.·. rejeitou, e deixou de respeitar.

Ora é verdadeiramente curioso e instructivo considerar com que exactidão a Universidade professa os mesmos principios, e a perfeita concordancia da sua doutrina com a da Fr.·.-Maç.·.

Appareceu um livro, ha proximamente trinta annos, que patenteava á luz do dia os graves e numerosos erros, que viciam o ensino da Universidade. Este livro irrefutavel, porque era escripto pela ré mesma, agitou o corpo universitario: nada se pôde argumentar contra os factos, censurou-se apenas a fórma. A ferida era grave: não se podendo esperar o curativo por meio algum, appellou-se com prudencia para o tempo e para o esquecimento. O tempo cumpriu a sua obra,

e a ferida está cicatrizada: fez-se tudo para sepultar em eterno olvido o livro, mas nada se mudou na doutrina, e o ensino ficou como estava, com pequena differença.

A Universidade progrediu na sua marcha triumphal no meio das ruinas intellectuaes e moraes que ella accumula na sociedade. Mas que digo eu? A sua acção recrudesceu em vez de restringir-se: e fez pesar a mão de ferro sobre a educação dos meninos, que desejaria tambem monopolisar.

Lancem-se os olhos sobre a taboa d'esse livro o *Monopolio Universitario,* ou, se antes se quer assim, consulte-se o *Catecismo da Universidade,* escripto na mesma época, ficaremos espantados de encontrar ahi todas as accusações dirigidas contra a Maç.·. Só indicarei aqui alguns pontos essenciaes. Para a Universidade, como para a Maç.·., não existe o *sobrenaturalismo.* A razão é a lei soberana no homem, diz Matter. A philosophia, diz Saisset, é independente e superior até á religião. Foi a philosophia grega que produziu todas as grandes verdades moraes e religiosas. O catholicismo, o protestantismo e essa religião que se chama philosophia, são todos dignos do homem. E' uma necessidade absoluta para a philosophia nada reconhecer fóra e acima d'ella. Todas as religiões tem o mesmo valor, ou antes não tem algum, disse Bouillier.

O Deus da Maç.·. é tambem o Deus da Universidade, porque segundo Mr. Cousin, simultaneamente elle é Deus, natureza e humanidade, e segundo Quinet, é o poder de transformação da materia. Renan diz que no *universo* não ha intelligencia superior á do homem. (*Rev. dos Dous Mundos,* janeiro de 1860, p. 374).

Vimos já como a Maç.·. trata o Divino Redemptor: a Universidade não o respeita mais. Conforme a opinião de Lerminier, Christo é homem, como todos os reveladores. A Redempção e mediação de Jesus Christo são mythos, symbolos que o sol da philosophia dissipa. (Jouffroy). A vida futura, diz Michelet, é a suprema individualisação. Recompensas e castigos não ha outros senão na fórma da reminiscen-

cia. E' exactamente o que nos ensinava a Fr.·.-Maç.·. *O peccado original é,* diz Ferrari, *um grande absurdo. O homem não decahiu,* affirma Lerminier. E' o que o Veneravel recorda na ceremonia do baptismo de Lowton. O mundo, diz Taine, fórma um ser unico, individual, de que todos os entes são membros. A causa não differe do effeito. (*Philosophos francezes,* p. 361).

O *vicio e a virtude* são productos como o *vitriolo e o assucar.* (Idem). A Maç.·. nunca disse melhor. Ao espirito humano não se podem demarcar limites: nada ha acima do homem... Quem sabe se a *sciencia infinita* não produzirá o *poder infinito?* (Renan, *Rev. dos Dous Mundos,* 1863, p. 47). Um maçon disse tambem: Arrebatamos o fogo ao céo, somos omnipotentes.

Na *Universidade,* como na Maç.·. depois de ser elevado o homem acima de Deus, rebaixa-se aquelle ao nivel da materia.

«Nas grandes correntes historicas, não ha como em toda a parte senão problemas de mecanica.» (Taine, *Hist. de litt. ingleza*).

«A materia é uma condição necessaria do pensamento.» (Renan, *Rev. dos Dous Mundos,* t. 14).

«A alma do homem é da mesma natureza que a dos animaes», lê-se n'uma obra premiada pela Universidade. (*Instinctos e costumes dos animaes*).

«O homem principiou a separar-se do solo debaixo da figura de macaco.» (Duruy).

«O dogma do inferno é um conto como o do papão.» (A. Comte). «A imaginação cria pouco a pouco a outra vida com o modêlo d'esta, e envolve-se especialmente em todas as fabulas que se referem á punição dos crimes e reparação das faltas.» (*Historia natural,* pag. 507).

Finalmente, a justificação da moral independente acha-se no catecismo composto por Bouillier e Lortet. Ahi se lê: «que o verdadeiro progresso moral e religioso consiste em cada um obedecer á lei que formulou para si, a qual lhe

deve ser tão sagrada como a vontade do Creador revelada ao seu espirito pela razão. Nada de padres nem de cultos.» (P. 32).

São tambem identicas as doutrinas sociaes da Universidade com as da Fr.·.-Maç.·. *A soberania do povo é eterna:* é um dogma, uma religião. (Lerminier). Quem imagina hoje que os reis são reis, e não phantasmas? (Quinet). E para concluir este trabalho de comparação, Ferrari nos declara que elle não quereria *direito de propriedade*. Platão, diz elle, reclamava a communidade de bens e de mulheres. *A communidade das mulheres,* addita Matter, *é um grande principio.*

Não se pense que estes principios fiquem no estado de theoria e não encontrem applicação pratica. Se as doutrinas politicas da *Internacional* que vimos tomar personalidade na Communa de Paris, não são geralmente as da *Universidade* como não duvidamos crêr, não podemos com tudo desconfiar que estas doutrinas não sejam as de alguns dos seus professores.

Julio Simon é quem nol-o diz: «Ficaria eu muito admirado ha um mez, senhor reitor (escrevia o ministro em maio de 1871), se me dissessem que eu havia de lêr em muitos jornaes dos departamentos artigos assignados por professores, em que a Communa de Paris é desculpada e glorificada. Que seja mister acautelar *espiritos cultos* para julgarem entre a França e *uma parte dos criminosos* é o que me confunde e perturba.» O ministro procura amaciar o que esta phrase tinha de severo por este modo:

«Não posso esquecer os direitos inherentes á qualidade de cidadão, e atacar as convicções politicas ou religiosas dos meus collaboradores.» (Ib.). Se o snr. Julio Simon pertence á Internacional, como o accusam, não se adiantaria elle de mais? Não nos espantemos porém, nem da censura nem da reserva: é agradavel contentar toda a gente.

O principio da *liberdade individual* em politica e religião é o primeiro principio da *Universidade,* como da Maç.·.:

e se alguem é merecedor de censura por haver manifestado as suas opiniões é porque o membro da universidade ao aceitar o lugar n'um corpo docente, contrahiu obrigações para com elle, e a gravidade da sua posição não lhe consente controversias apaixonadas e violentas. (Ib.).

Dir-me-ha talvez V. que as opiniões, que acabo de referir, são as de alguns membros do corpo universitario, mas não se póde concluir com rigor que sejam as do corpo inteiro. Convenho n'isso: vou ainda adiante e penso que esse grande corpo docente não tem doutrina sua, o que constitue um vicio radical do seu ensino. Mas póde a *Universidade* declinar a responsabilidade que os membros fazem pesar forçosamente sobre o corpo? Pois os professores mais illustres, os escriptores mais distinctos, as melhores cabeças fazem em um paiz catholico profissão d'incredulidade, ensinam em publico a impiedade, atacam com insolencia a religião da França, as crenças dos seus filhos, e não se lhes ha-de impôr silencio, deixando-os progredir? Não só isto, mas conferem-se-lhes honras e recompensas pelos seus esforços n'este sentido? Estão-lhes reservados os lugares mais distinctos, e a França catholica soffreu a affronta de vêr nomeado para uma cadeira elevada da capital o impio blasphemo, que, com enorme escandalo de todos os fieis do universo, e espanto da sciencia indignada, ousava, ha poucos annos apenas, atacar a divindade de Jesus Christo!... Não, a Universidade não póde declinar a accusação que se lhe intenta. Se não partilha nos erros dos seus membros, declare-o francamente e expulse-os do seu gremio.

Em quanto ella se calar, e elles permanecerem seus membros, e filhos, fica-nos o direito de crêr que os seus sentimentos são analogos: que não tendo convicções firmes, doutrinas, nem religião, tolera igualmente todas as doutrinas e religiões e as despreza todas: não é esta exactamente a religião Maç.·.?

Seja como fôr, pergunto: é a Universidade capaz de dar ensino religioso por professores que não tem religião? Póde

prestar ensino *philosophico,* quando não tem doutrina *philosophica,* com professores sem bussola nem guia, privados da luz da fé, impellidos em sentidos contrarios pelo vento de todas as opiniões? Póde a Universidade formar bons cidadãos, quando, no seu seio, fermentam os principios mais revolucionarios? Póde o seu ensino ser *moral,* quando os seus membros mais distinctos arruinam os fundamentos da mesma moral, e que a seus olhos a virtude e o vicio são apenas productos como o assucar e o vitriolo?

E quem sahe d'esses estabelecimentos? Os nossos officiaes? Não os accusarei eu: não me tornarei mesmo o echo dos juizos que a seu respeito amigos e inimigos publicam na França e fóra d'ella: mas não posso ser indifferente ao que importa tanto á honra do meu paiz, e é triste ouvir dizer, que fóra honrosas excepções, o official francez, outr'ora tão estimado, torna-se hoje desprezivel pela ostentação quasi affectada de uma impiedade *voltaireana,* ligeireza de espirito, gostos e costumes, já proverbial, e incapacidade relativa incontestavel, porque apenas sahe dos estudos preparatorios, já não estuda mas esquece, e se levou para a Universidade convicções religiosas, volta d'alli só com a incredulidade. Que são os nossos mancebos medicos? Aqui tambem se acham, graças a Deus, numerosas excepções: mas quanto se vê derramado o mal! Basta para comprehendel-o que nos lembremos do que occorreu ha alguns annos apenas na escóla de medicina da capital, quando a profissão publica de materialismo foi assignada pela maioria dos estudantes. Bastaria até percorrer o *Diccionario das sciencias medicas,* que é o *manual* classico dos alumnos de medicina. Ahi se encontra que o nome de alma é dado ao conjuncto das faculdades do systema nervoso central, das funcções do cerebro e da medulla da espinha dorsal: que uma idéa é o resultado de uma combinação analoga á do acido formico: e que se póde prescindir para a explicação do mundo da idéa espiritual, e por tanto de *Deus e da alma humana.*

Teria muito que dizer ácerca d'este artigo, mas não é

lugar proprio: permitta-se-me com tudo que insira o acto de accusação formulado contra a Universidade, não por um jornal clerical, o que nada provaria para muita gente, mas pelo Nacional em 1842. Ahi acharemos a prova que o mal que lamentamos não é novo, e que estamos colhendo agora o que semeamos ha trinta annos: ninguem me chamará exagerado.

«A moral, o exemplo e as palavras dos altos dignitarios tendem só a inculcar uma maxima: «Cada qual em sua casa, é por si.» Continuam-se, é verdade, a dar para assumptos de leitura os *Factos de dedicação e patriotismo* que nos fornece a historia do nosso paiz: mas não é culpa dos mestres se os jovens estudantes tomam a serio estas bellas lições e procuram exemplos nas mesmas. O que se lhes ensina de preferencia é que convém fazer bons negocios e o mais depressa possivel. Os rapazes dos campos aprendem a desprezar o trabalho vagaroso e honrado de seus paes, lançando-se nos grandes centros de população, onde com alguma facilidade de discursar e pouca consciencia se tem a certeza de fazer fortuna. Renuncio aqui a desenhar o quadro sombrio que tenho infelizmente sob os olhos; mas pensem os nossos leitores um momento no que este regimen tem conseguido fazer d'uma grande parte da *mocidade franceza,* e poderão finalmente supprir o que calamos. Elles comprehenderão que se, no *exercito,* na *administração,* no fôro, nas profissões, que se chamam liberaes, na industria, se veem tantos homens só preoccuparem-se do seu interesse pessoal, calcando aos pés tudo quanto é obstaculo ás suas paixões, é porque a educação, cuja responsabilidade cabe á *Universidade,* cedeu a uma escóla d'egoismo e corrupção prematura. A Universidade é uma caixa.» (Setembro de 1842).

«A Universidade no seu methodo d'ensino é completamente *defeituosa,* tinha-o dito Destutt de Trasy. A despeito de todos os talentos dos seus membros, eu digo *que seria um beneficio a suppressão immediata da Universidade.* Resultariam d'aqui as *maiores vantagens. Desorganisar o mal é organisar o bem.*»

Quereriamos dizer que depois d'isto a Universidade se corrigira. Mas não é evidente pelo contrario que impellida pela corrente sempre crescente da incredulidade e impiedade combinadas entre si, cada vez mais loucamente se tem precipitado no abysmo sem fundo do materialismo e atheismo, onde, como em um tumulo, jazem fatalmente sepultadas a verdade e a virtude, o dogma e a moral, a consciencia e o dever, a dignidade e a grandeza do homem, o presente e futuro das sociedades?

Mas se o ensino da Universidade não é *moral,* satisfará ao menos ás exigencias da sciencia? Se os seus professores não são *religiosos,* estarão á altura da sua missão e deve o paiz felicitar-se com o seu ensino?

Eis aqui como ha pouco um membro da Universidade julgava, em plena sessão da Academia das sciencias, o corpo illustre a que pertence ha muitos annos:

«Declaro francamente com alma e consciencia o que penso: a Universidade com a organisação actual *conduzir-nos-hia á ignorancia absoluta.* O professor é nada, a administração tudo.

«Não reconheço tribunal algum superior á Academia das sciencias para julgar n'esta materia: eis porque eu quizera que ella empregasse toda a sua authoridade para fazer sahir para fóra dos gonzos a porta enferrujada que se cerrou sobre o nosso ensino depois de 1792. E' necessaria uma reforma radical: occupe-se a Academia do ensino, porque trata-se do futuro do nosso paiz. Ha oitenta annos para fallar em *instrucção publica* é mister ser ministro, deputado ou chefe de repartição. A academia deve acabar com estes desvios.» (Henri Sainte-Clara Deville).

As causas d'esta degeneração reduzem-se a uma só.

«É a centralisação, applicada á Universidade, que conforme a opinião geral, matou o ensino superior. Era necessario que as nossas Universidades retomassem a sua independencia, como antes da primeira revolução.» (Dumas. Univ. 8 de março de 1871).

Concluamos. Será *filha* da Fr.·.-Maç.·. a Universidade? Não me atreveria a dizel-o. É sua alliada? Coopera com ella? Tem o seu espirito? Encontrou a Maç.·. na Universidade um auxiliar poderoso para os seus intentos, apossando-se da mocidade e infiltrando-lhe o veneno? Respondo decididamente: sim. Porque o ensino nos seus livros, e do alto das suas cadeiras é conforme ao ensino da Fr.·.-Maç.·., e as doutrinas d'esta são as que a Universidade adopta, e são as dos seus membros mais celebres e muitas vezes dos seus chefes. Penso tel-o provado com bastante evidencia.

Sem duvida n'este corpo tão vasto existem muitos membros que não se acham imbuidos dos mesmos erros, nem perfilham as opiniões impias dos seus collegas: ha ahi verdadeiros sabios, homens honrados e até sinceros christãos: mas não é menos certo, que a Universidade representada pelo seu governo, chefes e administração, as doutrinas que ahi são toleradas e ensinadas por notaveis illustrações, consagradas até pelo principio *do livre exame e da liberdade de pensamento,* como corpo, a Universidade, digo eu, adopta, ensina, glorifica os mesmos erros que a Fr.·.-Maç.·.: basta isto para a avaliar, ou antes para condemnal-a.

Acaba V. de vêr como a Maç.·. para conseguir os seus fins se endereça principalmente á mocidade. Agora vêl-a-hemos progredindo no seu trabalho de decomposição das sociedades por uma arma mais terrivel ainda, a *imprensa.* Vou agora occupar-me d'este assumpto.

CARTA TRIGESIMA SETIMA

Segundo meio empregado pela Fr.·.-Maç.·., a *Imprensa*. — Poder das doutrinas no mundo.

Senhor.

Tendo mostrado a Fr.·.-Maç.·. apoderando-se da mocidade e procurando communicar-lhe por si e seus auxiliares, o seu espirito e doutrinas perniciosas, vou hoje fazer conhecer outro meio, mais terrivel e poderoso ainda, que ella aproveita para conseguir os seus intentos: fallo da *imprensa*. Mas é tão importante esta questão, que n'ella mais do que em qualquer outra é mister proceder com ordem. Procurarei estabelecer antes de tudo o mais: 1.º a influencia fatal do erro *sobre os individuos e as sociedades:* 2.º demonstrarei o vicio inherente á *liberdade de imprensa,* a principal propagadora do erro e más doutrinas: 3.º direi finalmente que parte toca á Fr.·.-Maç.·. n'esta falsa e desastrosa liberdade.

As duas grandes forças, que disputam o imperio do mundo, não são precisamente a virtude e o vicio, mas a verdade e o erro; assim como o que ha de mais radical no homem não é a vontade, mas o *entendimento*.

Póde-se, é verdade, conhecer o bem e fazer o mal: n'este caso o homem condemna-se a si proprio e acha na sua consciencia um juiz esclarecido que o chama ao dever, protesta contra o seu erro e não lhe permitte que se deixe adormecer no crime: mas não se póde fazer o bem sem conhecel-o, e se este conhecimento viesse a falhar-nos, se, o

que seria mais lamentavel ainda, *o erro positivo houvesse* tomado na intelligencia o lugar da verdade, evidentemente a vontade, por fatalidade desvairada, só poderia caminhar de faltas em faltas e cahir de baldão em baldão. Tal é no entretanto a imperfeição da nossa natureza, tão profunda é a ferida causada na nossa intelligencia pelo peccado original, que estamos constantemente expostos a enganar-nos e a tomar o falso pelo verdadeiro. Prova-o manifestamente a experiencia de todos os seculos, a historia das sociedades como a dos individuos. Foi pois um beneficio immenso para o mundo o apparecimento sobre a terra d'aquelle que descendo dos esplendores do céo, pôde dizer com authoridade aos homens: *Eu sou a verdade,* e veio revelar á sua creatura a doutrina celeste que elle havia aprendido no seio do Pai. Os admiraveis effeitos que, na ordem da natureza, o sol opéra diariamente sob nossos olhos, são apenas uma imagem imperfeita das maravilhas muito mais prodigiosas d'esta divina manifestação.

Uma grande luz, diz o propheta, brilhou aos olhos dos que estavam submersos nas trevas. O pharol divino acceso sobre a terra para nos mostrar o caminho do céo e fazer-nos evitar os cachopos espalhados na nossa derrota, não cessou de derramar suas claridades beneficas. Aquelle que disse de si mesmo: *Eu sou a luz do mundo,* habitará comnosco até á consummação dos seculos; Elle nos falla ainda pelo seu Evangelho, pela sua igreja que occupa cá na terra o seu lugar, a quem encarregou de continuar a sua obra e principalmente de ensinar todas as nações, d'instruir todos os homens e de repetir o que Elle primeiro annunciou aos apostolos e a seus discipulos: é este o principal dever, a funcção mais importante da igreja, como é a primeira e mais radical necessidade da humanidade.

Não nos illudamos com tudo; aquelle que *foi mentiroso desde o principio* continua o seu ingrato mister e trabalha continuamente a enganar os homens. Satanaz se apresenta ainda como preceptor do genero humano: elle tem escólas,

cadeiras, professores, e principalmente para derramar o erro e desvairar os espiritos, tem ao seu serviço a grande voz da *imprensa*.

Nunca elle a empregou com mais arte, ardor e resultado: e não tememos dizel-o, entre as perseguições que a igreja tem experimentado, nenhuma é mais terrivel e funesta.

E com effeito, se a verdade é o *alimento*, luz e força da intelligencia, o erro é para ella o veneno: se a verdade é a vida do entendimento, o erro é a sua morte: se a verdade colloca o homem na *ordem e na paz*, a desordem e a perturbação dimanam do erro: se a verdade guia á virtude, eleva a alma, engrandece-a e avisinha-a de Deus, que é o pai das luzes, o erro conduz naturalmente ao vicio, rebaixa-a, degrada o homem e desvia-o de Deus, seu creador.

Estes effeitos, que se manifestam no individuo, reproduzem-se na sociedade. Ha sempre grandes desordens, disse o snr. de Bonald, onde existem grandes erros, e vice-versa. Esta proposição do celebre philosopho christão contém um sentido profundo: ella é verdadeira na primeira parte e na reciproca, com a differença que do erro resulta logica e necessariamente a desordem, ao passo que a desordem não produz necessariamente o erro. E' impossivel que a intelligencia transviada não desvaire a vontade: mas não é impossivel que o vicio da vontade não cegue a intelligencia. Os resultados das doutrinas e a sua influencia nas sociedades e nos individuos são incalculaveis: as idéas, doutrinas, principios são para um ente racional o que a seiva é para a arvore, o sangue para o corpo: é nos seus principios que o homem encontra o movel real das suas acções e tendencias: é ahi que elle recebe a regra da sua direcção —, a força que o sustem, a razão principal dos seus passos. D'ahi, n'uma palavra, resultam a sua vida moral, suas virtudes e vicios. Entretanto, se esta proposição tivesse alguma excepção nos individuos, não a admittiria quando se trata das massas. Assim o meio infallivel de precipitar uma nação na sua decadencia e ruina é nutril-a com erros, satural-a de más

doutrinas e alterar n'ella o sentimento moral. Um dos inimigos mais encarniçados da religião catholica na nossa época, aquelle contra que a alma christã sente mais instinctiva repulsão, o famosissimo Renan não hesitou em proferir esta verdade, não attendendo talvez que ao enuncial-a decretou a sua propria condemnação:

« *A questão do futuro da humanidade* (são as suas palavras) *é apenas questão de doutrina. A philosophia é a unica competente para julgal-a, pelo que,* conclue o impio racionalista, *a revolução realmente efficaz, a que ha-de dar fórma ao futuro, será uma revolução religiosa e moral. Aos homens do pensamento vai, cada vez mais, passando a direcção d'este assumpto.* » (Liberdade de pensamento, t. IV, p. 159).

Chamam-se *homens do pensamento* os que não crêem em Deus nem na immortalidade da alma. São estes os philosophos competentes para julgar as doutrinas!

« *Um dogma novo* traz um reinado novo, diz o escriptor positivista M. Mill; *novo estado mental exige novo estado social.* » (Conserv. Revol. Posit.).

Foi no mesmo sentido que um dos homens de 1848 e de 1871, Felix Pyat, disse: « *O povo é um grande logico, que nunca deixa de concluir.* » (Discurso sobre o direito ao trabalho).

A experiencia está aqui perfeitamente de accordo com a razão. Foram os erros religiosos que fizeram descer os povos pagãos a este abysmo de corrupção que a historia nos refere. Foram as crenças religiosas que elevaram os povos christãos ao heroismo da virtude, coragem e dedicação.

E' o que a Fr.·.-Maç.·. comprehendeu perfeitamente, e por isso para formar o Maç.·. perfeito arraza n'elle o edificio christão da cupula até ao alicerce.

E' tambem o que a philosophia do XVIII seculo emprehendeu perfeitamente, e por isso ella organisou contra a igreja um systema de mentiras e calumnias, injurias e blasphemias propagadas por todos os modos possiveis, animan-

do os seus apostolos por esta palavra pouco honrosa para a humanidade, mas infelizmente baseada na experiencia: «Menti, menti sempre, alguma cousa irá ficando.» Tanto a Maç.·. como a philosophia comprehenderam o poder das doutrinas, verdadeiras ou falsas, nas sociedades: tambem contaram com a credulidade do povo, sempre desconfiado e disposto a crêr sem prova as affirmações mais loucas, os contos mais ridiculos, quando lisongeam o seu interesse e favorecem os seus maus instinctos. Dir-se-hia que ellas conferem titulo de capacidade a quem ataca a religião, e que os seus amigos são os inimigos da igreja e do sacerdocio.

Sempre o povo foi o ludibrio de quem se apresentou como defensor dos seus direitos não reconhecidos e da sua liberdade algemada, mas não creio que em tempo algum se hajam feito acrescer tão enormes absurdos. Entregue a si o povo é sempre sensato, mas é facil seduzil-o, principalmente excitando-se-lhe as paixões.

Distinguiremos porém aqui cuidadosamente entre a falta, que mancha a vontade e cahe sobre o facto, e o erro de *principio* que tende a desvairar a *intelligencia*. Esta distincção nos é absolutamente necessaria para comprehender quanto é criminosa e fatal a propagação do erro, funesto e terrivel em seus resultados o veneno das más doutrinas. Levar um homem para o mal, e valendo-se da sua fraqueza fazel-o cahir em peccado é uma desordem e um *escandalo:* mas esse homem póde arrepender-se e levantar-se. Destruir porém n'elle por meio de discursos impios a *fé,* destruir os seus *principios religiosos,* é fazer-lhe um mal muito mais consideravel. N'este caso não se affecta o fructo, o ramo ou o tronco da arvore, mas a propria raiz, onde se estancam as fontes da vida. No primeiro caso altera-se o *acto,* no segundo o *principio.*

Um criado ou empregado commette em seu beneficio um desvio: *é uma falta:* mas se elle procura justificar a injustiça, se, baseado em uma palavra insensata que tende a tornar-se uma maxima do novo direito, *a propriedade é um*

roubo, elle se persuade que conscienciosamente se póde apossar dos bens alheios, é muito mais grave a desordem, porque o sentimento moral é alterado por um principio falso. Um filho desobedece a seus paes, é uma falta; mas á força de ouvir dizer que todos os homens são livres, e rejeita a authoridade não se considerando obrigado a obedecer: está desvairado. Um operario deixa-se arrastar á casa de bebidas e embriaga-se: é uma falta: mas seduzido pelas doutrinas perversas, que ouve prégar, desgosta-se da sua mulher, desvia-se da familia, e não se considera com obrigação de olhar pelos seus filhos: é victima do erro; o principio está viciado: o mal é n'este caso muito mais grave.

Ceder ás suas paixões é um erro: porém em quanto a consciencia as repelle, o mal não é incuravel: com tudo absolver as paixões e seus excessos, dando o nome de *bem* ao que é *mal,* é tornar impossivel a cura.

E' grande desgraça que o homem se deixe arrastar pelas inclinações que não soube dominar, correndo após vicios vergonhosos: mas seja embora profundo o abysmo em que se despenhou, póde rehabilitar-se em quanto a luz brilhar aos seus olhos. Mas se elle não crê no bem nem no mal, na virtude e no vicio, sendo tudo palavras ôcas de sentido, se não admitte outra vida onde o justo seja recompensado e o mau punido, se a seus olhos a alma não é immortal e Deus não existe; todas as barreiras se acham rotas e os diques abertos: fica livre o campo para todas as desordens.

Penso ter-me feito comprehender, estabelecendo a distincção entre a *fraqueza* ou a *malicia* da vontade, o *erro* e o desvairamento do entendimento: entre a violação accidental e a alteração da regra de costumes e do principio, que deve dirigir nossas acções e procedimento.

Em quanto a raiz está verde não se deve desesperar da arvore, embora esteja enferma e alguns dos seus ramos se tenham seccado. Em quanto subsiste o principio da vida racional e que o homem conserva a rectidão da intelligencia, póde esperar-se a rehabilitação a despeito da violencia das

paixões que desvairam. Mas que esperança póde sobreviver á secca total da raiz?

Appliquemos ás sociedades o que dizemos dos individuos.

As mais enfermas não são as mais dissolutas e corruptas em seus costumes: são aquellas em que os principios estão mais alterados, e as doutrinas mais falseadas: aquellas onde segundo a expressão do Espirito Santo as *verdades* experimentaram uma *diminuição fatal:* «*Diminutæ sunt veritates a filis hominum.*» (Ps. 11.).

Se pois se encontra uma nação em que se nega o *principio sagrado da authoridade,* sem o qual não póde haver prosperidade em sociedade alguma, ou é sacrificado a uma liberdade mal entendida; se n'esta nação a existencia normal da *familia,* isto é, o respeito dos filhos por seus paes e o verdadeiro amor d'estes por aquelles, são ignorados, os laços que unem o marido á esposa são systematicamente quebrados ou debilitados: se as luzes da fé que esclareciam esta nação, collocando-a á testa das nações christãs, se obscureceram ou apagaram: se essa nação em numero muito consideravel dos seus membros rompeu com o divino Salvador do mundo, unico mediador entre Deus e os homens, rejeitando a sua lei, fé, sacramentos e igreja: se ella lhe disse resolutamente: *recede a nobis,* afasta-te de nós (Job, 21): se, por um progresso logico mas fatal do mal, estes espiritos rebeldes e desencaminhados chegaram a negar-se a si mesmos, abjurando a sua immortalidade, comparando-se aos animaes dos campos: se, por uma elevação monstruosa e quasi incrivel, estas intelligencias soberbas, depois de haverem alijado o jugo da authoridade, acabaram por negar a Deus e debaixo da acção benefica d'este sol dos espiritos, ousaram dizer que elle não existia: se, finalmente, o systema completo das doutrinas que esclareceram e dirigiram todas as sociedades desde o principio do mundo, as bases do direito e da propriedade, a distincção do bem e do mal, do vicio e da virtude, a justiça de Deus, a dignidade do ho-

mem, e a razão da sua existencia, a sua origem e destinos, tudo se afundiu e desappareceu: ah! essa sociedade desceu tanto quanto póde descer: o mal affectou-lhe a raiz: os alicerces do edificio estão minados e destruidos: a vida está estancada na sua origem: não ha para ella mais principios: e assim nem grandeza nem força: bateu a sua ultima hora.

E este mal immenso, irremediavel, não será o resultado logico, necessario, fatal da *liberdade d'imprensa?* Não é esse trabalho da demolição o que ella procura com incrivel pertinacia e cegueira inexplicavel?

E' o que eu vou demonstrar, e a tarefa não me parece difficil: fique essa demonstração para outra carta.

CARTA TRIGESIMA OITAVA

Funestos effeitos da liberdade de imprensa. — Vicios essenciaes d'esta liberdade.

Senhor.

Parece-me ter provado sufficientemente que a vida ou a morte das sociedades, a sua grandeza ou decadencia, a sua felicidade ou desgraça estão contidas nos principios que ellas professam, nas idéas e doutrinas que propagam, como o fructo está no germen, a consequencia no principio d'onde dimana, o regato na origem, que o alimenta. Mas como se derramam as más doutrinas? Quaes são os canaes por onde estas aguas envenenadas vão levar a morte a todas as classes da sociedade? Estou prevenido de certo, é a *imprensa!*

Não tenho necessidade d'expôr aqui o immenso desenvolvimento da *imprensa* na nossa época, e o poder de sua organisação. Ella trabalha, e inutil é recordar a liberdade quasi illimitada de que goza, a universalidade, constancia e regularidade da sua acção: é um facto, que não precisa ser provado, porque ninguem póde negal-o e salta á vista na sua evidencia. O facto dos governos protegerem, açularem, consagrarem a liberdade de imprensa é tão extraordinario e espantoso, contém tantas contradicções que repugnam entre si, que não podemos dispensar-nos de consideral-o com attenção.

Estava reservado ao *seculo das luzes* de gloriar-se com o espectaculo mais extraordinario, que jámais houve, e mos-

trar-nos as sociedades, que se chamam civilisadas, conspirando contra si, trabalhando com tenacidade pela sua destruição e suicidio, e dando o nome de progresso a esta desenvoltura singular.

Que diria V. do insensato, que semeando joio no seu campo, concebesse a louca esperança de colher uma boa seara de trigo? Que pensaria V. d'aquelle que tragando o veneno, suppozesse ir gozar uma saude robusta?

Poderiamos nós dizer aos governos mal aconselhados, que elles deixam semear nos campos confiados aos seus cuidados toda a casta de erros, e que ainda assim devem esperar fructos da verdade! Semeia-se o atheismo, e admiram-se de vêr crescer e pullular os atheus! Semeia-se o materialismo e causa espanto vêr multiplicar os materialistas! Semeia-se a mãos cheias a irreligião, o desprezo de Deus, e das cousas santas, e admiram-se de vêr triumphar a impiedade! Semeia-se a desconfiança e divisão nos membros da sociedade e estranham que arrebente a guerra civil! Semeia-se o odio e horror á authoridade e procura-se fugir ás revoltas! Semeia-se e préga-se a liberdade mais ampla e absoluta, a independencia mais completa, e conturbam-se vendo esquecidas e calcadas aos pés a submissão e a obediencia! Consente-se que se ataquem as bases até agora inviolaveis da *propriedade*, e queixam-se do desenvolvimento do socialismo, cujo crescimento ameaça os nossos interesses mais caros!

Não será exacto que na maior parte dos livros, revistas e jornaes da nossa época, a *religião catholica* é sempre aggredida, calumniada indignamente, combatidos e negados os seus dogmas, escarnecidos os seus sacramentos, desfigurada odiosamente a sua moral?

Não será verdade que n'estes papeis a *authoridade* é todos os dias aviltada e apresentada ao povo como inimiga, que viola a sua liberdade, e por isso deve ser odiada, repellida e combatida?

Não será certo que elles excitam á revolta, semeiam a

divisão nas differentes classes dos cidadãos, levantam uma parte da população contra a outra, e abrem entre ellas um abysmo profundo, que o futuro terá difficuldade de encher?

Não será tambem certo que ahi correm em caudal abundancia a impiedade e a irreligião, temperadas por uma *immoralidade asquerosa?*

Não é verdade, finalmente, que todos os *principios da justiça e do direito,* bases sagradas da moral e virtude, fundamentos da sociedade são ahi constantemente aggredidas e batidas em brecha, sendo o erro ensinado publica, solemne e quasi officialmente?

Tudo quanto eu poderia indicar aqui para prova, está por tal fórma abaixo de tudo quanto vemos: a pratica vai tanto além das theorias mais avançadas que não sinto coragem para insistir sobre um facto, que salta á vista de todos, e cuja immoralidade as expressões mais energicas não poderiam patentear completamente.

Sim, aqui está o que a imprensa livre pratíca para mal das sociedades: e esta *liberdade* de destruir e arruinar, desmoralisar e corromper, dissolver e decompôr a sociedade, é o idolo do dia! afaga-se como um beneficio; defende-se como uma conquista, exalta-se como progresso, tudo lhe é sacrificado, até a sociedade! O facto está patente: entre os mais decididos e ardentes partidarios da imprensa, não ha pessoa alguma, que não seja obrigada a confessar, não querendo negar a evidencia, que a quasi totalidade dos jornaes e revistas, que distribuem a todas as classes da sociedade o que póde chamar-se pão quotidiano, e o alimento que deveria esclarecer, purificar e fortificar as intelligencias, contém os erros mais graves e nocivos ao bem da sociedade, á religião e á moral! Como patrocinam pois a liberdade d'imprensa?

Nos dias mais nefastos, vimos a *Communa* de Paris, arrastada pelo instincto da sua conservação, supprimir quasi todos os jornaes. Não ousará um governo regular oppôr algum dique á torrente devastadora?

Pois vigia-se o *fabrico do pão* para que por uma mistura fraudulenta algum elemento estranho não lhe altere a qualidade: e não vos dá cuidado o alimento das almas: circula o erro, vende-se, impõe-se até, sem que isto assuste ou dê motivo para reclamações!

Todas as precauções, ainda as mais severas, são adoptadas sobre os pharmaceuticos para a preparação e venda de certos remedios, que, por imprudencia, poderiam, em vez da saude, causar a morte ao enfermo; e não se tomam precauções contra a propagação d'estes elementos muito mais perigosos, que levam o veneno ás familias, matando as intelligencias e os corações, destruindo as crenças e os costumes!

Procede-se rigorosa e justamente contra o *incendiario,* que aggredindo a morada do cidadão ameaça a vida e fortuna d'este, e todos os dias consente-se a distribuição copiosa dos elementos destruidores, que tendo ás occultas chocado sob as cinzas, e accendido a chamma das paixões perversas nos corações, arrebentarão um dia como o raio e devorarão as populações inteiras com um incendio immenso!

Castiga-se sem compaixão o roubo: este crime excita uma repulsão especial e provoca os rigores: e todos os dias se permitte que se ensine ao povo *que a propriedade é um roubo.* A imprensa propaga claramente os principios do *communismo,* organisa, anima e arregimenta os *communosos* e a imprensa é innocente!

Aquelle que ataca a *reputação d'um cidadão* póde ser chamado aos tribunaes e punido *como calumniador:* e o jornalista, que vomita a injuria e a calumnia sobre uma classe inteira da sociedade, o clero, por exemplo, nada tem que temer da justiça! Atacou violentamente uma categoria inteira de cidadãos, mas não designou nomes: a lei não tem castigo para isto: elle poderá impunemente satisfazer seu odio e distillar o seu veneno!

Em fim, porque poderiamos multiplicar os exemplos de contradicções grosseiras e imperdoaveis em uma legislação

christã, quem insulta o chefe do Estado está sujeito a penas severas: e quem insulta a Deus, por quem só os reis reinam e subsistem os imperios, escapará ao castigo, por virtude da falsa liberdade.

O professor deve comprar por meio de aturados estudos, e laboriosos exames a licença de ensinar as linguas *grega e latina* e até *a franceza:* que occupação mais innocente! E o primeiro individuo a quem advenha o capricho de escrever em um jornal, fal-o-ha sem obstaculo, e espalhará, sem que o governo se importe, tantos erros quantas forem as phrases, e isto em nome da liberdade!

Quem quizesse exercer a *medicina* sem ter obtido diplomas, seria processado e condemnado ante os tribunaes, por ter exposto temerariamente a vida dos seus semelhantes, feito receitas e distribuido remedios sem conhecimentos bastantes e authorisação. E ha-de ser permittido ao primeiro, que se lembre d'isso, ensinar a politica sem a ter estudado, emittir as opiniões mais absurdas e perigosas, a respeito da religião e da moral, da natureza da alma e das perfeições divinas!

E' mister confessar que a protecção de que gozam certos principios junto de pessoas aliás honestas, tem um caracter tão singular, que só póde explicar-se por uma irreflexão censuravel.

Ninguem é excluido do mister de escriptor e jornalista: qualquer que seja a sua ignorancia a respeito das cousas, que trata, quaesquer que sejam os seus costumes, as suas opiniões politicas ou religiosas, pouco importa. Cada um é livre de escrever sobre a materia que lhe aprouver, embora nunca a haja estudado. E com tudo o ensino do jornalista é dado não a vinte ou quarenta alumnos, mas a milhares de pessoas: dá-se todos os dias: penetra em todas as familias e attinge todas as classes. Póde o erro ahi introduzir-se revestido de todas as graças do estylo, ser apresentado com uma arte perfida, tanto melhor aceito quanto mais lisonjeia as paixões. Elle dirige-se ao coração como á

intelligencia, e o ignorante achar-se-ha melhor preparado para receber o veneno, e tomando nova dóse todos os dias, qual será o temperamento que possa resistir? Tem-se feito esta observação muitas vezes: o leitor, precavido mesmo contra um jornal, acaba adoptando-lhe as idéas e os sentimentos, se continúa a lêl-o.

Deixemos pois de formar illusões. Elevar um edificio muito alto, ao passo que se lhe minam os fundamentos, é uma loucura. Esperar a paz, quando se fomenta a guerra, e querer colher caridade e amor quando se semeiam divisões e odios, é tentar impossiveis. Querem que a França seja forte, prospera e feliz: e em toda a parte, todos os dias, em todas as circumstancias distribue-se o veneno, que debilita, entorpece e mata o corpo e a alma: rebaixam-se as intelligencias, amesquinham-se os caracteres, corrompem-se os corações, destroe-se o cimento que poderia unir as pedras d'este grande edificio, isto é, a religião e a caridade: illusão como nunca houve! Zombaria V. do insensato que quizesse fazer desapparecer o sol do nosso systema, sob pretexto de vêr mais claro, dar mais regularidade ao movimento planetario, assegurar maior fertilidade á terra. São insensatos, mas muito mais criminosos e ingratos são os que pensam dispensar-se de Deus...

Dispensar-se de Deus!! E estamos no seculo XIX! Perante taes blasphemias o espirito conturba-se, aperta-se o coração: não se póde já raciocinar, mas chorar sobre esta geração de loucos.

Dir-me-ha V. que não nos podemos dispensar dos jornaes, e que toda a gente deseja estar ao corrente do que se passa. Seja assim, mas que necessidade ha de encher estes jornaes de narrações escandalosas, blasphemias impias, calumnias mentirosas, theorias vasias e subversivas da ordem e da sociedade?

Quereis caminhar com o seculo, seja assim; duas cousas são necessarias para a felicidade dos homens; a religião, que os eleva, consola, sustenta, illumina e prepara para o

céo; e os conhecimentos para desempenhar vantajosamente os seus deveres de cidadão. Porque razão, para cada mister, não haveria um jornal redigido por homens competentes na theoria e na pratica, dando parte das descobertas, offerecendo lições uteis ao progresso, desenvolvimento e perfeição d'este mister ou profissão? E' uma idéa, que me limito a indicar, não lhe attribuindo mais importancia do que não convenha. Mas para caminhar com o seculo, seria necessario calcar aos pés a religião, a moral, a justiça e o bom senso?

NOTA XIV

As festas e banquetes occupam lugar importante nas reuniões maçonicas.

Descripção de um banquete maçonico em uma Loja de Provins em 1845

(Extracto do jornal o *Franc-Maçon*, 1.° anno, p. 121).

«A sala do festim estava completamente pintada a fresco. Assim tudo estava aceado, casquilho, encantador, florido: tudo apresentava um ar de festa. O serviço activo, silencioso, attento, serio, bem organisado circulava largamente em torno de uma immensa *prancha de divisões* (mesa), disposta em fórma de ferradura. A *rede* (toalha) e as *bandeiras* (guardanapos) eram resplendentes de brancura: a *pedra bruta* (pão) da farinha mais pura, a *areia branca* (sal) e o *cimento amarello* (pimenta) do grão mais fino. *Pás* (colheres de sopa), *alviões* (garfos), e *trolhas* (colheres) do metal mais precioso, reluziam. As *peças* (copos) de côr transparente, feitas de proposito de fórmas triangulares, e as *barricas* (garrafas) estavam *alinhadas* sobre uma fita azul collocada circularmente ao longo da rede; isto se repetia dentro e fóra da officina. Cem pequenos lustres, tendo cada um uma *estrella* (vela) estavam collocados defronte uns dos outros. As *espadas* (facas), *tridentes* (garfos de trinchar), *telhas* (pratos) e *bandejas* (travessas) deixavam ouvir um retintim, que não era sem encantos, e cada um aproximava a sua peça, o *canhão* (copo) e a sua *tripeça* (cadeira) da do seu visinho, para communicar suaves impressões. As *polvoras tintas e brancas* (vinhos) estavam nas mãos de alegres Irmãos: a *polvora fraca* (agua) nas dos officiaes que serviam e tinham a seu cargo

dirigir os trabalhos, *desbastar a pedra bruta* (cortar o pão) e outros *materiaes* (alimentos), observar a *prancha* (mesa), vigiar pela distribuição das *polvoras fortes* (vinhos), *polvoras fracas* (agua) e *polvoras fulminantes* (licores), das *barricas* (garrafas) que saltavam como capsulas, da *polvora preta* (café), d'esta *pedra branca* (assucar) que os nossos irmãos pretos nos enviam, e das *descargas* usuaes (saudes..)

«Este bello banquete de Provins estava perfeitamente na letra do regulamento maçonico O *Veneravel* estava na parte superior da *Officina*, os dous Vigilantes nas extremidades, o orador no alto da columna do *meio-dia*, etc.» [1]

Banquete e saudes maçonicas

(Extracto da *Historia pittoresca da Franc-Maç.·.* por Clavel. *Introducção*).

«A festa da Ordem celebra-se duas vezes por anno, a primeira no dia de S. João d'inverno ; a segunda no dia de S. João do verão. Cada uma d'estas reuniões termina por um banquete, no qual todos os maçons, sem excepção, são obrigados a tomar parte.

«A sala, onde se celebra o banquete, deve ser como a Loja, ao abrigo das vistas profanas. Adorna-se ordinariamente de festões e suspendem-se aos muros a bandeira da *Loja* e as de todas as officinas, que enviaram deputações. A mesa tem a fórma de ferradura. O Veneravel occupa o lugar superior: os Vigilantes as duas extremidades. Os differentes artigos, que cobrem a mesa, estão dispostos em quatro linhas parallelas. A primeira linha, partindo da extremidade exterior, compõe-se dos pratos; a segunda, dos copos; a terceira, das garrafas; a quarta, das travessas.

«A loja de banquete tem um vocabulario especial: comer é *mastigar: dar uma descarga* é beber. Os convivas são obrigados a esta linguagem: e os *lapsus linguæ* são punidos com uma *descarga de polvora secca* ou um copo de agua. A mesma pena é applicavel a qualquer outra falta commettida á mesa. O instrumento do supplicio é apresentado ao réo pelo mestre de ceremonias...

«Durante o banquete levantam-se sete *toasts* ou saudes *obrigatorias*. No acto dos brindes cessa a mastigação. Os Irmãos levantam-se, collocam-se á ordem, e arremessam a *bandeira* ao hombro esquerdo. A convite do Veneravel *carregam as peças* e quando tudo está preparado, diz o Veneravel: «Meus Irmãos, vamos fazer uma saude que nos é infinitamente preciosa, é a. . Nós fazemos agora fogo, bom fogo, fogo vivo e o mais nutrido de todos os fogos. Meus Irmãos, mão direita na espada. — Levantar espadas. — Continencia de espadas. — Mão esquerda na espada! Armas na mão direita! Armas á frente! — A' face (aqui os Irmãos aproximam o copo da bocca). — Fogo! (bebe-se parte do que houver nos copos).— Bom fogo (bebe-se outra parte). — O mais vivo e nutrido dos fogos! (bebe-se o

[1] O jornal *O Franc-Maçon* (julho de 1851) observa que este Veneravel era o filho do fallecido Mocquard, secretario do presidente da republica, depois Napoleão III.

resto e despeja-se o copo). — Descançar armas! (aproxima-se o copo do hombro direito). — Armas á frente. — Façamos os signaes com as armas. — Um (leva-se o copo ao hombro esquerdo). — Dous (passa-se para o direito). — Tres (leva-se á frente). — Descançar armas. Um! Dous! Tres! (A cada um d'estes tempos os Irmãos fazem um movimento para abaixar gradualmente os copos: ao terceiro assentam-no simultaneamente e com arruido, de modo que se ouça só um som). — Mão direita espada! — Espada á frente! — Continencia d'espada! — Descançar espada (abaixa-se vagarosamente a espada). — A mim, meus Irmãos! (Todos os Irmãos, imitando o Veneravel, fazem o signal, a bateria e a acclamação).

«E' muito usado de preceder cada fogo com a expressão ou voto em favor do Irmão que se saúda. A todos os brindes se responde. O mestre de ceremonias falla em nome dos ausentes e dos novos iniciados. Logo que se brindou pelo rei, o mestre de ceremonias colloca-se no meio dos Vigilantes e falla pelo rei, fazendo-se seu interprete. Terminando o agradecimento, *dá uma descarga* pelo modo que se viu, e quebra a peça de modo que não possa tornar a servir em occasião menos solemne.

«O setimo brinde confunde-se com o encerramento dos *trabalhos de mesa*. Tendo as armas carregadas e alinhadas, estando os Irmãos de pé e á ordem e collocados em circulo, dá cada um ao seu visinho uma ponta da sua *bandeira* da direita para a esquerda, e recebe em troca uma das pontas da do outro: o que se chama formar a — *cadêa de união!* [1]

Disposição das Lojas de adopção ou de mulheres

(*Hist. pitt. da Fr.·.-Maç.·.* por Clavel, *Introducção*, p. 33).

«A sala do banquete divide-se em quatro *climas*. O oriente chama-se *Asia:* o occidente *Europa:* o sul *Africa:* o norte *America*. A mesa é em fórma de ferradura, tendo tudo preparado como nos banquetes dos homens. A presidenta tem o titulo de *Grã-Mestra:* é acompanhada pelo Grão-Mestre e toma assento no *clima* d'Asia. A *Irmã Inspectora*, auxiliada pelo Irmão inspector, e a *Irmã depositaria* pelo Irmão depositario, occupam as duas extremidades da ferradura, a primeira na região d'America, a segunda na região africana.

[1] Sete saudes! Bebendo á saude dos outros não se expõem os Irmãos a perder a propria? E tantas descargas entre tantas momices não os expõem a perder o juizo? Não é sem razão que a ultima copla d'uma canção bacchica composta e cantada pelo 1.° Vigilante d'uma loja de Paris, dá o seguinte conselho:

Bebamos, meus Irmãos, mas com prudencia.
Muitas vezes o vinho é aleivoso;
E á dôr de não podermos conhecer-nos
Póde dar-se algum passo duvidoso.

(*Globo*, jornal maçonico, p. 316).

«As Lojas de adopção tem tambem uma linguagem propria. O templo chama-se *Eden:* as portas, *barreiras:* o processo verbal, *escala:* o copo, *alampada:* o vinho, *oleo tinto:* a agua, *oleo branco:* as garrafas, *enfusas:* deitar o vinho no copo é *abastecer a alampada:* beber é *apagar a alampada:* chegar o copo á bocca é *exaltar por cinco.* Fogo! (bebe-se ou *faz-se o dever por cinco*, é executar a bateria manual).

«A *ordem* consiste em collocar as duas mãos sobre o peito, a direita sobre a esquerda, com os dous dedos pollegares reunidos formando triangulo. A acclamação é *Eva!* repetida cinco vezes.

«Fazem-se as saudes quasi pela mesma fórma que nas lojas dos homens. A Grã-Mestra serve-se igualmente do malhete para chamar a attenção da assembléa. Os annuncios transmittem-se tambem por intermedio dos officiaes de ambos os sexos que desempenham os cargos de vigilancia. Abastecem-se e alinham-se as alampadas, e quando tudo se acha preparado, a Grã-Mestra exprime-se n'estes termos: «Meus Irmãos e minhas Irmãs, a saude que vos proponho é a de... Em honra de uma saudação, que nos é tão cara, apaguemos as nossas lampadas por cinco. — Alampada na mão direita! — Apagar alampada! — Alampada á frente! — Descançar a alampada! — Uma, duas, tres, quatro, cinco.» A Grã-Mestra e todos os circumstantes, imitando-a, levam a espada quatro vezes ao peito, e ao tempo de cinco, collocam-na sobre a mesa com arruido. Depois *exaltam por cinco*, isto é, batem-se cinco vezes as palmas, erguendo outras tantas a acclamação *Eva!* etc.»

CARTA TRIGESIMA NONA

Como se serve a Fr.·.-Maç.·. da *imprensa* para completar a sua obra.

Senhor.

Esforcei-me por dizer qual era o poder do erro para desgraça das sociedades, e como elle se propaga pela imprensa, disse quanto era fatal a *liberdade da mesma imprensa*.

Resta-me provar como a Maç.·. se serve d'esta arma tão perigosa, e que parte lhe toca n'esta funesta *liberdade*, supposta conquista do espirito humano sobre o despotismo: é o que vou tentar na carta actual.

Note-se que a *liberdade de imprensa* é uma conquista da liberdade de pensamento, do livre exame e da soberania da razão, o que é tudo o mesmo. Depois de haver emancipado o pensamento, era natural emancipar tambem a *palavra* que é a sua expressão, e o *escriptor* que lhe serve de *orgão*. A Maç.·. tendo pretenção de lhe cumprir a missão de derramar a luz, esclarecer o mundo, lutar em toda a parte e sempre para assegurar o triumpho da verdade contra o erro, poderia dispensar-se da imprensa, e *imprensa livre?*

De certo que não.

Houve um tempo, em que a Fr.·.-Maç.·. devia guardar certas reservas e modificar o seu zelo pela prudencia: estas

cautelas não são necessarias hoje. A prosperidade da Ordem e a protecção que encontra nos governos dispensam-lhe a prudencia necessaria em outras épocas. Tambem graças ao patrocinio que lhe dão os thronos e os homens que os rodeiam, as publicações maçonicas podem apparecer sem receio nem vergonha aos olhos d'um publico indifferente ás idéas religiosas, o qual, cheio de indulgencia por todos os erros, só conserva desconfiança e antipathia pela religião verdadeira. A Fr.·.-Maç.·. conhece o seculo, e sabe que não precisa guardar reservas de casta alguma.

«Porque, dizia o I.·. Grisar ao Or.·. d'Anvers, não teria a Maç.·. um orgão especial ou uma revista no gosto da revista democratica?» «*Espero*, dizia alguns annos adiante o I.· Boulard ao Gr.·. Or.·. belga, que em breve a imprensa terá uma parte da sua missão a desempenhar para vulgarisar as verdades que a Maç.·. professa. *Devemos ao lado de cada um dos nossos templos, ter esta força poderosa, legal, constitucional, a imprensa. Ella deve fallar pela verdade, como se faz fallar pela mentira e ignorancia.*» Fundou-se effectivamente uma revista trimensal em 1854, muito recommendada ao zelo dos Maç.·.

A Fr.·.-Maç.·. conta um numero consideravel de Revistas, que sob fórmas diversas, com maior ou menor discrição, e reserva, propagam as idéas da Ordem. Ha algumas que simulam um certo *respeito* pela religião, como o *Franc-Maçon*, revista mensal fundada em 1847. E' o jornal orthodoxo e mystico da Maç.·. E' necessario que elle seja bastante culpado para que os maçons do progresso o insultem desapiedadamente com o epitheto de jesuita. O *Jornal dos iniciados*, destinado para fazer a propaganda Maç.·. procura evitar a citação de Maç.·. com receio de excitar prevenções. O procedimento do *Mundo Maç.*·. é mais franco e melhor caracterisado: faz guerra aos outros dous, e accusa-os de retrogrados.

E' a classe *liberal*, são os *progressistas da Maç.*·. que tem procurado eliminar das constituições o nome de Gr.·.

Architecto do Universo, como velharia, que cheira a religião, e mais ou menos embaraça a plena expansão da liberdade.

A Maç.·. revindica, como propria, a moral independente, o livre pensamento, a consciencia livre, a solidariedade. Concedemos, ainda que o não deseje o *Seculo,* a *Opinião nacional,* o *Tempo,* a *Liberdade,* o *Jornal dos debates* e *Revista dos dous mundos.* A maioria dos redactores d'estes jornaes, ou revistas, racionalistas declarados, se não são atheus são dignos filhos da Maç.·. e professam as suas doutrinas. Só fallamos aqui da França. É escusado dizer que todos os paizes, onde a Maç.·. se acha estabelecida, possuem na imprensa publicações especiaes e orgãos declarados.

Resumindo: 1.º a Fr.·.-Maç.·. estabeleceu o principio da liberdade de imprensa: é ella um dos ramos oriundos das suas raizes mais intimas e nutridas da sua seiva;

2.º Attribue-se em grande escala o beneficio d'esta liberdade e d'ella usa: mas não era bastante para o seu zelo;

3.º Fórma e penetra com o seu espirito a maior parte dos escriptores, que se encarregam de envenenar as gerações e amontoar sobre a terra trevas intellectuaes.

Aquelles mesmos dos seus escriptores, que não pertencem á Maç.·. estão imbuidos das suas doutrinas e fazem-nas passar ás suas producções litterarias: partem do mesmo principio e procuram attingir o mesmo limite: porém, a maioria está unida a ella por laços mais intimos de filiação e pertence a alguma Loja. Já observamos que os philosophos do seculo XVIII, que foram mais celebres e fizeram guerra mais tenaz á Igreja eram Fr.·.-Maç.·. Quem não sabe que Proudhon morreu Fr.·.-Maç.·.? Conta-se que no dia da sua recepção como Aprendiz, á pergunta, que lhe dirigiu o Venerável: *Que deve o homem a Deus?* este impio furioso ousou responder por estas palavras satanicas, que espantaram a Maç.·. mesma, sem comtudo a escandalisar muito: *Guerra a Deus.* O famosissimo Renan, que ensina ser o culto do sol o unico racional e scientifico, e que elle é o Deus particular do

nosso planeta (Segur, pag. 70), Renan, digo, é Fr.·.-Maç.·. e Grande Chanceller da Ordem.

Poderiamos, sem muito trabalho, formar uma lista dos escriptores da nossa época, que reconheceram a Fr.·.-Maç.·. por mãi, sahiram do seu molde e não desmentiram a primeira origem e a sua educação Maç.·.... Deixemol-os dormir em paz sob a mortalha que envolve o seu cadaver, ou sob o segredo do véo, conservar o seu incognito. Não me é necessario isto para a demonstração. Já o disse, o que a Fr.·.-Maç.·. não póde fazer por si, executa-o pelos seus auxiliares. Todo o escriptor, que consagra o seu talento a combater a superstição, esse flagello da especie humana, para substituir-lhe o codigo sublime da moral e da natureza (I.·. Ragon) está certo de conquistar a sua estima e sympathias. Mas deseja V. aferir mais uma vez a pureza da moral Maç.·. e até que ponto n'este genero ella leva a sua delicadeza? Eugenio Sue é bastante conhecido em França pelas suas obras para que não seja preciso fazer-lhe agora o processo. Sabe-se que em 1857 o tribunal correccional condemnava os *Mysterios do povo* (obra começada em 1839 e continuada até 1857) como destruindo todos os principios, em que assentam a religião, a moral e a sociedade, fazendo a apologia do incendio, roubo, latrocinio, invertendo a moral religiosa, prégando o odio ao governo, excitando á revolta, ultrajando os bons costumes por meio de descripções immoraes, quadros obscenos e indecentes, rehabilitando os actos mais odiosos e criminosos, condemnados em todas as épocas e por todas as sociedades. Pois quer V. saber o que a Maç.·. pensava d'este escriptor e das suas obras? Por certo que não exigiriamos que ella renegasse os principios d'Eugenio Sue, que são os seus, mas seria ella obrigada a engrandecer as suas obras, verdadeiro fóco de corrupção e monturo nauseabundo, composto das mais asquerosas immundicies? Em 1845 a Loja Maç.·. d'Anvers conferia por unanimidade uma penna d'ouro ao nobre e corajoso escriptor, como debil penhor de reconhecimento e sympathia que sentia por tudo

quanto era grande e bello. E a Loja de Bruxellas não querendo ficar áquem, offerecia ao mesmo tempo e por iguaes motivos uma medalha d'ouro ao brilhante romancista. Não desgostará V. de conhecer a carta que lhe foi endereçada por essa occasião. Este documento é realmente instructivo e adaptado para dar-nos uma medida exacta da elevação dos sentimentos, nobreza de idéas e pureza de moral, que distinguem estes senhores, e de que Eugenio Sue era a seus olhos a mais elevada personificação.

«Anvers, 23 de janeiro de 1845.

«Senhor.

«Compenetrados do profundo sentimento de estima e admiração pelos uteis trabalhos a que sem repouso vos dedicaes, cujo fim é tão alto e nobre, porque se trata do melhoramento e bem estar da sociedade em geral, desde o operario laborioso, que reclama a sua parte do grande trabalho social, até ás classes mais elevadas, temos a honra de informar-vos que os membros da Loja maçonica *Perseverança* de Anvers, decidiram por unanimidade offerecer-vos uma penna d'ouro, como debil testemunho do seu reconhecimento e da sympathia que sentem por tudo quanto é grande e bello. Os membros da Loja não desconhecem as difficuldades innumeraveis que deveis encontrar no seguimento da severa tarefa que vos impozestes: tambem não ignoramos quanto é formidavel o numero de nossos inimigos, e que não omittem sacrificio algum para assegurar o triumpho de sua obra de trevas: mas confiam, que vossas obras, esclarecendo os povos a respeito dos seus direitos naturaes, hão-de paralysar os effeitos das suas doutrinas impuras: e satisfeita que seja a nossa tarefa, dirá então com orgulho a Europa civilisada: «Honra a Eugenio Sue! Honra ao nobre e corajoso escriptor!»

Eugenio Sue agradeceu aos membros da Loja maçoni-

ca d'Anvers a carta que lhe escreveram e a penna d'ouro que a acompanhava: «Acreditai, senhores, lhes dizia a 18 de fevereiro, que me sinto tão lisongeado como profundamente agradecido por esta prova de vossa sympathia benevola, tão honrosa e agradavel para mim. A vossa adhesão me causa orgulho, mas impõe-me deveres. Quero esperar que á mingoa de talentos o meu zelo, convicções e perseverança me auxiliarão a cumprir a minha parte da nobre tarefa a que naturalmente vos haveis dedicado... Graças á merecida e larga influencia que as lojas maçonicas adquirem de dia para dia na Belgica, ellas se acham á frente do *partido liberal socialista*... Eugenio Sue.» (Extrahido do *Oriente*, Revista Universal da Fr.·.-Maç.·. Paris, 1844-45, pag. 218).

Quaes tem sido as consequencias d'esta imprensa impia que propaga com igual ardor a incredulidade e a immoralidade? É inutil dizel-o, porque cada qual o póde vêr com seus olhos.

Eis aqui como Gregorio XVI, escrevendo aos bispos do orbe catholico, esboçava o quadro do estado deploravel a que a conspiração das sociedades secretas reduziu a Igreja e a sociedade civil:

«Fallamos-vos, Veneraveis Irmãos, do que vedes, e do que choramos e gememos ao mesmo tempo. É o triumpho d'uma maldade sem freio, sciencia sem pudor, licença sem limites. As cousas santas são desprezadas, e a magestade do culto divino, que é tão poderosa como necessaria, é censurada, profanada, entregue á irrisão por homens perversos. Por isso corrompe-se a sã doutrina, e propagam-se com desassombro os erros de toda a sorte. Nem as leis santas, nem a justiça, nem as maximas ou as regras mais respeitaveis estão ao abrigo dos ataques das linguas de iniquidade. Esta cadeira do bemaventurado Pedro, em que nos achamos sentados, e Jesus Christo collocou o fundamento da sua Igreja, está violentamente agitada e os laços da unidade debilitam-se e rompem-se de dia para dia. A authoridade divina da Igreja é aggredida, os seus direitos annullados, subordinada

a considerações terrestres e reduzida a uma escravidão vergonhosa, com profunda injustiça: é tambem entregue ao odio dos povos. Nega-se a obediencia devida aos bispos, e atropellam-se os seus direitos. Nas academias e gymnasios derramam-se opiniões novas e monstruosas, que não atacam a religião catholica em segredo e com rodeios, mas fazem-lhe abertamente guerra publica e criminosa: porque, quando a mocidade está corrompida pelas maximas e exemplos de seus mestres, o desastre da religião é muito maior e a perversidade dos costumes muito mais profunda. Quando se sacode o freio da religião por meio do qual unicamente subsistem os reinos e se fortifica a authoridade, vemos caminhar progressivamente a ruina da ordem publica, a queda dos principes, a destruição de todo o poder legitimo. Este montão de calamidades provém principalmente da conspiração d'essas sociedades em que se despejou tudo quanto de sacrilego, vergonhoso e blasphemo havia nas seitas e heresias mais criminosas, como n'uma sentina, com a mistura de todas as immundicies.»

Concluindo, a Fr.·.-Maç.·. estabeleceu o principio da *liberdade de imprensa:* usa d'elle em larga escala: fórma os escriptores, prepara os leitores, excita as publicações mais immoraes e revolucinarias. É o que fica demonstrado. Esta liberdade, como provamos, é de todos os meios de corrupção para os individuos e sociedades, o mais efficaz e terrivel, porque alterando as doutrinas e falseando os principios, desvairando as intelligencias e pervertendo o sentimento moral, é pela raiz que o erro ataca a arvore e secca no homem as fontes da vida racional. Esta funesta liberdade, excitando e justificando todas as paixões, prepara e provoca todas as revoluções: abala os fundamentos dos estados e multiplica as ruinas intellectuaes e moraes.

Este *meio* é tanto mais poderoso quanto encontra auxiliares em todas as paixões: esta *arma* é tanto mais terrivel quanto fere na sombra, sem que possam prevenir-se os seus golpes: este *veneno,* finalmente, é tanto mais fatal quanto é

propinado a todas as classes da sociedade como alimento quotidiano, e quanto a decocção é mais grata ao paladar e occulta melhor, sob as apparentes doçuras, as funestas consequencias.

Resta-nos agora considerar que arte satanica desenvolve a Maç.·. para assegurar á sua acção toda a sua efficacia e conseguir o fim a que mira. Ella mesma nos vai desenrolar á vista, e explicar minuciosamente as molas da sua politica, verdadeiramente infernal. É o que vou tratar.

CARTA QUADRAGESIMA

Terceiro meio. — A Fr.·.-Maç.·. para *destruir a religião* procura *dominar a Igreja.*

Senhor.

Será sufficiente para a Maç.·. apoderar-se da *mocidade* pela educação, estender sobre todas as classes da sociedade sua influencia deleteria, por meio d'uma *imprensa* impia? Não, ella guinda mais alto suas pretenções. Não lhe bastava formar á sua semelhança as gerações nascentes, e infiltrar no corpo social, com o seu espirito e sentimentos, o veneno que a mata. Ella quiz infectar até as fontes da vida christã: e alargando o seu dominio sobre o augusto chefe da Igreja, viciar, desvairar e perverter a sua acção. Comprehendendo perfeitamente, que o elemento religioso é o mais poderoso de todos, e que não conseguiria derribar os governos sem o concurso do *chefe tão respeitado* do catholicismo, tem ao seu serviço o poder moral de que elle dispõe, concebeu a idéa e o projecto de vêr se o alcançava e dedicou-se á faina para executar este projecto infernal. Aqui, como em tudo o mais, não quero ser crido sob minha palavra: em assumpto tão grave preciso testemunho que não possa rejeitar-se, authoridade, a que ninguem possa recusar seu assentimento.

Temos esta authoridade e este testemunho. O documento que reproduzo aqui foi pela primeira vez publicado por Cretineau-Joly na sua obra a *Igreja perante a Revolução.* (Tom. II, pag. 82). É uma instrucção secreta dirigida ha qua-

renta annos a todas as *Vendas* pela *Venda suprema do carbonarismo*. Este documento bastaria para demonstrar a verdade de todas as accusações feitas á Maç.·., e encontra em tudo quanto havemos dito até aqui a prova da sua verdade: é porque está de accordo com os outros esclarecimentos que temos, confirma-os e é por elles confirmado.

Ahi se acham formulados com clareza:

O *fim* ultimo a que se propõe a Maç.·.

O *meio* que ella crê mais efficaz e necessario para attingil-o.

O *methodo* indicado para desviar os obstaculos que se podem oppôr á realisação do seu plano.

A *preparação* e o andamento que deve seguir-se gradualmente.

Finalmente, os *resultados* certos que se esperam obter.

D'aqui resulta um aviso solemne dado á Igreja pela Maç.·., mas especialmente ao *joven clero,* aos seminarios e outros estabelecimentos, onde a mocidade se fórma. Foi já applicado efficazmente este plano diabolico em alguns paizes? Não se obtiveram os primeiros resultados em algumas partes pelo menos? Deixamos a outros mais illustrados do que nós o cuidado de decidil-o. Mas o que a Maç.·. ainda não pôde fazer, espera conseguil-o cedo ou tarde.

Transcrevo aqui na integra as instrucções que a Venda suprema endereçava a todas as Vendas ha quarenta para cincoenta annos. Este documento é tão importante, revela-nos tão exactamente o espirito da seita, que nada devo omittir-lhe.

«Desde que nos constituimos em corpo de acção e que a nossa Ordem reina tanto no fundo da Venda mais distante como da que mais se avisinha do centro, ha um pensamento que sempre preoccupou os homens, que aspiram á regeneração universal: é o *livramento* da Italia, d'onde deve resultar em dia determinado a alforria do mundo inteiro, a *republica fraternal* e a *harmonia da humanidade*. Este pensamento não foi ainda comprehendido pelos nossos Irmãos

do lado de lá dos Alpes. Elles crêem que a Italia revolucionaria só póde conspirar na sombra, distribuir algumas punhaladas a esbirros e traidores, e soffrer tranquillamente o jugo dos successos que se verificam além dos montes pela Italia, mas sem a Italia. Este erro nos foi já fatal muitas vezes: não devemos combatel-o com phrases; seria o mesmo que propagal-o: é mister acabar com elle por meio de factos. Por isto, entre os cuidados que tem o privilegio de agitar os espiritos mais poderosos das nossas *Vendas*, ha um que não devemos esquecer.

«O *Papado* exerceu sempre uma acção decisiva nos negocios da Italia. Pelo braço, voz, penna e coração dos seus numerosos bispos, padres, frades, religiosas e fieis de todos os paizes, o papado tem sempre pessoas dedicadas para o martyrio e para o enthusiasmo. Em toda a parte onde os chama, encontra amigos que morrem por elle ou que se privam de tudo por sua causa. É uma alavanca immensa, cuja força só alguns papas avaliaram, empregando-a com tudo com muita parcimonia. Não se trata hoje para isso de restabelecer esse poder cujo prestigio momentaneamente se acha debilitado: o nosso *fim principal* é o de *Voltaire* e *da Revolução franceza:* o aniquilamento perpetuo do catholicismo e até da idéa christã, que, no caso de permanecer de pé sobre as ruinas de Roma, viria a perpetuar-se mais adiante. Para attingir porém com mais certeza este fim e não prepararmos com satisfação revezes, que addiam indefinidamente e compromettem no futuro o exito de uma boa causa, não devemos escutar esses francezes vaidosos, os nebulosos allemães, e os tristes inglezes, que crêem todos matar o catholicismo, umas vezes com uma canção obscena, outras com uma deducção illogica, outras com um sarcasmo insolente, que passa como contrabando, como os algodões d'Inglaterra. O catholicismo tem vida mais tenaz do que isto. Elle viu inimigos mais implacaveis e terriveis, e divertiu-se lançando agua benta no tumulo dos mais furiosos. Deixemos pois nossos irmãos d'aquelles

paizes entregar-se ás intemperanças estereis do seu zelo anti-catholico: consintamos-lhes até que zombem das nossas Imagens de Nossa Senhora e da nossa apparente devoção. Com este passaporte podemos conspirar á vontade, e pouco a pouco chegar ao termo proposto.

«O papado ha dezeseis seculos que é inherente á historia d'Italia. Não póde ella respirar nem mover-se sem licença do pastor supremo: com elle tem os cem braços de Briareo: sem elle está condemnada a uma impotencia lamentavel. Só tem divisões para fomentar, odios para patentear, hostilidades para levantar desde a primeira cordilheira dos Alpes até ao ultimo monte dos Appeninos. Nós não podemos querer semelhante estado de cousas: importa pois procurar um remedio a esta situação. O remedio está achado. O papa, quem quer que seja, não virá ás sociedades secretas: é ás sociedades secretas a quem cumpre dar os primeiros passos para a Igreja a fim de vencel-os ambos (o papa e a Igreja).

«O trabalho, que vamos emprehender não é obra nem de um dia, nem de um mez ou anno: póde durar muitos annos, um seculo talvez: mas em nossas fileiras morre o soldado e o combate continua.

«Não entra na nossa mente ganhar os papas para a nossa causa, fazer d'elles neophytos para os nossos principios, propagadores das nossas idéas. Seria um sonho ridiculo, e por qualquer modo que os successos volteiem, que os cardeaes ou prelados, por exemplo, hajam entrado por vontade ou surpreza em uma parte dos nossos segredos, não é isto uma razão para desejarmos a sua elevação á cadeira de Pedro. Esta elevação perder-nos-hia: bastava a ambição para os impellir á apostasia, a necessidade do poder havia de forçal-os a immolar-nos. O que devemos pedir, procurar e encontrar, como os Judeus esperam o Messias, é um papa adaptado ás nossas necessidades. Alexandre VI, com todos os seus crimes particulares, não nos conviria, porque nunca errou em materias de fé. Um Clemente XIV, pelo contrario,

seria o que nos convinha em toda a extensão. Borgia era um libertino, verdadeiro sensualista do seculo XVIII, extraviado no XV. Apesar dos seus vicios foi anathematisado por todos os vicios da philosophia e incredulidade, e deve este anathema ao vigor, com que defendeu a Igreja. Ganganelli entregou-se com os pés e punhos ligados aos ministros dos Bourbons, que lhe incutiam medo, aos incredulos, que celebravam a sua tolerancia, e Ganganelli tornou-se um grande papa. É pouco mais ou menos outro assim que nos convinha agora, sendo possivel. Assim marcharemos com mais firmeza ao assalto da Igreja do que com os escriptos dos nossos irmãos da França, e até com o ouro d'Inglaterra. Quereis saber a razão d'isto? É porque por este modo para destruirmos o rochedo, sobre que Deus fundou a sua Igreja, não precisamos de vinagre corrosivo, polvora, ou mesmo dos nossos braços: teremos o pequeno dedo do successor de Pedro envolvido na conspiração, e este pequeno dedo vale, n'esta cruzada, todos os Urbanos II e S. Bernardos da christandade.

«Não duvidamos chegar a este termo supremo de nossos esforços: mas quando e como? Ainda se não acha desembaraçada a incognita. Sem embargo, como nada nos deve desviar do plano traçado, e pelo contrario tudo deve concorrer para elle, como se o exito feliz devesse coroar desde o dia de ámanhã a obra apenas planeada, queremos n'esta iustrucção, que ficará secreta para os simples iniciados, dar aos propostos da Venda Suprema conselhos que deverão transmittir á universalidade dos irmãos, sob a fórma de doutrina ou *memorandum*. Importa principalmente e por uma discrição cujos motivos são palpaveis, nunca deixar presentir que estes conselhos dimanem das ordens d'esta *Venda*. Manobra-se ahi em demasia com o clero para que possamos a esta hora brincar com elle como com um d'esses pequenos soberanos ou principes, que um sôpro faz desapparecer.

«Pouco ha que fazer com os velhos cardeaes ou prelados, cujo caracter é bastante decidido: é mister deixar os

incorrigiveis á escóla de Consalvi, ou procurar nos nossos arsenaes de popularidade as armas, que tornarão ridiculo ou inutil o poder nas suas mãos. Uma *palavra* que se inventa com habilidade e se tem a arte de derramar em certas familias honradas e escolhidas, para que d'ahi desça aos botequins e d'estes para as ruas: *uma palavra póde algumas vezes matar um homem.* Se um padre chegar de Roma para exercer alguma funcção publica nos confins da provincia, indagai logo qual é o seu caracter, antecedentes, qualidades e defeitos principalmente. É elle um inimigo declarado? um Albani, um Palotta, um Bernetti, um Della Genga, um Rivarola? Envolvei-o com todos os laços que poderdes armar-lhe debaixo dos pés: creai-lhe uma d'essas reputações que atemorisam os pequenos meninos e as mulheres velhas; pintai-o cruel e sanguinario: contai alguns rasgos de crueldade que possam gravar-se facilmente na memoria do povo. Quando os jornaes aproveitarem por nossa intervenção estas narrações, que aformosearão inevitavelmente, *pelo respeito para com a verdade,* mostrai, ou antes fazei mostrar, por algum respeitavel imbecil, essas folhas onde estão relatados os nomes e os excessos arranjados dos individuos. Á Italia não faltarão, como não faltam em França e Inglaterra, d'estas pennas, que sabem aparar-se nas mentiras uteis á boa causa. Com um jornal, cuja lingua elle não comprehende, mas onde encontrar o nome do seu juiz ou delegado, o povo não precisa de outras provas. Elle está na infancia do liberalismo, crê nos liberaes, como depois crerá em *nós, não sabemos muito em quê.*

«Esmagai o inimigo quem quer que elle seja, esmagai o poderoso á força de maledicencias ou *calumnias:* mas principalmente esmagai-o no ovo. É á mocidade que devemos dirigir-nos: é a ella que *devemos seduzir,* sem que o desconfie, sob o estandarte das sociedades secretas. Para caminhar com passos contados, mas seguros, n'esta via perigosa, duas cousas são indispensaveis. Deveis simular a simplicidade das *pombas,* e a prudencia das serpentes. Vossos

paes, filhos, e mulheres até devem sempre ignorar o *segredo que guardaes no peito:* e se vos aprouvesse para melhor illudir as vistas inquisitoriaes, *de ir muitas vezes á confissão,* estaes como de direito authorisados a guardar o silencio mais absoluto sobre estas cousas. Vós sabeis, que a minima revelação, o mais leve indicio que escape no tribunal da penitencia ou em outra qualquer parte, póde acarretar grandes calamidades, e que o revelador voluntario ou involuntario assigna a sua sentença de morte.

«Ora, pois, para assegurar um papa como nós o queremos, deve-se-lhe adaptar uma geração digna do reinado que imaginamos. Deixai de lado a velhice e a idade madura: ide á mocidade, e, se é possivel, até á infancia. Nunca tenhaes para ella uma palavra de impiedade ou impureza: *Maxima debetur puero reverentia:* nunca esqueçaes estas palavras do poeta, porque ellas vos servirão de salva-guarda contra as licenças de que importa essencialmente abster-se no interesse da causa. Para fazel-a fructificar no seio de cada familia, para terdes direito de asylo no lar domestico, deveis apresentar-vos com todas as apparencias do homem grave e moral. Estabelecida a vossa reputação nos collegios, lyceus, universidades e seminarios, tendo captado a confiança dos professores e estudantes, esforçai-vos principalmente para que os que se alistam *na milicia clerical procurem a vossa convivencia.* Nutri os seus espiritos com o antigo esplendor de *Roma papal;* existe sempre no fundo do coração do italiano um pesar pela *Roma republicana.* Confundi *estas duas recordações* com habilidade. Excitai, electrisai estas naturezas tão susceptiveis de incendiar-se, tão cheias de patriotico orgulho. Offerecei-lhes primeiramente, mas sempre em segredo, *livros inoffensivos,* poesias fulgentes com emphase nacional, e pouco a pouco trareis os vossos *babosos ao grau requerido.* Quando em todos os pontos do estado ecclesiastico este trabalho quotidiano tiver derramado nossas idéas como a luz, então podereis apreciar a prudencia do conselho de que tomamos a iniciativa.

«Os acontecimentos que, como pensamos, se precipitam com grande velocidade, vão chamar necessariamente d'aqui á alguns mezes uma intervenção armada da Austria. Ha loucos, que, com alegria, se comprazem em arremessar os outros nos perigos: e sem embargo são estes loucos que em hora certa arrastam até os prudentes. A revolução que se faz meditar á Italia só terminará em desgraças e proscripções. Nada está maduro ainda, nem os homens nem as cousas, e nada o será por muito tempo ainda; mas d'estas desgraças podereis facilmente vibrar nova corda no coração do clero novo, e será *o odio ao estrangeiro*. Fazei com que o allemão se torne ridiculo e odioso antes mesmo da sua entrada prevista. A' idéa da *supremacia pontificia* ajuntai sempre a lembrança *das guerras do sacerdocio com o imperio*. Resuscitai as paixões mal apagadas dos *Guelfos e Gibelinos* e assim com pouco trabalho alcançareis uma reputação de *bom catholico e patriota puro*.

«Esta reputação dará entrada ás nossas doutrinas no seio do *clero novo*, assim como no fundo dos conventos. Dentro de alguns annos este clero terá, pela força das cousas, invadido todas as funcções: governará, administrará, formará o conselho do soberano: será chamado para a escolha do futuro pontifice, e este pontifice, como a maioria dos seus contemporaneos, estará mais ou menos imbuido nos principios italianos e humanitarios, que vamos principiar a pôr no giro. E' um pequeno grão de mostarda que confiamos á terra: mas o sol das justiças fal-o-ha germinar até á sua mais elevada potencia, e vereis um dia que rica seara este pequeno grão ha-de produzir.

«No caminho que abrimos aos nossos irmãos, encontram-se grandes obstaculos para vencer; difficuldades de mais de uma especie a superar: pela experiencia e pela perspicacia se ha-de triumphar: mas o fim é tão justo que para attingil-o importa largar todas as velas. *Quereis revolucionar a Italia? Procurai o papa, cujo retrato acabamos de esboçar*. Quereis estabelecer o reinado dos eleitos no

throno da prostituta de Babylonia? Ande o clero debaixo das vossas bandeiras, pensando que marcha sempre sob o estandarte *apostolico*. Quereis fazer desapparecer o ultimo vestigio dos tyrannos e oppressores? Lançar as vossas redes como Simão Bar Jona? Lançai-as no fundo das sacristias, seminarios e conventos antes do que no fundo dos mares: e se nada precipitaes, nós vos promettemos uma pesca mais miraculosa do que a sua. O pescador de peixes torna-se pescador de homens: chamareis amigos em torno da cadeira apostolica. Tereis pescado uma revolução com tiara e capa d'asperges, marchando com a cruz e com a bandeira, revolução que só precisará de ser um pouco aguilhoada para incendiar os quatro cantos do mundo.

« Deve cada um dos actos da vossa vida tender á descoberta d'esta pedra philosophal. Os alchimistas da idade media perderam o seu tempo e ouro em procura d'este sonho. O das *sociedades secretas* realisar-se-ha por uma razão muito simples, porque se *funda nas paixões humanas*. Não nos desanimemos, pois, por uma derrota, revez ou contratempo: preparemos as nossas armas no silencio das *Vendas*: assestemos as nossas baterias, lisongeemos todas as paixões, tanto as mais perversas como as mais generosas, e tudo nos induz a crêr que este plano será bem succedido algum dia, mesmo além dos nossos calculos menos provaveis.» (Cretineau-Joly, *A Igreja Romana em presença da Revolução*, tom. II, p. 82).

Resumamos este plano:

1.º Qual é o ultimo fim da Maç.·.?

O nosso fim é o de Voltaire e da Revolução franceza: o aniquilamento perpetuo do catholicismo e até da idéa christã.

2.º Qual é o meio principal para attingil-o?

O papado exerceu sempre uma acção decisiva nos negocios de Italia: quem quer que seja o papa, nunca elle virá ás sociedades secretas: cumpre a estas dar os primeiros passos para a Igreja.

Não procuramos captar os papas para a nossa causa, tornal-os propagadores das nossas idéas. O que devemos procurar é um papa em conformidade com as nossas precisões; papa que se entregue aos governos que lhe causam susto, e aos incredulos que festejam a sua tolerancia.

3.º Como se hão-de derribar os obstaculos?

Ha pouco que esperar dos velhos cardeaes ou dos prelados cujo caracter é decidido. E' necessario desacredital-os pelo *ridiculo, calumnia e mentira*. Esmagai o *poderoso* á força de maledicencias e calumnias, mas principalmente esmagai-o no ovo.

4.º Em que consiste a preparação remota?

Deve-se procurar a mocidade, é ella que devemos seduzir e arrastar sem que o desconfie.

Para conseguil-o é mister o *maior segredo: dissimular*, e se isto é util, fingir: a *hypocrisia e o sacrilegio* podem servir:

Nunca empregar uma palavra impura ou impia ante os mancebos:

Tomar as exterioridades de homem *grave e moral:*

Estabelecer com solidez a sua reputação nos collegios, lyceus, universidades e seminarios:

Excitar o seu enthusiasmo pelo antigo esplendor da Roma papal, confundindo juntamente no coração do italiano, o pesar da *Roma republicana*.

5.º Marcha graduada e progressiva que é mister seguir.

Facilitar primeiro livros inoffensivos, e *em segredo*, poemas, etc., etc.

Depois trazei pouco a pouco os vossos babosos ao grau requerido.

Por occasião da *intervenção austriaca*, que vai ser necessaria, excitareis o odio do estrangeiro, e tornai-o odioso. Resuscitai as paixões mal apagadas dos *Guelfos e Gibelinos*. A' idéa de *supremacia pontificia* ajuntai as recordações das guerras do sacerdocio e imperio, assegurai a vossa re-

putação de bom catholico e patriota puro. Esta reputação abrirá a entrada ás nossas doutrinas no seio do joven clero, como no fundo dos *conventos*.

6.º Que resultados se alcançarão?

Dentro de alguns annos este *joven clero* terá pela força das cousas, invadido todas as funcções, e formará o conselho do soberano: será chamado a *escolher o pontifice*. Este pontifice será mais ou menos imbuido dos principios italianos e humanitarios. O grão de mostarda confiado á terra produzirá rica colheita.

Medite V. as duas ultimas paginas da Instrucção, que acaba de lêr, e diga-me se todo o plano não é digno de Satanaz: infernal no fim a que mira, nos meios que indica, na marcha que segue, e na malicia com que explora as paixões ruins.

Resta-me só dizer uma palavra ácerca das rodas principaes de que a Maç.·. se serve para exercer a sua acção e realisar seus planos. A sua organisação por este lado, como por outros muitos, nada deixa que desejar.

Da mesma fórma que o verdadeiro fim da sociedade e os meios empregados para attingil-o, são apenas conhecidos por um diminuto numero de membros elevados aos graus superiores: assim tambem a alta direcção de todo o corpo, o commando de todo o exercito, e o plano da campanha, tudo isto está reservado a um *conselho superior*, cujos membros não são conhecidos de todos os Maç.·. Ahi se tomam determinações importantes; d'ahi partem o impulso e movimento, a senha e instrucções secretas. Ahi está a *cabeça e alma da Maç.·.* Já o dissemos fallando da organisação da sociedade, ha uma dependencia e subordinação real, uma especie de hierarchia entre os graus: mas em ultima instancia o principio de acção e movimento é o *conselho supremo*, onde se preparam e elaboram os planos, e se tomam decisões importantes.

No segundo grau collocamos as *reuniões ordinarias das Lojas*. Ahi se transmittem a todos os membros as resoluções

que podem transmittir-se: concertam-se os trabalhos proprios das Lojas: dão-se instrucções necessarias aos membros que a compõe. Ha, de certo, outras reuniões particulares das Lojas, privativas de certos graus, e fracções Maç.·. Nós queremos aqui dar sómente uma idéa geral do governo.

No terceiro grau acham-se os *clubs*. Duas cousas parecem-me distinguil-as e formar-lhes o caracter especial: 1.º o club compõe-se de elementos, menos escolhidos do que a Loja, e cobre-se d'um segredo menos impenetravel: 2.º elle parece ter por fim indicar aos homens de *acção* a tarefa a preencher, e multiplicar os auxiliares da Fr.·.-Maç.·. para a execução dos seus projectos. Ahi se preparam geralmente as agitações: ahi as paixões exagitadas elevam-se pela fermentação até á altura das revoluções e de actos energicos. Se o *conselho supremo* é a cabeça do corpo Maç.·., os clubs são os seus braços. A um pertence o *plano e impulso,* aos outros a *execução*.

Mas ao mesmo tempo que ella favorece as reuniões mais perigosas e fataes para a tranquillidade publica, união das familias, prosperidade dos Estados, dir-se-hia que a Maç.·. por um calculo perfido, emprega todos os meios de que póde dispôr para impedir as reuniões religiosas, crear obstaculos ás festas christãs, e embaraçar a pompa e solemnidade do culto catholico. Será o resultado d'um plano traçado e seguido? Será a consequencia natural do debilitamento da fé, ou sequencia de temor exagerado e reserva meticulosa da parte da administração? Não sei: mas o que é bem certo é que pouco a pouco quasi em toda a parte se conseguiu fazer supprimir as bellas procissões do Corpo de Deus, e da Assumpção, assim como as grandes demonstrações religiosas que tinham lugar por occasião das *missões*. E' assim que se fazem coincidir as festas puramente civis com as mais solemnes da Igreja. Os concursos regionaes, as carreiras de cavallos, as exposições diversas fazem uma triste concorrencia á solemnidade, que envolvia a celebração dos mysterios mais augustos da religião. Não parece finalmente que certos em-

preiteiros de obras e architectos tomaram o cuidado de embaraçar o operario de santificar o domingo? A impiedade comprehende perfeitamente que supprimir o domingo e as festas christãs, subtrahir o homem á influencia da Igreja, prival-o da instrucção religiosa, que é a primeira necessidade da sua alma, desvial-o da pratica dos sacramentos, é o meio infallivel de democratisal-o, tornal-o docil auxiliar das sociedades secretas, ameaça para o Estado e instrumento para a revolução.

Mas é tempo de tratarmos outra questão: temos apenas a dar um passo para conhecer a fundo o poder da Maç.·., de que dispõe com tanta astucia, empregando meios efficazes para conseguir os seus intentos. Será este o assumpto da proxima carta.

CARTA QUADRAGESIMA PRIMEIRA

A Fr.·.-Maç.·. esforça-se por elevar os seus adeptos aos lugares importantes, excluindo os que o não são.

Senhor.

Seja-me licito reproduzir aqui os artigos 4.º e 5.º das constituições Maç.·.

A Fr.·.-Maç.·. aspirando a estender a todos os membros da *humanidade os laços fraternos* que unem os Fr.·.-Maç.·. em toda a superficie do globo, recommenda a todos os Maç.·. a propaganda Maç.·. pela palavra, escriptos e bom exemplo.

«O Maç.·. é obrigado em todas as occasiões a auxiliar e proteger seus irmãos até com perigo de vida e defendel-o contra a injustiça.»

Nada mais simples e innocente na apparencia: mas, ao mesmo tempo nada é mais ameaçador e realmente perigoso quando se trata de uma sociedade cujo fim, acção e presença fogem, tornando-se incoerciveis. Vimos já a applicação d'estes principios até no campo de batalha na carta vigesima, isto é, nas circumstancias em que é mui difficil que o Fr.·.-Maç.·. possa reconhecer seu irmão no inimigo que deve combater, e mais difficil ainda estender-lhe a mão sem comprometter-se gravemente aos olhos dos seus. Mas se as prescripções da Ordem são respeitadas até no calor dos combates, no meio

das balas e granadas, em presença da morte e com o risco de ser punido como traidor á patria, que deverá ser, quando a sua observancia não apresenta perigo algum? Se se concede protecção a um estrangeiro, a um inimigo do paiz, que se tem a missão de combater e repellir, que se fará para aquelles em quem se reconhecem não só Irmãos Maç.·., mas filhos da mesma patria, que não ha razão de repellir ou odiar? Pois sois obrigados a fazer propaganda por todos os meios, de que dispondes, é-vos prescripto auxiliar e proteger vosso Irmão Maç.·. em todos os casos, com perigo até da vida: as leis inexoraveis da guerra não embaraçarão o Maç.·. de observar esta prescripção: e vós, magistrado, por exemplo, não empregareis a vossa influencia em prol de vossos irmãos *accusados e convencidos* talvez, cuja sorte está entregue em vossas mãos? «Que garantia, diz a este respeito a *Patria* de Bruges (29 de outubro de 1858), póde offerecer o homem, ligado pelos seus juramentos de fraternidade, aos litigantes que lhe confiam seus interesses?... A quem importa mais do que a um juiz de conservar sempre a liberdade que não lisongeie as paixões proprias, nem as dos outros, nem se inspira de sentimentos nobres? Mas existe esta liberdade no Maçon? Não, a confiança dos litigantes em semelhante magistrado é impossivel. Desapparecem as garantias d'imparcialidade. A justiça não é a divindade que sustenta a balança em equilibrio entre as partes e tem os olhos vendados, para não distinguir entre os homens sobre que vai proferir-se a sentença: a sua balança sustenta um peso que a paixão arremessa sempre para um dos pratos: a venda está furada e o olhar maligno distingue-se; é um adversario ou um partidario a quem a sentença deve referir-se: que é feito então da dignidade do tribunal, da sentença do juiz, do respeito da causa julgada, do interesse social?»

Em tal estado de cousas, diz o snr. Neut, os juizes deixam de ser juizes, são partes: não proferem *sentenças* mas fazem *serviços*. Por isso Eckert demonstra que a Maç.·. é incompativel com as funcções de juiz. «A que ponto estaria-

mos reduzidos, exclama elle, se pelos juramentos da politica da Ordem, todos os lugares da magistratura fossem dados á Maç.·.? N'este caso o poder judicial passaria do Estado para as mãos de uma pessoa moral, dependeria não de um Estado *particular* mas de um Estado *universal.*» (A Fr.·.-Maç.·. na sua verdadeira significação, t. I, p. 144).

Já dissemos que a Fr.·.-Maç.·. quer *destruir o exercito:* em quanto o não supprime, esforça-se para corrompel-o e chamar os seus chefes. Quer *mal á magistratura:* em quanto a não abole, procura dominal-a, fazendo ahi penetrar os seus adeptos e principios. Aviso é para o exercito e para a magistratura.

Não é este porém o principal perigo, que no seio de uma nação cria a existencia de uma sociedade secreta.

Supponhamos por um momento que a Fr.·.-Maç.·., graças á sua poderosa influencia, manobras occultas e intrigas, consegue collocar á frente de uma administração um homem segundo o seu coração, com o seu espirito, verdadeiro maçon: administração do correio, dos caminhos de ferro, dos carris movidos a vapor, banco de França, credito predial, etc., seja no que fôr, que acontece? Por um lado este homem tem á sua disposição um grande numero de lugares de que póde dispôr arbitrariamente: encontra-se senhor da sorte de muitos subordinados, cujo adiantamento depende essencialmente d'elle. Por outro lado, este homem é Fr.·.-Maç.·.: está-lhe prescripto auxiliar e proteger os Maç.·. com perigo até de sua vida, e defendel-os contra a injustiça: querem que elle faça propaganda. Ora, perguntarei, que meio ha mais efficaz de fazer propaganda do que o interesse temporal, e de que poder não goza para beneficio de seus Ir.·. na Maç.·. aquelle de quem dependem os empregados n'esta administração?

Poder-se-ha suppôr que elle não terá em attenção, para a distribuição dos lugares, senão o merito? Observaria as regras o Maç.·. que não protegesse seu irmão? Aprouvesse a Deus que se limitassem a isto, e que a parcialidade pelos

membros da Ordem não se ajuntasse a injustiças repugnantes contra os que lhe não pertencem: que o adiantamento nas carreiras não fosse vedado a quem tem a coragem de se declarar abertamente catholico, e não teve a cobardia de sacrificar a sua dignidade de homem e christão ás exigencias tyrannicas da seita! Quantas vezes não tenho ouvido fazer esta triste observação? Quantos homens honrados não são impedidos na sua carreira por Fr.·.-Maç.·. que em nome da *Liberdade, Igualdade* e *Fraternidade* impõem a entrada nas Lojas como condição essencial de um adiantamento aliás perfeitamente merecido!

«Quanto a nós, diz a este respeito o sabio arcebispo de Mayence, Monsenhor Ketteler, tratando este assumpto, dizemol-o com toda a sinceridade da nossa alma, pensamos ter verificado frequentes vezes estas influencias: crêmos ter observado que em muitos lugares, muitos empregos importantes, sem attenção ás capacidades dos candidatos, são dados preferentemente aos Maç.·.: e que com frequencia se confiam os cargos publicos fóra das cidades a homens insignificantes, com o intento de augmentar a sua influencia e darlhes uma apparencia de capacidade e de respeitabilidade excepcional. Estes homens são honrados pelas notabilidades Maç.·., admittidos á sua companhia e se transformam em instrumentos cegos da Maç.·. E' além d'isto convicção muito generalisada que um meio excellente de chegar aos lugares mais importantes, e de ter protecção, é pertencer á Fr.·.-Maç.·. Ignoro o que seja, mas sei que este juizo é legitimo e que o será sempre em quanto a Maç.·. ficar secreta e escapar ao exame publico.» (Póde um catholico ser Fr.·.-Maç.·.? Dissertação. Mayence, 1865).

«A Maç.·., diz tambem Eckert, exalta os seus adeptos aos altos cargos administrativos e afasta d'elles todos os que não são iniciados. O Maç.·. que occupa uma posição civil, é intimado para se recordar do juramento prestado de auxiliar seu irmão, e o que está iniciado em grau superior protege os seus irmãos inferiormente collocados, segundo ordena o

interesse da Ordem. Por este modo esta sociedade consegue fazer penetrar seus adeptos em todos os lugares.

«A Fr.·.-Maç.·. consegue de facto dominar o poder e o governo, e ao passo que proclama a *Igualdade* dos direitos de todos os cidadãos, tem uma preferencia decidida pelos seus proprios membros: distribue-lhes lugares do Estado, das escólas e municipios, e mina os alicerces do governo.» (A Fr.·.-Maç.·. na sua significação verdadeira, t. I, p. 139).

Poderá haver por ventura perseguição mais odiosa contra os homens de fé e consciencia? Póde commetter-se injustiça mais flagrante para com as familias e os individuos como a de subordinar a sua carreira a uma criminosa e vergonhosa apostasia?

Não é isto ainda tudo. Para fazermos uma idéa exacta do perigo que ameaça uma sociedade onde reina a Fr.·.-Maç.·. supponhamos um momento (a supposição não é incrivel nem chimerica), supponhamos que o ministro do *interior* na França ou n'outra parte seja Fr.·.-Maç.·.: se este tem algum zelo pelos interesses da seita, e a peito a propaganda recommendada nas constituições: se quer obedecer á prescripção, que se lhe faz, de auxilio e protecção a seus irmãos em todas as circumstancias, qual será o seu procedimento? Usará da sua immensa authoridade para a maior gloria e bem da Fr.·.-Maç.·. Collocará á testa dos departamentos Maç.·. *provados:* estes exercerão a influencia, de que desfrutam, e nomearão administradores e conselhos municipaes da sua devoção. Por esta fórma a Fr.·.-Maç.·. governará as principaes administrações de um paiz.

Se em vez do ministro do *interior* é o ministro da *instrucção publica* que representa as Lojas no gabinete, e se em virtude da legislação do paiz este ministro tem de facto, quando não de direito, um poder illimitado no que respeita á materia d'ensino, disciplina das classes, escolha de professores e exames para fazer, etc., pergunto, não fica entregue nas mãos da Maç.·. a nova geração, que se trata de edu-

car e formar, de cuja instrucção depende o futuro do paiz, tornando-se aquella o verdadeiro molde da sociedade?

Que succederá se substituirmos ao ministro da instrucção publica o dos cultos? Uma sociedade que faz profissão de rejeitar todas as religiões, de não crêr em cousa alguma, de negar até a existencia de Deus e a immortalidade da alma: uma sociedade cuja divisa é a de Voltaire, *esmaguemos a infame* e o seu fim é aniquilar o catholicismo: n'uma palavra, a Fr.·.-Maç.·. presidirá á escolha dos bispos e arrogar-se-ha o direito de regulamentar as suas acções, e de vigiar o clero: que podemos nós esperar então, e que garantias pódem ter os catholicos do livre exame do seu culto e religião?

Mas, tão chegada ao poder, a Fr.·.-Maç.·. exercia clandestina, porém muito realmente o seu despotismo em todos estes differentes ministerios ao mesmo tempo: se a suppomos á frente de todas as nossas grandes administrações, estendendo livremente o seu sceptro de ferro sobre todas as carreiras, abrindo-as e fechando-as a seu talante, dispondo do futuro e fortuna das familias, conservando uma nação catholica sob a pressão d'um poder hostil á Igreja e Religião, e envolvendo-a nas malhas d'uma rêde Maç.·., que deverá succeder pela força das cousas? Se é ella que conduz o carro do Estado, em que abysmo deve precipitar-se fatalmente? Essa nação está condemnada, só lhe resta decompôr-se e extinguir-se no rebaixamento e vergonha. Com a religião e a fé, com a moral e o culto da authoridade esse povo perdeu o respeito de si mesmo e o amor da patria, as virtudes domesticas e as sociaes, a sua grandeza, a sua força, tudo quanto o distinguia: só lhe resta morrer abafado sob o desprezo das nações, com a recordação amarga do que foi outr'ora e o pensamento não menos cruel do que podia ser ainda.

Em todos os casos, não é o Estado que governa, é a Fr.·.-Maç.·. Mas o que põe cumulo á injustiça e tyrannia é fazer-se tudo isto em nome da *Liberdade, Igualdade, Fraternidade*. Sim, a ironia mais pungente ajunta-se aqui á tyrannia mais cruel, e Satanaz triumpha duas vezes, porque

satisfaz ao mesmo tempo seu odio e orgulho : aos golpes com que nos fere acrescenta o escarneo.

E' mister reconhecel-o: a Igreja catholica tem a vida dura, e se alguma cousa deve admirar aquelle que em ella só vê uma instituição humana é que tenha resistido a semelhante perseguição. Não temamos dizel-o : para o homem que reflecte ha aqui uma prova irrefragavel da divindade da religião: desde muito tempo teria cahido o edificio, se mão divina o não sustentasse.

Não sei se me illudo: mas parece-me ter desenvolvido sufficientemente os artificios, de que a Maç.·. lança mão para conseguir seus fins: nós conhecemos a sua doutrina, e ensinamentos. Ouvimos as *palavras,* vamos considerar os *factos*. Ella nos expôz a *theoria* e seus planos: vai-nos mostrar agora a applicação e *pratica*. E' o assumpo da nova carta.

CARTA QUADRAGESIMA SEGUNDA

O que a Fr.·.-Maç.·. tem feito em França ha cem annos. — Parte que tomou na Revolução de 1789.

Senhor.

E' tempo de vêrmos as obras da Fr.·.-Maç.·.: dissemos qual era o seu poder, e consideramos as *armas* formidaveis de que se serve. Mas que resultados devemos attribuir-lhe na historia das sociedades europêas ha um seculo? E' o que me proponho estudar agora. Citarei aqui as palavras já lembradas do sabio Eckert: «*Nenhum homem conhece a sua época e a causa dos successos que se realisam no terreno da mais alta politica, se não estudar a fundo a Ordem Maç.·. e não comprehender a sua natureza e acção.*» Sem duvida não tenho o pensamento de escrever a historia das revoluções realisadas na Europa ha cem annos, nem a pretenção de delimitar a parte, que n'ellas cabe á Maç.·. Todos comprehendem que se ella tem interesse em occultar a sua acção é quando se trata de successos politicos, que a comprometteriam infallivelmente. Fiel á minha promessa, não quero attribuir á Maç.·. senão o que ella a si attribue. Se os documentos que nos faculta não bastam para descobrir completamente a trama que urde, servirão ao menos de balizas para indicar-nos a estrada em que tem caminhado constantemente, e nós seguindo as suas indicações não nos desvairaremos.

Revolução é a palavra que resume a historia de França nos ultimos cem annos. Os momentos tão curtos de paz dei-

xados pelos diversos cataclysmos, de que a nossa desgraçada patria tem sido theatro, só tem servido para preparar os violentos abalos que tem sacudido até os alicerces da sociedade, e estas continuas mudanças de governo que tem grangeado para o povo francez reputação tão triste entre as outras nações. A quem devemos porém este estado permanente de revolução? Onde se accendem estes fogos subterraneos que nos ameaçam constantemente com uma conflagração geral? Digamol-o sem rodeios : é a Fr.·.-Maç.·., são as *sociedades secretas* o fóco vulcanico, cujas irrupções periodicas fazem percorrer continuamente na Europa a assolação e a morte.

E' a Fr.·.- Maç.·. que prepara e executa as revoluções. Ella nol-o diz em todos os tons, e concluirá a demonstração revelando-nos a parte que tem tomado em todas as nossas commoções politicas.

Vejamos primeiramente a parte que lhe cabe na revolução de 1789.

A Fr.·.-Maç.·. reclama para si a obra d'esta grande catastrophe. Desde 1794 o grande capitulo dos Maç.·. allemães, vendo os estragos que o espirito revolucionario, sahido da França, causava em toda a Europa, exclama com intima satisfação: «A Ordem Maç.·. revolucionou os povos da Europa para muitas gerações.»

Edmundo About que faz a apologia da Fr.·.-Maç.·. (Opin. nac., 19 de novembro de 1865) á questão que propõe: «Não conspiraram nunca os Fr.·.-Maç.·.?» responde: «E' minha opinião que elles nunca fizeram outra cousa desde 1725 até 1789. As provas d'iniciação, o segredo das assembléas; as palavras e signaes mysteriosos, o juramento, todas as minucias do rito indicam claramente que a Maç.·. tem sido uma conjuração energica, terrivel contra as iniquidades do velho mundo.» Escutemos agora o I.·. L. Blanc.

«A França agitada por invenciveis desejos e mil esperanças tomára desde algum tempo uma apparencia extraordinaria.

«Então principiaram a correr entre o publico rumores, que o agitaram em sentidos diversos. Fallava-se de pessoas ligadas entre si por juramentos terriveis e entregues a tenebrosos designios. Diziam que eram possuidores de segredos, que valiam thesouros, e attribuiam-lhes um poder magico. Em breve se espalhou o boato e acreditou-se que desconhecidos alchimistas se haviam estabelecido no bairro de Saint Marceau. Nos laboratorios, occultos á perseguição por cuidados vigilantes, homens com o olhar penetrante, linguagem inintelligivel, vestidos manchados, occupavam-se activamente ou a fazer ouro, ou a fixar o mercurio, a duplicar a grossura dos diamantes ou a compôr elixires. Estes estranhos operarios deixaram-se estar encerrados no seu bairro: habitavam casas escuras e obscuras e não pareciam de modo algum associados ao gozo das riquezas, de que se podiam suppôr credores. Mas tinham chefes que eram queridos do mundo, e ahi ostentavam com graça e generosidade uma opulencia deslumbrante. Algum de entre elles a quem se não conheciam propriedades, contractos, rendas ou familia passava uma existencia como se fôra soberano, e despendia mais em beneficencia do que os principes em festas e bailes.

«Se fingiam estar absortos no estudo das sciencias occultas, era para illudir a vigilancia e inquietação do governo: se andavam rodeados de mysterios era para dominar mais a multidão credula pelos attractivos do maravilhoso: os seus chefes eram apostolos de revoluções; e o ouro que servia para preparar as vias da propaganda, esse ouro que se imaginava ter sido fundido nos cadinhos magicos, vinha de uma caixa central alimentada por subscripções secretas e systematicas de conspiradores.

«Importa introduzir o leitor na mina, que então cavavam debaixo dos thronos, e dos altares, revolucionarios muito mais profundos e activos do que os encyclopedistas.

«Uma associação composta de homens de todos os paizes, de todas as religiões e classes, ligados entre si por convenções symbolicas, compromettidos sob fé de juramento a

guardar inviolavelmente o segredo da sua existencia interior, submettidos a provas lugubres, occupando-se de ceremonias phantasticas, mas exercendo a beneficencia e considerando-se todos como iguaes, embora divididos em tres classes, *aprendizes, companheiros* e *mestres,* é no que consiste a Fr.·.-Maç.·., mystica instituição que uns prendem ás antigas iniciações do Egypto, e outros suppõem descendente d'uma confraria de architectos, já existente no terceiro seculo.

«Nas vesperas da revolução franceza a Fr.·.-Maç.·. tinha tomado immenso desenvolvimento. Derramada pela Europa toda, apoiava o genio meditativo da Allemanha, agitava occultamente a França, e apresentava em toda a parte a imagem d'uma sociedade civil.

«Nas lojas maçonicas estavam proscriptas as pretenções do orgulho hereditario e postos de lado os privilegios do nascimento. Quando o profano, que desejava ser iniciado, entrava na camara denominada *gabinete de reflexões,* lia na parede, coberta de crepe e emblemas funebres, esta inscripção caracteristica: «Se procuras distincções humanas, foge; são aqui desconhecidas.» Pelo discurso do orador, o candidato aprendia que o fim da Fr.·.-Maç.·. era destruir as distincções de côr, de classe e de patria, do fanatismo e odios nacionaes: era isto o que se symbolisava pela allegoria de um templo immaterial, elevado ao Grande Architecto do Universo pelos sabios de diversos climas, templo augusto, cujas columnas, signaes da força e da prudencia, eram coroadas pelas romãs da amizade. O unico dever exigido do postulante era a crença em Deus. Por isto, acima do throno do presidente de uma Loja, ou Veneravel, havia um *delta* radiante, em cujo centro se lia em caracteres hebraicos o nome de *Jehovah.*

«Por esta razão as bases constitutivas da existencia da Fr.·.-Maç.·. eram bastantes para aluir as instituições e idéas do mundo exterior que a envolvia. E' verdade que as instituições maçonicas impunham submissão ás leis, observação das fórmas e usos admittidos pela sociedade exterior, respei-

to aos soberanos. E' verdade tambem que reunidos á mesa os maçons bebiam á saude do rei nos estados monarchicos e dos magistrados supremos nas republicas. Mas estas cautelas, recommendadas á prudencia d'uma associação ameaçada por tantos governos sombrios, não bastavam para annullar as influencias naturalmente revolucionarias, embora pacificas em geral, da Fr.·.-Maç.·. Aquelles que eram seus membros, continuavam no mundo profano a ser ricos ou pobres, nobres ou plebeus: mas no seio das Lojas, templos patentes á pratica de vida superior, todos deviam confessar-se iguaes e chamar-se irmãos. Era uma denuncia indirecta, com tudo real e continua, das iniquidades e miserias da ordem social: era uma propaganda activa, missão continuada.

«Por outra parte as trevas, o mysterio, um juramento terrivel, um segredo ensinado á custa de muitas provas sinistras, supportadas com animo resoluto, e imposto com a communicação de execração e morte, signaes particulares com que os Irmãos se reconheciam em todas as partes da terra, ceremonias que se referiam a um assassinio e implicavam a idéa de vingança, que cousa haveria mais adequada a formar conspiradores? Como não havia de servir esta instituição e prestar armas á destreza calculada dos sectarios e ao genio da liberdade prudente, na proximidade da crise reclamada pela sociedade em agitação? Quando, sob a pressão de poderes violentos, a sociedade estremecia com impaciencia, forçada sem embargo a encobrir a sua colera, quantos recursos as reuniões por esta fórma não facilitavam aos organisadores de conspirações!

«Alargando-se o quadro da instituição, correu a democracia a tomar ahi um lugar, e ao lado de muitos irmãos a quem a vida maçonica servia sómente para lisongear o orgulho, preencher as horas vagas ou proporcionar ensejos de beneficencia, havia aquelles que se nutriam de pensamentos activos, e cujos espiritos agitava a idéa revolucionaria.

«Dentro em pouco appareceram innovações de caracter terrivel. Como os tres primeiros graus da Maçonaria abran-

giam grande numero de homens adversos por estado e principios a todo o projecto de subversão social, os innovadores multiplicaram os graus da escala mystica que devia subir-se: crearam lojas reservadas para as almas ardentes: instituiram os altos graus de *eleito, cavalleiro do Sol,* da *estricta observancia,* e Kadosch ou homem regenerado, santuarios tenebrosos, cujas portas não se abriam aos adeptos senão depois de longa serie de provas, calculadas por fórma a comprovar os progressos da sua educação revolucionaria, e experimentar a constancia da sua fé, e a tempera do seu coração. Ahi, no meio de uma multidão de praticas, umas vezes pueris, outras sinistras, nada apparecia que não tivesse relação com as idéas de liberdade e igualdade.

«Não é pois de admirar que os Franc-Maçons inspirassem um terror vago aos governos mais desconfiados: que fossem anathematisados em Roma por Clemente XII, perseguidos em Hespanha pela inquisição assim como em Napoles, e que em França a Sorbonna os declarasse *dignos das pennas eternas.* E com tudo, graças ao habil mecanismo da instituição, a Fr.·.-Maç.·. achou nos principes e nobres menos inimigos que protectores. Aprouve aos soberanos, ao grande Frederico, de tomar a trolha e cingir o avental. E porque não? Sendo-lhes vedado o conhecimento da existencia dos altos graus elles viam só na Fr.·.-Maç.·. o que se podia mostrar sem risco: e não tinham motivo de inquietação adstrictos aos graus inferiores, onde só por meio de allegorias se entrevia o amago da questão, e muitos só viam assumptos de divertimento, banquetes alegres, principios que se deixavam e tornavam a tomar á entrada da loja, formulas sem applicação na vida commum, uma perfeita comedia de igualdade. N'estes assumptos porém a comedia toca-se com o drama: e succedeu por justa e admiravel disposição da Providencia, que os mais orgulhosos menospresadores do povo foram levados a cobrir com o seu nome e a servir cegamente com a sua influencia as empresas latentes, dirigidas contra elles proprios.

«Houve porém entre os outros um principe para quem não foi necessaria a reserva. Foi o duque de Chartres, futuro amigo de Danton, esse Filippe-Igualdade tão celebre nos fastos da revolução, a quem se tornou suspeito e ella matou. Joven ainda e entregue ás loucuras dos prazeres, elle sentia já agitar-se dentro de si esse espirito de opposição que bastas vezes é a virtude dos ramos mais novos, outras o seu crime e sempre o incentivo e tormento. A Fr.·.-Maç.·. attrahiu-o a si. Ella dava-lhe um poder facil d'exercer: promettia-lhe conduzil-o, por caminhos sempre abrigados, até dominar o *forum:* preparava-lhe um throno menos apparatoso, mas tambem menos vulgar e exposto do que o de Luiz XVI: finalmente ao lado do reino conhecido, em que a fortuna havia arremessado a sua casa para segundo plano, formava-lhe um imperio povoado por subditos voluntarios e guardado por soldados passivos. Elle aceitou pois o grão-mestrado apenas lhe foi offerecido, e no anno seguinte (1772) a Fr.·.-Maç.·. de França desde longo tempo entregue a rivalidades anarchicas, concentrou-se debaixo de uma direcção central e regular, que votou logo a abolição da immobilidade dos Veneraveis, constituiu a Ordem sobre bases completamente democraticas e tomou o nome de Grande Oriente. Ahi se estabeleceu o ponto central da correspondencia geral das Lojas: ahi se reuniram e residiram os deputados das cidades que o movimento occulto comprehendia: d'ahi dimanaram as instrucções que por uma cifra especial e linguagem enigmatica não podiam ser comprehendidas pelos inimigos.

«Desde então a Maçonaria patenteou-se cada vez mais á maioria dos homens, que encontraremos nas complicações revolucionarias.» (Nota XV).

Deveremos admirar-nos que depois d'isto a assembléa nacional, tendo abolido todas as corporações, exceptuasse a Fr.·.-Maç.·.? que o corpo legislativo passasse debaixo da abobada de aço quando foi ao *Te-Deum* cantado na cathedral de Paris, no começo da revolução? que o infeliz Luiz

XVI, quando chegou a 17 de julho de 1789 aos degraus exteriores da casa municipal (Hotel de Ville), tendo recebido o laço parisiense, subisse as escadas debaixo da abobada de aço? E' pois com muita exactidão que o I.·. Tordeux disse:

«A nossa instituição não é um elemento perdido no meio de uma sociedade de quem se isola para praticar a occultas ritos privativos... A nossa Maç.·. permanecendo nos limites de seus principios e organisação é um dos agentes mais activos do progresso das idéas. Ella não quer permanecer indifferente ás diversas questões, que se debatem a seu lado. Nossos paes antes de nós tiveram essa situação, e se nos reportamos á antiga ordem de cousas, veremos que elles chegaram por um progresso constante das idéas e um melhoramento das condições sociaes a este facto espantoso do seculo XVIII que se traduz pela nossa eterna divisa — *Liberdade, Igualdade, Fraternidade.*» (Festa do solsticio, 28 de dezembro de 1867. Gr.·. Or.·. de França, I.·. Tordeux).

A Maç.·. não produzia por si só este grande movimento dos espiritos: mas que poderoso meio de propaganda não tem facilitado as suas Lojas áquelles dos seus adeptos que expunham doutrinas novas? (Ib.)

Acabamos de considerar o primeiro resultado das doutrinas da Maç.·. e assistir á irrupção d'este novo *Vesuvio* collocado no meio da Europa como respiradouro do inferno para mal da sociedade. Descancemos um pouco antes de contemplarmos novos estragos e outras ruinas.

NOTA XV

Eis aqui como o I.·. Goupil, chamando em seu auxilio a poesia (se é que poesia existe n'isto), celebra a gloria da apparição da revolução de 89 (Mundo Maç.·., janeiro de 1867, p. 533):

N'esse tempo, Irmãos, nossa sã doutrina
Já amparava um mundo agonisante,
Combatia o seu mal, sua ruina.
Foi só a proteger razão humana:

Só Hiram defendia os desvalidos
Contra a força cruel e deshumana.
Em quanto o mal tyranno campeava
Esperando o melhor, a nossa gente
De dia para dia caminhava.
Espera, povo, o bem só é estavel.
.....
Soffre a noite, virá breve a aurora:
D'estas ruinas vergonhosas póde
O tempo um mundo novo tirar fóra.
A prophecia que o povo attento move
Lhe dava uma esperança, pois dizia:
Não tarda que vos chegue *oitenta e nove*.
Raiou alfim o dia: o velho mundo
Desapparece e leva na tormenta
A morte e vassallagem para o fundo.
Ergue o homem as mãos á claridade
E solta um grande grito pela terra
Até aos seus limites: *liberdade!*

FIM DO VOL. II

A FRANC-MAÇONARIA

E

A REVOLUÇÃO

A FRANC-MAÇONARIA

E

A REVOLUÇÃO

PELO

PADRE FRANCISCO XAVIER GAUTRELET

DA

COMPANHIA DE JESUS

COM APPROVAÇÃO DA AUTHORIDADE ECCLESIASTICA

TRADUZIDO DO ORIGINAL FRANCEZ

POR

FRANCISCO D'AZEREDO TEIXEIRA D'AGUILAR

CONDE DE SAMODÃES

MINISTRO E SECRETARIO D'ESTADO HONORARIO

PRECEDIDA

D'UM PROEMIO DO TRADUCTOR

A RESPEITO DA MAÇONARIA PORTUGUEZA

A Franc-Maçonaria é o instrumento geral da philosophia e laboratorio da revolução.

(Martin, *Historia de França*, t. XVI, p. 535).

VOL. III

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON

96, Largo dos Clerigos, 98

PORTO

EUGENIO CHARDRON

4, Largo de S. Francisco, 4-A

BRAGA

1874

PORTO
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA SILVA TEIXEIRA
62, Rua da Cancella Velha, 62
—
1874

A FRANC-MAÇONARIA

E

A REVOLUÇÃO

CARTA QUADRAGESIMA TERCEIRA

Parte da Fr.·.-Maç.·. na revolução de 1830.

Senhor.

Após tão enormes trabalhos, era permittido á Fr.·.-Maç.·. descançar esperando tranquillamente os effeitos funestos do incendio que havia ateado: dormitou por isso algum tempo, diz o I.·. Ragon. Outra razão a levava a dormir em paz e sem bulha. A mão de ferro de Napoleão fez-se sentir: elle não consentia que subsistisse a Maç.·. senão com a condição de a dominar. Momentaneamente riscou da sua bandeira as palavras *liberdade* e *igualdade*, que não podiam conformar-se com as pretensões do soberano, e, por mercê dos seus protectores, pôde continuar a viver.

«O governo imperial, diz o I.·. Bazot, serviu-se da sua omnipotencia, á qual tantas instituições de homens cederam tão

submissamente, para dominar a Maç.·. Ella nem se assustou nem rebellou: viu a *intenção:* julgou os *meios* de deixar-se dominar como tantas outras. Que deseja ella na verdade? Alargar o seu imperio. Consentia-se em tornar-se *subdita do despotismo para fazer-se soberana,* e toda a gente a abençoava. Quando a liberdade, amiga inseparavel de todo o cidadão, murmurava em silencio e segredo, é no seio da Maç.·. que se achava a pouca liberdade que restava aos grandes corações.» (Codigo da Fr.·.-Maç.·., p. 183).

A' queda de Napoleão seguiu-se o regresso dos Bourbons. O *inimigo* cujo poder a Maç.·. pensava ter derribado para sempre, reapparecia em França, tanto mais acclamado, quanto ella mais havia soffrido dos excessos da revolução e da *tyrannica ambição* do conquistador cuja gloria militar tinha pago tão cara. Era mister accommodar-se ás circumstancias e economisar o direito de conspirar na sombra, dobrando-se exteriormente a todas as exigencias d'uma situação nova e nada em harmonia com os seus geitos. A Maç.·. comprehendeu a reserva e prudencia, que lhe impunha este estado de cousas e não se deixou desanimar. Não perdeu um instante de vista o fim que prosegue com todos os governos: mas dissimulou com mais cuidado as conspirações que formava e nada desprezou para enganar o novo poder, contra que não deixou de conspirar.

A Maç.·. não pára nunca, nem cessa de conspirar. E' debalde que About procura tranquillisar-nos: «Hoje, diz elle, que ella obteve a victoria, e que a sua divisa, *Liberdade, Igualdade, Fraternidade* se tornou a palavra de ordem de todo o genero humano, quando vê a sciencia, a industria e a politica mesma destruir as barreiras internacionaes que batia em brecha, a Maç.·. vive em paz com a nova ordem de cousas, que tão laboriosamente preparou.» Não se deve porém contar muito sobre esta paz. São formulas a que a Maç.·. não liga importancia alguma e que só illudem os que querem ser enganados.

A' objecção que propõe: *de que serve hoje a Maç.·. se*

ella alcançou o seu fim? About nada responde que seja sério: porque tendo dito que as officinas não são um lugar de reunião para os burguezes desoccupados, nem um circulo de convivas alegres, ou uma instituição gastronomica, nem uma industria de sabios, que é ella? «E' uma vasta associação de burguezes honrados, intelligentes e tolerantes que se juntam para fallar do que os une sem tocar no que os divide: um pequeno conservatorio onde alguns homens de opiniões e religiões diversas vão respirar em commum o ar de 89... Feita a deducção das fórmas antiquadas, resta um fundo sério e ensino saudavel. A altura das discussões que pairam acima de toda a questão religiosa ou politica, a moderação, a cordialidade compensam os lados infantis do Rito.» (Ed. About. Op. nac., nov. 1865).

Tudo isto não é em verdade muito claro: mas About vai completar a sua idéa, e sem temer contradicções vai traçar um plano que os Fr.·.-Maç.·. presentes e futuros terão difficuldade em realisar.

«A loja, a officina Maç.·., diz elle, são os oasis moraes onde as paixões se acalmam, o coração se eleva e alarga, *os homens mais eminentes de cada cidade* se reunem em dia fixo para procurar fundar com solidez a moral social e estudam os meios de tornar o homem melhor e mais feliz. *Fundar uma moral, que se impõe com a authoridade mais incontestavel a todo o genero humano: redigir uma lei, que satisfaça toda a gente e não* fira nem as opiniões, nem a fé, nem os interesses de pessoa alguma: é fundar a harmonia universal, nem mais nem menos. Eis aqui o fim da Maç.·., e posto que elle esteja collocado um pouco alto e longe, é assás digno de ambição para que os homens mais honrados calcem as botas e se ponham a caminho.» (Op. nac., 1865, novembro. About).

Apesar do que diz o snr. About o somno da Maç.·. não póde durar: foi elle só destinado para reparar as forças, aguçar as armas e preparar novas baterias. E' o descanço do vulcão depois de uma irrupção. E' aproveitado para o traba-

lho subterraneo de nova fusão: prepara e annuncia nova catastrophe.

Mas antes de mostrar o que fez a Fr.·.-Maç.·. contra os Bourbons não é fóra de proposito lembrar os testemunhos de dedicação que ella lhes deu no seu regresso a França.

A restauração de 1814 foi um golpe fatal na seita que viu sempre nos Bourbons os defensores da Igreja e da religião, e d'elles não podia esperar a protecção, de que gozava antes. No entretanto o *Supremo Conselho* por um lado, e o *Grande Oriente* pelo outro, resolvidos a fazer, como se costuma dizer, *boa cara contra a má fortuna,* votaram cada um mil francos para a creação da estatua de Henrique IV.

«Na festa do solsticio de 24 de junho, todos os oradores do Gr.·. Or.·. celebraram a alegria que experimentava o povo maçonico, vendo finalmente *o seu rei legitimo* rodeado da sua *augusta familia.*» (Hist. das tres Gr.·. Lojas, p. 122).

«As Lojas de Caen, Falaise e Pont-l'Évêque reuniram-se para celebrar o regresso de Luiz XVIII e da familia real, e seus trabalhos fecharam-se com o juramento solemne de defender as flôres de liz e morrer pela conservação da familia dos Bourbons. Em Marselha os Ir.·. de todas as Lojas, com as suas insignias maçonicas, precedidos pelos seus dignitarios condecorados, levaram pelas ruas o busto do rei, que inauguraram solemnemente nos templos.» A segunda restauração foi saudada pelas Lojas, pela mesma fórma que a primeira. Mais adiante Carlos X recebeu as mesmas provas de dedicação que seu irmão. Vamos vêr agora quanto eram sinceros estes testemunhos de dedicação.

Não fallarei aqui dos tumultos de junho, nem da conspiração de 19 d'agosto em Paris, nem da do dia 1.º de janeiro de 1822 em Belfort: nem da de 22 de fevereiro immediato em Saumur. Não se póde pôr em duvida que estas tentativas de revolta foram obra do carbonarismo e da Loja

Maç.·. dos *Amigos da verdade:* e o I.·. Louis Blanc o confirma na sua historia dos dez annos. Todas estas tentativas abortaram. A espada da justiça tendo decepado a cabeça do general Berton e de tres dos seus cumplices, os *Carbonari* abandonaram as *Vendas* e refugiaram-se ás Lojas. Assim a Fr.·.-Maç.·., conforme o testemunho do *Seculo,* fôra o berço e viveiro da celebre sociedade secreta dos Carbonari, que pôz em perigo a restauração e contribuiu em tão extensa proporção para o renascimento do partido republicano em França. (*Siècle* citado pela *Union,* 1.° de maio de 1866).

Esta mesma Fr.·.-Maç.·. ferida em 1820 na Loja dos *Amigos da verdade pelo golpe despedido contra os conspiradores,* como diz L. Blanc, foi tambem o asylo onde se refugiaram os *Carbonari.* Elles concorreram, diz o I.·. Langlace, para as lojas Maç.·. onde dissimulavam facilmente com o titulo de irmãos, seu parentesco collateral de *Bons primos.* (Globo, t. II, p. 127).

Todas estas tentativas infructuosas foram para a Fr.·.-Maç.·. uma razão de aproveitar o seu tempo, preparar melhor os seus planos e na sombra meditar o golpe decisivo que devia prostrar os Bourbons. Na exposição da catastrophe de 1830, seguiremos o snr. de Saint-Albin, cuja exposição é justificada por documentos authenticos que juntamos ao texto.

«Tendo introduzido nos conselhos do governo o snr. Decazes (é Saint-Albin a fallar) a Fr.·.-Maç.·. arranjou para si uma lei eleitoral que tornava os Fr.·.-Maç.·. senhores nos collegios de circumscripção: e tambem preparou o movimento para a insurreição de 1830. E quando ella arrebentou, transformaram-na em revolução illudindo Carlos X sobre o numero e força dos insurgidos mas especialmente ácerca das disposições do exercito. M. de Lourdoueix publicou, em continuação ao seu livro, *A revolução é o orleanismo,* tres cartas muito curiosas do I.·. Odillon Barrot, um dos commissarios incumbidos de acompanhar Carlos X a Cherburgo. Estas cartas attestam a deslealdade das respostas dadas ao rei. «Atra-

vessamos o campo inimigo e achamol-o mais forte do que se imaginava», diz o I.·. Barrot em uma das cartas, e na immediata: «Meu caro general, podeis suspender o vosso movimento; acabamos de resolver o rei a partir, á força de lhe incutir receios das vossas tropas (estas tres ultimas palavras riscadas). As suas forças eram consideraveis e bem dispostas: o marechal não as avalia em menos de 10:000 homens.»

A primeira carta explica os temores que os commissarios poderam incutir ao rei.

«Principe (é a Luiz Philippe que se dirige Od. Barrot), é com satisfação que annuncio a V. A. o *bom exito da nossa missão*. O rei resolve partir com toda a familia. Ouvimos-lhe dizer que só o interesse de seu neto o podia deliberar a resistir e verter sangue ainda.»

O I.·. L. Blanc conta esta traição nos termos seguintes:

«Confiando sempre nas disposições que elle (o rei) suppunha no duque de Orleans, não podia explicar a razão porque o iam perturbar no seu repouso. «Que me quereis vós, senhores? disse elle, vendo os commissarios. Tudo está disposto e colloquei-me em accordo com o meu tenente general. Mas, senhor, respondeu o marechal Maison, é elle mesmo que nos manda prevenir a vossa magestade que o povo de Paris marcha sobre Rambouillet, e pedir-lhe que não se exponha ás consequencias d'um ataque furioso.» Carlos x, julgando-se enganado, deu largas com violencia ao seu resentimento e o marechal Maison, que fôra o primeiro a apresentar-se, achou-se tão intimidado que foi collocar-se detraz do snr. de Schonen. Odilon Barrot tomou a mão para fallar com firmeza: alludiu aos horrores da guerra civil e ao perigo de arrostar com as paixões ainda incandescentes. E como o rei insistisse sobre os direitos do duque de Bordeus, formalmente reservados pelo acto de abdicação, o orador oppôz-lhe com voz meiga, que não era sobre o sangue que devia estabelecer-se o throno de Henrique v. «E sessenta mil homens ameaçam Rambouillet» additou o marechal Maison. A estas palavras o rei que passeava apressadamente fez signal

ao marechal de que desejava conversar com elle a sós. Depois de alguns instantes de hesitação, o marechal accede. Então encarando-o com firmeza o rei disse-lhe: «Senhor, creio na vossa lealdade, e estou prompto a confiar-me na vossa palavra. E' exacto que o exercito de Paris que avança é composto de sessenta mil homens?—Sim, senhor.» Carlos x não hesitou mais. (Hist. dos 10 annos, 4.ª ediç., tom. II, p. 430). O I.·. L. Blanc, algumas paginas acima, affirma que esse bando revolucionario era formado de advogados, medicos, burguezes de todas as profissões, mancebos de todas as classes, tendo deixado Paris em carruagens, compunha-se de quinze mil homens pouco mais ou menos (p. 422). Tendo a noite surprehendido a expedição a Coignères o general Payol ordenou que se fizesse alto: elle considerava inevitavel a derrota no caso de ser atacado (p. 424). Todos os chefes da revolução de 1830, diz Saint-Albin, pertenciam á Fr.·.-Maç.·.: Lafayette, Lafitte, Dupont (de l'Eure), Schonen, Gerard, Maison, Merilhou, Teste, Berard, Mauguin, Audry de Puyraveau, Labbey de Pompières, Alex. de Laborde, Dupin Senior, Philippe Dupin, outros que ainda vivem, outros que já morreram e outros que não quero nomear.»

«A Fr.·.-Maç.·. quiz coroar-se na pessoa do filho de Philippe-Igualdade, Luiz Philippe de Orleans, que era o seu representante ao lado do governo da *restauração,* como Philippe-Igualdade o tinha sido ao lado de Luiz xvi. A Fr.·.-Maç.·. proclamou-o *rei cidadão,* não ousando chamal-o *rei-maçon.* Ella pensou assegural-o pelos seus juramentos maçonicos, e ter um governo Maç.·. presidido por um phantasma de rei, dirigido pelas Lojas; mas a Fr.·.-Maç.·. não era para Luiz Philippe como este não era para aquella senão um *meio.* O *rei cidadão* ou *maçon* quiz ser rei, e o seu primeiro cuidado foi desviar do governo o I.·. Lafitte, o I.·. Dupont (de l'Eure), o I.·. Odilon Barrot, todos os II.·. que podiam lembrar-lhe os seus compromissos para com a Maç.·. Elle debilitou o I.·. Lafayette, que esperando que esta realeza seria uma realeza Maç.·., proclamára solemnemente que

era a *melhor das republicas*. Por este modo a Fr.·.-Maç.·. achou-se caçada nas malhas da sua rede. Pouco se demorou em conhecel-o e deve fazer-se-lhe justiça que não se desanimou por isso. Os seus recursos não estavam exhaustos, como vamos vêr: mas antes de chegarmos á revolução de 1848 demoremo-nos alguns momentos.

CARTA QUADRAGESIMA QUARTA

Parte que tomou a Fr.·.-Maç.·. na revolução de 1848.

Senhor.

O Gr.·. Or.·. tinha no entretanto posto em pratica, como antecedentemente, o principio da Fr.·.-Maç.·. que é incensar os novos poderes (I.·. Rebold, Historia das tres grandes Lojas, p. 144). Tinha elle offerecido o malhete de grão-mestre ao filho primogenito de Luiz Philippe: mas a sua offerta não fôra aceite. Luiz Filippe contava sobre a experiencia que havia adquirido nas Lojas, para subtrahir-se aos effeitos dos resentimentos da Maç.·. enganada: mas não tinha sido iniciado, como seu pai, em todos os dogmas occultos. A Maç.·. não lhe havia confiado todos os seus segredos.

Depois que ella se convenceu que este Mestre pretendia não soffrer a lei, mas impôl-a, e não queria ser instrumento da seita, comprehendeu que a sua obra não estava acabada. Cuidou pois em preparar uma revolução. Fel-o com uma constancia e paciencia que lhe deviam custar, mas de que se consolou sem embargo, porque não perdia totalmente o seu tempo e o reinado de Luiz Philippe fez á religião e á Igreja um mal incalculavel.

Desde o anno de 1845, a Maç.·. que se sentia affectada pela circular do marechal Soult, prohibindo aos militares

a frequencia das Lojas Maç.·., tinha posto tudo em acção para suspender esta medida e fazel-a retirar, e desde então tambem, desconfiava ainda mais de um governo, que, em vez de servil-a, se virava contra ella.

No anno de 1847 a Maç.·. tomou uma resolução, que devia produzir as consequencias mais graves. «Um grande numero de Lojas na provincia de França, diz o I.·. Rebold, comprehendendo que as bases da Instituição Maç.·. assentam sobre os principios mais puros da moral (*Liberdade, Igualdade, Fraternidade*) e que ellas não podem permanecer estranhas ás idéas progressivas e generosas que procuram manifestar-se de todos os lados, que é faltar aos deveres da Maç.·. contemplar, sem ahi tomar parte, o movimento geral que tende a restituir á porção mais numerosa e desherdada da sociedade, o lugar que ella se esforçava conquistar pelo seu trabalho e paciencia, estas Lojas, dizemos, formaram allianças mais intimas entre si e resolveram reunir-se todos os annos em congresso para discutir e decidir estas graves questões.» (Hist. geral da Fr.·.-Maç.·., p. 173). Seria esta iniciativa o germen da *Internacional?* Talvez. Seja como fôr, esta determinação adequada para despertar a desconfiança do governo, foi censurada e condemnada pelo Gr.·. Or.·. Mas tambem foi este condemnado pelas Lojas. Todos estavam de accordo na essencia, mas procurou-se encontrar uma desculpa para todas as eventualidades. O Gr.·.-Mestre, diz o snr. de Saint-Albin, não se havia mostrado docil á voz sahida das entranhas da Fr.·.-Maç.·. no congresso de Saintes a 5, 6 e 7 de junho de 1847, onde, segundo o I.·. Rebold (p. 172), os oradores abriram ao poder Maç.·. um novo caminho, que conduz directamente ao fim da instituição.

«O antigo protector da Ordem, que as Lojas fizeram rei, e não queria sel-o por conta da Maç.·. mas pelo da dynastia chegou ao ponto de representar aos olhos dos Ir.·. *o mau principio*. Tornou-se em traidor para aquelles que haviam recebido os seus juramentos.» (Saint-Albin, p. 365). Era mister desfazer-se d'elle.

Eckert refere que os authores da revolução de 1848 eram *mestres das lojas parisienses,* que recomeçaram contra Luiz Philippe o que haviam feito contra Carlos x e empregaram a mesma mentira para enganal-o.

«Haveria Luiz Filippe perdido a memoria, ou estaria succumbido reconhecendo por tantas demonstrações a justiça de Deus? Não sei. Os Fr.·.-Maç.·. poderam convencer-se que os velhos embustes produziam dezoito annos depois os mesmos resultados que antes. Luiz Philippe pareceu ceder: mas Carlos x, rei honrado até ao fim, cahiu como deve cahir um cavalheiro: nada cedera á revolução. Luiz Philippe pensou salvar tudo aceitando um ministerio de Fr.·.-Maç.·. As Lojas fizeram-no subir ao throno pelas trincheiras de julho: quereriam ellas fazel-o descer, quando se entregava outra vez aos Maç.·. pelas trincheiras de fevereiro? Vendo-o renunciar á sua politica de dezoito annos, não ficariam satisfeitas? As Lojas porém tinham aprendido a desconfiar de Luiz Philippe, e quando o maçon, que combatia nas ruas, viu a authoridade nas mãos de um de seus irmãos, recomeçou ousadamente um novo ataque, e o *ministro* em *nome* do rei deu ordem ás tropas de terminar o combate. *Onde a força não soube resistir, devia vencer a fraqueza?* Eis o fructo da fidelidade que Odilon-Barrot, ministro Maç.·., acabava de jurar á casa reinante.» (Eckert. A Fr.·.-Maç.·. na sua verdadeira significação, t. II, p. 230).

O I.·. que por esta fórma dava a ultima martellada no estabelecimento de julho, era um dos que mais contribuira para fundal-o: um dos tres commissarios que illudiram a boa fé de Carlos x em Rambouillet: aquelle que, sem pensal-o, se tornára em suas cartas o denunciador da deslealdade de tres I.·. Maç.·.!

A Fr.·.-Maç.·. tinha pois *preparado* e executado a nova revolução. Só lhe restava felicitar-se, exaltar e glorificar a sua propria obra, e é quanto nos falta para dizer ou o que ella mesma nos vai contar, no orgulho do seu triumpho e embriaguez d'uma alegria, que não dissimula. Eis o que se lê no jornal o Fr.·.-Maç.·. e em outros da época:

A 24 de março de 1848, uma deputação dos membros do Gr.·. Oriente, adornados com as suas insignias maçonicas, foi depôr nas mãos do *governo provisorio* um acto de adhesão á republica.

Esta deputação foi recebida por Crémieux e Garnier Pagès, membros do *governo provisorio,* e Pagnerre, secretario geral, que tambem estavam com as suas insignias da Ordem. O I.·. Bertrand, antigo presidente do tribunal de commercio representante do Gr.·.-Mestre, fallou n'estes termos:

«A' gloria do Grande Architecto do Universo.

«O Grande Oriente de França ao governo provisorio.

«Cidadãos.

«O G.·. Or.·. de França, em nome de todas as officinas maçonicas da sua correspondencia, presta a sua adhesão ao governo provisorio. Collocada pelos seus estatutos fóra das discussões e lutas politicas, a Maç.·. franceza não póde comtudo conter o seu impulso de sympathia pelo grande movimento nacional e social, que se acaba de operar. Desde tempos remotos os Fr.·.-Maçons inscreveram no seu pendão as palavras: *Liberdade, Igualdade, Fraternidade.* Ao vel-as no pendão da França, saudaram o triumpho dos seus principios e se congratulam em poder dizer *que a patria inteira recebeu por vós a consagração maçonica.*

«Elles admiram o brio com que aceitastes a grande e difficil missão de fundar sobre bases solidas a liberdade e ventura dos povos: apreciam a dedicação, com que sabeis cumpril-a, mantendo a ordem que é a sua garantia necessaria.

«Quarenta mil Fr.·.-Maçons disseminados em quasi quinhentas officinas, formando entre si um só coração e tendo o mesmo espirito, promettem-vos aqui o seu concurso para acabar felizmente a obra da regeneração tão gloriosamente encetada.

«Auxilie-vos o Grande Architecto do Universo.»

Crémieux, membro do governo provisorio, respondeu:

«Cidadãos e Irmãos do Grande Or.·., o governo provi-

sorio recebe com satisfação a vossa valiosa e completa adhesão: o Grande Architecto do Universo deu ao mundo o sol para alumial-o, e a liberdade para sustental-o. Elle quer que todos os homens sejam livres. Deu-nos a terra para a fertilisarmos; é só a liberdade que póde fertilisar. Não tem a Maç.·. por objecto a politica: mas a alta politica, a politica da humanidade sempre achou accesso no gremio das Lojas Maç.·. Ahi em todos os tempos e circumstancias, sob a oppressão do pensamento e tyrannia do poder, a Maç.·. sem cessar repetiu estas palavras sublimes — *Liberdade, Igualdade, Fraternidade!*

«A Republica está na Maç.·. e é por isto que em todos os tempos a Maç.·. encontrou sempre adherentes em toda a superficie do globo. Não ha uma só officina que não possa prestar o ultimo testemunho de constante amor á liberdade, e de incessante pratica da fraternidade. Em toda a superficie, que o sol alumia, o Fr.·.-Maç.·. estende a mão fraterna ao Fr.·.-Maç.·.; é signal conhecido de todos os povos.

«A republica fará o que faz a Maç.·.: será o symbolo esplendido da união dos povos em todos os pontos do globo, e todos os lados do nosso triangulo: e o Grande Architecto do Universo, do alto do céo, inspirará este nobre pensamento da republica, que derramando-se por toda a parte, reunirá no mesmo sentimento todos os cidadãos da terra.

«Cidadãos e Irmãos Fr.·.-Maçons, viva a Republica!» [1]

[2] A 10 de março de 1848 uma deputação composta quasi completamente de Maç.·. da obediencia do Supremo Conselho, partiu da praça da Bolsa, com a bandeira nacional ornada dos emblemas maçonicos e das seguintes palavras —

[1] O *Monitor* acrescenta: «Applausos unanimes acolhem estas palavras. A deputação retira-se dando vivas repetidos á Republica e ao governo provisorio.»

[2] O jornal *O Franc-Maçon* que refere a noticia seguinte precede-a com estas palavras: «O boletim do *Grande Oriente* fallou d'uma visita ao governo provisorio, da *prancha* notavel do I.·. Bertrand e da bella resposta do I.·. Crémieux. Pela sua parte o *Franc-Maçon* vai inscrever um acto de adhesão á Republica, seis dias depois, por outros Franc-Maçons.» (Folheto de julho, 5848, p. 33).

Fr.·.-Maçons.—Trezentos irmãos caminhando dous a dous chamavam as vistas do publico pela sua gravidade silenciosa. Chegados á casa da camara, sete irmãos revestiram o avental de aprendiz, e entre estes os I.·. Vanderheim, Planty e Julio Barbier: entraram na sala, onde os recebeu o snr. de Lamartine, e Julio Barbier proferiu commovido o seguinte discurso:

« Cidadãos, membros do governo provisorio, uma reunião de Fr.·.-Maçons, que pertencem indistinctamente a todos os ritos, vem apresentar-se ante vós com o avental por insignia, isto é, com o symbolo da igualdade e do trabalho. Somos todos, com effeito, obreiros que trabalhamos com igual ordem na construcção d'um edificio social onde cada qual tenha o lugar que lhe é devido. Habituados a vêr irmãos em todos os homens, penetrados da sublimidade d'esta palavra divina: «amai-vos uns aos outros», saudamos com vivas acclamações o governo republicano, que inscreveu na bandeira da França esta triplice divisa que foi sempre a da Maç.·.: *Liberdade, Igualdade, Fraternidade.* Sim, cidadãos, a nossa modesta bandeira é da união, e sympathia entre todos os francezes, como entre todos os povos. E' com este titulo que vimos offerecel-a ao governo provisorio ao grito de—Viva a Republica.»—O snr. de Lamartine respondeu: «Não tenho a honra de saber a lingua privativa que fallaes. Com tudo conheço bastante a historia da Fr.·.-Maç.·. para saber que é do fundo das vossas Lojas que dimanaram, primeiro na sombra, depois na semi-obscuridade e finalmente em pleno dia, os sentimentos que concluiram pela sublime explosão de que fomos testemunhas em 1789, e de que o povo de Paris acaba de dar ao mundo a segunda, e espero que a ultima representação ha poucos dias [1]. Estes sentimentos de frater-

[1] A revista maçonica *Latomia* (1848, t. xi, p. 284) citada por Eckert (t. ii, p. 231) diz que Lamartine fez á deputação a seguinte declaração: Tenho a convicção que é do seio da Fr.·.-Maç.·. que sahiram as grandes idéas que lançaram os alicerces das revoluções de 1789, 1830, e 1848. «A revolução de fevereiro nos tinha engrandecido a todos cem covados», diz um membro da Ordem no jornal—*O Franc-Maçon* (t. i, p. 60).

nidade, liberdade e igualdade, que são o evangelho da razão humana, foram laboriosa ainda que corajosamente, perscrutados, propagados, professados por vós nos recintos particulares onde até aqui encerraveis a vossa philosophia sublime. Estes sentimentos, que deviam occultar-se, podem agora proclamar-se á luz do dia: sua propagação será tanto mais poderosa quanto serão espalhados por todas as boccas, e cahirão sobre a nação inteira, sem que seja mister dissimulal-os sob quaesquer symbolos. A razão não tem mais necessidade d'elles, porque hoje é o sol sem nuvens: os nossos olhos tem bastante força para se fitarem n'elle, e se conservardes ainda por algum tempo estas bandeiras, estes distinctivos de liberdade, igualdade e trabalho, com que vos apresentaes na nossa frente, não os guardareis mais como uma necessidade, conserval-os-heis como fiel e gloriosa recordação dos trabalhos que a Fr.·.-Maç.·. supportou em tempos difficeis, cujo resultado ella offerece agora ao genero humano.»

Nos primeiros dias depois da revolução de fevereiro, a Fr.·.-Maç.·. não cessava de entoar canticos alegres ao triumpho que acabavam de obter os seus principios. «No dia seguinte á victoria, exclamava o I.·. Van der Heym, todo o povo esmigalhava o throno e gravava no frontispicio do palacio real: *Liberdade, Igualdade, Fraternidade.* A sociedade toda acaba de adoptar os principios fundamentaes da Maç.·. Os combatentes só precisaram de poucas horas de luta para triumphar da oppressão, conquistar esta liberdade, que a Maç.·. préga ha seculos. Nós, os obreiros da fraternidade, assentamos a pedra fundamental da Republica [1]. O successo foi curto sem embargo, e não correspondeu ás esperanças. «Por ter mal comprehendido durante tres mezes, diz o Veneravel da Loja dos *Amigos do povo,* de Pontoise, a palavra *Fraternidade,* soffre hoje o paiz dôres immensas: elle está gasto por males inauditos, e tudo parece submergido na obscuridade das trevas. Temamos, acrescenta elle, que o nosso fa-

[1] *O Franc-Maçon,* 1.º anno.

cho não produza um incendio, e que o clarão d'este e não o da verdade, esclareça nossos trabalhos, e um montão de cinzas não seja o nosso unico monumento [1].

Estes temores em verdade eram fundados e Paris inteiro os abrigou, como se lê no *Jornal dos Debates* que, no seu numero de 22 d'agosto, exclamava: «O espectaculo, que presenciamos, arranca-nos um grito de dôr e espanto. Debalde quereriamos cerrar os olhos ante o clarão mortal que desce sobre a sociedade inteira desde a base ao vertice e penetra nos palacios como nas tabernas. Que dirá o universo, que tem os olhos fixos sobre nós? Que dirão já aquelles que apontam para o espectaculo das nossas miserias, divisões e soffrimentos, como advertencia para os povos e lição horrivel? Como! Da bocca dos *chefes do povo,* dos que viveram, conspiraram e combateram com elle, sahem confissões terriveis! Será verdade que existe uma horda de 400 mil homens, promptos a nivelar uma cidade, que outr'ora se chamava a capital da civilisação! quatrocentos mil operarios, que antes de ceder fariam desapparecer Paris, e executariam a sua obra com um masso de mechas chimicas! Diz-se a este povo: «Tu serás rico, feliz, e deves ser o primeiro, porque tens sido o ultimo.» E no dia em que estiver fatigado de esperar, e reconhecer a impostura das suas promessas, pegará na sua espingarda, arrancará as pedras das calçadas, e arvorará o estandarte vermelho: e então os homens matar-se-hão uns aos outros, as mulheres e os meninos chorarão, o operario achar-se-ha sem asylo, sem domicilio, sem Deus, e erguerá esse grito horrivel que nós ouvimos: «Vingai-me e roubai!» E depois d'esta ultima blasphemia, apresentar-se-ha ante o Tribunal divino [2].»

Por isto a Republica, em vez de alargar-se, viu-se em breve ameaçada até em Paris, onde trocára com a Fr.·.-Maç.·. protestos de tanta fraternidade, ameaçada, digo, senão na sua existencia, pelo menos na sua organisação. Ella ia rece-

[1] *O Franc-Maçon*, 1.° anno.
[2] Eckert, t. II.

ber do suffragio universal um presidente, e tudo annunciava que esse candidato não seria um republicano.

Então os Ir.·. se lembraram que a época do primeiro imperio fôra a mais florecente da Fr.·.-Maç.·. franceza, e pensando no passado, sonharam no futuro, como vai vêr-se.

Eis a poesia que um certo I.·. maçon Redarès endereçou ao principe Luiz Napoleão:

Sonho em 1848

Só e de noite dormia
com somno dôce e tranquillo,
quando um sonho me surprehende
no pobre e modesto asylo.

Prophetico era esse sonho
que dominou meus sentidos:
Companheiros com os mestres
estavamos reunidos.

Sob abobada symbolica
Napoleão apparece,
sabido signal maçonico
com a mão nos offerece.

Filhos da luz, nos diz elle,
vosso voto o céo conhece,
um dos meus de terra estranha
cujo valor não fallece,

vem por meu genio guiado
meus trabalhos proseguir,
e de loucos intrigantes
nossa patria redimir.

Ao tyrannico poder
quebrará authoridade:
é França a classica terra
onde brilha a liberdade.

Vêl-o-eis a santa causa
defender com nobre ardor:
coração lhe vota todo
com o braço o seu amor.

E calou-se então o mestre:
d'aguia nas azas fugiu:
para a immortal morada
esse grande homem subiu.

Mocquard foi incumbido de responder a essa poesia prophetica. Aqui vai a resposta:

« Senhor.

« Luiz Napoleão Bonaparte agradece-vos por minha via os nobres sentimentos que vós lhe expressaes na poesia que lhe enviastes. Elle reconheceu essa inalteravel dedicação de um velho bravo do imperio, cheio de recordações da grande época. O sobrinho do imperador consagrará todos os seus esforços a corresponder aos votos de todos os cidadãos que como vós tomam parte tão activa no triumpho da sua candidatura. Recebei a certeza, etc.

« *Mocquard.*

« Paris 17 de novembro de 1848.»

(Estudos historicos e philosophicos sobre os tres graus Maç.·. symbolicos. I.·. Redarès).

Como se vê a Maç.·. é previdente e o sol nascente recebe as suas homenagens. Ella applaudirá o seu triumpho em quanto elle consentir a influencia do Gr.·. Or.·. e derramar a luz Maç.·.: dobrando porém o joelho, a seita conservará a sua independencia, e saberá, quando os seus interesses o pedirem, derribar o idolo e fazer desapparecer o astro que de satellite procurasse elevar-se a planeta. O que não nos demoraremos em vêr mais outra vez.

CARTA QUADRAGESIMA QUINTA

Parte que a Fr.·.-Maç.·. tomou na revolução de 1870.— Guerra, republica, communa.

Senhor.

Não julgo necesssario insistir aqui a respeito da parte mais ou menos activa que pôde tomar a Fr.·.-Maç.·. na transformação da republica em imperio, nem dos compromissos que poderia contrahir com a seita aquelle dos seus membros que se tornou imperador.

Os primeiros annos do reinado de Napoleão III tiveram um certo brilho: os receios dos catholicos dissiparam-se em parte, e a França teria terminado por ligar-se sinceramente ao seu governo, se lhe houvesse dado penhores firmes da sua rectidão e boas intenções. A Maç.·. sem duvida suspeitou que o imperador tinha mais a peito os interesses da sua dynastia de que os negocios da seita, a que pertencia. Ella soube com tudo lembrar-lhe os seus compromissos, e tal foi a advertencia e tão solemne que produziu seus effeitos. Eis aqui como se narra na *Biographia universal* o attentado Orsini (2.ª ed., II, artigo Orsini).

«Quinta-feira 14 de janeiro de 1858 o imperador e a imperatriz deviam assistir a uma representação na grande Opera. O cortejo imperial chegou ás oito horas e meia, e compunha-se de tres carruagens. Repentinamente arrebentaram tres detonações terriveis, que pareciam de peça; e logo um numero consideravel de projectis de todas as fórmas,

e grossuras foram arremessados em todos os sentidos. A commoção foi tão violenta, que todos os bicos de gaz se apagaram simultaneamente. Por acaso providencial nem o imperador nem a imperatriz foram feridos, e com tudo a sua carruagem recebera nada menos de setenta e seis projectis nas suas diversas partes. Dos dous cavallos do tiro, um morreu instantaneamente e outro teve de ser abatido. O cocheiro, os criados de pé tinham sido mais ou menos feridos. O general Roguet, que acompanhava suas magestades na carruagem, recebeu na cabeça um golpe violento que produzira grave derramamento de sangue. Sãos e salvos o imperador e a imperatriz entraram na Opera. Exteriormente a confusão era immensa: os feridos, os mortos e moribundos estavam estendidos no chão: dir-se-hia um verdadeiro campo de batalha. O exame judicial provou que tinham sido affectadas cento e cincoenta e seis pessoas, e que o numero das suas feridas não era inferior a quinhentas e onze. Na lista das victimas appareciam vinte e uma mulheres, onze meninos, treze lanceiros da guarda, onze guardas de Paris e trinta e um agentes da prefeitura de policia.

«A justiça collocou-se logo em pesquiza dos criminosos. Quatro italianos, Orsini, Pieri, Rudio e Gomez foram presos. A 12 de fevereiro o summario estava concluido; e o tribunal de accusação enviava os criminosos para o tribunal de correição do Sena. Orsini confessou a sua participação quasi exclusiva na fabricação das bombas [1]: foi condemnado á pena dos parricidas com Pieri e Rudio. A pena do segundo foi commutada na de trabalhos publicos por toda a vida,

[1] Eis uma das explicações horrorosas que elle apresentou: «Eu queria trazer para França as bombas carregadas, mas reflecti que era melhor conservar o fulminante no estado de humidez, e trouxe-o de Londres para a Belgica e d'aqui para Paris em uma sacca de tapete, envolvido em papel e pano que humedecia de bocados a bocados. Molhado devia pesar cerca de duas libras inglezas. Fui eu mesmo que carreguei as bombas no meu quarto: foi-me preciso seccar o mixto, tendo o relogio e thermometro na mão, ante o fogo. Se uma faisca lhe tivesse saltado em cima eu e toda a casa teriamos voado pelos ares.»

pena a que foi condemnado Gomez, tendo sido reconhecidas circumstancias attenuantes a seu respeito.

«A 13 de março armou-se o cadafalso. Pieri foi o primeiro executado. Orsini morreu com firmeza e sangue frio, proferindo as ultimas palavras: Viva a Italia! Viva a França!»

Antes de concluir, citaremos o ultimo episodio da vida sombria d'este homem. Orsini teve o singular pensamento de invocar, em favor da independencia italiana, o braço e poderoso soccorro do mesmo, que pretendeu ferir em nome d'esta causa. Do fundo da masmorra, endereçou ao imperador uma carta pedindo-lhe para ir soccorrer a Italia, protegendo-a contra a Austria. Esta carta foi lida na audiencia e durante a defeza pelo advogado de Orsini, Julio Favre, que com antecedencia recebera authorisação do imperador. Eis aqui a carta:

«As confissões, que eu mesmo fiz, bastam para a minha condemnação á pena ultima: soffrel-a-hei sem pedir perdão, não só porque não me humilharei diante de quem matou a liberdade nascente da minha desgraçada patria, como porque na situação, em que me acho, a morte é-me beneficio. Proximo do fim da minha vida, quero tentar um derradeiro esforço para auxiliar a Italia, por cuja independencia tenho affrontado todos os perigos e corrido adiante de todos os sacrificios. Ella é o objecto constante de todos os meus affectos, e é este derradeiro pensamento que desejo depôr nas palavras que endereço a vossa magestade. Para manter o actual equilibrio da Europa é mister tornar independente a Italia ou estreitar as cadêas com que a Austria a escravisa. Pedirei o derramamento do sangue francez em favor dos italianos? Não vou tão longe. A Italia pede que a França não intervenha contra ella: pede que a França não consinta á Allemanha que intervenha pela Austria na luta, que vai travar-se. E' isto exactamente, que vossa magestade póde fazer, querendo. D'esta vontade depende a vida ou a morte de uma nação, a quem em grande parte a Europa deve a sua civilisação. Tal é o pedido que do fundo da

prisão endereço a vossa magestade; restituir á minha patria a independencia, que seus filhos perderam em 1849 por culpa dos mesmos francezes. Lembre-se vossa magestade, que os italianos e meu pai entre elles, verteram seu sangue com satisfação por Napoleão o Grande onde quer que os desejou conduzir: lembre-se que em quanto a Italia não fôr independente, a tranquillidade da Europa e a de vossa magestade só serão uma chimera. Não rejeite vossa magestade o ultimo pedido de um patriota nos degraus do patibulo, liberte a minha patria, e as bençôes de vinte e cinco milhões de cidadãos acompanhal-o-hão na posteridade. — *Felix Orsini.*»

Pouco tempo depois da execução de Orsini, a *Unione* de Turim, orgão official do carbonarismo piemontez, intimava a Napoleão III o cumprimento do testamento do regicida. «Se hesita, se se demora, dizia o *Monitor* das sociedades secretas, as bombas e os punhaes cumprirão a sua missão.»

O que o Velho da montanha fazia por alguns individuos sobre que exercia direito absoluto de vida ou de morte, e cuja cega submissão exigia, a Fr.·.-Maç.·. fal-o pelas *nações e pelos reis*. Os destinos das nações estão-lhe nas mãos, e d'ellas dispõe a seu talante.

Napoleão aceitou o programma de Orsini e ainda foi além. Mas a França não consentia em seguil-o servilmente no caminho da apostasia: e censurou, condemnou a sua politica machiavelica. Napoleão não podia ir nem tão depressa, nem tão longe como o queria a seita, cujas exigencias se tornavam cada vez mais imperiosas e as vontades mais tyrannicas e impacientes. E' o que esperava a justiça divina. A guerra com a Prussia, talvez emprehendida com o fim de effectuar uma diversão feliz e proporcionar-lhe algum socego, precipitou o desenlace e determinou a queda do infeliz imperador.

Eis-nos chegados á derradeira catastrophe que espantou o mundo precipitando a França em um abysmo de males. Uma campanha excepcionalmente desastrosa, seguida por uma paz cujas condições são tão duras como humilhantes,

foi seguida pelos horrores da guerra civil: e a nossa desgraçada patria parece condemnada a esgotar o que lhe resta de força, dilacerando-se por suas proprias mãos. Como se avem a Fr.·.-Maç.·. n'este ponto? E' o que me resta para expôr o mais breve que possa.

A questão é dupla e apresenta-se-nos debaixo de diversas fórmas. Deram-se as mãos a *guerra* com a *revolução*. A Maç.·. tem reprovado a guerra, e proclamado, e exaltado a revolução e a republica, que é a sua formula em França. Esta diversidade de proceder, que póde causar surpreza á primeira vista, é só logica consoante os principios da seita.

A Maç.·. reprova e detesta a guerra: porque? 1.º porque não é *patriotica e nacional* mas sim *cosmopolita* e indifferente por tanto aos interesses da patria; 2.º detesta a guerra porque professa horror pelos *exercitos permanentes* e tudo quanto é de molde a fortificar o poder contra quem conspira; 3.º detesta a guerra porque o seu effeito natural é desenvolver e aperfeiçoar o elemento militar; 4.º detesta-a porque a privam de parte dos seus membros e dos braços com que contava. E' o que nos explica os protestos das Lojas Maç.·. e especialmente da *Internacional*, desde que no mez de julho de 1870 a guerra foi declarada. Em Testu, p. 315, se achará o manifesto da *Internacional* de Paris, approvado e assignado pelas differentes secções da capital, e dirigido aos trabalhadores de todos os paizes. Encontrar-se-ha tambem ahi a resposta da Internacional de Paris em perfeita harmonia com o manifesto francez.

E' pelo mesmo principio que se explica a razão intima e verdadeiro fim do famoso *congresso da paz*, que seduziu alguns espiritos pelo prestigio d'uma bella utopia, cara a todos os corações sensiveis. Vamos ao amago das cousas e saibamos de vez se são os sentimentos de caridade e de humanidade, que inspiraram este congresso e as resoluções ahi tomadas. Ouvi, vós, que poderieis deixar-vos arrastar pela promessa magica da *paz universal*, a Internacional vos irá revelar o segredo.

«O conselho central da associação adhere plenamente a este congresso e delibera que é mister apoial-o *energicamente* e participar em tudo quanto elle poderia emprehender para realisar a abolição dos *exercitos permanentes* e a manutenção da paz, com o fim de chegar o mais breve possivel á emancipação da classe operaria e á sua alforria do poder e influencia do capital, assim como á formação de uma confederação d'estados livres em toda a Europa.» (Testu, p. 147).

Este enternecimento pelos terriveis effeitos da guerra na bocca dos Fr.·.-Maç.·. não é pois sincera mas ficticia. Não se póde duvidar d'isto, quando se ouve um dos membros da Alliança humanitaria dizer-nos friamente: É possivel que a cura revolucionaria que se prepara para a Europa custe um par de milhões de cabeças: mas póde ter-se em conta dous milhões de miseraveis quando se trata da felicidade de 300 milhões d'homens?» (Gazeta de Londres, 9 de novembro de 1849).

Novos reformadores das sociedades, em vez de principiardes pela suppressão das prisões, tribunaes e guardas de policia, começai pela suppressão dos crimes individuaes, os roubos, os assassinios, etc. Antes de dissolverdes os *exercitos permanentes,* principiai por destruir a ambição, o orgulho, a injustiça e as outras paixões que tyrannisam a humanidade. Nada de illusões! Houve sempre e sempre haverá guerras, porque sempre haverá paixões.

Limitou-se a Fr.·.-Maç.·. a *reprovar só a guerra* ou cooperou ella efficazmente para tornar impotentes os nossos soldados e exercitos? Virá a historia, nós o esperamos, derramar a luz sobre o que, para nós, é um mysterio ainda. Ella nos fará conhecer as causas, que a despeito da coragem de nossos soldados trouxe tantas derrotas e vergonhas.

Concluamos. A Fr.·.-Maç.·. tem a *guerra em horror:* ella nol-o disse e nós sabemos porque assim é: mas a Maç.·. ama especialmente a Revolução e a Republica, e não o esconde. Foi ella que preparou e executou a revolução de 1870.

«É mister preparar a *revolução social,* escrevia a Internacional em 26 d'abril de 1870, porque é necessario que nós, os productores, sejamos o Estado, e quando o quizermos, podel-o-hemos... Se não queremos tornar a cahir na desmoralisação do Baixo-Imperio, mostremo-nos dignos filhos dos que trouxeram 1789, 1830 e 1848. É mister que para o futuro tenhamos a divisa de Danton: «Audacia, sempre audacia.» É mister dizel-o uma vez por todas, nós queremos a *republica social* com todas as suas consequencias.» (Intern. de 24 d'abril de 1870). Apenas a republica foi proclamada em França, no mez de setembro de 1870, a Maç.·. manifestou a sua alegria em todos os tons da sua viva satisfação. Saudamos a republica nascente que se eleva, disse a Maç.·. allemã. Viva a republica social universal! repete a Maç.·. ingleza: a Maç.·. italiana fez mais, mandou para sustental-a e defendel-a e até propagal-a *o heroe de Caprera,* o general Garibaldi, com as suas legiões de salteadores. A historia fallará das façanhas do chefe e dos soldados. Dijon, Autun, Chalons, Lyon, Marselha conservarão d'elles immorredoura memoria. Mas quem proclamou em França a republica? Foi o suffragio universal? Não, foi a Maç.·. Quem se arrogou o poder? A Maç.·. Quem governou a republica? A Maç.·. Não se sabe nem saberá nunca o que á França custou em homens e dinheiro esse governo usurpado por ambiciosas nullidades, cujo merito principal consistia em sêde d'ouro, repugnante impiedade, o odio dos padres, e horror instinctivo por todo o sentimento religioso.

Entretanto succedeu o que podia prever-se. Estabeleceu-se a divisão entre os irmãos. Os maçons mais distinctos comprehenderam que a perseguição declarada e o excesso na desordem compromettiam o futuro da Republica, e provocariam a reprovação de todos os homens de bem: tratavam muito pouco de vêr tirar as ultimas consequencias dos seus principios, pelo roubo e realisação pratica do systema socialista. Era exactamente onde terminava o desejo da Maç.·. do andar de baixo e especialmente a *Internacional.* D'aqui

proveio um antagonismo que não foi sem bons resultados: porque, que teria sido de nós se a torrente impetuosa que ameaçava devastar tudo não encontrasse diques bastante fortes para suspendel-a: e se em toda a parte da França se houvesse padecido sob o jugo dos homens que destruiram a capital e accenderam no coração da nação o facho da guerra civil?

Quem dirá tudo o que as paixões enfileiradas sob a bandeira sanguinolenta da republica tem amontoado de ruinas e commettido de horrores em Paris? A Communa é a verdadeira personificação da republica, como a entende a maior parte dos seus partidarios, é a sua formula natural e a consequencia legitima: a Fr.·.-Maç.·. não o comprehendeu diversamente, e não receou fazer uma profissão de fé, em presença do céo e da terra, que não consente crear illusões ácerca do seu espirito, tendencias e alvo supremo.

A 29 d'abril de 1871 teve lugar uma manifestação maçonica em favor dos sublevados de Paris, da qual o diario official da Communa dá o resumo. O cidadão Térifocq, expressou-se assim na casa da camara antes de encetar a execução da resolução adoptada.

«Cidadãos irmãos.

«Sou do numero dos que tomaram a iniciativa de ir plantar o estandarte da paz sobre nossas muralhas, e tenho a ventura de vêr á frente a bandeira branca da Loja de Vincennes, onde se lêem estas palavras: *Amemo-nos uns aos outros*. Seremos os primeiros a ir apresentar esta bandeira ante as fileiras inimigas: estender-lhes-hemos as mãos, já que Versailles não quiz ouvir-nos. Sim, cidadãos irmãos, vamos dirigir-nos a estes soldados e dir-lhes-hemos: Soldados da mesma patria, vinde fraternisar comnosco: não teremos balas para vós antes de as recebermos da vossa parte. Vinde abraçar-nos e fazer-se-ha a paz. Se esta paz se concluir, voltaremos a Paris convencidos que obtivemos a maior das victorias, a da humanidade. Se pelo contrario não formos ouvidos e elles atirarem contra nós, chamaremos em

nosso auxilio todas as vinganças. Estamos seguros que seremos ouvidos, e que a Maçonaria de toda a França nos secundará: estamos certos que em toda a parte onde nossos irmãos virem as tropas marchar contra nós, irão ao seu encontro pedindo-lhes a fraternisação. Se succumbirmos na nossa empresa de paz, e se Versailles ordena que não se faça fogo sobre nós para matar só os nossos irmãos collocados sobre os muros, então nos reuniremos a estes, nós os que não haviamos entrado na guarda nacional senão para serviço de policia, e os que a ella não pertencem, correremos a tomar parte na batalha e animar com o nosso exemplo os corajosos e gloriosos defensores da nossa cidade... Agora, cidadãos: basta de palavras, vamos a obras!»

Não sei se exagero o passo dado pela Fr.·.-Maç.·.: considero-o de grande importancia. A seita não podia provar ao mundo com mais eloquencia o que é, o que quer e faz. Se aceita a immensa responsabilidade d'esta declaração de principios, não venha mais dizer ao mundo que não se occupa de politica. Impôr a lei em vez de recebel-a, condemnar medidas que se tornaram indispensaveis por causa de cobardes assassinios, roubos, sacrilegios e mais crimes, de que são capazes todos quantos se cobrem com o nome da Communa: ameaçar a França com a vingança dos Fr.·.-Maç.·. e não temer de affirmar que em todos os pontos do territorio os Fr.·.-Maç.·. são animados dos mesmos sentimentos, ha aqui um desafio solemne arremessado á face do paiz. Este saberá que a Fr.·.-Maç.·. nem é *franceza,* nem *nacional,* que a patria é nada para ella. Já o sabiamos: já o haviamos dito e provado: mas se alguma cousa faltasse á nossa demonstração, ella seria completa d'aqui ávante e a prova é tão clara como o sol.

E' verdade que houve reclamações prudentes, como o previamos: o *Grande Orador* do Gr.·. Or.·. veio logo protestar. Segundo elle a Fr.·.-Maç.·. não combate outro inimigo senão o *estrangeiro:* mas estamos habituados á linguagem das Lojas e conhecemos a tactica da seita. Sabemos

quaes são os seus principios, e se nem sempre lhe foi util manifestal-os abertamente, não os renega por isso. Julgamos pois o I.·. Térifocq bem informado a respeito dos sentimentos da Maç.·., o que nos não impede de prestar homenagem á prudente reserva do Gr.·. Orador. Eis o que a este respeito diz o Universo de 8 de maio de 1871:

«O *Jornal official* reproduziu com satisfação diversos protestos de dignitarios das Lojas contra a grande manifestação Maç.·. de Paris: póde acontecer que alguns chefes nominaes tenham interesse em declinar toda a responsabilidade n'este negocio: ha tambem muitos honrados burguezes Fr.·.-Maç.·., que se limitam a pagar a quota dos jantares e bailes annuaes, e que nada influem em uma sedição que lhes faz tanto damno como aos outros... Mas os dez mil Fr.·.-Maç.·. que tomaram parte na manifestação de Paris não eram alguns individuos sem mandato, authorisação ou titulo. A verdadeira Fr.·.-Maç.·., a Fr.·.-Maç.·. occulta, conspiradora, activa, estava perfeitamente representada por elles. N'este momento ella está em Paris, com a *communa, pela republica universal.* Para que fecharemos os olhos á luz? Em vez de manter as illusões da burguezia a respeito d'uma associação tão perigosa quanto parece inoffensiva aos simplorios, os que governam a França deviam antes *ao clarão dos incendios da guerra civil* esclarecer o publico a respeito d'esta abominavel seita: mas era preciso para isto que a revolução não estivesse assentada nos conselhos dos governos modernos.» (Nota XVI).

Quaes serão as consequencias da luta gigantesca de que os excessos da Communa de Paris são apenas o preludio? Ignoramol-o.

O que sabemos é que o triumpho da Ordem sobre a anarchia nem é definitivo, nem completo: é que o exercito dos operarios não se considera vencido, e que no dia em que elle se julgar mais firme do successo, entrará em campanha.

A *Internacional* o diz alto e bom som: julga o succes-

so tão seguro que parece desafiar os governos por ameaças que lhe faz ouvir e os planos atrevidos que não hesita patentear.

Aqui está como a *Independencia* de Saboya aprecia a morte dos chefes da revolta de Paris:

«Tua morte, Longuet, e a morte dos nossos não serão inuteis. O vosso sangue fecundará a idéa pela qual haveis lutado.

«Esta idéa ainda nova e pouco comprehendida tem o futuro por si. Em cinco annos conquistou Paris, em dez, conquistará a França.»

«A Internacional conta no mundo cerca de dous milhões e quinhentos mil membros.

«O contratempo que teve em Paris nada diminue a sua confiança no futuro.

«Seremos banidos da França durante cinco a seis annos, dizia diante de nós um futuro deportado, e em dez annos seremos mais numerosos, fortes e melhor organisados.»

«A Internacional não ameaça a França, ella ameaça o mundo inteiro». (Paris-Jornal. Descentralisação de Lyon, 6 de junho de 1871).

Qualquer que o futuro seja, sabemos agora a parte que pertence á Maç.·. das nossas revoluções e desgraças, e o que ella operou em França em menos de um seculo. Terá ella sido menos turbulenta nos outros paizes da Europa? Conservou-se ahi estranha á politica? Haveria aqui que fazer um estudo historico muito importante: mas não é de absoluta necessidade para o fim a que me proponho e não o emprehenderei. Depois de haver indicado a sua influencia fatal sobre toda a sociedade, apontarei em breves traços a que ella exerce sobre os *individuos*.

Estou com desejos de concluir para não fatigar quem me lêr.

NOTA XVI

As religiões da democracia

Acabo de lêr dous folhetos muito curiosos a respeito da parte que tomou a Fr.·.-Maç.·. na Communa de Paris. Não dizem tudo, mas apresentam algumas circumstancias, até aqui desconhecidas.

Em opposição ao que se disse, foi só a 26 d'abril que a primeira Loja teve sessão extraordinaria no seu templo de X. E no dia immediato uma deputação foi enviada aos membros da Communa.

O Irmão Thirifoque usava da palavra e annunciava: «que todos os meios de conciliação estavam exhaustos: os franc-maçons estavam decididos a plantar suas bandeiras sobre as muralhas, e que se o exercito continuasse a fazer fogo, o Gr.·. Or.·. declararia a guerra ao governo de Versailles. Cidadãos, disse elle, a Communa é a maior revolução que coube ao mundo contemplar. *E' o novo templo de Salomão* que aos franc-maçons cumpre defender.»

Ouvindo isto o Irmão Julio Vallés, desatando a banda que tinha ao lado, entregou-a ao Irmão Thirifoque, e a deputação retirou-se depois de ter adornado a bandeira com a banda vermelha, e feito ouvir a triplice bateria dos ritos escocez e francez.

No dia immediato, 29 d'abril, dia sempre memoravel, a grande manifestação percorria as ruas de Paris na ordem e segundo os usos prescriptos.

Primeiro os cavalleiros Rosa Cruzes, levando ao pescoço a banda azul.

Depois os cavalleiros Kadosches levando em aspa a banda franjada de prata.

A arca real.

O Irmão Terrivel.

O principe do Libano.

O cavalleiro da Serpente de bronze.

O sublime mestre do annel luminoso.

Os grandes escocezes da abobada sagrada de Jacques VI.

E finalmente os cidadãos Felix Pyat, Lefrançais, Frankel, Clément e Potier.

«Todos graves, todos convictos», diz o folheto.

Chegando á avenida Friedland n.º 59 o Grande Oriente celebrou nova sessão, e mandaram-se correios ao governo de Versailles, intimando-o para suspender immediamente o fogo.

A columna se poz logo em marcha com bandeiras desfraldadas e batendo com os malhetes, seguida por uma multidão immensa, gritando «Viva a Communa! viva o Grande Oriente!»

Chegando aos muros, os dous trolhas avançam, seguidos pelas Nove irmãs e os Cavalleiros do Iris. O grande Esmoler, acompanhado pelos seus dous acolytos, levanta o Esquadro para o Oriente e os principes do Tabernaculo, collocando-se na postura consagrada, agitam os estandartes azues sobre os baluartes, juntos aos da Communa.

Seria o exercito de Versailles prevenido d'esta imponente manifestação? O que é certo é que já o grande Esmoler havia levantado tres vezes o Esquadro para o céo quando ainda se ouvia a fusilaria!

—Já que assim é, exclama o Veneravel, avance toda a tribu de Misraim e comece-se immediatamente a grande revista!

E vagarosamente a tribu sagrada se dirige para as mulheres no meio da admiração geral: o Irmão Terrivel cruzando a espada e a bengala colloca-se do lado do Oriente: o principe da Misericordia volta-se para o Occidente: e Thirifoque, tomando na mão esquerda a espada rutilante, exclama tres vezes: «Mando ao exercito de Versailles que deponha immediatamente as armas! porque se algum de nossos estandartes fôr offendido, juramos pelo grande Architecto da natureza...»

Não tinha acabado o discurso quando uma bala homicida veio ferir o Esquadro que o trinosopho sustentava, causando alguma confusão nas fileiras.

A multidão horrorisada e silenciosa recuou até á avenida do grande exercito.

—Resistem ainda, gritou o Veneravel! Avancem pois os Irmãos Kadosches.

Toda a gente, vendo avançar os Irmãos Kadosches graves e terriveis para as muralhas, convenceu-se que d'esta feita estava terminada a guerra, e entoou acclamações enthusiasticas, e já soltavam balões com as armas maçonicas para ir levar á provincia a noticia do fim da luta, quando uma descarga nutrida os força a retrogradar.

—Horror! brada o Veneravel... Já que assim é e a reacção não cede, patenteiem os cavalleiros da abobada sagrada de Jacques VI a sua bandeira ao exercito adversario.

Uma commoção indescriptivel se espalha em Paris, com esta noticia! Um silencio religioso reina por entre o povo e cada um sente que vai apparecer um poder a que nenhuma força humana se atreveria a resistir.

Vagarosamente avança para os baluartes desfraldando a grande bandeira de Useda a columna dos cavalleiros de Jacques VI. Chegados á crista da esplanada os que conduzem espadas e estrellas reunem aquellas e formam a grande abobada de aço, em quanto a columna de harmonia toca a aria triumphal e os Irmãos Thirifoque e Fabregnette, com os cidadãos Felix Pyat e Julio Vallés principiam a Cadêa de união...

—Houzzé! houzzé!! bradam os Irmãos Kadosches!

—Mirra! respondem os cavalleiros!

—Viva! grita o povo! Viva a Communa! Viva o Grande Oriente...

Quando o Veneravel abaixando tres vezes a vara annunciava que estava feita a paz, um obuz, que arrebenta instantaneamente no meio da abobada de aço, rompe e dispersa a cadêa de união.

O Irmão Terrivel, apoderado de um verdadeiro panico, deixa cahir a espada rutilante e avançando com muita rapidez para o Oriente arrasta na sua fuga a serpente de bronze, que sendo seguida pelo principe do Libano e do Annel luminoso, derramam o terror entre os Irmãos Kadosches... A confusão é tal que os Cavalleiros da Abobada sagrada de Jacques VI, descendo precipitadamente das muralhas, declaram que é chegado o momento de ir celebrar nova sessão.

O que esta sessão foi, não o explica o folheto: mas, passada uma hora de deliberação, o povo foi informado que se havia adoptado uma medida muito grave.

O Veneravel, considerando o grande perigo, em que se achava a França, tinha resolvido que o supremo grande conselho dos soberanos grãos-mestres absolutos do grau 90.º viessem para a muralha; e que, se verificado isto, alguma bala viesse bater no estandarte, o Grande Oriente condemnaria o snr. Thiers á morte, como elle já havia feito, seis mezes antes, ao rei Guilherme.

Viu-se então o que nunca o povo de Paris havia contemplado.

«Espectaculo sempre memoravel, diz o folheto, e digno de eterna admiração!»

Toda a columna da potencia suprema do 90.º grau, com o sublime cavalleiro eleito á frente, passou silenciosa e grave por entre o povo maravilhado.

Chegando á raiz da muralha o Veneravel accende as tres estrellas do grande candieiro de ouro, e, tomando o candelabro do Oriente, volta-o para o Occidente.

A columna de harmonia deixa ouvir a musica do noachita, em quanto os correios vão avisar as tropas da guarda avançada que as bandeiras, que ellas vêem fluctuar sobre as muralhas, são as do supremo grande conselho dos soberanos grãos-mestres do grau 90.º

Mas, no momento mais solemne, quando o sublime cavalleiro eleito acabava de empunhar na mão o malhete de ouro dependurando-o no cordão azul, chega uma columna de religiosos, que haviam sido expulsos de um convento visinho e produz certa confusão nas fileiras!

Seria difficil exprimir os sentimentos de desprezo que estes homens supersticiosos inspiravam ao povo. Alguns d'elles conservavam ainda na mão um crucifixo, emblema da sua idolatria: e para quem acabava de presenciar as grandes solemnidades da democracia, via uma especie de provocação da parte d'estes homens envolvendo-se por entre os Irmãos Kadosches e os escocezes da abobada sagrada de Jacques VI!

Justamente irritado o povo, eram para temer-se scenas deploraveis. A fim de apasigual-o lembraram-lhe que havia em custodia grande numero de refens agarrados no meio dos homens d'esta classe, que serão fusilados se os Versalheses entrarem algum dia em Paris! — Então o povo grita: Deixai-os ir! Vosso tempo acabou para sempre! Hoje o povo está muito instruido e esclarecido! Elle repelle vossos mysterios e ridiculas ceremonias!

Em quanto os padres expulsos ignominiosamente fogem fulminados pelas maldições do povo, a columna do supremo grande conselho do grau 90.º prosegue na sua marcha triumphal, batendo os malhetes, com as sete espadas cruzadas debaixo da abobada de aço, e o Irmão Thirifoque girando tres vezes o compasso para o oriente, exclama: «Abza! abza! abza!» a columna da Harmonia toca o hymno do grande Architecto da natureza.

Finalmente corre o boato que o exercito se declara vencido: um I.·. que se acha entre os officiaes da guarda avançada pede para parlamentar com os membros do Grande Oriente!

Não sabemos nada do que se passou, mas parece que nada exprimiria o enternecimento do povo e o espanto dos soldados ao verem repentinamente o seu official tomar a postura consagrada, em quanto o parlamentario se aproximava com um braço virado para o Oriente e o outro sustentando a vara de bronze!

Sabendo que são os membros supremos do 90.º grau que plantaram a bandeira, «concede-se immediata suspensão d'armas, e é enviada uma deputação para o Chefe da Republica.»

O folheto é mudo a respeito d'esta singular entrevista.

Que se passaria entre os Ir.·. e o velho sceptico? Sabemos apenas que todos os esforços foram baldados: que em vão por tres vezes o Irmão Terrivel bateu na vara branca: que tambem sem resultado os Irmãos Kadosches avançaram para o Oriente, formando, sobre a cabeça de Thiers, a abobada de aço, e a serpente de bronze lhe apresentou o malhete de director, exclamando sempre: «Houzzé! houzzé!» Vinte e quatro horas depois a guerra recomeçava mais terrivel que nunca.

Deixemos que alguns se admirem d'esta alliança do Grande Oriente com Jul'o Vallès e Felix Pyat. Deixemos que elles se indignem sabendo que no dia immediato ao do assassinio dos nossos generaes e na vespera do incendio de Paris, se encontrassem dez mil franc-maçons para declarar que «a Communa era o novo Templo de Salomão » Quanto a mim, tudo quanto provém da democracia não me surprehende, nem me surprehenderá nunca.

Ha porém uma cousa que eu affirmo: é que, no futuro, quando se contar que em pleno seculo XIX, no meio d'esta sociedade zombadora e sceptica que não crê em Christo e talvez nem em Deus, quando o inimigo nos observava do cimo das nossas fortalezas, a mais séria e lamentavel guerra foi interrompida repentinamente, o nosso exercito ficou com as armas em descanço, e toda a França em sobresalto porque o Irmão Thirifoque, acompanhado por dous Irmãos Kadosches foi apresentar ao snr. Thiers o malhete de director... affirmo que quando a historia narrar este facto, ninguem lhe dará credito.

(*Figaro*). SAINT-GENEST.

CARTA QUADRAGESIMA SEXTA

Progressos assustadores da immoralidade. — Consequencias dos principios da Fr.·.-Maç.·.

Senhor.

Não basta para apreciar com exactidão os funestos effeitos da acção Maç.·. ter eu mostrado esta associação preparando e executando as revoluções, que ha um seculo tem coberto a Europa com ruinas e feito correr rios de sangue: seria mister dar conta dos prejuizos irreparaveis causados ás intelligencias e aos corações dos individuos pelo *virus* Maç.·. Teriamos necessidade que uma sabia autopsia descobrisse aos nossos olhos espavoridos os estragos causados aos membros da sociedade pelas más doutrinas e principalmente á mocidade pela educação. Esta tarefa é claramente superior ás nossas forças. Só Deus póde conhecer toda a profundeza e extensão do mal. Quanto podemos fazer é verificar o poder da causa pelos terriveis effeitos produzidos e julgar da arvore pelos fructos, que produz. A indicação que vamos dar é essencialmente incompleta: só accusa uma parcella do mal. Entretanto este raio de luz, por fraco que seja, bastará para nos descobrir um abysmo insondavel, e permittir-nos-ha que adivinhemos o que não podemos vêr. Se a Fr.·.-Maç.·. é, como se diz, uma instituição *philanthropica* e *progressiva*, a sua apparição sobre a terra deve ter sido o signal e seu desenvolvimento a condição e medida d'um melhoramento crescente na sorte da humanidade. Existe este melhoramento? Vale hoje a França mais do que valia ha cem ou cento e

cincoenta annos? Temos realmente progredido? Não pergunto se a França depois que reina a Fr.·.-Maç.·. é mais religiosa: mas será ella mais moralisada, honrada e fiel ás leis eternas da justiça e equidade? Elevou-se o nivel intellectual, são mais energicos, nobres e generosos os homens? Está maior, mais prospera e feliz a nação?

Que lições não encontrariamos no conhecimento exacto do estado moral das sociedades européas ha cincoenta annos, ou para melhor dizer, ha um seculo! que demonstração fulminante do nosso rebaixamento progressivo nos forneceria a estatistica comparada dos crimes e delictos annuaes desde esse tempo! Que desmentido solemne se daria ás pretenções ridiculas d'uma geração frivola que, confundindo os aperfeiçoamentos materiaes da industria com a verdadeira prosperidade e grandeza real dos povos, se vangloria insanamente de um progresso indefinido, quando nós descemos todos os dias mais abaixo nas profundezas do vicio e abysmos da corrupção! Estamos nós realmente no progresso moral? As cifras vão responder a esta pergunta. Eis o que resulta de um trabalho lido na academia das sciencias moraes e politicas pelo snr. Guerry:

«O numero total dos crimes e delictos elevou-se em França desde 1825 a 1836 de 52:669 a 79:930.

Durante este periodo de onze annos o numero dos crimes de *falso testemunho* e subornação de testemunhas augmentou um quarto.

O numero de *assassinios* ou tentativas de assassinio augmentou um terço.

O dos *falsarios* mais de metade.

O dos *attentados ao pudor* contra pessoas de idade inferior a 16 annos *dobrou*.

O dos *parricidios* passou de triplicar.»

O numero dos *infanticidios* de 1828 a 1839 foi de 1:431

De 1841 a 1851 . . . . . 2:036

De 1852 a 1863 . . . . . 2:824

(*Univ.* 30 de junho de 1868).

Reuni a estes algarismos o numero incalculavel dos *abortos*. Segundo uma das revistas mais celebres da America, o *Quaterly Review* (1848) só na cidade de Nova-York não ha menos de 70 pessoas (homens e mulheres) cuja profissão mais ou menos declarada é facilitar os abortos. Será exotica em França esta monstruosa industria?

Que diremos d'outro vicio muito mais geral e que como cancro hediondo, róe as entranhas da patria?

Segundo o ministro Forcade no principio do seculo havia mais nascimentos em uma população de 27 milhões de habitantes do que em 1860, em 36 milhões e meio. O *Monitor* diz que o augmento annual da população na época da *Restauração* era de 186:257

Na de Luiz Philippe 142:716

Na republica de 1848. . . . . 116:956

No imperio, excluida a Saboya 93:993

Ainda hontem liamos na *Descentralisação* (jornal de Lyão) as conclusões de um trabalho feito pelo dr. Brochard sobre o movimento dos nascimentos e mortes n'esta grande cidade, durante seis annos, de 1865 a 1870 inclusivè. Resulta d'este trabalho: 1.º que ha um bastardo em tres nascimentos; 2.º que os nascimentos diminuem e os obitos augmentam; 3.º que durante estes seis annos o numero dos obitos excede o dos nascimentos em 12:000. (*Descentralisação*, 24 de abril de 1872).

Nada disse do *divorcio*, este flagello das sociedades modernas que arrasta a perturbação ás familias e as decompõe nos seus primitivos e essenciaes elementos. Como não é elle frequente em França, favorecido por uma legislação atheista! Esta desordem, sob a influencia dos mesmos principios, tomou na America, diz um periodico d'aquelle paiz «proporções tão colossaes que devemos olhal-o como um dos symptomas mais caracteristicos do estado real da existencia domestica. Este mal terrivel projecta sombras negras sobre a physionomia da nossa população: ameaça a sociedade e exerce uma influencia pronunciadissima sobre a opinião pu-

blica que póde facilmente ser assim corrompida.» (*Quaterly Review,* 1868). Continuemos este trabalho comparativo:

O numero de crimes contra o pudor de 1828 a 1839 foi de. 4:083

De 1840 a 1851. . . . . 7:492

De 1852 a 1863. . . . . 10:798

Que julga V. d'este progresso?

Diremos em breve a parte e gloria que n'isto compete á Maç.·.

Ha com tudo outro crime mais horrivel ainda e cujo augmento rapido enche o coração de tristeza misturada de estupor e espanto: é o *suicidio.* «Hoje, dizia Carlos Dupin, abrindo um curso para os operarios, o crime de suicidio desceu até á classe obreira: o contagio passa do sexo forte ao sexo fraco. Da idade viril, onde as paixões fervem, sobe até á adolescencia e desce até á velhice; já não o suspendem nem os gelos da idade nem o freio da experiencia. Aprendendo assim a desprezar a propria vida, aprende-se tambem a desprezar a dos seus semelhantes.» (*Universo* de 30 de junho de 1868. *Monitor* de 3 de fevereiro de 1867).

Segundo diz o mesmo escriptor o numero dos suicidios em 1830 elevava-se a 1:759

Em 1831 . . . . . 2:081

Em 1832 . . . . . 2:156

Em 1833 . . . . . 2:225

Em 1835 . . . . . 2:305

Em 1836 . . . . . 2:340

Em 1845 . . . . . 3:084

Em 1865 contaram-se 4:946

E segundo o *Monitor* de 18 de maio de 1867 este algarismo elevou-se de 1851 a 1855, isto é, em cinco annos a 18:197

De 1856 a 1860 . . . . . 20:008

De 1860 a 1865 . . . . . 23:364

Só o departamento do Sena tem dado mais de 4:000 em cinco annos. (*Monitor,* ib.).

Homens do *progresso*, que dizeis?

E para que ninguem se possa illudir sobre as causas d'estes crimes e attribuil-as á falta d'instrucção, o *Jornal dos Debates* dizia (8 de outubro de 1842):

«Somos obrigados a confessar que a *completa ignorancia* se reune á menor proporção dos crimes contra as pessoas, e a *instrucção superior* é a que predomina nos que commettem os crimes.»

Nada disse do *roubo*. Será mister dizer que *a propriedade* em nada é respeitada, que as leis da justiça são geralmente esquecidas, a probidade cada vez se torna mais rara, e no commercio, principalmente, não se faz escrupulo de alterar as mercadorias; exagerar-lhes o preço, enriquecer-se á custa dos outros, com desprezo da equidade, por todos os meios.

Que produzem todas estas desordens? Ah! o castigo do crime não se faz esperar. Procura-se a vida no vicio, e a morte está ahi: julga-se encontrar ahi a felicidade e só apparecem pezares amargosos e a horrivel desesperação. D'onde provém a maior parte dos suicidios de que fallavamos ha pouco senão dos remorsos dilacerantes, que são a primeira punição do mal?

Porque é tão vulgar a alienação mental nos nossos dias, que sem embargo da crescente multiplicação das casas destinadas a enfermos, já não satisfazem ás necessidades?

E' este um dos caracteres mais particulares da nossa época e o signal mais proprio para esclarecer-nos a respeito da natureza do progresso tão apregoado dos nossos dias e da civilisação de que o nosso seculo se mostra tão orgulhoso.

Encontrar-se-hão compensações no bem physico a estas desordens moraes? Não é porém certo que todos os dias cresce o numero dos indigentes e desgraçados? e se vemos alguns favorecidos pela fortuna adquirir em pouco tempo riquezas colossaes, somos todos os dias contristados pelo espectaculo afflictivo d'aquelles, que por inesperados revezes

e muitas vezes por causa do jogo, imprudencia e mau procedimento, são precipitados das alturas sociaes e das posições mais brilhantes na ultima indigencia?

O quadro, que acabo d'esboçar para a França póde applicar-se com mais razão ainda á Inglaterra, esse paiz natal da Fr.·.-Maç.·.

Eis como se exprime um inglez a respeito da moralidade em Inglaterra (Henrique Matthew. Londres 1857):

«Apesar do grande numero das nossas escólas, e dos capellães nas prisões, do systema rigoroso de disciplina que ahi ha, do innumeravel exercito de agentes de policia, e da multiplicação de capellas e igrejas, a nossa população criminal cresce como os cogumelos em uma atmosphera fétida.» (Margotti—Roma e Londres, p. 317-318). De 1836 a 1843 as prisões augmentaram de 50 por cento, termo medio. Sobre uma população de 115:000 homens resulta que ha um criminoso para 60 habitantes. Segundo a estatistica criminal de Londres, publicada em 1857, pela policia da metropole, o numero das pessoas presas por crimes em 1856 eleva-se ao algarismo enorme de 73:000. (Ibid., p. 326). Lêmos na mesma obra p. 328: que um official publico de uma grande cidade (Leed) affirmou publicamente que elle está convencido que *annualmente* no districto da sua jurisdicção se commettem 300 infanticidios ou antes ou depois do nascimento.

Tomando conta do numero de habitantes, a proporção seria entre Londres e Paris de 3 para 2 para os crimes commettidos contra as pessoas, e quasi de 3 para 1 nos delictos contra a propriedade. Leon Faucher chega a esta conclusão em honra de Paris (p. 335). O trabalho comparativo faz-se sobre os relatorios da policia em Londres em 1842 e de Paris em 1841. Não sei se Paris não poderá em breve rivalisar com Londres. «Em algumas partes d'Inglaterra, diz Alison (cap. VIII) o progresso da immoralidade foi tão extraordinario e espantoso que, segundo os relatorios apresentados ao parlamento, o numero dos delictos augmentou de 1810 a 1837 de 89 a 3:176: augmento sem exemplo na Europa até

hoje. E addita (cap. x) que sobre cinco annos o augmento dos delictos foi em Meddlessex e Devonshire de 17 por cento e no Surrey 18 por cento.»

O crime produz a miseria, e é o peccado, diz o Espirito Santo, que torna os povos desgraçados. Quer V. fazer idéa do pauperismo em Inglaterra? Eis o que se lê no Universo de 9 de outubro de 1836: elle cita a carta d'um inglez ao *Bem Publico* de Gand:

«Em Inglaterra e no Paiz de Galles sobre 16 ou 17 milhões de habitantes, dous milhões de individuos estão encerrados em *Work-Houses* sem fallar nos que recebem soccorros em seus domicilios.»

De 1748 a 1848, diz Robert Pashley, triplicou a população em Inglaterra: mas durante este lapso de tempo o pauperismo, comprovado officialmente, tornou-se oito vezes mais numeroso. (Margotti, p. 458). Londres tem *officialmente* um pobre para 8 habitantes, mas *realmente* tem um para quatro (id. ib.). Em Paris ha *um* pobre para 16, em Roma *um* para 80 habitantes (p. 458).

Talvez V. me pergunte qual é a relação que estabeleço entre este movimento progressivo da corrupção e a Fr.·.-Maç.·.? Ser-me-ha facil dizel-o.

Não terá V. esquecido a relação intima existente entre as idéas, o espirito e os actos de uma sociedade; entre os principios e o procedimento de qualquer homem: esta relação naturalmente liga a causa ao effeito. (Carta trigesima setima).

Tambem não é necessario recordar as doutrinas religiosas, moraes e sociaes da Fr.·.-Maç.·. que já expuz. (Cartas oitava, e vigesima).

Posto isto, poderemos admirar-nos de vêr a fraude e a injustiça penetrar em todas as camadas da sociedade, tornando-se a lei geral, que preside a todas as relações d'interesse e transacções, quando os principios Maç.·. tem abalado nos espiritos as bases da propriedade, que é um roubo, consoante os principios da seita? (Carta decima nona).

Podemos estranhar que os crimes contra o pudor se multipliquem por modo tão assustador quando, por um lado, vemos a Maç.·. justificar todas as paixões e consagrar os mais pessimos instinctos, e pelo outro, eliminar do seu symbolo a crença na vida futura e arrazar todas as barreiras que poderiam oppôr-se ás inclinações desregradas do homem? (Carta decima quarta).

Quem suspenderá a mão do *assassino,* quando, por favor da Maç.·. elle nem crê na existencia de Deus nem nas recompensas futuras? Que haverá de monstruoso no crime de parricidio, quando o filho só vê no pai um animal aperfeiçoado, a quem nem deve reconhecimento nem amor?

Porque razão se ha-de tratar com severidade a infeliz que matou no seio o menino, que concebera, ou o destroe depois de nascido? Que motivo ha para a distincção entre o fructo das suas entranhas e os filhos dos animaes que se afogam ao nascer sem reserva nem compaixão? (Carta decima primeira).

Não tendo o homem, consoante os principios Maç.·., outro destino além da sua vida mortal, e abandonando-o sem conforto nem esperança ás violencias da dôr e desgraça, não é excitado a pôr termo pelo suicidio a soffrimentos para os quaes nem ha remedio nem lenitivo possivel?

Recorda-se V. que, conforme a doutrina Maç.·., o divorcio está nos nossos costumes, como deve estar nas leis. Haverá cousa mais natural do que os esposos que forem Maç.·. applicarem estes principios que os collocam á vontade, e se accommodam tão adequadamente com a circumstancia do coração e os desejos caprichosos d'uma vida futil e licenciosa?

E' inutil levar mais longe estas reflexões: ellas se offereceram ao vosso espirito, e o pouco, que acabo de dizer, bastaria para mostrar aos menos esclarecidos a união intima e relação necessaria que existe entre as doutrinas Maç.·. e a degradação moral em que a França cahiu: podemos avistar desde logo o abysmo insondavel onde todas as nações,

tocadas pela cegueira, se precipitam fatalmente guiadas pelo inimigo implacavel de Deus e dos homens.

Não procureis, n'estas sociedades, essas virtudes heroicas nascidas do pensamento e inspiração catholica. Sacrificar-se por Deus, pela patria e pelo proximo, segundo as doutrinas da Fr.·.-Maç.·., não é nem póde ser uma virtude: a suprema sabedoria, n'estes principios, é o supremo egoismo.

Eu o sei: as paixões são de todos os tempos: em toda a parte e sempre houve desordens. Antes da Maç.·. e independente d'ella e sua acção, em todos os seculos a França teve no seu gremio muitos christãos indignos d'este nome. E' tambem certo que ha um seculo a Maç.·. caminha á frente dos rebeldes que querem sacudir o jugo de Deus e subtrahir-se ao seu imperio. Foi ella que solemnemente arvorou no meio do mundo o estandarte da *liberdade,* e este brado do orgulho rebellado é o seu grito e mote de guerra: é ella que a occultas nas suas Lojas e publicamente pela voz da imprensa ensina ao mundo as suas doutrinas impias e excita contra Deus todas as paixões humanas.

A Maç.·. nega a vida futura, a immortalidade da alma, a existencia de um Deus, remunerador da virtude e vingador do crime, e por este modo desecca os corações e a fonte de todas as virtudes, todas as dedicações e aspirações elevadas: circumscreveu o homem no circulo estreito d'esta vida de miserias: tornou impossivel o respeito e o amor do proximo. Como se podem amar e respeitar entes que nada tem de grande e immortal, nada celeste e divino, incapazes de virtude e de merito? Fazendo desappacecer a extrema razão do respeito e amor dos homens entre si, ficam estes reduzidos ao seu mesquinho individualismo. Que se obtem em fim? A anarchia *dos espiritos, dos corações e das vontades.*

A diminuição das vontades arrasta a diminuição da intelligencia: com os principios desapparece a sciencia.

O enfraquecimento das vontades, o aviltamento dos caracteres, caminham tão rapidos como o olvido da moral e a negação da virtude.

As constituições physicas perdem o vigor e a belleza. As *relações sociaes* são affectadas de certa frieza glacial, e indifferença arida que contrasta tristemente com a polidez e proverbial amabilidade que distinguiam a nossa patria: muitas vezes esta ausencia das antigas qualidades é substituida pelo desprezo, inveja e odio que transparecem nas vistas ameaçadoras e figuras sinistras d'esses homens, em que nada se divisa que seja *francez*.

Parece-lhe exagerado este quadro? Não o penso: e o que ha mais afflictivo é que não parece que pararemos n'este declive rapido da degradação moral por onde resvalamos ha um seculo: vamos direitos precipitar-nos na barbarie.

E' esta a obra da Fr.·.-Maç.·. Eis o progresso, com que dotou as nossas sociedades modernas. N'este sómente é ella realmente progresista.

N'esta carta apenas pude tratar o assumpto pela rama: a questão, cujo objecto é, exigiria uma obra para ser cuidadosamente estudada. Seria a prova mais peremptoria que as nossas sociedades seguem caminho erroneo, e que os directores do genero humano são cegos e insensatos com quem infallivelmente cahiremos no vallado. Possam elles reconhecel-o em quanto é tempo, e para evitar o abysmo aberto diante de nós, apressurar a mudança da direcção que se vai seguindo.

CARTA QUADRAGESIMA SETIMA

Caracter geral da Fr.·.-Maç.·. é a *synagoga de Satanaz* e a caricatura da Igreja de Jesus Christo.

Senhor.

É agora que podemos apreciar com exactidão a Fr.·.-Maç.·. dando d'ella uma definição exacta. Esta definição dá-se em pouco: «A Fr.·.-Maç.·. é a *synagoga de Satanaz*.»

Antes de subir ao céo Jesus Christo instituiu a sua Igreja, que encarregou de continuar a sua obra reparadora até ao fim dos seculos. Ficando seu chefe invisivel mas real, constituiu-a como governo regular, collocou á frente d'elle, na qualidade de vigario, um dos seus apostolos que investiu de plenos poderes: a esta Igreja confiou o seu Evangelho e os sacramentos, fêl-a dispenseira das suas graças e da vida sobrenatural. Mãi de todos os fieis por ella nos tornamos filhos de Deus: ella nos instrue, dirige, sustenta no combate, levanta-nos depois das nossas quedas, cura nossas feridas e as doenças das nossas almas, assiste e fortifica-nos em nossos ultimos momentos, conduz-nos á gloria eterna pela pratica das virtudes christãs e faz-nos esperar pela mediação de Jesus Christo, nosso Salvador, o derradeiro fim da nossa creação que é a gloria da adoravel Trindade.

Pois em face d'esta Igreja, e com fins diametralmente oppostos, o *inimigo* de Deus e dos homens, Satanaz, fundou a Fr.·.-Maç.·. que não é mais do que uma odiosa caricatura da Igreja.

Eis a prova. Os caracteres essenciaes da Igreja são a sua *catholicidade, unidade, apostolicidade e santidade.* A Fr.·.-Maç.·. attribue a si estas qualificações.

É *universal:* ella nol-o diz, e provou. (Carta terceira e notas).

É *una* nos seus *dogmas:* não porque professe as mesmas doutrinas positivas, mas possue a *unidade na incredulidade,* seu principio fundamental, que é a *liberdade do pensamento,* sendo a negação equivalente de toda a verdade.

É *una* no seu *odio* contra Jesus Christo e a sua Igreja: *una* no seu *fim principal:* a destruição do christianismo e das monarchias: una nos seus *segredos e iniciações,* una nos seus *juramentos.*

Se não provém dos apostolos é porque vai buscar a sua origem mais distante, porque descende em linha recta d'aquelle que primeiro arvorou o estandarte da *liberdade,* e que em todos os tempos como paizes, desde o principio e sempre, encontrou cumplices que repetem com elle o grito audaz da revolta: *Non serviam.* Ella pretende durar tanto como os seculos e recrutar-se até ao fim dos tempos. Principia com o principio e finalisa com o fim. As duas cidades de que falla Santo Agostinho datam do principio do mundo e seus primeiros chefes entre os homens foram Caim e Abel.

Se a Igreja tem a *hierarchia,* a Fr.·.-Maç.·. tem tambem a sua: em certos ritos tem até levitas, sacerdotes e grandes sacerdotes. A Maç.·. chama-se *ordem* e *religião.* Seus membros intitulam-se *Irmãos.*

Se a Igreja tende essencialmente a estender-se e se o seu amor por Deus e pelos homens lhe faz desejar submetter o universo inteiro ao jugo do Evangelho, fazer conhecer todas as doutrinas da salvação, a Fr.·.-Maç.·. exerce o zelo a seu modo, e no seu odio instinctivo do bem esforça-se por arrancar a Deus a gloria que lhe é devida, e aos homens a verdade e virtude que unicamente os podem tornar venturosos.

Se a Igreja tem por fim restabelecer a ordem na socie-

dade, familia e individuo: se todos os seus convidados tem por objecto santificar o homem, fazer reinar a paz e a felicidade na terra, consagrar a authoridade do principe, a submissão dos subditos, a Fr.·.-Maç.·., já o dissemos, tomou a si a triste missão de levar a perturbação e divisão ás familias, fomentar a revolução nos Estados, e destruir em todos os corações as bases da moral e as primeiras idéas da virtude.

Se na Igreja todos pelas promessas do Baptismo contrahiram a obrigação de trabalhar para a sua santificação e observar os mandamentos de Deus, se todos renunciaram formal e solemnemente a Satanaz, ás suas pompas e obras: na Maç.·. igualmente todos pelos seus primeiros juramentos se obrigaram a seguir a direcção da Ordem, executar o que lhes fôr exigido, guardar inviolavelmente os seus segredos, e todos, implicitamente pelo menos, renunciaram a Jesus Christo e á religião catholica.

Se no seio da Igreja a carreira se acha aberta ás ambições mais nobres, ás virtudes mais heroicas, ás dedicações mais sublimes, para gloria de Deus e felicidade da humanidade: na Maç.·., graças ás iniciações e á serie ascendente dos graus, póde aspirar-se e chegar-se ao mais elevado grau d'impiedade. Sirvam-nos de exemplo os graus de Rosa Cruz e de Cavalleiro Kadosch, de que já tractamos. (Carta decima sexta).

Se a Igreja em fim tem o seu culto, ceremonias, sacramentos, a Fr.·.-Maç.·. tratando as ceremonias em uso na Igreja, de *phantasmagorias ridiculas,* tem tambem o seu culto, ceremonias e sacramentos. Sim, é n'esta materia principalmente que se revelam mais claramente o espirito, que a anima, o chefe invisivel, que a dirige, o odio infernal que vota á Igreja. Nada nol-a póde tornar mais desprezivel e odiosa do que esta sacrilega parodia do que a religião contém mais santo e respeitavel. Não nos espantemos com tudo em demasia: este procedimento não é novo: a historia nos mostra estas manobras impias praticadas muito antigamente.

O demonio, chefe invisivel da Fr.·.-Maç.·. não está fazendo o seu primeiro ensaio.

Desde o segundo seculo, diz Tertulliano, « elle imitava nas cavernas dos seus templos as ceremonias dos nossos sacramentos divinos: elle baptisa os que crêem em sua doutrina, promette-lhes a remissão dos peccados: confere-lhes funcções sacerdotaes: estampa na fronte o signal da confirmação: celebra o offerecimento do pão: e como pontifice supremo administra o matrimonio. *Diabolus ipsas quoque res divinorum sacramentorum in idolorum mysteriis æmulatur: tingit et ipse quosdam utiqùe credentes. Expiationem delictorum repromittit et sic adhuc initiat... Signat illic in frontibus milites suos: celebrat panis oblationem... Quid quod et summum pontificem in unis nuptiis statuit.* (*De Præscript.* c. 40).

Permitta-se que eu copie aqui textualmente a narração do que se pratica n'essas ceremonias burlescas não menos proprias para envergonhar o Maçon do que para rebellar a piedade do christão.

Mas para comprehender todo o odioso d'estes actos Maç.·. recordemo-nos das suas doutrinas sobre a existencia de Deus, a espiritualidade e immortalidade da alma, o peccado original, etc. Então se comprehenderá que se essas momices indignas não tivessem por fim escarnecer dos sacramentos da Igreja, não teriam razão de ser, sendo estabelecidas só com este fim maldito.

O que vamos dizer é um extracto da Historia da Fr.·.-Maç.·. por Dubreuil, t. II, p. 139 e seguintes.

A. Baptismo maçonico.

O Veneravel, tendo mandado tomar apontamentos do nome do pai e do menino, do local e dia do nascimento, e desejo do pai de fazer reconhecer o menino, como filho da Loja, e de lhe proporcionar uma educação que o faça merecedor de ser um dia contado no numero dos Maçons, quando che-

gar á idade propria, manda vir os emblemas maçonicos, isto é, a pedra bruta, o cinzel e o malhete: endereça-se depois ao pai e este toma o cinzel e com o malhete dá as tres pancadas mysteriosas na pedra bruta. Depois do Irmão dar as tres pancadas, o Veneravel lhe diz: «Meu Irmão, o trabalho que acabaes de fazer symbolisa o que tereis que fazer com vosso filho: o menino no estado de innocencia assemelha-se á pedra bruta: sahe das mãos da natureza com o germen de todas as qualidades proprias para lhe fazer adquirir todas as qualidades pelas quaes póde aspirar á perfeição sobre a terra [1].»

O padrinho toma na mão direita um fio de prumo, de modo que a extremidade inferior do peso toque o coração da criança e diz: «Ensine-te a linha vertical do peso a caminhar direito na estrada da virtude e da verdade.»

O primeiro Vigilante sustenta com a mão direita um lado do nivel, em quanto o padrinho apoia o lado opposto, de modo que a base do nivel seja horisontal e que se colloque á altura do peito do menino.

Então o Veneravel e o padrinho tomam o esquadro, e o levantam sobre o menino de modo que os dous lados do instrumento se dirijam para a terra. Depois de breve allocução do Veneravel, os dous Vigilantes e o padrinho tomam cada um uma vela. O menino é levado por seu pai para o pé do candelabro do angulo sudoeste do quadro.

O Veneravel toma a vela do primeiro Vigilante, accende a do candelabro e ao restituir-lh'a, diz: *Amen*. Depois avisinham-se do candelabro do angulo sudoeste, e dizendo o Veneravel:

«Meus Irmãos, promettei-me que empregareis todos os vossos esforços para que este menino caminhe pela estrada

[1] Acha-se no estatuto da Loja da *Perfeita intelligencia* o §. seguinte: O I.·. a quem nasce um filho é obrigado a prevenir a officina para se consignar o seu nascimento no registro com o seu nome e appellido: alguns dias depois uma deputação vai felicitar a mãi por parte da Loja e offerecer ao menino uma pequena trolha de prata, pendente d'uma fita de sêda azul.

da virtude e verdade, e preserve a sua razão e consciencia dos prejuizos e do erro.»

Os Irmãos respondem: «Nós o juramos.»

O Veneravel accende como da primeira vez a vela do candelabro e diz: *Amen.*

Vem então para o candelabro noroeste e o Veneravel diz:

«Meus Irmãos, promettei-me que accendereis no coração d'este menino o amor dos seus semelhantes e o ardor e desejo de trabalhar um dia pelo bem da humanidade.»

Os Irmãos respondem: «Nós o juramos.»

O Veneravel accende a vela do terceiro candelabro e diz: *Amen.*

Vem então agua e o Veneravel lava e limpa as mãos: toma o vaso deposto no altar, que contém o vinho, entrega-o ao padrinho, molha o index e leva-o á bocca do menino, e diz-lhe: «I.·. F.·. manifeste a tua bocca os principios da sabedoria.»

Molha segunda vez o dedo no vinho e lh'o passa sobre os olhos, dizendo: «Aprendam os teus olhos a lêr no grande livro da natureza.»

O Veneravel manda depois apagar as velas, endereça uma invocação ao Grande Architecto do Universo, e termina os trabalhos, dizendo: «Meus Irmãos, retirai-vos em paz, e levai comvosco os votos ardentes, que fazemos pela prosperidade de quantos vos pertencem.»

B. e C. Confirmação e confissão maçonicas.

O menino que póde ser confirmado é levado em silencio ao gabinete das reflexões [1]. O preparador diz-lhe:

[1] «O gabinete de reflexão representa uma especie de cemiterio ou o sepulchro de Jesus. Está ornado com os mesmos emblemas dos tempos christãos no dia da commemoração dos mortos: estão ahi ossos, esqueletos, gallos sobre columnas, que recordam a infidelidade do principe dos apostolos, ampulhetas, etc.; inscripções analogas ás doutrinas maçonicas, etc.

«Este local obscuro representa-vos uma gruta que a natureza cavou na terra... Os emblemas da morte dizem-vos que deveis viver bem... O emblema do gallo vos aconselha a vigilancia. A ampulheta a imagem do tempo... Lêde todas as inscripções que encontrardes aqui, e reflecti n'ellas, de modo que possaes responder convenientemente ás perguntas, que se vos fizerem.»

Quando o mancebo é introduzido na loja e se lhe pergunta a explicação dos emblemas que observou no gabinete de reflexão, referem-lhe as provas a que vai sujeitar-se e os deveres de que terá a desempenhar-se.

Depois que o postulante respondeu a diversas perguntas que o Veneravel lhe endereça, começam as provas.

A primeira é a confissão dos seus defeitos. A este respeito diz-lhe o Veneravel: «Dai-nos uma prova da resolução que tendes de vos associardes á nossa sociedade, confessando francamente os principaes defeitos de que desejaes corrigir-vos. Não vos illudaes imaginando que esses defeitos nos são occultos, e que só procuramos satisfazer nossa vã curiosidade: crêde pelo contrario que só exijo a confissão para que tenhaes occasião de provar-nos a vossa franqueza e sinceridade, e conduzir-vos a dar mais um passo para a perfeição moral a que deveis aspirar.»

Quando para a primeira prova o irmão preparador offerece ao mancebo o calix d'amargura, ordenando-lhe que o beba até á derradeira gota, o Veneravel continua fallando-lhe n'estes termos: «O travor d'esta bebida symbolisa a repugnancia que se sente quando se trata de confessar suas faltas, e a difficuldade de abandonar os maus habitos contrahidos.»

Exigem depois ao mancebo que nunca revele aos profanos a doutrina da Ordem, assim como nada do que souber depois a respeito dos seus deveres.

Submettem-no depois a outras provas, cuja moral o Veneravel explica n'estes termos: «O rumor e estampido, que ouvistes, acompanham ordinariamente os primeiros passos

dos que principiam a caminhar na carreira maçonica. Elles representam a luta das paixões, a energia do vicio, as perturbações do prejuizo e do erro, e os absurdos da ignorancia.»

O mancebo ouve ao longe o tinido de armas e detonações de tiros de fogo, e o Veneravel continua: «O estrepito de armas que ouvistes, indica-vos que deveis procurar adquirir a força moral, que vos é necessaria, para figurardes dignamente no combate que os homens virtuosos e esclarecidos tem para pelejar em defeza do triumpho da virtude contra o vicio, os prejuizos e a ignorancia.»

O preparador obriga o mancebo a dar alguns passos á rectaguarda, para que aprenda por este modo que nada se consegue sem trabalho, e que não é da primeira avançada que se chega ao sanctuario da verdade.

Dispensamos o leitor do resto das ceremonias e explicação dos emblemas.

D. Ceia maçonica.

No primeiro domingo, que segue o equinoxio da primavera, os maçons celebram pelo modo seguinte *a festa do despertar da natureza.*

No fundo da Loja, para o oriente, por baixo ou por cima do throno, está um triangulo em fórma de gloria, com o nome de Jehovah em caracteres hebraicos: do lado do meio-dia em um transparente um sol elevado acima de um tumulo: ao seu lado, outro transparente, representando a constellação de Aries. Junto d'este transparente colloca-se uma mesa, sobre que ha um cordeiro de massa, uma faca, uma taça e um copo de vinho. Ao norte, a lua n'outro transparente: e diante do Aries, ha uma laranjeira carregada de flôres e frutas verdes. Sobre uma mesa descançam um thuribulo e um vaso contendo perfumes. Um candieiro de tres braços acha-se deposto sobre o altar, estando aquelles em linha com a inscripção: *Prudencia, Justiça, Bonda-*

de: e nos tres candelabros se vêem as inscripções seguintes: sobre o que está proximo do Orador, *Ao grande Architecto do Universo:* sobre o do primeiro Vigilante, *á Virtude:* sobre o do segundo Vigilante, *á Humanidade.* Sobre o tapete, estão os differentes instrumentos maçonicos.

O Veneravel annuncia o objecto da festa do dia, que é a celebração do novo anno maçonico, e a volta do sol ao equinoxio da primavera. Depois de haver incensado por tres vezes o candieiro de tres braços e o candelabro, accende, com uma pequena vela, as velas do candieiro, bem como as doze estrellas que representam os doze mezes do anno. Convida depois seus Irmãos a reunirem-se a elle para saudarem a volta do sol ao nosso hemispherio pela triplice bateria, quer dizer, por tres acclamações.

Então o mestre de ceremonias parte o cordeiro: ouve-se a harmonia e o Veneravel diz:

«Irmãos primeiro e segundo Vigilantes, convidai os Irmãos para se reunirem a mim, a fim de terminar os trabalhos d'este dia solemne, estreitando os nós do laço sagrado da amizade sincera, que nos une, consumindo para este fim os alimentos, que a divina Providencia collocou á nossa disposição. Reuni-vos em torno da mesa, meus Irmãos.»

O Veneravel levanta a mão direita estendida e diz: «Grande Architecto do Universo, abençôa os alimentos, que vamos consumir em tua gloria. Conserva em nossos corações a amizade fraterna, que nos une, e faze com que o seu fim e effeitos sejam sempre salutares para a humanidade. *Amen.*»

O Veneravel apresenta o prato ao Irmão que está á sua direita, dizendo: «Tomai e dividi entre vós o mesmo alimento, em testemunho dos sentimentos fraternos de que vos achaes animados uns para com os outros.»

Depois toma a taça, bebe e apresenta-a ao Irmão da sua direita, dizendo: «Tomai esta taça e bebei d'ella com vossos Irmãos, e fortifique este licôr o affecto que lhes haveis dedicado.»

Tendo passado o calix, o Veneravel dá a paz ao Irmão da direita, etc.

Não tentarei deduzir o que ha de burlesco e ridiculo n'esta parodia sacrilega: mas indubitavelmente a Maç.·. só procura entregar á zombaria o que ha mais santo e augusto na nossa Religião. O odio de Satanaz contra a Igreja e Jesus Christo atraiçoa-se n'estas praticas infernaes, d'onde se exhala um cheiro fortissimo de impiedade e blasphemia.

Damos por terminado este assumpto.

E. Parodia do casamento christão.

«O Fr.·.-Maç.·. e a Fr.·.-Maç.·. apresentam-se na Loja e o Veneravel inquire-os: *Que vindes procurar aqui?* O Fr.·.-Maç.·. responde por si e pela sua companheira: «Veneravel, depois de termos satisfeito á lei civil, teremos grande satisfação se recebermos a consagração Maç.·. da nossa união, e a sancção fraterna da *nossa Loja.*»

«*Veneravel.* — Erguei-vos, de pé, espada em punho, meus Irmãos. Ir.·. Fulano, declaraes haver tomado para vossa legitima esposa a nossa Irmã Fulana?

«*Irmão.* — Sim, Veneravel.

«*Veneravel.* — Cara Irmã Fulana, declaraes haver recebido por legitimo marido o nosso Irmão Fulano?

«*Irmã.* — Sim, Veneravel.

«*Veneravel.* — Ir.·. Fulano, juraes a vossa esposa amor, fidelidade, dedicação e protecção?

«*Irmão.* — Juro.

«*Veneravel.* — Cara Irmã Fulana, juraes a vosso marido amor, fidelidade, dedicação e confiança?

«*Irmã.* — Juro.

« *Veneravel* (lança incenso sobre o lume em um vaso). — Subam vossos juramentos e votos pela vossa felicidade e prosperidade como o fumo d'este incenso, até ao throno do Eterno! Purifique vossa alma o fogo sagrado, abraze vossos corações, e grave ahi estas *palavras sacramentaes: Amor reci-*

proco, unidade, communidade, dai um ao outro a vossa mão direita: este dôce symbolo de affeição e unidade é a imagem da identidade de principios, pensamentos, sentimentos e vontade, que devem fazer o encanto da vossa união. Se no decurso da vossa vida se levantar alguma debil nuvem, dissipe-a o mais prudente e menos irritado. Um aperto de mão, um abraço devem bastar para restabelecer a harmonia e isto com tanta maior facilidade quanto o coração nada influe n'estes desvios do espirito.»

«Irmão Fulano, collocai no dedo da nossa Irmã Fulana esta alliança symbolica.

«Cara Irmã, dai a vosso marido esta alliança cuja fórma é emblema da perpetuidade.

«A vossa união como cada uma d'estas allianças compõe-se de duas metades, que, sendo separadas, são sem valor para a sociedade a quem contristam, mas sendo intimamente unidas tornam-se propicias a si proprias, e ao mundo que se edifica pelo seu excellente exemplo.»

«Inclinai-vos.

«O Ir.·. e Irmã inclinam-se e o Veneravel impondo as mãos sobre as suas cabeças pronuncia as palavras da consagração conjugal Maç.·.:

«A' Gl.·. do G.·. A.·. do Univ.·. em nome e sob os auspicios do Gr.·. Or.·. de França e em virtude dos poderes que me são conferidos por esta Resp.·. Loja confirmo-vos no laço sagrado do matrimonio, e vos confiro a consagração Maç.·. de que são merecedoras vossas virtudes. Abençoe o Eterno a vossa união, vos faça reciprocamente fieis a vossos juramentos e sereis sempre felizes!

«Levantai-vos.»

«Alegra-se a Maçonaria vendo dous seres contrahindo união, jurando amor reciproco e auxilio mutuo durante a vida, e crendo de boa fé na perpetuidade do seu juramento. Vamos applaudir este enlace cordial, que não só é honroso, mas tem um grande valor moral. Felizes os que podem satisfazer aos seus deveres!» Sendo conduzidos para o

oriente da Loja os dous conjuges ouvem o dialogo seguinte:

«*Veneravel.*—Ir.·. Primeiro Vigilante, que pensaes ácerca da indissolubilidade do matrimonio?

«1.º *Vigilante.*—Penso que é opposta ás leis da natureza e da razão: ás *primeiras* porque as conveniencias sociaes tem unido muitas vezes entes que a natureza tinha separado por antipathias que só no matrimonio se manifestam: ás *segundas* porque a indissolubilidade faz do amor uma lei e procura avassallar o mais caprichoso e involuntario dos sentimentos.

«*Veneravel.*—Qual deve ser o correctivo?

«1.º *Vigilante.*—*O divorcio.* Elle está nos nossos costumes esperando que se ache *nas nossas leis* e se torne legal.» (M. de Saint-Albin, p. 211).

F. Enterro maçonico.

A Fr.·.-Maç.·. que não crê na immortalidade da alma, não se recusa a certas ceremonias para dar brilho ás honras funebres prestadas aos seus membros mais distinctos.

Os seguintes apontamentos são extrahidos do relatorio da ceremonia que em 1819 teve lugar pelo I.·. Saint-Martin.

«Ao pé do monumento levantava-se um cypreste: ante o estrado, sobre um altar de fórma cubica estavam vasos de prata e crystal contendo lume, perfumes e agua lustral: tambem ahi havia um ramo de acacia.

«Tendo os Ir.·. tomado lugar n'este lugubre recinto, o Veneravel e os dous Vigilantes subiram ao estrado por escadas collocadas ao oriente, sul e norte. Todos tres se avisinharam do cenotaphio e purificaram pela agua, fogo e perfumes, a urna funeraria. Acabada a purificação, o Veneravel cantou com a expressão da mais profunda sensibilidade, estancias, que promoveram uma commoção geral.

«O Veneravel e os dous Vigilantes subindo novamente ao estrado tiraram os crepes funebres e o cypreste, que co-

bria a urna mystica, e substituiram-nos por uma corôa de perpetuas.» (Ann. maç.·. dos Paizes-Baixos, t. III, p. 507-557).

Na nota XVII acha-se a narração dos funeraes em honra do rei Leopoldo da Belgica, que a Fr.·.-Maç.·. quer incluir no numero dos seus membros.

Na nota XVIII se acha o que se pratica na *inauguração* de um templo Maç.·. E' facil reconhecer ahi uma parodia de muitas das magnificas ceremonias da igreja catholica, especialmente das de *Sabbado Santo*. Não insistirei com tudo mais n'este ponto. A Fr.·.-Maç.·. não negará que tem indignamente parodiado os sacramentos da Igreja. Mas tão elevados são os ritos que a Igreja emprega na administração dos sacramentos, pela sublimidade das idéas que despertam, tanto são ridiculas e pueris as ceremonias usadas nas Lojas.

Separadas da fé, unica que póde vivifical-as, estas ceremonias e ritos são apenas momices sacrilegas, que seriam apenas ridiculas se não fossem grosseiramente criminosas. O riso comico do macaco excede aqui o gracejo e só deixa aperceber a malvadez.

Disse e creio ter demonstrado que a idéa verdadeira e definição completa e exacta da Fr.·.-Maç.·. resume-se n'estas palavras: é a *synagoga de Satanaz*, a parodia da Igreja. Querendo comprehendel-o mais completamente basta considerar os principaes distinctivos que caracterisam a Fr.·.-Maç.·. e formam, para assim me expressar, a sua physionomia. Se na Igreja encontramos Jesus Christo, as suas virtudes, sentimentos e caracteristicos divinos: na Maç.·. descobriremos facilmente as feições do demonio e o seu espirito tal como é. E' o quadro que vou apresentar. Penso que V. ficará admirado da perfeita semelhança que existe entre a filha e o pai.

NOTA XVII

Ceremonia funebre em honra do rei Leopoldo de Saxe-Coburgo.

(Bruxellas 1866)

A sala do tumulo está forrada de luto. O crepe está marchetado com grinaldas brancas, lagrimas e franjas de preto: aos lados estão escudos tendo divisas funebres traçadas com letras de prata.

Ao centro sobre tres degraus se levanta o mausoléo. Quatro officiaes dignitarios com a espada em punho, e tendo pendente a banda preta dos eleitos dos IX fazem a guarda do tumulo á direita e esquerda. A alampada sepulchral está suspensa na abobada.

O templo está debilmente esclarecido. Ao lado do tumulo está o altar, com ornamentos pretos. Ao lado direito a estatua em corpo inteiro do defunto, vellada de crepe. Diante do tumulo uma tripode antiga, onde arde uma pyra. De ambos os lados estão vasos com incenso e perfumes. Em cima de uma mesa uma cesta cheia de flôres desfolhadas, um vaso de vinho, outro de leite e outro de agua lustral.

O I.·. Van Schow, Gr.·.-M.·., sobe ao altar onde arde o fogo sagrado e diz:

«Sombra venerada de nosso augusto Irmão, escuta a minha voz! Em nome de todos os Irmãos reunidos n'este templo, offereço-te a *agua*, que a natureza renova sempre e nas suas transformações successivas purificando-se de todos os corpos estranhos é o emblema da pureza!

«Offereço-te o *vinho* que o homem extrahe da vinha. E' o emblema da força.

«Offereço-te o *leite*, primeiro alimento do homem. E' o emblema da franqueza.

«A morte te fez desapparecer, como o lume que tudo devora: mas não nos privou da tua recordação. A saudade semelhante a este perfume, que se derrama no ar, reanimará a nossa coragem, estimulará o nosso zelo, e encaminhar-nos-ha no cumprimento de uma tarefa, que nos é imposta.

«Carissimo Irmão! Nós te havemos de seguir todos na ordem prescripta pela natureza. Possamos nós ser algum dia pranteados como tu és.»

Depois do discurso do orador o Grão-Mestre avança e queima tres vezes perfumes ante o altar, dizendo: «Suba á celeste origem a alma de nosso Irmão como o fumo d'este incenso se eleva para os céos.»

Tendo voltado ao throno (assim diz a prancha) continúa: «Meus Irmãos do Oriente, reuni-vos a mim: nós vamos lançar no tumulo de nosso Irmão venerado flôres, emblema da nossa amizade, symbolo da nossa dôr.»

O Grão-Mestre e os Irmãos que tem o lugar no Oriente, dirigem-se ao mausoleu e derramam sobre elle flôres desfolhadas. Aos Irmãos do Oriente succedem-se os Grandes Vigilantes, acompanhados pelas suas columnas.

Terminada a offrenda, o Serenissimo Grão-Mestre convida a assembléa a pôr-se de pé e á ordem, e pronuncía a invocação. (Segue-se a invocação).

O Serenissimo Grão-Mestre convida os Grandes Vigilantes para o auxiliarem no encerramento do tumulo.

Chegando ao pé do sarcophago o Grão-Mestre bate tres vezes com o malhete no angulo do tumulo e diz — adeus! adeus! adeus!

Torna para o seu lugar no throno: «Meus Irmãos, de pé e á ordem! Não existe já o nosso venerado Irmão Leopoldo de Saxe-Coburgo! Este Mestre Maçon não tornará mais a apparecer entre nós! Mas a alma do nosso carissimo Ir.·. regressou á sua celeste origem! Esperemos! Esperemos!» Muda o scenario e a ceremonia termina.

O templo da immortalidade resplandece de luzes, ao centro o busto do Irmão Leopoldo de Saxe-Coburgo: em volta, estatuas allegoricas conferindo a corôa e offerecendo palmas immortaes: no fundo, direita e esquerda, quadros pintados pelo Irmão Wilbrandt completam a imagem do Elyseo.

Concluidas as ultimas notas do concerto, o serenissimo Grão-Mestre diz: «Meus Irmãos, nossas esperanças realisaram-se. O nosso Irmão está collocado no meio dos bemfeitores da humanidade. Elle brilha eternamente no templo da immortalidade.»

NOTA XVIII

Inauguração do templo da Loja do Trabalho, em Bruxellas em 1842.

(Extracto do *Globo*, t. IV, p. 339)

No anno da verdadeira luz 5842, a 16 do quarto mez (16 de junho de 1842) a respeitavel Loja *Trabalho*, regularmente constituida ao Oriente de Bruxellas, devida e fraternalmente convocada e reunida, abriu os trabalhos d'aprendiz sob o malhete do illustrissimo E. de Wargny, Veneravel, ao Oriente: Van Jeun e Alexandre, primeiro e segundo Vigilantes, ao Occidente. Os Irmãos Heetveld, orador e Peeters filho, secretario, occupam os seus lugares.

O Veneravel mandou sahir uma deputação composta de tres Irmãos incumbidos de irem acompanhar desde suas casas á Loja em carruagens os Irmãos illustres que haviam sido convidados para a festa em nome da Loja...

A deputação manda annunciar que está de volta, acompanhada pelo illustre Irmão.

O Veneravel manda uma deputação de sete Irmãos, munidos de estrellas e espadas, e convida os mestres de ceremonias a precedel-a, para introduzir com todas as honras os illustres Irmãos annunciados.

Pouco depois entram em cortejo no templo, por baixo da abobada de aço, batendo-se os malhetes, precedidos dos Mestres de ceremonias, dos sete Irmãos portadores d'estrellas e da deputação, que foi procural-os ao domicilio, os sapientissimos, honradissimos e perfeitissimos Irmãos: 1.º Th. Verhaegen, Grão Mestre nacional *da interim*: 2.º Stevens, Soberano Grande Commendador: 3.º De Facqz, ex-

Mestre da Loja *Progresso;* 4.º Verhaegen, Sapientissimo do Capitulo do *Progresso:* 5.º Schuermans: 6.º Freichman: e 7.º Artot.

O Veneravel desce do throno, adianta-se ao seu encontro até ao meio do templo e em nome da officina, endereça-lhes um comprimento. Os Ir.·. Verhaegen e Stevens respondem-lhe sucessivamente com o tom de amenidade de linguagem e solidariedade de idéas que lhes são tão naturaes. O I.·. Verhaegen diz que havendo recebido ha quasi um quarto de seculo a luz das proprias mãos do Veneravel que occupa a presidencia da Loja — *Trabalho* — vem procurar lições e exemplos em lugar de dal-os.

Aberta a triplice acclamação, os dignos hospedes são conduzidos ao Oriente pelo proprio Veneravel, o qual faz assentar no throno e aos seus lados os illustres Verhaegen e Stevens, o primeiro á direita, o segundo á esquerda. As columnas descançam então sobre as suas bases, e o Veneravel diz:

«Os illustres Irmãos convidados e visitadores, cuja presença nos honra hoje, terão a bondade de consentir, que antes dos trabalhos da festa do Oriente, cumpramos um dever, seguindo a ordem do dia prescripta pelo nosso programma e inaugurando o nosso novo Templo conforme os usos e ritos antigos. A sua assistencia a este acto, ao mesmo tempo religioso, moral e maçonico augmentará a sua importancia, solemnidade e prestigio.»

Desce então do throno, colloca-se no ultimo degrau ante o altar; manda vir a urna dos perfumes, onde se acham alguns carvões em braza.

«Irmãos do Trabalho, á ordem. Ouvi-me, respondei-me!

«Haveis fundado esta Loja, ha perto de tres annos, em local provisorio e por tal modo insufficiente que, no acto da nossa installação, tiveste de consagrar para esse dia, sómente um local especial, o Wauxhall. Desde então vosso numero tem crescido, vossos trabalhos prosperado, de certo porque tivestes fé no supremo Architecto do Universo, e confiança em vós proprios, e decidistes tornar a occupar lugar permanente mais adequado, e escolhestes este onde agora nos achamos reunidos. (Salões da Loba, Grande Place n.º 5 bis). Permaneceis n'esta ultima resolução por unanimidade? Dizei-m'o! Persistis?» Todos os Irmãos operarios levantam a mão direita e respondem em alta voz e juntos: «Sim, nós persistimos!»

O Veneravel continua:

«Prometteis-me não entrar n'este templo senão com um coração e intenções puras... caminhar sempre com passo firme na linha dos vossos deveres, da verdade e justiça, para o fim que queremos attingir, por um progresso vagaroso, illustrado, moderado, mas infallivel, baseado nas luzes e principios da Maçonaria, que tem igualmente o dever de ceder ao impulso irresistivel das luzes, idéas e marcha dos tempos e do seculo? Dizei-me, assim o prometteis?»

Resposta unanime: «Sim, nós o promettemos.»

Continua o Veneravel:

«Juraes vós, de novo vos pergunto, observar estricta e fielmente todos os juramentos, que haveis prestado até este dia na Ordem maçonica? Juraes obediencia e respeito ao Grande Oriente da Belgica? Dizei-m'o, juraes?»

Todos os Irmãos; «Sim, nós o juramos.»

O Veneravel lança então o incenso no lume, e passados alguns momentos de silencio, diz em tom solemne:

«Elevem-se estes votos, promessas e juramentos até ao pé do throno do Eterno

como o fumo d'este incenso allegorico se ergue para o céo! Possam elles ser-lhe agradaveis! Considere-os elle dignos de si e de vós!»

O Veneravel torna a subir ao throno, bate e diz:

«Meus Irmãos, o novo Templo do trabalho está inaugurado e consagrado.»

O primeiro Vigilante bate e repete.

O segundo faz o mesmo.

Todos os Maçons applaudem por acclamação triplice e com elle cobre-se e consagra-se a inauguração do novo Templo do trabalho.

O Veneravel continua:

«Meus Irmãos, existe uma lei secreta, incognita, que dirige invencivelmente o governo do universo: ella manifesta-se algumas vezes por circumstancias imprevistas, admiraveis, cujo concurso fórma o que em desespero de causa o homem chamou acaso, sem poder definil-o, nem concebel-o, mas é um facto e muitas vezes temos tentação de exclamar com certo sabio, que só o acaso dirige o mundo: quanto a nós, meus Irmãos do Trabalho, temos sido favorecidos por elle: muitas vezes temos experimentado a influencia favoravel da felicidade dos acasos, se posso exprimir-me assim, e ainda hoje o nosso Templo, que acaba de abrir-se e inaugurar-se, e as primeiras palavras, que vão soar sob a abobada sagrada, são graves, profundas, dignas da vossa seria attenção: eu reclamo-a toda. Mas, meus Irmãos, um banquete fraternal nos espera; nosso Irmão economo me previne que elle está na mesa, e assim reclamo do nosso Irmão orador que use da palavra mais logo. Vamos pois transportar-nos á sala dos banquetes.»

«Irmão 2.º Vigilante, conduzi a columna do norte! e vós, Irmão cobridor, entregai-me a chave do templo!»

Logo as portas do Templo, tanto as internas como as externas se abrem de par em par, toda a casa fica patente, e ao longe apparece a sala do festim, brilhantemente adornada e illuminada. Nos escudos se lêem os nomes das Lojas filiaes, e á frente d'ellas a *Clemente Amizade*, ao Oriente de Paris. Todos os Irmãos applaudem este espectaculo, e a chave do Templo é entregue ao Veneravel.

O segundo Vigilante, cumprindo a ordem recebida, levanta-se, ordena á sua columna que o siga, e que tomem as espadas: colloca-se á frente d'ella e vai para a extremidade da sala, á entrada da camara dos banquetes: do lado esquerdo, todos os Irmãos d'esta columna se enfileiram do mesmo lado, ao longo da sala, pela direcção dos mestres de ceremonias, que vão annunciar ao Veneravel que a columna do norte está no seu posto.

O Veneravel manda então ao primeiro Vigilante que conduza igualmente a sua columna á sala do festim.

Elle obedece e dirige a sua columna armada de espadas: vai apresentar-se defronte do 2.º Vigilante á entrada, e a columna do sul colloca-se defronte da columna do septentrião: os Vigilantes cruzam as espadas e os Irmãos das duas columnas fazem o mesmo.

O Veneravel, avisado pelos mestres de ceremonias que tudo está em ordem, levanta-se e dirigindo-se aos Irmãos do Oriente roga-lhes que se formem em cortejo, e se transportem assim á sala do banquete.

A banda musical executa uma marcha brilhante. Os mestres de ceremonias apresentam-se á frente do cortejo, aberto pelos Irmãos *Orador* e *Secretario* e caminhando vagarosamente passam por baixo da abobada d'aço formada pelas columnas em

toda a extensão do salão, e chega assim á sala dos banquetes: a marcha é fechada pelo Veneravel, que leva adiante de si o aprendiz mais moço com a chave do templo depositada em uma almofada.

Tendo o cortejo chegado e postando-se do lado do Oriente, cessa a musica.

O Veneravel manda então aos Vigilantes, que introduzam as suas columnas, o que se executa na melhor ordem e sem a minima confusão.

O Veneravel bate e diz:

«Irmão 2.º Vigilante, remetto-vos a chave d'este Templo, que acaba de ser consagrado á Maçonaria: entregai-a ao Irmão *cobridor*, e recommendai-lhe que se conserve firme no seu posto, de modo que possamos trabalhar sempre em paz e com segurança sob a garantia da sua vigilancia.»

Executada esta ordem, o Veneravel tendo invocado as bençãos do Todo Poderoso e recommendando aos Irmãos da Loja (recommendação inutil, diz elle) todas as attenções e respeitos para com os Irmãos presentes, estranhos á officina, dá por encetados os trabalhos da recreação.

Nos intervallos dos brindes a musica toca peças escolhidas e variadas, cuja execução, confiada ao Irmão Simão, nada deixa a desejar e obtem a approvação visivel de todos os Irmãos.

No momento conveniente o Veneravel restabelece a Loja no seu vigor. (Seguem-se os *toasts* e os discursos).

Todos os obreiros tendo manifestado que estavam satisfeitos com o salario do dia, o Veneravel, tendo invocado o Grande Architecto do Universo e o patrono venerado da Maçonaria, cuja festa se celebrou na commemoração annual, fechou os trabalhos ás onze horas da noite e cada um dos Irmãos se retirou em paz.

Por ordem; está conforme.

Peeters, filho, *secretario*.

CARTA QUADRAGESIMA OITAVA

Principaes caracteristicos da physionomia Maç.·.: 1.° Mysterio. — 2.° Velhacaria.

Senhor.

Prometti esboçar a traços largos o quadro da Fr.·.-Maç.·.: procurarei desempenhar-me do promettido.

1.° O typo do christão é Jesus Christo. Devemos ser formados sobre este modêlo. O caracter essencial de Jesus Christo é ser *luz: Ego sum lux mundi.* Seus apostolos são escolhidos para reflectir esta luz divina: *Non potest abscondi civitas supra montem posita.* Seus filhos são os filhos da luz e do dia: *Filii lucis.* A doutrina do Evangelho deve prégar-se não em *segredo mas em publico e sobre os telhados:* deve ser ensinada não a uma só classe de pessoas *mas a todas* sem excepção. Quer V. saber agora qual é o caracter do demonio? E' o mysterio: são as trevas. E' nas trevas que elle exerce o seu imperio, *rectores tenebrarum.* Ahi se desenvolve a sua força, *potestas tenebrarum.* E' por isso que tantas vezes o chamam o *principe das trevas.* Mas qual é a primeira idéa que suscita a palavra Fr.·.-Maç.·.? Não é a idéa de alguma cousa tenebrosa e occulta? Não podemos applicar-lhe o que se diz no Apocalypse d'esta mulher conduzida pela besta, e em cuja face estava escripta esta palavra — Mysterio?

Não parecerá que o apostolo quiz fallar da sociedade que se gloría de chamar-se *secreta* e se envolve toda no mysterio? *In fronte ejus, nomen scriptum: mysterium.* (Apoc.

16). Nasceu nas trevas, vive n'ellas, obra nas trevas: *mysteriosa* no seu ultimo *fim* que não ousa confessar publicamente e cuja revelação o mundo não é susceptivel de supportar: *mysteriosa* na sua doutrina e *ensino*, que é realmente duplice, ficando escondida uma parte: *mysteriosa* nos *compromissos* que impõe a seus membros, porque não sabem ao que se obrigam: *mysteriosa* nos seus *chefes* reaes, que ficam incognitos: *mysteriosa* nas suas *iniciações* progressivas, onde só passo a passo e successivamente se avança, ignora-se mais do que se sabe, porque sabe mais do que não diz: *mysteriosa* na sua *acção e trabalho*, não sendo a maioria dos Maç.·. senão instrumentos e moços de trabalho, que não tem a minima idéa do edificio com que collaboram: *Ecce jam mysterium operatur iniquitatis* (II Thess. 2): *mysteriosa* pelo *segredo*, que exige, e *juramento* que o garante: é o sello collocado sobre o *poço do abysmo*, que o conserva inexoravelmente fechado. Seus membros devem permanecer desconhecidos aos *profanos:* suas reuniões fazem-se em segredo e de ordinario de noite. Só os maçons podem entrar na Loja. Suas deliberações e o resultado das reuniões ficam envoltas nas trevas. Que julga V.? seria possivel caracterisar melhor a Fr.·.-Maç.·. e assignar-lhe mais convenientemente a semelhança que merece do que comparando-a ao principe e poder das trevas? D'este primeiro caracter que resulta? O que faz o mal, diz a Verdade eterna, tem horror á luz. *Qui male agit odit lucem.* (Joann. 3).

Este axioma é justificado pela experiencia, e a razão está aqui de accordo com a fé. Quem procura occultar-se e como as aves nocturnas ou os animaes ferozes espera que as sombras da noite hajam descido sobre a terra para sahir do seu retiro, pelo menos torna-se suspeito. E' o que levou Mgr. Ketteler a dizer estas notaveis palavras:

«Parece-me que as sociedades secretas são por todas as fórmas incompativeis com um Estado, regularmente constituido, e tem em si impresso o caracter da immoralidade... Este trabalho occulto e mysterioso que se opéra debaixo do

solo e destroe todo o sentimento de segurança nas relações sociaes (porque nunca se póde ter certeza, de que a pessoa, com quem se trata, se não ache ligada por juramentos occultos) será sempre para recear, em quanto a Fr.·.-Maç.·. fôr uma sociedade escondida, abrigada por altas protecções. A Fr.·.-Maç.·. como todas as demais sociedades secretas, que se gabam de representar as idéas do tempo, no que tem de mais elevado, está em permanente contradicção com o que o espirito do seculo reclama em todas as espheras, a *publicidade*. E por isso temos o direito de reclamar, até em nome das exigencias da nossa época, para que se ponha termo a estas *ameaças subterraneas*.» (Consid. sobre os grandes problemas do nosso tempo, p. 287, 219).

Eis aqui o que naturalmente occorre ao espirito por este primeiro caracter da Fr.·.-Maç.·. Passemos ao segundo.

2.º Jesus Christo é a verdade: *Ego sum veritas*. E' *verdadeiro* quem não engana. *Scimus quia verax es*. A sua palavra é essencialmente verdadeira. Veio para dar *testemunho á verdade:* deseja que todos cheguem *ao conhecimento da verdade*. A sua Igreja está estabelecida para ser a columna e base da verdade: *Columna et firmamentum veritatis* (Rom. 1-3): e por isso lhe diz o seu espirito que é o espirito da verdade, *spiritum veritatis:* por isso elle quiz que o seu vigario fosse infallivel quando ensina a Igreja como doutor e pastor universal. E' na verdade que encontramos a santificação de nossas almas, *sanctificati in veritati:* na verdade se acha a caridade, *charitatem veritatis*. A verdade, já o dissemos, é a primeira necessidade dos individuos e sociedades, é o dom mais precioso que Deus haja concedido aos homens: porque a vontade segue e suppõe o entendimento, e a caridade estriba-se na verdade.

Mas se Jesus Christo é a *verdade,* se *é verdadeiro* por antonomasia, que é o demonio? Cousa notavel! de anjo que fôra, tornou-se demonio, porque abandonou o caminho da *verdade: In veritate non stetit*. Quando mente, falla segundo a sua natureza pervertida: *Cum loquitur mendacium, ex pro-*

priis loquitur. (Joann. 8). A verdade não está n'elle: *Non est veritas in eo:* é mentiroso e pai da mentira: *Mendax est et pater ejus.* (Ib.).

Ser-nos-ha agora difficil reconhecer este caracter na Fr.·.-Maç.·.?

Não a vemos nós occultar a sua figura real sob a mascara enganadora, dispondo de duas linguas, doutrina apparente, e doutrina occulta? Lojas e contra-Lojas? E quantas vezes a havemos já convencido d'impostura e falsidade?

A Maç.·. mente ao mundo com impudencia, quando affirma nos seus estatutos que não se occupa de questões religiosas, ao passo que nas suas iniciações não receia mostrar ao cavalleiro Kadosch a religião e a Igreja como o primeiro inimigo a combater, e não cessa de fazer a guerra ao que lhe apraz chamar *fanatismo* e *superstição.*

Mente impudentemente ao mundo quando protesta o seu *respeito pelo poder e governo do paiz,* ao passo que a realeza, a quem chama *tyrannia* é objecto constante do seu odio e perfidas conspirações.

Mente ao mundo, quando faz da *beneficencia* a divisa da Ordem, e a indica como objecto principal e sua especial occupação, á medida que é ella para si objecto meramente secundario, como já o dissemos anteriormente.

Mente ao mundo, quando protesta que não se occupa de *politica,* á maneira que, segundo a sua confissão, ella não teria razão de ser, se não se occupasse de questões politicas.

Mente ao *povo e ao operario* mostrando-lhe de longe a partilha dos bens, espoliação dos ricos, e uma certa *igualdade* chimerica, impossivel de realisar e que ella mesma não quereria.

Mente aos seus *adeptos,* que sob a sua palavra, crêem possuir o seu segredo, não sendo em verdade senão instrumentos dos seus intentos.

Zomba dos *principes* e pessoas notaveis que recebem a honra de presidir ás Lojas ou Grande Oriente, quando em realidade nem elles conhecem os seus intentos, nem os sym-

bolos, nem o seu verdadeiro espirito. E' o que confessa o Jornal o Fr.·.-Maç.·. (fevereiro de 1852, p. 117), fallando do *principe Murat:* — o que attesta o I.·. Viennet (Gr.·. Comm., Grão-Mestre do rito escocez) do marechal Magnan, que em um só dia recebeu os 33 graus (Resposta á circular do Marechal Magnan, p. 22) — o que o I.·. Rebold applica ao Gr.·. Or.·. e Supremo Conselho, que não conhecem nem a origem, nem o objecto, nem a significação das *Festas solsticiaes* (Hist. das 3 grandes Lojas, p. 483): — o que o I.·. Ragon diz do imperador: «O imperador passava por ser o chefe da Ordem: e com tudo era defeso revelar-lhe o que se passava no tribunal dos Juizes Francos» (Curso interp., p. 118) — o que suppõe o juramento do I.·. Mestre Escocez ou cavalleiro de Santo André, que contém estas palavras: «Juro nunca descobrir a minima cousa dos segredos a pessoa alguma, nem mesmo ao Mestre de qualquer Ordem, em quanto o não vir reconhecido em uma alta loja escoceza.»

Mente com impudencia aos soberanos e governos não tendo em consideração alguma os seus juramentos de fidelidade.

O procedimento da Maçonaria em França a respeito de Luiz XVIII e Carlos X tornou-se proverbial com o nome de *Comedia de quinze annos*. Um jornal de Paris, o *Globo*, orgão das lojas, admiravelmente descreveu este modo de proceder no seu numero de 25 de novembro de 1830. E' quadro de mão de mestre. Eil-o tal como sahiu da officina do jornal maçonico.

O snr. de Kergolay, par de França no tempo de Carlos X, acabava de ser condemnado pela camara dos pares a 22 de novembro de 1830, por causa de uma carta d'elle, em que reiterava os seus juramentos de fidelidade ao ramo primogenito dos Bourbons, recusando-a ao ramo segundo. Tres dias depois o *Globo* discorria assim ácerca d'este processo: «O snr. de Kergolay teve a desgraça de crêr definitivo e serio um dos compromissos imaginados entre os Bourbons e a França: tomou á letra a Carta de 1814. Não quiz compre-

hender que o regimen legal e protestos de amor á Carta não eram da parte dos liberaes de todas as côres, senão uma cilada de guerra... Quando nós *juramos fidelidade* a Carlos X e obediencia á Carta, quando azoamos os ouvidos d'este monarcha com protestos de amor, e cobrimos de ramos as estradas por onde passava sob arcos de triumpho, quando reuniamos o povo para o victoriar na sua passagem, e semeavamos a adulação debaixo de seus passos, quando os templos, as academias e escólas retumbavam com um concerto de elogios, e bençãos para elle e sua raça, e nossos poetas cantavam suas virtudes, quando elles espadanavam allusões de louvor á bravura do nosso Henrique IV e do valente Francisco I, tudo era apenas fingimento, por meio de que procuravamos evitar os grilhões com que elle pretendia manietar-nos. Vós fostes como esses espectadores noviços que indo sentar-se pela primeira vez na plateia tomam como realidades as scenas, que se passam ante si. Desilludi-vos, Pares, Deputados, Magistrados, simples cidadãos, nós todos *representamos uma comedia de quinze annos.*»

A' velhacaria e traição sabe, quando o interesse o reclama, juntar a hypocrisia e o sacrilegio. E' o que recommenda a *Alta Venda* ás *vendas* subalternas na instrucção que transcrevemos em outra parte. E' evidente que se o pai é mentiroso, a filha não degenerou. Ella sabe do seu officio. A mentira é o seu elemento, é-lhe vida: *Cum mendacium loquitur, ex propriis loquitur.* A velha serpente, *serpens antiquus* (é o nome dado a Satanaz) não morreu, vive na Maç.·.

O resto do quadro fica para a carta immediata.

CARTA QUADRAGESIMA NONA

3.° Caracteristico: Orgulho. — 4.° Immoralidade. — 5.° Crueldade.

Senhor.

Existe outra feição de semelhança entre a Maç.·. e aquelle que nós consideramos como seu fundador, pai e primeiro chefe. Nossos primeiros paes perderam-se seduzidos pelo louco espirito, que haviam concebido, e a enganadora esperança que se lhes fez, de se tornarem como deuses: *Eritis sicut dii* (Gen. 3). Foi para expiar esta falta e reparar este orgulho sacrilego que o Filho de Deus se abaixou até tomar a nossa natureza. O Verbo, diz S. João, fez-se carne: *Verbum caro factum est;* aquelle, diz S. Paulo, que é igual a seu Pai *pela natureza divina aniquilou-se* para nos remir. O Senhor condemnou-se a toda a casta de humilhações para curar a ferida que o orgulho fizera á humanidade, e recommendou-nos com vivas instancias a humildade, essa virtude tão necessaria ao homem. Quiz que a sua Igreja fosse como um pequeno rebanho que só em Deus espera, e que cada um dos seus membros aprenda d'elle esta humildade do coração, a quem é promettida a graça, e que tem o privilegio de merecer as divinas predilecções.

Será necessario dizer que o caracter distinctivo de Satanaz é o *orgulho?*

O orgulho precipitou-o do alto dos céos: pelo orgulho conseguiu fazer decahir Adão e Eva da justiça original: pelo orgulho forceja por seduzir-nos e arrastar-nos na sua queda. *Elevar-me-hei,* exclamou elle, *acima das eminencias do céo, e serei semelhante ao Altissimo.* Reinar e mandar foi sempre e é ainda o sonho da sua ambição. Antes do advento do Filho de Deus conseguiu que lhe tributassem honras divinas: *Omnes dii gentium dæmonia,* diz o propheta: e de nossos dias ainda quantos cegos mortaes que julgam abater-se, submettendo-se a Deus, são vis escravos do demonio e de tanto se jactam. Vejamos agora se a Fr.·.-Maç.·. não tem aproveitado da sua lição, se não se deixou compenetrar do mesmo espirito, e não herdou o seu orgulho e prosapia. Deixemol-a fallar de si.

Que é a Maç.·.? É, diz o *Globo,* uma veneravel reliquia da antiguidade, origem occulta de todos os progressos que se hão operado no mundo desde cem annos para cá. (Tom. IV, p. 135). Havemos já apontado alguns d'estes progressos.

Ella se chama a *luz* e da sua mão a deve receber quem fôr *profano.* Chamam-se tambem *Luz* os tres primeiros dignitarios d'uma L.·., isto é, o Veneravel e os dous Vigilantes. O Veneravel representando a luz na sua *essencia,* o 1.º Vigilante o *sol,* e o segundo a *lua.* (Vocabulario Maç.·. na palavra *Luz.* M. de Saint-Albin).

Que é a Maç.·.?

Ouçamos o que pensam a seu respeito os seus filhos mais fieis.

«Quanto mais se aprofunda a sciencia e moral Maç.·., diz o I.·. de Wargny, mais nos convencemos que a Ordem Maç.·. é a sociedade mais nobre, sublime, pura e bella que jámais existiu e póde existir no universo.» (23 de abril de 1820, discurso na Loja Esperança de Bruxellas).

«A Maç.·., conforme diz o I.·. Ragon, é o resumo da sabedoria divina e humana, moral universal, que não recebe lei, mas dá-a, e liberta todos os religionarios dos prejuizos

dos seus paizes ou dos erros de seus paes.» (*Globo,* tom. III, p. 175).

«É, diz o I.·. Gayette, um *pharol* onde arde um *fogo divino,* d'onde dimana a verdadeira luz, que deve um dia illuminar e moralisar o mundo.» (A Fr.·.-Maç.·., março de 1857, p. 22).

«É, diz o I.·. Gerni, um *facho luminoso* collocado no meio das populações profanas para esclarecel-as.» (*Globo,* I, 105).

«É, diz o I.·. Pinet, uma *estrella luminosa* que resplandece com seus fogos no cume do templo eterno, espadanando torrentes de luz sobre a sociedade.» (Ib., 104).

«É, diz o I.·. Boubée, uma *instituição celeste,* que Deus creou, como um *sol moral,* para esclarecer os mortaes bastante felizes para se abrigarem debaixo d'ella.» (Fr.·.-Maç.·., setembro de 1857, p. 177).

«É, diz o I.·. Frantz-Faider, o codigo resumido da *moral universal,* cujas doutrinas são tão *puras,* que só podem fazer-se *filtrar pouco a pouco* na sentina impura, onde se corrompem tantas intelligencias.» (Discurso de 2 de julho de 1866).

«É, diz o I.·. Grisar, um *pharol luminoso,* signal de chamada e reunião, que se apoderará da idéa *democratica da nossa época* para arrebatar a humanidade para os seus sublimes destinos.» (Discurso de 13 de dezembro de 1845).

E para terminar o panegyrico e dizer tudo em uma palavra, a Fr.·.-Maç.·., diz o I.·. Lemaître, «é o nosso Deus, nossa religião, nosso altar, o nosso Gr.·. Oriente. Gloria á divina Maç.·.!» (*Globo,* IV, 363).

Que é o Franc-Maçon? «Os Ir.·. que pela investigação e desvelos chegam á *innocencia maçonica* e obram consoante á *essencia da nossa Ordem* são dignos de se chamarem os deuses da terra.» (Revista Maç.·., Manual para os Ir.·., julho de 1850, p. 216).

«O verdadeiro Maç.·., diz o I.·. Esdoceca, perscruta a

natureza, leva as suas investigações até aos segredos mais intimos, e com mão ousada desvia á força de trabalho o véo que a cobre e occulta ao vulgo ignaro. Ordena á natureza, anima ou cria, preenche a sua gloriosa missão. Iniciado nos mysterios sublimes, nada resiste á sua vontade.» (*Globo,* t. III, 11 de junho de 1837).

Comprehendem-se a si mesmos estes incomparaveis Maç.·.? Se não soubessemos que o orgulho é uma estulticia, elles nol-o ensinariam.

Que lições dá a Maç.·. aos seus adeptos? «Tende por vós mesmos principalmente profunda estima: respeitai-vos não só como membro util, mas necessario até no *grande trabalho.*» (I.·. Frantz-Faider, 2 de julho de 1846 na loja Fidelidade de Gand).

São singulares recommendações, pouco harmonicas com o Evangelho: mas são, ao contrario, em perfeita concordancia com as doutrinas de Lucifer; e a linguagem dos filhos parece-se tanto com a do pai, que não podemos illudir-nos a respeito do espirito que a ditou. Parece-nos ouvir sahir da bocca da serpente esta palavra: *Sereis como deuses:* ou as do anjo cahido: *Subirei, elevar-me-hei e serei igual ao Altissimo.* Presumpção insensata, pretenções ridiculas, orgulho satanico: eis a terceira feição caracteristica da Fr.·.-Maç.·.

Vamos á quarta.

Um dos distinctivos da Igreja, que só a ella pertence, é a *santidade:* o seu divino fundador chama-se o *Santo,* a *santidade* propria: consagrou todas as virtudes pelos seus exemplos e doutrina: recommendou-lhe a pratica, indicou a perfeição e o heroismo como objecto de nossas legitimas aspirações. Elle quiz, em particular, que o homem trabalhasse para libertar a sua alma da escravidão dos sentidos e paixões carnaes, que o deprimem e rebaixam. A *pureza* foi sempre honrada no catholicismo: e para assegurar o triumpho do espirito sobre a carne, a penitencia e mortificação são não só recommendadas como uteis, mas exigidas como necessarias. Ainda aqui com rigorosa exactidão encontramos no *inimigo*

de Deus e dos homens o caracter diametralmente opposto e o estygma odioso do vicio mais desprezivel.

Que nome prefere o Evangelho para dar ao demonio? Treze ou quatorze vezes o encontramos no *Testamento novo* designado pelo nome de *espirito immundo*. E' esta a sua propriedade distinctiva: sem duvida porque conhecendo a fraqueza do homem, por estes laços criminosos é que de ordinario procura prendel-o: sendo inimigo da natureza humana, tem prazer especial em rebaixal-a e aviltal-a. Por isso os peccadores, escravos d'esta paixão brutal, são muito mais facilmente avassallados á sua tyrannia, e sobre elles exerce poder mais absoluto, como nol-o ensina o Espirito Santo no livro de *Tobias*. Seja como fôr, eis a sua denominação mais ordinaria na santa Escriptura. Ser-me-ha difficil agora provar que n'este ponto a Fr.·.-Maç.·. não se desvia do espirito de seu pai, e parece tomar a peito bem merecer o nome que recebeu?

Já o dissemos n'outra parte: negando a existencia d'outra vida, derriba o fundamento de toda a moral. Declarando não só *innocentes* mas até uteis as *paixões*, excita todas as desordens e justifica de antemão todos os *excessos*. (Carta decima terceira).

Além d'isto toma a missão infernal de rehabilitar a *carne* elevando seus instinctos grosseiros acima da lei do espirito e das aspirações da alma racional.

No pensamento dos I.·. Maç.·. o homem não está dotado de intelligencia senão para entregar-se sem reserva nem freio aos desejos do seu coração, e aos instinctos que lhe são communs com os animaes.

Ella nos disse o que ajuizava da *castidade:* « Em sentido absoluto é contraria aos votos da natureza e não é uma *virtude social.*» (Rito da Maç.·. de adopção, p. 23). Sabemos o que pensa ácerca do matrimonio e divorcio. A instituição da F.·.-Maç.·. de adopção pareceu tão suspeita aos F.·.-Maç.·. mesmos que julgou prudente occultar-lhe a existencia aos aprendizes. A Maç.·. *androgyna* muito mais ainda. Final-

mente sabemos o que pensam da *penitencia e da mortificação* homens para quem a vida presente é tudo, porque não admittem a immortalidade da alma.

« As ordens religiosas, conforme o sentimento maçonico, foram instituidas com o fim *anti-social* de aperfeiçoar a virtude pelo *renunciamento proprio*... Mas a Ordem Maç.·. só foi instituida para tornar os homens sociaes e virtuosos pelo unico prazer de sêl-o.» (Ritual do novo grau de Rosa-Cruz, p. 9-18).

Passemos a outro caracter não menos essencial.

O divino Redemptor dos homens chama-se Jesus, isto é, Salvador: foi chamado *Cordeiro* por causa da sua doçura: não veio para *perder, mas para salvar*. Passou a fazer o bem, diz o Evangelista: e S. Paulo resume toda a sua vida n'estas duas palavras: *amou e foi sacrificado*.

Tal é tambem o espirito da Igreja: tanto ella abomina o peccado, como ama o peccador.

Os apostolos foram enviados pelo universo como *ovelhas no meio de lobos:* se triumpharam não foi pela força, mas pela paciencia e doçura. Admire-se ainda aqui a antithese.

A palavra Satanaz em hebreu significa *adversario, tambem inimigo:* diabo quer dizer *accusador, calumniador*. O nome *inimigo* é o que Nosso Senhor dá ao demonio no Evangelho: mas este inimigo perigoso nos é representado na Santa Escriptura umas vezes sob a figura de um dragão, outras sob a de um leão raivoso: outras vezes chamam-no espirito perverso, *spiritus nequam*. O odio é a paixão que o domina.

Nosso Senhor nos affirma que elle foi homicida desde o principio: *ille erat homicida ab initio*. Não ha Senhor mais indulgente na apparencia do que o demonio, porque elle dá largas a todas as paixões: mas em verdade não ha tyranno mais cruel e implacavel.

Atrever-me-hei a dizel-o e poderei esperar ser acreditado? A Fr.·.-Maç.·. está, quanto a este respeito, marcada na effigie de Satanaz, é inimiga como elle, e como elle *ca-*

lumniadora. Ora serpente, ora leão, sempre desapiedada e cruel.

Sei que ella falla muito de *fraternidade*, e faz resoar muito alto as palavras de beneficencia, e philanthropia. A beneficencia, diz a Irmã F.·.-Maç.·. Jauze, esta suave emanação do Gr.·. Arch.·. do Universo é a alma da *Maçonaria.*» (Globo, I, p. 307). «A Maçonaria, diz o I.·. Dupin, é a *philanthropia* universal;» e o I.·. Garon, querendo dar-nos uma idéa completa e exacta ainda, chama-a *Irmã da caridade.*

Já dissemos que era forçoso descer d'estes pomposos elogios.

«Filhos da grande familia Maç.·., exclama dolorosamente o I.·. Lamouroux, onde estão os abrigos que haveis construido? Onde os asylos dos vossos velhos desgraçados, os estabelecimentos destinados ao allivio dos vossos doentes e afflictos? Nada, nada. O solo Maç.·. da França está inculto em toda a parte: os *velhos* soffrem e as *viuvas* estão na indigencia, e os orphãos de vossos irmãos são obrigados a irem bater á porta do instituto dos *Ignorantinos* para aprenderem a lêr, e pedir á caridade publica um soccorro de algum valor.» (F.·.-Maçon 21 de junho de 1862).

A Fr.·.-Maç.·. não tem coração, disse-nos igualmente outro Maçon.

Eu acrescento que ella é tyrannica, violenta, e *cruel.*

Até para seus proprios filhos o é: porque com o punhal fórma os seus discipulos mais dedicados: para o assassinato é que os prepara por meio das provas, por que passam: elles só se mostram dignos da F.·.-Maç.·. se se prestam a embeber suas mãos no sangue de um desconhecido, se aquella o exige: e seus juramentos sacrilegos sellados com o proprio sangue são tambem confirmados por imprecações horriveis: «Se fôr infiel ao meu juramento, consinto que me cortem o pescoço, me arranquem o coração e as entranhas, que meu corpo seja queimado e reduzido a cinzas, e estas lançadas ao vento, deixando minha memoria execravel entre os Maçons.»

A F.·.-Maç.·. é cruel, e não recuará ante sacrificio algum para realisar seus planos revolucionarios. « E' mister, diz Gustavo Struve (Alliança do povo, jornal de Neuchatel), é mister que o exterminio se estenda desde o Tejo até ao Oural, do Oceano ao mar Negro; e que elle seja tão completo quanto baste para aniquilar não só o que o escriptor chama flagellos da humanidade, mas até os elementos de que elles se compõem. »

« Deve vir tempo, diz Carlos Heinzen, partidario da *alliança* humanitaria, em que o povo rejeitará a consciencia, que se atraiçôa a si mesma, quando com a espada d'exterminio elle fôr escavar todos os recantos, onde seus mortaes inimigos se occultam, e celebrar a festa da vingança sobre montanhas de cadaveres. » (Gazetta allemã de Londres, 1849).

« Quando, continua ainda, fosse necessario dar caça aos chefes dos reaccionarios até aos cumes do Chimboraço ou do Himalaya, elles não devem ter sobre a terra outro *descanço senão o tumulo.* »

A Maç.·. é *cruel* e sanguinaria não só para os *profanos,* mas até para os seus. Ouçamos Mazzini: « Quem não obedecer ás ordens da sociedade secreta ou descobrir os seus mysterios será apunhalado sem remissão: e o mesmo castigo será applicado aos traidores.

« Se o criminoso foge, será perseguido sem descanço, em todos os lugares, e deverá ser ferido por uma mão invisivel, embora fosse no *seio de sua mãi* ou no *tabernaculo do Christo.* » (Organisação da Joven Italia, art. 30, 33).

Não se pense que são mero espantalho taes ameaças: a seita não recúa ante os ultimos excessos.

Lê-se na *Historia das sociedades* secretas de 1830 a 1848 por Luciano de la Hodde (Bruxellas 1850, p. 79-82):

« A maioria dos italianos, que cahiram sobre a França depois das tentativas revolucionarias na sua patria, estavam no sul e tornaram-se notaveis por actos detestaveis. Existia entre elles uma associação com o nome de *Joven Italia* que

tinha por chefe um homem, cujos antecedentes demagogicos e os ultimos successos de Roma assignalaram de modo sinistro: fallo de José Mazzini. Todos os membros da associação eram obrigados a agenciar armas, estar á discrição dos chefes, e trabalhar sem descanço para o exterminio dos reis: demais fazia juramento de assassinar quem quer que lhe fosse designado pela commissão. E não era isto um compromisso vão, como succede em todas as sociedades secretas. As recepções só se verificavam depois de rigoroso exame, que garantia dedicação fanatica e determinação feroz. Vamos vêr agora em acção estes homens.

«Quatro refugiados, dispostos a combater os *tyrannos* d'Italia, repelliam as doutrinas sanguinarias da sociedade Mazziniana, e o declaravam publicamente: eram Emiliani, Scuriatti, Lazzoreschi, e Andriani: foi crime de alta traição, que se apresentou ao tribunal secreto. Mazzini veio de proposito de Genova, para presidir ao julgamento nos termos dos estatutos. Um chamado Cecilia era secretario, muitos chefes tomaram parte no julgamento, como membros do tribunal sombrio. Os juizes francos reuniram-se de noite, na casa de um d'elles, constituiram com gravidade o seu tribunal de justiça suprema, e procederam sobre documentos, sem accusados nem defensores á discussão do feito. A accusação versava sobre os seguintes pontos: 1.º propagação de escriptos contra a sociedade *santa:* 2.º que os réos eram partidarios do infame governo papal: 3.º que procuravam paralysar os projectos da associação em favor da causa sagrada da liberdade.

«Apresentaram-se provas escriptas de muitas testemunhas: foram discutidas, e sem oppositores, facil foi concluir no accordo da enormidade da accusação. Em resultado o tribunal, applicando a doutrina dos estatutos, condemnou á pena ultima Emiliani e Scuriatti. Sendo menos graves as provas contra Lazzoreschi e Andriani, a sentença só os condemnára a serem castigados com varadas, «ficando salvo o direito para na sua volta á patria serem submettidos a novo julgamento e con-

demnados a trabalhos forçados por toda a vida, como traidores e salteadores insignes.»

«Assignaram Mazzini, presidente, e La Cecilia, secretario. Temos copia d'este processo. Como os condemnados estavam domiciliados em Rodez, havia um artigo addicional: «O presidente de Rodez escolherá quatro executores d'esta sentença, a que darão cumprimento no praso improrogavel de vinte dias: o nomeado que se recusar fica incurso na pena de morte *ipso facto*.»

«Aqui está o processo summario, a penalidade feroz e o caracter cruel de certos tribunaes das épocas barbaras: esta phantasmagoria foi muitas vezes renovada para atemorisar os conspiradores credulos, mas agora tratava-se de um drama muito real. Mazzini, esse typo do italiano frio, perfido, sanguinario, aspirava desde então ao dominio que terminou por impôr á sua patria...

«Poucos dias depois da sentença, Emiliani, passando nas ruas de Rodez, foi accommettido por seis dos seus companheiros, que o apunhalaram e fugiram: a victima consegue escapar á morte e os assassinos são agarrados. Os executores por ordem de Mazzini são condemnados a cinco annos de prisão.

«Emiliani, ainda enfermo, assistiu ao processo, acompanhado por sua mulher, que lhe tributava os desvelos, que o seu estado exigia. Ao sahir estava fatigado, e entrou com sua esposa em um botequim: o seu amigo Lazzoreschi estava com elles. Tinha-se apenas assentado quando apparece um certo Gavioli, que sem proferir uma palavra vai direito a Emiliani e lhe embebe o punhal no peito e com um salto derriba Lazzoreschi ferindo-o com outra punhalada: a senhora Emiliani que se precipita para soccorrer seu marido é lançada em terra e por duas vezes ferida com o punhal: o assassino procura fugir e com difficuldade é agarrado por dous mancebos, a quem elle oppõe resistencia desesperada.

«Era tal o terror do terrivel tribunal, que dous dias depois, ao enterro das victimas nem um só italiano se atreveu a apparecer.

«O assassino, julgado e condemnado, expiou o crime no patibulo. Mazzini, voltando para a Suissa, como o tigre na sua caverna depois de uma scena de carnagem, continuou a sangue frio na sua obra de destruição social.»

Que significação tem pois na bocca da Fr.·.-Maç.·. a palavra *Fraternidade?* Auxilio e soccorro aos Fr.·.-Maç.·., aos *verdadeiros* Fr.·.-Maç.·. Quanto aos profanos, refractarios e a quem quer que seja hostil á seita, nada se lhes deve, a não ser o desprezo, o odio, e sendo necessario a morte.

Na minha outra carta direi o que me falta n'este ponto.

CARTA QUINQUAGESIMA

6.° Caracteristico: Servidão e aviltamento. — 7.° Destruição e morte.

Senhor.

Segundo diz a Maç.·. nada ha para ella tão sagrado como a liberdade. D'ella fórma a divisa favorita e com ella fabrica a idéa seductora, que attrahe e enfileira debaixo das suas bandeiras os *insensatos,* de quem zomba. A Maç.·., diz um de seus filhos, quer a *liberdade de consciencia* para combater a superstição e o fanatismo: a *liberdade d'exame,* por que Deus lhe deu por guia a razão: *a liberdade da palavra e d'acção,* porque o sentimento da sua *dignidade basta para regular o seu procedimento!* (I.·. Brémond, installação da Loja de Digne, 2 de julho de 1868).

E no entanto, de todas as mentiras que propaga, esta é a mais solemne: não é a *liberdade* que ella dá, é a mais odiosa tyrannia que impõe. Quando o primeiro dos rebeldes levantou o estandarte da revolta, e fez resoar até aos espiritos celestes o grito fatal da *independencia,* pensou sem duvida alguma libertar-se, mas enganou-se: tornou-se *escravo:* escravo do peccado, escravo da justiça divina que carrega sobre elle, escravo da pena e do castigo que segue a sua prevaricação. Quem não quiz sujeitar-se á lei do amor, soffre forçosamente a da santidade e poder irritado com que ousou arrostar: não quiz permanecer filho, tornou-se escra-

vo e inimigo de Deus: pensou elevar-se, e degradou-se: tinha ambicionado a grandeza e encontrou a baixeza: procurando a vida e a felicidade fóra de Deus, encontrou a morte e a desgraça eterna.

Tal é a sorte dos membros da Fr.·.-Maç.·. Fallam-lhe muito de *liberdade,* e pensam ser independentes, porque sacudiram o jugo de Deus, menosprezaram a authoridade da Igreja, quebraram o freio da religião, mas só mudaram de Senhor: recusam servir a Deus para se tornarem escravos de Satanaz: calcam aos pés as leis sagradas da justiça e da virtude para soffrer a dura tyrannia das paixões mais vergonhosas. Quem commette *o peccado é escravo do peccado,* disse a Sabedoria eterna. Existe porém uma differença entre os filhos de Deus e os do demonio: os primeiros confessando-se na terra servos voluntarios d'Aquelle que os creou e é seu pai, governam gloriosamente as suas paixões e gozam a verdadeira liberdade: á medida que os segundos, rebellando-se contra o seu legitimo senhor, cahem na dominação do mais odioso e cruel tyranno, esperando o justo castigo, que lhes destina o senhor legitimo, que elles desprezaram.

O Fr.·.-Maç.·. não é um homem livre: seja-me licito dizel-o, é o escravo por excellencia. Vamos avaliar esta proposição.

I. A Fr.·.-Maç.·. proclama alto e bom som a liberdade de imprensa, mas não póde o Maç.·. gozar d'ella, porque está sujeito á *censura.* Vejamos o que escreve o Gr.·. Or.·. belga:

«Considerando que importa á dignidade e aos principios constitutivos da Ordem maçonica de não collocar o Gr.·. Or.·. ou as Lojas na dolorosa necessidade de negar os principios que estivessem em opposição com os da Ordem,

«O Gr.·. Or.·. decreta:

«Artigo 1.º Toda a publicação destinada á imprensa, ou discurso para ser pronunciado pelos Ir.·. delegados em nome do Gr.·. Or.·. deverão ser submettidos de ante-mão ao *exame e approvação* da Grande Commissão.

«Art. 2.º As lojas de obediencia são convidadas a sujeitar á approvação os discursos e publicações que os Ir.·. que pertencem á sua officina quizerem fazer.»

(Decisão de 5 de junho de 1841. Extracto do Annuario do Gr.·. Or.·. belga para o anno da V.·. L.·. 1848, p. 41).

II. Nas *eleições* será livre o Maçon? Não: torna-se instrumento da seita a que deve sacrificar até a consciencia. Démos prova plena d'isto na carta decima quinta.

III. E' livre o Maçon nas suas *opiniões politicas?* Não, elle torna-se o instrumento docil e forçado da Fr.·.-Maç.·. e deve sacrificar-lhe liberdade, pensamento e religião: pertence-lhe em corpo e alma.

Ouçamos o Gr.·. Or.·. da Belgica:

«Vista a deliberação da Gr.·. Commissão, a 5 do 11.º mez 5855;

«Ouvido o relatorio apresentado em nome da Gr.·. Commissão pelo orgão do relator o Carissimo Ir.·. Bourlart, Gr.·. Orad.·.;

«Consultadas as columnas e ouvido o Gr.·. Orad.·. sobre as conclusões;

«O Gr.·. Or.·. responde:

«A Fr.·.-Maç.·. é uma associação de caracter especial. Se o seu objecto actual não tem sido definido por modo preciso até este momento: se deve sel-o só por iniciativa do Gr.·. Or.·., e se o programma para conseguil-o não está rigorosamente determinado em termos geraes, póde dizer-se que o seu fim é substituir os erros que a ignorancia conserva na sociedade pela verdade demonstrada pela razão. Para conseguir este resultado a Maç.·. comprehendeu e constatou que precisava da unidade de vistas e d'acção que procura estabelecer, e a cuja conservação está adstrictamente ligada a sua conservação.

«Quando um profano se apresenta á iniciação Maç.·. deve pelo menos conhecer no seu todo o fim da instituição de que vai fazer parte. O seu acto denota approvação do fim: vem reunir-se aos que combatem pela causa da verda-

de e da justiça: declarando-se em fim livre, o profano promette consagrar-se e dedicar-se á obra maçonica.

«A obrigação contrahida pelo Maç.·. impõe-lhe *um caracter indelevel* aos olhos de todo o homem escrupuloso em pontos de honra e lealdade. Ao fazer as suas promessas o Maç.·. de certo aliena uma parte da *liberdade absoluta das suas acções,* mas este abandono voluntario é legitimo como todo o compromisso, que se toma, na vida civil, de fazer ou não fazer uma cousa, e satisfazer a certas obrigações. Enlaçando-se na constituição Maç.·. o Fr.·.-Maç.·. obriga-se a combater em toda a parte a ignorancia; nunca prejudicar a verdade, que a instituição forceja para fazer sobresahir, e compromette-se a fazel-a derramar em beneficio da humanidade inteira. Não se concebe associação sem pensamento commum a todos os seus membros, e sem que cada um d'estes concorra na medida das suas forças para que este pensamento vingue na ordem dos factos.

«Não devemos dissimular que o Fr.·.-Maç.·. ao entrar na familia maçonica, aliena a liberdade que teria tido de permanecer indifferente ao trabalho a que se dedica a instituição, ou de ser prejudicial até á efficacia d'este trabalho.

«A Maç.·. deve ter os olhos abertos sobre os seus soldados nos combates contra o erro, para applaudir os fortes, animar os fracos, infamar e condemnar os cobardes e desertores. Sem esta acção, exercida pela maçonaria nos seus membros que se dedicam á vida publica, o trabalho maçonico seria esteril, a dedicação de nossos Ir.·. uma velhacaria, e nossas esperanças futuras apenas chimeras.

«Por estas considerações principaes o Gr.·. Or.·. resolve sem hesitação a questão que lhe foi proposta, e decide que as Lojas não só tem o *direito* mas o *dever* de vigiar os actos d'aquelles dos seus membros, a quem deram entrada na vida publica: o dever de pedir explicações quando parece que um ou muitos dos seus actos não tendem a esclarecer a sociedade com o facho da verdade: o dever de aceitar estas explicações com benevolencia quando forem satisfacto-

rias, censurar se ellas o não forem, e até de separar do corpo maçonico os membros que de proposito e voluntariamente faltaram aos deveres que a sua qualidade Maç.·. lhes impõe, especialmente na vida publica.

«A sabedoria da Loja resolverá cada um dos casos em particular, ficando aberto o recurso ao Gr.·. Or.·., antes de se cumprir a resolução, especialmente se n'ella se envolver uma pena severa.

«Deliberado em sessão do Gr.·. Or.·. no 1.º do primeiro mez de 5856.

«O 1.º Gr.·. Vig.·. pelo Gr.·.-M.·. nacional,

«VERHAEGEN, senior.

«Por ordem:

«O Gr.·. Exp.·. pelo Gr.·. Secret.·.

«HENRIQUE SAMUEL.»

A ordem precedente foi communicada ás RR.·. Lojas da obediencia por esta circular:

«Ao dirigir-vos 25 exemplares da deliberação n.º 703 peço-vos que em uma das vossas proximas sessões tenhaes a bondade de chamar a especial attenção dos Ir.·. da vossa R.·. Loja para os deveres que todo o Maç.·. contrahiu com a Ordem no proprio dia da sua iniciação nos mysterios: deveres formulados em termos geraes no artigo 1.º, §. 2.º do nosso estatuto, a que nenhum Fr.·.-Maç.·. póde deixar de conformar-se quer na sua vida maç.·. quer na profana.

«Por ordem:

«O Gr.·. Exp.·. pelo Gr.·. Secret.·.

«HENRIQUE SAMUEL.»

Concluamos. O Maç.·. submette-se á *censura,* perde a sua liberdade *eleitoral* e de suas *opiniões politicas,* porque deve pensar como a Maç.·. e *fazer o que ella manda.* Aliena parte da liberdade absoluta das suas acções, obriga-se a combater em toda a parte *a ignorancia* (isto é, a religião): não póde prejudicar a verdade Maç.·. e compromette-se a derramal-a: deve estar prompto a morrer pela Maç.·., promette dedicar-se e consagrar-se á obra Maç.·.: está ligado

por juramentos solemnes, e expõe-se a castigos tremendos se é infiel. O seu ingresso na Ordem estampa-lhe caracter indelevel.

E' a Maç.·. porém que nos falla de liberdade! Pretende libertar seus membros da escravidão! Seria possivel imaginar contradicção mais evidente, manifestar maior desprezo pelos seus membros, zombar mais desaforadamente da sua credulidade? Mas eis aqui cousa ainda mais forte, se mais forte póde haver.

Quer saber-se qual é a liberdade de que gozam esses homens, que declamam contra a obediencia religiosa? Ouçamos o compromisso que aceitam os adeptos da *Joven Italia:*

«Prometto obedecer cegamente aos superiores da *Associação italiana,* conformando-me em tudo e por tudo ás suas ordens, sem nunca tomar sobre mim apressar ou retardar os acontecimentos, o progresso e serviço da sociedade: collocar minha confiança sem limites na *Joven Italia,* assim como eu a deposito em ti, meu irmão convertedor, sem reserva nem limites... N'este intento e a partir d'este momento até á minha morte, obrigo-me voluntariamente e para sempre a seguir em toda a parte os chefes e superiores da *Joven Italia,* e observar escrupulosamente todos *os deveres prescriptos pelo catecismo da mesma.*» A estas palavras brande o punhal, e o candidato tendo-o apresentado ao seu convertedor diz-lhe: «Se eu fosse bastante vil e miseravel para olvidar estes juramentos sagrados e augustas promessas, fere-me, fere sem piedade o perjuro.» (Formulario adoptado pela sociedade chamada *Joven Italia*).

Concluamos a nossa tarefa e demos a ultima pincelada que completa a semelhança da Maç.·. com Satanaz. Elle prometteu a vida aos nossos primeiros paes. Não morrereis, dizia-lhes elle: *Nequaquam moriemini,* mas sereis como deuses, e com tudo foi elle que introduziu a morte no mundo: *Invidiâ diaboli mors introivit in orbem.* (Sap. 2, 24).

Obteve o imperio, é o principe da morte: *Eum qui habebat mortis imperium, id est diabolum.* (Heb.). E n'isto dif-

fere elle essencialmente de quem veio dar-nos a vida e possue-a em toda a sua plenitude.

A Fr.·.-Maç.·. tem o genio da destruição e da morte. A despeito do seu nome, não sabe *edificar,* mas sabe perfeitamente *demolir.* Que tem ella feito desde que governa a França? Que executou para bem da humanidade ha cem annos? Ruina das sociedades, e dos governos, ruinas intellectuaes e moraes, ruina na familia e nos individuos. Não repetiremos o que já dissemos, e toda a demonstração seria superflua aqui. O grande instrumento da revolução está nas suas mãos, nada resistiu até agora ao seu poder. Admirando a força immensa da alavanca para erguer as massas, Archimedes compromettia-se a levantar a terra se lhe déssem um ponto de apoio e uma alavanca bastante forte. O que é impossivel na ordem physica, a Fr.·.-Maç.·. o realisou no mundo moral. A alavanca é a palavra, é a deslumbrante mas enganadora idéa de *liberdade.* O ponto de apoio são as *paixões cegas* das massas ignorantes e seduzidas. Com estas duas cousas, põe em convulsão o universo e levanta um terrivel conflicto n'este momento por meio de uma formidavel collisão sem exemplo desde a creação de uma parte da sociedade contra a outra. Vamos assistir, se Deus se digna intervir, á agonia do mundo e ás ultimas convulsões das sociedades moribundas.

Satanaz triumpha, e seus olhos contemplam com infernal satisfação a obra do seu odio. O edificio social afunde-se: ouve-se a crepitação fatal precursora da ruina definitiva: e o homem illudido não descobre que é *victima e desprezado.* Erguei-vos, Senhor, e dissipem-se vossos inimigos! Sejam confundidos os que vos odeiam. Desappareçam como o fumo, que o vento arrasta, e sejam aniquilados ante Deus os peccadores, como a cera em presença do fogo! (Psalmo 67).

Eis-aqui quanto basta, talvez demasiado para o assumpto. Vamos concluir o nosso trabalho.

CARTA QUINQUAGESIMA PRIMEIRA

A Fr.·.-Maç.·. julgada por alguns dos seus membros.

Senhor.

O meu trabalho seria incompleto e pouco satisfactorio, se depois de haver examinado a Fr.·.-Maç.·. em si e têl-a apreciado nas suas doutrinas, principios e actos, eu me calasse sobre os juizos, que emittiram as pessoas mais competentes e melhor estabelecidas para conhecel-a perfeitamente e julgal-a com imparcialidade.

Esta ultima demonstração, tirada do testemunho dos homens sabios e do juizo da authoridade legitima, completará as accusações já tão numerosas e oppressoras que pesam sobre a criminosa.

Primeiro que tudo deixarei fallar alguns dos seus filhos iniciados nos seus segredos mais intimos.

Collocarei depois sob vossos olhos as condemnações tão numerosas dos governos.

Farei finalmente ouvir a grande voz da Igreja, estigmatisando e proscrevendo a Maçonaria.

1.° Memoria apresentada ao congresso de Verona (1822) pelo conde de Haugwitz, ministro d'estado, representante do rei da Prussia no congresso.

(Esta memoria acha-se na obra intitulada: *Dorow's Denkschriften und Briefen zur Charakteristik der Welt und Litteratur*. Berlim, 1840, t. IV, p. 211-221) [1].

«Chegado ao termo da minha carreira creio que cumpro um dever passando em revista as manobras das sociedades secrêtas, cujo veneno ameaça hoje mais do que nunca a humanidade. A sua historia está de tal fórma ligada á da minha vida, que não posso forrar-me a publical-a mais outra vez, dando-vos algumas das circumstancias, que a acompanharem.

«As minhas disposições naturaes e educação tinham excitado em mim tão grande desejo de sciencia, que não podia contentar-me com conhecimentos communs: quiz penetrar na essencia das cousas. Mas a sombra segue a luz: assim uma curiosidade insaciavel se desenvolve em razão dos nobres esforços que se fazem para penetrar mais ávante no santuario da sciencia. Estes dous estimulos me conduziram á sociedade dos Franc-Maçons.

«E' sabido quanto o primeiro passo dado no ingresso da Ordem é pouco adequado a satisfazer o espirito: é o maior perigo para a imaginação tão inflammavel da juventude.

«Eu tinha apenas chegado á minha maioridade, quando já não só me achava á frente da F.·.-Maç.·., mas occu-

[1] O conde de Haugwitz nasceu na Siberia em 1752, e morreu em Veneza em 1832. Enviado em 1791 pelo rei da Prussia como ministro plenipotenciario a Vienna, foi depois, durante muitos annos, ministro e membro do gabinete em Berlim. Iniciado na Maçonaria em 1775, adoptou o rito templario, e teve o nome de Cavalleiro da Santa Montanha (*Eques a monte sancto*). Creou depois um systema novo, chamado dos Piedosos da Cruz (*Kreuz frommen*) e publicou muitos escriptos maçonicos, entre os quaes sobresahe a sua carta pastoral aos Verdadeiros Maçons do antigo systema (*Hirtembrief an die Wahren-Freimauren alten Systems*). Mais adiante renunciou ás sociedades secretas e combateu-as vigorosamente como se vê aqui supra.

pava um lugar distincto no *capitulo dos altos graus*. Antes de me poder conhecer, e de comprehender a situação em que temerariamente me colloquei, achava-me encarregado da direcção superior das reuniões maçonicas de uma parte da Prussia, Polonia e Russia. Estava então dividida a Maçonaria em dous partidos nos seus trabalhos secretos. O primeiro collocava em seus emblemas a explicação da pedra philosophal: o *deismo* e até o *atheismo* era a religião dos seus sectarios. A séde central dos trabalhos era em Berlim, sob a direcção do doutor Zinndorf.

«Não succedia o mesmo do outro lado, onde o principe Frederico de Brunswick era o chefe apparente.

«Em luta aberta entre si, os dous partidos davam-se as mãos para conseguir o dominio do mundo. Conquistar os thronos, servir-se dos reis como administradores, tal era o seu fim.

«Seria superfluo indicar-vos por que modo, em minha ardente curiosidade, consegui tornar-me senhor do segredo d'ambos os partidos. A verdade é que o segredo das duas seitas já não é um mysterio para mim. Este segredo fez-me rebellar. Na posição elevada, em que então me achava, só me restava a alternativa (tal era pelo menos a minha opinião) ou de retirar-me com estrondo, ou procurar um meio occulto de separar-me. Optei pelo ultimo partido. Os meus amigos e eu tivemos a fortuna de descobrir nos hieroglyphos dos graus superiores, o que a minha alma procurava com tanta avidez. Encontrei ahi a natureza do homem na sua pureza original.

«Foi em 1771 que me incumbi da direcção de uma parte das Lojas prussianas: a minha acção alargou-se sobre os irmãos dispersos na Polonia e na Russia. Se eu não houvesse feito a experiencia propria, não poderia dar explicação plausivel do abandono com que os governos fecharam os olhos em presença de semelhante desordem, verdadeiro *status in statu*. Não só estavam em correspondencia assidua os seus chefes, mas usavam de cifras particulares, e trocavam entre si emissarios. O nosso fim era exercer uma influencia pre-

dominante sobre os thronos e os soberanos, como succedera no tempo dos Cavalleiros do Templo.

«Appareceu um escripto que tinha por titulo: *Erros e verdades*. Esta obra fez grande impressão; e eu julguei encontrar ahi o que segundo a minha antiga opinião estava occulto sob os emblemas da Ordem: porém á medida que penetrei mais adiante na significação d'este tecido tenebroso, tornou-se mais profunda a minha convicção, que alguma cousa mais occulta ainda se havia de encontrar no reverso. A luz tornou-se mais clara, quando soube que Saint-Martin, author d'esta publicação, devia ser e era com effeito um dos corypheus do *capitulo de Sião*. Reuniam-se ahi todos os fios, que deviam desenvolver-se mais tarde, para preparar e tecer o manto dos mysterios religiosos que se mascaravam para serem presentes aos profanos.

«Adquiri então a convicção firme que o drama começado em 1788 e 1789, a revolução franceza, o regicidio com todos os seus horrores não só se tinham ahi decidido, mas eram ainda o resultado das associações e juramentos.

«De todos os contemporaneos d'esta época, só me resta um, o Nestor de todos os corações generosos. O meu primeiro cuidado foi transmittir a Guilherme III todas as nossas descobertas. Adquirimos a convicção que todas as associações maçonicas, desde a mais modesta até aos graus mais elevados, só procuram explorar os sentimentos religiosos, executar os planos mais criminosos, e servir-se dos primeiros como capa para cobrir os segundos.

«Esta convicção em que S. A. o principe Guilherme se achou de accordo commigo, me fez adoptar a resolução terminante de renunciar absolutamente á Maç.·. Mas o principe opinou que seria preferivel não romper de vez: a presença de pessoas de bem nas lojas pareceu-lhe um meio efficacissimo para paralysar a influencia dos traidores, e transformar as reuniões actualmente existentes em associações inoffensivas. Subindo ao throno o principe real não seguiu outro procedimento.

«Póde ainda justificar-se este modo de proceder na época em que nos achamos? Terão estas razões ainda o mesmo valor? E' o que eu não posso decidir por mim só.»

Esta memoria produziu grande effeito nos soberanos reunidos em congresso: ella deliberou muitos e em particular o imperador da Russia a proscrever a Fr.·.-Maç.·. dos seus estados. Mas a seita, por mercê dos seus poderosos amigos, conseguiu amortecer o golpe, que não pôde evitar, e chloroformisar novamente os reis despertados um momento pelo temor.

2.° Manifesto do duque de Brunswick.

Este manifesto é uma circular dos chefes da Maçonaria allemã e subscripta pelo Grão-Mestre, ás Lojas reservadas da sua obediencia em 1794. Contém revelações da mais alta importancia e quadra perfeitamente á nossa época em que a Fr.·.-Maç.·. parece, assustada como então do seu triumpho, temer de morrer no cataclysmo que preparou e ficar sepultada debaixo das ruinas do edificio que procura derrocar com diabolico encarniçamento. Abreviamos a citação, mas sem alteral-a em cousa alguma.

«Na tempestade geral produzida pelas revoluções actuaes no mundo politico e moral, n'esta época de *suprema illuminação e profunda cegueira,* seria um crime contra a *verdade e a humanidade* deixar por mais tempo, envoltas em um véo, cousas que devem dar a unica chave dos successos passados e futuros, cousas que devem mostrar a milhares de homens se o caminho que se lhes fez seguir é o caminho da loucura ou da sabedoria. Trata-se de vós, Veneraveis Irmãos, de todos os graus e systemas secretos. Deve correr-se em breve o véo, para que a vossos olhos obcecados reappareça esta *luz* que procurastes em vão, de que não podestes apanhar senão *raios enganadores* e *uma santa obscuridade* levemente alumiada pela alampada magica. O tempo da execução apropinqua-se; mas sabei-o, este *cumprimento é a destrui-*

ção. Levantamos o nosso edificio sob as azas das trevas, para attingirmos o cume, d'onde poderiamos penetrar livremente com as vistas em todas as regiões da luz. Mas este cume tornou-se inaccessivel: dissipa-se a obscuridade e uma luz mais medonha do que as trevas mesmas, vem repentinamente ferir vossos olhos. Vemos o nosso edificio esboroar-se e a terra cobrir-se de ruinas. Vemos uma destruição que nossas mãos não podem suspender já. E por isso despedimos os constructores das suas officinas. Com a ultima martellada arrazamos as columnas dos salarios. Deixamos *deserto o templo destruido,* e legamol-o como uma grande obra á posteridade incumbida de levantal-o das suas ruinas e *conduzil-o a completa conclusão.* Os obreiros actuaes destruiram-no, porque apressaram o seu trabalho com *demasiada precipitação,* e não escutaram a voz do seu senhor que lhes bradava de cima: a *precipitação não é prudencia, e a loucura não é virtude.* Poderiamos dizer muito se nos atrevessemos, porém é mister que saibaes as causas, que arrastaram a destruição. Não é a linguagem dos hieroglyphos e allegorias, que empregaremos dirigindo-nos a vós: é mister tambem que os profanos nos comprehendam. E quantos ha entre vós que tem tão poucas noções, que as tem até inexactissimas a respeito do espirito, fim e segredo da Ordem, ainda mais do que os profanos! Uma só cadêa abraça a immensa rede, hoje especialmente, de todos os grandes segredos e systemas do Universo. Todos se reunem no ponto central da sciencia geral. Só ha uma Ordem. O seu fim é o primeiro segredo. A sua existencia e os seus meios, o segundo.»

A primeira causa que o duque de Brunswick no seu manifesto indica como havendo produzido a destruição e o mal que se lamenta, é «a curiosidade intemperante dos Ir.·. que tem querido conhecer os *segredos* da Ordem, que os homens não estavam ainda bastante robustos para supportar, comprehender e sentir. Uma orgulhosa presumpção principiou a communicar-se a todas as cabeças: negou-se a existencia de um segredo, que não podia conhecer-se. Procurou adivinhar-

se, e pensou-se haver-se encontrado o segredo, estabeleceram-se systemas, e quiz-se ter adherentes. As loucuras mais grosseiras, a mais culposa prostituição da intelligencia humana foram assignalados como segredo e fim da Ordem.

A segunda causa provém do sentido falso e exagerado, dado á palavra e idéa de *Fraternidade.* «Chegou-se a sustentar e proclamar que o fim unico da Ordem é conduzir todos os homens a uma fraternidade universal, e supprimir as relações entre os governos e os subditos, restituir a *liberdade natural* aos homens, fazer desapparecer na sociedade todas as differenças de *condição, consideração, dignidade* e *preeminencia.*

«O amor sentimental d'estes fanaticos attingia a *ferocidade,* ao ponto de serem capazes de fazer perecer inquisitoriamente pelo punhal ou pela fogueira quem quer que ousasse oppôr-se ás suas tentativas philanthropicas, ou perturbal-os na construcção da sua *fraternidade universal.* Esta doutrina, como scintilla lançada n'um paiol, inflammou todos os corações e levantou por toda a parte as paixões mais desenfreadas. O mal que este supposto beneficio causou á humanidade é o que cada um comprehenderá com facilidade.

«O supposto segredo d'estes fanaticos para beneficio da humanidade, degenerou em breve em verdadeira conjuração contra a felicidade da humanidade. Uma grande seita surge, que, tomando por divisa o bem e felicidade do homem, trabalhou nas trevas da conjuração a fazer da humanidade um pasto para ella propria. Esta seita minou os *alicerces da ordem* até que se destruiu completamente. E' por *ella que a humanidade foi envenenada e transviada para muitas gerações. A fermentação que reina entre os povos é obra sua.* Fundou os projectos da sua insaciavel ambição sobre o orgulho politico das nações. Os seus fundadores esforçaram-se para introduzir este orgulho na cabeça dos povos. Principiaram por verter *todo o odio sobre a religião. Escarneo* e *desdem* taes foram as armas d'esta seita, primeiro contra a religião mesma, depois contra *os seus ministros.* Se ella se conten-

tasse em conservar no seu seio este desprezo, seria só digna de compaixão, mas não cessava de exercitar os seus membros no *manejo d'estas armas*. Do alto dos telhados prégaram-se as maximas da licença mais desenfreada, e a esta *licença* deram o nome de *liberdade*. Inventaram-se os *direitos do homem* que é impossivel descrever no livro da natureza, e convidavam-se os povos para extorquir aos seus principes o reconhecimento d'estes presumidos direitos.

«O plano que se havia formado de *romper todos os laços sociaes* e destruir a ordem, revelou-se em todos os discursos e actos. O mundo foi inundado com uma *multidão de publicações*. Recrutaram companheiros de todas as classes e posições: enganaram os homens mais perspicazes, allegando falsamente outros intentos. Lançou no coração da mocidade a semente da concupiscencia e excitaram-na pelo amor das paixões mais insaciaveis. Orgulho indominavel, sêde de poder, taes foram os principaes motores d'esta seita. Os seus chefes tinham em mira os thronos da terra, e o governo dos povos devia ser dirigido pelos seus *clubs nocturnos*.»

«Eis o que se fez e faz ainda. Mas note-se que os principes e o povo ignoram *como* e *por que meios isto se executa*. E' a razão porque nós lhe dizemos livremente: O abuso da nossa Ordem, o erro sobre o nosso segredo, produziu todas as perturbações politicas e moraes, com que a terra está hoje cheia. Vós, que fostes iniciados, reuni a vossa á nossa voz e digamos aos povos e aos principes, que os sectarios e apostatas da nossa Ordem foram e serão os unicos authores *das revoluções presentes e futuras*. Devemos affirmar aos principes e aos povos, debaixo de nossa honra e dever, que a nossa associação não é criminosa n'esses males. Mas para que o nosso testemunho tenha força e mereça credito, devemos fazer pelos principes e pelos povos um sacrificio completo: *para cortar até á raiz o abuso e o erro, devemos desde já dissolver a Ordem toda*. Por isso a destruimos e aniquilamos completamente por esta época: conservaremos porém os alicerces para a posteridade que os desentulhará no dia em

que a humanidade, em tempos melhores, poder auferir alguma utilidade da nossa santa alliança.»

«Houve sectarios, que como individuos e pelo seu procedimento, foram *honra da Ordem:* mas a sua paixão infrene foi nociva á nossa associação. Alguns d'elles illudiram-se a respeito do nosso fim e d'este erro resultou que atraiçoaram a associação. Usaram dos meios mais perversos e nocivos para realisar este fim tão mal comprehendido. *O desvario e a demencia sahem dos circulos secretos para invadir o mundo.* Já não se escuta a voz dos mestres antigos. As *paixões* mais abjectas invadem as associações particulares, e formarão em breve *um monstro* cuja cabeça hedionda será decepada pelas gerações futuras. Retiramo-nos, destruimos o edificio... E' a ultima martellada que damos agora: com ella cahem as pilastras e muros do edificio. Reine impenetravel obscuridade sobre as ruinas, occulte-as aos olhares de investigadores sacrilegos e impostores criminosos até ás mais longinquas gerações.» (Saint-Albin, p. 405 e seguintes).

Disse que este documento curioso contém revelações da mais elevada importancia: poderia additar que comprehende uma justificação quasi completa de tudo quanto affirmei n'estas cartas. Ahi se vê apontado: 1.º o fim da Maç.·.; o plano de romper todos os laços sociaes e destruir toda a ordem: os seus chefes tinham em mira os thronos e o governo dos povos devia ser dirigido pelos seus clubs nocturnos. Esta seita minou os alicerces da ordem, até que fosse completamente destruida. O seu segredo degenerou em verdadeira conjuração contra a felicidade da humanidade; 2.º o seu espirito: restituir aos homens a sua liberdade natural, fazer desapparecer na sociedade todas as differenças de condição, consideração, dignidade e preeminencia: prégar as maximas da licença mais infrene: supprimir as relações entre os governos e os subditos. Aqui está o seu mote, e o que ella entende por *liberdade, igualdade* e *fraternidade;* 3.º como meios inundou-se o mundo com uma multiplicidade de publicações: illudiram-se os homens mais perspicazes, allegando falsa-

mente outros intentos: lançou-se no coração da mocidade a semente da concupiscencia e excitaram-na pelo amor das paixões mais insaciaveis. Lançou-se todo o odioso sobre a religião: serviram-se do escarneo e desdem contra a Igreja e seus ministros; 4.º os effeitos da Maç.·. não são menos evidenciados. O cumprimento da obra é a destruição. Nós vemos o edificio que se esborôa e a terra fica juncada de ruinas: vêmos uma destruição que nossas mãos não podem suspender. As paixões mais abjectas invadem as associações particulares e formarão em breve um monstro, cuja hedionda cabeça as gerações futuras hão-de decepar.

Talvez se me diga que, conforme ao manifesto, estas desordens devem attribuir-se não á Maç.·. mas áquelles a quem elle chama sectarios e apostatas da Ordem: é exacto: mas repare-se n'estas palavras: uma cadêa unica abraça a rêde de todos os grandes segredos e systemas do universo. Existe só uma *Ordem:* o abuso da nossa Ordem e o erro a respeito do nosso segredo foi causa de todas as perturbações politicas e moraes, que encheram a terra. Os actuaes obreiros destruiram a obra: porque apressaram o seu trabalho com demasiada precipitação. Poderiamos dizer muito se nos atrevessemos. A' posteridade compete reconstruir o templo, cujos fundamentos temos o cuidado de conservar. Em outros termos o edificio social esborôa-se: lavemo-nos da accusação tão grave de havel-o derrocado, adormeçamos e façamo-nos mortos, a fim de não parecermos criminosos. Aqui está patente a duplice linguagem, empregada na Maçonaria.

São estas as preciosas confissões soltas por alguns de seus filhos: ouçamos agora o que tem pensado a respeito da Maç.·. os principes e os reis.

CARTA QUINQUAGESIMA SEGUNDA

A Fr.·.-Maç.·. reprovada e proscripta pelos governos.

Senhor.

Se, como eu provei nas minhas cartas decima sexta e vigesima terceira, a Fr.·.-Maç.·. é inimiga declarada dos reis, se ella escava os alicerces de todos os thronos e procura derribar todas as monarchias para substituir-lhes uma republica universal, perguntar-me-ha V. qual é a razão porque muitos principes a protegem? Parece que deviam unir-se contra um inimigo commum?

Sem duvida que ha nos governos um procedimento quasi incomprehensivel, cegueira inqualificavel e convivencia mais explicita ainda. Não olvidemos com tudo que a seita sempre excitou a desconfiança dos governos e foi proscripta por grande numero d'elles.

A Fr.·.-Maç.·. moderna, nascida em Inglaterra em 1717, não ficou ociosa. Atravessou o Estreito em 1721, e de todas as cidades do continente foi Mons no Hainaut, que teve a triste honra de ser a primeira que teve uma loja, ainda antes da França ter cousa d'esta especie. Então como hoje esta sociedade affectava parecer uma reunião de amigos, que não tinham por objecto senão um simples divertimento e inoffensiva distracção. Com tudo já no anno de 1729 o cavalleiro de Folard, obedecendo á voz do remorso, de discipulo ze-

loso da Fr.·.-Maç.·., tornou-se denunciador corajoso, apontou a Fr.·.-Maç.·. como seita tanto mais merecedora de despertar a attenção dos soberanos, quanto era á sombra do mysterio que chocava uma revolução, que devia ferir com o mesmo golpe os poderes legitimos. Mas segundo observa o padre Proyard, a conspiração, apesar de ser real, ainda estava envolta de tanta improbabilidade, e foi tão velhacamente qualificada de chimera pelos seus hypocritas artifices, que em geral todos lhe negaram credito [1].

Com tudo se no principio se poderam illudir, foi passageira a illusão e bastantes principes abriram os olhos como prova o catalogo seguinte.

Damos aqui a lista das proscripções, perseguições e condemnações, que a Fr.·.-Maç.·. soffreu por parte dos governos desde 1755 a 1814. Esta lista é extrahida litteralmente dos *Acta Latomorum* ou Chronologia da Fr.·.-Maç.·. por Thory (Paris 1815, t. I, p. 29-263), com indicação do lugar citado.

Anno de 1735, 30 de novembro. «Os Estados geraes da Hollanda publicam um edito que prohibe para sempre as reuniões maçonicas nas provincias unidas.» (T. I, p. 39).

Em 1737, 14 de setembro. «A camara de policia de Paris publíca uma sentença que prohibe as reuniões de Fr.·.-Maçons, e condemna o chamado Chapelot a pagar mil libras de multa por haver consentido uma assembléa na sua taberna da Rapée. Pela mesma sentença se ordena que a porta da sua casa seja tapada durante seis mezes.» (34).

— «Luiz XV prohibe aos senhores que se hajam inscripto como Fr.·.-Maç.·. fazerem parte da sua côrte.»

— «Os Estados Geraes da Hollanda repetem o seu edito de 1735. Tendo-se reunido uma loja em Amsterdam, foram os contraventores presos por ordem do magistrado.»

— «O eleitor palatino publíca um edito contra as reuniões

[1] Luiz XVI *desthronado antes de ser rei*. Paris 1819, p. 96.

dos Franc-Maçons. A 24 de junho foram presos todos os membros d'uma loja reunida em Manheim. (35).

—«O grão duque de Toscana, João Gastão, publicou uma ordem contra os Franc-Maçons.» (35).

Em 1738, 27 de dezembro. «Alguns Franc-Maçons, reunidos em uma Loja de Paris, para celebrar a festa da Ordem, foram presos.» (38).

28 d'abril. «O Papa Clemente XII publica uma bulla de excommunhão contra os Franc-Maçons.» (30).

—«Ordem do imperador Carlos VI que prohibe a Fr.·.-Maç.·. nos Paizes-Baixos austriacos e expulsa d'elles todos os Franc-Maçons.» (39).

—«Os magistrados de Hamburgo supprimem as assembléas maçonicas.» (39).

21 d'outubro. «Frederico I, rei da Suecia, prohibe todas as reuniões maçonicas sob pena de morte.» (39).

Em 1739, 14 de janeiro. «O cardeal Farro publica em nome do Papa para os Estados romanos, um edito que prohibe a aggregação ás sociedades dos Franc-Maçons, sob pena de morte e confisco de bens.» (45).

—«O Maçon Crudeli foi preso em Florença e condemnado a longa detenção. As lojas d'Inglaterra conseguem que elle logre a liberdade, e lhe restituem uma somma de 20 libras.» (44).

—«Augusto II, rei da Polonia, eleitor de Saxonia, manda fechar todas as lojas de Fr.·.-Maç.·. e faz publicar a bulla de Clemente XII em todas as Igrejas.» (44).

Em 1740. «Philippe V, rei d'Hespanha, publica um edito contra os Franc-Maçons.» (46).

—«O Grão-Mestre da Ordem de Malta mandou publicar na ilha a bulla de Clemente XII e prohibiu as reuniões maçonicas.» (47). «Proscreveu as suas assembléas sob penas severas, e seis cavalleiros são desterrados da ilha para sempre por haverem assistido a uma reunião.» (49).

Em 1742. «A Fr.·.-Maç.·. é perseguida em Lisboa. Um certo *Custos*, lapidario inglez, é condemnado a quatro annos

de calceta. Em 1744 o rei d'Inglaterra, a instancias do Grão-Mestre da Ordem, reclama *Custos* como subdito inglez, por lord Campton, embaixador em Lisboa.» (51).

Em 1743, 7 de março. «Na Allemanha, trinta Maçons, reunidos em Vienna, em menospreso das ordens do governo, foram presos e encarcerados.» (55).

—«D. João v, rei de Portugal, persegue os Franc-Maçons e manda prendel-os. Desde esta época cessa o progresso da maçonaria n'aquelle reino. Os poderes ecclesiastico e civil soltam-se contra ella e terminam as suas assembléas.» (53).

—«Os magistrados do cantão de Berne prohibem as reuniões de Franc-Maçons, e ordenam que se encerrem as lojas.» (54).

Em 1744, 5 de junho. «O tribunal de policia de Paris repete as prohibições aos Franc-Maçons de se reunirem em Loja, e aos proprietarios das casas e de estabelecimentos de bebidas de recebel-os, sob pena de tres mil francos de multa.» (55).

Em 1745, junho. Repetição d'esta prohibição. Um certo le Roy, pasteleiro em Paris é condemnado a tres mil francos de multa.» (57).

3 de março. «Sentença do magistrado do grande e pequeno conselho de Berne obrigando os irmãos a abjurar por juramento os compromissos tomados como Franc-Maçons: é prohibido o exercicio da Fr.·.-Maç.·., e ordena-se que os contraventores sejam punidos com uma multa de cem escudos brancos, e privados, se reincidissem, dos seus beneficios, empregos e cargos publicos.» (58).

Em 1748. «A Porta Ottomana ordena ao capitão pachá de cercar uma casa de Constantinopla onde estavam reunidos os Franc-Maçons e demolil-a. Sendo elles avisados a tempo, escaparam-se. Por intervenção do embaixador inglez, este negocio não teve seguimento: mas o governo mandou intimar aos enviados das côrtes estrangeiras ordem de não procurar introduzir novas seitas nos estados do Grão Senhor e especialmente a Fr.·.-Maç.·.» (62).

Em 1751. «O Papa Benedicto XIV repete a bulla d'excommunhão de Clemente XII.» (53).

2 de julho. «Carlos, rei de Napoles e de Sicilia, proscreve a Fr.·.-Maç.·. nos seus estados, como perigosa e suspeita.» (61).

— «Fernando VI, rei d'Hespanha, publíca um edito, que prohibe as assembléas dos Franc-Maçons, sob pena de crime d'estado de primeira cabeça e julgamento por elle.» (65).

Em 1763, 3 d'outubro. «Os magistrados de Dantzig publicam um edito que prohibe as reuniões dos Franc-Maçons.» (82) [1].

Em 1764. «A imperatriz Maria Thereza proscreve a Fr.·.-Maç.·.» (84).

Em 1766. «Edito do imperador da Allemanha José II, declarando que os que fizerem parte da associação dos cha-

[1] Eis-aqui o extracto do edito que a cidade de Dantzig publicou contra os Maçons, sendo de notar que era a religião lutherana que ahi predominava.

«Visto que se tornou notorio, com grande satisfação nossa, que muitos dos nossos concidadãos e habitantes, que occupam posições, estabeleceram uma sociedade que tem o nome de Fr.·.-Maç.·., sob pretexto de se exercitarem nos actos de humanidade e caridade para com os indigentes, e que, com frequencia, fazem assembléas secretas e suspeitas, tanto na cidade como fóra; que se abalançam a augmentar o seu numero de tempos a tempos, seduzindo pessoas inexperientes, mas especialmente os mancebos;

«Visto que sabemos que estes intitulados Franc-Maçons, recommendando certas virtudes, procuram minar os alicerces do Christianismo, inocular a indifferença contra esta doutrina, para substituil-a pela religião natural: estabeleceram, para conseguir este fim pernicioso, estatutos occultos que communicam sob juramento, que obrigam os seus candidatos a prestar, juramento mais terrivel que nenhum outro exigido por um soberano a respeito dos seus subditos: que tem uma caixa especialmente destinada ao fim pernicioso das suas perigosas intenções, que augmentam continuamente por meio de quotas, que exigem dos seus membros: mantém uma correspondencia intima e suspeita com as sociedades estrangeiras da mesma natureza, e observam nas suas assembléas ceremonias ridiculas, improprias de pessoas sensatas;

«Consideramos esta sociedade como attentado contra a religião, as leis da cidade, as prerogativas do magistrado, o bom procedimento e a segurança interna. Por consequencia, declaramos pelas presentes a mencionada sociedade dos Franc-Maçons e tudo quanto lhe pertencer n'esta cidade, como supprimido e abolido. Ordenamos pois severamente pelo presente edito, a todo o cidadão, estalajadeiro, taberneiro e quaesquer outros, tanto de dentro como de fóra, de não tolerar para o futuro, em objecto algum, as assembléas d'esta sociedade que havemos declarado abolida, nem de consentir que alguma chamada Loja se estabeleça, ou contravenha ao presente edito, sob pena de prisão e castigo.» (Thory, *Acta Latomorum*, t. II, p. 81).

mados *Rosa-Cruzes,* serão, *ipso facto,* privados do seu emprego». (89).

Em 1767, 24 de junho. «O governo ordena á Grande Loja de Paris (depois das vias de facto que ahi tiveram lugar) de cessar com as suas reuniões, que só continuaram em 1771.» (90).

Em 1770. «As sociedades maçonicas são novamente perseguidas nos cantões suissos: os magistrados prohibem as suas reuniões.» (97).

Em 1775, 12 de setembro. «O rei de Napoles prohibe as reuniões dos Franc-Maçons sob penas severas.» [1]

—«O principe bispo de Hildesheim prohibe ao seu clero e funccionarios de frequentar as lojas.» (118).

Em 1776. «Os maçons de Napoles foram presos e encarcerados, e alguns desterrados.» (123).

—«O major Alincourt e Dom Ayres d'Ornellas, fidalgo portuguez, foram presos em Lisboa como Franc-Maçons.» (123).

Em 1779, 26 de março. «O magistrado de Aix-la-Chapelle prohibe as reuniões maçonicas, e impõe uma multa de 100 florins d'ouro pela primeira infracção, 200 pela segunda, 300 e desterro pela terceira.» (141).

Em 1781. «Fernando, rei de Napoles, repete o edito que prohibe aos Franc-Maçons que se reunam.» (150).

Em 1782, novembro. «O conselho de Berne prohibe o exercicio da Franc-Maçonaria nos estados da sua jurisdicção.» (133).

Em 1784, 22 de junho. «O eleitor Carlos Theodoro de Baviera manda publicar nos seus estados a prohibição absoluta de todas as communidades, sociedades ou confraternidades secretas, não approvadas por lei.» (161).

[1] Os Franc-Maçons iniciaram no 1.º de setembro uma joven senhora, que no dia seguinte ao da recepção, apresentou todos os symptomas de uma doença grave á qual succumbiu em poucos dias, circumstancia que se attribue ás provas excessivamente rigorosas que lhe fizeram soffrer. A côrte soube do acontecimento e o rei publicou o edito de 12 de setembro. (Thory, p. 117).

— « N'este anno a Franc-Maçonaria é proscripta nos estados do principe de Monaco por uma ordenança que foi renovada no anno seguinte. » (162).

Em 1785, 27 d'abril. « O eleitor de Baviera prohibe as sociedades secretas, e especialmente a dos Illuminados e Franc-Maçons. » (166).

— 16 d'agosto. « Decreto de S. A. eleitoral de Baviera, ordenando a todos os empregados civis e militares de declarar se fazem parte da seita dos Illuminados, e aos que lhe pertencessem, para abandonal-a sob pena de prisão e perda de cargos. » (167).

— 1 de dezembro. « O imperador José II reduziu o numero das lojas em cada cidade a duas ou tres quando muito, e manda que a lista dos membros assim como a nota explicativa dos dias de assembléa seja entregue aos magistrados civis. » (167).

— « O grão-duque de Baden publica n'este anno, em Mannheim, um rescripto que prohibe todas as assembléas secretas. Ordena a todos os empregados civis e militares a obrigarem-se por juramento a não fazerem no futuro parte de qualquer reunião d'este genero, sob pena de castigo. » (167).

— « No mesmo anno o senado de Veneza prohibe as reuniões maçonicas. Os Grão-Mestres e Veneraveis das lojas são desterrados da republica com as suas familias. » (168).

— « O I.·. Clavel diz que a medida tomada em Berne em 1782, foi tambem adoptada pelas authoridades de Bâle em 1785. (Historia pittoresca da Fr.·.-Maç.·., p. 142).

Em 1786, 11 e 12 d'outubro. « O eleitor de Baviera manda apprehender os papeis dos Illuminados e os seus escriptos no domicilio de Zwack, conselheiro da regencia em Landshut: e determina a sua impressão. Em consequencia do processo Weishaupt foi condemnado á morte. Foge e encontra asylo em Ratisbonne, d'onde é reclamado. A regencia facilita a sua evasão. Refugia-se na côrte do principe de Saxe-Gotha, que o nomeia seu conselheiro intimo. » (172).

Em 1787. «O rei da Sardenha deu ordem ao directorio maçonico da Lombardia para dissolver-se.» (172).

Em 1789. «Decreto do imperador d'Allemanha, José II, que ordena o encerramento de todas as lojas nos seus estados, sem distincção, e manda a todos os antigos funccionarios civis ou militares que se separem sob pena de suppressão, e aos novos de prestar juramento de nunca tomar parte em reunião alguma secreta, sob pena de demissão e exemplar castigo.» (185).

— 27 de dezembro. «Busca em uma casa do bairro da Trindade do Monte em Roma, onde se reunia a loja da *Reunião dos amigos sinceros*. Os Franc-Maçons acham modo de fugirem: mas os archivos, livros dos graus, registos e a correspondencia foram apprehendidos.» (183).

Em 1792. «No mez de maio, a rainha de Portugal, havendo tido inquietações contra as assembléas das lojas, ordenou ao governador da Madeira que mandasse prender todos os Maçons.» (190).

Em 1794. «Francisco II, imperador d'Allemanha, propõe á dieta de Ratisbonne a suppressão das sociedades secretas de Maçons, Rosa-Cruzes e Illuminados. A dieta recusa-se, a instancias dos agentes da Prussia, Brunswich e Hanover.» (194).

— «N'este mesmo anno as assembléas dos Franc-Maçons tornaram-se suspeitas á imperatriz Catharina da Russia. Persuadiram-lhe que nas lojas particulares de Moscow, intrigava-se contra a côrte e os ministros. Esta circumstancia, as desgraças da revolução franceza e os attentados horrorosos commettidos n'esta época na Europa, crimes que se attribuiam ás sociedades, motivaram a sua retirada de protecção ás lojas. As que ficaram subsistindo foram sujeitas ás pesquizas da policia.» (195).

20 de maio. «Victor Amadeu Maria de Saboya, rei da Sardenha, publicou uma ordem pela qual supprime a Franc-Maçonaria nos estados sujeitos ao seu dominio.» (191).

Em 1797. «No começo d'este anno Paulo I prohibe

todas as associações secretas e especialmente a Franc-Maçonaria no imperio da Russia.» (199).

Em 1798, 12 de julho. «Bill do parlamento inglez a respeito da abolição das sociedades secretas. Exceptuou-se a dos Franc-Maçons: todas as suas lojas se mantiveram debaixo de determinadas condições: mas a lei prohibiu a creação de outras.» (202).

—20 d'outubro. «Toda a loja, exceptuadas as tres lojas-mães de Berlim e as suas filiaes, serão consideradas illicitas e não toleradas sob pretexto algum. Os infractores que estabelecerem ou protegerem uma loja, serão punidos com detenção de dez annos em uma forteleza ou casa de custodia, e os associados, a prisão de seis annos tambem em fortaleza ou em casa de custodia. Pelo que se refere ás lojas toleradas os chefes das tres lojas-mães ficaram obrigados a apresentar annualmente o quadro das suas lojas-filiadas, com a lista de todos os seus membros, com indicação de qualidade e idade. Além d'isto a loja devia declarar á policia o local das reuniões: e as tres lojas-mães devem vigiar-se reciprocamente.» (Thory, II, p. 75).

Em 1801, 23 d'abril. «O imperador Francisco II repete as antigas prohibições a respeito das sociedades secretas e especialmente das lojas maçonicas. Todos os funccionarios civis, militares e ecclesiasticos ficam sujeitos a assignar o compromisso de não fazer parte d'ellas, sob pena de perderem os seus empregos.» As prohibições ainda hoje (1814) são severamente mantidas. (Thory, I, 209).

—«No mesmo anno o imperador da Russia, Alexandre I, renova as prohibições de Paulo I contra as sociedades secretas e especialmente contra a Franc-Maçonaria.» (210).

Em 1803, 26 de março. «Promulgação em Genova de um senatus-consulto que prohibe toda a reunião de sociedades, cujos membros não fossem munidos de uma patente expressa do governo, sob pena de serem os infractores declarados sediciosos, julgados como perturbadores do socego

publico e conspiradores contra o estado... Muitos maçons foram presos e privados dos seus cargos.» (217).

—«N'este anno a policia de Vienna descobriu uma associação de Franc-Maçons. Todos os membros da loja que foram agarrados ficaram presos; os funccionarios publicos foram demittidos por haverem violado os seus juramentos. Um individuo importante, que fazia parte da associação, foi obrigado a entregar a chave de camarista, com que estava adornado.» (255).

Em 1813, 13 de março. «Carlos Luiz Frederico I, grão-duque de Baden, publicou um decreto pelo qual prohibiu toda a especie de associação e de ordens secretas no seu estado. O decreto determina a todos os funccionarios e empregados civis e militares de fazerem declaração expressa de renuncia perpetua á filiação em sociedades secretas.» (257).

Em 1814, 5 de março. «Maximiliano José I, rei de Baviera, suscitou o decreto por lei de 4 de novembro de 1799, na sua exaltação ao throno, que prohibe as reuniões clandestinas. Prohibiu novamente todas as assembléas secretas, politicas, scientificas e religiosas, cujo fim fosse desconhecido e disfarçado ao governo. Estes decretos tendo sido mal interpretados e até infringidos, o rei os mandou publicar de novo no mez de setembro, e additou-lhes a prohibição das sociedades secretas, que poderiam crear-se sob qualquer denominação, nos lyceus, universidades e diversos estabelecimentos de instrucção publica.» (262).

Em 1814, abril. «O rei de Napoles publicou um edito que prohibe aos carbonarios que se reunam sob penas severas.» (264).

—20 de maio. «Victor-Manoel, rei da Sardenha, publicou um edito em que renova as antigas prescripções contra as sociedades secretas e especialmente a Franc-Maçonaria, sob pena, contra os delinquentes, sendo funccionarios publicos, de serem privados dos seus empregos e declarados incapazes de os occupar no futuro, e além d'isto de serem con-

demnados a dous annos de prisão, e se não occupam algum lugar, de serem sujeitos a cinco annos de prisão.» (264).

—15 d'agosto. «O cardeal Consalvi, secretario d'estado, publicou em Roma um edito que prohibia as assembléas de Franc-Maçons e quaesquer reuniões semelhantes, sob pena de confisco dos bens dos seus membros.» (264).

—26 d'agosto. «Segundo as ordens do imperador a regencia provisoria publicou em Milão um edito que prohibia todas as corporações, reuniões, confrarias, sociedades secretas, como as lojas de Franc-Maçons, sob pena de prisão, confisco dos moveis que pertencessem ás associações e multa de 200 a 1:000 libras.» (263).

—14 de setembro. «Este edito publicado em Veneza foi affixado em todas as igrejas.» (265).

—Maio. «Fernando VII, rei de Hespanha, prohibiu o exercicio da Franc-Maçonaria e a continuação das lojas. O edito d'este principe ordena que os transgressores sejam perseguidos como criminosos d'estado de primeira cabeça.» (265).

—13 de setembro. «O rei de Baviera publica uma ordem contra todas as reuniões secretas.» (Tom. II, p. 236).

O I.·. Thory, cuja chronologia copiamos litteralmente, termina aqui: mas não foi este o ultimo termo das proscripções. Os escriptores e jornaes da seita confessam que desde 1814 ella foi condemnada quarenta vezes pelo menos.

Foi-o especialmente na Russia, onde Alexandre, imitando Catharina, sua avó, deixou de proteger os Maçons nos fins da sua vida. Como confessa o I.·. Clavel, «as manobras das sociedades secretas russas e polacas, especialmente a *Franc-Maçonaria nacional,* obrigaram em 1822 o imperador Alexandre a prohibir o exercicio da Maçonaria nos seus estados.»

«A 12 d'agosto de 1822, dizem os *Annaes maçonicos* dos Paizes Baixos, appareceu um ukaze d'Alexandre, que prohibiu em todos os seus estados assembléas de sociedades secretas e especialmente as maçonicas. Todo o *funccionario*

publico devia declarar que renunciava á qualidade de Maçon, se fizesse parte da Ordem, ou abandonar o serviço publico. *Todo o estrangeiro* ao entrar no territorio russo devia obrigar-se a nunca se ligar em relações com semelhantes associações: *os consules estrangeiros mesmos* não eram dispensados d'esta obrigação. Estas disposições foram executadas com grande rigor e pontualidade.

O imperador Alexandre não parou n'estas medidas: segundo dizem os *Annaes maçonicos,* em outubro de 1822 um ukaze imperial veio completar e alargar o de 12 d'agosto. «Este novo edito fulminava todas as *universidades* do imperio, *professores e estudantes,* que antes de serem admittidos, deviam jurar que não pertenciam a nenhuma sociedade secreta, e principalmente a lojas maçonicas. E finalmente todos os *funccionarios publicos* estipendiados eram adstrictos ao mesmo juramento.»

Termino este artigo pelo juizo que emittiu a respeito da Fr.·.-Maç.·. e dos perigos com que ella ameaça os estados o antigo ministro de Pio VII, cardeal Consalvi.

O nome do cardeal Consalvi desperta a idéa de um dos homens d'estado mais distinctos da curia romana, a elevação dos seus sentimentos, o seu proceder corajoso e nobre nas circumstancias mais difficeis, que lhe mereceram a estima geral.

Em 1818 escrevia elle ao principe Metternich:

«As cousas não correm bem em parte alguma, e penso, caro principe, que nos achamos muito pouco precavidos. Eu fallo aqui todos os dias aos embaixadores da Europa a respeito dos perigos que as sociedades secretas preparam á ordem publica apenas restabelecida e vejo que só me respondem com a indifferença. Crêem que a Santa Sé é prompta em atemorisar-se e espantam-se dos conselhos que lhes suggere a nossa prudencia. É erro manifesto, que muito estimarei vêr que V. A. não partilha. Tem V. A. muita experiencia para não comprehender que é preferivel prevenir a reprimir. Está chegado pois o momento de prevenir:

é preciso aproveital-o a tempo a fim de se não tornar necessaria uma repressão, que póde aggravar o mal. Os elementos que compõem as sociedades secretas, e especialmente o nucleo dos Carbonarios, estão ainda dispersos, mal fundidos, ou *in ovo:* nós vivemos porém em tempo tão apto para conspirações e tão rebelde ao sentimento do dever, que a circumstancia mais vulgar póde muito facilmente formar uma terrivel aggregação dos seus conciliabulos dispersos...

«Um dia as monarchias mais antigas, entregues aos seus defensores, achar-se-hão á mercê de alguns intrigantes de baixa esphera a quem ninguem se digna conceder um olhar de attenção preventiva. V. A. parece imaginar, que n'estes receios que eu exponho (sempre sob ordem verbal do Santo Padre) ha um systema de preconceitos e idéas que podem surgir só em Roma. Juro a V. A. que ao escrever-lhe e dirigindo-me ás altas potencias, separo-me completamente de todo o interesse pessoal, e que é na esphera mais elevada que eu considero o assumpto. Não lhe prestar desde já a maxima attenção, porque elle ainda não é do dominio commum, é sujeitar-se a tardios pesares.» (Carta do cardeal Consalvi, 14 de janeiro de 1818).

Disse quanto basta para provar que se a Fr.·.-Maç.·. encontrou protectores entre os principes e soberanos, tambem ahi tem tido muitos inimigos: ouso até asseverar que se por toda a parte não foi proscripta, tem sido pelo menos objecto de desconfiança para o poder. Resta-me apenas apresentar aos meus leitores a condemnação solemne que por muitas vezes tem lançado contra a Maçonaria a mais alta e respeitavel authoridade.

É o que vou escrever.

CARTA QUINQUAGESIMA TERCEIRA

A Fr.·.-Maç.·. solemne e authenticamente condemnada pela Igreja.

Senhor.

Termino esta parte do meu trabalho expondo os graves ensinamentos da Igreja a respeito da Franc-Maçonaria e os anathemas com que fulminou as sociedades secretas. Depois de tudo o que dissemos sobre o assumpto não será difficil apreciar a sabedoria d'estas medidas e até comprehender-lhe a necessidade.

Não enumeraremos as copiosas condemnações dimanadas do episcopado. Na Belgica, Inglaterra e Irlanda, nos Estados Unidos d'America, na França e em outras partes os bispos, umas vezes separados, outras reunidos em concilios provinciaes e nacionaes, reprovaram muitas vezes estas seitas perniciosas. Haveria n'estes documentos bastantes paginas eloquentes para reproduzir. Com tudo limitar-nos-hemos a deixar ouvir a voz dos soberanos pontifices, que, collocados á testa do governo da Igreja universal, em diversas épocas avisaram os fieis dos perigos das sociedades secretas, despertaram a attenção dos governos, e condemnaram a Franc-Maçonaria.

Seguirei a ordem chronologica e veremos os Pontifices que succederam na cadeira de S. Pedro desde o apparecimento da Maçonaria, animados do mesmo espirito, manter a

mesma linguagem, e sentinellas vigilantes da verdade religiosa e pureza da moral, proscrever á uma as sociedades secretas.

É o Papa Clemente XII que em 1738 primeiro annunciou ao mundo catholico este formidavel inimigo. (Bulla *In eminenti*).

Eis aqui os seus termos:

«CLEMENTE, *Bispo, Servo dos servos de Deus, a todos os fieis de Jesus Christo, saude e benção apostolica.*

«Elevado pela divina Providencia á maior eminencia do apostolado, apesar da nossa indignidade, conforme o dever da vigilancia pastoral que nos foi confiada, temos constantemente, auxiliado pela divina graça, empregado a nossa attenção e zelo dos nossos desvelos sobre o que é proprio para conservar a inviolavel integridade da religião orthodoxa, cerrando a porta aos erros e vicios, e banindo do mundo catholico n'estes tempos tão difficeis os perigos das perturbações.

«Nós soubemos e a fama publica nos transmittiu os novos e rapidos progressos que fazem cada dia certas sociedades, assembléas, reuniões, aggregações ou conventiculos, chamados vulgarmente de Franc-Maçons, ou outra qualquer denominação, conforme a variedade das linguas, em que homens de todas as religiões e seitas, apparentando a honestidade natural, se ligam entre si por um pacto tão rigoroso como impenetravel, consoante as leis e estatutos que a si proprios impozeram, e se obrigam por juramento prestado sobre a santa Biblia e penas graves a cobrir com inviolavel segredo tudo quanto praticam na obscuridade do segredo.

Mas como tal é a natureza do crime, que se atraiçoa a si proprio, e querendo mais occultar-se, melhor se patenteia; d'aqui resulta que essas sociedades e conventiculos tem feito originar tantas suspeitas nos espiritos dos fieis, que alistar-se n'essas sociedades é equiparado pelas pessoas de probidade e prudencia a encher-se com nodoas de perversidade e malvadez: porque se elles não fizessem o mal não odiariam a luz; e esta suspeita tem augmentado por modo

tal que em muitos estados estas sociedades já tem sido proscriptas e expulsas como contrarias á segurança dos reinos.

«Eis porque tendo nós reflectido sobre os grandes males que resultam ordinariamente d'estas sociedades ou conventiculos, não só para a tranquillidade dos estados temporaes, mas tambem para a salvação das almas, e que por isso não podem de modo algum accordar-se com as leis civis e canonicas: e como a palavra divina nos ensina que na qualidade de servo fiel e prudente, encarregado da familia do Mestre, é-nos preciso velar dia e noite, com receio que taes homens, semelhantes a ladrões, não penetrem na casa, ou como rapozas não procurem devastar as vinhas, isto é, para que não pervertam os corações dos simples, ou não atravessem os innocentes com as suas frechas na obscuridade: para fechar o caminho muito largo que d'ahi poderia abrir-se ás iniquidades, que se commettessem impunemente, e por outras causas justas de nós conhecidas, por conselhos de muitos dos nossos veneraveis Irmãos, cardeaes da Santa Igreja romana, e de motu proprio, e sciencia certa, depois de madura reflexão, com o nosso pleno poder apostolico, concluimos e resolvemos condemnar e proscrever as ditas sociedades, assembléas, reuniões, aggregações ou conventiculos, chamados de Franc-Maçons, ou conhecidos com tal nome, como os condemnamos e proscrevemos para sempre pela nossa presente constituição.

«Eis porque prohibimos severamente e em virtude da santa obediencia, a todos e a cada um dos fieis em Jesus Christo de qualquer estado, grau, condição, classe, dignidade e preeminencia, que sejam, seculares ou ecclesiasticos, regulares ou não, que ousem ou presumam, sob qualquer pretexto ou razão que seja, entrar nas ditas sociedades de Franc-Maçons, ou qualquer que seja a sua denominação, propagal-as, mantêl-as, recebêl-as em casa sua, dar-lhes asylo ou occultal-as, inscrever-se n'ellas, aggregar-se ás mesmas, assistir ás suas reuniões, ou facilitar-lhes meios de se reunirem, prestar-lhes algum auxilio, dar-lhes conselho,

apoio ou soccorro, publica ou particularmente, directa ou indirectamente, por si ou por outrem, por qualquer modo, como tambem exhortar os outros, provocal-os, instar com elles para que se iniciem n'estas sociedades, d'ellas se tornem membros ou se lhes aggreguem, auxilial-os ou aconselhal-os por qualquer modo, fórma ou maneira que seja: ao contrario nós lhes ordenamos absolutamente que se abstenham totalmente d'estas sociedades, assembléas, reuniões, aggregações ou conventiculos, sob pena d'excommunhão para todos os transgressores, *ipso facto* e sem ulterior declaração, da qual ninguem póde ser absolvido, excepto por nós, ou pelo Pontifice romano então existente, a não ser em artigo de morte.

«Queremos outro sim e ordenamos que não só os bispos mas os prelados superiores e os demais ordinarios dos lugares, todos os inquisidores da heresia, procedam a informes e processem os transgressores, de qualquer grau, condição, classe, dignidade ou preeminencia que seja, os reprehendam e castiguem com as penas merecidas, como altamente suspeitos de heresia: porque nós lhes damos e a cada um d'elles a livre faculdade de informar e proceder contra os infractores, reprehendel-os e punil-os com as penas merecidas.»

(Os dous ultimos paragraphos são a conclusão ordinaria das bullas).

«Dada em Roma, junto de Santa Maria-Maior, no anno da graça em 1738, 4.º dia das calendas de maio (28 d'abril), 8.º do nosso pontificado.»

A. card. prodatario.

Benedicto XIV julgou que tambem devia erguer a sua voz a exemplo de Clemente XII. Aqui estão as suas palavras:

BENEDICTO, *Bispo, Servo dos servos de Deus, para sempre.*

«Razões justas e graves nos impellem a usarmos da nossa authoridade para fortalecer novamente e confirmar as prudentes leis e sancções dos Pontifices romanos, nossos pre-

decessores, não só as que receamos poderem ter-se debilitado ou esquecido pelo decorrer dos tempos ou negligencia dos homens, mas tambem as que se acham em pleno rigor e em toda a sua força.

«Clemente XII, de feliz memoria, nosso predecessor, pelas suas letras apostolicas, do 4.º dia das calendas de maio de 1738, anno 8.º do seu pontificado, endereçadas a todos os fieis de Jesus Christo que principiam: *In eminenti,* condemnou e prohibiu para sempre certas sociedades, assembléas, reuniões, conventiculos ou aggregações denominadas geralmente de Franc-Maçons ou de outro modo, derramadas em alguns paizes, que se multiplicam todos os dias: prohibindo a todos os fieis de J. C. a cada um em particular, sob pena de excommunhão *ipso facto* e sem mais declaração alguma da qual só o Pontifice romano póde absolver, salvo *in articulo mortis,* a frequencia das mesmas sociedades, propagal-as, favorecel-as ou dar-lhes asylo, occultal-as ou deixar-se inscrever n'ellas, aggregar-se, auxilial-as ou dar-lhes qualquer protecção como expressamente se declara nas mesmas letras.

«Como porém chegou ao nosso conhecimento que existem homens que affirmam e divulgam que esta pena de excommunhão disposta pelo nosso predecessor, não subsiste por não ter ainda sido confirmada por nós esta constituição, como se a confirmação expressa do papa successor fosse necessaria para que as constituições apostolicas, dadas por um papa predecessor, continuem a vigorar; alguns homens piedosos e tementes a Deus nos solicitaram, para desviar todos os subterfugios dos calumniadores, e declarar a conformidade da nossa intenção com a vontade do nosso predecessor, que seria conveniente additar a nossa confirmação á constituição que elle publicára.

«Eis porque, para que não possa dizer-se que havemos emittido imprudentemente alguma cousa do que póde cerrar a bocca á mentira e á calumnia, nós, com o conselho de nossos veneraveis Irmãos, os cardeaes da Santa Igreja romana, temos deliberado confirmar, pelas presentes, a mencionada

constituição do nosso predecessor, incerta *supra* palavra por palavra, pela fórma especifica, que é a mais ampla e efficaz de todas: como em verdade a confirmamos, corroboramos, renovamos, de sciencia certa e na plenitude da nossa authoridade apostolica, pelo theor das presentes, em tudo e sem reserva, como se ella fosse publicada de *motu proprio,* expressa authoridade, em nosso nome, pela primeira vez, e queremos e estabelecemos que ella tenha força e efficacia para todo o sempre.

«Entre as causas gravissimas d'esta prohibição e condemnação expressas na constituição citada é a primeira que n'essas sociedades entram homens de todas as religiões e seitas, d'onde são evidentes os males que podem provir para a pureza da religião catholica. A segunda é o pacto intimo e impenetravel do segredo em virtude do qual se occulta tudo o que se faz nos conventiculos, a que com muita razão se póde applicar a sentença de Cæcilius Natalis, mencionada por Minucius Felix n'uma causa muito diversa: «As causas boas gostam da publicidade: as más do segredo.» A terceira é o juramento, que fazem, de manter inviolavelmente o segredo, como se fôra licito a alguem estribar-se, a pretexto de promessa ou juramento, na recusa de, no caso de ser interrogado pela authoridade legitima, confessar o que se passa nas mencionadas reuniões, de modo que se veja se ahi se pratica cousa contraria ao estado, ás leis, á religião e ao governo. A quarta é que essas sociedades são contrarias ás leis civis e canonicas, porque todos os collegios, e sociedades reunidas sem a authoridade publica são prohibidas pelo direito civil, como se vê no livro XLVII das *Pandectas,* tit. 22 (*De collegiis ac corporibus illicitis*) e na famosa carta de C. Plinius Cæcilius Secundus, que é a XCVII, livro X, onde se diz que segundo os decretos do imperador é prohibido que se formem e existam sociedades e assembléas sem a authoridade do principe. A quinta é que estas associações tem sido já proscriptas em muitos paizes pelos principes seculares. A ultima finalmente é que estas sociedades estão em má reputa-

ção entre as pessoas prudentes e probas, e que no seu pensar alistar-se n'ellas era manchar-se com o ferrete de perversidade e malvadez.

«O nosso predecessor finalmente roga na sua constituição aos bispos, prelados superiores e ordinarios dos lugares, que não deixem de invocar o auxilio do braço secular, sendo preciso, para lhe dar cumprimento. O que não só approvamos, confirmamos, recommendamos e ensinamos aos superiores ecclesiasticos, mas tambem, nós mesmo, movido pela nossa solicitude apostolica, invocamos pelas presentes letras e requeremos com instancia, para o cumprimento do que precede, o auxilio e soccorro de todos os principes e de todas as potencias seculares catholicas: porque os soberanos e governos são escolhidos por Deus para serem os defensores da fé e protectores da Igreja: e porque o seu dever é usar de todos os meios para obrigar á obediencia e observancia das constituições apostolicas: como lh'o recommendam os padres do concilio de Trento (sess. 25, cap. 20) e lh'o havia declarado o imperador Carlos Magno nos seus capitulares (tit. 1, cap. 2), em que depois de mandar a todos os seus subditos que observassem as leis ecclesiasticas, acrescentou: «Não podemos conceber como nos possam ser fieis aquelles que se mostram infieis a Deus e aos seus ministros.» E prescrevendo aos presidentes e ministros de todos os seus estados que fizessem observar por todos e por cada um as leis da Igreja, o imperador decretou as penas mais severas contra os transgressores. «Aquelles que com isto (o que Deus não permitta) forem negligentes ou desobedientes fiquem sabendo que não poderão obter honras no nosso imperio, embora fossem nossos proprios filhos: que não haverá para elles lugar em nossos paços: nem terão sociedade ou communicação comnosco nem com os nossos: mas para seu castigo, serão tratados sem respeitos nem favores.

(Segue-se a conclusão commum das bullas).

«Dada em Roma, junto a Santa Maria-Maior, no anno da

Incarnação 1751, a 15 das calendas de junho (18 de maio), 2.º do nosso pontificado.»

D. card. Passionneus.

Ouçamos agora Pio VII:

«PIO, *Bispo, Servo dos servos de Deus: para sempre.*

«A Igreja, que Jesus Christo, nosso Salvador fundou no rochedo inabalavel, contra a qual, segundo a divina promessa, não prevalecerão as portas do inferno, tem sido tantas vezes atacada e por tão terriveis inimigos que sem esta divina e immutavel promessa, poder-se-hia recear que ella succumbisse inteiramente, cercada quer pela força, quer pelos artificios dos perseguidores. O que succedera em tempos remotos repete-se hoje e especialmente na época deploravel em que vivemos, época que parece ser a dos *ultimos tempos,* tantas vezes annunciados pelos apostolos, em que virão impostores caminhando de impiedade em impiedade, seguindo seus desejos. Ninguem ignora quão consideravel é o numero de homens culposos que se ha ligado n'estes tempos tão difficeis contra o Senhor e o seu Christo, usando de todos os meios para enganar os fieis por subtilidades d'uma falsa e vã philosophia, e arrancal-os do seio da Igreja na louca esperança de arruinar e derribar a mesma Igreja. Para alcançar mais facilmente este fim, a grande maioria d'elles estabeleceram sociedades occultas, seitas clandestinas, lisongeando-se de por esta fórma attrahir com maior liberdade mais gente ás suas conspirações e perversos designios.

«Ha muito tempo que esta Santa Sé tendo descoberto estas seitas se ergueu contra ellas com força e decisão e patenteou os tenebrosos designios que formavam contra a religião e a sociedade civil. Ha já muito tempo que a Santa Sé chamou a attenção geral sobre este ponto, provocando a vigilancia necessaria para que taes seitas não podessem tentar a execução de seus culposos projectos. Deve-se porém lastimar que o zelo da Santa Sé não haja conseguido os effeitos que esperava, e estes homens perversos não tenham desis-

tido da sua empresa, d'onde tem advindo as desgraças que havemos presenceado. E o que ainda é maior ousadia, estes homens, cuja soberba augmenta continuamente, formaram novas sociedades secretas.

«N'este numero devemos indicar aqui uma sociedade recentemente formada, que se tem propagado por toda a Italia, e outros paizes, a qual, embora com nomes differentes é dividida em muitos ramos, conforme as circumstancias, é em verdade uma só, tanto pelo que diz respeito á identidade de opiniões e de vistas como pela sua constituição. Designam-na geralmente com o nome de *Sociedade dos Carbonarios*. Fingem grande respeito e zelo pela religião catholica, pela doutrina e pessoa do Nosso Salvador Jesus Christo, que algumas vezes se abalançam a chamar seu grão-mestre e chefe da sua sociedade. Mas estes discursos que parecem mais suaves do que o azeite, são apenas frechas de que se servem estes homens perfidos para ferir com mais firmeza quem se não acha acautelado. Vem para vós como mansas ovelhas, sendo lobos roazes.

«Sem duvida este juramento tão severo pelo qual, a exemplo dos antigos Priscillianistas, elles juram que em nenhum tempo ou circumstancia, não revelarão seja o que fôr pertencente á sociedade a homens, que ahi não sejam admittidos, ou que não communicarão com individuos dos ultimos graus as cousas attinentes aos superiores: além d'isto as reuniões clandestinas e illegitimas que elles formam á maneira de alguns hereticos, e esta aggregação de pessoas de todas as religiões e seitas na sua sociedade, provam assás, quando mesmo se não reunissem ahi outros indicios, que é mister não ter confiança alguma nos seus discursos.

«Não são porém necessarias conjecturas nem provas para proferir sobre os seus discursos o juizo que acabamos de enunciar. Seus livros impressos, em que se encontra o que se observa nas suas reuniões e especialmente nos graus superiores, seu catecismo, estatutos, outros documentos authenticos e muito dignos de fé e o testemunho dos que, de-

pois de haverem abandonado esta sociedade, tem revelado aos magistrados os seus artificios e os erros, tudo prova que os Carbonarios tem principalmente por fim propagar a indifferença em materia de religião, o mais perigoso de todos os systemas: dar a cada um a liberdade absoluta de fabricar para si uma religião consoante as suas inclinações e idéas: profanar e manchar a paixão do Salvador por algumas das suas culposas ceremonias: desprezar os sacramentos da Igreja (aos quaes parecem substituir alguns por elles inventados) e até os mysterios da religião catholica: destruir finalmente esta séde apostolica, contra a qual, animados por um odio especial, tramam as conspirações mais negras e detestaveis.

«Os preceitos de moral, que dá a sociedade dos *Carbonarios,* não são menos culposos, como o provam estes documentos mesmos, embora ella se jacte de exigir de seus sectarios que amem e pratiquem a caridade e as outras virtudes e se abstenham de todos os vicios. Ella favorece claramente os prazeres dos sentidos: ensina que é permittido matar aquelles que revelarem o segredo de que fallamos acima: e posto que Pedro, principe dos apostolos, recommende aos christãos que se submettam, por Deus, a toda a creatura humana estabelecida por elle acima dos homens, quer ao rei, como o primeiro no estado, quer aos magistrados, como os enviados do rei, etc.: e posto que o apostolo Paulo ordena que todo o homem se submetta aos poderes mais elevados, esta sociedade ensina que é licito excitar revoltas para privar do seu poder os reis e todos os que governam, a quem ella dá o nome injurioso de tyrannos.

«Taes são os dogmas e preceitos d'esta sociedade, como de tantas outras, que lhe são conformes. D'aqui provém estes attentados commettidos ultimamente na Italia pelos Carbonarios, que tanto tem affligido os homens honrados e piedosos. Nós, que fomos constituidos guarda da casa d'Israel, que é a santa Igreja; nós, que pelo nosso cargo pastoral devemos velar que o rebanho do Senhor, que divinamente nos foi confiado, não soffra damno, pensamos que em causa tão

grave, nos é impossivel abster-nos de reprimir os esforços sacrilegos d'esta sociedade. Anima-nos tambem o exemplo de nossos predecessores, de feliz memoria, Clemente XII e Benedicto XIV, de que um pela sua constituição *In eminenti*, de 28 de abril de 1738 e o outro pela constituição *Providas* de 18 de maio de 1751 condemnaram e prohibiram a sociedade *dei liberi muratori* ou Franc-Maçons, ou as sociedades por outros nomes designadas, consoante a differença das linguas e paizes, sociedades que talvez originassem a dos *Carbonarios* ou pelo menos lhe serviram de modêlo: e ainda que nós tenhamos já prohibido expressamente esta sociedade por dous editos, emanados da nossa secretaria de estado, pensamos a exemplo de nossos predecessores, que devem decretar-se penas severas contra a mesma sociedade, especialmente porque os *Carbonarios* dizem que não podem considerar-se comprehendidos nas duas constituições de Clemente XII e Benedicto XIV, nem sujeitos ás penas ahi impostas.

«Em consequencia d'isto tendo ouvido uma congregação escolhida entre os nossos veneraveis Irmãos os cardeaes e sobre conselho d'esta congregação, assim como de motu proprio, conhecimento certo e madura deliberação das cousas, e pela plenitude do nosso poder apostolico, determinamos e decretamos que a mencionada sociedade dos *Carbonarios*, ou qualquer que seja o seu nome deve ser condemnada e prohibida, bem como as suas reuniões, perfilhações e conventiculos, condemnamol-a e prohibimol-a pela nossa actual constituição, que durará para sempre.

«Pelo que recommendamos muito severamente, e sob preceito da obediencia devida a esta Santa Sé, a todos os christãos em geral, e a cada um em particular, qualquer que seja o seu estado, grau, condição, ordem, dignidade, ou preeminencia, tanto aos seculares como ecclesiasticos, seculares e regulares: recommendamos-lhes que se abstenham de frequentar, sob qualquer pretexto que seja, a sociedade dos *Carbonarios*, propagal-a, favorecel-a, recebel-a ou occultal-a em alguma parte, filiar-se n'ella ou tomar ahi algum grau, faci-

litar-lhe meios de reunião, dar-lhe avisos ou soccorros, favorecel-a declarada ou secretamente, directa e indirectamente, por si ou por outrem, insinuar, aconselhar ou persuadir a outros que se façam aceitar na sociedade, a auxiliem ou favoreçam: finalmente recommendamos-lhes que se abstenham completamente de tudo o que diz respeito a esta sociedade, das suas reuniões, e conventículos, sob pena de excommunhão, em que incorrem todos quantos transgredirem a presente constituição, da qual só nós os poderemos absolver, ou o Pontifice romano existente ao tempo, a não ser em artigo de morte.

« Ordenamos-lhes, outro sim, sob a mesma pena d'excommunhão a nós reservada e aos Pontifices romanos, nossos successores, que denunciem aos bispos, ou a quem fôr de direito, todos quantos conhecerem como membros d'esta sociedade, ou por haverem tido parte em algumas das conspirações de que fallamos acima.

«E para repellir com maior efficacia todo o risco de erro, condemnamos e proscrevemos o que os Carbonarios denominam os seus catecismos, os livros onde se refere o que se passa nas suas assembléas, os seus estatutos, e codigos, os livros escriptos em sua defesa, impressos ou manuscriptos, e prohibimos a todos os fieis, sob pena d'excommunhão, de lêr ou escrever algum d'estes livros, ordenando-lhes igualmente que os entreguem todos ás authoridades ordinarias ou a quem tiver o direito de recebel-os.

(Segue-se a conclusão ordinaria de todas as bullas).

«Dada em Roma, junto de Santa Maria-Maior, a 13 de setembro do anno de 1821, 22.º do nosso pontificado.»

H. card. Consalvi.

Mas esta condemnação foi ainda mais solemne nas letras apostolicas — *Quo graviora* — de Leão XII, renovando as condemnações pronunciadas pelos seus predecessores [1].

[1] A revista de Florença, intitulada *Archivio dell' ecclesiastico* diz com razão que a constituição apostolica de Leão XII é um dos monumentos mais dignos da historia da Igreja. A' firmeza do juizo e sabedoria do soberano se junta a voz do pai affectuoso,

«LEÃO, *Bispo, Servo dos servos de Deus, para sempre.*

«Tanto maiores são os desastres, que ameaçam o rebanho de Jesus Christo, nosso Deus e Salvador, quanto maior deve ser o cuidado para desvial-os por parte dos pontifices romanos, a quem, na pessoa de S. Pedro, principe dos apostolos, foram conferidos o poder e o cuidado de guiar o mesmo rebanho. Na verdade, a elles, como elevados ao posto mais eminente da Igreja, cumpre descobrir de longe as ciladas preparadas pelos inimigos do nome christão para exterminar a Igreja de Jesus Christo (o que nunca conseguirão): a elles compete, apontar umas vezes aos fieis as ciladas para que d'ellas se desviem, outras transtornal-as e combatel-as por sua authoridade propria.

«Os pontifices romanos, nossos predecessores, havendo comprehendido que tinham para desempenhar esta grande tarefa, vigiaram sempre como bons pastores, e esforçaram-se por exhortações, admoestações e decretos, e expondo até a sua vida para o bem de suas ovelhas, a reprimir e destruir inteiramente as seitas, que ameaçavam a Igreja de ruina completa. A recordação d'este desvelo pontifical não se patenteia só nos antigos annaes eccleciasticos, encontram-se provas ruidosas no que se praticou nos nossos dias e no tempo de nossos paes pelos pontifices romanos, para se opporem ás associações secretas dos inimigos de Jesus Christo: porque Clemente XII, nosso predecessor, tendo visto que a seita denominada dos *Franc-maçons,* ou chamada por outro qualquer nome, adquiria cada dia nova força, e tendo sabido com certeza, por provas numerosas, que esta seita era não só *suspeita,* mas *declaradamente inimiga da Igreja catholica,* condemnou-a por uma excellente constituição que principia pelas palavras: *In eminenti,* publicada a 28 de abril de 1738.

«Esta bulla não pareceu bastante ao nosso predecessor,

que solicita os seus filhos para correrem aos seus braços proporcionando-lhes o arrependimento pela paciencia e condescendencia.

de feliz memoria, Benedicto XIV: porque se espalhou o boato que depois do fallecimento de Clemente XII esta bulla ficava sem effeito por não haver sido confirmada pelo seu successor. Era em verdade absurda a supposição de que as bullas, para terem effeito, precisavam da confirmação expressa do pontifice reinante, e era claro que Benedicto XIV havia ratificado a bulla de Clemente XII. Para desviar porém aos sectarios o minimo pretexto, Benedicto XIV publicou nova bulla que começa pela palavra *Providas,* datada de 18 de março de 1751. N'esta bulla elle repete textualmente a bulla do seu predecessor e confirma-a da maneira mais explicita.

« Prouvera a Deus que esses que tinham então o poder na mão, tivessem sabido apreciar estes decretos, tanto como o exigia a salvação do estado e da religião! Prouvera a Deus que elles se houvessem convencido que deviam vêr nos pontifices romanos, successores de S. Pedro, não só os pastores e chefes da Igreja catholica, mas tambem os mais firmes sustentaculos dos governos e as sentinellas mais vigilantes para descobrir os perigos da sociedade! Bom seria que elles houvessem empregado seu poder em combater e destruir as seitas cuja perfidia a Sé apostolica lhes havia patenteado! Teriam vencido desde logo: mas quer esses sectarios tivessem a habilidade de occultar seus planos, quer por imprudencia e descuido culposo se apresentasse este assumpto como de maxima importancia, os Franc-Maçons deram origem a reuniões ainda mais perigosas e atrevidas.

«A' frente d'ellas devemos collocar os *Carbonarios,* sociedade que parece contel-as todas em seu seu seio, por ser a mais consideravel na Italia e alguns outros paizes. Dividida em diversos ramos e nomes differentes, ella ousou combater a religião catholica e lutar contra a authoridade legitima. Foi para libertar a Italia e especialmente os estados do Supremo Pontifice d'este flagello, importado por estrangeiros no tempo em que a invasão empecia a authoridade pontificia, que Pio VII, nosso predecessor, de feliz memoria, publicou uma bulla a 13 de setembro de 1821, começando

por estas palavras: *Ecclesiam a Jesu Christo.* Ella condemna a seita dos Carbonarios sob as penas mais severas, qualquer que seja a sua denominação ou o paiz onde se estabeleça.

«Havia pouco tempo que esta bulla fôra publicada, quando, a despeito da debilidade de nossos meritos, fomos chamado a succeder a Pio VII na Sé apostolica. Logo nos dedicamos a examinar o estado, numero e força d'estas associações secretas, e facil nos foi reconhecer que sua audacia se multiplicára pelas novas seitas que se lhe reuniram.

«A denominada *Universitaria* chamou nossa especial attenção: estabeleceu a sua séde em muitas universidades, onde os mancebos se perverteram, em vez de instruirem-se por alguns dos professores, iniciados em mysterios, que poderiam chamar-se de iniquidade, e promptos para toda a casta de crimes. Provém d'aqui que desde que o facho da revolta foi acceso pela primeira vez na Europa pelas sociedades secretas e levada ao longe pelos seus agentes, e ainda que os principes mais poderosos hajam alcançado notaveis victorias que nos faziam esperar a repressão d'estas associações, seus culposos esforços não tem cessado ainda. Porque nos paizes onde as antigas tormentas pareciam apaziguadas, não ha para temer novas perturbações e sedições recentes que estas sociedades tramam continuamente? Não se temem os punhaes impios com que ferem secretamente os que se acham apontados para a morte? Quantas terriveis lutas não tem tido a authoridade que sustentar a fim de manter a tranquillidade publica?

«A estas associações devem attribuir-se as terriveis calamidades que affligem a Igreja e não podemos recordar sem dôr profunda: com que audacia são atacados seus dogmas e preceitos mais sacrosantos! Procura-se aviltar a sua authoridade, e a paz de que ella teria o direito de gozar, é não só perturbada mas poderia dizer-se que está destruida.

«Não deve pensar-se que nós falsa e calumniosamente attribuimos a estas associações secretas todos estes males e outros que não indicamos. As obras que seus membros tem

publicado sobre a religião e a causa publica, seu desprezo pela authoridade, seu odio pela soberania, seus ataques contra a divindade de Jesus Christo e a propria existencia de Deus, o materialismo que professam, seus codigos e estatutos que demonstram os projectos e intenções, que tem, provam o que nós referimos dos seus esforços para derribar os principes legitimos, e abalar os alicerces da Igreja: e o que é igualmente certo é que estas diversas associações, embora com varias denominações, são alliadas entre si por seus infames projectos.

«Segundo esta exposição, pensamos que nos corre o dever de novamente condemnar estas associações secretas, para que nenhuma d'ellas possa pretender que não se acha comprehendida na nossa sentença apostolica, e servir-se d'este pretexto para induzir em erro homens faceis de enganar. Assim, tendo tomado conselho com nossos veneraveis irmãos os cardeaes da Santa Igreja romana, de motu proprio, sciencia certa, e depois de maduras reflexões, prohibimos para sempre e sob as penas impostas nas bullas de nossos predecessores, aqui reproduzidas e que confirmamos, todas as associações secretas, tanto as que actualmente existem, como as que poderão organisar-se no futuro, e as que concebessem contra a Igreja e a authoridade legitima os projectos que acabamos de referir.

«Ordenamos por tanto a todos e a cada um dos christãos, qualquer que seja o seu estado, classe, dignidade ou profissão, seculares ou ecclesiasticos, sem que seja necessario mencional-os todos aqui, em especial, e, em virtude da santa obediencia, de nunca, sob qualquer pretexto, entrarem nas mencionadas sociedades, propagal-as, favorecel-as, recebel-as, ou occultal-as em suas moradas ou em outra parte, iniciar-se n'essas sociedades em qualquer grau que seja, consentir que ellas se reunam ou lhes dêem conselhos ou soccorros, clara ou secretamente, directos ou indirectos, ou induzir outras pessoas por seducção ou persuasão, a entrarem ou assistirem a taes reuniões, auxilial-as ou favorecel-as por

qualquer modo que seja: mandamos pelo contrario que se mantenham cuidadosamente desviados d'estas sociedades, associações, reuniões, ou assembléas, sob pena de excommunhão, na qual incorrerão *ipso facto* quantos transgredirem esta prohibição, sem que possam obter absolvição a não ser de nós ou nossos successores, excepto em artigo de morte.

«Ordenamos outro sim a todos e a cada um, sob pena de excommunhão reservada para nós e nossos successores, que declarem ao bispo e ás outras pessoas a quem isto compete, logo que o saibam, se alguem pertence a estas sociedades ou se tornou criminoso de alguns dos mencionados delictos.

«Condemnamos principalmente e declaramos nullo o juramento impio e criminoso pelo qual os que entram n'estas associações se obrigam a nunca revelar o que diz respeito a essas seitas, e a ferir de morte os seus membros que fizerem revelações aos superiores ecclesiasticos ou seculares. Não será um crime considerar como laço obrigatorio o juramento (isto é, um acto que só é licito para o que é justo) em que qualquer se compromette a executar uma morte, desprezar a authoridade dos que estando incumbidos do poder ecclesiastico ou civil, devem conhecer quanto interessa a religião e a sociedade e póde importar á sua tranquillidade? Não será iniquo e indigno tomar a Deus como testemunha de semelhantes attentados? Com muita sabedoria disseram os padres do concilio de Latrão: «Que não deve considerar-se como juramento, mas sim como perjurio, tudo quanto se prometta em detrimento da Igreja e contra as regras da sua tradição.» Poderá tolerar-se a audacia ou, para melhor dizer, a demencia dos homens, que, dizendo não só em particular mas claramente que não existe Deus, e publicando-o em seus escriptos, ousam exigir com tudo um juramento em seu santo nome d'aquelles que admittem em sua seita?

«Eis-aqui o que havemos disposto para reprimir e condemnar todas as seitas odiosas e criminosas. Agora, veneraveis Irmãos, patriarchas, primazes, arcebispos e bispos,

solicitamos e imploramos vosso auxilio: envidai todos os vossos desvelos na vigilancia do rebanho que o Espirito Santo vos confiou escolhendo-vos para bispos da sua Igreja. Lobos roazes precipitar-se-hão sobre vós e não pouparão as vossas ovelhas. Não vos mostreis timidos e não julgueis mais preciosa a vossa vida temporal do que a de vossas almas. Convencei-vos que a constancia de vossos rebanhos na religião e no bem depende principalmente de vós. E se vivemos em dias maus em que muitos não soffrem a sã doutrina, muitos fieis a respeitam ainda, e seguem os seus pastores e os consideram, como são na realidade, ministros de Jesus Christo e dispensadores dos seus mysterios. Empregai pois, para beneficio do vosso rebanho, essa authoridade que Deus vos deu sobre as suas almas por uma graça assignalada. Patenteai-lhes as autucias dos sectarios e os meios de que devem usar, para os preservar d'ellas. Inspirai-lhes o merecido horror pela perversa doutrina, que professam aquelles que escarnecem dos mysterios da nossa religião e dos mysterios tão puros de Jesus Christo e atacam os poderes legitimos. Servindo-nos finalmente das palavras de Clemente XII, nosso predecessor, na sua encyclica aos patriarchas, arcebispos e bispos da Igreja catholica, datada de 14 de setembro de 1738: «Compenetremo-nos, eu vos imploro, da força e espirito do Senhor, da intelligencia e energia que d'ahi resultam, para nos não assemelharmos aos cães que não podem ladrar, deixando os nossos rebanhos entregues á rapacidade das feras e animaes damninhos. Nada nos retenha na obrigação, em que nos achamos, de padecer toda a sorte de combates pela gloria de Deus e salvação das almas. Tenhamos sempre ante os olhos o exemplo d'Aquelle que durante a sua vida foi sempre o escandalo dos peccadores: porque se deixamos abalar-nos pela audacia dos malevolos, desapparece a força do episcopado, da authoridade sublime e divina da Igreja. Não tratemos mais de ser christãos, se vimos ao ponto de tremer ante as ameaças e ciladas de nossos inimigos.»

«Principes catholicos, carissimos filhos em Jesus Christo,

por quem temos especial affecto, pedimos-vos com instancia que venhaes em nosso auxilio. Lembrar-vos-hemos estas palavras que Leão o grande, nosso predecessor, cujo nome tomamos, embora sejamos indignos de lhe sermos comparado, endereçava ao imperador Leão: «Deveis recordar-vos sem cessar que o poder real não vos foi só conferido para dirigir o mundo, mas principalmente para estender á Igreja uma poderosa mão, reprimindo os maus com energia, protegendo as leis boas, restabelecendo a ordem onde quer que ella se perturbe.»

«As circumstancias presentes são taes que tendes que reprimir as sociedades secretas, não só para defender a religião catholica, mas tambem para vossa segurança e de vossos subditos. A causa da religião está hoje por tal modo ligada á da sociedade que não podem separar-se: porque os membros d'estas associações não são menos inimigos do vosso poder do que da religião. Atacam uma e outra e desejam vêl-as igualmente derribadas, e, se podessem, nem deixariam subsistir a religião, nem a authoridade real.

«E' tal a perfidia d'estes homens astuciosos que, quando formam votos secretos para derribar o vosso poder, fingem querer alargal-o. Procuram persuadir que o nosso poder e o dos bispos deve ser restricto e enfraquecido pelos principes, e que é mister transferir a estes os direitos, tanto d'esta cadeira apostolica e igreja principal, como dos bispos, chamados a tomar uma parte da nossa missão.

«Não é só o odio da religião que anima seu zelo, mas a esperança que os povos submettidos ao vosso imperio, vendo derribar as barreiras collocadas por Jesus Christo e pela sua Igreja nas cousas santas, serão encaminhados com facilidade e por este exemplo a mudar ou destruir tambem a fórma do governo.

«E a vós tambem, queridos filhos, que professaes a religião catholica, dirigimos especialmente estas exhortações. Evitai com particular exame os que chamam á luz trevas, e luz ás trevas. E na verdade, que interesse terieis em ligar-

vos com homens, que não se importam de Deus nem dos poderes da terra, que lhes declaram guerra por meio de intrigas e das assembléas secretas, e que proclamando muito alto que só querem o bem da Igreja e da sociedade, provam por todas as suas acções que procuram levar a perturbação a toda a parte e derribar tudo? Estes homens são semelhantes áquelles a quem o apostolo S. João manda que se lhes não dê hospitalidade, e não quer que se saúdem (II Ep. S. Joan., 10); são os mesmos que nossos paes chamavam os primogenitos do demonio.

«Acautelai-vos das suas seducções e discursos lisongeiros, a que recorrerão para vos fazer entrar nas associações a que pertencem. Ficai certos que ninguem póde estar ligado a estas sociedades sem se tornar réo de um peccado gravissimo: cerrai ouvidos ás palavras dos que, para chamar-vos ás suas assembléas, vos affirmarem que ahi nada se pratica opposto á razão e á religião, e nada se vê e ouve que não seja doutrina pura, recta e honesta. Além d'isto o juramento criminoso de que havemos fallado, e se presta até nos graus inferiores, basta para que comprehendaes que é vedada a entrada nos primeiros graus e permanecer n'elles: e se bem não seja costume communicar o que ha de mais censuravel aos adeptos que não attingiram os graus eminentes, é claro que a força e audacia d'estas sociedades perniciosas augmentem á proporção do numero e harmonia dos que as compõem. Tambem por isso os que não passam dos graus inferiores devem ser considerados cumplices do mesmo crime, e incursos na sentença do Apostolo: «Quem pratica estas cousas é réo de morte e não só os que as praticam, mas igualmente os protectores dos que se tornam culpaveis n'ellas.» (Ep. ad Rom., I, 32).

«Nós nos endereçamos finalmente com particular affeição áquelles que, a despeito das luzes, que receberam, e de haverem recebido tambem o Espirito Santo e os dons celestes, tiveram o infortunio de se deixarem seduzir e entrar n'estas associações, quer em graus inferiores, quer nos mais

elevados. Nós, que occupamos o lugar d'Aquelle que declarou não ter vindo para chamar os justos, mas os peccadores, e se comparou ao pastor, que havendo abandonado o resto do seu rebanho, procura com inquietação a ovelha perdida, rogamos-lhes e exoramos-lhes que voltem para Jesus Christo. De certo commetteram grande crime: não devem porém desesperar da misericordia e clemencia de Deus e de Jesus Christo seu filho. Voltem ao caminho do Senhor: Elle os não repellirá: ao contrario como o pai do filho prodigo abrir-lhes-ha os braços para recebel-os com ternura. Para fazer tudo quanto está em nosso poder, e tornar-lhes menos penoso o caminho da penitencia, suspendemos, por tempo de um anno, contado da publicação d'estas letras apostolicas, nos paizes onde habitam, a obrigação de denunciar seus irmãos, e os effeitos das censuras em que incorreram pela sua entrada n'essas associações: e declaramos que podem ser relevados d'estas censuras, não denunciando os seus cumplices, por qualquer confessor approvado pelos ordinarios dos lugares onde habitam.

«Usamos da mesma indulgencia para com os que habitam em Roma. Se algum surdo á voz do Pai de misericordia, estivesse tão empedernido para não abandonar estas sociedades dentro do tempo, que indicamos, ficará obrigado a denunciar os seus cumplices, e incurso nas censuras, se tornar a reincidir depois d'esta época: e não poderá obter a absolvição senão denunciando os seus cumplices ou jurando, pelo menos, denuncial-os para o futuro. Só nós, nossos successores, ou aquelles que obtiverem da santa sé a faculdade de levantar estas censuras, poderemos conceder esta absolvição.

«Mandamos que exemplares impressos d'este breve apostolico, sendo assignados por tabellião publico ou tendo o sello de um dignitario da Igreja, mereçam a mesma fé que o original.

«Ninguem poderá infringir ou contradizer a presente declaração, condemnação, ordem, prohibição, etc. Se com tu-

do alguem o fizer, fique certo que chamará sobre si a colera de Deus omnipotente e dos apostolos S. Pedro e S. Paulo.

«Dado em Roma junto a S. Pedro no anno de 1825 aos 3 dos idos de março (13 de março) 2.º do nosso pontificado.

B. (Barlholomeu Pacca), *cardeal prodatario.*

Visto. D. Testa. Pelo cardeal Albani,

Lugar do sello. Capaccini, *substituto.*»

N'um pontificado muito curto Pio viii soube deparar occasião para unir sua voz á dos seus predecessores. Escreveu n'estes termos aos bispos catholicos:

«*Veneraveis Irmãos, saude e benção apostolica.*

«E' do nosso dever chamar a vossa attenção para essas sociedades secretas de homens facciosos, inimigos declarados de Deus e dos principes, que promovem a desolação da Igreja, a perdição dos estados, a perturbação do universo, e quebrando o freio da fé verdadeira abrem o caminho para todos os crimes. Procurando occultar sob o dever de um juramento tenebroso, a iniquidade das suas assembléas e os designios que se formam ahi, só por este facto justificam as suspeitas d'estes attentados, que, pela desgraça dos tempos, sahiram como do poço do abysmo e arrebentaram com grande detrimento da religião e dos imperios. Por isso os nossos predecessores Clemente xii, Benedicto xiv, Pio vii e Leão xii, a quem succedemos apesar da nossa indignidade, fulminaram successivamente com anathema estas sociedades, de qualquer denominação, por letras apostolicas, cujas disposições confirmamos na plenitude do nosso poder, mandando que sejam plenamente observadas. Trabalharemos com todas as nossas forças para que a Igreja e a causa publica não padeçam por motivo das conspirações d'estas seitas, e convidaremos para esta grande obra o vosso concurso quotidiano, de modo que revestidos com a armadura do zelo e unidos pelos laços do espirito, sustentemos valorosamente a nossa causa commum, ou, para melhor dizer, a causa de Deus, para destruir estas muralhas pelas quaes se abrigam a impiedade e a corrupção dos homens perversos.

«Entre estas sociedades secretas, resolvemos apontar uma ha pouco formada, cujo fim é corromper a mocidade educada nos gymnasios e lyceus. É sabido que as lições dos mestres são poderosas para formar o coração e espirito dos alumnos, por isso procuraram-se todos os cuidados e artificios para dar á mocidade mestres depravados que a conduzam nas veredas de Baal, por doutrinas que não são de Deus. D'aqui provém que vemos com desgosto estes mancebos chegados a tal licença, que havendo deposto todo o temor da religião, banido a regra dos costumes, desprezado as sãs doutrinas, calcado aos pés os direitos de ambos os poderes, não se envergonham de nenhuma desordem, erro ou attentado, de maneira que se póde dizer a seu respeito com S. Leão Magno: «Sua lei é a mentira: seu Deus é o demonio: seu culto tudo quanto ha de mais vergonhoso.» Desviai, veneraveis Irmãos, de vossas dioceses estes males, e empregai todos os vossos esforços, vossa authoridade e doçura para que homens distinctos, não só em sciencias e letras, mas tambem pela pureza da sua vida e piedade, se incumbam da educação da mocidade.» (Extracto da *Encyclica* de Pio VIII de 24 de março de 1829 a todos os patriarchas, bispos etc.).

Já citamos o juizo de Gregorio XVI a respeito de seu predecessor.

Só nos resta fallar do santo padre Pio IX, cujo pontificado mais longo do que nenhum dos seus predecessores, não cede o passo a nenhum d'elles quer pelas grandes cousas, que concluiu, quer pelas terriveis perseguições, que tem padecido, quer pelo desvelo com que de continuo combate os erros do nosso tempo.

Allocução condemnando a Franc-Maçonaria, no consistorio secreto de 25 de setembro de 1865 por sua santidade o Papa Pio IX.

«Veneraveis Irmãos.

«Entre as numerosas machinações e meios de que os ini-

migos do nome christão se tem servido para atacar a Igreja de Deus, procurando, embora debalde, abatel-a e destruil-a, deve, sem duvida alguma, contar-se essa perversa sociedade de homens, que vulgarmente se chama *Maçonica,* a qual, concentrada ao principio nas trevas e na obscuridade, acabou por apparecer a lume, para ruina commum da religião e da sociedade humana.

«Apenas os pontifices romanos, nossos predecessores, descobriram suas ciladas e artificios, fieis ao seu dever pastoral, pensaram que lhes corria o dever de empregar sem demora alguma, sua authoridade para reprimir, impôr censuras, como com a espada espiritual e exterminar esta seita que respira o crime e acommette as cousas santas e publicas. Por isto Clemente XII, nosso predecessor, pelas suas letras apostolicas, proscreveu e reprovou esta seita e desviou todos os fieis não só de se lhes associarem, mas tambem de propagal-a e auxilial-a por qualquer modo que fosse, sob pena de excommunhão reservada ao soberano pontifice. Benedicto XIV confirmou, pela sua constituição, esta justa e legitima sentença de condemnação, e não cessou d'exhortar os soberanos catholicos a consagrar todas as suas forças e cuidados para reprimir esta seita profundamente perversa e defender a sociedade contra o perigo commum.

«Quizera o céo que esses monarchas houvessem dado ouvidos ás palavras do nosso predecessor! Que houvessem em negocio tão grave obrado com menos tibieza! Sem duvida não teriamos tido, assim como nossos paes, a lamentar tantos movimentos sediciosos, tantas guerras incendiarias que atearam o fogo na Europa, nem tantos males amargosos que affligiram e affligem ainda hoje a Igreja. Mas o furor dos maus estando longe de abrandar-se, Pio VII, nosso predecessor, fulminou com anathema uma seita de origem recente, o *Carbonarismo,* que se havia propagado por toda a Italia, onde tinha grande numero de adeptos: e inflammado pelo mesmo zelo pelas almas, Leão XII condemnou, pelas suas letras apostolicas, não só as sociedades secretas que acabamos de men-

cionar, mas tambem todas as demais, qualquer que fosse o seu nome, que conspirassem contra a Igreja e o poder civil, e prohibiu-as severamente a todos os fieis, sob pena de excommunhão.

«Estes esforços com tudo da santa sé apostolica não tem obtido o resultado que se devia esperar.

«A seita maçonica de que fallamos nem foi vencida nem dominada; pelo contrario, tem-se desenvolvido por tal modo, que n'estes dias difficeis mostra-se em toda a parte com impunidade e ergue a fronte com maior audacia do que nunca. Pensamos desde logo que deviamos voltar sobre o assumpto, visto que, por causa da ignorancia em que se está ácerca das intenções e projectos culposos, que se agitam n'estas reuniões clandestinas, se poderia crêr falsamente que a natureza d'esta sociedade é inoffensiva, e que a instituição só tem em mira soccorrer os homens e auxilial-os nas adversidades: e que em fim nada ha que ataque a Igreja de Deus. Quem não vê com tudo quanto semelhante idéa se desvia da verdade? Que pretende pois esta associação de homens de todas as religiões e crenças? De que servem estas reuniões clandestinas e esse juramento tão rigoroso exigido aos iniciados, que se compromettem de nunca divulgar o que ahi se passa? E qual o motivo d'essa assustadora severidade de castigos a que se sujeitam os iniciados quando viessem a ser infieis ao seu juramento? Deve sem duvida ser impia e sacrilega a sociedade que foge da luz e da publicidade: porque, disse o apostolo, «quem obra o mal evita a luz.» Como são differentes de semelhantes associações as piedosas sociedades de fieis que florecem na Igreja catholica! Nada ha occulto em ellas: nada ha secreto. As leis que as regulam estão patentes a todos: e todos podem vêr as obras de caridade praticadas conforme a doutrina do Evangelho.

«Não é pois sem profunda magoa sociedades catholicas d'este genero, tão salutares e adequadas para excitar a piedade e auxiliar os pobres, serem atacadas e até destruidas em certos lugares: ao passo que se auxilia, ou pelo menos,

se tolera a tenebrosa sociedade maçonica, tão inimiga da Igreja e de Deus, e perigosa até para a segurança dos reinos.

«Sentimos, veneraveis Irmãos, amargura e dôr ao vêr que quando se trata de reprovar esta seita conforme as constituições de nossos predecessores, muitos dos que por suas funcções e deveres de seu cargo deveriam ser cheios de vigilancia e ardor em assumpto tão grave, se mostram indifferentes e de algum modo adormentados. Se alguns pensam que as constituições apostolicas, publicadas sob pena de anathema contra as seitas secretas, seus adeptos e fautores, não vigoram nos paizes onde a authoridade civil as tolera, estão sem duvida em grande erro. Sabeis, veneraveis Irmãos, que reprovamos esta falsa e má doutrina, e hoje reprovamol-a e condemnamos novamente.

«Póde por ventura depender do poder civil o soberano poder de dirigir e governar o rebanho universal que os pontifices romanos receberam de Jesus Christo na pessoa de S. Pedro, e póde elle suspendel-o e restringil-o seja no que fôr?

«N'esta situação, para que homens imprudentes e especialmente a mocidade, se não deixem arrastar, e nosso silencio não sirva de pretexto a alguem para proteger o erro, resolvemos erguer nossa voz apostolica. Reprovamos e condemnamos essa sociedade maçonica e as outras sociedades da mesma especie, que, sendo diversas na apparencia, organisam-se todos os dias com o mesmo fim, e conspiram clara ou clandestinamente contra a Igreja e os poderes legitimos: e ordenamos sob as mesmas penas declaradas nas constituições anteriores, e confirmando aqui, perante vós, — essas mesmas constituições, decretadas por nossos antecessores, pela nossa authoridade apostolica, a todos os christãos de qualquer condição, ordem, dignidade e nação, de haverem como proscriptas e reprovadas por nós as ditas sociedades.

«E agora nada mais nos resta para satisfazer os votos e solicitude do nosso paternal coração, senão advertir e exhor-

tar os fieis que se houvessem associado a seitas de tal natureza, que obedeçam a inspirações mais prudentes, e abandonem estes funestos conciliabulos, a fim de não serem arrastados ao abysmo da ruina eterna: e pelo que respeita a todos os outros fieis, cheio de solicitude pelas almas, exhortamol-os energicamente a acautelarem-se contra os discursos perfidos dos sectarios, que, sob um exterior honrado, se acham inflammados por um odio ardente contra a religião de Jesus Christo e a authoridade legitima, e tem só um pensamento, como um só fim: aniquilar todos os direitos divinos e humanos. Saibam elles que os membros d'estas seitas são como os lobos que Jesus Christo, Nosso Senhor, predisse, haviam de vir, cobertos com as pelles do cordeiro, para devorar o rebanho: e que é mister collocal-os no numero d'aquelles cuja familiaridade e convivencia por tal maneira o apostolo nos prohibiu, que expressamente nos diz que nem devemos dirigir-lhe o Avè (saudação).

«Prasa a Deus, que é rico de misericordias, que escutando nossas orações, com o auxilio da sua graça conduza á razão os insensatos, e voltem ao caminho da justiça os homens desvairados!

«Queira Deus reprimir os furores dos homens depravados que por meio das sociedades supra mencionadas preparam actos impios e criminosos, e que a Igreja e a sociedade humana alcancem o repouso após tantos e tão inveterados males! E para que nossos votos sejam ouvidos oremos á nossa Advogada, junto de Deus clementissimo, a Santa Virgem, sua Mãi Immaculada desde a concepção, a quem foi dado o poder de derribar os inimigos da Igreja e os monstros dos erros. Imploremos igualmente a protecção dos bemaventurados apostolos Pedro e Paulo, por cujo glorioso sangue esta cidade foi consagrada. Confiamos que pelo seu auxilio e assistencia, obteremos mais facilmente o que pedimos á bondade divina.» (Nota XIX).

Não espere V. que eu justifique estas condemnações, vindas d'uma authoridade soberana que nenhum catholico

póde recusar. Para sabermos se a Fr.·.-Maç.·. merece reprovação, basta-nos conhecer o pensamento da Igreja: mas estou certo que todo aquelle que houver lido estas cartas terá formado o seu juizo ácerca d'esta sociedade impia: vou tirar a conclusão dos nossos estudos.

NOTA XIX

Consequencias da condemnação da Fr.·.-Maç.·. pela Igreja e das penas impostas contra aquelles que lhe pertencem.

Resultam duas condemnações: 1.º que o Franc-Maçon, estando incurso na excommunhão, deixa de ser membro da Igreja, não tem direito aos seus bens espirituaes e deixa de pertencer á familia christã: e em tal estado não póde receber os sacramentos.

2.º Excepto em perigo de vida só por poderes especiaes conferidos pelo summo pontifice póde ser absolvido.

3.º N'este caso a absolvição só póde ser valida com a condição de romper completamente com essa sociedade, e destruir os livros, insignias e manuscriptos, que lhe digam respeito.

4.º Diz Monsenhor William, bispo de Porto-Luiz, que se póde conceder ao Franc-Maçon o sacramento do matrimonio em attenção á outra parte que, havendo permanecido no gremio da Igreja, não perdeu os seus direitos aos sacramentos. Mas qualquer Franc-Maçon, ou membro d'outra seita condemnada, que se não houvesse reconciliado previamente com a Igreja, tornar-se-hia infelizmente culpado na profanação do sacramento, a qual poderia desviar tão sómente da sua união as bençãos do céo; do que deverá prestar contas perante o tribunal divino no momento da sua morte.

5.º Deve conceder-se sepultura ecclesiastica a toda a pessoa, que haja solicitado o auxilio de um padre á hora da morte, por que este pedido é considerado como prova do desejo sincero de reconciliar-se com a Igreja. Deverá com tudo fazer-se uma excepção, quando os restos mortaes do defunto forem levados para uma loja maçonica. N'este caso não podemos consentir, por consideração alguma, que se façam em Igreja ceremonias religiosas e orações. Já demos ordens formaes a tal respeito aos nossos ecclesiasticos e pela presente as ratificamos novamente.

6.º Prohibimos expressamente, diz o bispo d'Autun, que se colloquem sobre a eça, na Igreja ou no caminho para o cemiterio, os distinctivos das sociedades secretas. Quando a familia do defunto se recuse sujeitar-se a esta disposição, o clero deve-

rá annunciar-lhe que o enterro não póde ter lugar com as ceremonias e orações da Igreja [1].

Prohibimos igualmente que não seja admittido como padrinho um Franc-Maçon, publicamente conhecido por isso, contanto que não declare que quer romper com a sociedade [2].

[1] O *Mundo maçonico* diz que o bispo d'Autun tem muita razão em não querer que appareçam as insignias maçonicas nas Igrejas da sua diocese. «Consentiriamos nós, diz este jornal, que um bispo ou simples ecclesiastico viesse officiar ás nossas lojas, acompanhado dos seus assessores ou clero? Qual seria a loja franceza, que toleraria n'uma festa funebre ou solsticia, a exposição dos emblemas do catholicismo? Pedindo a assistencia e concurso dos ministros de um culto qualquer, é forçoso resignar-se a soffrer todas as consequencias de semelhante passo: como póde haver motivo de queixa contra as pretenções exageradas até de um homem cujo ministerio foi solicitado, que se reconheceu e aceitou implicitamente, como representante de Deus sobre a terra, que tem poder de abrir e fechar as portas do paraiso?» (Folheto de maio de 1866, p. 1 e 2).

[2] «O prelado, diz o *Mundo maçonico*, repete com razão, consoante todos os doutores orthodoxos, que «não se póde ser catholico fiel e Franc-Maçon simultaneamente»: existe pois o direito e dever d'exigir aos Franc-Maçons, que se querem valer do indulto apostolico «o inteiro renunciamento á sua sociedade, e a destruição dos livros, manuscriptos e insignias, que se lhe referem.» Aquelles que protestassem contra estas palavras e ordens, formuladas em nome d'uma tolerancia repellida pela Igreja catholica e em contradicção com as suas doutrinas fundamentaes, provariam que nem conhecem a Fr.·.-Maç.·. nem o catholicismo.» (Folheto de maio de 1866, p. 2 e 3).

CARTA QUINQUAGESIMA QUARTA

Conclusão.—Accusações numerosas e graves que pesam sobre a Maçonaria.

Senhor.

Havendo chegado ao termo dos estudos, a que me propuz ácerca da Fr.·.-Maç.·., permitta-me que eu volte um momento sobre o caminho que percorri.

Depois de ter, nas primeiras cartas, considerado o corpo d'esta sociedade, declinado o seu nome, investigado as suas origens, discutido as suas fórmas multiplices e a sua força organisadora, penetramos no seu amago, e successivamente estudamos o principio constitutivo, que é, por assim dizer, a alma da sociedade, suas doutrinas religiosas e sociaes e o fim ultimo a que ella tende. (Cartas setima e vigesima terceira).

Procuramos depois conhecer as suas iniciações mysteriosas e o trabalho da formação a que obriga seus membros. (Cartas vigesima quarta e vigesima sexta).

A Fr.·.-Maç.·. de adopção e a familia numerosa das sociedades secretas, de que a Fr.·.-Maç.·. é mãi e ama, chamaram depois a nossa attenção. (Cartas vigesima oitava e trigesima segunda).

O poder de que dispõe, as armas terriveis de que se serve para assegurar o seu triumpho, foram successivamen-

te o objecto do nosso exame. (Cartas trigesima terceira e quadragesima primeira).

A historia nos revelou os resultados da sua acção tão funesta á Igreja e á França desde ha um seculo principalmente. (Cartas quadragesima segunda e quadragesima quinta).

Era o momento de apanhal-a em toda a sua força e photographal-a, se me é licito servir-me d'esta expressão, na sua figura, a qual achamos exactamente semelhante a Satanaz. (Cartas quadragesima sexta e quadragesima nona).

Nós vimol-a finalmente ser o objecto das accusações dos seus proprios filhos, da proscripção dos governos e dos *anathemas* da Igreja. (Cartas quinquagesima e quinquagesima terceira). Cada um dos passos que se deu, n'este estudo, veio additar novo gravame sobre os que já a sobrecarregavam. Que me resta para completar a minha tarefa?

Citar esta grande criminosa perante o tribunal das sociedades, denunciar á França, á Europa, ao mundo inteiro a infernal conjuração que ameaça sepultar a França, a Europa, o mundo inteiro em um cataclysmo geral e todos os governos sob montões de ruinas. A nossa accusação não póde ser suspeita, porque a Fr.·.-Maç.·. nos fez a sua confissão e todos os crimes que lhe imputam são confessados por seus membros e filhos: *habemus confitentem reum.*

Apresento pois á reprovação universal o seu fim infernal e tendencias diabolicas. Não receou dizel-o: o seu fim é o aniquilamento da religião christã e a destruição de *todos os thronos:* é o restabelecimento do paganismo sobre a terra: tal é o objecto constante do seu trabalho, desejos e esforços.

Aponto a todo o universo a divisa fatal inscripta na sua bandeira — *liberdade, igualdade, fraternidade.* — E' o estandarte enganador da revolução. E' em nome d'este principio erroneo que a Maç.·. revolucionou a terra: é por meio d'esta alavanca que ella forceja por demolir, derribar, arruinar d'alto a baixo todos os governos legitimos.

Aponto á consciencia christã suas iniciações diabolicas e a sacrilega parodia que ella fez dos nossos sacramentos.

Sua bocca impura vomitou a blasphemia sobre tudo quanto de mais sagrado tem a religião: com audacia negou os nossos mysterios mais augustos: a adoravel Trindade, a divindade de Jesus Christo, a obra da Redempção, a revelação: nada respeitou.

Accusou em presença do céo e da terra de ter levantado a mão sacrilega contra Deus mesmo. Ella ousou rejeitar a existencia de Deus tres vezes santo que creou o céo e a terra, e conserva pela sua providencia os entes que o seu poder formou.

Accuso-a ante a humanidade inteira, as gerações passadas, presentes e futuras de haver *rebaixado* o homem até á condição d'animal, rejeitando a immortalidade da alma e existencia da vida futura, negou a sua divina origem, grandeza e dignidade, esperanças e sublimes destinos.

Accuso-a de haver estrangulado nos corações os *primeiros germens* da virtude, negando a justiça de Deus, a responsabilidade do homem, e annullando toda a distincção entre o bem e o mal, o vicio e a virtude.

Accuso-a de ter justificado todas as paixões, consagrado todos os desregramentos, auxiliado todos os crimes, supprimindo a esperança e o temor assim como as recompensas promettidas aos bons e os castigos reservados aos maus.

Accuso-a de ter alterado todos os principios, propagado todos os erros e falseado todos os espiritos. Inimiga da verdade e do bem, perverteu o sentimento moral, desvairou as consciencias, fez até desapparecer a idéa da justiça e do direito.

Denuncio-a aos governos contra que não cessa de conspirar: o seu sonho é substituir-se aos principes e aos reis e governar o mundo. Qualquer authoridade fóra da sua, lhe é suspeita. Quer, em vez das monarchias, estabelecer uma republica universal, mas maçonica. (Cartas decima sexta e vigesima terceira).

Denuncio-a ao *clero*. Revelou-nos o seu plano satanico: comprehendeu todo o poder do padre para o bem: sabe

tambem qual seria a sua influencia para o mal: demolir pela calumnia ou dominar pela violencia os membros do clero que ella mais teme: envolver os outros em suas redes, e principalmente apoderar-se do joven clero pela seducção e hypocrisia, eis o seu desejo.

Denuncio-a ás *familias*. A Fr.·.-Maç.·. é inimiga da familia. (Carta decima oitava). Procura desgostar o marido de sua mulher e filhos: forceja para corromper e desmoralisar a esposa e a mãi. Procura apoderar-se dos filhos para lhes inocular o veneno. Destroe os laços sagrados do matrimonio: annulla a idéa de familia que não é a seus olhos senão uma reunião material e fortuita de seres que nenhum laço moral liga entre si.

Denuncio-a aos *magistrados*. São inimigos para a Fr.·.-Maç.·. porque são interpretes e guardas da lei, e a Fr.·.-Maç.·. procura libertar-se de todas as leis, authoridade, penalidade e juizo.

Denuncio-a aos ricos e nobres; porque, consoante os principios da Maç.·., a riqueza é uma injustiça. (Carta decima nona). A *igualdade* deve reduzir ao *mesmo nivel* todas as fortunas e condições. *A propriedade é um roubo.*

Denuncio-a aos operarios e trabalhadores, que ella desvaira, despreza e sacrifica. Desvaira-os por systemas vãos e irrealisaveis, promessas e esperanças chimericas, pela perspectiva deslumbrante d'uma felicidade, que nunca alcançarão. Ella despreza-os, dando-lhes como origem o acaso, e tratando-os como brutos, assigna-lhes como termo o nada, e para carreira uma viagem penosa do berço ao tumulo, em que as paixões disputam os curtos intervallos que o soffrimento e a dôr não envenenaram. *Sacrifica-os,* porque, depois de urdir a têa, preparado o plano e as conspirações, entrega-lhes a salvo o encargo da execução: cumpre-lhes ir adiante da metralha ao passo que os directores se deixam ficar em lugar seguro.

Denuncio-a finalmente aos seus proprios *membros*. Todos andam *illudidos*. Os que enganam os outros são os pri-

meiros ludibriados. O proprio chefe supremo, que dá o impulso a todos os membros, recebe-o do chefe invisivel, que é Satanaz. Embora use um titulo distincto, appareça coberto de joias e insignias e seja objecto do respeito de seus irmãos, não deixa de ser o humilissimo servo do demonio e em beneficio d'este são os seus trabalhos.

Em que terminará esta denuncia? Será susceptivel de cura a doença que nos parece tão grave, tão terrivel? Porque meios poderiamos conceber esperanças de salvar a sociedade? E' o que vou examinar com V. e ahi concluirei o meu trabalho.

CARTA QUINQUAGESIMA QUINTA

Remedios para oppôr ao mal. — O que deve fazer o poder civil. — Que cumpre fazer á Igreja.

Senhor.

Havemos, me parece, sondado com attenção a profundidade da chaga que á sociedade fez a Fr.·.-Maç.·. E' tão grande a extensão do mal, são tantos os estragos que ha um seculo principalmente tem feito esse cancro roedor das nações catholicas, que os homens de estado tendo-se primeiramente negado a reconhecer-lhe o alcance, acham-se finalmente assustados. Começam a comprehender a sabedoria da advertencia que lhes dava o cardeal Consalvi em 1818; a razão e alcance das recommendações mais graves que sahiram da bocca de Leão XII em 1825; as queixas legitimas que lhes fazia ouvir ha alguns annos o glorioso pontifice que se assenta na cadeira de S. Pedro, o immortal Pio IX. Será tempo ainda de suspender a marcha do flagello devastador, que ameaça invadir e perder tudo? E' a pergunta que faz com anciedade todo o homem reflectido, que comprehende a situação da Europa. O mal é immenso, mas Deus fez curaveis as nações. E' difficil, não impossivel a cura. Dous poderes devem unir-se e combinar sua acção para realisar a cura: a Igreja e o estado. Procurarei dizer em breves palavras o que cumpre fazer ao estado e á Igreja para este fim.

1. — Que deve fazer o estado? 1.º Eu provei que as sociedades secretas, com a Maç.·. á frente, eram o fóco incandecente, d'onde se derrama a lava volcanica que, do coração das nações europêas, as ameaça a todos os momentos de ruina completa. Reunem-se para motivar uma sentença de dissolução e morte contra ellas o principio constitutivo d'estas sociedades, sua razão de ser, o fim a que se propõem, o espirito que as anima, os juramentos que ligam seus membros, o segredo que os cobre, os estragos que tem feito ha cem annos, seus projectos horrorosos, os anathemas tão justificados da Igreja. Não deve existir a Fr.·.-Maç.·., porque é um perigo permanente para as sociedades, principio de divisão e perturbação, revolução encarnada e subsistente. Não deve continuar porque existe só para desgraça de quem ella toca e seduz, porque corrompe e perverte o homem. Não póde viver porque teme aviltar e degradar a humanidade e ousou erguer a mão sacrilega contra Deus. Ao governo corre o dever de proscrevel-a e condemnal-a.

Não deve limitar-se só a isto sua justa severidade: uma sociedade secreta, só por ser secreta, foge ao conhecimento e pesquizas do governo. Precaver-se-ha contra ella, se exigir das pessoas, que forem escolhidas para exercer funcções publicas, o juramento de que não pertencem a estas sociedades *condemnadas*.

A magistratura, os corpos docentes, o exercito devem submetter-se a este juramento. Alguns principes adoptaram esta medida. (Carta quinquagesima segunda). O marechal Soult applicou-a ao exercito em 1845. (Nota xx). Este juramento é exigido aos zuavos pontificios. (Nota xxi). Poderia adoptar-se tambem nos estabelecimentos onde se educa a mocidade christã. Algumas experiencias louvaveis já se fizeram em algumas casas de educação. (Nota xxii).

A *imprensa livre* é o meio mais terrivel de que se serve a Fr.·.-Maç.·. para conseguir o seu fim. Pela imprensa inocula no coração das sociedades o veneno que as mata: obscurece e altera as verdades mais provadas: propaga e

honra os erros mais grosseiros, derrama sobre a religião e a authoridade o ridiculo e odioso. Lisongeia e excita as paixões: desvaira e exalta as massas: a imprensa sem hyperbole é o poder que domina o mundo e imprime ás sociedades a direcção a que obedecem. Não ha governo que não possa ser derrocado pela imprensa. Corre-lhe pois o dever de regular a sua acção e estabelecer limites a esta liberdade fatal: o cuidado da sua propria conservação, a paz e tranquillidade da sociedade, o bem estar dos individuos, o respeito devido á religião, tudo se junta para impôr ao principe a obrigação rigorosa de reprimir os excessos da imprensa. Deixal-a livre para derramar o erro e animar o vicio, é authorisar a propagação do veneno, que dá a morte ás intelligencias e aos corações, aos individuos e ás sociedades. (Cartas trigesima oitava e trigesima nona).

A *educação da mocidade,* de que a Fr.·.-Maç.·. procura apoderar-se, é nas suas mãos uma arma terrivel. Já dissemos com que zelo diabolico ella procura desviar a acção santificante da Igreja para exercer no ministerio do ensino e formação das gerações seu odioso monopolio. Não é difficil indicar qual é n'esta materia o dever d'um governo prudente e esclarecido. A Fr.·.-Maç.·. que não reconhece a grandeza dos destinos das crianças, o que ellas tem de divino e immortal, mas considera-as apenas como animaes aperfeiçoados, nada tem que fazer com a religião e a moral: é porém diversa a situação de quem reconhece no homem a imagem de Deus e no christão a alta dignidade de seu filho. Basta esta distincção para apreciar o caracter essencial de toda a educação christã, e quanto é esta superior á outra em que a religião é posta de lado. E' por isto que só a Igreja possue o segredo de produzir homens grandes e grandes santos: o seu ensino é essencialmente apto para elevar as almas, moralisal-as, santifical-as. Que poderá esperar-se desde que se confia a educação das gerações nascentes a materialistas, atheus, homens sem religião nem costumes? Se em uma terra, embora fertil, só semearmos joio, poderemos acaso espe-

rar uma colheita de trigo? O menino pertence a Deus antes de pertencer ao estado. A' Igreja confiou Jesus Christo o cuidado de formar as gerações nascentes e educar o mundo: *Euntes, docete omnes gentes:* e em geral póde dizer-se que tanto melhor será o cidadão quanto melhor christão fôr.

Em questão tão grave, ser-nos-ha licito chamar a attenção dos paes para as alliânças que seus filhos fazem com os adeptos das lojas maçonicas? Podem os paes christãos abandonar seus filhos á influencia d'uma associação, que eu demonstrei ser a inimiga de Jesus Christo e da religião, e condemnada pelos anathemas da Igreja? poderá uma donzella unir a sua sorte á de um homem sem fé nem esperança, que no casamento apenas considera um laço puramente humano e temporal, sem cousa alguma sagrada, religiosa, eterna?

Dissolvida a Fr.·.-Maç.·., reprimida e regulada a liberdade da *imprensa,* confiada á Igreja a *educação da mocidade:* são os meios, que um bom governo deve empregar para reconstituir a sociedade, reconduzir os espiritos para as veredas da verdade, e reconciliar as almas com a virtude. Não basta: o governo deve occupar-se dos operarios, da sua educação, da sua sorte, e santificação. A primeira necessidade do operario, assim como de qualquer homem na terra, é conseguir o fim da sua creação, e pela santificação da sua vida, assegurar a liberdade para que foi creado: é mister para isto que elle seja instruido na doutrina christã e se exercite na pratica das virtudes do seu estado. Eduque-se christãmente o operario, consintam-lhe que elle *santifique o domingo.* Mas além d'isto é preciso tratar da sua sorte material. Proteja-o o estado contra a injustiça de certos especuladores interesseiros, procure-lhe os meios de ganhar honradamente a sua vida, sustentar convenientemente a sua familia: trate desvial-o dos perigos innumeraveis, que o rodeiam: ensinem-lhe a ir beber á religião a consolação e felicidade da sua vida, e seus males serão diminuidos, a sua vida será adornada por encantos, que não conhecia, e a sua felicidade ficará assegurada para o tempo e eternidade.

II.—Agora algumas palavras ácerca do que cumpre á Igreja n'este trabalho de regeneração social. A minha tarefa torna-se aqui muito facil. Deixem a Igreja, não contrariem a sua acção: preste-lhe apoio e auxilio o governo, e não receio afiançar que em breve se curarão todas as feridas da sociedade: restabelecer-se-ha a paz entre os pobres e os ricos, os proletarios e os proprietarios. Sujeitar-se-hão os subditos aos principes, respeitar-se-ha a authoridade: manter-se-ha a ordem na *sociedade*. Deixem a Igreja exercer a sua influencia, e a familia voltará a ser o lar da felicidade e piedade, e o *individuo,* restituido á sua consciencia e ao seu dever, achará a paz e a vida na pratica da virtude.

Se V. se espanta de vêr-me attribuir tão grande influencia á Igreja, limitar-me-hei a lembrar-lhe o que supponho ter demonstrado no seu lugar, que a Fr.·.-Maç.·. é uma ignobil caricatura da Igreja: que só foi estabelecida e subsiste para combater e destruir, se podesse, a religião catholica. Ora se a Fr.·.-Maç.·. é, como demonstrei, a fonte envenenada d'onde correm, como rios infectos, as doutrinas perversas que desvairaram as intelligencias e perturbaram o mundo: se é o *laboratorio* onde se preparam as revoluções que affligem o mundo: a Igreja tem, pelos designios de Jesus Christo, uma missão diametralmente opposta: annuncia, propaga a verdade, prégа, ensina a virtude; confere a graça, dá a paz, estabelece a ordem. Sei que hoje se repelle a Igreja, desconfia-se d'ella, receia-se e persegue-se: mas um dia virá, assim o esperamos, em que os homens desenganados das suas chimeras, lhe farão justiça, vindo procurar no seu seio o que debalde procurariam na Maç.·. Ahi só se póde encontrar a solução completa e satisfactoria dos problemas, que importam á humanidade. Eis a razão por que depois de ter fallado tanto da Fr.·.-Maç.·. me entrego á Igreja. Só de Deus póde vir a salvação, e segundo as regras da sua providencia, é pela Igreja que ella nos póde ser dispensada.

Permitta-me V. que ao terminar os estudos que juntos acabamos de fazer, concluamos por um acto de confiança em

Deus, e na santa Igreja. O espectaculo que temos diante dos olhos é extraordinariamente triste: o presente é horrivel: em futuro proximo se levantam diante de nós terriveis perspectivas. Não nos podendo apoiar sobre a creatura, temos não só o dever, mas necessidade de erguer os olhos ao céo e de confiar só em Deus. Possam apaziguar a sua justiça tão tristemente irritada por crimes e excessos tão reprehensiveis as orações e sacrificios dos seus servos fieis! Queira Elle perdoar a tantos infelizes cegos pela paixão, e abençoar ainda esta França tão desgraçada e criminosa, que nos foi sempre tão cara!

NOTA XX

Carta do marechal Soult prohibindo aos militares que se filiem nas Lojas.

(Extracto do *Oriente*, revista universal da Fr.·.-Maç.·. Paris, 1845, p. 225).

«Coronel! Chegou ao conhecimento de s. exc.ª o ministro da guerra que alguns militares em serviço activo, cedendo a solicitações provenientes algumas vezes de seus antigos camaradas, se filiaram na sociedade dos Franc-Maçons.

«Sem querer censurar uma instituição, que o governo tolera, o ministro me incumbe de lembrar-vos que as regras da disciplina se oppõem a que os militares entrem em qualquer associação, e que por estes principios se expediu a circular de 5 de julho ultimo, a respeito da sociedade de S. Mauricio, a que me refiro. Segundo as instrucções do ministro, dareis com a reserva conveniente ordens aos officiaes collocados debaixo das vossas ordens; recommendar-lhes-heis que acautelem seus subordinados contra as tentativas, que poderiam fazer-se para arrastal-os a qualquer associação, ordenando aos que já lhe pertençam que não voltem sob qualquer pretexto ás lojas e reuniões maçonicas.

«Informar-me-heis immediatamente do que acontecer em contrario a estas ordens, e me avisareis da recepção d'esta circular, que deve manter um caracter essencialmente confidencial»

Esta prohibição causou profunda impressão nas authoridades maçonicas. Procuraram alcançar do marechal a revogação d'esta circular. O duque Decazes, grão-mestre do rito escocez, foi o primeiro a intervir. Os chefes do Grande Oriente nomearam uma commissão, composta dos Ir.·. Desanlis, Faultrier, Tardieu, Bertrand e Las Cases. A 17 de abril estes Ir.·. endereçaram ao marechal uma carta collectiva, em que se queixaram que a Fr.·.-Maç.·. fosse considerada suspeita junto da authoridade [1].

Recordaram ao marechal que elle mesmo no tempo do imperio fôra um dos grandes dignitarios do Grande Oriente. Entre muitos argumentos, de que se serviram, fizeram valer a sua dedicação ao rei, ao paiz, etc. etc.

Lisongeava-se a commissão que obteria a revogação da circular, e tanto maior era a sua esperança, quanto ella fôra convidada para redigir na secretaria do ministerio um projecto de resposta á carta dirigida ao ministro. Mas quando este projecto foi apresentado ao marechal para elle subscrever, respondeu por uma negativa formal, e a circular não se retirou.

NOTA XXI

Juramento dos zuavos pontificios de nunca pertencerem ás sociedades secretas.

Os atiradores belgas e francezes que o general Lamoricière organisára como zuavos pontificios, reuniram-se na basilica de S. João de Latrão, onde com a mão levantada, sobre o livro dos Evangelhos aberto em cima do altar, pronunciaram o juramento que se segue: «Juro a Deus Omnipotente de ser fiel e obediente ao soberano pontifice nosso santo padre, Pio IX, e a seus legitimos successores. Juro servil-o com honra e fidelidade e sacrificar até a propria vida na defeza da sua augusta e sagrada pessoa para sustentar a sua soberania e direitos. Juro de

[1] Esta carta, diz o *Oriente*, era concebida em termos cortezes e calculados, mas dignos e energicos: não havia a responder-lhe senão com um protesto banal de fidelidade ao governo, completamente inutil, e até ridiculo, porque o Grande Oriente não a tem recusado a nenhum dos governos que tem succedido em França ha 60 annos (isto é, desde 1785).

Indicaremos aqui outro motivo, que, segundo o *Oriente*, teria devido desviar o marechal de prohibir ao exercito a frequencia das lojas, mas de que a commissão não se quiz aproveitar. Podia este homem d'estado (o marechal Soult) formado na escóla imperial, ter esquecido todo o partido que Napoleão tirou das officinas regularmente constituidas? Elle sabia perfeitamente que apenas os nossos soldados se estabeleciam em uma cidade submettida ás nossas armas, cada regimento abria uma loja, convocava á assembléa os Maçons do local, multiplicava as iniciações, instituia lojas, e por meio das relações intimas que tramava com os adeptos, firmava a influencia do vencedor sobre o vencido.

nunca pertencer a seita alguma, civil ou religiosa, sociedade secreta ou a qualquer corpo que seja, que tenha por fim offender directa ou indirectamente a religião catholica romana e a promover a destruição da sociedade. Juro que nunca para o futuro pertencerei a qualquer sociedade, que seja condemnada pelos decretos do pontifice romano. Queira Deus auxiliar-me e o seu santo Evangelho, por Jesus Christo Nosso Senhor. Amen.»

NOTA XXII

Uma das passagens da allocução papal de 25 de setembro de 1865 contra que a Fr.·.-Maç.·. mais declamou, foi aonde o santo padre adverte os fieis para se desviarem das sociedades secretas. Mas sua santidade, sem attender ás suas declamações, insistiu sempre sobre este ponto na allocução que proferiu no anno seguinte na Igreja dos Stygmas. Apparece ahi um periodo, que todos os jornaes reproduziram, excepto os do partido clubista, do *Osservatore romano*: «O' meus filhos, exclamou o pontifice (dirigindo-se aos mancebos que o escutavam), considerai os perigos que vos rodeiam, e fixai-vos ao precioso thesouro da fé. Os perversos vos farão offertas, rejeitai-as: offerecer-vos-hão conselhos, evitai-os: arrastar-vos-hão, fugi das suas mãos. Quantos ha que, sendo jovens como vós, criam e praticavam a fé, e depois foram vistos, seduzidos pelos mais, cahir no erro e no vicio! Eu mesmo conheci uma d'essas tristes celebridades dos nossos dias, um mancebo que ha vinte annos conversava commigo a respeito de santidade e perfeição, e pensava em entrar como religioso em um claustro: vi-o depois, arrastado pelos seus companheiros, precipitar-se d'abysmo em abysmo, deixar a final fama d'Erostrato na Europa e no mundo, e encaminhar a sua cabeça ao cadafalso. Conservai, disse o papa, este exemplo ante vossos olhos, e orai para vos não afastardes do caminho do bem.»

A victima das más companhias e sociedades secretas, a quem Pio IX se refere, era Felix Orsini, author do regicidio contra Napoleão III.

CARTA QUINQUAGESIMA SEXTA

Que temos a recear ou esperar para a França?

Senhor.

Pensava ter concluido a minha tarefa e haver-me despedido, quando V. me interroga se tenho confiança no futuro e creio na resurreição dà França. Comprehendo o seu desejo, partilho as suas apprehensões: mas ser-me-ha possivel dissipar as suas incertezas?

Esta grande arvore, que se chamava a França, e estendia outr'ora seus ramos tutelares e se cobria de tão bellos fructos, ferida agora nas suas raizes e privada dos succos nutritivos que a fecundavam, reverdecerá ainda, ou esteril e secca para sempre estará condemnada a perecer?

O corpo social cujas partes estão todas affectadas pelo veneno maçonico e contém nas suas veias um sangue estragado e corrupto será susceptivel de cura, ou estará irremediavelmente condemnado a uma vergonhosa morte e á hedionda decomposição do tumulo?

Esta nação que por tanto tempo caminhou na vanguarda das nações europêas e a despeito dos seus erros abria na historia um sulco tão largo e glorioso, estará no termo da sua carreira, e depois de ter sido por tanto tempo auxilio e consolação da Igreja, de quem se dizia *filha primogenita,* hoje

infiel á sua missão, deverá como astro decahido eclipsar-se e desapparecer no espaço?

Tal é o problema formidavel que me é proposto e preoccupa com razão todos os corações francezes em quem a perda da fé não apagou o sentimento patriotico.

Mas quem resolverá este problema? Não receio dizel-o: *ninguem*. E' para todos um enigma e por uma razão muito simples: o futuro depende de Deus e do homem. Que fará Deus, e que quererá o homem? é o que ninguem póde saber de modo certo. Respeitarei o segredo de Deus: não tentarei erguer o véo que occulta o futuro: mas podemos considerar as cousas sob um aspecto pratico e a isso me limito n'este momento.

Temos nós razões graves e serias para temer que a França esteja perdida? Poderemos ainda esperar com fundamento plausivel que dias serenos raiem para a patria?

A estas duas questões reduzo o que tenho que dizer sobre o assumpto. A ambas respondo affirmativamente. Primeiramente:

I. Sim, temos graves razões para temer.

Póde a França reconstituir-se e renovar-se em quanto as *gerações* forem confiadas a mestres sem principios nem religião, que as educarão no desprezo das cousas santas e odio cego contra toda a authoridade? Sem duvida que *não*, e é inutil demonstral-o.

Póde a França levantar-se e retomar o seu lugar entre as nações catholicas, em quanto uma imprensa sceptica e revolucionaria propagar em todas as classes da sociedade, com a negação de Deus e da immortalidade da alma os erros mais monstruosos e a anarchia mais completa das intelligencias? De certo que *não*.

Póde a França recuperar a gloria e a sua prosperidade em quanto a corrupção dos costumes, facilitada, animada, recompensada, direi até *officialmente patrocinada*, dominar as almas, sujeitando-as ao jugo das paixões mais baixas, e amollecer os caracteres pelos vicios mais vergonhosos?

Póde a França reconstituir-se em quanto o atheismo da lei civil tornar impotente a lei divina, e a sociedade religiosa fôr collocada á mercê da sociedade profana, que a quer tornar escrava?

Póde finalmente a França adoptar vida nova em quanto no seu gremio as sociedades secretas, inimigas da sua felicidade, instituições e fé, trabalharem activamente para minar os alicerces da ordem, arruinar as bases da moral, esgotar a origem de todas as virtudes, para substituir-lhe o reinado tyrannico de todas as paixões? Direi ainda uma vez que *não:* é impossivel.

Por este modo, os vicios inherentes á educação, os funestos effeitos da imprensa, o desprezo de toda a authoridade divina e humana, a dissolução dos costumes, a organisação do mal pelas sociedades secretas: taes são os flagellos terriveis que affligem a nossa patria e a ameaçam com ruina proxima e inevitavel.

Ora, pergunto eu agora, qual é a força humana, que ousará procurar romper a rêde tão habil e solidamente tecida, que envolve nas suas malhas as gerações nascentes, se apossa d'ellas desde a sua primeira entrada na vida para entregal-as a mestres sem fé encarregados de dar-lhes a consagração da impiedade e assentar-lhes o sello da incredulidade?

Qual será o principe, já não digo bastante esclarecido e prudente, mas assás forte para assentar mão ousada sobre a mais querida e funesta das nossas liberdades: a *liberdade d'imprensa?*

Qual é o governo sufficientemente convencido das desordens terriveis, que gera a corrupção dos costumes, e dotado de sufficiente moralidade, para extinguir ou ao menos concentrar e restringir as fornalhas perigosas, que a alimentam, e oppôr um freio á licença dos theatros, á dissolução do luxo, á sordida especulação dos escriptores immoraes?

Qual será o poder, que tenha o olhar bastante penetrante e a mão forte e firme para perseguir, até suas tenebrosas

cavernas, estas sociedades inimigas da luz, que, para chegar com maior segurança aos seus fins, se envolvem com mysterio impenetravel?

Não devemos esquecer que o mal não está circumscripto a uma provincia ou estado; *é geral:* todos os povos se acham affectados por elle: todos estão mais ou menos queimados por essa febre ardente de liberdade e independencia e a sêde insaciavel de possuir e gozar. Procurar a cura do mal, não é querer suspender o incendio que se produz de tempos a tempos nas vastas planuras da America, quando as chammas devoradoras invadem as florestas adustas pelos ardores do sol, e semelhantes a um mar de fogo, derramam seus estragos para todos os quadrantes do horisonte?

O mal é *contagioso e epidemico:* elle existe nas idéas e costumes, desvaira os espiritos e corrompe os corações, acha-se na linguagem e reproduz-se nos livros: respiramol-o com o ar que nos faz viver: cerca-nos como uma atmosphera pestilenta: espera alguem isolal-a com um cordão sanitario?

Este mal, tão terrivel pelo seu caracter de universalidade, encontra nas paixões humanas novo alimento que o desenvolve e lhe assegura um poder incalculavel: não é só uma torrente que devasta os campos, mas passa e desapparece: é o oceano transpondo os seus limites e invadindo o continente. Quem dominará estas ondas ameaçadoras, que dique se póde oppôr ás vagas desenfreadas?

Assim pois, com vontade ou sem ella, a despeito das reclamações dos sabios, das veleidades impotentes dos proprios governos, da experiencia do passado e da evidencia dos factos, se nos reconcentramos no sentimento pratico e nas previsões mais provaveis, o unico remedio efficaz não será applicado, e o mal não se afastará: em vez de decrescer, ha-de augmentar.

Os campos virão como até agora aos grandes centros beber, como em fonte envenenada, o desprezo da religião e o amor da licença: e os grandes centros continuarão a re-

enviar para os campos a escuma da sua população depois de a haver previamente infeccionado.

Um luxo insensato e ridiculo em suas caprichosas invenções offerecerá sem cessar novo encanto ás paixões mais perigosas, e captivará os corações pelos encantos enganadores d'um prazer criminoso. Todos os dias se continuará a beber nos jornaes o licôr embriagante d'uma falsa liberdade e o desprezo calculado da Igreja e da religião. Ora se isto é assim, pergunto, poderemos levantar-nos? Póde a França sarar das suas feridas? Não devem as mesmas causas produzir os mesmos effeitos e aggravar-se o mal com os principios que o trouxeram? Póde tirar-se ao veneno a sua energia, e preservar os que com elle se embriagam das suas mortaes consequencias?

Existe algum poder humano capaz de comprimir as irrupções d'este volcão de cem mil boccas, que se chama *imprensa,* mil vezes mais terrivel do que o Vesuvio, e possa dar ordens ás ondas impuras d'esta lava ardente para parar? Póde alguem espantar-se com estes estragos, quando se mantém e conserva o fóco onde ella se fórma e d'onde levanta?

Concluindo: tanto quanto a sabedoria humana póde presumil-o ao tomar por base das nossas conjecturas ácerca do futuro o que tem dado origem ás nossas desventuras passadas e abatimento actual, chegamos á triste e lamentavel consequencia: que ainda desceremos mais abaixo, e nos despenharemos até ao fundo do precipicio. Nada nos póde reter n'esta rampa ingreme: tudo nos diz: *Andremo al fondo.*

A nau ha tanto tempo acossada pela tempestade, tendo perdido o leme e os mastros, piloto e bussola, entregue sem defeza á furia das vagas e violencia dos ventos deve inevitavelmente sossobrar, submergindo-se para sempre por entre os abysmos.

Tal é a conclusão que deduz o *homem* grave e serio que só considera as cousas do verdadeiro ponto de observação: é tão logica como desconsoladora, e custe o que custar a

confissão, o grito doloroso que o coração consternado solta é este: *Dixi, perii...* estamos perdidos...

II. — E' tempo de tratarmos a segunda proposição. Acabamos de ouvir o *homem:* consultemos o *christão.* Temos *motivos serios para esperar?* Digo que sim e vou proval-o. Para justificar com tudo os motivos d'esta esperança, e apreciar-lhe o valor, preciso estabelecer uma verdade capital n'esta materia.

A vida das sociedades *christãs* não deve confundir-se com a das sociedades *puramente humanas.* N'estas encontramos sempre o homem com os seus recursos naturaes, sempre muito restrictos: n'aquelles achamos além d'este a Jesus Christo, a sua graça e a sua acção. As sociedades humanas desenvolvem-se e funccionam no circulo estreito da ordem natural: seu poder não excede o das faculdades do homem, e a acção de Deus resume-se no exercicio da sua providencia que conserva os entes creados e dirige-os na ordem da natureza. Mas a condição das sociedades christãs nos colloca em frente do elemento divino, que as penetra por todos os lados, eleva-as a uma ordem muito superior, e pela graça, communica-lhes uma luz, força, grandeza e dignidade incomparaveis.

D'onde vem pois ás nações christãs a incomparavel superioridade que possuem sobre as nações pagãs, quanto á sciencia e virtude, conhecimentos theologicos, philosophicos e moraes, e os factos maravilhosos que assignalam a sua historia? Quem formou no seu seio essa innumeravel multidão de espiritos eminentes em todos os generos, e essas legiões de heroes que elevaram a grandeza moral a proporções desconhecidas fóra do christianismo, e inexplicaveis sem as luzes da fé e o poder indefinido da graça? Quem, senão Deus feito homem, para rehabilitar a humanidade, esse Deus salvador e redemptor descido do céo para nos conduzir a elle: que auferindo a vida no seio de seu eterno Pai, veio á terra para nol-a communicar. Jesus Christo, chefe da humanidade regenerada, fundador, pai e senhor de todas as sociedades chris-

tãs e seu verdadeiro rei? E' elle que repara e reconstrue, eleva, ennobrece, santifica e de algum modo divinisa a natureza humana que o peccado havia degradado. E' a fonte inesgotavel, o principio immortal d'uma vida nova, d'esta vida descida do alto e por isso chamada *sobrenatural*, celeste emanação da vida de Deus para o homem: eis aqui a verdadeira base da grandeza do christão, e das sociedades christãs: dando-lhes a vida, de algum modo lhes dá a immortalidade.

Estabelecida esta distincção, não receio affirmar que as *sociedades humanas*, quando degeneram, são impotentes para reconstruirem-se e renovarem-se. Dispondo apenas dos recursos que encontram em si, das forças d'uma natureza degradada, e mesquinha, podem descer, mas nunca subir; a sua degradação é irremediavel, ou, se remedio existe, são incapazes de applical-o: a historia ahi está para proval-o. Que é feito d'esses imperios do Oriente outr'ora tão florecentes? Ruinas, só ruinas, eis o que resta, se é que a lembrança d'elles subsiste ainda. Não acontece o mesmo ás *sociedades christãs:* o elemento sobrenatural e divino que é n'ellas o principio da vida, e grandeza, em quanto são christãs, póde bem ser contrariado na sua acção: póde ser mais ou menos entorpecido na sua influencia, não póde porém ser affectado na sua essencia, nem alterado na sua natureza e menos ainda destruido. As aguas fortificantes da graça podem encontrar um obstaculo que as impede de produzir os seus effeitos salutares e santificar a humanidade, mas não estão por isso menos prestes para introduzir-se nas almas e sempre aptas para serem fecundantes. Embora pelo repudio da graça as sociedades se empobreçam, rebaixem e esmoreçam: não é menos certo, que apesar de sua enfermidade, tem á sua disposição a saude e a vida, e as suas circumstancias não são nunca desesperadas.

Que basta pois ao christão prevaricador, ás sociedades enfermas e moribundas para recuperar a vida e prosperidade? Pôr-se em communicação com quem a possue e quer transmittir-lh'a: afastar o obstaculo que se oppõe aos divi-

nos effluvios da graça: não fechar obstinadamente os olhos á luz, que os inunda e os corações ás suaves influencias do amor de Deus que as rodeia com os seus beneficios. N'estas condições, o enfermo, quando pelos meios humanos fosse incuravel, póde sempre recuperar a saude, e quando houvesse morrido duas vezes, póde resuscitar, e das profundezas do tumulo guindar-se ás maiores eminencias da santidade.

Comprehende V. e entende, tenho d'isso plena confiança, a razão e distincção, que estabeleço, e a força do meu raciocinio. A luz, o poder, a riqueza, a santidade, a vida, a felicidade do christão e por consequencia das sociedades christãs tudo está em Jesus Christo como na sua origem, e d'Elle lhes advem como do seu chefe. Estas preciosas vantagens não são destruidas e annulladas pelas nossas ingratidões e infidelidades: volveremos ao seu gozo quando quizermos. O estado das sociedades christãs até degeneradas, como o do maior peccador, nunca é *irremediavel,* nem sua enfermidade desesperada de cura.

Não é impossivel que esta sociedade, que a França, por exemplo, recupere o seu antigo esplendor. Considerada a regeneração natural e humanamente impossivel, não o é com tudo sobrenatural e divinamente.

Supponhamos com effeito que ella seja governada por um rei francamente catholico: que a Igreja goze da sua plena e perfeita liberdade d'acção na educação da mocidade: que a imprensa fique sujeita a uma repressão illustrada: que os costumes sejam respeitados: que as leis divinas e ecclesiasticas sejam restabelecidas á honra, que lhes é devida, e se observe o domingo.

Para dizer tudo n'uma palavra, supponhamos que os principaes obstaculos que embaraçam a vida divina de penetrar na sociedade se desviem: veremos dentro em pouco a França recuperar o lugar que occupava, e a nação retemperada pela fé e pelo sacrificio, elevar-se-hia rapidamente á altura das suas épocas mais florecentes: porque o caracter francez não soffre a mediocridade, e quando está na verda-

de e no bem, não ha maravilhas que a graça n'elle não possa realisar, virtudes e abnegação que não possa produzir, heroismo em fim a que não possa eleval-o.

Acrescento que apesar da desgraça dos tempos e debilitamento geral dos espiritos e das virtudes, a Igreja catholica está longe de encontrar-se privada de recursos, e conta no seu gremio grande numero de almas generosas e dedicadas. Ha d'estes caracteres numero abundante na França: são estes membros vivos do corpo de Jesus Christo os instrumentos da sua graça e os meios de salvação para os membros enfermos.

Distinguimos no exercito maçonico diversos corpos especiaes e differentes categorias de membros. Ha uns que, no segredo e mysterio, se occupam de traçar os planos que outros hão-de realisar, e amadurecer os projectos, que as lojas devem executar. São os *chefes e mandatarios,* desconhecidos do vulgo, que tem na mão todos os fios do trama. Outros, como obreiros, são incumbidos de executar os planos: é a parte activa da Maç.·. A penna e a palavra são as armas *d'estes apostolos.* Na seita encontramos finalmente os que podemos chamar *Cavalleiros do punhal:* devem, quando é mister, expôr a sua vida para obedecer ás vontades dos seus chefes, e todo o Maçon, em virtude do seu juramento, deve achar-se disposto a verter o seu sangue pelos interesses da Ordem.

Era difficil macaquear melhor a Igreja. E na verdade de quem se compõe a milicia sagrada que combate pela gloria de Deus, salvação das almas, e quaes são os seus verdadeiros soldados? Contém no seu seio homens *dedicados á oração:* tem *os seus apostolos* que todos os dias se entregam á diffusão da *verdade:* tem *homens de sacrificio* que, sendo victimas voluntarias, vivem só para immolarem-se e morrer, completando pelo seu sacrificio, como membros de Jesus Christo os soffrimentos do sacrificio do seu chefe: tal é a verdadeira força da Igreja: eis as armas de que ella se serve: aqui estão os seus guerreiros.

Multipliquem-se estas legiões sagradas; redobrem o seu ardor e dedicação: unam-se entre si e a França será salva. Deus escutará a *oração,* abençoará o zelo, nada recusará ao *sacrificio.*

Tal é a esperança do christão: ella eleva-se em nossos corações até uma confiança inabalavel. A França *será salva:* Deus em attenção aos justos perdoará aos culpados.

A França *será salva* porque redimirá os seus peccados pelas suas esmolas e a sua generosidade lhe grangeará o perdão.

Levantar-se-ha a França: seus filhos disseminados por toda a superficie do globo, merecerão a graça de a fazer renascer na sua antiga fé.

Rehabilitar-se-ha a França: Deus não olvidará os serviços que ella prestou á Igreja, e em recompensa conferir-lhe-ha a honra de continuar a servil-a.

A França *será salva,* porque *Deus o quer* e nós o *queremos com elle.* Culpados, mas arrependidos, oraremos, dedicar-nos-hemos, e sacrificar-nos-hemos.

A França será salva, porque *voltará para Jesus Christo,* e, fiel ao seu convite, irá procurar a *vida no seu coração adoravel.* Ahi se acha a nossa salvação, e só ahi: porque está escripto: *Non est in alio aliquo salus.* (Act. apost. 4).

Tal é a nossa esperança: conserval-a-hemos firme, inabalavel até ao fim, e com ella morreremos. *Reposita est hæc spes mea in sinu meo.* (Job. 19-27).

FIM DO III E ULTIMO VOLUME

VOCABULARIO MAÇONICO

Abreviaturas. Usam-se na escripta maçonica: *Loja* representa-se assim ▢. C.·. Ir.·. quer dizer Carissimo Irmão. R.·. L.·. significa Respeitavel Loja. Tenho a honra de ser C.·. O.·. N.·. M.·. S.·. com os numeros mysteriosos sabidos. Á.·. Gl.·. do S.·. A.·. do U.·. quer dizer Á Gloria do Supremo Architecto do Universo.

Aprendiz. O Irmão ou Irmã do primeiro grau.

Architecto. O Grande ou Supremo Architecto do Universo. Nome maçonico de Deus. Se os Maç.·. não crêem na eternidade da materia é difficil comprehender por que razão chamam a Deus por um nome que parece negar-lhe o nome de Creador e reduzir a obra dos seis dias a um mero preparo de materiaes preexistentes.

Arte real. Um dos nomes da Franc-Maçonaria.

Alampada. Copo para beber (Maç.·. de adopção). *Temperar a alampada,* encher o copo. *Apagar a alampada,* beber.

Alavanca. Pedra symbolica, emblema da força.

Avental. Ornamento symbolico, emblema do trabalho. — Guardanapo (Maç.·. d'adopção).

Abobada d'aço. Ceremonial usado quando se fazem as honras a um Irmão visitador condecorado com os altos graus.

Consiste em levantar a espada e tocando a ponta d'ella na espada do Irmão que se acha defronte. Debaixo d'esta abobada passa tambem o Veneravel no dia da sua installação, e quando presta juramento cada um dos Irmãos agita levemente a ponta da espada contra a do visinho.

Alfaia. Nome dado a todos os objectos moveis symbolicos em uso na Maç.·. As alfaias da Ordem são o esquadro, o nivel e a perpendicular: alfaias dos graus que variam com elles: *alfaias da Loja* que são umas vezes os signaes distinctivos das L.·., outras recompensas conferidas aos II.·. que as mereceram.

Avental. Ornato symbolico, emblema do trabalho.— Toalha (Maç.·. de adopção).

Bateria. Applausos acompanhados de vivas e houzé. O numero e a maneira por que se fazem as descargas variam conforme os graus.

Cadeia de união. Circulo de Irmãos que se dão as mãos.

Calix. Copo para beber no banquete dos soberanos Rosas-Cruzes.

Camara das reflexões. Lugar sobterraneo, completamente pintado de preto com algumas figuras de caveiras e ossos do esqueleto humano. Este lugar é brandamente illuminado por uma alampada suspensa na parede. Nas mesmas paredes ha inscripções como as seguintes: «Se és susceptivel de dissimular, treme; tu serás sondado.» — «Se estás affeiçoado ás distincções humanas sahe; ellas são desconhecidas aqui.» — «Se te sentiste conturbado no teu espirito, não caminhes ávante.» — «Poder-se-hão exigir da tua parte os maiores sacrificios, até o da propria vida: estás tu resignado a supportal-o?» — O candidato deve redigir ahi o seu testamento e responder ás seguintes perguntas: «Quaes são os deveres do homem para com Deus?... para com os seus semelhantes?... para comsigo mesmo?...»

Carbonaria. Nome da Maçonaria Florestal.

Chover. Palavra adoptada para indicar a presença de um profano na Loja. *Chove,* dizem os Vigilantes, quando encon-

traram entre os assistentes algum intruso, que não pôde fazer-lhes o signal maçonico.

Cobridor. *Irmão Terrivel.* É o Irmão incumbido de guardar as portas exteriores e avenidas da loja, para desviar os profanos.

Cobrir. É fechar o templo.

Cobrir a Loja. É adquirir a certeza que a loja se acha a coberto da curiosidade dos profanos. Na ceremonia da abertura da loja, o Veneravel pergunta se ella está perfeitamente *coberta,* e só é depois da certeza que a tal respeito lhe dá o Irmão Cobridor pelo intermedio dos dous Vigilantes, que o Veneravel abre a loja conforme o rito habitual.

Cobrir o Templo. Significa tambem sahir da Loja.—Na recepção de um companheiro, o Veneravel convida os aprendizes a *cobrir o templo,* indo os trabalhos abrir-se no segundo grau. — Cobrir uma bateria. (Veja-se **Bateria**).

Compasso. Emblema symbolico da justiça: assim o diz o vocabulario maçonico inserto depois do ritual do grau de Mestre. O ritual do aprendiz maçon dá uma explicação diversa. «A ponta do compasso sobre o peito nú, séde da consciencia, deve fazer-lhe lembrar a sua vida transacta, durante a qual suas vistas e passos talvez não fossem sempre regulados por este *symbolo de exactidão,* que no futuro deve determinar os seus pensamentos e acções. — O compasso é tambem um symbolo das relações do Maç.·. com seus II.·. e os outros homens: estando fixo um dos seus braços fórma um ponto central, em volta do qual o outro braço, variando o seu desvio, descreve circulos innumeraveis, imagem das nossas LL.·. e da Maç.·. cuja extensão póde ser indefinida.»

Companheiro. Franc-Maçon do segundo grau. Bons Companheiros são nomes que só se dão aos *Carbonarios, Rachadores.*

Correspondencia (Lojas da). São Lojas que são sujeitas ao Gr.·. Or.·. e por elle dirigidas.

Delta. Triangulo luminoso, imagem do poder supremo. Deus ou a natureza.

Descarga. Acção de beber a um tempo dado. — Dar uma descarga geral. — Descarga de polvora fraca. — Copo de agua bebido entre os dous Vigilantes em castigo de alguma falta commettida á mesa em Loja de banquete.

Divertimentos mysteriosos. Primeiro nome da maçonaria de adopção.

Espada rutilante. Alfaia symbolica que significa, diz o ritual do aprendiz maçon, «que a insubordinação, o vicio e o crime devem ser repellidos dos nossos templos.»

Esphynge. Symbolo egypcio e emblema do segredo maçonico. (Vocabulario maçonico, sequência do ritual do grau de Mestre).

Festas da Ordem. Os Irmãos dos tres primeiros graus celebram o dia de S. João Baptista a 24 de junho, e o de S. João Evangelista a 27 de dezembro. Os cavalleiros Rosa-Cruzes (18.º grau) tem sua festa especial no dia de quinta feira santa.

Filhos da Viuva. Nome dado aos Franc-Maçons.

Fogo. Vinho. — **Fogo rubro**, vinho tinto. — **O fogo mais puro**, vinho branco. — **Fazer fogo**, beber. — **O fogo mais ardente**, licôres fortes. — **Fogo amarello**, azeite. — **Fogo picante**, vinagre.

Grande Oriente. A mais elevada authoridade na hierarchia visivel da Fr.·.-Maç.·.

Graus. São as diversas classes cujo complexo fórma a Fr.·.-Maç.·. Só ha tres graus essenciaes, Aprendiz, Companheiro, Mestre. A iniciação n'este ultimo grau é sufficiente para aspirar á dignidade de Veneravel.

Idade. Grau de um Maç.·. Companheiro é mais idoso do que aprendiz, e o mestre mais velho do que o companheiro.

Irmãs. Nome dado ás mulheres adeptas da Maçonaria e n'ella iniciadas.

Loja. Local onde se reunem os franc-maçons, ou a sua assembléa. Tambem se escreve em breve L.·. ou □.

Loja da Correspondencia. Lojas dependentes da Loja-mãi, ou do Grande Oriente.

Loja-mãi, Grande Loja ou Loja Nacional. E' uma Loja que tem direito de instituir outras Lojas.

Loja irregular. Assembléa de Maçons que não são regulares, com os quaes se não deve fraternisar.

Lowton, lobinho ou louflot, é o filho de um maçon.

Luz. Nome da Fr.·.-Maç.·. Só se emprega para designar a era maçonica. Os Fr.·.-Maçons dizem anno da verdadeira luz de 5867, como nós dizemos o anno de N. S. J. C. de 1867 [1].

Luz verdadeira. E' a Maçonaria ou o espirito da sabedoria. (Vocabulario maçonico depois do ritual do grau de mestre). Tambem se chamam **Luzes** aos tres primeiros dignitarios d'uma Loja, quer dizer, o Veneravel e os dous Vigilantes. O Veneravel representa a luz na sua essencia: o primeiro Vigilante representa o sol: o segundo a lua [2].

[1] A era maçonica conta mais 4:000 annos do que a nossa era vulgar, contada desde o nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo. A maçonaria querendo remontar á data da creação do mundo foi buscar mais quatro mil annos para a sua era. É verdade que a creação do mundo foi 4004 annos antes, 4111 segundo os judeus, 4424 segundo o texto samaritano e 4963 consoante a arte de verificar as datas. Os Maçons porém contam 4:000 annos redondos a mais do que a era de Jesus Christo, provavelmente por ter sido a primeira loja maçonica composta de Adão e Eva, ambos maçons segundo lêmos n'esta mesma obra. Elles usam dos mezes do calendario hebraico começando na lua de Nisan que é de março a abril: n'esta ordem os mezes são Nisan, Ijar, Sivan, Thammuz, Ab Elul, Tisri, Marcheswan, Kaslen, Thebet, Sheba! e Adar. O mez de Nisan principia a 22 de março da era vulgar, e como os maçons não querem dar-se ao trabalho de intercalar nos annos embolismicos o mez de Veadar, que deveria apparecer nos annos 3.°, 6.°, 8.°, 11.°, 14.°, 17.° e 19.° do cyclo lunar, em geral as datas maçonicas apparecem apenas com a differença da mudança dos nomes dos mezes e dos dias acima apontados. É certo que o nosso anno civil começado em janeiro para os maçons só começa em 22 de março, 1.° do mez de Nisan.

(*Nota do traductor*).

[2] A Maçonaria tem uma grande tendencia para o sabeismo. Os authores maçonicos seguem em geral o systema do impio Dupuis, Lenoir e Schio. Para estes sectarios os milagres de Jesus Christo são imposturas: o prodigio nas bodas de Caná é uma operação chimica, que ha dezenove seculos era sciencia muito adiantada! O Apocalypse é um poema sobre o sol, por isso aceite e recebido pelos Maçons. O livro dos sete sellos, allusivos aos sete planetas, entra no numero das suas alfaias. Os quatro evangelistas, symbolisados no leão, boi, homem e aguia tambem figuravam nos seus ornatos, por alludirem ás quatro estações do anno, determinadas pelo movimento do sol. O cordeiro que abre o livro dos sete sellos é o sol, que abre o curso das esta-

Maçon. Quando os Franc-Maçons não fazem preceder o nome da sua profissão do adjectivo franco, que indica a pretenção que elles tem á independencia, ajuntam-lhe outra palavra, que impede que sejam confundidos com os obreiros rudes, para quem a trolha, o esquadro e o compasso não são alfaias symbolicas mas instrumentos de um trabalho serio. Estes são *maçons praticos* ou pedreiros, na nossa lingua, ao passo que os iniciados de todos os graus são *maçons theoricos, pedreiros livres,* obreiros da intelligencia. Assim se exprime o vocabulario maçonico em sequencia ao ritual do grau de mestre.

Maçonaria. Nome commum dado a todos os ritos e graus.

— **Maçonaria capitular.** Nome dado á reunião de todos os graus superiores ao de mestre.

— **Maçonaria symbolica.** Nome dado á reunião dos tres graus de aprendiz, companheiro e mestre.

Maçonaria de adopção. E' a maçonaria das mulheres.

Maçonaria florestal. E' a maçonaria que comprehende os carbonarios ou bons primos, rachadores, prodigos, conversos, os menos diabos do que negros, os serradores, carpinteiros, amigos do povo, trabalhadores igualitarios, juizes francos, invisiveis, vingadores de Alibaud, etc. [1]

ções, segundo a doutrina dos magos, que eram adoradores do sol, e viam n'elle o meio, de que o Grande Architecto do Universo se serve para manifestar a sua omnipotencia. O primeiro sello do livro representa Apollo ou a *primavera*, symbolisada no cavallo branco. O segundo sello é o *verão*, representado no cavallo vermelho, por produzir aridez e abrazamento, imagem do principio do mal: o terceiro é o *outomno*, representado pelo cavallo negro: o quarto sello é o *inverno*, representado pelo cavallo amarello, montado pela morte: o quinto sello representa as almas que apparecem na presença de Deus, o que prova a *iniciação* de S. João Evangelista: o sexto sello symbolisa as tempestades que succedem no equinoxio do outomno: o setimo sello é allusivo aos sete planetas e ás perseguições que devem experimentar os *iniciados*. A maçonaria esforça-se por ir desentranhar dos authores antigos e modernos todas as fabulas e absurdos por elles imaginados, que a razão e a sciencia rejeitam com o maximo desdem, para exauthorar os livros sagrados, a religião e o culto christão. (*Nota do traductor*).

[1] Sob a denominação generica de maçonaria ou pedreirada comprehende-se toda a associação qualquer que seja a sua denominação, cujo fim é a destruição da re-

Malhete. Emblema do poder maçonico, a cuja acção nada póde resistir.

Nivel. Alfaia symbolica, emblema da igualdade social «base do direito natural.» (Ritual do aprendiz maçonico, p. 68).

Noite. Palavra usada na Maç.·. escandinava para designar a presença de um profano. E' *noite,* indica que o profano está entre os maçons.

Obediencia. Jurisdicção d'uma authoridade maçonica.

Obreiro. Nome figurado de um Franc-Maçon que deve ser *obreiro* do pensamento. (Vocabulario maçonico, sequencia do ritual do grau de mestre).

Officina. Equivale a Loja.

Oriente. Lado da Loja opposto á entrada e onde se colloca o Veneravel. A luz vem do Oriente: tambem vem do Veneravel, e este mesmo tem o nome de Luz da Loja. E' por isso que a parte da Loja, onde elle tem o seu throno se chama oriente, embora pela disposição da casa fique do lado do occidente.

Palavra de passe. Palavra, que é mister conhecer para poder entrar na Loja.

Peça. Copo para beber. Deitar polvora na peça é encher o copo.

Pedra bruta. Alfaia symbolica, emblema do aprendiz, que representa o estado imperfeito em que elle se achava antes da Fr.·.-Maç.·. o haver transformado em outro homem.

Perpendicular. Alfaia symbolica, emblema da rectidão

ligião catholica, e a subversão dos principios constitutivos da sociedade. Em Portugal é a associação, cujos principios são os seguintes (Historia da Fr.·.-Maç.·.) «Deixemo-nos de scismas e de ritos: sacrifiquem-se caprichos e alguns interesses: reunam-se em phalange todos os iniciados portuguezes para fazer retrogradar os feotas: os trab.·. maç.·. hoje em Portugal não devem ter outro fim: aliás teremos em poucos annos o restabelecimento dos frades e da santa inquisição!!! Quando o papa se mostrar agastado deve perguntar-se-lhe: *Sanctissime pater, quid rides?* E elle responderá: *Rideo, quia papa sum.*»

(Hontem, hoje e ámanhã visto pelo direito: é de origem progressista maçonica),

(*Nota do traductor*).

do juizo do Fr.·.-Maç.·., rectidão de que não deve desviar-se por qualquer affeição de interesse ou de familia. (Ritual do aprendiz maçon, p. 68).

Polvora fraca. Agua.

Polvora forte. Vinho.

Polvora rubra ou branca. Vinho tinto ou branco.

Polvora fulminante. Licôr forte.

Polvora amarella. Cerveja, cidra.

Polvora do Libano. Tabaco.

Prancha. Papel branco. Tambem se chama prancha uma carta, e no rito escocez dá-se-lhe o nome de balaustre.

Profano. O que não é maçon.

Punhal. Faca da mesa no banquete dos eleitos. Tambem faca de comer. (Maç.·. escandinava).

Regoa. Emblema do progresso da philosophia.

Semestre. Palavra que o Grande Oriente remette todos os seis mezes ás lojas da sua correspondencia para as fazer reconhecer entre si e distinguil-as das lojas não constituidas.

Telhar. Certificar-se da qualidade de Maçon e do grau do visitante.

Telheiro. Livro, que tratando da parte secreta dos graus fórma de algum modo o manual do official incumbido de telhar os visitantes.

Testamento. Acto que os aspirantes á iniciação maçonica escrevem no gabinete das reflexões e ahi consignam suas ultimas vontades antes de deixarem a vida profana.

Throno. Assento levantado tres degraus acima do pavimento da loja e collocado ao oriente para o Veneravel.

Trabalhos. Nome dado indistinctamente a todas as occupações dos Maçons, homens ou mulheres, em loja ou banquete.

Trolha. Alfaia symbolica, emblema da indulgencia: tambem significa a colher com que se come.

Venda. Lugar onde se reunem os primos, bons companheiros rachadores. (Maç.·. Florestal). Tambem se chamam barracas.

Veneravel. E' o presidente da loja. Em breve é V.·. ou Ven.·.

Viagens. São as provas impostas ao candidato para todos os graus. Estas viagens são o emblema das difficuldades e tribulações da vida, diz o I.·. Experto no acto de recepção do Aprendiz.

Nota do traductor sobre as insignias maçonicas.

É curiosa a descripção das insignias maçonicas, emblemas, adornos dos templos, ceremonias e ritual. Não procuro encher um volume com estas ridicularias, que os curiosos podem procurar nos livros que tratam ex-professo da arte real. Limito-me aqui a mencionar o que se refere aos adornos dos maçons do rito escocez, quando estão em Loja.

O 1.º grau é de aprendiz, cuja insignia é avental de pelle branca, com babadouro levantado.

O 2.º grau é de companheiro, com avental de pelle branca e babadouro deitado para baixo.

O 3.º grau é de mestre, com avental de pelle branca, debruado de vermelho e com bolso no babadouro: no meio do avental as letras M.·. B.·. bordadas a vermelho. Ao pescoço traz o mestre uma fita azul clara com uma roseta vermelha pendente, e uma esquadria atravessada por um compasso aberto, formando um angulo igual á ametade de um recto.

As insignias do *Passe-mestre* são as mesmas do Mestre e mais uma medalha de ouro em cujo campo estão duas columnas e entre ellas uma estrella radiante com um jota hebraico ao centro e em volta as letras H.·. T.·. S.·. T.·. K.·. S.·.

O 4.º grau *Mestre secreto* tem o avental com debrum

preto. No centro do avental um Z entre uma corôa aberta, formada de dous ramos, um de louro e outro de oliveira. A fita ao peito é como a de Mestre com debrum preto e uma chave de marfim pendente.

O 5.º grau *Mestre perfeito* tem no avental tres circulos concentricos, no meio dos quaes uma pedra com um I. Fita verde ao pescoço e o compasso aberto em 60º.

O 6.º grau *Secretario interno* tem o avental debruado de vermelho. A fita ao pescoço é carmezim com medalha em fórma de tres triangulos entrelaçados.

O 7.º grau *Preboste e juiz* tem avental bordado de encarnado com algibeira ao meio. A fita do pescoço é carmezim com chave de ouro.

O 8.º grau *Intendente dos edificios* tem avental debruado de verde com estrella de nove pontas sobre uma balança. Fita a tiracollo da direita para a esquerda de côr carmezim.

O 9.º grau *Mestre eleito dos nove* tem avental debruado de preto com manchas vermelhas, e um braço ensanguentado, sustentando um punhal. Fita preta ao tiracollo da esquerda para a direita.

O 10.º grau *Illustre eleito dos quinze* tem avental debruado e bordado a preto, tendo no meio pintada a cidade de Jerusalem. Fita preta ao tiracollo com tres cabeças pintadas e um punhal pendente.

O 11.º grau *Sublime cavalleiro eleito* tem o mesmo avental com cruz encarnada. A mesma fita com tres corações bordados e a divisa—Vencer ou morrer.

O 12.º grau *Grande mestre architecto* tem avental debruado de azul. A fita tem uma chapa quadrada, onde se acham bordadas as cinco ordens de architectura.

O 13.º grau *Real arco* tem o mesmo avental e fita escarlate com um alçapão bordado, que fecha uma abobada e varias letras symbolicas.

O 14.º grau *Grande escocez* tem avental debruado de carmezim com uma pedra pintada ou bordada e ao centro um annel de ferro. Fita carmezim tendo pendente um com-

passo de ouro, aberto em quarto de circulo, e corôa ducal. Os Maç.·. d'este grau usam annel maçonico.

O 15.º grau *Cavalleiro do oriente ou da espada* tem avental branco debruado de verde com tres cepos de carvalho bordados e em fórma de triangulo. Fita verde-mar da direita para a esquerda com ossos, caveiras, corôas, espadas bordadas.

O 16.º grau *Cavalleiro de Jerusalem* tem avental vermelho debruado de amarello claro, no meio do qual o templo de Salomão: luvas encarnadas: fita côr da aurora ao pescoço, guarnecida de ouro.

O 17.º grau *Cavalleiro do oriente e do occidente* tem avental amarello debruado de encarnado. Tem duas fitas, uma branca da direita para a esquerda, e outra preta ao pescoço com varios emblemas e entre elles um cordeiro de prata deitado sobre um livro com sete sellos.

O 18.º grau *Cavalleiro principe Rosa-Cruz de Heredon e Kilwening* tem avental branco debruado d'escarlate, na perna direita uma liga escarlate com a divisa — Virtude e silencio: a fita ao pescoço é verde á direita, e escarlate á esquerda.

O 19.º grau *Grande pontifice* tem o mesmo avental e a fita é carmezim com orla branca, tendo os emblemas alpha e o omega. Usam de toga branca e cingem a testa com um cinto azul com doze estrellas d'ouro.

O 20.º grau *Veneravel mestre de todas as lojas* tem avental e fita de côr amarella e azul; tem medalha em fórma de triangulo de ouro com a letra R gravada no centro.

O 21.º grau *Cavalleiro prussiano* (*noachita*) tem avental amarello com fita preta ao tiracollo tendo pendente um triangulo equilatero de ouro.

O 22.º grau *Real machado* tem avental branco com olho bordado na abeta, fita côr de fogo ao pescoço com um machado de ouro pendente.

O 23.º grau *Chefe do tabernaculo* tem facha vermelha com franja de ouro, com um thuribulo suspenso.

O 24.º grau *Principe do tabernaculo* tem avental branco forrado de tafetá côr de fogo: fita da mesma côr ondeada. Podem trazer toga de sêda azul com golla guarnecida de raios de garça de ouro, formando um resplendor detraz da cabeça, com estrellas de ouro espalhadas no resto da toga.

O 25.º grau *Cavalleiro da serpente de bronze,* tem fita encarnada ao pescoço com a legenda — Virtude e coragem.

O 26.º grau *Principe de Mercy* tem avental vermelho com um triangulo verde pintado. Fita ao pescoço com tres côres: branca, verde e encarnada.

O 27.º grau *Grande commendador do templo* tem avental encarnado forrado de preto, com cruz teutonica rodeada de uma corôa de ouro no babadouro. A fita é branca com orla encarnada a quatro cruzes duplicadas; tem na medalha um triangulo equilatero.

O 28.º grau *Cavalleiro do sol* tem fita branca ondeada, e o avental é pardo com fita da mesma côr. Usam tunica curta azul celeste, barrete de sêda azul bordado.

O 29.º grau *Grande escocez de Santo André* tem fita carmezim ondeada, e medalha com a cruz de Santo André, tendo uma pinha ao centro e no meio d'ella um I. Os II.·. d'este grau usam toga encarnada e cinto de sêda branca franjada de ouro.

O 30.º grau *Grande eleito cavalleiro Kadosch* tem fita preta com orla de prata da esquerda para a direita, cruz teutonica, aguia de duas cabeças bordadas de ouro; avental branco forrado de preto com cruz teutonica ao centro. Tem punhal pendente da fita. Usam tunica branca em fórma de dalmatica debruada de preto, chapéo de abas abatidas e na frente um sol com fundo de prata e raios de ouro, e no centro um olho e aos lados as letras N.·. A.·.

O 31.º grau *Grande juiz soberano commendador* tem fita branca ondeada com um triangulo radioso de ouro, avental branco debruado de preto com a cruz da ordem ao centro; a tunica é a do grau 30.º

O 32.º grau *Grande sublime principe do real segredo*

tem fita preta com orla de prata, cruz teutonica, e aguia de duas cabeças. Andam de branco como os Templarios com manto encarnado e cinto preto franjado de prata, tendo a cruz teutonica encarnada.

O 33.º grau *Poderoso soberano grande inspector geral da ordem,* que é o *non plus ultra* da maçonaria, veste como o grau 32.º e só se distingue pelas elevadas prerogativas que lhe confere a constituição do 1.º de maio de 5786 decretada por Frederico II, rei da Prussia, margrave de Brandeburgo.

Taes são os distinctivos dos maçons do rito escocez cujos tres primeiros graus correspondem aos mesmos do rito moderno: o 11.º do escocez ao 4.º do rito moderno; o 14.º d'aquelle ao 5.º d'este; o 17.º ao 6.º e o 18.º ao 7.º, sendo fóra de comparação os graus desde 19.º ao 33.º do rito escocez antigo e aceite.

INDICE GERAL

VOLUME I

	Pag.
Dedicatoria da traducção	V
Carta a s. exc.ª o snr. bispo de Olinda	VII
Proemio do traductor ácerca da maçonaria portugueza	XI
Nota I — (á Introducção)	7
Carta 1.ª — Estado da França. Causa principal dos seus males no trabalho das sociedades secretas	11
Carta 2.ª — Definição da Franc-Maçonaria — por ella — por nós. A Maçonaria é cosmopolita e universal	17
Nota II — Regulamento extrahido da Carta Maç.·. de Colonia	22
Carta 3.ª — Nomes d'esta instituição. Chama-se Franc-Maçonaria e *Sociedade secreta*	25
Carta 4.ª — Origem da Fr.·.-Maç.·. — Quanto a uns antiga, quanto a outros moderna. — Quanto a nós ella é antiga e moderna	32
Nota III — Origem pagã da maçonaria	44
Carta 5.ª — A Fr.·.-Maç.·. *multiplice* nas fórmas que adopta é *uma* no seu espirito e fim	50
Carta 6.ª — Organisação da Fr.·.-Maç.·. — Subordinação dos membros aos dignitarios. — Dos differentes graus entre si. — Das officinas no Grande Oriente	56
Nota IV — Variedades infinitas e nomes extravagantes adoptados pela maçonaria	67

Pag.

Carta 7.ª — Principio gerador da Fr.·.-Maç.·. — Independencia inteira e absoluta 69
Carta 8.ª — A Fr.·.-Maç.·. rejeita o sobrenaturalismo e a religião catholica 75
Carta 9.ª — A Fr.·.-Maç.·. blasphema de Jesus Christo, da sua doutrina e sacramentos 79
Carta 10.ª — A Fr.·.-Maç.·. abjura até a religião natural . 85
Carta 11.ª — A Fr.·.-Maç.·. nem reconhece a espiritualidade nem a immortalidade da alma 89
Nota v — Opinião d'um Fr.·.-Maç.·. sobre a espiritualidade e immortalidade da alma 94
Carta 12.ª — A Fr.·.-Maç.·. nega a existencia de Deus, ou o que equivale ao mesmo, destroe-lhe a verdadeira idéa e a sua natureza intima 95
Nota vi — Carta de Napoleão i ao snr. de Champigny, contra o atheismo do I.·. Jeronymo Lalande 102
Carta 13.ª — A Fr.·.-Maç.·. destroe as bases essenciaes de toda a moral 104
Carta 14.ª — Diga o que disser, a Maç.·. é essencialmente politica no seu fim e acção 108
Carta 15.ª — Em que sentido e até que ponto se occupa de politica a Fr.·.-Maç.·. 115
Carta 16.ª — A Fr.·.-Maç.·. rejeita toda a authoridade. — Ella detesta a realeza 124
Carta 17.ª — A Fr.·.-Maç.·. não quer *exercito permanente* e detesta a *magistratura*. 132
Carta 18.ª — A Fr.·.-Maç.·. é inimiga declarada da familia. 138
Carta 19.ª — A Fr.·.-Maç.·. nega o direito de propriedade e de herança 144
Carta 20.ª — A Fr.·.-Maç.·. é anti-patriotica e anti-nacional 152
Nota vii — A fraternidade maçonica e as leis da guerra. . 160
Carta 21.ª — Diga o que disser, a Fr.·.-Maç.·. não tem por fim a beneficencia 163
Carta 22.ª — A Fr.·.-Maç.·. tem por fim destruir a religião christã. 170
Nota viii — Extracto da circular de Mr. de Persigny. . . 176
Carta 23.ª — A Fr.·.-Maç.·. para conseguir o seu fim quer derribar as monarchias e substituir-lhes uma republica universal 178

VOLUME II

Pag.

Carta 24.ª — Iniciação maçonica. — Recepção do grau de Aprendiz 5

Carta 25.ª — O Fr.·.-Maç.·. desde o primeiro passo, sacrifica a sua dignidade, liberdade, e consciencia, e se é christão, a sua religião. 22

Carta 26.ª — Recepção do grau de Companheiro. — De Mestre. — Eleito dos nove. — Rosa-Cruz. — Cavalleiro Kadosch 32

Nota IX — Maravilhas da electricidade. A Maç.·. explica tudo por meio d'ella 43

Carta 27.ª — Maçonaria d'adopção ou das mulheres, complemento da Franc-Maçonaria 44

Nota X — Primeiras idéas das lojas maçonicas de mulheres 53

II. — Outro projecto d'erigir uma ordem de mulheres illuminadas 54

Carta 28.ª — Familia da Fr.·.-Maç.·. — Caracter essencial das seitas que ella produziu 55

Carta 29.ª — Parentesco da Fr.·.-Maç.·. com os Cavalleiros do Templo. — A philosophia do XVIII seculo. — O liberalismo. 60

Carta 30.ª — Parentesco da Maç.·. com o Communismo, Socialismo, Carbonarismo, os Solidarios e Livres Pensadores 69

Nota XI — Refutação dos Solidarios e Livres Pensadores pelo I.·. d'Hestal 79

Carta 31.ª — Parentesco da Fr.·.-Maç.·. com a Internacional. — Organisação, fim, meios de acção, doutrinas da Internacional. 81

Nota XII — Projecto de reunir um congresso de operarios maçonicos. 90

Carta 32.ª — Vicios intrinsecos da Internacional. — Sorte presumida e provavel d'esta associação 92

Carta 33.ª — *Força da Fr.·.-Maç.·.* — Numero dos adeptos, modos de *recrutamento*. — *Unidade* de fim e acção. —

Pag.

Juramentos que os ligam. — *Paixões* postas em acção. — *Segredo* que envolve tudo. 99

Nota XIII — Quadro geral das grandes Lojas maçonicas nos dous hemispherios com o numero de Lojas, que dirigiam em 1865 (segundo os documentos maçonicos). . 109

Carta 34.ª — Meios empregados pela Fr.·.-Maç.·. para conseguir o seu fim. — 1. *Educação.* — 2. Ella quer subtrahir a criança á Igreja, e educal-a nos seus principios, *a despeito de seus paes* 115

Carta 35.ª — A Fr.·.-Maç.·. quer apossar-se da educação das mulheres. Quer tornar *obrigatoria a instrucção.* . 124

Carta 36.ª — A Fr.·.-Maç.·. e a *Universidade.* — Identidade de doutrinas e principios 130

Carta 37.ª — Segundo meio empregado pela Fr.·.-Maç.·., a *Imprensa.* — Poder das doutrinas no mundo. . . . 140

Carta 38.ª — Funestos effeitos da liberdade de imprensa. — Vicios essenciaes d'esta liberdade 148

Nota XIV — As festas e banquetes occupam lugar importante nas reuniões maçonicas.

— Descripção de um banquete maçonico em uma Loja de Provins em 1845. 154

— Banquete e saudes maçonicas 155

— Disposição das Lojas de adopção ou de mulheres . . . 156

Carta 39.ª — Como se serve a Fr.·.-Maç.·. da *imprensa* para completar a sua obra 158

Carta 40.ª — Terceiro meio. A Fr.·.-Maç.·. para destruir a religião procura dominar a Igreja 166

Carta 41.ª — A Fr.·.-Maç.·. esforça-se por elevar os seus adeptos aos lugares importantes, excluindo os que o não são. 179

Carta 42.ª — O que a Fr.·.-Maç.·. tem feito em França ha cem annos. — Parte que tomou na revolução em 1789. 186

Nota XV — Poesia do I.·. Goupil, celebrando a revolução de 1789 193

VOLUME III

Pag.

Carta 43.ª — Parte da Fr.·.-Maç.·. na revolução de 1830 . 5
Carta 44.ª — Parte que tomou a Fr.·.-Maç.·. na revolução de 1848 13
Carta 45.ª — Parte que a Fr.·.-Maç.·. tomou na revolução de 1870. — Guerra, republica, communa 23
Nota XVI — As religiões da democracia 34
Carta 46.ª — Progressos assustadores da immoralidade. — Consequencias dos principios da Fr.·.-Maç.·. . . . 38
Carta 47.ª — O caracter geral da Fr.·.-Maç.·. é a *synagoga de Satanaz* e a caricatura da Igreja de Jesus Christo . 48
Nota XVII — Ceremonia funebre em honra do rei Leopoldo de Saxe-Coburgo (Bruxellas, 1866) 61
Nota XVIII — Inauguração do templo da Loja do Trabalho, em Bruxellas em 1842 62
Carta 48.ª — Principaes caracteristicos da physionomia maçonica: 1.º Mysterio. — 2.º Velhacaria. 66
Carta 49.ª — 3.º Caracteristico: Orgulho. — 4.º Immoralidade. — 5.º Crueldade 72
Carta 50.ª — 6.º Caracteristico: Servidão e aviltamento. — 7.º Destruição e morte 83
Carta 51.ª — A Fr.·.-Maç.·. julgada por alguns dos seus membros 90
Carta 52.ª — A Fr.·.-Maç.·. reprovada e proscripta pelos governos 100
Carta 53.ª — A Fr.·.-Maç.·. solemne e authenticamente condemnada pela Igreja 113
Nota XIX — Consequencias da condemnação da Fr.·.-Maç.·. pela Igreja e das penas impostas contra aquelles, que lhe pertencem 140
Carta 54.ª — Conclusão. — Accusações numerosas e graves que pesam sobre a Maçonaria 142
Carta 55.ª — Remedios para oppôr ao mal. — O que deve fazer o poder civil. — Que cumpre fazer á Igreja . . 147

Pag.

Nota xx — Carta do marechal Soult prohibindo aos militares que se filiam nas lojas. 152
Nota xxi — Juramento dos zuavos pontificios de nunca pertencerem ás sociedades secretas. 153
Nota xxii — Ácerca d'uma allocução do summo pontifice Pio ix 154
Carta 56.ª — Que temos a recear ou esperar para a França? 155
Vocabulario maçonico 165
Nota do traductor sobre as insignias maçonicas 173
Indice. 179

316